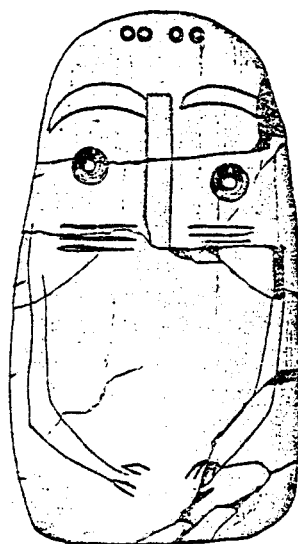


JORGE MANUEL PESTANA FORTE DE OLIVEIRA

**MONUMENTOS MEGALÍTICOS
DA
BACIA HIDROGRÁFICA DO RIO SEVER**

(Marvão, Castelo de Vide, Nisa, Valência de Alcântara,
Herrera de Alcântara e Cedillo)

VOL. 1/3



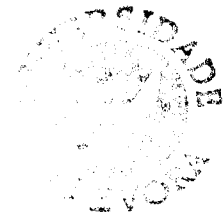
Universidade de Évora
1995

JORGE MANUEL PESTANA FORTE DE OLIVEIRA

**MONUMENTOS MEGALÍTICOS
DA
BACIA HIDROGRÁFICA DO RIO SEVER**

(Marvão, Castelo de Vide, Nisa, Valência de Alcântara,
Herrera de Alcântara e Cedillo)

VOL. 1/3



80063

Universidade de Évora
1995

Dissertação para a obtenção do grau de
Doutor em História (Pré-História e
Arqueologia) apresentada à Universidade de
Évora

À memória do Dr. Francisco Godinho Barrocas
meu professor do Liceu Nacional de Portalegre
que me ensinou a estudar a História.

AGRADECIMENTOS

O presente trabalho só foi possível pelo esforço de muitos.

Em primeiro lugar quero agradecer ao Sr. Professor Doutor Vitor Oliveira Jorge os ensinamentos e o estímulo que ao longo de vários anos me dispensou na orientação do presente estudo.

O meu reconhecimento vai, também, para as várias dezenas de pessoas, jovens e menos jovens que conosco colaboraram, semanas a fio, sob o escaldante sol do Alentejo em sondagens, escavações, levantamentos e prospecções. Foram muitos os que ao longo de mais de duas dezenas de anos nos vieram acompanhando nesta investigação sempre incompleta. De todos guardamos gratas recordações. Em seu nome, ao Ti Cachatra da Abegoa, à Ti Maria da Conceição e ao Ti Cavaco dos Barretos, ao Tónio Trigueiro da Laje dos Coelhoos, ao Fernando Ramilo e ao Joaquim Mateus de Santo António das Areias, que temporariamente trocaram a enxada, a rabiça do arado, a escola ou a pedra de lavar pela espátula e pelo pincel para com eles ajudarem a construir a História, a todos os meus agradecimentos.

A minha gratidão alarga-se, naturalmente, à boa gente de Cedillo que me recebeu e apoiou como se da sua família fosse. Ao Sr. Alcalde Don António Riscado e ao Segundo Alcalde Dr. Miguel Angel Morales, ao Simón Tomás, ao Sigfrido Márquez, ao Regino Ramallete e a todos aqueles que comigo percorreram as *lomas* de Cedillo e Herrera os meus agradecimentos. Não poderia deixar de aqui agradecer o fundamental apoio que o Professor Don Elias Dieguez Luengo me dispensou, ora ajudando-me a localizar os monumentos e a aceder a materiais arqueológicos, ora facilitando-me preciosos documentos bibliográficos sobre a margem espanhola. Importa aqui igualmente registar todo o apoio documental prestado pela Sr^a. Professora Doutora Primitiva Bueno Ramirez e pelo Sr. Professor Doutor Rodrigo de Balbín Behrmann que reconhecidamente agradeço.

Em muito se fica a dever este estudo aos diversificados apoios que recebi das Câmaras Municipais de Marvão, Castelo de Vide e Nisa. Ao Sr. António Andrade, Presidente da Câmara Municipal de Marvão, ao Sr. Dr. José Manuel Basso, Presidente da Câmara de Nisa e ao Sr. Fernando Soares, ex-Presidente da Câmara Municipal de Castelo de Vide e respectivas equipas autárquicas manifesto a minha gratidão por todo o apoio concedido. Não poderia esquecer os membros da Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide que me apoiaram nalguns trabalhos de campo e gabinete. Ao Parque Natural da Serra de S.Mamede, na pessoa do seu Director, Dr. Rui Correia, agradeço as informações cedidas. Ao Instituto da Juventude, ao Governo Civil de Portalegre, ao Gabinete de Apoio Técnico de Portalegre, à Comissão Regional de Turismo de S.Mamede, ao Ayuntamiento e Casa de Cultura de Valência de Alcântara, aos Granitos Maceira, às Juntas de Freguesia de Beirã, Santo António das Areias e Carreiras, à Biblioteca Pública de Évora, à Misericórdia de Marvão, ao IPPC /IPPAAR e à Universidade de Évora quero agradecer os apoios concedidos.

Um especial agradecimento dirijo ao Sr. Dr. Caldeira Martins, ao Sr. Arq. António Caria Mendes, ao Sr. Eng. João Caninas, ao Sr. Professor Doutor Senna Martinez, ao Sr. Dr. José D. Murta, à Sr^a. Professora Doutora Susana Oliveira Jorge, ao Sr. Professor Doutor António Augusto Tavares, ao Sr. Arq. Mário Varela Gomes, ao Sr. Dr. António Carlos Silva, ao Sr. Eng. Monge Soares, à Sr^a. Professora Doutora Maria da Conceição M. Rodrigues, ao Sr. Dr. Manuel Calado, ao Sr. Dr. Panagiotis Sarantopoulos, à Sr. Dr^a. Philine Kalb e ao Sr. Dr. Martin Hock pelos fundamentais apoios que me prestaram.

Ao Sr. Professor Doutor J. Caria Mendes, Dr^a. Teresa Matos Fernandes e Sr. Dr. José Ruy Ferreira quero agradecer o estudo dos materiais ósseos. Ao Sr. Professor Doutor Francisco Gonçalves, ao Sr. Dr. Carlos de Penalva e ao Sr. Dr. Luís Bacharel os meus agradecimentos pelo apoio concedido no estudo dos contextos geológicos.

À Sr.^a Dr.^a Ana Arruda, ao Sr. Professor Doutor Vitor Gonçalves e aos colegas de campanhas da Serra e Vidais que me ajudaram a dar os primeiros passos nas lides arqueológicas quero também aqui registar a minha gratidão.

De fundamental importância para o início deste projecto foi o incondicional apoio prestado pelo saudoso Doutor Caetano Beirão. Para ele a minha homenagem.

Um especial agradecimento deixo aqui registado ao Sr. Professor Doutor João de Castro Nunes que me orientou nas minhas provas de aptidão pedagógica e capacidade científica a partir das quais o presente estudo se desenvolveu.

À minha família, especialmente aos meus Pais e à minha Mulher, quero agradecer todo o apoio que me deram sem os quais seria impossível terminar este trabalho.

INTRODUÇÃO

Criados na meia encosta granítica da Serra de S.Mamede, nas terras da safra, desde sempre convivemos de perto com os eternamente misteriosos monumentos megalíticos.

Tradições hoje quase esquecidas levavam bandos de crianças e jovens da nossa aldeia (1), geralmente depois da escola, a aventurarem-se por entre as giestas e canchos (2) procurando novos espaços de aventura e sonho. Os castelos imaginários dos que contra o de Marvão combateram eram a nossa constante busca. Para as bandas do rio, lá para os lados da Espanha, diziam os mais velhos, se bem procurássemos encontraríamos as mourarias. Não sabíamos o que procurávamos mas um dia descobrimos que por ali tinham andado gentes de outras eras. Havia lapões repletos de cacos, havia restos de cabanas e havia as mais misteriosas casas que alguma vez víamos. Construídas só com grandes pedras, para elas se entrava rastejando. Tínhamos descoberto uma outra dimensão lúdica. Enquanto uns se aventuravam por entre as grandes lapas dos Vidais, algumas parcialmente obstruídas, outros procuravam mais antas. Machados de pedra, ou

pedras de raio, como alguns ainda teimavam em chamar-lhes, encontravam-se por toda a parte. As pontas de seta, mais raras, eram o nosso encanto. Os cacos, porque eram tantos, não nos interessavam. Uma colecção de materiais, essencialmente líticos, começa-se então a constituir, dando origem a um pequeno museu na aldeia.

Enquanto para alguns a aventura da descoberta se ia esgotando, outros procurávamos, então, compreender e agrupar, unicamente por intuição, o que à superfície íamos recolhendo, porque na região não havia bibliotecas nem quem nos pudesse esclarecer. A notícia destas aventureiras investigações rapidamente se espalhou. Os contactos com outros investigadores foram-se sucedendo.

Numa tarde chuvosa dos primeiros anos da década de setenta, batia à nossa porta um casal de alemães querendo conhecer as novas descobertas. Numa aberta fomos até aos Vidais. Dentro da anta da Laje dos Frades, enquanto esperámos que deixasse de chover, explicavam-me, por fim, num português que com dificuldade entendi, de que época eram e qual a função das antas. Já em casa, saboreando um naco de pão com presunto acompanhado pelo vinho da região, continuaram a falar-me sobre as grandes questões que em torno do megalitismo se colocam. Alertando-nos sempre para a destruição que as escavações por norma provocam, a Dra. Philine Kalb e o Dr. Martin Hock despertaram-nos, então, para o estudo dos monumentos megalíticos daquela região.

Lançavam-se, assim, quando ainda aluno do Liceu de Portalegre, as sementes desta investigação. Mais tarde, já na Faculdade de Letras de Lisboa, o Professor Vitor Gonçalves, propunha-nos, nessa altura, o estudo dos monumentos megalíticos do Concelho de Marvão, iniciando-se, deste modo, o presente trabalho.

Estudar os monumentos megalíticos existentes no interior da bacia hidrográfica do Rio Sever foi o nosso objectivo. Esta região fronteiriça, bem demarcada naturalmente, rica de contrastes ambientais, destaca-se, quer das

peneplanícies alentejana e *extremeña*, quer das serranias da Beira Baixa e da sub-meseta espanhola. Na Serra de S. Mamede onde o Sever nasce e cuja falda norte percorre até desaguar no Tejo, esbate-se o tórrido e monótono Alentejo e dilui-se a enrugada Meseta. Esta terra de contrastes onde o amarelo das searas se funde com o verde das florestas e o clima mediterrânico é interrompido, em altitude pelo atlântico, propiciou condições excepcionais à fixação humana.

Após um longo e exaustivo, mas sempre actualizável trabalho de campo, ainda que apoiados nos estudos sectoriais já realizados, quer para a margem portuguesa, quer para a espanhola, foi possível alargar a toda a bacia do Sever, aos festos envolventes e às encostas delimitadores a inventariação dos monumentos megalíticos. Compreendê-los na paisagem onde se inserem, ainda que provavelmente diferente da que presenciou a sua construção, foi ainda nossa intenção.

Drena o Sever regiões geomorfológicas distintas. A sul a arborizada Serra. A norte os terrenos mais planos que se estendem até bordejar o Tejo. A meia encosta, na orla da floresta, erguem-se as grandes e ricas antas de granito. A norte e bem afastadas destas, junto ao Tejo, descobrem-se as pequenas câmaras de xisto. Isolam-se, assim, dois espaços com manifestações arquitectónicas distintas. Compreendê-los e justificá-los foi também nosso objectivo.

Identificar rituais funerários, isolar estratigrafias, conhecer as técnicas e formas de construção, recolher amostras datáveis, comparar espólios e proceder à recuperação arquitectónica de diversos monumentos, obrigou-nos a escavar ou a sondar várias antas e menires, cujos resultados, somados aos já anteriormente disponíveis, sobretudo para a margem espanhola, neste estudo se apresentam.

É, em suma, objectivo deste trabalho procurar compreender os ambientes económicos e sociais que propiciaram as diferentes manifestações megalíticas identificadas no interior da bacia do rio Sever.

Uma perspectiva monográfica presidiu à organização deste estudo, procurando-se, sempre que possível, compreender os monumentos megalíticos no contexto geográfico onde se inserem.

Complementam este estudo mais dois volumes anexos. Num apresentam-se em desenho, descrevem-se e localizam-se tridimensionalmente, sempre que para isso tínhamos informação, todos os materiais inéditos provenientes de monumentos da área em estudo. Noutro volume reuniram-se as fichas descritivas dos monumentos que serviram de suporte ao presente trabalho.

NOTAS:

(1)- Santo António das Areias

(2)- Termo popular para denominar os grandes afloramentos graníticos

CAP. I A EVOLUÇÃO DO ESTUDO SOBRE O MEGALITISMO NA BACIA HIDROGRÁFICA DO RIO SEVER

1. DAS PRIMEIRAS REFERÊNCIAS ÀS PRIMEIRAS SÍNTESES

É nas *Ordenanzas del Concejo de Valencia de Alcantara*, recentemente publicadas pela Diputacion Provincial de Caceres (Jimenez, 1982), que encontramos a mais antiga referência a monumentos megalíticos na área do presente estudo. Este precioso documento, dado como desaparecido durante mais de um século, foi pela primeira vez aprovado em 5 de Agosto de 1489. Várias emendas e actualizações receberam estas *Ordenanzas* ao longo dos tempos. A última, efectuada em 1527 e confirmada pelo Imperador Carlos em 1535, reúne um importante conjunto de posturas de entre as quais se destacam as referentes aos locais onde se poderiam fazer as "estercadas" (Jimenez, 1982:94) e as que regulavam o local e o tempo em que as colmeias deveriam estar afastadas das vinhas (Jimenez, 1982:162). Nestas duas posturas encontramos referências a antas, funcionando como marcos territoriais na demarcação de propriedades.

Na primeira *ordenanza* refere-se que " ni tanpoco pueden hazer, las dichas estercadas, en la hoja de Marufera y Valvellido e Valdecaualla y (...) por toda la dicha cumbre, que está por de aquella parte de la dicha hera y, por toda da dicha cumbre, que está por desta otra parte de la dicha casa; ni tanpoco en la labrança que está alderredor de la Fragua; ni en la labrança, que dizen de los Mostrencos, donde está el Anta, asomando a la fuente de la Piçarra..." (Jimenez, 1982:95). Na segunda *ordenanza* em referência, lê-se que " Otrosí mandamos que los dichos colmenares no se hagan, ni puedan hazer, entre las viñas ni cabe ella con pocas ni muchas colmenas, desdel día primero del mes de mayo, de cada año, hasta el día de Todos Santos adelante (...) por los limites y lugares siguientes desde la majada de la Piçarra a dar en el rio Sever por su derecho y mojonera del término y siguiendo ésta, el rio Sever abaxo, hasta dar en el molino de Miranda y, de allí bolviendo, por esta parte de aguadalde, por el lomo adelante (...) hasta dar a la Carrasca del camino de Alcántara y, de allí, atravesando el camino, siguiendo la loma abaxo hasta a la Piedra de Anta y, de allí, a dar en el ribero de Alpotrel..."(Jimenez, 1982: 162).

A quase cinco séculos de distância, torna-se hoje muito difícil identificar as antas que serviram de referência aos legisladores. A evolução toponímica e a estratégia de povoamento alterou-se de forma significativa. Contudo, o monumento referido no primeiro caso poderá ser um dos que se localizam nas imediações da *Finca de Porqueros* ou da *Marrofera*. Nesta região conhecem-se, pelo menos, duas *Fuentes de la Piçarra*, mas sobre o topónimo *Mostrencos* não obtivemos informações na região.

A *Piedra de Anta* que o legislador refere na segunda postura poderá ser uma das que se localizam a SE de Valência de Alcántara, local onde corre o ribeiro de Alpotrel, afluente do Rio Alburel.

Outras referências a antas encontramos em manuscritos dos séculos XVII e XVIII, incluídos num maço de documentos de doação, hoje desaparecidos, que em monte se guardavam num dos anexos do Convento de Nossa Senhora da

Estrela de Marvão. Parte deste espólio veio a constituir o Arquivo da Misericórdia de Marvão, recentemente organizado. Num desses muitos documentos que há já vários anos compulsámos, datado de 1693, encontrámos a doação do Curral da Atalaia à Misericórdia de Marvão, sendo parte da sua demarcação efectuada com uma anta à qual se uniam duas paredes. Acrescentava o documento que um dos muros ladeava o caminho que conduzia ao Porto de Santa Maria. Pela descrição parece não haver dúvidas de que a anta a que se referia este manuscrito é a do Curral do Matinho (1). Não deixa de ser interessante salientar que na área do Curral da Atalaia, e poucos metros para NO deste monumento, outra anta se conhece (2), embora dela o documento nada diga.

Num outro manuscrito que também já não consta do actual inventário do Arquivo da Misericórdia, datado de 1780 e bastante truncado, referia-se, expressamente, a Anta do Vale da Figueira, pela qual se partia uma propriedade, provavelmente doada à Misericórdia de Marvão. Esta anta encontra-se hoje incorporada numa parede de divisão de propriedade, sendo um dos poucos monumentos do concelho de Marvão que ainda conserva a cobertura da câmara na sua posição original.

Ainda que fora da área da bacia do Rio Sever, mas nas suas imediações, torna-se naturalmente importante realçar a referência que faz Martinho de Mendonça e Pina a uma anta que vira na zona de Nisa. Na sua descrição diz-nos que " o tempo (arruinou) alguns Padroens, ou columnas, e se conservão só quatro, que como nellas se estribava o grande pezo da pedra, que serve de mesa, resistirão ao curso de tantos séculos, vendo-se as outras derribadas, de sorte, que a união destes Padroens, que se juntavam huns aos outros, quanto lhe permittia a figura irregular, constituição hum muro cerrado, sobre que descansava a mesa, ou pedra grande, que o cobria, sem que o vão, que ficava dentro, tivesse entrada alguma." (3)

Sobre esta anta que Mendonça e Pina descreveu em 1733, José Diniz da Graça Motta e Moura, na sua *Memoria Histórica* publicada em 1877 diz-nos que

foi demolida para utilização da pedra. Informa-nos ainda que " estava collocada no Rocio junto da antiga muralha, quasi em frente do pateo da casa dos Salgueiros" (Motta e Moura, 1887:77).

Nos *Extractos Archeológicos das Memorias Parochiaes de 1758*, da autoria de Pedro de Azevedo publicados no *Archeologo Português* (4), refere-se que em Castelo de Vide se encontravam ainda em pé oito ou nove antas nas quais se faziam sacrificios.

Depois da *Notícia de Mendonça e Pina* datada de 1733 e das *Memorias Paroquiais de 1758*, só voltamos a ter referências a monumentos megalíticos na área do nosso estudo, margem portuguesa, em 1868 com Pereira da Costa (Pereira da Costa, 1868). Contudo, para a margem espanhola outras referências são conhecidas. De 1763 data a *Crónica de la Orden de Alcántara* onde se assinalam na área do seu domínio "antas o losas hechas de piedra berroqueña (...) formando una como capilla o cueva" (5).

Em 1852, D. José de Viu publica *Estremadura - coleccion de sus Inscripciones y Monumentos*. Neste interessante roteiro de viagens o autor, para além de descrever a Estremadura espanhola, faz diversas referências a monumentos e sítios portugueses, sobretudo atribuídos ao tempo do domínio romano (6).

Na descrição de Valência de Alcântara este autor refere a existência de antas, descrevendo genericamente a sua forma e afirmando que algumas servem de pocilgas, acrescentando que "Si resucitasen los piadosos españoles de aquellos tiempos y vieran tal sacrilegio, de seguro querrian morirse otra vez". Em nota de roda-pé, D. José de Viu diz-nos que " En los fundamentos de una estas, acaban de hallarse saetas, cuchillos y otros utensilios de bien trabajado peddernal. Subirán las Antas á los tiempos primitivos ? es muy posible." (Viu, 1852:244,245).

O número e certamente a importância das antas da região de Castelo de Vide fizeram com que fossem das primeiras a ser parcialmente escavadas, descritas, desenhadas e divulgadas nos moldes científicos que caracterizaram a

segunda metade do século XIX. Os investigadores deste século, claros seguidores do Barão de Bonstetten, elaboraram as suas descrições e análises seguindo as teses difusionistas (7), às quais não é alheio Pereira da Costa que na primeira parte do seu trabalho apresenta a sua explicação para a origem e desenvolvimento do megalitismo.

No histórico texto *Descrição de Alguns Dolmens ou Antas de Portugal*, Pereira da Costa dá especial atenção aos monumentos do concelho de Castelo de Vide, sendo dos poucos que este autor de facto visitou. Dos sessenta e quatro que descreve, Pereira da Costa socorre-se de anteriores referências, como o célebre manuscrito que se conserva na Biblioteca Pública de Évora da autoria de Joseph Gaspar Simões, escrito por volta de 1769 (8), da Notícia de Mendonça e Pina e das informações prestadas pelos Inspectores de Minas, José Augusto Cabral, João Schiappa de Azevedo, Frederico Pereira Cabral e pelo Oficial Carlos Freire Pego (Pereira da Costa, 1868:VII). Dos monumentos de Castelo de Vide, Pereira da Costa refere catorze (Melriço, Pombaes, Mouratão, cinco antas na Coutada do Alcogulo, Corleiros, Casa do Galhardo, Tapada do Pedro Alvaro, Tapada dos Olheiros, Várzea dos Mourões e Nave do Grou). Destas antas apresenta alçados e plantas de todas com excepção de uma da Coutada do Alcogulo por se encontrar muito destruída.

Nos treze dias que demorou a sua estada em Castelo de Vide, Pereira da Costa efectuou escavações na Anta da Melriça que "não produziu resultado util" (Pereira da Costa, 1868:68) e na Anta do Pombal "A escavação, a que fizemos proceder, n'esta Anta, não deu também resultado util" (Pereira da Costa, 1868:70). Contudo, na Anta I do Milhar do Cabeço, hoje desaparecida, este arqueólogo encontrou quatro machados de pedra que, segundo ele, "parece que foram ahi collocados com o fim de garantir a conservação do monumento" (Pereira da Costa, 1868:73). Na Anta II do Milhar do Cabeço, também já desaparecida, Pereira da Costa encontrou três machados e uma pedra de afiar.

Pelas descrições que faz dos trabalhos efectuados no interior dos monumentos, Pereira da Costa deveria extrair, por norma, os calços dos esteios, o que de certa forma também terá contribuído para que das quatro antas que escavou, duas tenham desaparecido.

Se a técnica utilizada por Pereira da Costa nas escavações que efectuou parece não ter sido a mais aconselhável, já as descrições e desenhos que apresenta dos materiais exumados merecem realce.

A divulgação, em texto bilingue, do estudo de Pereira da Costa, marca uma ruptura na investigação pré-histórica em Portugal. A visão ainda algo romântica que a maioria dos investigadores tinham destes monumentos pré-históricos foi ultrapassada com a publicação deste trabalho. É também a partir desta obra que as sepulturas megalíticas de Castelo de Vide e dos concelhos limítrofes começam a merecer maior atenção vindo a ser classificadas como Monumento Nacional em 16 de Junho de 1910 todas as antas descritas por Pereira da Costa com a excepção da localizada na Tapada dos Olheiros que já nessa altura se apresentava muito degradada (9).

Ainda do século XIX encontramos diversas referências a monumentos megalíticos em ambas as margens do Rio Sever. V. Barrantes em 1875, Díaz y Pérez em 1879 e V. Paredes em 1886 descrevem materiais exumados ou antas do termo de Valência de Alcântara (10).

Como nos informa Primitiva Bueno Ramírez (Ramírez, 1988:15), nos finais do século XIX, a região de Valência de Alcântara foi visitada por José Vilanova Y Pera a convite do Duque de la Victoria. Este investigador num só dia escavou várias antas da zona de Aceña la Borrega.

Em 1895, Julio Basso publica no *Archeologo Português* (11) uma pequena notícia sobre antas nos concelhos do Crato, Niza e Castelo de Vide. Na área do nosso estudo tem particular importância a referência deste autor a um

monumento que se situaria nas imediações do *Lazatero de Castelo de Vide* e da qual hoje já não há notícia.

Um ano depois (1896), Leite de Vasconcellos numa notícia sobre aquisições de peças arqueológicas para o Museu de Elvas, informa que deu entrada naquele Museu diverso espólio proveniente de uma anta denominada Acenha de la Borrega situada na província de Cáceres (12).

Verificamos, assim, que os finais do século XIX são marcados por um intenso movimento de estudo das sepulturas megalíticas nesta região da Península Ibérica. Este movimento continuará ininterruptamente pelos primeiros anos do século XX.

No ano de 1910, sob a direcção de F. Tavares Proença publica-se o primeiro número da revista *Materiaes para o Estudo das Antiguidades Portuguezas*. Tal como o próprio título indica e pelo que se pode ler no editorial, esta revista destinava-se a divulgar relatórios de escavações arqueológicas que se viessem a efectuar ou descrições de materiais e monumentos. Neste número, e pela pena do seu director, publica-se um interessante artigo intitulado *Antas do Districto de Portalegre*, onde se inventariam os monumentos megalíticos de Castelo de Vide, já referidos por Pereira da Costa e outras antas situadas nos concelhos do Crato, Avis, Ponte de Sor e Nisa.

Merece especial atenção a anta de S.Gens de Nisa, da qual se apresenta uma fotografia e uma planta e a anta dos Pucarinhos no concelho do Crato, que é pormenorizadamente descrita pelo autor. Materiais provenientes destes dois monumentos são referidos por Tavares Proença Jr., especialmente as cerâmicas, as alabardas e as placas de xisto. Considerações interessantes são tecidas sobre a origem de algumas covinhas registadas pelo autor nos esteios e coberturas de antas.

A cronologia dos monumentos megalíticos, ainda que abordada em nota, merece especial atenção de Tavares Proença Jr.. Segundo este investigador " os

megalithos portugueses pertencem na maior parte, à civilização do bronze, provando as armas e objectos de pedra que aparecem nesses monumentos, o archaísmo de um rito funerario que persistiu por longos séculos sem que uma inovação qualquer o viesse perturbar na sua rotina" (Proença, 1910:12). Assim explicava o autor a ausência de materiais de cobre ou bronze no interior dos monumentos megalíticos, embora, segundo ele, tivessem sido, na sua maior parte, construídos já na Idade dos Metais.

Na margem espanhola J.Ramón Mérida, em 1916, visita os monumentos da Data e Cajiron, vindo a divulgá-los, e a outros de que teve notícia, em 1920 (Merida, 1920). Para Merida, provavelmente, os megalitos limitar-se-iam ao Sul do Tejo, funcionando este rio como uma fronteira, embora não esteja totalmente convencido desta afirmação, pois ele mesmo afirma ter algumas referências de dolmenes mais a norte (13).

No ano de 1924, Possidónio M. Laranjo Coelho, faz publicar em Coimbra os primeiros capítulos da importante monografia, *Terras de Odiana* na qual faz referência às antas do Melriço, Pombaes, Mouratão, Coutada do Alkogulo, Milhar do Cabeço, Borda da Coutada do Porto de Pinheiros, Torre da Coutada do Alkogulo, Corleiros, Casa dos Galhardos, Pedro Álvaro, Olheiros, Mourões e Nave do Grou situadas no concelho de Castelo de Vide. No concelho de Marvão regista as antas do Matinho, Vale de Figueira, Meirinha, Cruz da Ginja, Canto das Torres ou da Cavalinha e Mouta Rasa. Para além destes monumentos Laranjo Coelho descreve as escavações efectuadas por Pedro Pena nas Lapas de Abrigo de Vidais, nas imediações do Rio Sever e que viriam a ser novamente escavadas entre 1977 e 1979 por Vitor Gonçalves e Ana Arruda (14).

A Pedro Pena também se ficaram a dever escavações, nas câmaras das Antas da Tapada do Castelo, Laje dos Frades, Enxeira dos Vidais e Granja. Os materiais recolhidos nestes monumentos, bem como os que nas Lapas encontrava, Pedro Pena vendia a um coleccionador de Valência de Alcântara, embora algum deste espólio tivesse também chegado às mãos de Leite de Vasconcellos, através

de um intermediário de Santo António das Areias, que os fazia chegar a António Maçãs, amigo e compadre do fundador do Museu (15). Dos materiais exportados para Valência não temos hoje conhecimento do seu paradeiro; quanto ao que chegou a Lisboa, encontra-se publicado por Georg e Vera Leisner (Leisner & Leisner, 1959:17) (16).

Segundo Possidónio Laranjo Coelho (1924) e o testemunho da população mais idosa de Santo António das Areias, Pedro Pena era uma figura algo misteriosa que de tempos a tempos vinha até à aldeia "fazer o avio", pagando os víveres com "pedras de raio e malgas de barro" que encontrava nos Vidais. Corre ainda hoje naquela região que teria encontrado "umas bolas de ouro unidas por uma corrente" e que rapidamente foram fundidas e vendidas a um ourives ambulante. Durante mais de vinte anos, Pedro Pena habitou numa socha que construíra nas imediações das Lapas de Vidais. Vivendo dum pequeno rebanho de cabras e das "jóias" que encontrava nas antas e lapas, Pedro Pena procurava o tesouro que segundo o *Livro de S.Cipriano*, que ouvira ler a uma senhora da sua freguesia, se encontrava a curta distância do cruzamento do caminho velho dos Vidais.

Entre 1946 e 1947, Manuel Afonso do Paço, a convite do Presidente da Câmara Municipal de Marvão, desloca-se por diversas vezes a este concelho, tendo publicado os resultados das suas prospecções em dois trabalhos, apresentados, respectivamente, em 1949 no XVI^e Congrès International de Geographie (17), e em 1950 no XIII Congresso da Associação Portuguesa para o Progresso das Ciências (18).

A *Carta Arqueológica do Concelho de Marvão* constitui o primeiro levantamento arqueológico sistemático de um dos concelhos incluídos na bacia do Sever. Neste levantamento Afonso do Paço descreve e localiza vinte e uma sepulturas megalíticas e apresenta fotografias de doze.

Afonso do Paço, na *Carta Arqueológica* não refere que tivesse procedido a escavações em qualquer dos monumentos descritos. Contudo, sabemos, por informação oral de um lavrador que o acompanhou nas visitas a este concelho, que a Anta da Meirinha, a da Cavalinha e a do Jardim foram sondadas, ainda que superficialmente.

Após o trabalho de campo de Afonso do Paço (1946/47/48) até ao inventário de Georg e Vera Leisner (1959) várias referências se conhecem a monumentos megalíticos desta região, sem que, contudo, novos e significativos dados sejam divulgados (19).

Será com a divulgação dos diversos estudos sobre as sepulturas megalíticas da Península Ibérica, da autoria de Georg e Vera Leisner (Leisner, 1956,59,65), mas sobretudo com a publicação dos volumes que compreendem o Alentejo, que uma visão de conjunto foi possível estabelecer para esta região. O grande *corpus* que resulta do exaustivo levantamento empreendido pelo casal alemão marca uma nova época no estudo da Pré-História peninsular. As largas centenas de monumentos que são localizados, descritos, desenhados e alguns fotografados, bem como a divulgação de espólios recolhidos, possibilitaram ao casal Leisner estabelecer as primeiras leituras coerentes desta complexa manifestação cultural, ao mesmo tempo que escreviam as primeiras sínteses baseadas em dados verdadeiramente científicos.

Como temos vindo a registar, desde muito cedo (provavelmente desde o século XV) que monumentos megalíticos são assinalados na bacia do Sever. Contudo, as sepulturas megalíticas descritas, resumiam-se, unicamente, às construídas em granito e implantadas nas imediações da Serra de S. Mamede. Até ao levantamento de Georg e Vera Leisner nenhuma referência se conhece a monumentos situados no complexo xisto-grauváquico que ocorre em mais de metade do curso do Sever e que ocupa grande parte dos concelhos de Nisa, Castelo de Vide, Marvão, Valência de Alcântara, Herrera de Alcântara e a totalidade do de Cedillo. Desconhecia-se, portanto, para além de grande número

de monumentos situados nos granitos, todo o universo megalítico dos xistos. O desconhecimento, até finais dos anos cinquenta, da existência de sepulturas megalíticas junto à foz do Sever, ficou a dever-se, por um lado, à ausência de estudos de carácter mais genérico sobre aquela região, mas sobretudo às reduzidas dimensões destes monumentos, quando comparados com os construídos em granito e localizados mais a sul, que, naturalmente, não despertaram a atenção dos que de alguma maneira mais cedo os poderiam ter divulgado (20).

Se o "corpus" de Georg e Vera Leisner foi praticamente exaustivo para a margem esquerda do Sever (margem portuguesa), na margem direita o levantamento reduziu-se à compilação das informações já disponíveis, acrescentando o monumento de S. Julião, que, se alguma vez existiu, localizar-se-ia em Portugal e não no Termo Municipal de Valência de Alcântara. Por outro lado o casal Leisner localiza na área do concelho de Marvão a Anta da Marquesa, que, como se sabe, se implanta nas imediações de Aceña de la Borrega. Certamente, esta imprecisão geográfica terá resultado da presença de materiais arqueológicos megalíticos no Museu Nacional de Arqueologia de Lisboa, como pertencentes a uma anta da Marquesa que se situaria no concelho de Marvão (21).

Para além do inventário, praticamente exaustivo, efectuado por Georg e Vera Leisner, onde incluem um importante conjunto de sepulturas em xisto que se localizavam junto à foz do Sever, recolheram materiais (unicamente machados e enxós) nas antas do Caneiro, Eira e Vermelha. Este espólio, somado às informações recolhidas, torna-se hoje de extrema importância para o estudo deste "grupo" megalítico, considerando que toda a "Necrópole Megalítica do Sever" (22) foi praticamente destruída entre 1985 e 1986 durante as subsolagens para plantação de eucaliptos.

Em 1959, Bergés Soriano desenvolve prospecções no Termo de Valência, localizando dez novos monumentos (Bergés, 1959). No seguimento destas prospecções Rosa Donoso dirige escavações nos monumentos de El Corchero e Tapias, sendo os resultados publicados por M. Almagro em 1962.

Nos anos sessenta outras referências encontramos sobre os monumentos de Valência de Alcântara (23), década que é marcada em Portugal pela ausência praticamente total de estudos na margem esquerda do Sever. As únicas exceções aparecem-nos pela pena de Martins Barata que noticia a descoberta do Menir da Meada, no concelho de Castelo de Vide (Barata, 1965) e pela interpretação que Mário de Saa (Saa, 1967: 184-187) elabora em relação a este menir e ao do Carvalhal. Trata-se das primeiras referências a menires nesta região da Península. Outros monumentos deste género só viriam a ser noticiados nesta região cerca de dez anos mais tarde. Enquanto Martins Barata se limita a descrever o monumento da Meada, Mário de Saa compreende-os como monumentos pré-históricos utilizados pelos Cavaleiros da Ordem do Templo como marcos de delimitação das suas terras. Mário de Saa, baseando-se no documento de *Doação da Azafa* que o Rei D.Sancho I fez à Ordem do Templo, publicado por Fr. Bernardo da Costa na *Historia da Ordem de Nosso Senhor Jesus Christo em 1771*, tenta delimitar as terras da *Azafa* chegando à conclusão que a grande construção romana da Torre do Azinhal, hoje destruída, que se situava no actual concelho de Marvão, o Menir da Meada e o do Carvalhal teriam servido de demarcação das *Terras da Azafa*. No documento apresentado por Fr. Bernardo da Costa que descreve o território da *Azafa* lê-se ainda " Partitur nanque cum Agitania a Tago usque ad flumen de Ponsul, deinde ad capud Mercores. Quomodo vavid ad capud Cardosa. Partitur enim ultra Tagum per focem da Frieirosoo, quomodo intrat in Tagum, deinde ad rostrum de Mrliça, et vavit ad Maontaret [...].(Costa, 1777:226). Se considerarmos a interpretação que Mário de Saa faz deste documento, poderemos, provavelmente, encontrar nele a mais antiga referência a uma sepultura megalítica nesta região. O atrás referido "rostrum de Mrliça" poderia ser a anta da Melriça situada no concelho de Castelo de Vide, monumento que por se destacar na paisagem poderia ser considerado como "rostrum".

Já na década de setenta, tanto para a margem portuguesa, como para a margem espanhola, novos estudos são publicados. Miguel Beltran Lloris publica em 1973 o interessante trabalho de síntese intitulado *La Arqueologia de Caceres*.

Para além da abundante informação bibliográfica que este trabalho contém, refere que o número de sepulturas megalíticas no termo municipal de Valência de Alcântara poderá rondar a meia centena. Para chegar a este número, Beltran Lloris socorreu-se, como refere em nota de roda-pé, das informações prestadas por Elías Diéguez, que já nessa altura desenvolvia prospecções sistemáticas na área do termo municipal de Valência de Alcântara.

Em 1975, Maria da Conceição Rodrigues faz publicar a sua tese de licenciatura intitulada *Carta Arqueológica do Concelho de Castelo de Vide*. Neste texto de síntese, a autora apresenta um exaustivo levantamento arqueológico de todo o concelho.

Neste trabalho estuda-se ainda o espólio proveniente de anteriores escavações, como o recolhido por Dias de Deus numa anta dos Coureiros (24), os materiais abandonados pelos violadores da Anta II do Alcolgulo, assim como materiais provenientes de Castelo de Vide e guardados no Museu dos Serviços Geológicos e no Museu Nacional de Arqueologia.

Maria da Conceição Rodrigues divide os monumentos em dois grandes grupos - com e sem corredor. Esta divisão foi efectuada sem recurso a escavações, originando que alguns monumentos pela autora incluídos no grupo dos sem corredor, tenham que ser dele excluídos após as escavações por nós efectuadas que nos mostraram a existência, ou de corredores cobertos por terra, ou os negativos, alguns ainda com calços de sustentação de esteios já desaparecidos.

Em 1973 organizámos o Grupo de Arqueologia de Santo António das Areias que tinha por missão actualizar a Carta Arqueológica iniciada por Afonso do Paço e proceder à recolha de espólio arqueológico disperso pelo concelho de Marvão. Como consequência directa da acção desse grupo foi possível pôr termo a uma campanha de escavações desenvolvidas por populares em monumentos megalíticos da área de Vidais que se propunham encontrar o tesouro que Pedro Pena nunca encontrara. Dessas campanhas resultaram, ainda, a destruição da Anta

da Tapada do Castelo, escavação do corredor da Anta da Granja e a total limpeza da câmara e parte do corredor da Anta da Laje dos Frades. Uma ínfima parte do espólio exumado foi recolhido para o já extinto Museu de Santo António das Areias, encontrando-se actualmente exposto no Museu Municipl de Marvão (25). No seguimento das prospecções efectuadas apresentámos no IV Congresso Nacional de Arqueologia (1980), em colaboração com Ana Carvalho Dias, uma comunicação com o inventário e estado de conservação das vinte e quatro sepulturas existentes no Concelho de Marvão. À lista já divulgada, quer por Afonso do Paço, quer por Georg e Vera Leisner, acrescentámos mais três monumentos inéditos: Bola da Cera, Pombais e Sapateira Pequena (26). Ao texto desta comunicação, entretanto reformulado, anexou-se o estudo de parte do espólio recolhido em 1973 na Anta da Tapada do Castelo.

Conhecendo-se a grande probabilidade das Actas do IV Congresso Nacional de Arqueologia não poderem vir a ser publicadas, recorreremos à Assembleia Distrital de Portalegre e à Câmara Municipal de Marvão para que este inventário pudesse ser divulgado. Em 1981, publicavam-se os *Monumentos Megalíticos do Concelho de Marvão* (27).

Enquanto na margem portuguesa o Grupo de Arqueologia de Santo António das Areias desenvolvia prospecções de campo, na margem espanhola Elías Dieguez recolhia dados que iriam conduzir à apresentação no V Congreso de Estudios Estremenos, em 1976, de uma comunicação intitulada *Los Dolmenes de Valencia de Alcantara*. Quarenta e três sepulturas megalíticas são então inventariadas no Termo Municipal de Valência. A meia centena de monumentos que anos antes (1973) Elías Diéguez informara a Miguel Beltran Lloris ser provável existir neste concelho, quase que, de facto, se atingia. Para além do inventário das sepulturas megalíticas, Elías Diéguez refere a existência de um menir nas imediações do Rio Sever, afirmando que : "Curiosamente tiene un nombre popular que recuerda al culto fálico. Es llamado vulgarmente, por su aspecto PORRA DEL BURRO." Elías Diéguez, certamente tentando desculpar a rudeza do topónimo acrescenta ainda: " Y tal nombre ha transcendido y ya figura

en los mapas. Tal es el caso del mapa 701 del Instituto Geográfico y Cadastral, escala 1: 50,000 donde en las proximidades del rio sever puede encontrarse localizado este monumento, con su nombre vulgar, admitido y popularizado." (Diéguez, 1976:39).

Ainda que com um deficiente suporte cartográfico e sem recurso a qualquer tipo de coordenadas, este levantamento de Elias Diéguez foi o ponto de partida para todos os trabalhos de investigação que neste termo se vieram posteriormente a realizar. Para além do inventário dos monumentos, o autor apresenta uma breve resenha da investigação arqueológica na região, da qual se destacam as várias referências aos monumentos valencianos em periódicos regionais e nacionais.

Durante as prospecções que conduziram ao seu inventário, Elias Diéguez procedeu à escavação da Anta I de las Lanchas e à da Huerta de las Monjas. Os materiais do primeiro monumento encontram-se numa pequena vitrina no Salon del Ayuntamiento de Valência de Alcântara. Os materiais exumados no monumento da Huerta de las Monjas pudemos observá-los na casa de Elias Diéguez em Valência de Alcântara que também nos cedeu grande parte da bibliografia de que nos temos vindo a socorrer.(28) O estudo destes materiais foi posteriormente efectuado e publicado por Primitiva B.Ramírez (Ramírez, 1988).

Em 1979 Joaquim Batista e Manuel Leitão publicam materiais e descrevem uma anta nas Naves de Montalvão. Este monumento, conhecido localmente por Anta da Nave do Padre Santo, viria, seis anos depois, a ser destruído pelas subsolagens para plantação de eucaliptos. Os autores referem ser uma das maiores antas da região. Puderam observar ainda doze esteios, apresentando um deles dez covinhas. Neste trabalho descrevem-se dois machados, uma lâmina, dois fragmentos de cerâmica e três de placas de xisto decoradas, não se esclarecendo convenientemente qual ou quais as condições de recolha do espólio. No trabalho de salvamento que, mais tarde, desenvolvemos neste monumento e a que à frente aludiremos, já quase nada pudemos observar do que

Batista e Leitão descreveram, tal o estado de destruição em que ficou o monumento após ter sido "triturado" pelas máquinas de subsolagem.

Em 1980, Francisco Henriques e João Caninas dão a conhecer um exaustivo levantamento de estações e monumentos localizados nos concelhos de Vila Velha de Ródão e Nisa. Neste levantamento, posteriormente alargado (1986), os autores, partindo das informações de Georg e Vera Leisner (1956 e 59), cartografam exaustivamente a zona norte do concelho de Nisa, onde registam 46 sepulturas megalíticas, distribuídas desde a bacia da Ribeira de Nisa à do Rio Sever. Os levantamentos de Henriques e Caninas tornam-se no último documento anterior à florestação maciça do norte do concelho de Nisa que provocou a destruição de 90% dos vestígios arqueológicos aí existentes.

Partindo deste levantamento, os seus autores apresentam em 1985, nas Primeiras Jornadas de Arqueologia do Nordeste Alentejano, um interessante trabalho de síntese, sobre a ocupação pré-histórica das margens do Tejo. Aí estabelecem algumas possíveis relações espaciais entre "três componentes culturais (povoados, túmulos e templos)", embora nada possam com segurança afirmar, restando, para isso, "pedir o veredicto à investigação"(Caninas e Henriques, 1987:77).

Nos primeiros anos da década de oitenta forma-se o Grupo de Arqueologia de Castelo de Vide. Numa verdadeira caça à peça, este grupo procede à escavação de vários sítios e monumentos em toda a área do concelho. Sem qualquer tipo de orientação são então escavados os seguintes monumentos megalíticos: Anta do Galhardo, Anta dos Olheiros, Anta do Vale da Estrada, Anta do Tapadão da Relva, Anta da Tapada de Matos, Anta do Sobral, Anta do Alcogulo I, Anta do Alcogulo II e Anta do Alcogulo III. Do resultado destas escavações apenas nos restaram os materiais exumados e alguns apontamentos, muito sumários, da escavação do corredor da Anta da Tapada de Matos (29).

No 1º Encontro de História Regional e Local do Distrito de Portalegre, realizado em Setembro de 1987, o Grupo de Arqueologia de Castelo de Vide apresenta uma comunicação intitulada *Materiais Arqueológicos da Região de Castelo de Vide*. Nesta comunicação são divulgados pela primeira vez alguns materiais exumados nas antas escavadas por este grupo.

Publicam-se vinte e quatro ídolos-placa e um báculo, recolhidos em seis antas. A ausência de relatórios destas escavações leva os autores da comunicação a afirmarem, na parte conclusiva, que as origens dos materiais perderam-se completamente (GACV, 1990).

Na margem espanhola, os últimos anos da década de setenta e os anos oitenta são marcados pelos trabalhos de Primitiva Bueno Ramírez. Esta investigadora, para além de identificar os conjuntos megalíticos de Santiago e Herrera de Alcântara, já fora da área do nosso estudo, desenvolve novas campanhas de prospecções e escavações no termo municipal de Valência de Alcântara. No seu estudo *Los Dolmenes de Valencia de Alcantara*, publicado em 1988, Primitiva Ramírez reúne toda a informação disponível existente sobre as sepulturas megalíticas daquela região, somando-lhe os dados por ela recolhidos, quer os respeitantes a novos monumentos, quer os resultados das suas escavações. Ainda que com uma deficiente cartografia, localiza quarenta e oito sepulturas megalíticas e dá a conhecer materiais provenientes de onze monumentos. Dividindo os monumentos em três grupos, a partir das suas plantas, a autora identifica na região de Valência, monumentos com câmaras simples, câmaras com corredor curto, câmaras com corredor longo e um conjunto de sepulturas cujo estado de destruição não possibilita a sua identificação. É com esta autora que pela primeira vez se identifica nesta região um monumento com decorações num dos esteios. A gravura antropomórfica do monumento da Huerta de las Monjas que posteriormente foi de novo estudada (Ramírez e Behrmann, 1992) parece ser a única gravação conhecida em monumentos com esteios de granito na área do presente estudo (30).

Posterioros trabalhos de Primitiva Ramírez, só ou em colaboração, voltam a abordar os monumentos megalíticos de Valência ou dos municípios vizinhos, dando especial atenção às câmaras simples (Ramírez, 1989), ou às gravações em esteios (Behrmann e Ramírez, 1989, Ramírez e Behrmann, 1992).

Ainda que as principais investigações na margem espanhola sejam da autoria da investigadora que temos vindo a referir, estudos de outros arqueólogos foram também divulgados. Em 1983, Gonzalo Muñoz Carballo publica o trabalho *Menhires de Valencia de Alcantara*. Neste breve estudo apresentam-se os menires I e II da Porra del Burro e o conjunto de menires do Valle de San Benito, todos localizados na área do termo municipal de Valência de Alcântara.

Mais recentemente, 1993, F. Bejarano publica através do Ayuntamiento de Valencia de Alcantara o *Guía del Conjunto Megalítico de Valencia de Alcántara*. Neste guia o autor refere que na área do termo de Valência terão existido cinquenta e cinco dolmenes, dos quais catorze terão já sido destruídos.

Sob o título *Hallado un dolmen fabricado en pizarra en la finca "Valdelucia"*, o periódico Extremadura de 3 de Abril de 1993 noticiava a descoberta, nas imediações do Rio Alburel, de mais uma sepultura no termo de Valencia. Com este dolmen eleva-se, assim, para 56 o número de sepulturas megalíticas de que há referência em Valência de Alcântara (31).

1.1. Antecedentes da presente síntese

A investigação que efectuámos e que conduziu ao presente estudo alicerçava-se, como já referimos, na actualização da Carta Arqueológica que, em colaboração com os membros do já extinto Grupo de Arqueologia de Santo António das Areias, iniciámos nos primeiros anos da década de setenta. A publicação actualizada das antas do concelho de Marvão (Dias e Oliveira, 1981) impulsionou a apresentação de um projecto de investigação (32), de início subscrito também por Ana Carvalho Dias, que visava o estudo do megalitismo na área do concelho de Marvão.

Justificava o desenvolvimento deste projecto a ausência de estudos actualizados e sistemáticos sobre o megalitismo numa região bem delimitada do Alentejo. Para além dos vários estudos isolados de monumentos megalíticos no concelho de Évora e Beja, realizados na década de setenta por arqueólogos como Leonor Pina, Joaquina Soares e Carlos Tavares da Silva ou Veiga Ferreira, estudos sistemáticos de regiões limitavam-se aos desenvolvidos por Vergílio Correia nos anos vinte sobre a região de Pavia (Correia, 1921), aos de Georg e Vera Leisner no concelho de Reguengos de Monsaraz e publicados em 1951, aos de Abel Viana e António Dias de Deus, também publicados na década de cinquenta, referentes a escavações e levantamentos efectuados na região de Elvas (Viana e Deus, 1950-1957) ou aos estudos de Farinha Isidoro para os concelhos do Crato e Alter do Chão que se publicaram de 1966 a 1975 (Isidoro, 1966-1975). Se exceptuássemos os estudos mais antigos, verificávamos que os restantes, efectuados nas décadas de sessenta e setenta, não iam muito além da descrição de monumentos e materiais. Tornava-se, assim, necessário iniciar um projecto de investigação que numa área balizada naturalmente possibilitasse o estudo sistemático dos testemunhos megalíticos existentes.

Pretendeu-se dar início ao projecto com o estudo da Anta dos Pombais, situada no concelho de Marvão. A opção por este monumento ficou a dever-se a factores diversos. Em primeiro lugar colocava-se a necessidade de recuperar o

monumento, recentemente afectado por uma agricultura já mecanizada. A sua particular arquitectura, diversidade de matérias-primas dos seus elementos, mas sobretudo o local de implantação, conferiam à Anta dos Pombais particularidades que justificavam plenamente o seu estudo. É o único monumento da bacia do Sever que, implantado em terrenos de xisto, possui a cobertura da câmara em granito e os esteios em xisto.

Em planta, o monumento afasta-se dos que nas imediações se conhecem e aproxima-se dos existentes a vários quilómetros mais a norte, já nas margens do Rio Tejo. Se, para além destas razões, já por si de extrema importância, observarmos a sua proximidade em relação ao Complexo Arqueológico de Vidais, onde Vítor Gonçalves e Ana Arruda desenvolviam escavações em níveis provavelmente contemporâneos do monumento, facilmente poderíamos estabelecer relações culturais entre os dois espaços. Foram estas as razões que nos levaram a iniciar o projecto de investigação pelo estudo da Anta dos Pombais.

Face às dificuldades colocadas pelo Instituto Português do Património Cultural em autorizar a realização desta escavação, optámos por adiá-la para 1982. Em 1981, autorizados pelo IPPC, procedemos a sondagens na base do Menir da Água da Cuba, também situado no concelho de Marvão. Estas sondagens destinavam-se a confirmar a justeza da identificação, ao estudo do seu processo de fixação e à eventual recolha de materiais que nos possibilitassem a datação do monólito (33).

Em 1982, ainda em colaboração com Ana Carvalho Dias, obtivemos, então, autorização do IPPC para efectuarmos o estudo da Anta dos Pombais que decorreu no Verão desse ano (34).

As informações obtidas com a escavação da Anta dos Pombais necessitavam de ser comparadas com resultados de outras escavações de monumentos da mesma área mas de características distintas. A Anta da Bola da Cera, também muito próxima de Vidais, mas apresentando uma estrutura bastante

diferente da anteriormente escavada, parecia ser a melhor opção. Depois de devidamente autorizados procedemos à escavação deste monumento que se prolongou por duas campanhas nos Verões de 1983 e 1984.

Em 1985 somos convidados pela Câmara Municipal de Castelo de Vide para orientar as actividades do Grupo de Arqueologia daquela vila que, então, já dependia directamente da Câmara. Face ao grande número de *peças megalíticas* que se encontravam depositadas na sede deste grupo, obtidas nas recentes violações de que várias antas foram alvo, foi nossa preocupação primeira dar início ao registo e descrição deste imenso fundo, numa altura em que ainda havia memória dos seus locais de proveniência.

Com as informações recolhidas nas escavações do concelho de Marvão e com os materiais agora em estudo, provenientes de nove antas de Castelo de Vide, começava a desenhar-se, pelo menos baseados no mobiliário, uma visão mais alargada das características das sepulturas megalíticas da zona granítica da bacia do Rio Sever. O conhecimento que tínhamos dos monumentos situados junto à foz deste rio, em muitos aspectos distintos dos que agora estudávamos, levou-nos a projectar um estudo comparativo entre estes dois conjuntos. Em 1985, baseados nos inventários de Georg e Vera Leisner (Leisner, 1956,1959) e de Henriques e Caninas (Henrique e Caninas, 1980) procedemos à relocalização dos monumentos situados na freguesia de Montalvão, ao mesmo tempo que prospectávamos a zona norte do concelho de Castelo de Vide e a bacia do Sever a Este de Montalvão.

Quando programávamos e angariávamos meios para dar início a esta fase do estudo fomos alertados, no Verão de 1985, para a destruição quase total dos monumentos que tínhamos projectado estudar na freguesia de Montalvão. Trabalhos de subsolagem para preparação da plantação de eucaliptos destruíram, em curto espaço de tempo, a maior parte da mancha megalítica do concelho de Nisa, tornando, assim, muito difícil o desenvolvimento do nosso projecto.

Como consequência desta destruição fomos indigitados pelo Serviço Regional de Arqueologia da Zona Sul para dirigir os trabalhos de salvamento da então denominada Necrópole Megalítica do Sever (35).

As reduzidas verbas a esse fim destinadas possibilitaram-nos, unicamente, intervir na Anta da Nave do Padre Santo (36). Duas pequenas campanhas realizadas nos Verões de 1986 e 1987 viabilizaram recuperar, em parte, a planta do monumento e recolher algum espólio ainda presente (37).

Com o fim de racionalizar a informação recolhida, previmos no início do projecto estabelecer pequenas metas na investigação, de modo a possibilitar a programação de novas vias de desenvolvimento, com base nos resultados já obtidos. As conclusões desta primeira fase da investigação e respectivos relatórios das escavações realizadas serviram de suporte à elaboração do trabalho de síntese destinado às Provas de Aptidão Pedagógica e Capacidade Científica, por nós prestadas, em 1988, na Universidade de Évora. Intitulava-se este trabalho *Introdução ao Estudo das Sepulturas Megalíticas da Margem Esquerda do Sever*. Nele, tal como o título indica, estudam-se as sepulturas megalíticas incluídas na margem esquerda da bacia hidrográfica do Sever. Comparavam-se já os dois e distintos grupos de monumentos existentes nesta bacia. A norte os monumentos de xisto onde predominam as câmaras simples (38), a sul, na mancha granítica, os monumentos com corredor bem diferenciado de pequena ou grande dimensão. Analisavam-se e comparavam-se os mobiliários dos diferentes tipos de monumentos e tentava-se compreender as sepulturas em função da sua posição espacial.

Foi ponto central do nosso estudo a evidência de um vasto território, comparativamente à área em referência, que separava os dois grupos megalíticos. A identificação desta **terra-de-ninguém**, que nalguns locais atinge perto de doze mil metros de extensão, e que, ultrapassando os limites da bacia do Sever se prolonga para além do território então analisado, foi a principal inovação deste estudo.

O desenvolvimento do projecto justificava a compreensão destes dois territórios separados por uma larga faixa de terreno onde os testemunhos pré-históricos e mesmo históricos estão praticamente ausentes, quando comparados com os conhecidos, quer a norte, quer a sul. Importava reconhecer se o que era evidente para a margem portuguesa tinha paralelo na margem espanhola. Para o desenvolvimento do projecto tornava-se ainda importante escavar mais monumentos isolados e, se possível, uma ou mais necrópoles.

De primordial importância seria o estudo de mais sepulturas da zona dos xistos. Contudo, no interior da área definida pela bacia do Sever, já nenhuma sepultura megalítica subsistia, todas tinham sido destruídas pela florestação. Haveria, então, que estudar mais monumentos, nas imediações da bacia do Sever que ainda apresentassem sinais de conterem algum enchimento. Recordemos que os monumentos desta região, para além de muito afectados pela florestação, apresentam, na sua totalidade, sinais de profundas violações. Por outro lado, a actual fraca potência de solo arável desta região tem vindo a contribuir para a destruição quase completa das mamoa com a conseqüente derrocada dos esteios e natural ruína dos monumentos. Houve, portanto, que seleccionar entre os poucos monumentos ainda existentes os que, não se afastando da bacia do Sever, conservassem algum enchimento interno e vestígios de mamoa.

Depois de, novamente, prospectarmos a região, seleccionámos para estudo as antas da Fonte da Pipa, da Lomba da Barca e da Salgueirinha.

Enquanto preparávamos o processo de pedido de autorização de escavação e tentávamos reunir apoios para a escavação da Anta da Fonte da Pipa, esta propriedade era vendida a uma empresa de celulose e o monumento destruído. O trabalho que em 1991 desenvolvemos nesta anta, em colaboração com Pedro Almeida, resumiu-se à recuperação da provável planta do monumento e à recolha de algum espólio, parcialmente fora de contexto e muito fragmentado pelas potentes máquinas de subsolagem (39).

Para o Verão de 1992 projectávamos escavar a Anta da Lomba da Barca e a da Salgueirinha. O trabalho na primeira foi efectuado no tempo previsto, ainda que muito limitados pelos apoios conseguidos (40). Um ano e meio depois do pedido ter sido entregue, continuamos a aguardar que nos seja autorizada pelo IPPAR a realização da escavação da Anta da Salgueirinha (41).

Se diversos obstáculos encontrámos no decurso da investigação na zona dos xistos, as autorizações condicionadas e as constantes dificuldades financeiras em muito prejudicaram a investigação nos monumentos da zona dos granitos (concelhos de Marvão e Castelo de Vide).

Foi nossa preocupação estudar, na zona dos granitos, monumentos que em associação constituíssem necrópoles, como o caso da Necrópole dos Coureiros, em Castelo de Vide, composta por quatro monumentos e a Necrópole da Retorta no concelho de Marvão composta pelas Antas da Figueira Branca e Cabeçada. Para além de necrópoles projectámos estudar o monumento do Porto Aivado por se encontrar muito próximo da linha de separação dos granitos dos xistos e algo isolado em relação aos restantes monumentos. A Anta das Castelhanas também foi escavada por se localizar, ainda que na margem portuguesa, muito próxima da Anta de la Huerta de las Monjas, recentemente estudada por Primitiva Bueno Ramírez (Ramírez, 1988). O estudo comparativo dos dois monumentos, situados em margens opostas, mas a curta distância, foi a razão da escolha da Anta das Castelhanas.

Para além destas sepulturas megalíticas, interessava-nos recolher elementos de datação para os menires conhecidos na área em estudo e cujo posicionamento assume particular interesse na compreensão espacial dos monumentos megalíticos desta região. Foi-nos possível escavar os menires do Carvalhal e da Meada, situados no concelho de Castelo de Vide, os únicos que poderiam fornecer materiais datáveis (42).

Se da margem portuguesa já possuíamos informações significativas para a compreensão da ocupação megalítica da bacia do Rio Sever, para a margem espanhola apenas possuíamos dados relativos ao termo municipal de Valência de Alcântara. Dos termos de Herrera de Alcântara e Cedillo que confrontam mais a norte com o Rio Sever, nenhuma informação sobre sepulturas megalíticas era conhecida. Tornava-se, assim, imperioso o levantamento das áreas destes dois municípios que se incluem na bacia do Sever, área do nosso estudo.

No Inverno de 1992 e Primavera de 1993, com o apoio do Ayuntamiento de Cedillo, desenvolvemos várias campanhas de prospecção, quer em todo o termo de Cedillo, quer na faixa do termo de Herrera que confronta com o Rio Sever. Nestas campanhas foi possível localizar vinte e um monumentos megalíticos inéditos que se distribuem pelos dois termos municipais (43).

A proximidade do fim do tempo que o Estatuto da Carreira Docente nos confere para apresentação da tese de doutoramento obrigou-nos a proceder a nova paragem na investigação e a servirmo-nos dos dados entretanto recolhidos para elaborarmos a presente síntese. Ainda que limitados pelo tempo, pelos meios técnicos e sobretudo pelos financeiros, ainda que connosco colaborassem diversas entidades e constrangidos por autorizações condicionadas (44), foi possível, entre 1989 e a Primavera de 1993 proceder à escavação e estudo dos seguintes monumentos:

CONCELHO DE CASTELO DE VIDE

Anta do Porto Aivado - 1989/90

Anta III dos Coureiros - 1989/90

Anta II dos Coureiros - 1990/91

Anta I dos Coureiros - 1991

Anta IV dos Coureiros - 1991

Menir do Carvalho - 1992

Menir da Meada - 1993

CONCELHO DE MARVÃO

Anta da Figueira Branca - 1990

Anta da Cabeçada - 1991

Anta das Castelhanas - 1992

CONCELHO DE NISA

Anta da Fonte da Pipa - 1991

Anta da Lomba da Barca - 1992

Anta II de S. Gens - 1993

Para além do estudo destes monumentos, identificámos, desenhámos ou promovemos o desenho dos espólios inéditos provenientes de escavações antigas em sepulturas megalíticas incluídas na área da bacia hidrográfica do Sever ou das que nas suas imediações se encontram.

1.2. Os Prospectores e os Monumentos

Descrevemos até aqui a evolução dos estudos sobre os monumentos megalíticos na área da nossa investigação. Apresentamos a seguir quadros sinópticos com todas as sepulturas megalíticas até agora inventariadas pelos

diversos investigadores, quer no interior da bacia hidrográfica do Rio Sever, quer na área adjacente incluída no mapa nº1. Dividimos os monumentos pelos municípios onde se implantam. À direita do nome de cada monumento segue o respectivo número do nosso inventário. Neste arrolamento apenas se referem os autores com contribuições mais significativas para o levantamento dos monumentos em estudo. Excluimos as referências que apenas citam trabalhos anteriores (45).

1.2.1. Concelho de Marvão

TOMBO DA MISERICÓRDIA DE MARVÃO (1693)

Curral do Matinho-20

TOMBO DA MISERICÓRDIA DE MARVÃO (1780)

Vale da Figueira-12

LARANJO COELHO (1924)

Matinho-20; Vale da Figueira-12; Meirinha-8; Cruz da Ginja-7; Cavalinha-11; Mouta Rasa-57

PAÇO (1950)

Pereiro I-24; Pereiro II-23; Figueira Branca-22; Cabeçuda-21; Jardim ou Muro-18; Curral da Atalaia-19; Matinho-20; Ferrenha-17; Traboia-16; Sapateira-13; Pombais-15; Granja-7; Enxeira dos Vidais-6; Vale da Cera-4; Laje dos Frades-5; Vale da Figueira-12; Cavalinha-11; Socha da Meirinha-10; Meirinha-8; Ribeiro do Lobo-2; Tapada das Castelhanas-1.

LEISNER e LEISNER (1959)

Pereiro I-23; Pereiro II-24; Pereiro III (Pacheco)-59; Monte Velho-58; Jardim-18; Traboia-16; Atalaia-19; Cabeçuda-21; Figueira Branca-22; Curral do Matinho-20; Tapada da Ferrenha-17; Sapateira-13; Cavalinha-11; Vale da Figueira-12; Pombais-15; Granja-7; Enxeira dos Vidais-6; Vale da Cera- 4; Laje dos Frades-5; Ribeiro do Lobo-2; Castelhanas-1; Meirinha I-8; Meirinha II-10; Monte da Raza-57.

DIAS e OLIVEIRA (1981)

Castelhanas-1; Ribeiro do Lobo-2; Bola da Cera-3; Tapada do Castelo-4; Laje dos Frades-5; Enxeira dos Vidais-6; Granja-7; Meirinha-8; Tapada da Anta-9; Socha da Meirinha-10; Cavalinha-11; Vale da Figueira-12; Sapateira Grande-13; Sapateira Pequena-14; Pombais-15; Traboia-16; Ferrenha-17; Jardim-18; Atalaia-19; Matinho-20; Cabeçuda-21; Figueira Branca-22; Pereiro II-23; Pereiro I-24.

1.2.2. Concelho de Castelo de Vide

PEREIRA DA COSTA (1868)

Melriço- 66; Pombaes- 25; Fonte do Mouratão- 67; Milhar do Cabeço I- 149 (?); Milhar do Cabeço II- 150 (?); Porto dos Pinheiros- 69 (?); Torre da Coutada d' Alcogulo- 71 (?); Dolmen V da Coutada d' Alcogulo- 70 (?); Corleiros- 27; Casa dos Galhardos- 31; Pedro Alvaro- 33; Olheiros- 34; Várzea dos Mourões-37; Nave do Grou no sítio do Sobral- 68.

LARANJO COELHO (1924)

Melriço- 66; Pombaes- 25; Mouratão- 67; Coutada do Alcogulo- 70(?); Milhar do Cabeço I- 149(?); Porto de Pinheiros- 69(?); Coutada do Alcogulo- 71(?); Corleiros- 27; Casa dos Galhardos- 31; Pedro Álvaro- 33; Olheiros- 34; Mourões- 37; Nave do Grou- 68; Soveral- 68 (?).

LEISNER e LEISNER (1959)

Melriço- 66; Sobral- 68; Alcogulo 1 (Porto dos Pinheiros)- 69 (?); Alcogulo 2 (Cabeço dos Milhares)- 70(?); Alcogulo 3 (Milhar do Cabeço)- 71(?); Mouratão- 67; Pombais- 25; Casa do Galhardo- 31; Pedro Álvaro 1- 34; Pedro Álvaro 2- 33; Mourões- 37; Coureiros I- 27; Coureiros II- 29; Coureiros III- 30; Coureiros IV- 26; Coureiros V- 28; Registo Moreno- 61; Maria Trigo- 60.

RODRIGUES (1975)

Sobral- 68; Pai Anes- 62; Tapadão da Relva- 64; Tapada do Arvoredado- 63; Coureiros 1- 27; Coureiros 2- 28; Coureiros 3- 26; Coureiros 4- 29; Coureiros 5- 30; Tapada do Cerejeiro- 38; Várzea dos Mourões- 37; Casa dos Galhardos- 31; Mouratão- 67; Pêro de Alva- 33; Pombais- 25; Melriça- 66; Junçal- 32; Vale de Sancho- 36; Olheiros- 34; Alcogulo I- 69; Alcogulo II- 70; Alcogulo III- 71; Vale da Estrada- 39; Tapada de Matos- 65.

1.2.3. Concelho de Nisa

MENDONÇA E PINA (1734)

Anta da Vila de Nisa- 192

LEISNER e LEISNER (1959)

Fazendeiro I- 93; Fazendeiro II- 94; Charneca- 153 ; Lomba da Barca- 79; Navalhas- 51 (?); Vinha da Tonilha- 78; Tapada da Eira- 47; Vermelha- 50; Caneiro- 49; Monte da Foz- 48; Caminho da Foz- 46; Nave do Padre Santo- 41; Terra das Naves- 44; Salgueirinha- 72; Terreno da Ribeira- 54; Atalaia- 95; Lameira Longa- 96; Vila de Nisa- 192 ; Lapas I- 75; Lapas II- 76; Lapas III- 77.

HENRIQUES e CANINAS (1980/85/86)

Atalaia- 95; Bica- 91 (?); Salavessa II- 90; Cabeço da Águia I- 92 (?); Cabeço da Águia II- 179; Cabeço da Águia III- 180; Cabeço do Loulé- 88; Taipas I- 82; Taipas II- 81; Taipas III- 80; Casarões- 83; Caminho da Foz- 46; Caneiro- 49; Sesmarias- 86; Dourados I- 42; Dourados II- 43; Eira- 47 (?); Falquetões- 73; Fonte da Pipa- 78; Lapas I- 75; Lapas II- 76; Lapas III- 77; Lameira Longa- 96; Lomba da Barca- 79; Nave do Padre Santo- 41; Naves- 45; Pêgo do Bispo- 87(?); Salavessa IV- 181; Salavessa V- 182; Salgueirinha- 72; Eira das Bezerras- 47; Terra da Azinheira- 84; Terra da Frágua- 89; Terra das Naves- 45; Fazendeiro I- 93; Fazendeiro II- 94; Sobreirão- 154; Vale Muchacho- 74; Vermelha- 50; Tapada do Curralinho- 183; Tapada do Muro- 184; Tapada da Romélia- 185.

1.2.4. Termo Municipal de Valência de Alcântara

MÉLIDA (1924)

Cancho del Lobo- 186, Cercado de la Data- 143; Cercado Data 2- 144; Cercado del Anta- 142; Cajirón- 145.

BERGÉS (1959)

Cancho del Lobo- 186; Data I- 143; Data II- 144; Cercado del Anta- 142; Cajirón- 145; Zafra I- 127; Zafra II- 128; Zafra III- 129; Zafra IV- 130; Tapias I- 133; Tapias II- 134; Lanchas I- 118; Lanchas II- 119; Corchero- 123; Tapada del Anta I- 120; Tapada del Anta II- 121.

LEISNER e LEISNER (1959)

Cancho del Lobo- 186; Cercado de la Data- 143; Cercado Data 2- 144; Cercado del Anta- 142; Cajirón- 145; Aceña la Borrega- (?)

DIÉGUEZ (1976)

Tapias I- 133; Tapias II- 134; Zafra I- 127; Zafra II- 128; Zafra III- 129; Tiracalzas- 111; Lanchas I- 118; Lanchas II- 119; El Corchero- 123; Tapada del Anta I- 120; Tapada del Anta II- 121; Palancar- 126; Asiento- 143; Datas I- 144; Datas II- 142; Cajirón- 145; La Morera- 147; Cajirón II- 146; Barca Grande-125; Zafra IV- 130; Cancho del Lobo- 186; Camino Cortiñal- 187; Carral Valbon I-131; Carral Valbon II- 132; Calleja Cortijo D. Pedro- 130; Palomares- 109; Bordalo- 108; Fragoso- 116; Fraguil- 188; Tapada del Puerto- 141; La Miera- 124; Huerta Látigo- 136; Changarrilla- 117; Porqueros I- 102; Porqueros II- 103; Porqueros III- 104; Porqueros IV- 105; Porqueros V- 106; San Antón- 135; El Caballo - 151.

RAMIREZ (1988)

Terrías- 101; Porqueros I- 102; Porqueros II- 103; Porqueros IV- 105; Porqueros V- 106; Cuadrillas de la Duquesa- 107; Bordalo- 108; Palomares- 109; Chaves- 110; Tiracalzas- 111; Fuente de las Yeguas I- 112; Fuente de las Yeguas II- 113; Vihuela I- 114; Vihuela II- 115; Fragoso- 116; Changarrilla- 117; Lanchas I- 118; Lanchas II- 119; Tapada del Anta I- 120; Tapada del Anta II- 121; Huerta de las Monjas- 122; El Corchero- 123; La Miera- 124; La Barca- 125; El Palancar- 126; Zafra I- 127; Zafra II- 128; Zafra III- 129; Zafra IV- 130; Barbón I- 131; Barbón II- 132; Tapias I- 133; Tapias II- 134; San Anton- 135; Huerta Látigo- 136; La Cotadilla I- 137; La Cotadilla II- 138; La Cotadilla III- 139; La Cotadilla IV- 140; Tapada del Puerto- 141; La Marquesa- 142; Datas I- 143; Datas II- 144; Cajiron I- 145; Cajiron II- 146; La Morera- 147; El Torrejón- 148.

BEJARANO (1993)

Lanchas I-118; Lanchas II-119; Fragoso-116; Changarrilla-117; Corchero-123; Huerta de las Monjas-122; Tapada del Anta-120; La Miera-124; La Barca-125; Tapada del Puerto ou Puerto de Caparrosa-141; El Palancar-126; Zafra I-127; Zafra II-128; Zafra III-129; Zafra IV-130; Tapias I-133; Tapias II-134; Data I- 143; Data II-144; Mellizo ou da Marquesa- 142; Cajirón I- 145; Cajirón II- 146; La Morera- 147; Valbón I ou Carral de Valbón I- 131; Valbón II ou Carral de Valbón II- 132; Huerta Nueva (Huerta del Látigo)- 136; San Anton- 135; Torrejón- 148; Tiracalzas- 111; Chaves I- 110; El Caballo- 151 ; Huerta del Látigo- 189 ; Zafra V (Calleja de D. Pedro)- 190; Terrías- 101; Porqueros I- 102;

Porqueros II- 103; Porqueros III- 104; Bordalo- 108; Palomares- 109; Fuente de las Yeguas- 112; Cuadrillas de la Duquesa- 107; Porqueros IV- 105; Porqueros V- 106; Quinto de las Yeguas- 113; Vihuela I- 114; Vihuela II- 115; Cotadilla I- 137; Cotadilla II- 138; Cotadilla III- 139; Cotadilla IV- 140; Cancho del Lobo- 186 ; Fraguil- 188 ; Camino de Cortiñal- 187; Anta II- 121; Chaves II- 191.

São 167 o número de sepulturas megalíticas noticiadas até 1993, na área correspondente à bacia do Rio Sever e nas faldas opostas aos festos que a delimitam. Se a este número somarmos os monumentos por nós identificados em Cedillo, Herrera (46) e Castelo de Vide (47) e o monumento de Valdelucia em Valência de Alcântara (48) e Alfinetes em Nisa (49), o total de sepulturas megalíticas conhecidas na área cartografada ascende a 192. Incluem-se neste número todos os monumentos de que há notícia, existentes ou não ainda hoje.

2. Sepulturas Megalíticas Inventariadas

A lista que a seguir se apresenta comporta os 192 monumentos referidos. O nome dos monumentos é antecedido pelo respectivo número de inventário. As siglas M, CV, N, VA, HA e C que se anexam a cada monumento identificam o concelho ou termo municipal a que pertencem, sendo respectivamente: M - Marvão, CV - Castelo de Vide, N - Nisa, VA - Valência de Alcântara, HA - Herrera de Alcântara e C - Cedillo.

- | | |
|------------------------|---------------------------|
| 1- Castelhanas - M | 2- Ribeiro do Lobo - M |
| 3- Bola da Cera - M | 4- Tapada do Castelo - M |
| 5- Laje dos Frades - M | 6- Enxeira dos Vidais - M |
| 7- Granja - M | 8- Meirinha - M |
| 9- Tapada da Anta - M | 10- Socha da Meirinha - M |

- | | |
|-----------------------------|----------------------------|
| 11- Cavalinha - M | 12- Vale da Figueira - M |
| 13- Sapateira Grande - M | 14- Sapateira Pequena - M |
| 15- Pombais - M | 16- Traboia - M |
| 17- Ferrenha - M | 18- Jardim - M |
| 19- Atalaia - M | 20- Matinho - M |
| 21- Cabeçuda - M | 22- Figueira Branca - M |
| 23- Pereiro II - M | 24- Pereiro I - M |
| 25- Pombal - CV | 26- Coureiros I - CV |
| 27- Coureiros II - CV | 28- Coureiros III - CV |
| 29- Coureiros IV - CV | 30- Coureiros V - CV |
| 31- Galhardo - CV | 32- Jocel - CV |
| 33- Pero de Alva - CV | 34- Olheiros - CV |
| 35- Porto Aivado - CV | 36- Vale Sancho - CV |
| 37- Várzea dos Mourões - CV | 38- Cerejeiro - CV |
| 39- Vale da Estrada - CV | 40- Vale de Gamenitos - N |
| 41- Padre Santo - N | 42- Douradas I - N |
| 43- Douradas II - N | 44- Terra das Naves - N |
| 45- Naves - N | 46- Caminho da Foz - N |
| 47- Eira das Bezerras - N | 48- Monte da Foz - N |
| 49- Caneiro - N | 50- Vermelha - N |
| 51- Joaquim Carrilho - N | 52- Ofélia I - N |
| 53- Ofélia II - N | 54- Terreno da Ribeira - N |

- | | |
|-------------------------------|-------------------------------|
| 55- Cerejeiro II - CV | 56- Lazareto - CV |
| 57- Mouta Rasa - M | 58- Monte Velho - M |
| 59- Pereiro III - M(?) | 60- Maria Trigo - CV |
| 61- Registo da Morena - CV(?) | 62- Pai Anes - CV |
| 63- Tapada do Arvoredo - CV | 64- Tapadão da Relva - CV |
| 65- Tapada de Matos - CV | 66- Melriça - CV |
| 67- Mouratão - CV | 68- Sobral - CV |
| 69- Alcogulo I - CV | 70- Alcogulo II - CV |
| 71- Alcogulo III - CV | 72- Salgueirinha - N |
| 73- Falquetões - CV | 74- Vale Muchacho - N |
| 75- Lapas I - N | 76- Lapas III - N |
| 77- Lapas II - N | 78- Fonte da Pipa - N |
| 79- Lomba da Barca - N | 80- Taipas III - N |
| 81- Taipas II - N | 82- Taipas I - N |
| 83- Casarões - N | 84- Azinheira II - N |
| 85- Azinheira I - N | 86- Sesmarias - N |
| 87- Salavessa III - N | 88- Cabeço do Loulé - N |
| 89- Frágua - N | 90- Salavessa II - N |
| 91- Salavessa I - N | 92- Cabeço da Águia - N |
| 93- Fazendeiro I - N | 94- Fazendeiro II - N |
| 95- Atalaia - N | 96- Lameira Longa - N |
| 97- Tapada do Souto - CV | 98- Currais do Galhordas - CV |

- | | |
|-----------------------------------|--------------------------------|
| 99- Porto da Espada - M | 100- Vale do Ródão - M |
| 101- Terriás - VA | 102- Porqueros I - VA |
| 103- Porqueros II - VA | 104- Porqueros III - VA |
| 105- Porqueros IV - VA | 106- Porqueros V - VA |
| 107- C. de la Duquesa - VA | 108- Bordallo - VA |
| 109- Palomares - VA | 110- Chaves - VA |
| 111- Tiracalzas - VA | 112- Fuente las Yeguas I - VA |
| 113- Fuente de las Yeguas II - VA | 114- La Vihuela I - VA |
| 115- La Vihuela - VA | 116- Fragoso - VA |
| 117- Changarrilla - VA | 118- Lanchas I - VA |
| 119- Lanchas II - VA | 120- Tapada del Anta I - VA |
| 121- Tapada del Anta II - VA | 122- Huerta de las Monjas - VA |
| 123- El Corchero - VA | 124- La Miera - VA |
| 125- La Barca - VA | 126- El Palancar - VA |
| 127- Zafra I - VA | 128- Zafra II - VA |
| 129- Zafra III - VA | 130- Zafra IV - VA |
| 131- Barbón I - VA | 132- Barbón II - VA |
| 133- Tapias I - VA | 134- Tapias II - VA |
| 135- San Anton - VA | 136- Huerta del Látego - VA |
| 137- La Cotadilla I - VA | 138- La Cotadilla II - VA |
| 139- La Cotadilla III - VA | 140- La Cotadilla IV - VA |
| 141- Tapada del Puerto - VA | 142- Anta da Marquesa - VA |

- | | |
|------------------------------------|--------------------------------|
| 143- Datas I - VA | 144- Datas II - VA |
| 145- El Cajirón I - VA | 146- El Cajirón II - VA |
| 147- La Morera - VA | 148- El Torrejón - VA |
| 149- Alcogulo IV - CV | 150- Alcogulo V - CV |
| 151- El Caballo - VA | 152- Couto do Carvalho - CV |
| 153- Charneca - N | 154- Sobreirão - N |
| 155- Fuente de la Sevillana - C | 156- Joanhina - C |
| 157- Charca Grande la Regañada - C | 158- Quatro Lindones - C |
| 159- Ferrañon - C | 160- Fuente la Vaquera - C |
| 161- Sesmo - HA | 162- Cruz de la Mujer I - C |
| 163- Cruz de la Mujer II - C | 164- Eira de los Guardas - C |
| 165- Charca de la Viúda - C | 166- Molino de Viento - C |
| 167- Basurero - C | 168- Campo de Futebol - C |
| 169- Lindon de Campete - C | 170- Camino de Herrera - C |
| 171- Cabezón - C | 172- Tierra Caída I - C |
| 173- Tierra Caída II - C | 174- Cierro de la Caldera - HA |
| 175- Cierro la Administradora - C | 176- Alfinetes - N |
| 177- Casa Majada Alta - C | 178- Valdelucia - VA |
| 179- Cabeço da Águia II - N | 180- Cabeço Águia III - N |
| 181- Salavessa IV - N | 182- Salavessa V - N |
| 183- Tapada do Currálinho - N | 184- Tapada do Muro - N |
| 185- Tapada da Romélia - N | 186- Cancho do Lobo - VA |

- | | |
|-------------------------------|-----------------------|
| 187- Camino del Cortiñal - VA | 188- Fraguil - VA |
| 189- Huerta del Látigo II - V | 190- Zafra V - VA |
| 191- Chaves II - VA | 192- Vila de Nisa - N |

3. RESUMINDO

Como vimos é já longa a lista de autores que, de uma forma ou de outra, se dubuçaram sobre o megalitismo da área em estudo. Como em qualquer investigação deste género, as primeiras fases são, por força de todas as razões, essencialmente arqueográficas. Os estudos desenvolvidos nesta região não fugiram à regra. Desde a segunda metade do século XIX que os primeiros levantamentos se iniciaram, quer na margem portuguesa, quer na margem espanhola, até à primeira metade da década de oitenta do presente século e, sobretudo, porque não se realizaram trabalhos sistemáticos, os resultados existentes são caracterizados, unicamente, pelo inventário de monumentos. Exceptuam-se os muito conhecidos trabalhos de Georg e Vera Leisner que, por apresentarem uma visão global do megalitismo peninsular, não puderam evidenciar, pormenorizadamente, as particularidades desta região.

Só a partir da segunda metade da década de oitenta, cerca de cento e vinte anos após os primeiros trabalhos verdadeiramente científicos efectuados nesta região, é que se consegue ultrapassar a fase arqueográfica e se entra, por fim, num período onde as reflexões ultrapassam a mera descrição do monumento e se tenta compreender o ambiente que o gerou num contexto muito mais amplo. Três textos de Primitiva B. Ramírez, editados, respectivamente em 1984, 1987 e 1988 marcam, para a margem espanhola, a viragem referida.

Na margem esquerda do Sever os textos de Caninas e Henriques de 1985 e 1987 sobre o megalitismo do Tejo e o trabalho de síntese por nós elaborado destinado às provas de aptidão pedagógica e capacidade científica, apresentado na Universidade de Évora em 1988, poderão marcar a viragem que em Espanha já

havia ocorrido. Naturalmente, o nosso trabalho, porque não teve a divulgação necessária (apenas trinta exemplares policopiados) e os textos de Caninas e Henriques, porque muito limitados em termos geográficos e baseados em informações muito reduzidas, dificilmente poderiam vir a ter a expressão que os textos da investigadora espanhola tiveram no meio científico.

Dos três textos de Primitiva B. Ramírez, dois como os próprios títulos já o deixam adivinhar - *Megalitos en Extremadura* (1984) e *Megalitismo en Extremadura, estado de la cuestión* (1987) abordam o mesmo tema. O terceiro texto em referência, *Los Dolmenes de Valencia de Alcantara* (1988), estuda e compara as informações disponíveis sobre as sepulturas megalíticas do termo municipal de Valência de Alcântara.

No texto de 1984, *Megalitos en Extremadura* (Ramírez, 1984), a autora reconhece, logo de início, a importância de um enquadramento mais amplo para a compreensão do megalitismo estremenho, afirmando que " Nosotros nos hemos planteado la cuestión como el análisis de una cultura que no se ciñe a los límites políticos de la Extremadura actual y que hay que considerar en relación a los datos de la cercana zona portuguesa y a las provincias de Salamanca, Cordoba, Toledo y Huelva." (Ramírez, 1984:45)

Este reconhecimento, hoje por todos aceite, só foi pela primeira vez, claramente expresso, para esta região, por Primitiva Ramírez em 1984. Poder-se-á considerar que esta frase marca a viragem na investigação que atrás referíamos.

A autora isola dois tipos-base de monumentos na Extremadura: monumentos construídos por grandes blocos de granito e construções de xisto. Nestas construções incluem-se as cistas megalíticas ou pequenas galerias que, segundo a autora, são documentos do megalitismo inicial. Apresentam um mobiliário pobre, composto fundamentalmente por machados polidos, micrólitos, lâminas de sílex e algumas cerâmicas lisas.

Numa segunda fase, encontram-se as grandes câmaras com corredor, já que, segundo a autora, câmaras sem corredor não estão suficientemente bem documentadas. Antes de terminar o estudo salienta a possibilidade de poder haver contemporaneidade entre todos os tipos de monumentos, desde as pequenas cistas ou galerias em xisto passando pelas sepulturas de corredor até às sepulturas de câmara circular e corredor longo, podendo a diversidade de formas ser produto da expressão própria de grupos regionais.

Primitiva Ramírez neste interessante trabalho salienta mais algumas particularidades das sepulturas megalíticas da Extremadura. Destaca a ausência de grandes lâminas retocadas, típicas das sepulturas calcolíticas, e das pontas de seta de base côncava com aletas, com a exceção das recolhidas em Lácara onde ocorreram associadas a pontas do Tipo Palmela e a alguns fragmentos de cerâmica campaniforme. A cultura material das sepulturas "extremeñas" caracteriza-se pela presença de machados, enxós e cinzéis de pedra polida, micrólitos trapezoidais com retoque abrupto ou semi-abrupto, pontas de seta com retoque bifacial, cerâmicas lisas semi-esféricas, fundos planos e paredes rectas e algumas formas mais antigas caracterizadas pelas cerâmicas globulares. No que respeita ao ritual de enterramento salienta-se a possibilidade destes monumentos ultrapassarem o simples culto dos mortos e transformarem-se em marcos territoriais ou local de reunião cultural. A presença de ossos pintados de vermelho nalguns monumentos leva a autora a defender a hipótese da existência de enterramentos secundários.

A altura muito reduzida dos elementos de alguns corredores e a presença de um dos esteios da câmara com dimensões distintas dos restantes são características arquitectónicas salientadas por Primitiva Ramírez. Regista ainda a presença de dólmenes com esteios decorados que poderão evidenciar alguma diferenciação entre os tumulados.

No texto editado em 1987, Primitiva Ramírez, salienta, logo de início, a diversidade de formas do megalitismo "extremeño". Nesta diversidade isola dois grupos. As construções "tipo tholos", associadas a materiais calcolíticos e as construções ortostáticas de maior ou menor tamanho, associadas a cerâmicas lisas, micrólitos, pontas de seta triangulares e placas decoradas. A autora afirma ainda que " Esta diversificación, tan absolutamente decantada de materiales se explica por una importante diferencia cronológica además de por la presencia de una sociedad con nuevos intereses." (Ramírez, 1987:73) Os megálitos teriam sido construídos por comunidades de agricultores e pastores, enquanto que as construções de falsa cúpula se teriam ficado a dever a sociedades que se protegiam em povoados fortificados e que conheciam a manufactura do cobre. A provável contemporaneidade dos dois tipos-base de estruturas continua a ser uma das hipóteses defendidas por Primitiva Ramírez.

Mais uma vez as relações com o megalitismo português são fundamentais na análise da autora. Na página setenta e quatro e relativamente às cronologias do megalitismo "extremeño" afirma : "Hoy día puede admitirse con toda seguridad para el megalitismo extremeño una cronología neolítica a la vista de los materiales estudiados y de la semejanza con importantes y cercanos núcleos portugueses:

Reguengos, Elvas, Nisa. Otro argumento sería el de la ausencia de determinados materiales: bordes almendrados, cobre, etc., que conocemos fechados por C14 a mitad del III milenio a. C., en la zona (La Pijotilla)."

No que respeita às formas arquitectónicas, Primitiva Ramírez mantém a tipologia já genericamente ensaiada no texto de 84, falando agora numa estreita relação entre os monumentos de Santiago de Alcântara com os de Marvão que, segundo a autora, formariam o grupo Marvão-Santiago de Alcântara.(50) Atendendo às reduzidas dimensões da maioria dos monumentos de xisto, mas que apresentam plantas semelhantes aos de maiores dimensões em granito, Primitiva Ramírez levanta a hipótese destes sepulcros funcionarem como cistas, embora carregadas da simbologia dolménica, duvidando que comportassem enterramentos colectivos, mas que apenas funcionassem como ossários colectivos. Uma cronologia antiga é defendida para os monumentos de xisto da zona de Alcântara.

No que se refere aos monumentos de granito diz-nos que na "Extremadura" "(...) predominan cámaras poligonales con o sin corredor e incluso tipos mixtos con ortostatos y cobertura de falsa cúpula que se ven también en pizarra." (Ramírez, 1987:76).

Após descrever as formas mais comuns dos monumentos de granito, a autora volta a abordar neste artigo a presença de um esteio de menores dimensões na câmara e das pedras de guilhotina que vedam o vão existente entre as coberturas dos corredores e a cobertura da câmara.

Nos casos particulares da "Extremadura", assumem particular relevo os dolmenes de Azutan e La Estrella que pelas suas grandes dimensões e por apresentarem uma dupla estrutura ortostática, Primitiva Ramírez levanta a hipótese de poderem ter possuído uma cobertura algo diferente da grande laje de granito. Da cobertura vegetal, passando pela falsa cúpula ou várias lajes justapostas são hipóteses levantadas por esta autora.

Nos parágrafos respeitantes aos materiais exumados, o artigo de 1987 pouco se afasta do de 1984. Embora sem datações absolutas, a autora afirma que "Si pretendemos dar una fecha dentro del IV milenio a.C. para las pequeñas cistas o galerias megalíticas, no podemos obviar que éstas siguen utilizándose y realizándose en períodos seguintes - como sugieren las excavaciones de Santiago de Alcántara (...)" (Ramírez, 1987:83).

Em 1988 com a publicação de *Los Dolmenes de Valencia de Alcantara*, Primitiva B. Ramírez retoma o tema do megalitismo na zona norte da Estremadura

espanhola, elaborando uma importante síntese tendo como base os trabalhos e informações disponíveis sobre o termo municipal de Valência de Alcântara. Nesta monografia a autora volta a insistir na possibilidade dos três tipos-base de monumentos isoláveis nesta região, câmaras simples, câmaras com corredor curto e câmaras com corredor longo poderem ter sido utilizados simultaneamente na fase final do Neolítico. Esta contemporaneidade de utilizações não implica a simultaneidade de construção dos vários tipos. " En un momento que debe ubicarse dentro del IV milenio a.C., (...) comienzan a erigirse en Valencia de Alcántara, câmaras de corredor corto" (Ramírez, 1988:182), " Los dólmenes de corredor largo muestran una primera ocupación anterior a ese mismo conjunto de Neolítico final, sin que sea posible establecer cuánto, y es evidente una serie de diferencias en su ajuar con los dólmenes de corredor corto, que indican la mayor antigüedad de estos últimos" (Ramírez, 1988:179), " Las câmaras simples son los monumentos peor conocidos. No hay ningún resto de ajuar que proceda de ellas, por lo que su situación cronológica únicamente puede ponerse en relación con su constante asociación a elementos de corredor muy largo, cuyo desarrollo corresponde al final de la secuencia de Valencia de Alcántara (...)" (Ramírez, 1988:179).

Esta evolução tipológica, apresentada pela autora em referência, é fundamentada, unicamente, na análise do mobiliário e nas características das estruturas funerárias, já que na altura deste estudo não se encontravam ainda disponíveis as datações agora existentes para a margem portuguesa.

No trabalho de 1988, Primitiva Ramírez alarga e aprofunda, porque dispõe de maior número de informações, as sínteses de 1984 e 1987, concluindo que a matéria da sua investigação poder-se-á considerar como o conjunto megalítico alentejano de Valência de Alcântara, mostrando, uma vez mais, as estreitas relações entre a "Extremadura" e o Alentejo.

Verifica-se, pela leitura dos três textos acima referidos, que é preocupação constante da autora o posicionamento cronológico e cultural dos vários tipos de monumentos, sobretudo o das "câmaras simples". Esta dificuldade advém do reduzido número de escavações efectuadas em monumentos semelhantes bem como do mau estado de conservação em que a maioria se encontra, impossibilitando, sem recurso a trabalhos de escavação, uma clara identificação das suas plantas.

Será nestes três fundamentais e actualizados textos, agora disponíveis sobre o megalitismo da margem espanhola, que alicerçaremos o nosso estudo para

a margem direita do Sever, aos quais adossaremos as informações por nós recolhidas nos termos de Herrera e Cedillo.

Para a margem portuguesa a informação actualizada disponível resume-se aos trabalhos de Henriques e Caninas atrás referidos e aos nossos anteriores estudos, dos quais destacamos o texto que serviu de suporte à comunicação por nós apresentada no Simpósio Transformação e Mudança, intitulado *Territórios e Variabilidade Megalítica no Nordeste Alentejano* (51) ou à versão actualizada e adaptada do mesmo texto intitulada *O Rio Sever e as Fronteiras no 3º Milénio* (52). Nestes recentes textos evidenciamos já a existência de dois territórios que no interior da bacia do Sever parecem isolar-se separados por uma terra de ninguém delimitada por uma linha de menires. A norte os monumentos de xisto (câmaras simples, segundo P. Ramírez) e a sul os monumentos de granito.

Notas

- (1) - Monumento por nós registado com o número 20
- (2) - Anta do Curral da Atalaia (monumento nº 19)
- (3) - Colleçam dos Documentos e Memorias da Academia Real da História Portuguesa... , " Notícias da Conferência que a Academia Real da História Portugueza fez em 30 de Julho de 1733 - Notícia de Martinho de Mendonça e Pina . NUM XVI.
- (4) - O Archeologo Português, Vol. III, 1897
- (5) - Segundo: RAMÍREZ (1988): 15
- (6) - O autor refere, por exemplo, as ruínas romanas da Aramenha, situadas no concelho de Marvão e em especial uma estátua em mármore, por nós já publicada no nº1 da Ibn Maruán.
- (7) - Segundo os trabalhos sobre a evolução das teses explicativas do Megalitismo elaborados, quer por Rosário Lucas Pellicer (Pellicer, 1986), quer por Vítor Oliveira Jorge (Jorge, 1987).
- (8) - Manuscrito incluído num conjunto de cartas contendo várias informações de interesse arqueológico emitidas pelo Reitor da Igreja Paroquial de S. Teotónio do Termo de Odemira, Rev. José Gaspar Simões, ao Bispo de Beja, D. Frei Manuel do Cenaculo Vilasboas. A carta em referência datará de finais de 1769 e diz o seguinte:

" A imitação dos Homens doutos, q' para indagare' o conhecimento das couzas mais nobres da antiguidade, do qual por falta de historia não se podem instruir, se valem da tradição, e dos preciosos Monumentos q' a mesma antiguid.^e deixou depositados, como Bello Maa da mais pulchra historia, me animei, obrigado de preceito, afazer, seguindo a mesma Tradição constante, e os Monumentos, q' vi, e examinei, hua breve narração .de couzas tão antigas, q' /se não me engano) tiverão a sua origem, e sagrado exercicio neste nobilissimo Reyno de Portugal no tempo da Santa Ley Escripta; pois todos os dittos Monumentos, e Tradição parece serem em tudo coherentes á Sagrada Escritura.

He tradição constante nos Bispados de Lamego, Guarda, e Viseu, q' os Dizimos q' antigamente se pagavão a Deos, se queimavão sobre Altares

fabricados de pedras impolidas. Tambem mes testimarão muitas pessoas, q' nas partes de N.Sr^a. da Lapa, q' está 4 Legoas ao poente da Villa de Trancoso, tinhão visto em alguns sitios muitos grãos de centeio denegridos: e que lhes dizião os naturaes da quelle País; que aquelles grãos queimados se conservavão assim do tempo, em q' os Dizimos se queimavão.

Antes de dar notticia dos Monumentos mepareceu conveniente dizer, q' todos os Altares q' vi estão formados em campos q' se cultivão. Em hum campo q' se chama as Antas, distante da Guarda duas Legoas, entre o Lugar da Pera de Moço, e a quinta do Carvalhal, hindo da ditta Cidade para Pinhel, está perto da estrada á parte direita hum Altar q' eu vi, e examinei no anno de 1753, cuja formalidade he do modo seguinte: estão cinco pedras levantadas postas em circulo, e arrimadas, huas aoutras pelos Lados, excepto na parte do nascente, em que os Lados das duas, q' fazem o seu circulo para esta parte, distão entre si quanto he bast.^e para poder entrar hum homem dentro do circulo: sobre estas cinco pedras q' terão 9 ou 10 palmos de alto, está assentada hua grande pedra, q' he a meza do Altar: e subindo eu sobre esta, e medindo-a a paços, não muito pelas extremid.^{es} achei, q' tinha desacete paços e meyo em circumferencia, q' pela minha conta são cincoenta palmos, ou dez varas portuguezas: advertindo q' todas as dittas pedras são toscas conforme as criou a natureza, nem em parte alguma dellas se descobre signal de as ter tocado instrumento de ferro; e omesmo q' fica referido factura deste Altar e da impolidez das suas pedras, observei em todos os mais q' vi: advertindo em segundo Lugar, q' assim as pedras deste Altar como as dos mais são comuas dos mesmos Paizes em q' estão os Altares, chamando-se na Beira a quella qualid'e de pedra dente de cavallo, aqual he m^{to}. dura de sua natureza.

No referido anno de 1753 hindo para Vizeu do Lugar de Sobral Pichorro p^a. as Antas de Penalva q' são estes Lugares do bispado da d^a. Cidade vi a parte direita da estrada mas algu' tanto distante hum Altar Levantado com sua meza em cima, q' mepareceu tinha amesma formalid.^e do Altar acima referido.

Nos Limites do Lugar de Ruivoz p.^{to} da Villa do Sabugal vi no anno de 1756 os vestigios claros de cinco Altares, cuja formatura he em tudo semelhante a do pres' Altar e cima d.^o, advertindo q' todos huns dos outros, estão dentro da distancia de meya Legoa: e chegando a hum destes q' está em dist^a. p^a. a parte do Norte 300 passos pouco mais, ou menos da Hermida de S. Paulo Apostolo, vi q' as pedras delle estavam levantadas do mesmo

modo, q' as do referido Altar das Antas do Bispado da Guarda; porem a pedra da meza do Altar estava só metade, e cahida p^a. aparte defora: e mandando cavar ao pé de entrada p^a. o circulo q' está entre as duas pedras na parte do nascente em tres, ou quatro palmos defundo se achou hum silice de comprimento de hum palmo e tres dedos, e de largo hum dedo pouca groçura, e meyo curvo na sua factura: e se acharão mais cinco pedras pardas, cuja qualid.^e não he m.^{to} dura: cada hua destas cinco pedras tinham hum palmo de comprimento, e pouco mais de dous dedos na parte mais groça: o sei feitio hera bem semelhante ao de hua punteira de Carpinteiro, porq' hua ponta hera Larga tres dedos e meyo, e esta estava tão polida por hua e outra p.^{te} como hua punteira, de modo q' se fosse ferro poderia sem duvida cortar; e a outra ponta hera pouco mais larga de dois dedos pelo q' nesta ponta hera a pedra quazi quadrada.

Vindo das Vendas do Duque no anno de 1768 para Evora vi á parte direita da estrada hum Altar com a sua meza em cima, e posto q' estava em alg'ua distancia me pareceu semelhante na factura aos referidos acima: Na mesma ocazião caminhando da d.^a Cidade p^a. a Villa de Aguiar, logo que passei o Enxarrama, a pouca distancia vi á parte direita huas pedras em circulo, mais baixas, q' julguei serem vestigios de outro Altar. Tambem me lembro q' vi na Beira tres, ou quatro Altares mais levantados, porem como me esquecerão os sitios; poripso não dou notticia particular delles.

Deoutros Monumentos aesta notticia concern.^{tes} espero dar informação.

O R.^{ev} Joseph Gaspar Simões "

B.P.E. Cod CXXVII fl. 309-310
2-3

(9) - No Decreto da Classificação apenas se refere "Anta da Coutada do Alcogulo", não se esclarecendo de qual das cinco se tratava, todas, provavelmente, ainda conhecidas nessa data.

(10) - Segundo nos informa J.R. Melida no seu trabalho intitulado Monumentos Megalíticos de la Provincia de Cáceres, editado em 1920.

(11) - O Archeologo Português, Vol. I, 1895

(12) - O Archeologo Português, Vol II, 1896. Nesta notícia Leite de Vasconcellos estranha que se tenha encontrado numa anta espanhola uma placa de xisto ornamentada, acrescentando, " O aparecimento de taes objectos fóra de Portugal é novo; com excepção de uns objectos semelhantes, mas de nenhum modo iguaes, que se conheciam provenientes de outros países, não havia ainda apparecido alem da fronteira placa nenhuma como a nossa" (p.5). Segundo Ramírez (1988), a anta onde se terá recolhido este espólio poderá ser uma das que em redor de Aceña de la Borrega se situam, atendendo a que não existe qualquer referência a uma anta denominada de Aceña de la Borrega.

(13) - Mérida, na página 3, afirma textualmente: " De nuestras investigaciones resulta que no parecen haberse empleado, o mejor dicho, no hay megalitos más que en la mitad meridional de la provincia de Cáceres, y que solamente conocemos un grupo de dólmenes situado a la margen derecha del río Tajo, de donde pudiera inferirse que éste señalara la divisoria o frontera septentrional del pueblo que construía dichas sepulturas en el Mediodía de la Península como asimismo al Oeste y al Norte. Sin embargo, varias referencias, sin comprobación hasta ahora, hemos tenido de la posible existencia de dólmenes en puntos del Norte de la provincia y también de otro en la cuenca del Tajo en tierra de Toledo." . Mérida informa ainda que nesta região não tem conhecimento de menires ou "piedras bamboleantes".

(14) - Destes trabalhos publicou-se uma notícia na *Clio* 1 de 1979 intitulada "Importantes descobertas arqueológicas no povoado da Idade do Cobre de Vidais (Marvão)" . Em 1980 no IV Congresso Nacional de Arqueologia foi apresentada uma comunicação por Ana Arruda e Vitor Gonçalves intitulada " A ocupação calcolítica das Lapas dos Vidais". No Volume 3 da *Clio*, editada em 1981, Ana Margarida Arruda e Helena Catarino publicam um artigo intitulado "Nota acerca de alguns materiais da II Idade do Ferro do complexo arqueológico dos Vidais (Marvão)", sendo estas, para além das referências de Afonso do Paço (Paço,

1950), as únicas existentes sobre o mais importante "complexo arqueológico" da bacia do Sever.

(15) - Delmira Maçãs, filha de António Maçãs e afilhada de Baptismo de Leite de Vasconcellos, a expensas suas, publicou em 1991, um interessante livro de memórias intitulado "*Livro de Horas dos Olhos de d'Água em Marvão*". Nesta colectânea de recordações, a autora divulga noventa e sete cartas emitidas por Leite de Vasconcellos e dirigidas a António Maçãs. Queremos transcrever aqui três destas cartas que de forma clara nos ajudam a compreender o processo utilizado por Leite de Vasconcellos para obter os materiais que Pedro Pena exumava de antas e lapas de abrigo do concelho de Marvão:

"CARTA LV

Belém

Museu Etnológico

7.III.917

Ex. am.

Estimo que chegasse bem, e encontrasse de saúde seu Ex.mano, a quem me recomendo.

Arrumando agora no Museu vários objectos que o meu amigo me trouxe há tempos, objectos de Vidais, vi com eles um vasilho de barro, tosco, do feitio de uma laranja, que não é dos Vidais. Sabe o meu am.º donde ele é? Não me deu indicação. Suponho seria da anta. De qual? - obsequiava-me respondendo-me p. o Museu: tenho o vaso à espera, p. o arrumar.

*Adeus. Seu am. obr.
Leite de Vasconcelos*

CARTA LVIII

Lisboa, 25.V.917

Meu Ex. e bom amigo:

Ando há muito p. lhe escrever, mas sem um momento para isso!

O Dr. Figueiredo foi mt. amável: ofereceu-me um machado de bronze. Ele disse-me que talvez um vizinho compre o terreno. Vamos a ver.

Estou-lhe mt. grato por todas as suas amabilidades.

Falei logo com o Dr. Possidónio Coelho que ficou mt. impressionado. Disse-me que, como está a escrever uma monografia sobre Marvão (de que já publicou uma amostra), fora aos Vidais, e que encontrando o homem, este lhe cedera um peso já estragado, pelo qual pediu 50 rs.; o Possidónio deu-lhe 200 réis, sendo de gratificação, por ser pobre, os 150 rs. Mais me disse que o homem o informara de que tinha mais objectos em casa, os quais o Possidónio não tentou adquirir por saber que iam p. o am. Maçãs. Também me disse que se eu quisesse mandar fazer excavação, cedia uma casa que tem próximo, o que aceitarei a seu tempo.

Se o homem não ceder por menos 2.500 réis os objectos, não tenho remédio senão aceitar, mas talvez se o meu am. lhe der a explicação que fica dada, ele se convença de que realmente não falou com inteira exactidão. Melhor seria ver se ele cedia cada objecto por 50 réis. O meu a. lá fará como entender. O que eu não queria era que deixasse de vir os objectos p. o Museu. - O Possidónio disse que punha à m.^a disposição o peso

Mt. agradeço saber a remessa que quer fazer-me do decalque de gesso da lápide camarária.

À parte. O Sardinha escreveu-me querendo justificar-se de não me ceder os objectos, e falou-me em Lógica! Eu dei-lhe uma desanda delicada. Vejo que o homem não é muito esperto, e que quer ser espertalhão!

Quando aparece por Lisboa?

A m.^a casa agora está bonita, e o jardim cheio de flores.

Mt. queria vê-lo cá.

Cumprimentos ao Ex.Mano.

Seu am. mt. obr.

Leite de Vasconcelos

CARTA LXXXI

Belem 20.X.920

Meu mt. querido amigo

Nunca mais tornou a escrever-me àcerca das moedas. Não sei se ficaria zangado. Eu depois fui p. o Norte. Agora estou às suas ordens outra vez. porém não mandou dizer se queria as que indiquei.

O meu am. fêz o favor de mandar para o Museu três pedras, peço o favor de me indicar as procedências no papel junto.

Também lhe peço me diga qual é a pronúncia da palavra Casepio, nome de um lugar na freguesia da Carreira, desse concelho: é Casépio ou Casepio ? com acento no e ou no i ?

Agradeço o convite que me faz para ir aí estrear o seu automóvel. no Natal tenho um convite p. o Alentejo. O convite do meu am.º fica p. o Entrudo, se quiser.

Seu

am.

mt. grato

Leite de Vasconcelos

P.S. A respeito dos Vidais. Em tempo falei-lhe em que havia uma dama que comprara cousas ao homem? Averiguou alguma cousa?

Desejava saber umas cousas a respeito dos Vidais, que vão no mesmo papel

E o tal homem de bronze quando traz ?

Podendo responder-me brevemente, agradecerei.

Pedras mandadas do Alentejo pelo Ex. Sr. Maçãs.

Quais são as procedências?

-Capitel:

-outro capitel:

-fragmento de estatueta

Nos Vidais terão aparecido:

uns cilindros de pedra pequenos do feitio de (...) de 0,10 cm. de comprimento, mais ou menos ?

-Terão aparecido ossos, dentes, ou quaisquer indicações de sepultura?

- Longe do morro ou ao pé?"

São estas cartas de extrema importância para o estudo da investigação arqueológica desta região, mas mais o seriam se conhecêssemos as que António Maçãs dirigiu a Leite de Vasconcelos. Contudo, Delmira Maçãs, nas notas e comentários que faz à correspondência publicada, auxilia em muito a sua

compreensão. Informa-nos, por exemplo, na nota nº24 na página 259 das peripécias por que passou Leite de Vasconcelos na sua visita às antas e lapas da zona de Vidais. Informa-nos ainda das diligências que fez para convencer Bento da Mota de Santo António das Areias a ceder as peças que trocara por víveres com Pedro Pena.

(16) - Para além de uma breve descrição dos materiais os autores apresentam os seus desenhos.

(17) - "Populações pré e proto-históricas do Concelho de Marvão", texto incluído nas actas que vieram a ser editadas em 1952.

(18) - Carta Arqueológica do Concelho de Marvão, texto incluído nas Actas do Congresso que só foram editadas em 1953.

(19) - PAÇO e ARTHUR (1951); PAÇO (1952); COELHO (1946)

(20) - Nas várias campanhas de prospecção que efectuámos nesta região, várias vezes fomos nós os informadores e não os informados. Se proprietários, rendeiros ou pastores encontrámos que conheciam perfeitamente a existência destes monumentos na freguesia de Montalvão, outros contactámos que ignoravam ser proprietários de monumentos megalíticos, ou que ainda não tinham observado que "aquelas pedras tinham ali sido postas pelo homem". Mais interessantes se tornaram as campanhas de prospecção por nós desenvolvidas no Termo Municipal de Cedillo, onde, aquando da nossa chegada se desconhecia completamente a existência deste tipo de monumentos nesta região, embora a menos de quinhentos metros da povoação e em locais bem visíveis se localizem várias sepulturas megalíticas. As suas reduzidas dimensões e a sua semelhança com os afloramentos de xisto explicam que a população as desconhecesse.

(21) - A indefinição fronteiriça nesta região poderá explicar as imprecisões descritas. Entre a povoação espanhola de Aceña de la Borrega e S. Julião, próximo da pequena aldeia da Rabaça, existe uma propriedade denominada Dúvida. Quando

o preço do centeio era mais elevado em Espanha, a propriedade era território espanhol, mas nos anos em que o cereal tinha mais valor em Portugal, já a propriedade era portuguesa. Provavelmente encontramos aqui a razão da presença de peças arqueológicas espanholas em museus portugueses e possíveis monumentos portugueses registados como espanhóis.

(22) - Caetano de Melo Beirão assim denominou este grande conjunto de sepulturas megalíticas (BEIRÃO, 1987:13).

(23) - Almagro Basch (1962), Callejo Serrano (1962), Muñoz Carballo (1965).

(24) - Anta II dos Coureiros, segundo o nosso inventário.

(25) - A maior parte do espólio foi vendido em Valência de Alcântara por um dos escavadores a um colecionador residente em Madrid. O espólio que se encontra exposto em Marvão é proveniente da Anta da Tapada do Castelo e foi por nós já publicado, (Dias, A.C. e Oliveira, J.M.- 1981). Nessa altura (de 1973 a 1976) adquirimos ao rendeiro da propriedade onde se localizam as Lapas de Vidais, por preços que variavam entre 2\$50 e 20\$00, conforme o estado de conservação ou as dimensões da peça, vários machados de pedra polida, pesos de tear, fragmentos de recipientes de cerâmica e outro espólio, hoje no Museu de Marvão. Este material era exumado pelas lapas e provavelmente nas antas localizadas na zona dos Vidais.

(26) - A identificação destas três sepulturas megalíticas e a realocação de grande número das outras só foi possível graças à colaboração do Sr. Manuel Nunes Serigado, recentemente falecido e a quem também se fica a dever o salvamento da Necrópole e Vila Rústica da Herdade dos Pombais, cujas estruturas a proprietária teima em não preservar.

(27) - Actualmente já na segunda edição.

(28) - Na sua casa do Largo de Pizarro, ou na Sociedade de los Artesanos, várias vezes fomos recebidos pelo sempre prestável Professor Elias Diéguez. Ora

cedendo-nos bibliografia inexistente em Portugal, ora servindo-nos de guia, em muito se lhe fica a dever este trabalho.

(29) - As escavações clandestinas desenvolvidas pelo já extinto Grupo de Arqueologia de Castelo de Vide terminaram em 1985, quando delas teve conhecimento o também já extinto Serviço Regional de Arqueologia. Parte dos membros deste grupo integram agora a Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide que tem à sua guarda o espólio arqueológico recolhido no concelho. O único relatório existente das escavações efectuadas pelo Grupo de Arqueologia até 1984 são trinta páginas com o arrolamento das peças exumadas na Anta da Tapada de Matos, também conhecida por Anta dos Mosteiros. Pelo que se pode depreender dos apontamentos manuscritos existentes, a escavação iniciou-se no dia 9 de Agosto de 1983, prolongando-se por cerca de dez dias. Pelas datas existentes, parece-nos que efectuaram outra campanha em Janeiro de 1984, embora também haja registos de Outubro de 1983. Neste arrolamento de materiais encontram-se duas plantas muito esquemáticas do corredor do monumento onde vários números deverão assinalar o local onde se encontrariam as peças. A repetição dos números e a inexistência de qualquer código inviabiliza a compreensão das esquemáticas plantas. Depreende-se, contudo, que a maior concentração de peças localizava-se logo à entrada do corredor. Estes apontamentos estão em diversos locais assinados por António Pita que, na altura, coordenava o Grupo de Arqueologia de Castelo de Vide.

(30) - Em monumentos de xisto são conhecidas as covinhas descritas por Batista e Leitão num dos esteios da Anta da Nave do Padre Santo no concelho de Montalvão e as por nós detectadas num esteio do monumento de Lindon de Campete no termo de Cedillo.

(31) - Agradecemos ao Professor Elias Diéguez e a António Riscado, Alcalde de Cedillo a informação sobre a descoberta deste novo dólmen.

(32) - A Vitor Gonçalves e a Caetano Beirão devemos todo o apoio e incentivos sem os quais não teria sido possível iniciar este projecto, face aos entraves que nos foram colocados.

(33) - O relatório da escavação deste monumento foi por nós apresentado no decurso das 1^{as} Jornadas de Arqueologia do Nordeste Alentejano, realizadas em 1985, cujas actas foram publicadas em 1991.

(34) - O relatório da escavação deste monumento foi publicado no nº2 da Ibn Maruán - Revista Cultural do Concelho de Marvão.

(35) - Vide nota nº22

(36) - O relatório da escavação deste monumento foi por nós apresentado nas IV Jornadas Arqueológicas da Associação dos Arqueólogos Portugueses, realizadas em 1990, cujas actas foram publicadas em 1991.

(37) - Os trabalhos realizados nesta anta foram subsidiados pelo Instituto Português do Património Cultural, Câmara Municipal de Nisa e Portucel E.P..

(38) - Segundo tipologia proposta por Primitiva Ramírez (RAMÍREZ 1988)

(39) - Os trabalhos que efectuámos neste monumento foram apoiados pela Câmara Municipal de Nisa. Contámos também com um reduzido subsídio da SOPORCEL, ao abrigo de um protocolo existente entre as empresas de celulose e o IPPC.

(40) - A escavação deste monumento foi efectuada com o apoio da Câmara Municipal de Nisa.

(41) - Várias diligências fizemos, quer junto da Direcção Regional do IPPAR de Évora, quer no Departamento de Arqueologia em Lisboa, sem que qualquer informação nos fosse prestada. Pelo contrário, recebemos do Departamento de Arqueologia um ofício onde nos era solicitado o envio do relatório da escavação

da Anta da Salgueirinha que não fizemos porque, para ela, um ano e meio depois, ainda aguardamos a respectiva autorização a emanar por aquele Departamento.

(42) - Dos restantes menires conhecidos em território português, mais nenhum possui fossa de implantação. Do Menir Corregedor desconhecemos o local exacto da sua implantação e o dos Pombais, porque foi talhado num afloramento natural, não tem alvéolo, ainda que, tal como o anterior, se encontre incluído num espaço de habitat pré-histórico.

(43) - De fundamental importância para o sucesso destas campanhas foram as muitas informações que a população de Cedillo nos transmitiu. Ao Primeiro e Segundo Alcaldes de Cedillo, respectivamente Don António Riscado e Dr. Miguel Angel Morales, em muito se ficam a dever os resultados obtidos, bem como a todos aqueles que por várias vezes nos acompanharam pelas longas "lomas" que ladeiam o Sever e o Tejo. O nosso especial reconhecimento para Simon Tomáz e Sigfrido Marquez, nossos colaboradores de prospecção que diariamente nos acompanharam.

(44) - Nas autorizações de escavação de 1990, relativas às antas da Figueira Branca (Marvão) e Coureiros II e III (Castelo de Vide), condicionavam-se os trabalhos a desenvolver a normas e planos de escavação pré-determinados pelos técnicos do IPPC, não nos sendo permitido alargar ou alterar a área de escavação em função do desenvolvimento dos trabalhos, como deverá, normalmente, ocorrer. Vejamos, a título de exemplo, o conteúdo de uma das autorizações. No ofício que nos autoriza a escavação da Anta II dos Coureiros (DA 90/1 (113)) pode ler-se: " Não querendo inviabilizar a continuação do estudo deste monumento megalítico integrado no projecto de investigação subscrito por V.Exª., este Instituto autoriza os trabalhos de limpeza e desmontagem dos muretes encostados a nascente da Câmara, uma sondagem na área da mamôa e outra na área do provável corredor, reservando-se a concessão de autorização para trabalhos mais extensos para uma fase posterior..." . Para a escavação da Anta da Figueira Branca, para além de um longo enumerar de normas de escavação, incluídas no ofício que nos autorizava os

trabalhos (DA 90/1(116)), fomos, ainda, verbalmente condicionados a abrir uma única sondagem na mamoa. Esta única sondagem impossibilitou a compreensão do contexto em que se inseriam os carvões que na base do monumento se detectaram, bem como inviabilizou o estudo dum provável enterramento tardio que parece existir na face poente do monumento.

(45) - A evolução toponímica e a rara utilização de coordenadas na localização das sepulturas megalíticas contribui para que, em certos casos, sobretudo com monumentos já desaparecidos ou em propriedades onde vários se localizam, seja hoje quase impossível saber de que monumento se trata. Problemas de localização colocaram-se-nos, sobretudo, com os cinco monumentos do Monte do Alcolgulo, em Castelo de Vide, referidos por Pereira da Costa e posteriormente citados por todos os autores com pequenas variações de nomes, mas suficientes para estabelecer a total confusão, quando, na actualidade apenas se conhecem três monumentos nesta propriedade. Os monumentos da zona norte do concelho de Nisa, especialmente os que foram afectados pela florestação e os que nas imediações da Salavessa e Pé da Serra se situam ou situavam e que em muito foram afectados pela expansão urbana, apresentam problemas de uma identificação correcta. No termo de Valência de Alcântara, onde diversos investigadores trabalharam, continuam a colocar-se problemas de identificação dos monumentos. As antas situadas nas imediações da povoação da Aceña de la Borrega, a sul de Valência de Alcântara, são as que maiores confusões toponímicas provocaram. Mais do que na margem portuguesa, os monumentos espanhóis foram objecto de diversas denominações, quase proporcionais ao número dos investigadores que aqui trabalharam. Condensar toda a informação existente sobre cerca de duas centenas de monumentos incluídos no mapa geral do nosso trabalho e atribuir-lhes uma numeração e uma denominação actualizada e consensual na medida do possível contribui para que alguns monumentos inventariados tivessem sido registados com recurso a informações pouco seguras. Foi nossa preocupação localizar também pormenorizadamente os monumentos que, embora fora da bacia do Sever, se incluem no mapa geral por nós apresentado. Para a localização destes

monumentos, alguns dos quais por motivos vários não nos foi possível visitar, servimo-nos das informações disponíveis, tendo sido necessário muitas vezes reafinar ou confrontar critérios de localização e nalguns casos corrigir coordenadas lidas anteriormente.

(46) - Vinte sepulturas megalíticas em Cedillo e duas em Herrera de Alcântara.

(47) - Anta do Curral do Galhordas e Anta da Tapada do Souto situadas na margem esquerda da Ribeira de Nisa.

(48) - Vide nota nº 31

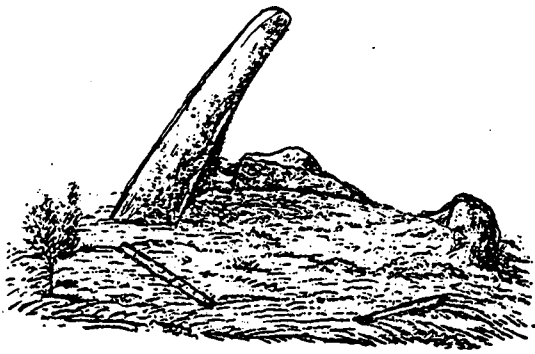
(49) - Identificada pelo Arqueólogo Pedro Almeida do IPPAR.

(50) - Esta relação parece-nos algo estranha, tanto mais que os monumentos de Santiago são, na sua maioria, em xisto, com formas que variam entre a cista e a pequena galeria, enquanto que os monumentos de Marvão são de granito e possuem câmaras poligonais bem diferenciadas em relação ao corredor. Neste concelho, apenas a Anta dos Pombais possui esteios em xisto e apresenta uma planta onde o corredor pouco se destaca da câmara. Se relações estreitas existem entre os dois lados da fronteira, elas estabelecem-se entre os monumentos de Santiago e Cedillo com os de Montalvão e Salavessa ou entre os de Valência e os de Marvão, como noutra capítulo demonstraremos.

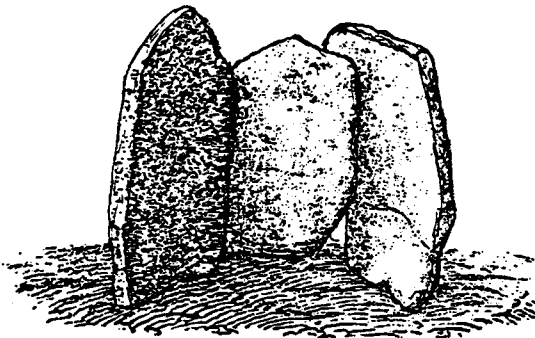
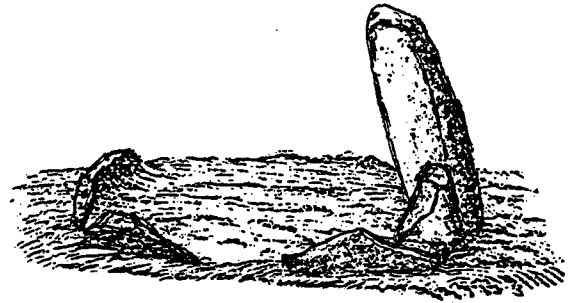
(51) - Actas do 1º Simpósio Transformação e Mudança - O 4º e 3º milénio no Centro/Sul de Portugal, UNIARQ, Cascais, 1993. (no prelo)

(52) - Actas do Seminário Cooperação e Desenvolvimento Transfronteiriço - Zona Tejo/Ródão - "perspectivas de futuro", Vila Velha de Ródão, 1993.

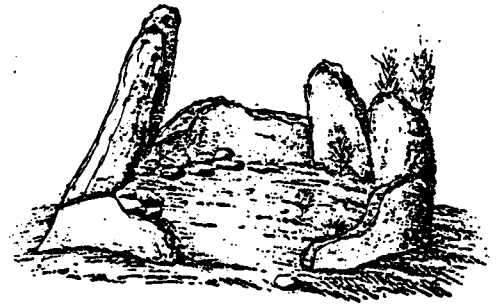
DOCUMENTAÇÃO GRÁFICA



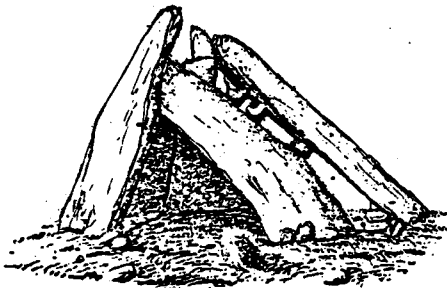
1



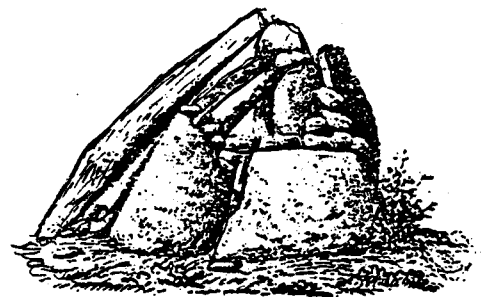
2



3



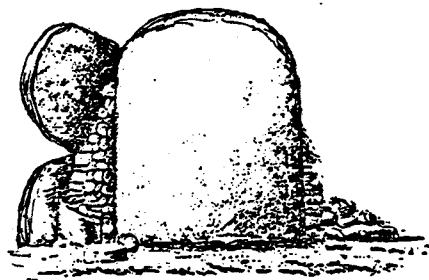
4



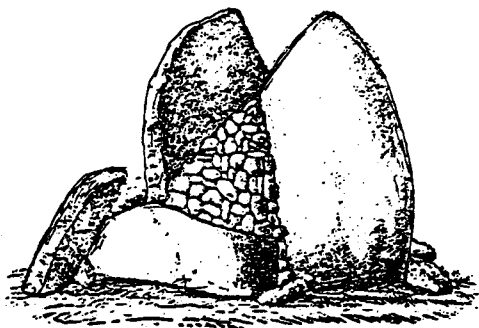
1- Anta dos Olheiros 2- Anta da Várzea dos Mourões 3- Anta da Casa do Galhardo 4- Anta do Pedro Álvaro (segundo Pereira da Costa)



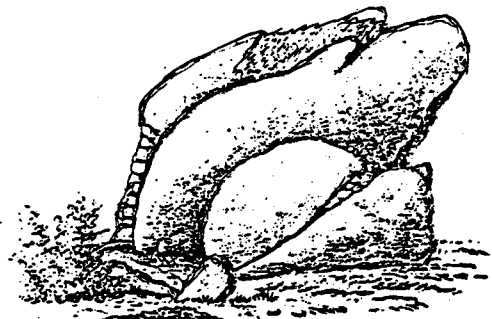
1a



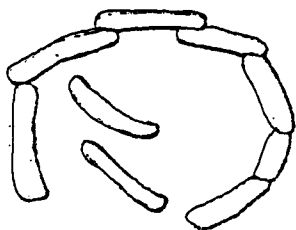
1b



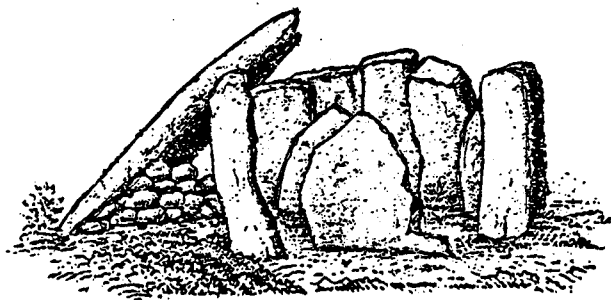
1c



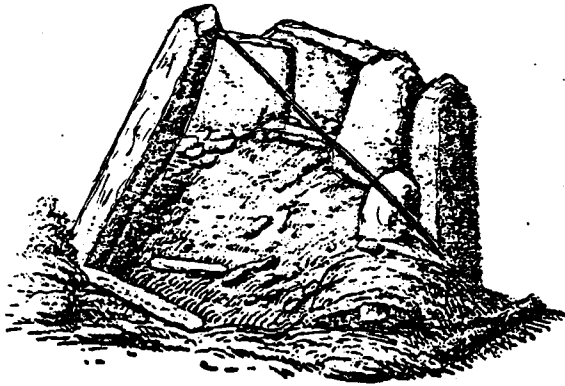
1d



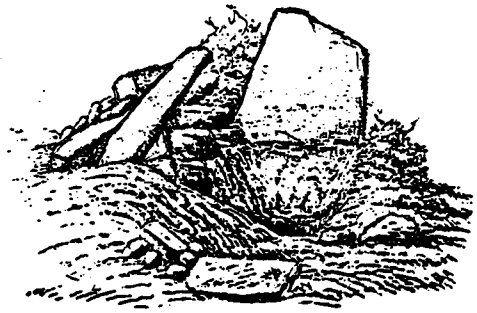
2



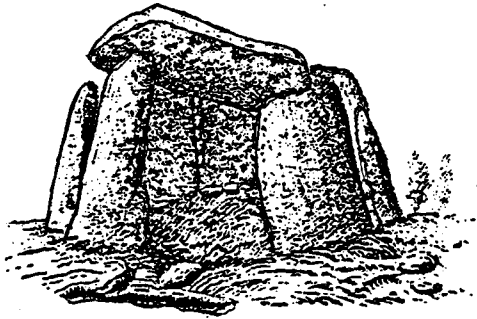
1a, 1b, 1c, 1d- Anta dos Coureiros 2- Anta da Nave do Grou ou do Sobral (segundo Pereira da Costa)



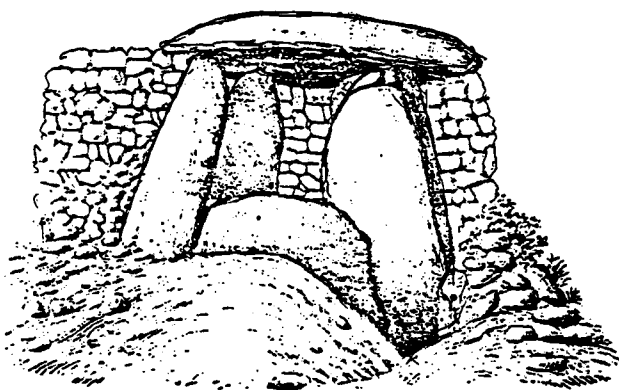
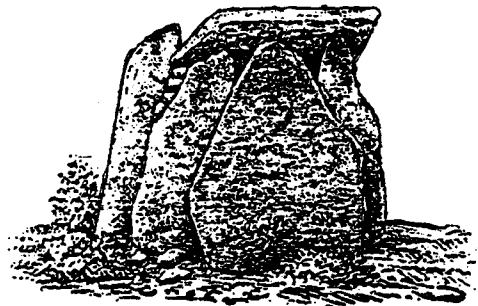
1



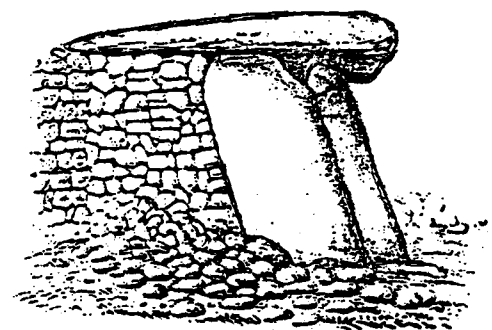
2



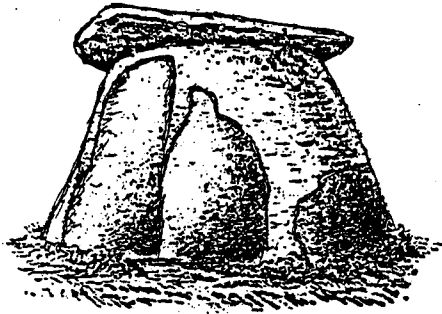
3



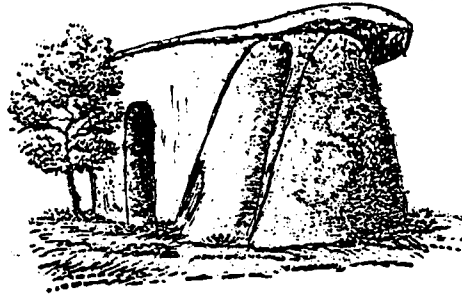
4



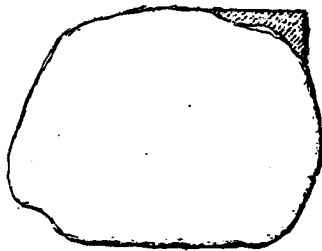
1- Anta do Milhar do Cabeço ou da Coutada do Alcogulo 2- Anta da Torre da Coutada do Alcogulo 3- Anta do Alcogulo 4- Anta da Borda do Porto dos Pinheiros (segundo Pereira da Costa)



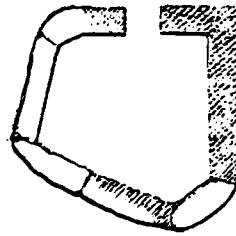
1a



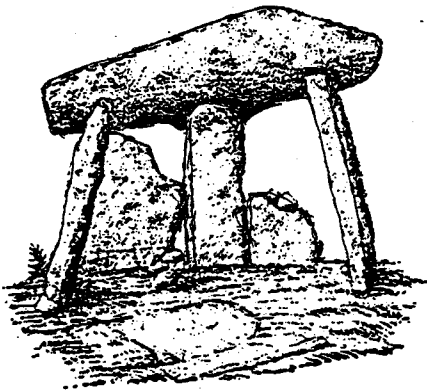
1b



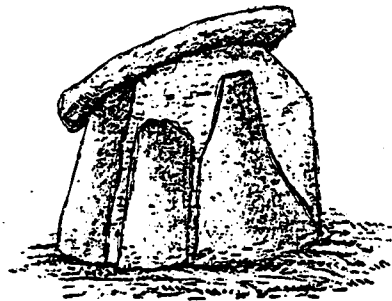
1c



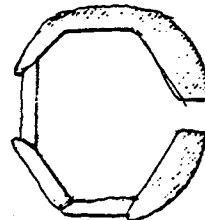
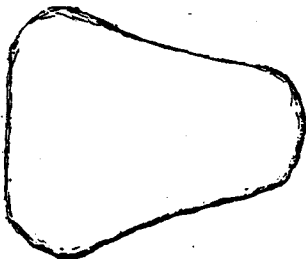
1d



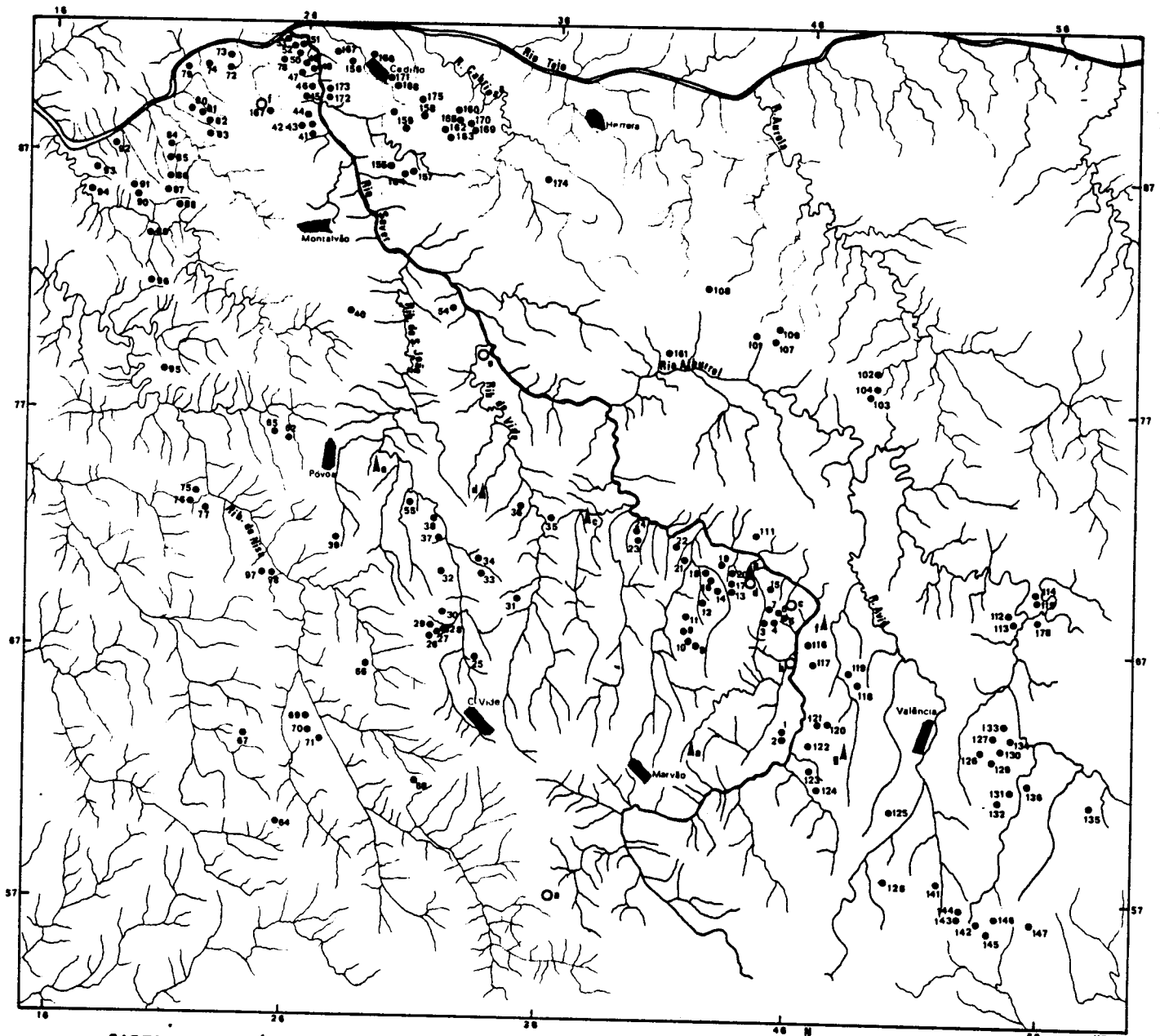
2



3



1a, 1b, 1c, 1d - Anta do Pombal 2- Anta da Melriça 3- Anta do Mouratão
(segundo Pereira da Costa)



CARTA HIDROGRÁFICA DA BACIA DO SEVER

0 4Km UTM
 • SEPULTURA MEGALÍTICA
 ▲ MENIR
 ○ HABITAT

CAP. II DAS NASCENTES À FOZ DO RIO SEVER

"He a serra de Portalegre hua das melhores da Lusitania do seu tamanho, em que parece estremarse a natureza na fresquidão de arvoredo, a muytos prados, & diversidade de boas fruitas, suavidade de ares apraziveis, que correndo entre flores, & hervas cheirosas sopram muy suavemente roido musico, & soidoso de varias plantas, multidão de claras fontes, doces, & frias agoas. He toda cuberta de sombrios sotos, pomares, vinhas, olivae, & de muy altos castanheiros, & outras arvores tecidas per obra da natureza em troncos de graciosa era, & della cingidas & suas ramas, que representão em todo o anno o mes de Mayo, & nunca perde de todo a ferosura da sua primavera. E de todas ellas se corta tanta madeyra, que provèe grande parte dos lugares d'Alentejo, & dos da arraya de Castella. Corre pelo meio della hum fresco arroyo de cristalinas aguas, que todo o anno a regão, & provèe de muytas acenhas, & pizões...". (1)

Assim descrevia, no século XVI, o Bispo de Portalegre, D. Frei Amador Arrais ou, já anteriormente, o seu irmão, Dr. Hierónimo Arrais (2), a Serra de S. Mamede ou de Portalegre como também é conhecida, em cuja falda norte o Rio Sever se forma.

Sobre a origem do nome Sever conta-nos o Prior de Marvão, Frei Miguel Viegas Bravo, em 1758 a seguinte lenda: " (...) se dis, que as filhas dos godos, e Arménios, cuja Cidade no Nascente deste Rio se ve, ainda hoje destruhida, na falta de espelhos para seus adornos, se hião ver nas suas agoas; e que preguntadas d'onde vinhão, respondião que de se ver, e que daqui veio ficar o nome de sever a este Rio..."(3).

De várias nascentes, em cotas que oscilam entre os 750 e os 900 metros, por entre os chamados Canchos da Briga, nascem os pequenos regatos que irão, mais a jusante, formar dois ribeiros. O Ribeiro das Reveladas e o do Porto da Espada unem-se, junto ao Monte Herminio, na cota de 540 metros para darem origem, então, ao Rio Sever.(4)

Por entre xistos argilosos do Devónico, quartzitos do Silúrico e alguns depósitos de vertente que formam a encosta norte da Serra de S. Mamede, correm os ribeiros das Reveladas e do Porto da Espada no fundo de vales muito cavados (Perdigão e Fernandes, 1976). Nas imediações de São Salvador da Aramenha, em terrenos mais planos e nas proximidades das pedreiras de "calcários dolomíticos atribuídos ao Devónico médio" (Gonçalves, 1986:14), o curso do Sever inflecte para nascente abandonando a orientação Sudeste - Noroeste que de início apresentava. Já em terrenos da Portagem o "Sever atravessa uma crista de quartzito silúrico no local da Ponte Romana (logo ao jusante da ponte da estrada da Portagem); trata-se de uma bancada de uns 13 m de espessura, constituída por vários estratos de um quartzito duro e com diaclases normais à estratificação;" (Feio e Almeida, 1980:19,20). (5)

Neste local já o Rio Sever recebe as águas de outros ribeiros como o das Trutas e a do Vale de Alcaide, tributários da margem esquerda. Apertado entre as

cristas quartzíticas do Cabeço do Mouro a norte e o complexo xisto grauváquico a sul, na zona de Santo António dos Bardos de Cardos, o Rio Sever, que neste local se chama apenas de Ribeira, entra, após percorridos 14 km desde as suas nascentes, nos granitos calco-alcalinos, profiróides de grão médio e grosso. Percorridos 5 km por entre terrenos graníticos e depois de receber as águas da Ribeira dos Galegos, o Rio Sever, a partir do marco fronteiro nº674, junto ao Moinho da Negra e nos próximos 46 km serve de fronteira entre Portugal e Espanha até desaguar no Tejo.

Do Moinho da Negra, até atingir de novo os xistos, sete mil metros mais a norte, o Rio Sever recebe as águas do Regato de la Miera, em território espanhol, e do Ribeiro do Lobo, em Portugal. Em cotas de 300 metros o Sever entra no complexo xisto-grauváquico ante-ordovício até à sua foz, engrossando entretanto o seu caudal com o tributo da ribeira do Vale do Cano que separa o concelho de Castelo de Vide e Marvão da ribeira de Vide e da de S. João na margem esquerda. Na margem direita desaguam no Sever o rio Alburrel, o regato de la Mujer e o regato Aguas Blancas.

Da foz da ribeira de S. João até à união do Sever com o Tejo, num percurso de aproximadamente doze mil metros, não encontramos mais nenhum afluente de regime anual. Os pequenos regatos demarcados na diversa cartografia apresentam-se com caudais estacionais, tendo desaparecido, entre 1985 e 1986, grande parte destes talvegues na margem portuguesa, devido aos profundos trabalhos de movimentação de solos levados a cabo para a plantação de eucaliptos.

O traçado dos afluentes do Sever mostra que os cursos de água tiveram que seguir a orientação das rochas encaixantes, provocando uma série de curvas e contracurvas, em meandro, sendo todo este fenómeno ditado pela discordância de orientações das rochas que forma as suas margens, causadas essencialmente por fenómenos tectónicos. Para tanto, observe-se a forma como corre o Rio Alburrel ou a Ribeira de S. João.

Praticamente ao longo de todo o percurso o Sever corre encaixado em vales profundos, apenas se espraiando no vale da Aramenha composto por depósitos de vertente. Mas é sobretudo para norte de Montalvão que as margens deste rio se tornam mais abruptas, atingindo as pendentes máximas junto ao Tejo.

O Rio Sever, nascendo no extremo sul do concelho de Marvão, percorre-o no sentido sul-norte e ladeia a oeste os termos municipais de Valência de Alcântara, Herrera de Alcântara e Cedillo. Na margem portuguesa delimita a Este parte do concelho de Marvão e os concelhos de Castelo de Vide e Nisa.

Com uma orientação genérica sul-norte este rio que nasce na serra de maior altitude do sul de Portugal (S. Mamede 1027 m), em cotas máximas de 900 metros, desagua no Tejo a uma cota média, actual, de 100 metros. O desnível de 800 metros esbate-se ao longo dos 63 quilómetros do seu percurso, verificando-se o maior declive logo junto à nascente. A cota de 500 metros é atingida nas imediações da Portagem, nove quilómetros a jusante da nascente. Os restantes 300 metros de diferença altimétrica dividem-se, irregularmente, pelos 54 quilómetros restantes até desaguar no Rio Tejo.

A bacia hidrográfica do Sever, bastante semelhante em ambas as margens, tanto em extensão, como em paisagem, ocupa uma área total de cerca de 450 km². Muito mais ampla junto à Serra, ela vai estreitando à medida que nos aproximamos da foz.

Na margem portuguesa os seus festos delimitadores são coroados, espaçadamente, pelas povoações de Marvão, Castelo de Vide, Póvoa e Montalvão. Todas estas povoações, em linha de vista umas das outras, com vestígios que remontam, pelo menos, à época da reconquista cristã, desempenharam papel fundamental na definição da actual fronteira política. Esta linha de defesa desenvolve-se paralelamente ao curso do rio Sever. Na margem direita a bacia não apresenta um festo principal tão evidente quanto o da margem portuguesa. A principal povoação, Valência de Alcântara, provavelmente de fundação romana (Serrano, 1981), implanta-se na margem esquerda da ribeira de Avid, no interior da

bacia do rio Alburrel, afluente do Sever. A outra povoação que na margem direita da bacia do Sever se localiza é Cedillo, povoado que, pelos vestígios identificados, remontará, seguramente, à Alta Idade Média. A rede urbana de Cedillo organiza-se ao longo do festo delimitador da bacia do Sever, sobranceira, também, ao rio Tejo.

De Cedillo até às imediações do Alburrel, a linha de cumeeada que separa a bacia do Sever do ribeiro da Cabriosa e mais a sul do rio Aurela é coroada pela velha estrada real que ainda hoje une Valência a Herrera, desviando-se para Cedillo próximo da Marrofera. A Este do rio Alburrel o festo definidor da bacia do Sever tem maior expressão com as cristas quartzíticas da Peña Furada, Sierra de los Lapones, Sierra de los Taliscones, Sierra Medina e Sierra de la Venta. A Sul a bacia é fechada pela Serra de S. Mamede que se desenvolve no sentido Noroeste - Sudeste. É esta orientação e a altitude que atinge, somadas às características dos "solos carbonatados, alcalinos, muito embora, nalguns pontos, já mais ou menos lexiviados" (Malato-Beliz, 1986:10) que criaram as condições para que nas faldas da Serra de S. Mamede uma flora exuberante e rara na Península Ibérica se desenvolvesse.

Dois climas distintos são evidentes na bacia do Sever. A Sul, e por influência da Serra de S. Mamede, encontramos um clima atlântico que se prolonga até às cotas de 500 metros. Desta cota até à foz o clima mediterrânico faz-se sentir (Mendes, 1992). É notório, contudo, que à medida que se avança para norte, sobretudo já no interior do complexo xisto-grauváquico, maiores vão sendo as amplitudes térmicas, acentuando-se gradualmente as características climáticas do mediterrânico. Estas características terão a sua maior expressão na zona do Chão Salgado em território português e no planalto de El Herradero a sul do Termo de Herrera. Já sob a influência do Tejo, a foz do Sever apresenta alguns sinais de redução das amplitudes, embora bastante distantes das verificadas junto a S. Mamede.

Na zona sul da bacia do Sever, " a altitude e as situações de exposição ao quadrante Norte, húmido e frio, permitem que aqui prevaleçam condições de clima

atlântico, constituindo a superfície serrana a única, a sul do Tejo, onde tais condições se patenteiam claramente" (Malato-Beliz, 1986:10). Como nos diz Malato-Beliz, por estas razões aqui ocorrem plantas características de regiões situadas mais a norte, como sejam o *Dianthus lusitanus*, a *Armeria alliacea*, a *Linaria saxatilis*, os *Crocus carpetanus*, o *Narcissus triandrus* subsp. *pallidulus*, o *Physospermum cornubiense*, a *Linaria triornithophora*, o *Trifolium ochroleucon*, o *Polygonatum odoratum*, a *Phyllitis scolopendrium*, a *Ferulago capillifolia* e tantas outras.

Em cotas mais baixas, especialmente desde Aceña de la Borrega até às imediações do vale de Castelo de Vide, o coberto vegetal altera-se, comparativamente com o existente nos cumes. Não se trata de espécies tão raras como as que ocorrem pelas alturas de S.Mamede, contudo aqui podem encontrar-se a *Limodorum abortivum*, a *Euphorbia nicaeensis*, e a *Trisetum scabriusculum* que rareiam nesta zona da Península.

Na ausência de análises polínicas para esta região (6), o trabalho de Malato-Beliz de que nos temos vindo a socorrer (Malato-Beliz, 1986), avança uma proposta de evolução do coberto vegetal da zona sul da bacia do Sever e que abrange, genericamente, a área granítica e as cristas silúricas, devónicas e ordovícias de S.Mamede, que corresponde à região submetida ao clima atlântico. Segundo este autor, a vegetação primitiva era formada por frondosos carvalhais de carvalho negral (*Quercus pyrenaica*). A abundância desta espécie obrigava a que, ainda no século passado, fosse permitido aos pastores e agricultores da Serra de S.Mamede o uso de armas para se defenderem das feras que se acoitavam na floresta. Outro autor, (Bacharel, 1992) diz-nos que a vegetação climática desta região "logo após o Mesolítico" era composta pelo referido carvalho negral e pelo carvalho roble (*Quercus robur*), enquanto que nas cotas mais baixas, já sob a influência do clima mediterrânico, o coberto arbóreo seria composto pelas quercíneas perenifólias, como o sobreiro (*Quercus suber*) e a azinheira (*Quercus ilex*).

Segundo a opinião dos dois autores referidos, ao tempo dos romanos teria sido aqui introduzido o castanheiro (*Castanea sativa*) (7). Esta espécie arbórea transformaria radicalmente a paisagem da serra, ocupando grandes manchas até aí revestidas por carvalhos. A podridão radicular e o abate desordenado de castanheiros fez recuar significativamente o seu número nos últimos anos. O pinheiro bravo (*Pinus pinaster*) que foi introduzido em grande escala desde os finais do século passado na Serra de S. Mamede, rapidamente ocupou as áreas deixadas pelo castanheiro.

No que respeita à oliveira e à videira, Luís Bacharel diz-nos que: "A oliveira (*Olea sativa*) e a videira (*Vitis vinifera*) bem conhecidas nas nossas latitudes e, obviamente, na região em apreço, teriam sido trazidas pelos gregos para França, 600 anos a.C., e daqui irradiado para a Itália, a Gália e a Península Ibérica. O naturalista romano do séc. I, Plínio o Velho, na sua "História Natural" afirma que, no reinado de Tarquínio o Antigo (616 - 519 a.C.), ainda não existiam oliveiras, nem na Europa, nem no Norte de África." (Bacharel, 1992:203).

O ambiente de floresta que se conheceu na serra e abas sob influência atlântica, foi gradualmente alterado pela mão do homem. As clareiras abertas em terrenos menos inclinados para a cultura de cereais, a procura de madeiras para a construção de habitações e abastecimento dos fornos de cal da Escusa, alguns a funcionar desde o tempo dos romanos (Mena, 1992), e os fogos, sobretudo os ocorridos ao tempo da Guerra da Restauração, provocaram que o vasto coberto arbóreo que caracterizava a Serra de S. Mamede actualmente se encontre limitado a reduzidas áreas. No seu lugar a torga (*Calluna vulgaris*), a urgueira (*Erica australis*), a quiró (*Erica umbellata*), o sargaço peludo (*Cistus psilosepalus*), a carqueja (*Chamaespartium tridentatum*) e o tojo molar (*Ulex minor*) ocupam grandes áreas.

Na freguesia de S. Salvador de Aramenha, especialmente no vale do Sever, o pinheiro manso (*Pinus pinea*), o salgueiro (*Salix babylonica*), o vidoeiro (*Betula pubescens*), a nogueira (*Jugilans regia*), o amieiro (*Alnus glutinosa*), a

aveleira (*Corylus avellana*), mas sobretudo o choupo (*Populus alba* e *Populus nigra*) e o freixo (*Fraxinus excelsior*) caracterizam o coberto vegetal deste fresco vale (Mendes, 1992).

A área norte da bacia do Sever, sob influência do clima mediterrânico, apresenta um coberto vegetal mais monótono e menos complexo, bastante semelhante ao que predomina nas encostas e peneplanície que a sul da Serra de S. Mamede se encontram.

Nos solos graníticos dos concelhos de Marvão, Castelo de Vide e Valência de Alcântara predomina o sobreiro (*Quercus suber*), intervalado por alguns carvalhos negrais, aumentando a frequência da azinheira (*Quercus ilex*) à medida que nos aproximamos dos terrenos xistosos. Para além destas espécies arbóreas cobrem os solos a giesta branca (*Cytisus multiflorus*), o travisco (*Daphne gnidium*), a esteva (*Cistus ladanifer*), o feto ordinário (*Pteridium aquilinum*) e os sargaços (*Cistus salvifolius*, *Cistus crispus*) (Malato-Beliz, 1986; Mendes, 1992).

Em pleno complexo xisto-grauváquico dominado pelo clima mediterrânico que caracteriza a zona norte da área em estudo, a esteva ou xara e a azinheira e já raros sobreiros dominam a paisagem. Nalguns vales mais férteis e em encostas favorecidas pela orientação, pequenos olivais polvilhados por figueiras podem ocorrer.

Como vimos, quer em termos climáticos, quer em termos do coberto vegetal, dois territórios, também diferenciados em termos geológicos, são isoláveis na bacia hidrográfica do Sever.

Os estudos disponíveis ainda não nos possibilitam caracterizar, em termos faunísticos, os dois territórios anteriormente isolados. Os diversos ecossistemas que se reconhecem ao longo da bacia do Sever, ainda que muito humanizada,

sobretudo a meio curso, criam condições para que diversas espécies aqui encontrem ambientes favoráveis à sua fixação. Fastidioso se tornaria apresentar toda a lista faunística já disponível. Limitamo-nos a enumerar, a partir do inventário mais actual (Mendes,1992), os principais membros dos vertebrados das classes dos mamíferos, das aves, dos répteis e dos anfíbios.

Classe dos mamíferos

Lobo ibérico (*Canis lupus signatus Cabrera*)

Lince ibérico (*Lynx pardina*)

Javali (*Sus scrofa scrofa*)

Veado (*Cervus elaphus hispanicus*)

Raposa (*Vulpes vulpes silacea*)

Lontra (*Lutra lutra*)

Gineta (*Genetta genetta*)

Saca Rabos (*Herpestes ichneumon*)

Texugo (*Meles meles*)

Fuinha (*Martes foina*)

Doninha (*Mustela nivalis*)

Toirão (*Mustela putorius*)

Lebre comum (*Lepus granatensis gailaecius*)

Coelho bravo (*Oryctolagus caniculus algirus*)

Ouriço-cacheiro (*Erinaceus europaeus*) ...

Aves

Grifo (*Gyps fulvus*)

Abutre do Egípto (*Neophron percnopterus*)

Abutre negro (*Aegypius monachus*)

Águia real (*Aquila chrysaetos*)

Cegonha negra (*Ciconia nigra*)

Cegonha branca (*Ciconia ciconia*)

Butio (*Buteo buteo*)

Falcão peregrino (*Falco peregrinus*)

Pombo bravo (*Columba livia*)

Pombo-das-rochas (*Columba oenas*)

Rola (*Streptopelia turtur*)

Melro aquático (*Cinclus cinclus*)...

Répteis e Anfíbios

Cobra bastarda (*Malpolon monspessulanus*)

Cobra-de-escada (*Elaphe scalaris*)

Cobra-de-água (*Natrix natrix*)

Víbora (*Vipera latasti*)

Osga (*Tarentola mauritanica*)

Lagarto ocelado (*Lacerta lepida*)

Lagarto-de-água (*Lacerta schreiberi*)

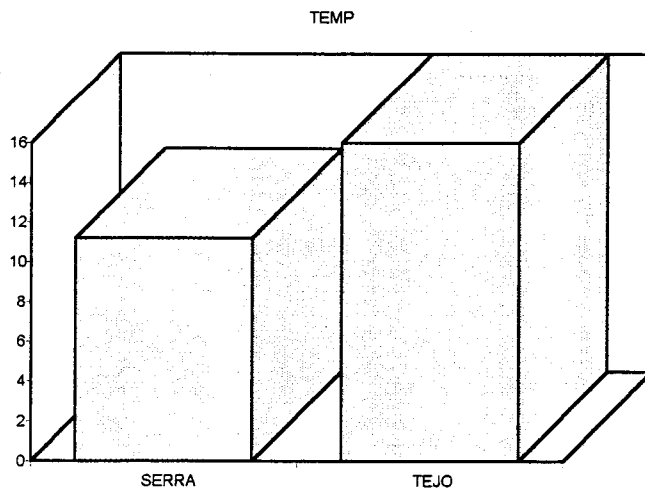
Rã-dos-charcos (*Rana ridibunda*)

Tritão (*Triturus helveticus*)...

A abundante e variada fauna de que as espécies acima referidas são uma pequena amostragem distribui-se irregularmente pela bacia do Sever, de acordo com os ambientes preferidos, estando em natural desvantagem, ainda que com uma presença humana diminuta, a região do Chão Salgado, o planalto de El Herradero e as "Lomas de La Sonana", onde as grandes amplitudes térmicas são mais marcadas.

Torna-se evidente a existência de duas regiões na área da bacia hidrográfica do Sever em termos geológicos, orográficos e climáticos com os consequentes ecossistemas que proporcionam.

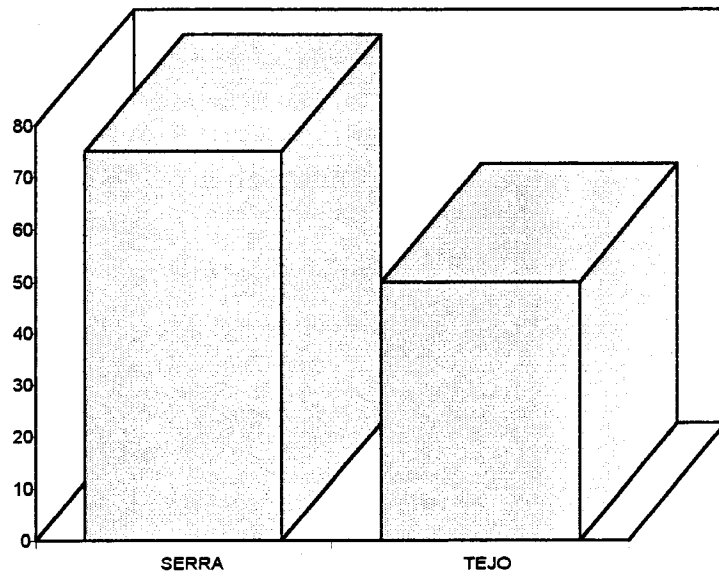
Entre 1931 e 1960 a temperatura média do ar na zona dos granitos nas imediações de Marvão, Castelo de Vide e Valência de Alcântara oscilou entre os 10 e os 12,5 graus, enquanto que junto à foz do Sever a média manteve-se entre os 15 e os 17 graus centígrados (8).



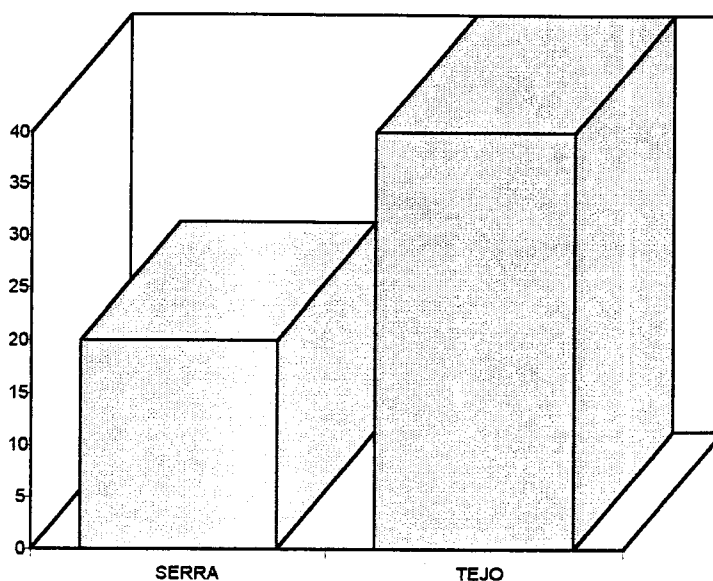
Temperaturas médias anuais entre a Serra e a foz do Sever

Se atendermos à Carta da Precipitação - número de dias por ano, entre 1931 e 1960, observamos que na zona da Serra a média de dias de chuva atinge os 75 por ano, contrastando com a zona do Chão Salgado e Tejo em que a média apenas chega aos 50 dias (9).

Pela Carta da Precipitação - quantidade total, também entre 1931 e 1960, evidencia-se, mais uma vez, a separação nítida entre a zona sul e a zona norte do Sever. Nesta os valores médios anuais de precipitação variam entre os 600 e os 700 mm, enquanto que na zona sul a média oscila entre os 800 e os 1000 mm (10).



Diferença de precipitação, em número de dias por ano, entre a Serra e a foz do Sever



Número médio de dias de geada por ano na Serra e foz do Sever

Esta separação entre os dois territórios é também evidente no número de dias de geada por ano. Na área dos granitos, correspondendo ao corredor que passa por Valência, Marvão, Castelo de Vide e se prolonga para Alpalhão, verificamos que o número médio de dias com formação de geada por ano é de 20, enquanto que junto à foz do Sever este valor aumenta para o dobro (11).

Noutros aspectos continua a ser bem nítida a diferença entre o Norte e o Sul da bacia do Sever. Esta diferença observa-se no tipo de solos e na sua capacidade de uso, na intensidade sísmica, na humidade do ar, na classe de declives, nos valores médios anuais de insolação e em tantos outros aspectos que criaram condições para que particularidades culturais também as distinguissem.

Notas

(1) - Página 236 da edição de 1974.

(2) - Segundo nos informa o Padre Diogo Pereira Sotto Maior no seu Tratado da Cidade de Portalegre, datado de 1619, o Bispo D. Frei Amador Arrais "Acabou uns Diálogos que o doctor Hierónimo Arrais, seu irmão, havia começado, cheios de muita doutrina e erudição pera todo o fiel cristão se aproveitar deles" (Sotto Maior, 1984:89). A darmos crédito ao texto do " Indigno capelão Diogo Pereira Sotto Maior ", assim se nomeava a ele próprio, fica por esclarecer qual dos dois irmãos Arrais teria escrito o Capítulo VIII que trata "Da Serra, & Cidade de Portalegre, Municipio do Antigo Latio", incluído no Diálogo Quarto.

(3) - Memória Paroquial de Santa Maria de Marvão, Vol. 22, M^a.74, p.471.

(4) - A respeito das nascentes do Sever e da importância das suas águas reveste-se de bastante interesse o testemunho que delas faz o Cura de S.Salvador da Aramenha em 1758, incluído nas Memórias Paroquiais, Vol. IV, M^a.34,pp.181-195, e que diz o seguinte:

" A Ribeira que corre perto desta Parrochial Igreja tem os seus nascimentos no districto desta freguezia e os mais principais sam: o da ribeira das Naves; o da ribeira das reveladas; o da ribeira da Magdalena; o dos olhos d'agoa; o do ribeiro das trutas; tem no destricto desta freguezia vinte nove engenhos (...)

A ribeira das Naves nasce na costa da Serra de Sam Mamede da parte do Nascente defronte do monte do Porto da Espada, aonde esta freguezia confina com a de Sam Juliam, e vem sempre correndo para a parte do Norte ao longo da Serra por terra fragoza com curso arebatado até à fonte dos Coelhoiros, e o nascimento desta fonte se lhe ajunta, cria alguns pexes, e munta truta, não tem engenho algum porque alguns annos deixa de correr com distancia de um quarto de legoa, aonde chamão as juntas perto do Pizam novo, entra na ribeira das reveladas.

A Ribeira das Reveladas tem hum nascimento na mesma serra de Sam Mamede da parte do Norte no citio das reveladas de sima com tanta abundancia de agoa, que logo a poucos passos fas moer huma asenha. (...)

No destrito desta freguezia para a parte do Poente em hum plano, que fica entre a serra de Sam Mamede e a da gatta no citio dos Alvarroins nasce a ribeira da Mgdalena e corre o seu nascimento do Sul para o Norte (...)

Os olhos d'agoa nascem na costa da Serra da Portagem para a parte do Poente, perto do matto da ladeira (...) sam tres nascimentos na distancia de seis passos, e tam abundantes de agoas, que a tiro de balla fazem moer ao mesmo tempo juntos huma asenha, e hum moinho de cubo (...)

Todos os sobredittos nascimentos juntos fazem uma grande Ribeira, que corre para o Norte (...)

Por todos os sobreditos citios corre a ribeira arebatada, e tem todas as vargens cheas de tapadas com suas hortas pumares, soutos, e nas Rebanteiras muntos amieiros, e quasi todas se semeão de feigoaes, que se regam com agoa da ditta ribeira todos os Domingos, em que somente he livre, por se não impedir o Curso dos Engenhos, que não só servem para os moradores de Marvão, e seu destricto, mas também para os de Castello de vide e Cidade de Portalegre (...) Os Pexes desta Ribeira são muntos estimados e ainda aos enfermos se concede a comellos, e ella munto abundante delles e as pescarias livres em toda a ribeira excepto nos mezes vedados por direito...."

Na mesma data o Cura de Santo António das Areias, Manoel Moratto Sanches, na sua Memória Paroquial (Vol.IV, M^a.64,pp.353-361) descreve-nos o percurso do Rio Sever na área da sua freguesia da seguinte forma:

"... emtra no distrito desta Freguezia a Ribeira de Marvam, aqual se chama o Rio Sever (...) he munto de peixes e trutas no meio deste espasso aonde

chamam o pego do ferreiro, entra nesta ribeira , o Ribeiro dos gallegos, munto abundante de Agoa.(...) (O Sever) do sitio da nogueira do Cabral principia a fazer a volta para norte e por espasso de mais de hum quarto de legoa corre munto percipitada por entre grandes penhascos dividindo o Reino de Castella, da parte do qual tem seis moinhos e hum pizam, de que se servem os moradores da villa de Vallemssa (...) e chegando ao sitio do Cavallo, corre emquanto nam ha grandes cheyas em distancia de tiro de espingarda por debaxo de humas grandes penedias sem se ver agoa (...) e daqui para baxo vai com curso mais brando por terra maes plana e dividindo sempre os Reinos e tem boas vargens em que se sameam grandes feijoais, trigo e melanciais (...) e tem munto arvoredado silvestre de huma e outra parte e se estende por mais uma legoa, com a sua Corrente, que se emCaminha para o tejo, no qual entra no termo de Montalvam, depois de ter emCorporado com o Rio Alburrol:"

(5) - A Ponte Romana a que Mariano Feio e Graça Almeida se referem, apenas remonta ao século XVI. Pela leitura atenta do Tratado da Cidade de Portalegre (Sotto Maior, 1984), ficamos a saber que a referida ponte foi construída no seu tempo. Sobre este tema publicámos na Ibn Maruán nº2 um estudo intitulado A Ponte Quinhentista da Portagem (Oliveira, 1992).

(6) - Primitiva B. Ramírez (Ramirez, 1988:188) refere que análises polínicas efectuadas na zona de Alcântara (Guillén Oterino, 1982) confirmaram a presença de castanheiros naquela região. Como nos informa a autora em referência, o clima seria mais húmido anteriormente, possibilitando que espécies de climas atlânticos ocorressem em zonas hoje ocupadas por espécies de clima mediterrânico. Desconhecemos, contudo, em que ambiente cronológico-cultural foram recolhidas as referidas amostras.

(7) - Vide nota nº4

(8) - Carta da Temperatura Média Diária do Ar, folha I.2, 1/100000, Atlas do Ambiente, Comissão Nacional do Ambiente, 1975. As temperaturas de Valência de Alcântara foram estimadas a partir da referida carta.

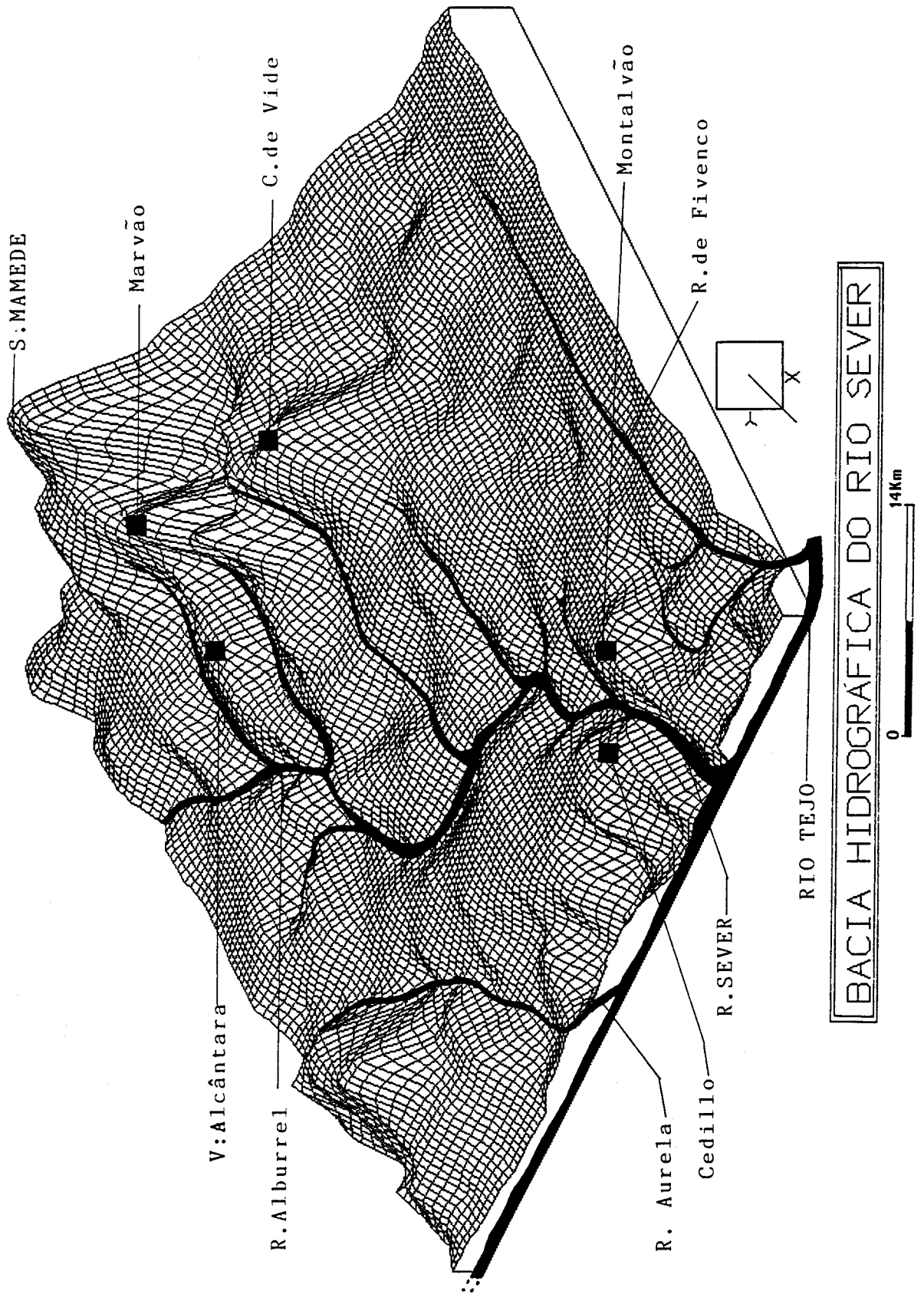
(9) - Carta da Precipitação - Número de dias no ano, folha I.4.2, 1/100000, Atlas do Ambiente, Comissão Nacional do Ambiente, 1975.

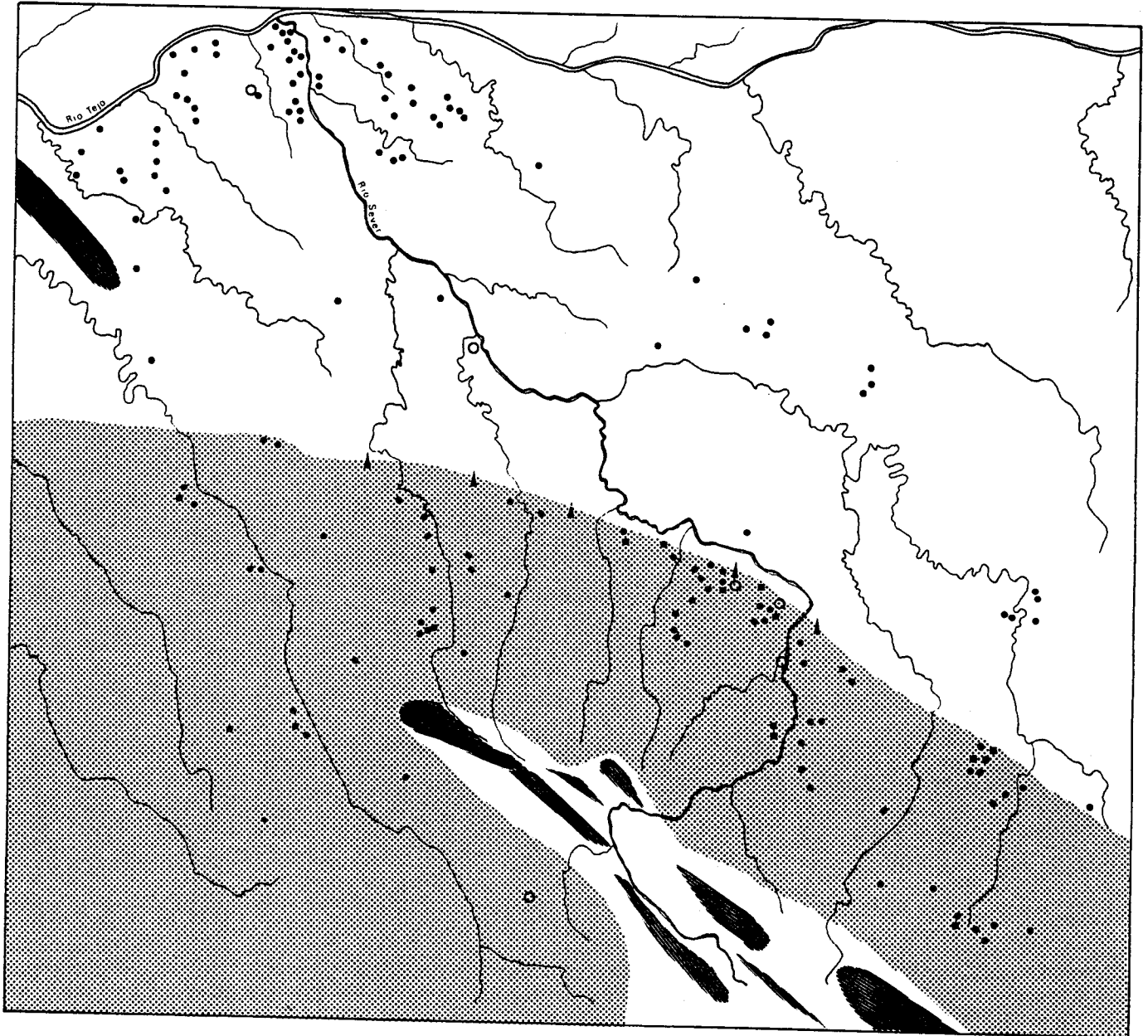
(10) - Carta da Precipitação - Quantidade total, folha I.4.1, 1/100000, Atlas do Ambiente, Comissão Nacional do Ambiente, 1975.

(11) - Carta da Geadas - Número de dias no ano, folha I.5.2, 1/100000, Atlas do Ambiente, Comissão Nacional do Ambiente, 1975.

DOCUMENTAÇÃO GRÁFICA





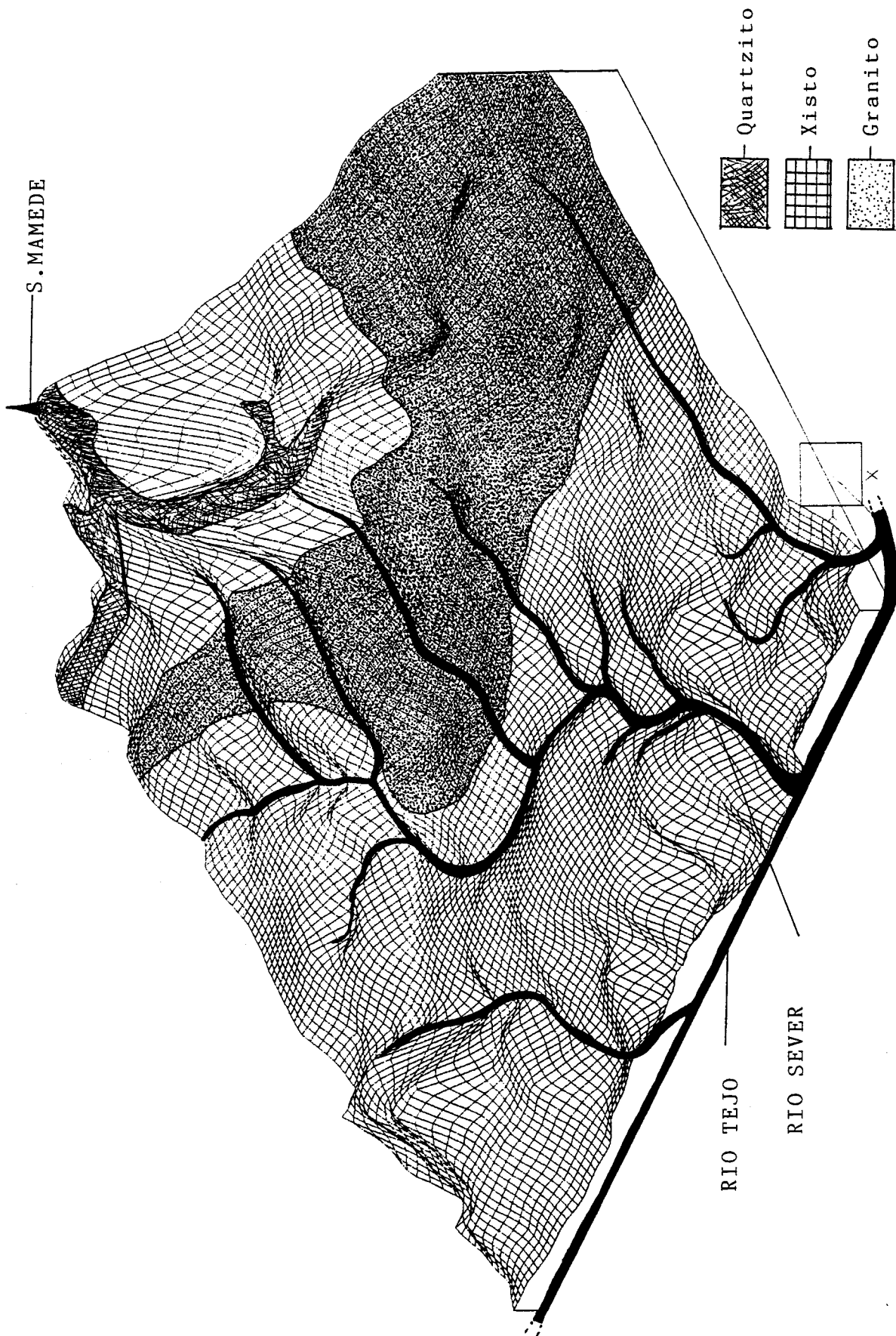


-  GRANITOS
-  XISTOS
-  QUARTZITOS

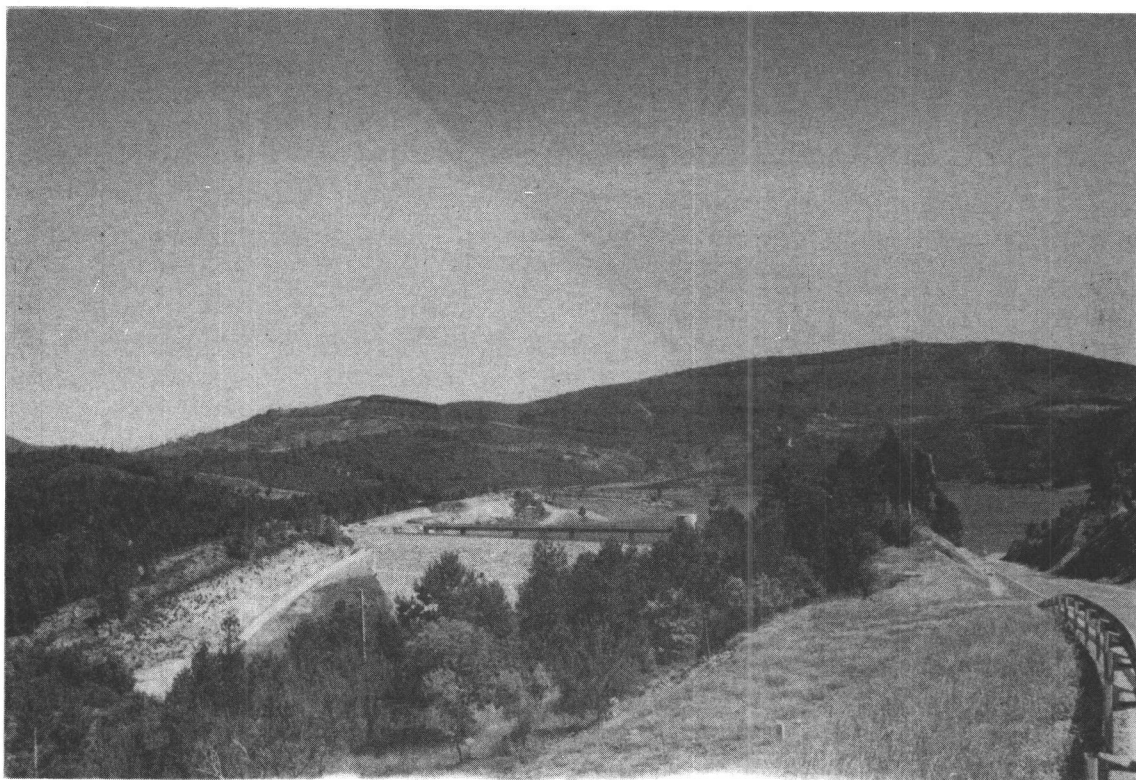
**CARTA GEOLÓGICA (ABREVIADA)
DA BACIA DO SEVER**



- SEPULTURA MEGALÍTICA
- ▲ MENIR
- HABITAT



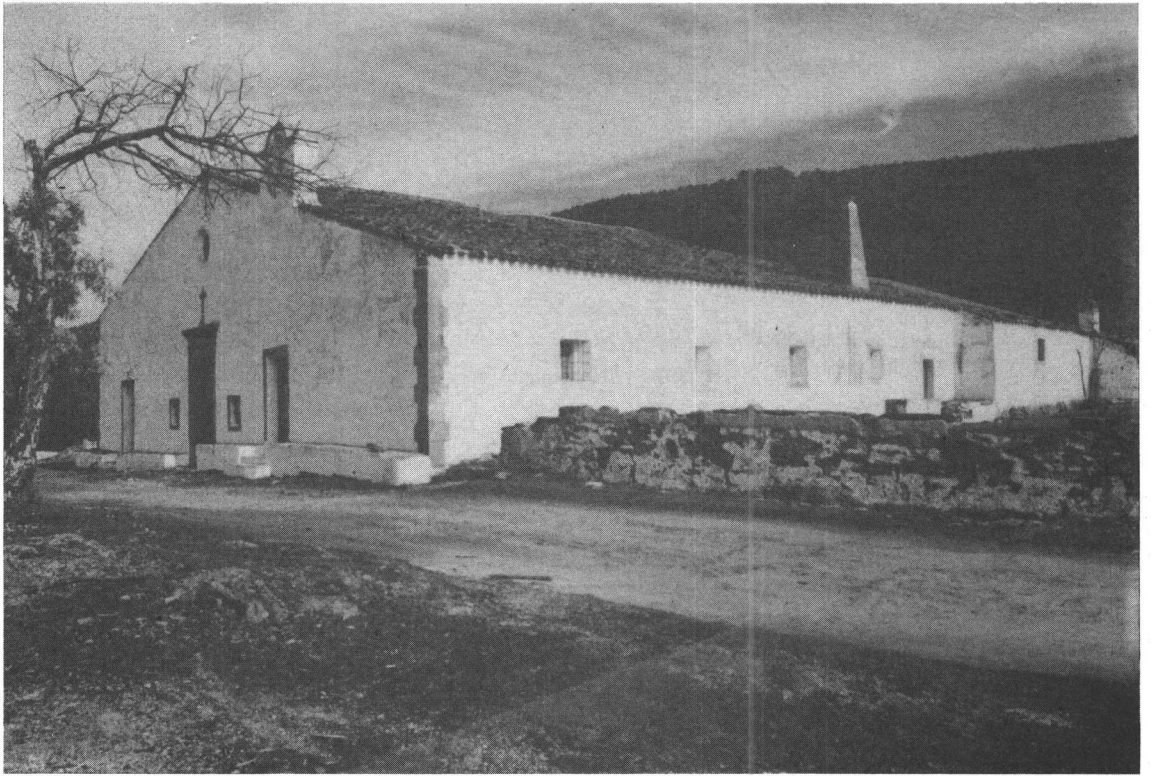
BACIA HIDROGRAFICA DO RIO SEVER



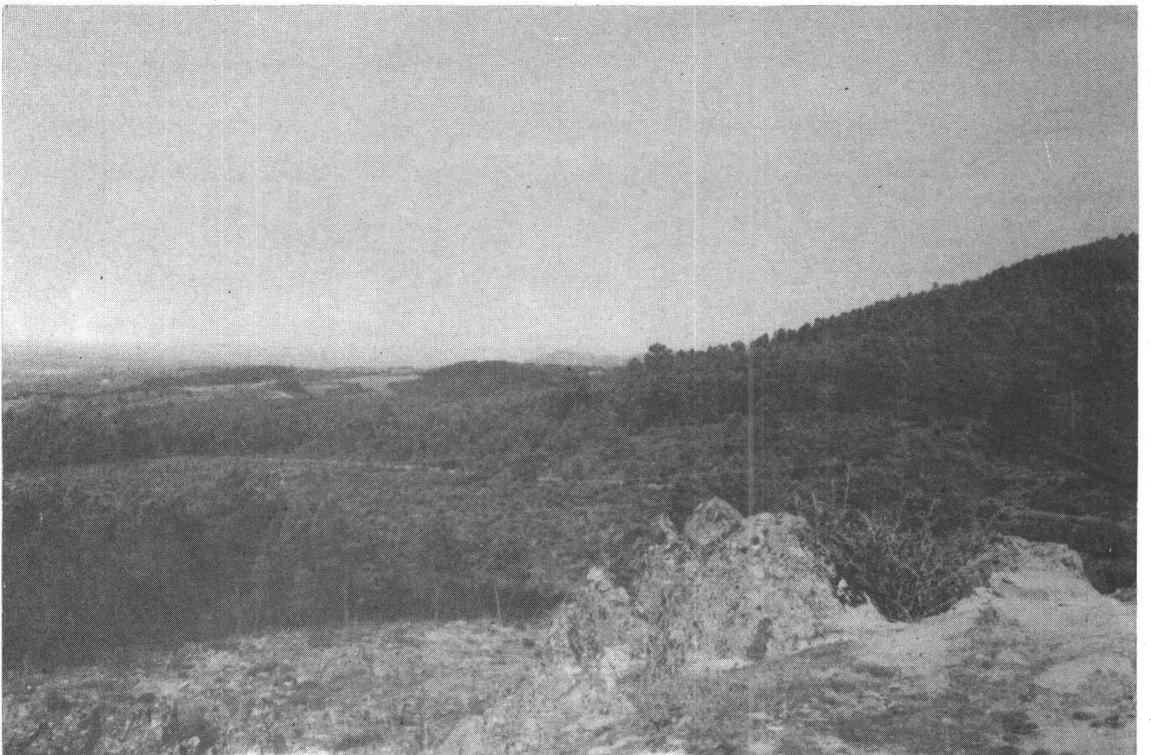
Serra de S. Mamede vista de norte



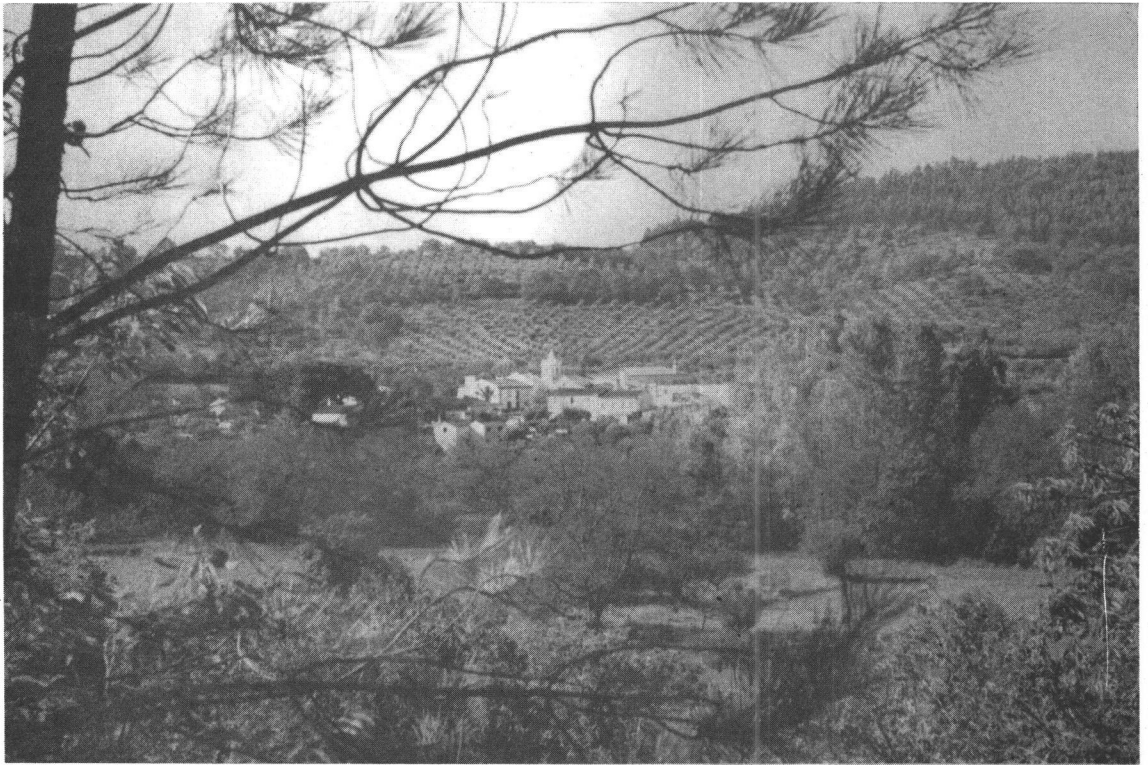
Encosta norte da Serra de S. Mamede



Capela de S. Mamede



Coberto vegetal junto ao Pico de S. Mamede



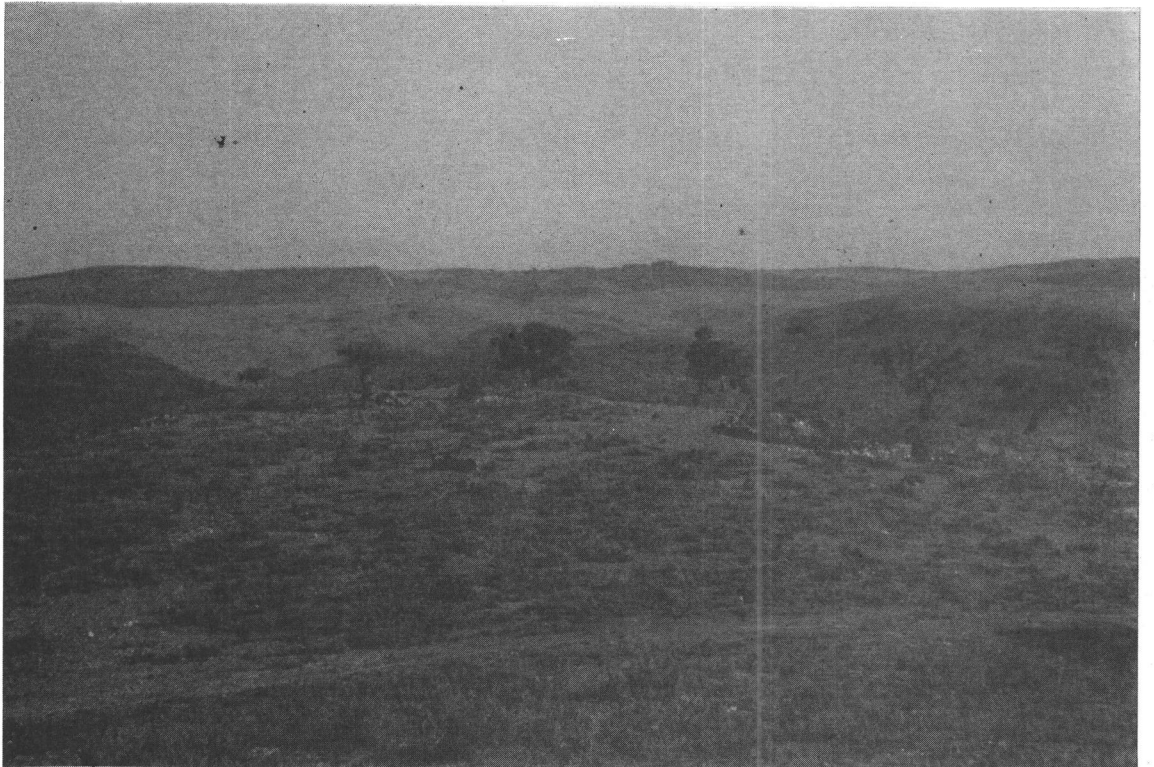
Vale do Rio Sever junto a S. Salvador da Aramenha



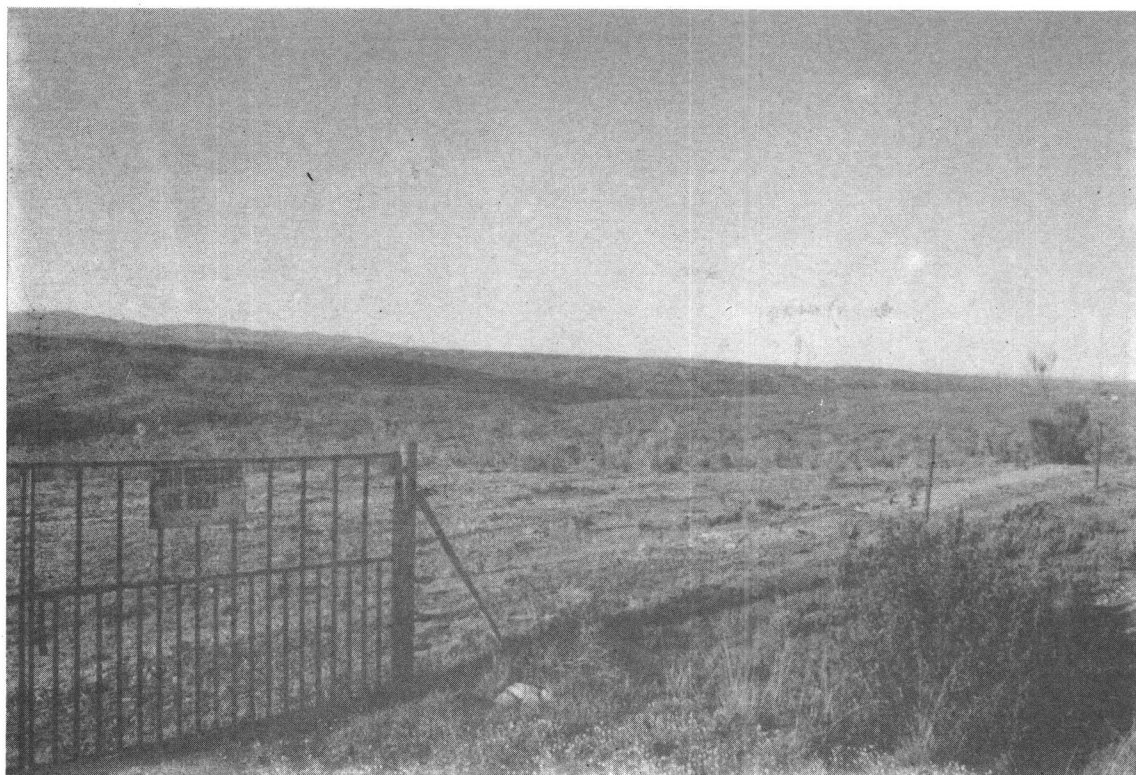
Vale do Rio Sever junto ao Engenho da Lã



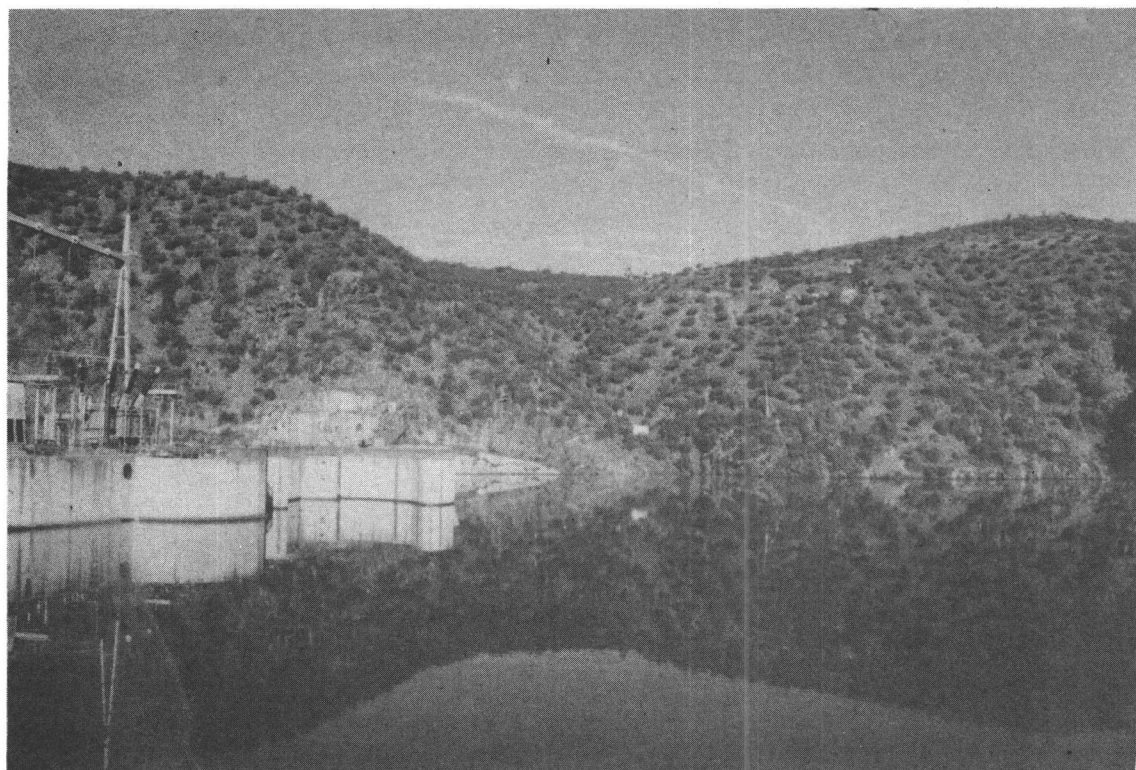
Vista para o Chão Salgado



Termo de Cedillo - margem direita do Rio Sever



Paisagem junto a Cedillo - "Coto Desportivo de Caza"



Foz do Rio Sever junto à Barragem de Cedillo

CAP. III

METODOLOGIA DAS ESCAVAÇÕES E RECUPERAÇÃO DOS MONUMENTOS

1. CONDICIONANTES

Recolher o maior número de informações afectando o menos possível os monumentos foi nossa preocupação em todas as acções de campo desenvolvidas. Paralelamente e sempre que possível procedemos ou promovemos a recuperação arquitectónica dos monumentos estudados, mesmo em alguns onde não se efectuaram escavações ou sondagens. Foi também nossa preocupação constante e sempre que o monumento o possibilitava manter reservas arqueológicas suficientemente amplas para posteriores trabalhos de revisão estratigráfica. Estas reservas claramente evidenciadas nas plantas gerais de cada monumento estudado incidiram especialmente nas áreas das mamoas. Evitaram-se reservas no interior dos monumentos por forma a não trincar a compreensão da utilização geral do espaço funerário. Contudo, por vários motivos, alguns monumentos sujeitos a escavação não sofreram qualquer decapagem na área da câmara (1).

As grandes dimensões de alguns monumentos e a sua precária estabilidade também nos obrigaram, em diversas situações, a evitar a escavação de significativas áreas das mamoas e alvéolos, provavelmente de grande importância

científica. A continuada acção dos trabalhos agrícolas em torno da maior parte dos monumentos, especialmente no território dos granitos, provocou a quase total e generalizada destruição das estruturas pétreas que os envolviam. A maior parte dos esteios destes monumentos apenas se encontram estabilizados pelos calços que nos alvéolos os consolidam. A actual ausência das couraças líticas, fundamentais ao equilíbrio de forças que os esteios e as coberturas entre si exercem, criou um estado de equilíbrio precário que a menor movimentação de solos nas suas imediações pode provocar a sua total derrocada. Foi esta uma das significativas condicionantes dos trabalhos de escavação e sondagem desenvolvidos.

A constante e problemática ausência de meios financeiros que possibilitassem a execução dos trabalhos com equipas e suportes técnicos especializados foi também bastante limitativa das acções projectadas. Embora nos socorrêssemos de todas as instituições e meios que de alguma forma pudessem completar os simbólicos mas fundamentais apoios atribuídos pelo IPPC / IPPAAR, nunca foram suficientes para podermos reunir as condições necessárias à constituição de equipas que respondessem, cabalmente, aos complexos problemas que qualquer escavação normalmente apresenta (2).

A falta de condições de segurança obrigava ao levantamento no fim de cada dia de trabalho de todo o espólio identificado, problematizando ainda mais o posicionamento relativo dos depósitos. O registo fotográfico e a execução constante de plantas de pormenor foram as soluções encontradas para obviar à necessidade de se proceder ao levantamento prematuro dos espólios encontrados (3). Outros aspectos poderiam ser enumeradas e que de forma clara condicionaram o desenvolvimento dos trabalhos de campo e que se prenderam, quer com o atraso das autorizações de escavação, quer com a atribuição de subsídios, obrigando à organização de campanhas em meses como Novembro e por vezes mesmo Dezembro, em que as condições atmosféricas já não são as mais apropriadas para a execução de escavações ao ar livre. Embora já seja longa a lista de situações que condicionaram os nossos trabalhos de campo, não poderemos deixar de referir as

campanhas efectuados em monumentos afectados pelas subsolagens para florestação com eucaliptos que reduziram substancialmente o número e qualidade de informações que poderiam conter.

2. ESCAVAÇÕES E SONDAGENS EM SEPULTURAS

Os trabalhos de escavação e sondagem que efectuámos nos monumentos que são abordados neste estudo desenvolveram-se entre 1981 e 1993. Ao longo destes doze anos a metodologia e a técnica de escavação não foram constantes, evoluindo, quer em termos de rigor, quer em termos de estratégia de abordagem. Se esta natural evolução não possibilita o isolamento de um único modelo de trabalho, a variabilidade dos monumentos obrigou a soluções também distintas. Contudo, em todas as acções que envolveram movimentação de solos procedemos, antes de qualquer decapagem, a um levantamento fotográfico exaustivo em três suportes distintos, preto e branco, cores e diapositivo. Paralelamente efectuámos o levantamento cartográfico, na escala 1/20 de todas as estruturas visíveis do monumento e área envolvente. Concluído este primeiro levantamento procedia-se à raspagem de toda a área a intervir por forma a retirar o coberto vegetal sem se alterar significativamente o relevo do terreno.

Limpa a área da escavação estabeleciam-se dois eixos ortogonais orientados nos sentidos Norte - Sul e Oeste - Este, magnéticos, procurando-se, sempre que possível, que a sua intercepção coincidisse com a zona central do topo do esteio de cabeceira, originando assim que um dos eixos, o dos xx, seccionasse longitudinalmente todo o monumento. Esta situação ocorreu sempre que os corredores ou aberturas se orientavam ou pouco se desviavam dos 100 grados, Este.

A partir destes dois eixos ortogonais estabelecia-se uma rede de quadrículas de 2 X 2 metros de lado que cobriam todo o monumento e espaço envolvente, por forma a ultrapassar sempre a área provável da mamoa. Os pontos

de intercepção desta rede de quadriculas eram registados no terreno através de cavilhas (4). Cada quadricula era identificada por uma letra seguida de um número. A linha dos *xx* identificou-se por letras, correspondendo à linha dos *yy* os algarismos. Esta rede de quadriculas servia para a localização planimétrica (latitude e longitude) dos registos que houvesse necessidade de fazer ao longo da escavação.

Nas primeiras campanhas, porque não dispúnhamos de um nível óptico para a leitura das cotas, quer para o levantamento topográfico, quer para os espólios que fossem ocorrendo ao longo da escavação, utilizámos um nível de mangueira, ou um fio nivelado, estabelecendo-se como ponto de cota 0,00 metros o topo do esteio *in situ* mais elevado. Posteriormente e face aos erros que estes sistemas facilmente provocavam, e sem meios para adquirir um aparelho de leitura óptica, fomos obrigados a construir, a partir de uma mira de caça, um teodolito artesanal, adaptável ao tripé de fotografia. Com este sistema já foi possível estabelecer um ponto de cota fixa fora da área de escavação, como nos era constantemente sugerido nos officios de aprovação dos relatórios de escavação.

Quando desde 1984 começamos a poder utilizar, ou um teodolito do extinto Serviço de Arqueologia da Zona Sul, ou o nível óptico do Departamento de História da Universidade de Évora (5), passámos a construir, em local dominante, fora da área de escavação um pilar em alvenaria, sobre o qual se instalava o aparelho de leitura altimétrica. Sempre que possível, acima de todas as estruturas, no topo deste pilar, estabelecia-se o ponto de cota 0,00 metros, trabalhando-se, assim, com cotas negativas.

Para o levantamento topográfico cotavam-se todos os vértices da quadricula, um ou mais pontos significativos das estruturas e algum relevo ou abatimento que se destacasse na área a estudar. Concluído o levantamento topográfico dava-se início à decapagem do monumento. Toda a escavação por nós dirigida teve sempre em vista a obtenção simultânea de leituras estratigráficas horizontais e verticais. Face à diversidade arquitectónica dos monumentos e do seu

estado de conservação, os métodos de escavação não foram sempre idênticos. Contudo, procurou-se que uma linha, se possível um dos eixos principais, cortasse longitudinalmente o monumento. A partir desse eixo iniciavam-se as decapagens no interior do espaço funerário apenas de um dos lados, sendo estas decapagens simultâneas na câmara e no corredor, ou no provável local do seu desenvolvimento. Camadas de terra sequenciais que variavam entre os três e os cinco centímetros eram retiradas até se atingirem os primeiros materiais ou até que se verificasse uma mudança, quer da cor da terra, quer da sua compactação. Quando uma destas situações ocorria, o corte era desenhado e caso se justificasse fotografado. De imediato iniciava-se a decapagem, pelo mesmo sistema, no lado oposto. Ao atingir-se o mesmo nível, o que geralmente se procurava que ocorresse no mesmo dia, tentava-se compreender a posição relativa dos espólios. Antes do levantamento das peças a sua posição tridimensional era registada em fichas de campo que as acompanhavam até ao laboratório. Quando um conjunto de materiais parecia ter alguma correspondência espacial eram fotografados e desenhados no local. Por este sistema de decapagens controladas conseguiram obter-se cortes estratigráficos sem afectar significativamente a compreensão de todo o espaço interno.

A escavação da mamoa iniciava-se, geralmente, pela abertura de uma sondagem com dois metros de lado a partir da face externa dos esteios da câmara, em direcção à periferia. Procurava-se, geralmente e logo de início, um local que parecesse apresentar maior potência de estrutura tumular. Se a primeira sondagem ainda identificava vestígios da carapaça lítica, esta era posta a descoberto e determinava-se o seu limite. Este trabalho moroso e complicado foi, por norma, alargado a toda a área envolvente do monumento, por forma a evidenciar os limites e técnicas de consolidação da mamoa. Sempre que a desmontagem desta carapaça não punha em risco a estabilidade do monumento e que para tal tínhamos obtido autorização, procedemos ao aprofundamento de um corte até ao solão de base. O elevado grau de destruição da maior parte das antas só possibilitou a abertura de sondagens em reduzido número de mamoas. Normalmente apenas alguns blocos

líticos subsistiam directamente adossados aos esteios, evidenciando pela sua deficiente compactação que para esses locais tinham sido arrastados, em épocas muito posteriores, pelas fainas agrícolas. A fraca potência de solos reflectia-se nos frequentes rasgos originados pela lavoura identificados na rocha de base.

Outros monumentos, sobretudo os localizados mais próximo dos afloramentos, ainda conservavam parte do empedrado da base da mamoa. Nestes raros casos procedemos também à desmontagem de um corte, para obtenção, quer de leituras estratigráficas, identificação da técnica de consolidação, quer para recolha de eventuais materiais datáveis.

Na ausência de esteios, ou quando se encontravam tombados, procedia-se à identificação dos alvéolos. Este trabalho, muito delicado, geralmente efectuado a pincel quando a rocha se encontrava muito alterada, possibilitou a identificação em vários monumentos de corredores há muito destruídos. A alteração cromática das terras depositadas no interior dos alvéolos, a sensibilidade dos escavadores, mas sobretudo a maior concentração de raízes nestes locais, permitiram, por vezes, recuperar a planta original de monumentos completamente destruídos. Incluem-se neste caso as antas por nós escavadas na região dos xistos afectadas pelas florestações.

Quando a estabilidade dos monumentos não era posta em perigo, procedemos à desmontagem de uma parte dos calços que normalmente consolidam os esteios. Identificar a profundidade de cada um e a técnica de consolidação foi o objectivo destas acções.

Efectuada a escavação dava-se início ao desenho do monumento. Uma planta geral, na escala 1/20 com a identificação pormenorizada de todas as estruturas e com a projecção dos esteios e tampas, era completada por outra onde apenas se evidenciavam os ortóstatos em corte junto à linha de terra. Em todas as plantas assinalaram-se os alvéolos dos esteios já desaparecidos ou tombados.

Um significativo número de cotas foram lidas sobre as principais estruturas e no solão de base, conseguindo-se, assim, uma visão global da altimetria relativa dos vários elementos do monumento. Perfis e cortes de estruturas mais significativas acompanharam um levantamento fotográfico exaustivo, nos três suportes acima referidos. Sempre que foi possível obter equipamento vídeo, a escavação, ou parte dela (6), foi também registada por este processo.

3. ESCAVAÇÕES E SONDAJENS EM MENIRES

Os trabalhos de escavação efectuados junto à base dos menires da Água da Cuba, Carvalhal e Meada obedeceram, genericamente, a metodologias idênticas. Em qualquer destas acções procurou compreender-se o processo de implantação e de fixação do monólito, a par da recolha de elementos que, de alguma forma, pudessem contribuir para a sua datação. Antes de se efectuar qualquer movimentação de solos, para além do levantamento topográfico e fotográfico e da raspagem do coberto vegetal, estabeleceram-se dois eixos ortogonais, orientados nos sentidos Norte - Sul e Este - Oeste, magnéticos, fazendo-se coincidir a sua intercepção com a zona central do monólito. Paralela a estes dois eixos estabeleceu-se uma rede de quadrículas de 2 X 2 metros de lado. Os vértices dos quadrados e pontos assinaláveis foram cotados a partir de um pilar por nós construído, nas imediações da área em estudo, idêntico aos utilizados para as leituras altimétricas das sepulturas megalíticas.

O posicionamento do monólito na intercepção dos dois eixos possibilitou que se desenvolvesse a escavação em quadrados alternados, obtendo-se assim vários cortes estratigráficos. Atingindo-se a rocha e registados gráfica e

fotograficamente as estratigrafias, iniciava-se a decapagem dos outros quadrados opostos, por camadas artificiais que não ultrapassavam os cinco centímetros de altura máxima. Se o processo inicial de escavação foi idêntico em todos os menires estudados, o seu desenvolvimento foi já completamente diverso. No menir da Água da Cuba guardou-se como testemunho o quadrante sudeste, procedendo-se à escavação dos outros três quadrantes até se atingir o solão, formado por um granito muito alterado. Nas imediações da base deste monólito, e sobre o solão, identificámos alguns blocos de granito, algo rolados, geralmente a uma profundidade que variava entre os setenta e os oitenta centímetros. Estes blocos de origem coluvial e com evidentes sinais de meteorização nada tinham a ver com a implantação do menir. Contudo, as nossas autorizações para outros trabalhos foram condicionadas pela Comissão Consultiva do IPPC à realização de mais sondagens junto a este menir. Entenderam os membros desta comissão que os referidos monólitos pertenciam a uma estrutura artificial, provavelmente contemporânea da implantação do pequeno monólito. Na segunda campanha que fomos obrigados a realizar alargou-se a área de escavação para Sul, em mais doze metros quadrados, continuando-se a registar os mesmos blocos, com dimensões e posicionamento idênticos. Na mesma campanha procedemos à abertura de diversas sondagens de 1X1 metro de lado a várias distâncias do menir. Em todas as que foram abertas em cotas mais baixas continuaram-se a registar os mesmos blocos, rareando proporcionalmente à medida que nos afastávamos do vale. Depois de mais uma campanha de duas semanas, confirmava-se, assim, o que já havíamos descrito no primeiro relatório. Embora na segunda campanha tivessem sido abertos novos quadrados, mantivemos sempre como reserva o testemunho anteriormente referido.

Na escavação efectuada junto do menir do Carvalhal utilizou-se a mesma metodologia, embora não se tivesse guardado mais reserva que não fosse a metade sul da fossa de implantação. A escavação em toda a área deste monólito justificou-se pela necessidade que tínhamos de confirmar a existência, ou não, de alvéolos ou ortóstatos fracturados nas suas imediações.

Os trabalhos desenvolvidos em torno do menir da Meada decorreram de forma idêntica aos anteriormente descritos. A acção de recuperação programada para este monólito implicou a integral escavação da área envolvente e a desmontagem de toda a estrutura de apoio que se incluía no estreito alvéolo. Numa área de dezasseis metros quadrados em torno do fragmento ainda implantado, extraíu-se toda a terra, ficando a descoberto o solão de base.

4. A RECUPERAÇÃO DOS MONUMENTOS

É lugar comum que uma escavação arqueológica é sempre uma destruição. Inúmeras vezes se comparou a decapagem estratigráfica efectuada durante uma escavação à destruição irremediável das folhas de um livro, à medida que se avançava na sua leitura.

Nos últimos anos, de forma mais ou menos clara, todos os arqueólogos mostraram reconhecer a importância do pormenorizado registo arqueológico e da reserva de testemunhos para, de algum modo, se obviar a uma irremediável destruição do *livro arqueológico*. O registo gráfico e fotográfico em diferentes suportes das projecções horizontais, por estratos e dos seus cortes em conjunto, a par da elaboração de um relatório pormenorizado das acções desenvolvidas, parecem ser as soluções mais generalizadas para a possível releitura das *páginas destruídas*. Por circunstâncias várias apercebemo-nos que é na segunda, ou posteriores leituras que o sítio escavado é melhor compreendido. Muitas vezes, por situações diversas e pressões múltiplas a leitura efectuada no campo carece do tempo de reflexão necessário sendo, quando ainda possível, completado já sobre a mesa do laboratório e sem possibilidade de confirmação.

Aponte-se o arqueólogo como um dos principais responsáveis pela destruição da informação arqueológica original, mas recorde-se que para proteger é necessário estudar e compreender e para isso, a maioria das vezes, é necessário escavar. Diz-nos a experiência que mais de oitenta por cento do tempo despendido no campo com a escavação de um monumento megalítico é ocupado no registo e recuperação do monumento. Torna-se claro, naturalmente, que serão os investigadores os que melhor poderão delinear a recuperação destes, ou de outros monumentos, porque são os únicos que, em pormenor, puderam durante a escavação identificar a técnica e os materiais utilizados pelos construtores originais.

No diagnóstico geral do estado de conservação do património megalítico da área em estudo, verificamos que muitos monumentos apresentam vestígios de corte de pedra nos seus esteios e coberturas. Na anta da Figueira Branca e da Atalaia são bem visíveis os sinais das cunhas utilizadas na fractura ou tentativa de fractura dos monólitos. Outros factores contribuíram também para a destruição destes monumentos. De entre eles destacamos as violações e os sismos, estes responsáveis, pelo menos, pela queda das antas da Figueira Branca e Cabeçuda. Nos nossos dias com a mecanização da agricultura, maiores são ainda os estragos nos monumentos arqueológicos em geral e nos megalíticos em particular.

Se a escavação no interior dos monumentos funerários pode provocar irreparáveis problemas na sua estabilidade devido à extracção dos enchimentos, tão ou mais perigosas parecem ser as profundas lavouras que, destruindo as mamoas, anulam o contrapeso sobre a base dos esteios. As subsolagens para preparação dos terrenos destinados à plantação de eucaliptos parecem ser hoje a principal causa da destruição patrimonial na margem esquerda do rio Sever.

Ao longo da investigação várias foram as situações diagnosticadas que levaram a diferentes estratégias. Sumariamente passaremos a descrever alguns aspectos das acções de recuperação efectuadas.

4.1 Anta dos Pombais - Marvão

DIAGNÓSTICO:

A anta dos Pombais apresentava-se com quatro esteios da câmara tombados para o interior e os restantes muito fracturados nos topos. O chapéu, único elemento em granito, descansava sobre os esteios tombados. Todo o seu perímetro tinha sido alvo de cortes para extração de pedra. No corredor apenas os esteios da face sul se encontravam praticamente intactos. Com a decapagem efectuada na mamoa confirmou-se que esta se encontrava completamente destruída na metade norte.

RECUPERAÇÃO:

Para a realização da escavação no interior do monumento houve necessidade de se proceder à remoção da cobertura da câmara e ao levantamento dos esteios tombados. Aquando da queda destes, parte da mamoa que lhe servia de contrapeso foi deslocada e arrastada.

Após a escavação reimplantaram-se nos respectivos alvéolos os esteios tombados. Embora se tivesse procedido à remontagem da mamoa onde se apresentava destruída, lado sul, esta já não possuía altura suficiente para possibilitar a estabilidade dos esteios agora reimplantados. Assim, fomos obrigados a construir uma estrutura de pedra seca no interior do monumento à qual se encostaram estes esteios. A actual diferença de alturas dos monólitos e a truncagem no perímetro do chapéu inviabilizaram a sua reposição sobre a câmara, ficando tombado sobre a mamoa. Toda a área escavada foi recoberta com a terra crivada.

4.2 Anta da Bola da Cera - Marvão

DIAGNÓSTICO:

Na câmara vários fragmentos de esteios e do chapéu impossibilitavam o acesso ao seu interior. No corredor eram visíveis dois esteios, encontrando-se um deles muito inclinado para o interior.

RECUPERAÇÃO:

Após a escavação e à semelhança do que efectuámos na anta dos Pombais procedeu-se à montagem de um muro de pedra no interior da câmara para apoio dos esteios. Os seus fragmentos e os da cobertura que haviam sido retirados do interior da câmara voltaram ao mesmo local. O esteio do corredor que se encontrava muito inclinado foi repostado na posição original e calçado com blocos de granito. Para evitar que eventualmente voltasse a ser deslocado construiu-se, em pedra seca, um pequeno muro transversal que internamente apoiava os dois esteios do corredor. Toda a área escavada foi posteriormente coberta com terra crivada.

Dois dias após a conclusão do restauro o esteio do corredor que havia sido reimplantado foi roubado. Ao mesmo tempo parte da cobertura foi fracturada e também roubada.

4.3 Anta da Nave do Padre Santo - Nisa

DIAGNÓSTICO:

Todos os investigadores que anteriormente já haviam noticiado este monumento (7) foram unânimes ao considerá-la como a de maiores dimensões da freguesia de Montalvão. Tal como mais de duas dezenas de sepulturas megalíticas desta freguesia, também esta foi afectada pelas subsolagens para a plantação de eucaliptos. Dos esteios de xisto que formavam este sepulcro apenas um fragmento do de cabeceira se encontrava ainda implantado no alvéolo. Os restantes, muito fracturados foram dispersos por uma grande área. A mamoa foi totalmente destruída.

RECUPERAÇÃO:

A recuperação possível deste monumento limitou-se à definição da sua planta através dos alvéolos e à recolha do espólio que ainda se mantinha na área decapada. Foi impossível proceder à reimplantação de qualquer esteio devido ao estado de destruição geral do monumento. Por forma a evidenciar o local na actual paisagem povoada de eucaliptos procedeu-se à concentração possível dos fragmentos de esteios junto ao de cabeceira e cobriu-se toda a área com gravilha de calibre médio.

4.4 Anta do Porto Aivado - Castelo de Vide**DIAGNÓSTICO:**

Um monte de blocos de granito é a imagem que se guarda deste monumento antes da escavação. Nenhum dos fragmentos de esteios que afloravam à superfície da terra se encontrava implantado em alvéolos. Na escavação efectuada identificaram-se dois pequenos fragmentos de esteios ainda integrados nas fossas de fixação e um outro que atendendo à profundidade a que se encontrava pareceu-nos poder considerá-lo também *in situ*. Devido às várias e profundas violações que este monumento sofreu ao longo dos tempos, não foi possível identificar mais alvéolos.

RECUPERAÇÃO:

O estado de destruição em que se encontrava este monumento e a ausência de negativos claramente identificados inviabilizaram a sua recuperação arquitectónica. Após a escavação desta anta unicamente recobrimos com terra crivada toda a área afectada.

4.5 Anta I dos Coureiros - Castelo de Vide

DIAGNÓSTICO:

De entre os quatro monumentos que formam a provável necrópole dos Coureiros a anta I parece ter sido a de menores dimensões. Apenas três esteios da câmara eram visíveis, dois dos quais fracturados junto ao solo.

RECUPERAÇÃO:

A escavação possibilitou reconstituir a planta total do monumento através da identificação dos alvéolos dos esteios já desaparecidos. Pouco se podia fazer por este monumento. Após a escavação procedeu-se à cobertura com terra crivada de toda a área afectada. Como a principal causa da destruição desta anta foram os trabalhos agrícolas que nada deixaram da mamoa, procedeu-se à vedação de todo o monumento com postes de madeira tratados unidos por arames de ferro zincado.

4.6 Anta II dos Coureiros - Castelo de Vide

DIAGNÓSTICO:

O estado de destruição e adaptação a pocilga desta anta é já testemunhado por Pereira da Costa (Pereira da Costa, 1868). Em torno da câmara uma cerca de pedra definia a esplanada de uma pocilga. A câmara servia de abrigo aos animais. No espaço funerário apenas o esteio de cabeceira parece não ter sido afectado. O chapéu encontra-se tombado e fracturado no interior do monumento. Do corredor não eram visíveis sinais.

RECUPERAÇÃO:

Autorizados pelo IPPC a efectuar apenas uma sondagem no local do provável corredor e outra na área da mamoa, conseguimos, contudo, reconhecer toda a planta do corredor e compreender, em parte, a estrutura arquitectónica da mamoa. No corredor identificaram-se os alvéolos de fixação dos esteios e procedeu-se à reimplantação num deles de um grande bloco de granito que jazia a

quatro metros a sul do monumento. Pelas dimensões verificou-se que correspondia a um dos alvéolos detectados. Na reimplantação deste monólito de grande peso (8560 Kg) utilizámos uma máquina cedida pela Câmara Municipal de Castelo de Vide. O esteio foi implantado e consolidado de forma idêntica ao da anta III. Após a escavação toda a área afectada foi coberta com terra crivada.

4.7 Anta III dos Coureiros - Castelo de Vide

DIAGNÓSTICO:

Implantada numa zona de terrenos leves e muito trabalhados agricolamente, esta anta sofreu os efeitos da lavoura mecanizada. Para além da destruição, nos últimos anos, de grande parte da mamoa e da metade norte do corredor, esta anta foi também alvo de profundas violações no interior da câmara que terão originado a fractura de um esteio e a queda de outro.

RECUPERAÇÃO:

Para além da remontagem de sectores significativos da mamoa e da sua posterior cobertura com terra crivada, procedeu-se à reimplantação no alvéolo original do esteio tombado. Esta operação foi realizada com o recurso à introdução de calços líticos em ambas as faces compactados com saibro humedecido. Toda a área intervencionada foi posteriormente coberta com terra crivada. A violação detectada e que penetrou cerca de sessenta centímetros no solão foi preenchida com blocos de granito para consolidação do interior do monumento.

Concluída a consolidação da estrutura funerária procedeu-se à vedação do monumento com a utilização de postes de madeira tratada unidos por arames de ferro zincado. A área protegida das lavouras inclui todos os vestígios de mamoa detectados durante a escavação.

4.8 Anta IV dos Coureiros - Castelo de Vide

DIAGNÓSTICO:

Nos finais do século XVI foi anexada ao monumento megalítico uma pequena casa de habitação, hoje transformada em palheiro. A câmara e corredor da anta foram transformados numa pocilga. A câmara muito destruída apresenta os esteios fracturados e deslocados. Fragmentos da cobertura da câmara encontram-se tombados junto aos esteios.

RECUPERAÇÃO:

O trabalho desenvolvido neste monumento tendo em vista a sua recuperação centrou-se na desmontagem da parede da pocilga que limitava o monumento a nascente e ao rebaixamento geral das outras paredes, por forma a que se evidenciasse todo o monumento. A escavação efectuada na área do corredor possibilitou a recuperação da sua planta, ao mesmo tempo que se processou a desmontagem de uma já parcialmente destruída calçada, destinada a nivelar a pocilga e que cobria quase totalmente os esteios do corredor. A câmara transformada em abrigo para os animais tinha sido fechada com uma parede de pedra seca. Para libertar o monumento destes elementos descaracterizadores procedeu-se à desmontagem parcial dos muros recentes. A pedra retirada foi utilizada para calçar interiormente os esteios. Posteriormente toda a área escavada foi preenchida com terra crivada.

4.9 Anta da Figueira Branca - Marvão

DIAGNÓSTICO:

Embora na posse de uma autorização condicionada conseguimos proceder ao estudo deste monumento e identificar os alvéolos de dois esteios que formavam o corredor de acesso ao monumento. Conseguimos, ainda, ao escavarmos a câmara, reconhecer que todos os esteios tinham sido fortemente afectados por um

fortíssimo terramoto que os fez quebrar, maioritariamente junto à base, antes do monumento ter sido utilizado.

RECUPERAÇÃO:

O trabalho de recuperação ficou limitado à justaposição dos cinco fragmentos em que se encontra fracturado o chapéu e à construção de um muro de pedra seca no interior do monumento para consolidação dos esteios. Os alvéolos de fixação dos desaparecidos esteios do corredor foram preenchidos com pedra miúda e posteriormente cobertos com terra crivada. A principal e mais morosa acção de recuperação incidiu sobre a mamoa. Colmataram-se as falhas no revestimento lítico com pedra de calibre idêntico ao das que ainda se conservavam *in situ*. O anel composto por pedras de maiores dimensões que delimitava o perímetro geral da mamoa foi reconstituído nos locais mais afectados. Posteriormente toda a área do monumento foi coberta com uma camada de terra com cerca de cinco centímetros para consolidação geral.

4.10 Anta da Cabeçuda - Marvão

DIAGNÓSTICO:

A anta da Cabeçuda incluía-se num muro de divisão de propriedade. Dos esteios da câmara apenas dois não se encontravam fracturados e tombados. A cobertura esmagava todo o conjunto. O corredor apresentava quatro esteios e uma tampa. A pedra de guilhotina ainda fecha o vão que se forma sobre as tampas do corredor e o chapéu.

RECUPERAÇÃO:

A escavação deste monumento possibilitou reconhecer que os esteios da câmara se encontravam fracturados junto à base, tal como já se havia verificado na anta da Figueira Branca que se situa a poucas centenas de metros deste

monumento. Ambos sofreram os efeitos de um terramoto, responsável pelo estado de derrocada em que se encontram.

Para o desenvolvimento da escavação foi necessário proceder à prévia desmontagem da parede que sobre a anta se levantava. Com o auxílio de uma máquina removeu-se o chapéu e três dos esteios tombados. Aberto o acesso ao interior da câmara iniciou-se a decapagem controlada do depósito arqueológico. Os restantes esteios que se mantiveram no local foram primeiramente apoiados por postes de madeira e posteriormente por muros de pedra seca. Concluída a escavação procedeu-se à remontagem do monumento colocando-se na posição original os esteios fracturados. Foi necessário fazer assentar sobre as partes ainda inseridas nos alvéolos os fragmentos tombados. Ao fim de quatro dias de trabalho de máquina e do esforço de cinco homens conseguiram-se reerguer três esteios. Internamente apoiaram-se em muretes de pedra seca.

Recuperada a posição original dos esteios ainda foi tentada a sobreposição do chapéu. Contudo, porque a estabilidade de todo o conjunto é precária e porque já nem todos os esteios apresentam as mesmas dimensões, optou-se por deixar o chapéu encostado na face poente da câmara. Refeita a mamoa em torno dos esteios cobriu-se toda a área intervencionada com terra crivada.

Faltava, finalmente, refazer o muro de divisão de propriedade que anteriormente assentava sobre a anta. Para evitar que novamente seccionasse o monumento acordou-se com os proprietários dos terrenos proceder à construção de uma parede de pedra seca que envolvesse todo o monumento, incluindo a mamoa. Conseguiu-se, assim, evitar a construção de um muro sobre a anta e ao mesmo tempo separavam-se as duas propriedades e defendia-se a anta dos efeitos dos trabalhos agrícolas. Com o apoio da Câmara Municipal de Marvão e dos proprietários dos terrenos construiu-se uma cerca de forma circular em torno do monumento. Duas aberturas viradas respectivamente a norte e a sul possibilitam o acesso à anta da Cabeçada.

4.11 Anta da Fonte da Pipa - Nisa

DIAGNÓSTICO:

Tal como a anta da Nave do Padre Santo também esta foi afectada pela florestação com eucaliptos. Do monumento após a sua destruição nada mais restava à superfície do que alguns fragmentos de esteios tombados e dois blocos de xisto que ainda pareciam conservar-se no local original. Da mamoa nada restava. Valas profundas tinham sido abertas, quer na mamoa, quer no espaço interno do monumento.

RECUPERAÇÃO:

Uma cuidada escavação possibilitou recuperar os alvéolos dos esteios desaparecidos ou arrancados. Se a recuperação gráfica da planta do monumento ainda foi possível, a sua recuperação arquitectónica tornou-se completamente inviável. Apenas um fragmento de um esteio que se encontrava tombado próximo de um dos alvéolos foi reimplantado. Após a escavação toda a área foi recoberta com terra crivada. Posteriormente, e à semelhança do que ocorreu na anta da Nave do Padre Santo, também se procederá à demarcação da área do monumento com a utilização de gravilha para mais facilmente ser detectada por entre a mata de eucaliptos.

4.12 Anta da Lomba da Barca - Nisa

DIAGNÓSTICO:

A anta da Lomba da Barca apresentava apenas quatro esteios da câmara. Da mamoa ainda eram visíveis vestígios junto ao esteio de cabeceira. Na área do corredor já nada restava.

RECUPERAÇÃO:

Com o desenvolvimento da escavação foi possível identificar, quer os alvéolos dos esteios da câmara já desaparecidos, quer os do corredor. No interior de um dos alvéolos da câmara ainda se identificou parte de um esteio. Concluída a escavação procedeu-se ao enchimento dos alvéolos com pedra miúda e construiu-se uma pequena parede de pedra seca no interior do monumento para reforço dos esteios. Toda a área escavada foi coberta com terra crivada.

4.13 Anta do Sobral - Castelo de Vide

DIAGNÓSTICO:

Este monumento implantado junto à estrada que liga Castelo de Vide a Portalegre apresentava-se rodeado de forte vegetação que o encobria e o chapéu encontrava-se tombado para sul.

RECUPERAÇÃO:

Embora não tivéssemos procedido à escavação deste monumento desenvolvemos uma curta campanha de limpeza e recuperação arquitectónica. Para além do corte da vegetação que o encobria, com a ajuda de uma máquina recolocámos sobre os esteios o chapéu, conferindo-se assim à anta do Sobral uma imagem que desde há muito havia perdido.

4.14 Menir da Meada - Castelo de Vide

DIAGNÓSTICO:

O menir encontrava-se fracturado em duas partes. A maior tombada para poente pouco se afastava da parte ainda incluída no alvéolo. Este fragmento, de menores dimensões, apresentava uma ligeira inclinação também para poente. As

superfícies de contacto encontravam-se muito deterioradas, quer pela acção dos elementos, quer pela acção do fogo.

RECUPERAÇÃO:

Constatado que o alvéolo e os calços existentes eram insuficientes para garantir a estabilidade necessária ao equilíbrio de todo o monumento, procedeu-se ao alargamento do alvéolo e à colocação na vertical do fragmento ainda introduzido na fossa de fixação. Este alvéolo foi alargado em cerca de cinquenta centímetros em torno do monólito, construindo-se com cimento, pedra, brita e areia uma sapata suficientemente sólida. Esta estrutura de consolidação atingiu uma altura de 130 centímetros desde a base do menir. Em forma de calote de esfera possui um diâmetro de cerca de 3,20 metros, envolvendo completamente o monumento.

Após duas semanas de secagem retomaram-se os trabalhos com a abertura de três furos transversais à base do menir onde se introduziram três barras de aço envolvidas em resina e pó de granito para consolidação de uma linha de fractura. Todas as fissuras foram fechadas com a mesma cola e o mesmo pó de pedra. Consolidada a fractura procedeu-se à preparação das superfícies de contacto. O elevado grau de deterioração da rocha obrigou à extracção de uma camada de cerca de dez centímetros em ambas as superfícies.

Quando se obtiveram superfícies estáveis abriu-se em cada uma um furo centrado onde se introduziu um cilindro de aço tratado com 4,5 centímetros de diâmetro e 120 centímetros de comprimento. Ao fragmento do menir que se encontrava tombado colou-se, de imediato e com os produtos anteriormente descritos, o *pivot* central. No fragmento *in situ* procedeu-se à abertura de um furo com o dobro do diâmetro da barra de aço. Esta diferença de diâmetro destinou-se a possibilitar a afinação de acerto no momento da união.

Cerca de quinze centímetros abaixo do relevo identificador da glande abriram-se quatro furos destinados a receber as garras de amarração para

levantamento do bloco de granito que se encontrava tombado. A união dos dois fragmentos que começou a ser preparada desde o dia 14 de Junho de 1993 efectivou-se, unicamente, no dia 25 de Setembro, data em que foi disponibilizada, gratuitamente, por uma empresa local (8), uma máquina com envergadura e potência suficientes para erguer a mais de seis metros de altura as onze toneladas de granito que pesa o fragmento que se encontrava tombado. Após uma tentativa falhada foi possível reunir os dois fragmentos há muito separados. Novamente resina e pó de pedra com algum secante colaram as duas partes em que se encontrava partido o menir da Meada.

Cinco garras de aço embutidas na face exterior reforçaram a união. Algum cimento, cola de pedra e pequenos blocos de granito possibilitaram o enchimento necessário para a recomposição do perfil original deste grande menir.

5. RESUMINDO

A diversidade de situações em que se encontram os monumentos contribuiu para que não se tivesse recorrido a uma única metodologia de escavação. A melhoria do equipamento, a nossa crescente experiência e a problematização das situações decorrentes das diversas acções contribuíram também para que diferentes formas de abordagem dos monumentos fossem ensaiadas. Procurou-se, acima de tudo, recolher o maior número de informações evitando colocar em perigo a estabilidade arquitectónica. Acatando e desenvolvendo as normas do IPPAAR que regem os trabalhos arqueológicos procurámos, sempre que para isso tivemos meios, muitas vezes sacrificando parte dos apoios para a investigação, desenvolver acções de consolidação, recuperação e valorização de todos os monumentos intervencionados. Na recuperação das sepulturas megalíticas procuraram-se sempre soluções reversíveis. Nunca se utilizaram materiais exógenos. Constatou-se que a recuperação dos monumentos afectados pela plantação de eucaliptos só muito parcialmente é possível efectuar.

Como causas para essa dificuldade encontramos o elevado grau de destruição das mamoas e fractura dos esteios e a fragilidade do xisto em que foram talhados.

O recurso à construção de muros de pedra seca foi o processo mais utilizado na recuperação dos alçados originais. Se exceptuarmos a anta do Sobral em mais nenhum caso foi possível proceder à colocação da cobertura sobre os esteios da câmara. Este facto ficou-se a dever, não tanto à dificuldade de o elevar, mas às diferentes alturas que hoje os esteios apresentam.

A recuperação de falhas nas mamoas só foi executada em monumentos onde conhecíamos a técnica utilizada. Procurou-se, naturalmente, evitar a implantação de esteios em alvéolos aos quais não tivéssemos a certeza de pertencerem. Preferimos manter tombados os elementos líticos de uma anta a inventar um novo monumento.

Na recuperação do menir da Meada contámos com a colaboração dos técnicos que procederam à recuperação do Recinto Megalítico dos Almendres, no concelho de Évora, que optaram pela utilização de barras de aço tratado em substituição das de bronze convencionais. Esta opção, mais dispendiosa, justificou-se pela maior resistência deste metal, face ao grande volume e peso do menir a recuperar.

NOTAS:

(1) - As câmaras das antas II e IV dos Coureiros não foram escavadas. A não escavação da primeira ficou-se a dever à proibição decretada pelos Técnicos dos IPPC / IPPAAR, a não escavação da outra ficou-se a dever à ausência de meios técnicos e financeiros que possibilitassem a consolidação posterior dos esteios do monumento.

(2) - A inexistência de um centro de investigação ou de um laboratório de arqueologia na Universidade de Évora inviabilizou a constituição de equipas de campo ou gabinete onde estudantes pudessem participar. As limitadas verbas disponíveis impediram-nos de fornecer as condições mínimas para a instalação de estudantes universitários na região onde desenvolvemos as acções de campo. Com excepção das campanhas efectuadas no concelho de Castelo de Vide onde a Secção de Arqueologia da Câmara Municipal praticamente sempre nos apoiou, nos concelhos de Marvão, Nisa, Portalegre e Cedillo fomos obrigados a constituir equipas recrutadas entre as populações locais. Normalmente e sobretudo em Marvão e Cedillo colaboraram connosco adultos desempregados abrangidos por programas comunitários ou governamentais. Outras equipas se constituíram com funcionários municipais recrutados de entre as mais variadas secções. Campanhas de escavação com o recurso de jovens incluídos em campos de férias foi outra experiência ensaiada, mas pouco frutuosa face à reduzida idade dos participantes e aos horários intervalados por acções lúdicas. Campos de trabalho incluídos em programas de formação profissional apoiados pela União Europeia e incompatíveis com a dedicação exclusiva regulamentada pelo Estatuto da Carreira Docente Universitária, obrigaram-nos, para conseguir essas colaborações, a abdicar de parte substancial do nosso vencimento, não compensado pelas remunerações parcelares auferidas nesses cursos de formação e, na sua maior parte gastos com deslocações. Estas equipas sempre renovadas e inexperientes obrigaram-nos a um redobrado esforço de acompanhamento, e à ocupação de alguns dias fundamentais à

escavação com acções de formação acelerada de arqueologia de campo. Para além das equipas foram necessários meios económicos destinados à aquisição de equipamento e despesas correntes. Para esse fim socorremo-nos de pequenos mas fundamentais subsídios obtidos junto das câmaras municipais, juntas de freguesia, Comissão Regional de Turismo de S. Mamede e Governo Civil de Portalegre. Se esses subsídios nos primeiros anos do desenvolvimento do projecto foram normalmente atribuídos em nome do responsável pelo projecto, face à legislação actualmente em vigor que só viabiliza a atribuição de subsídios por organismos do Estado a organizações e associações legalmente formadas, ficámos limitados unicamente aos apoios atribuídos pelo IPPAAR. Para continuarmos o desenvolvimento do projecto fomos obrigados a obter outras fontes de financiamento através da prestação de serviços a entidades públicas e privadas depois das horas normais de docência universitária., com o conseqüente esforço e dispersão que a situação provoca.

(3) - Por várias vezes e em distintas campanhas foram as escavações assaltadas durante a noite. Na segunda campanha de escavações que efectuámos na anta da Bola da Cera por duas vezes foi a escavação visitada por estranhos. Da primeira vez apenas ficaram as cordas que prendiam o crivo e na segunda até um esteio do corredor do monumento foi roubado e outro fracturado. Comunicadas as ocorrências à Guarda Nacional Republicana, continuamos hoje, passados mais de dez anos, a aguardar os resultados da investigação.

(4) - Também conhecidos localmente por pregos de galeota.

(5) - Cedido a esta Universidade pelo Projecto Alqueva, durante as primeiras campanhas de estudo de impacto arqueológico desenvolvidas em 1981.

(6) - Na ausência de equipamento video próprio socorremo-nos de 1988 a 1992 de um dos sistemas do Gabinete de Audiovisuais da Universidade de Évora. A partir da última data apenas nos era cedido o equipamento contra o pagamento de

uma taxa de aluguer de 100\$00 por hora. Em campanhas que se prolongavam por mais de quinze dias consecutivos tornava-se incomportável a sua utilização, implicando um dispêndio normalmente superior a 15% das verbas disponíveis para cada escavação.

(7) - Vide capítulo *Evolução dos Estudos sobre o Megalitismo na Bacia Hidrográfica do Rio Sever*.

(8) - Granitos Maceira de Alpalhão

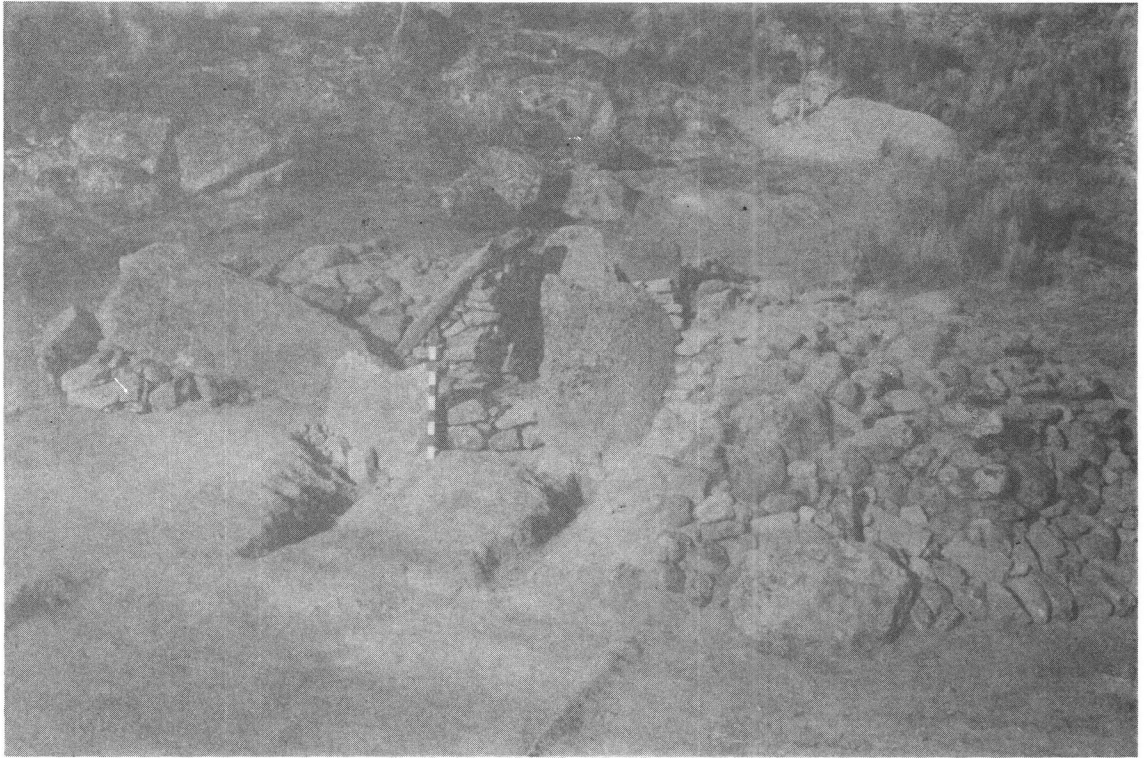
DOCUMENTAÇÃO GRÁFICA



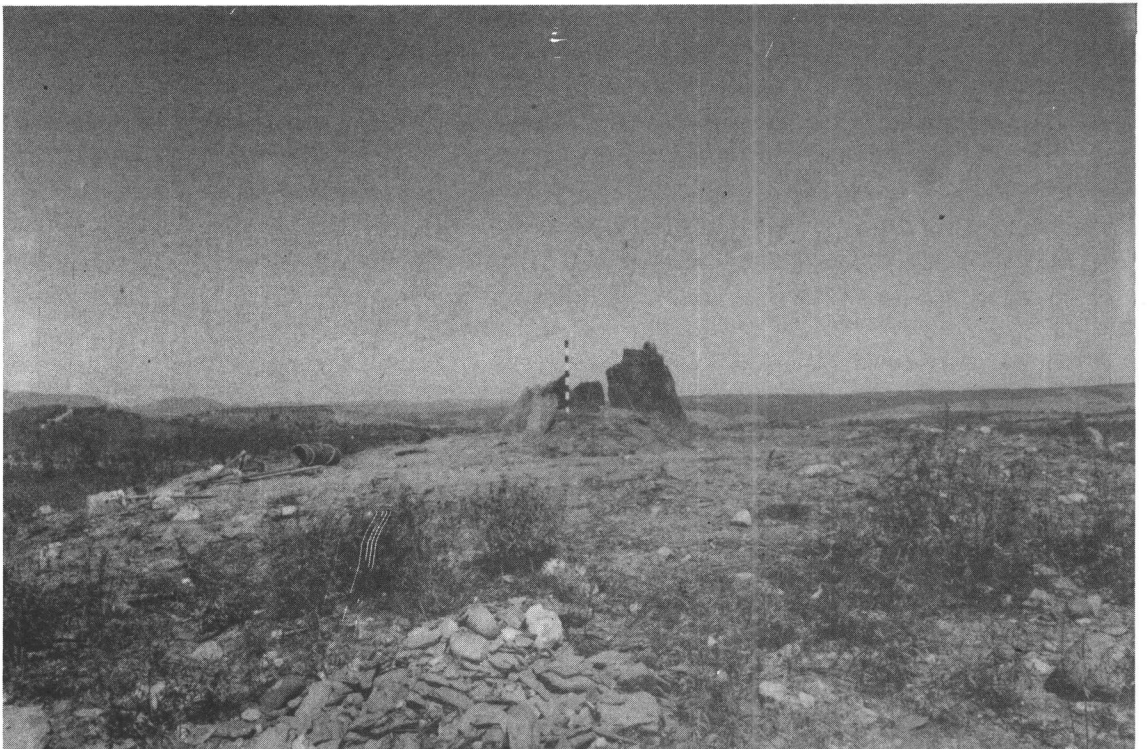
Anta da Figueira Branca antes da escavação



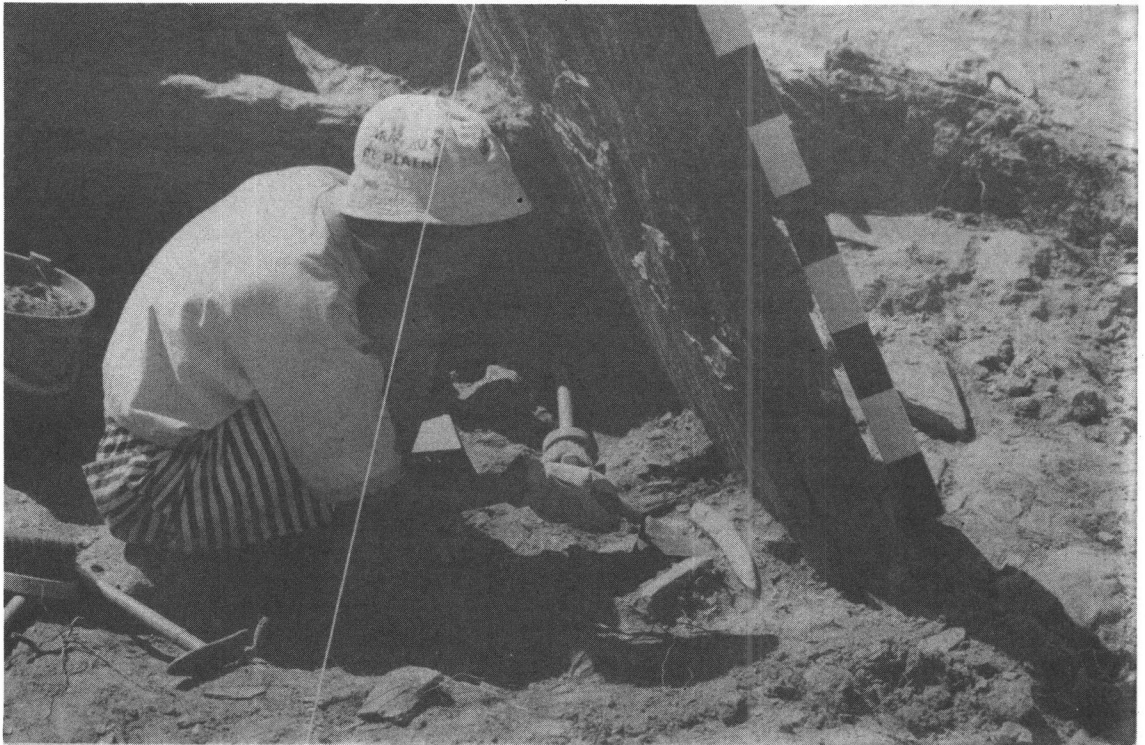
Corte aberto na mamoa da Anta da Figueira Branca. Ao centro da fotografia é visível um fragmento de dormente em granito.



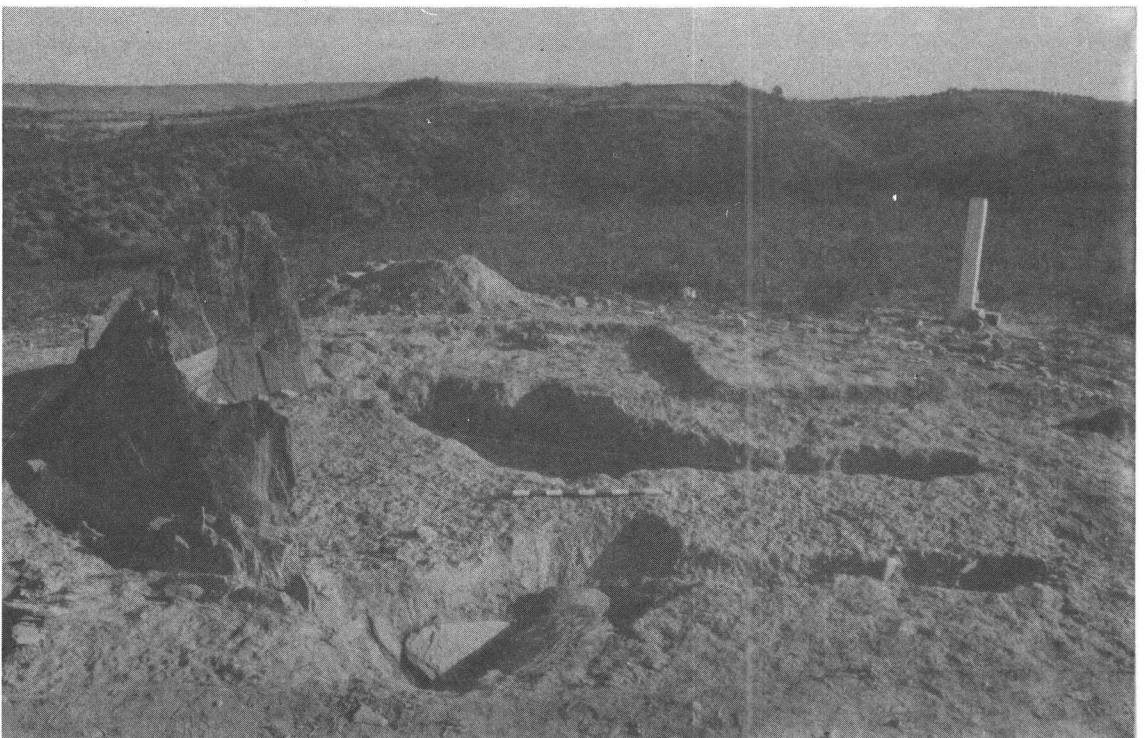
Anta da Figueira Branca - vista geral do monumento após a escavação



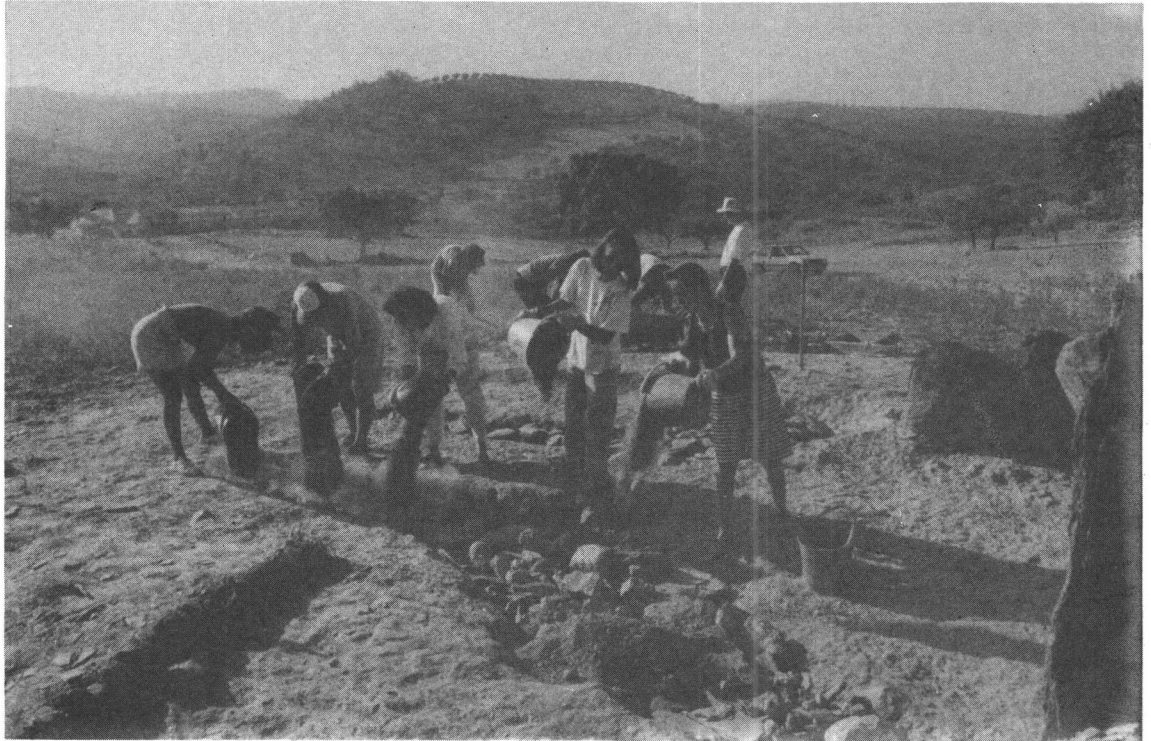
Anta da Lomba da Barca antes da escavação



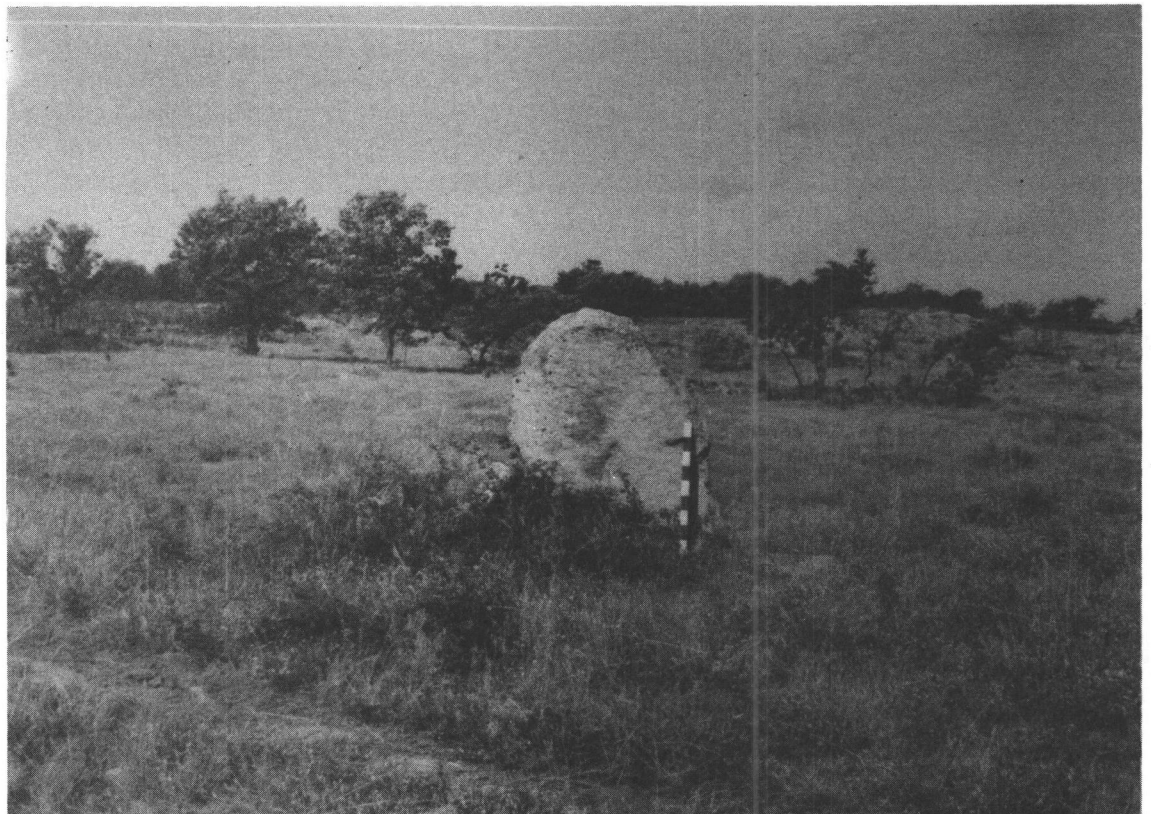
Anta da Lomba da Barca
Identificação de um machado e de uma enxó no interior da câmara



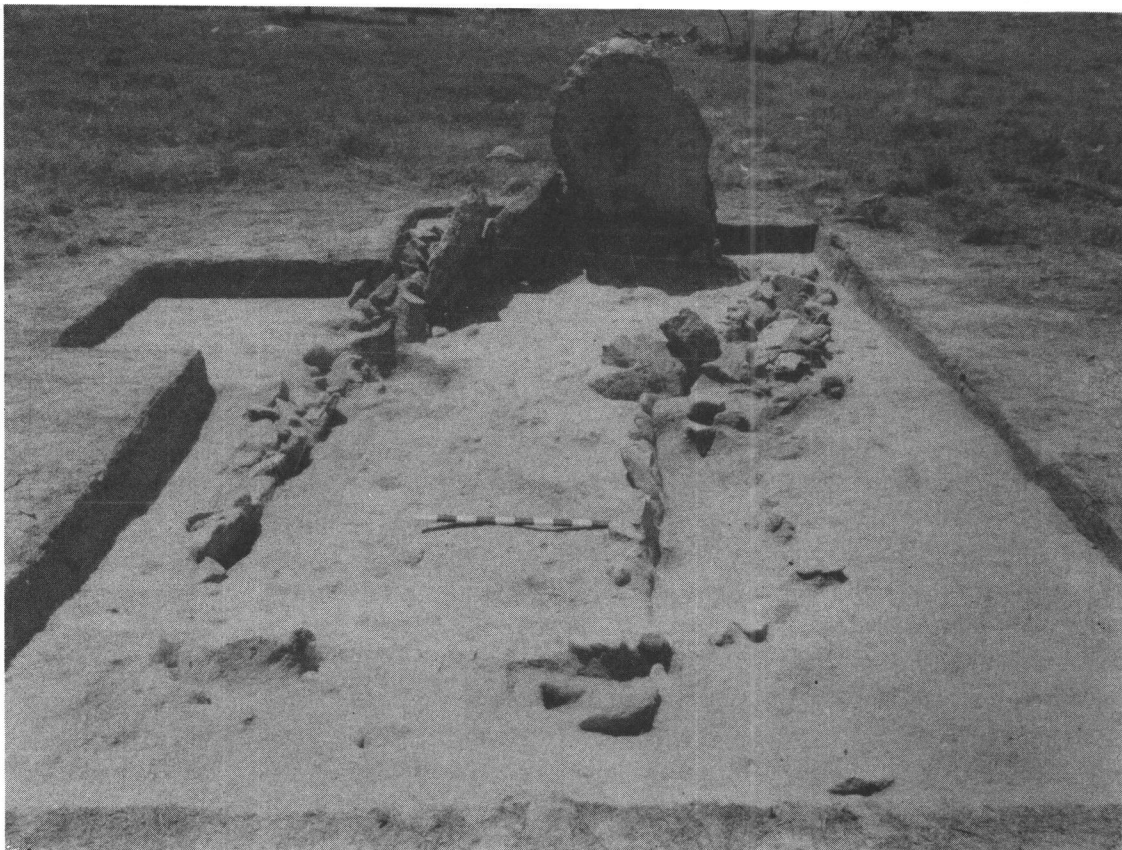
Anta da Lomba da Barca - alvéolos dos esteios já desaparecidos



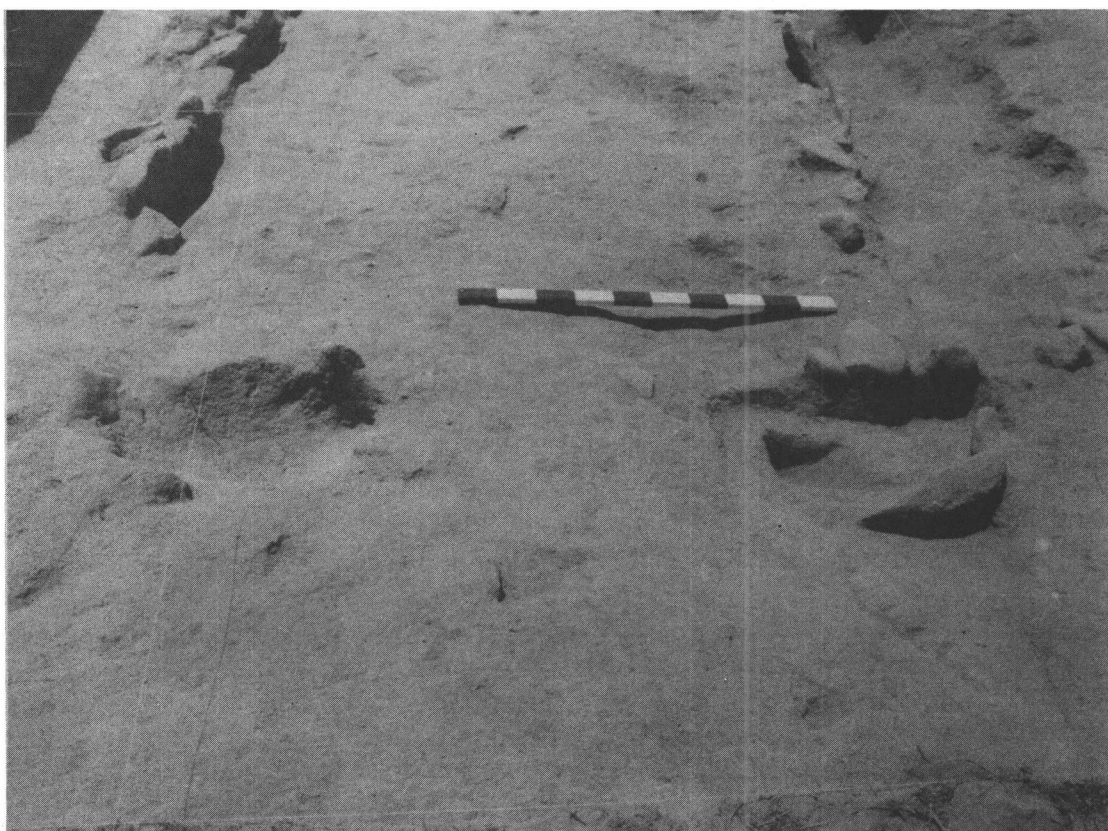
Anta da Lomba da Barca - enchimento dos alvéolos



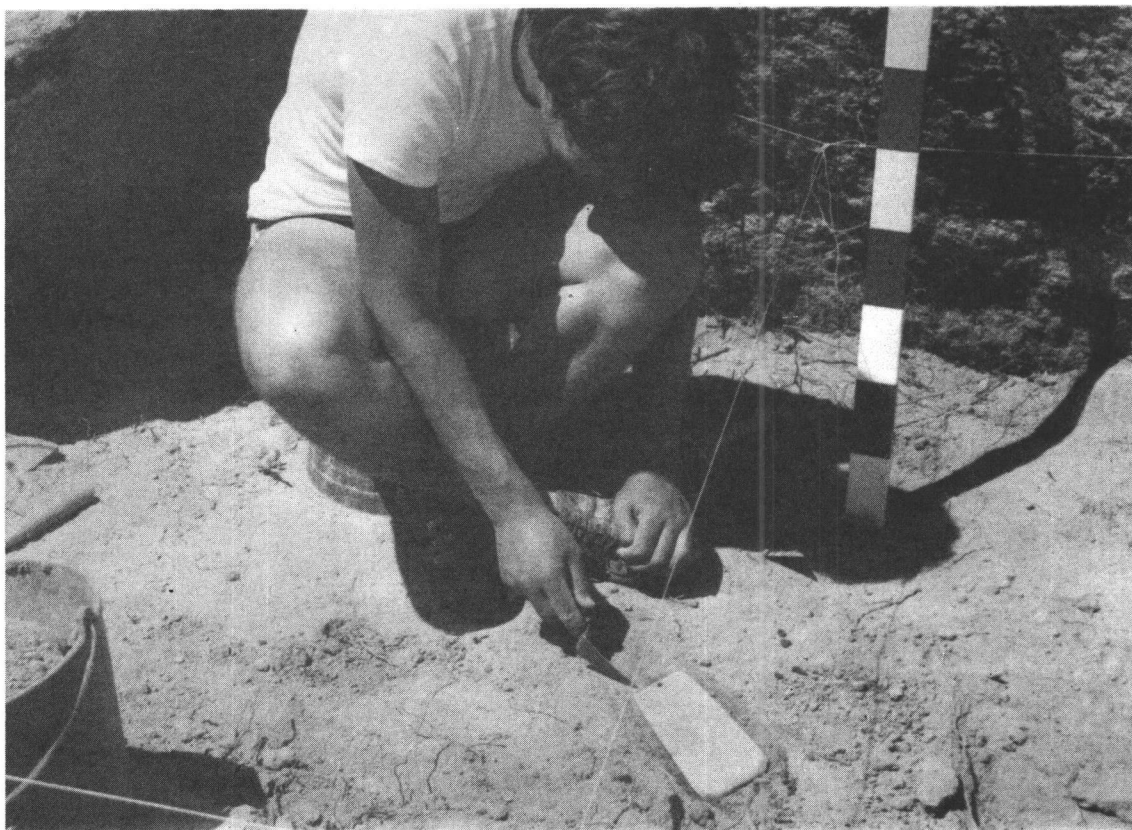
Anta I dos Coureiros antes da escavação



Anta I dos Coureiros - área escavada



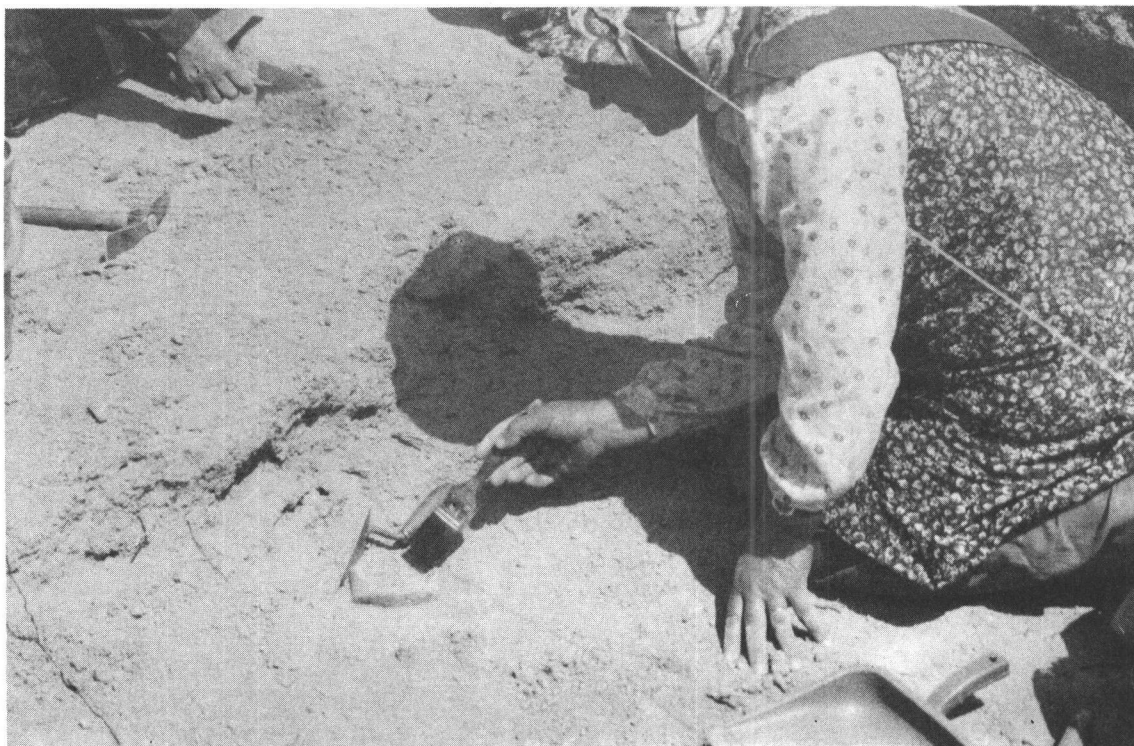
Anta I dos Coureiros - negativos da estrutura (?) de fecho do corredor



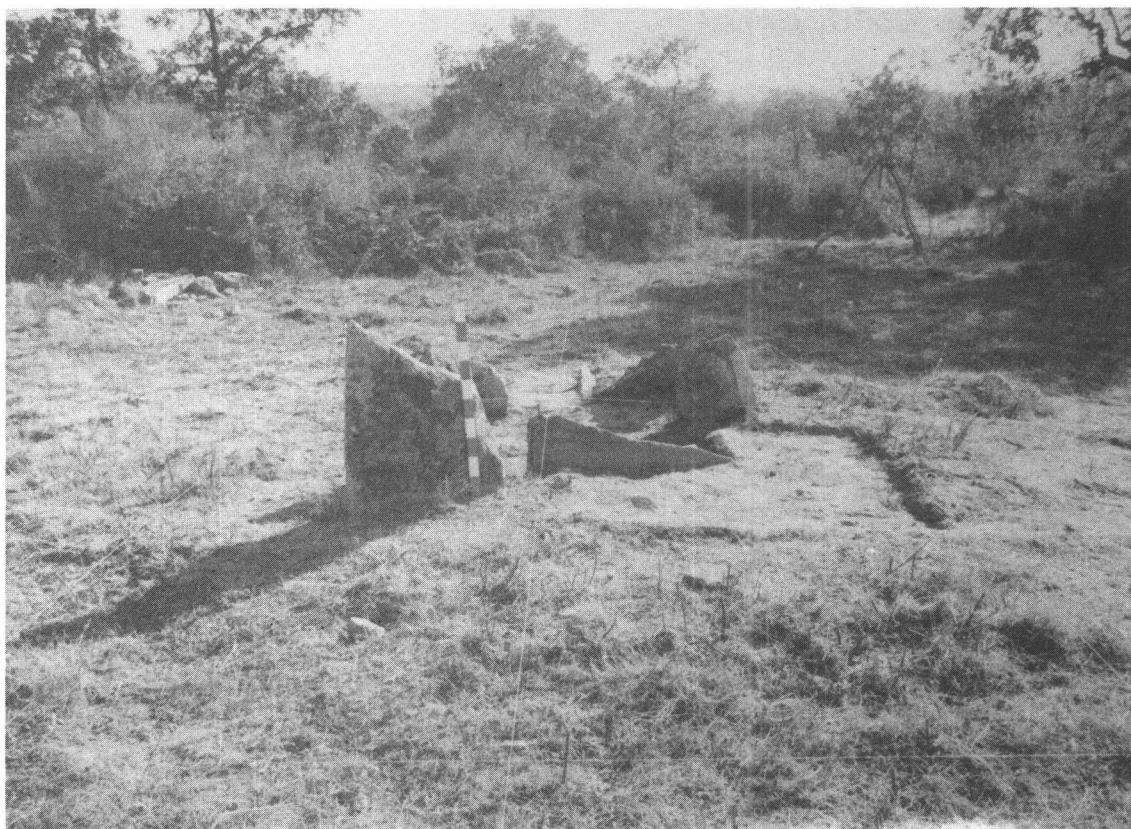
Anta I dos Coureiros - recolha de um ídolo-placa



Anta das Castelhanas durante a escavação



Anta das Castelhanas - recolha de um vaso no interior da câmara



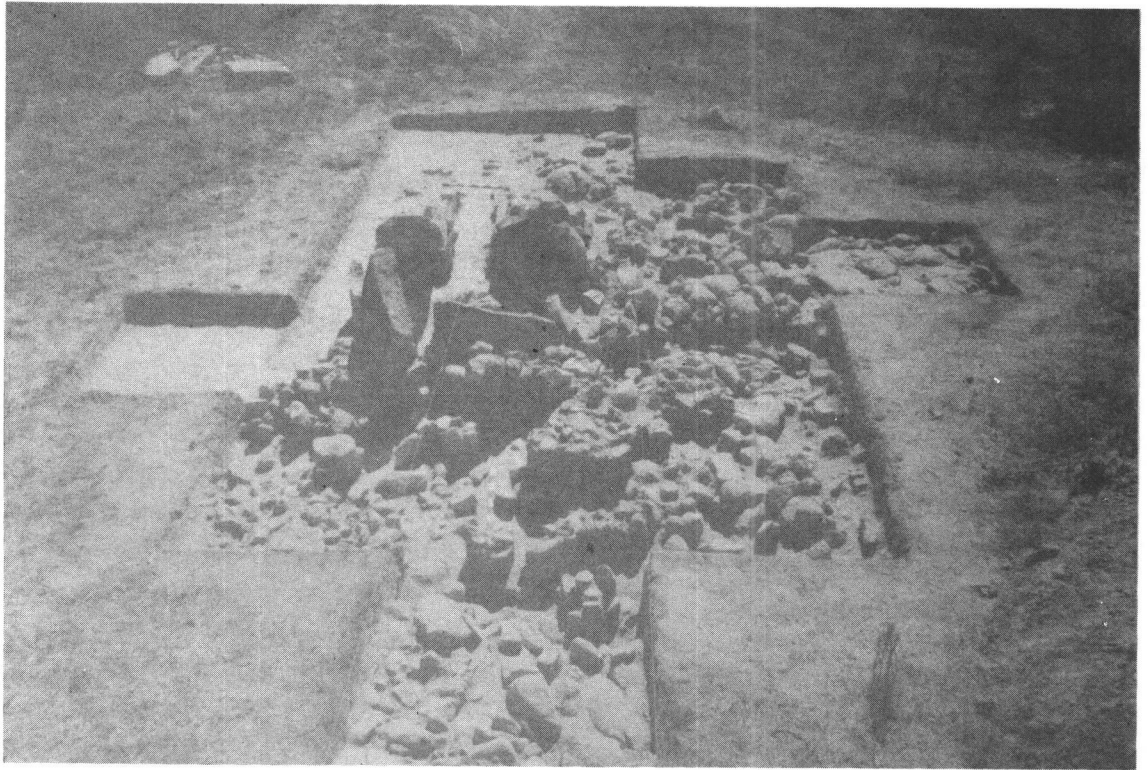
Anta III dos Coureiros antes da escavação



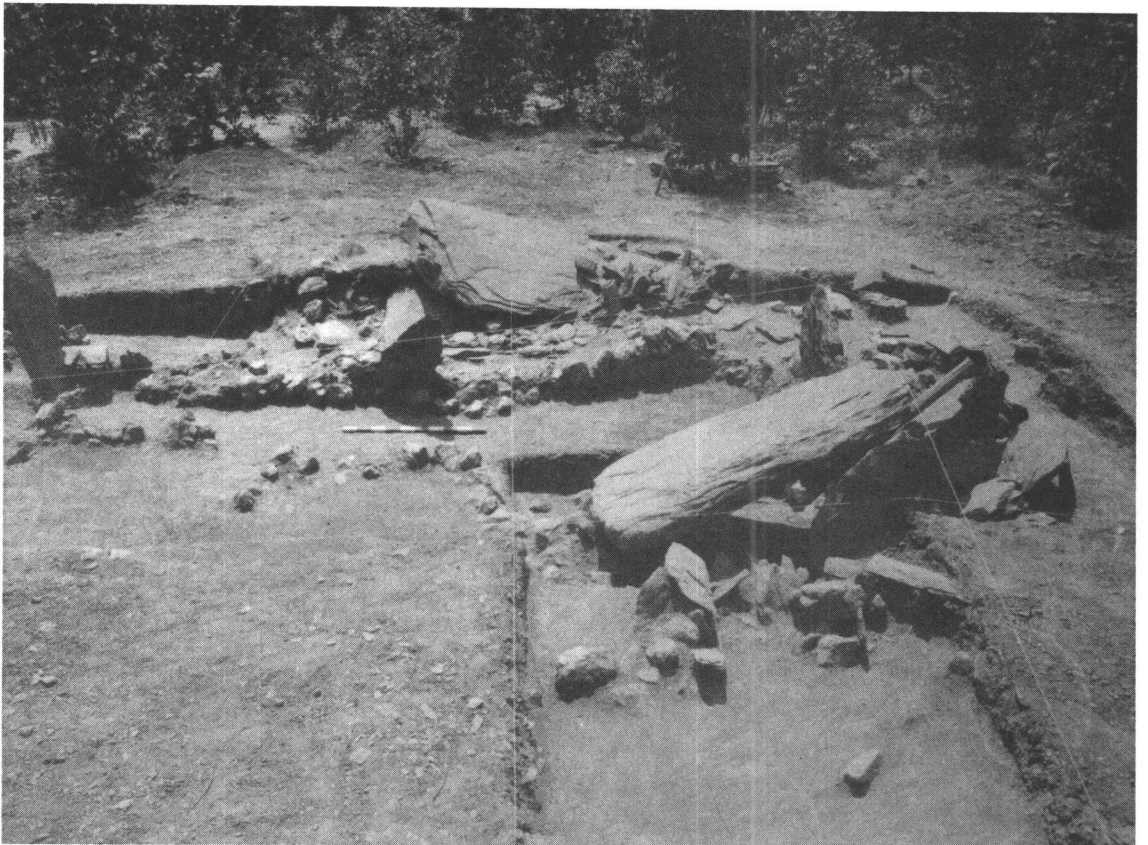
Anta III dos Coureiros - aspecto da escavação da câmara



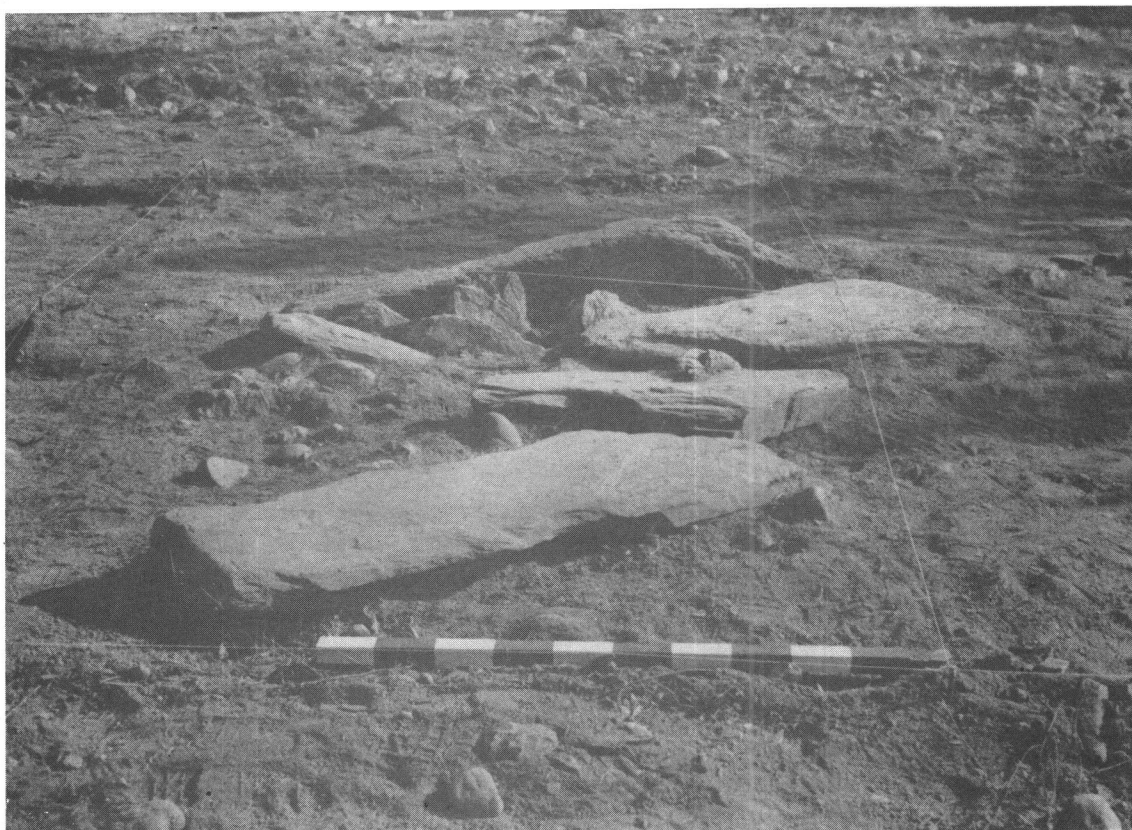
Anta III dos Coureiros - câmara e corredor após a escavação



Anta III dos Coureiros - vista geral da área escavada



Anta da Nave do Padre Santo - vista geral da escavação



Anta da Fonte da Pipa antes da escavação



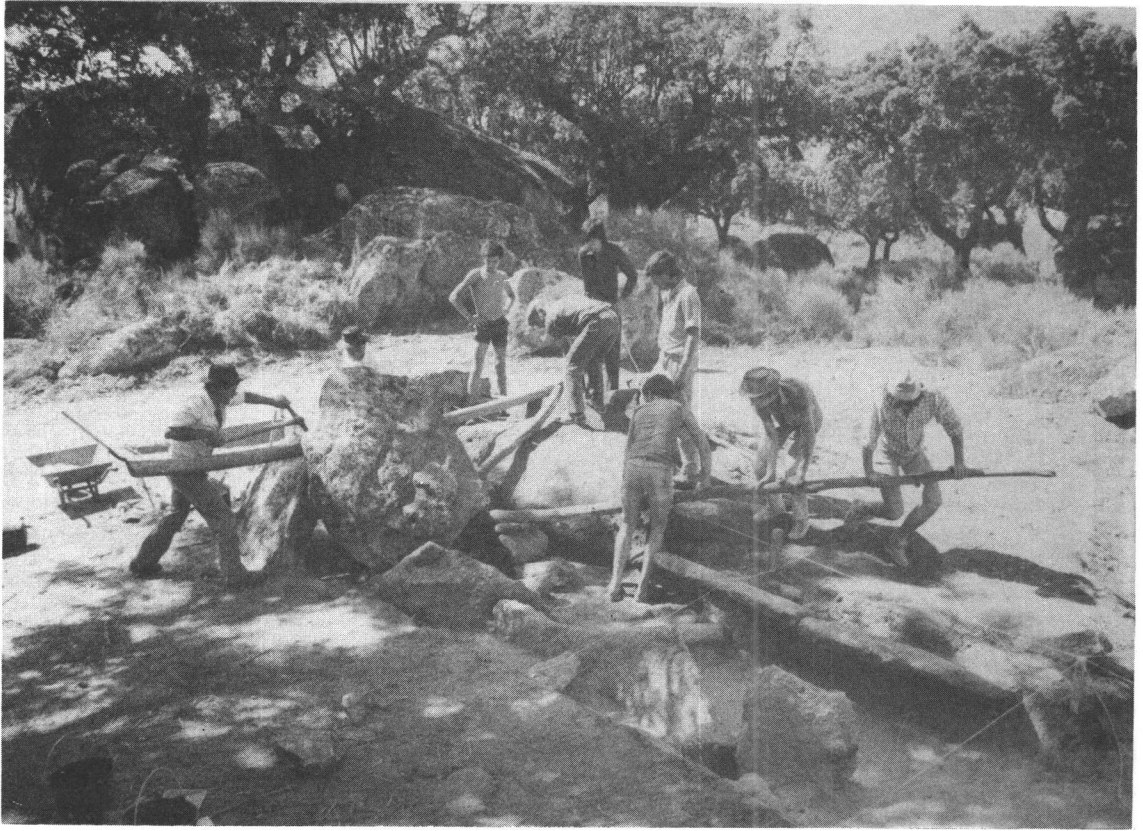
Anta da Fonte da Pipa - identificação do monumento através dos alvéolos



Anta da Fonte da Pipa - estrutura (?) de calhaus rolados sob os quais se encontrava uma placa de arenito



Anta da Fonte da Pipa após a escavação da câmara e do corredor



Anta da Bola da Cera - remoção da cobertura da câmara



Anta da Bola da Cera - aspecto do corredor no início da escavação



Anta da Bola da Cera - vista geral da escavação



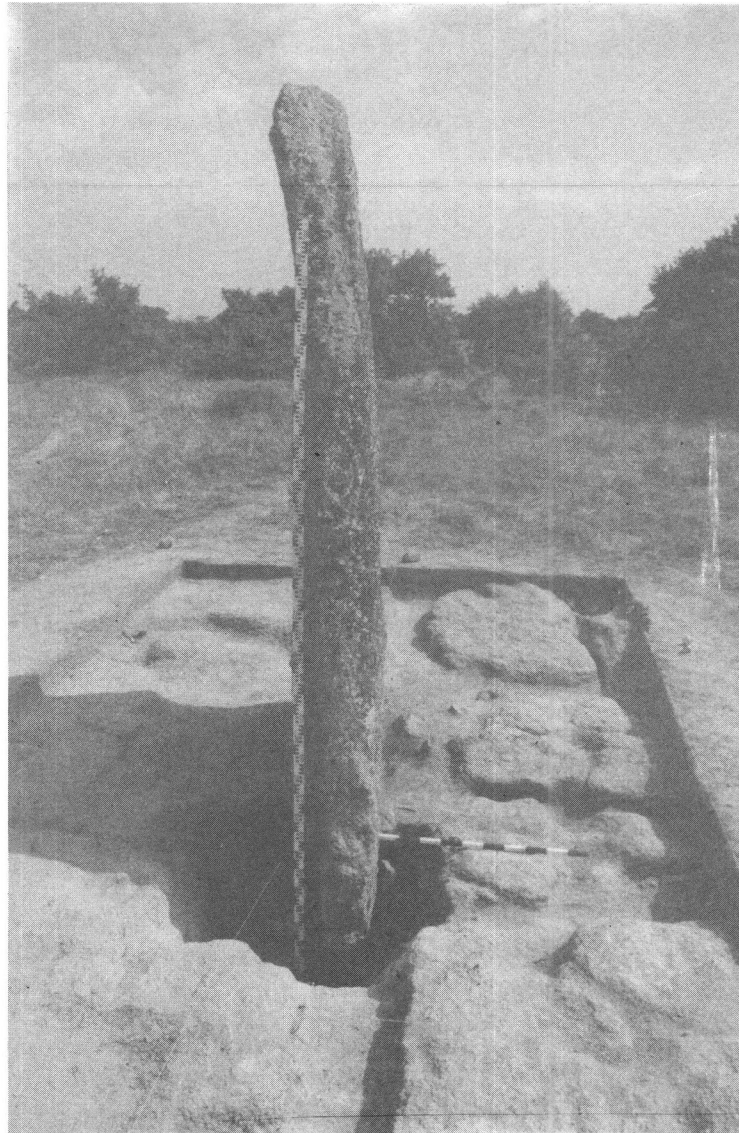
Escavação do menir da Água da Cuba



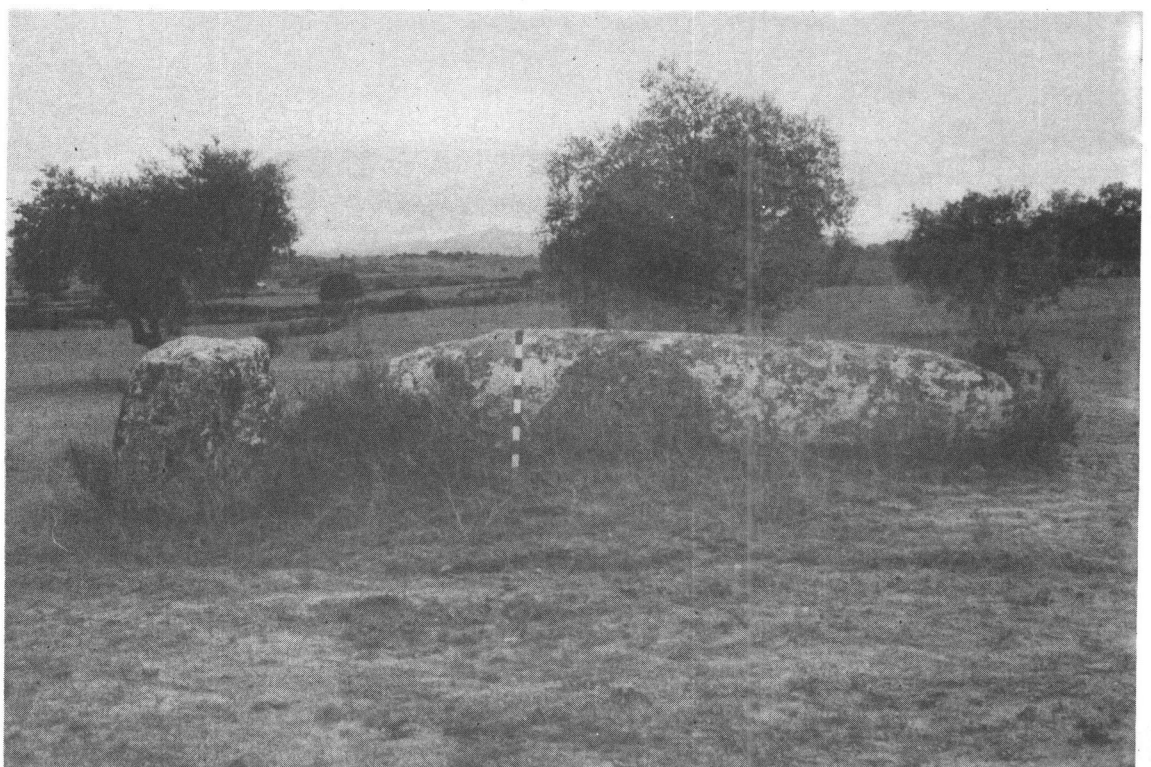
Menir da Água da Cuba - escavação vista de norte



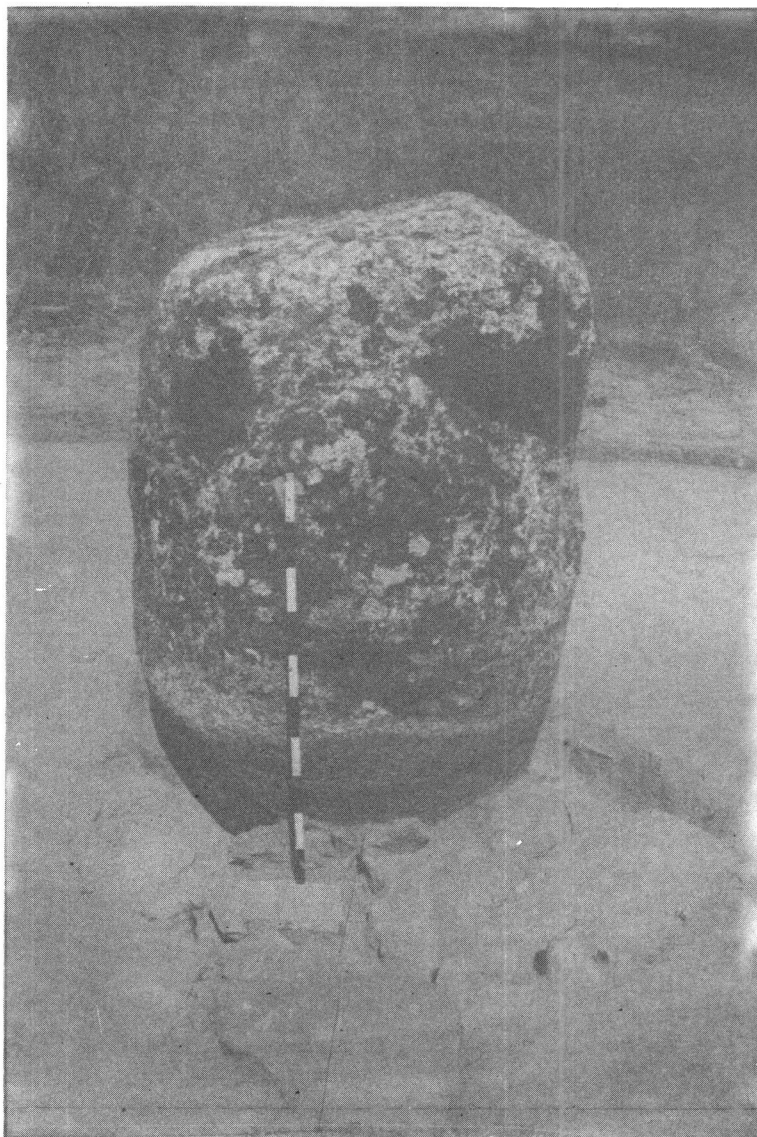
Menir do Carvalhal no início da escavação



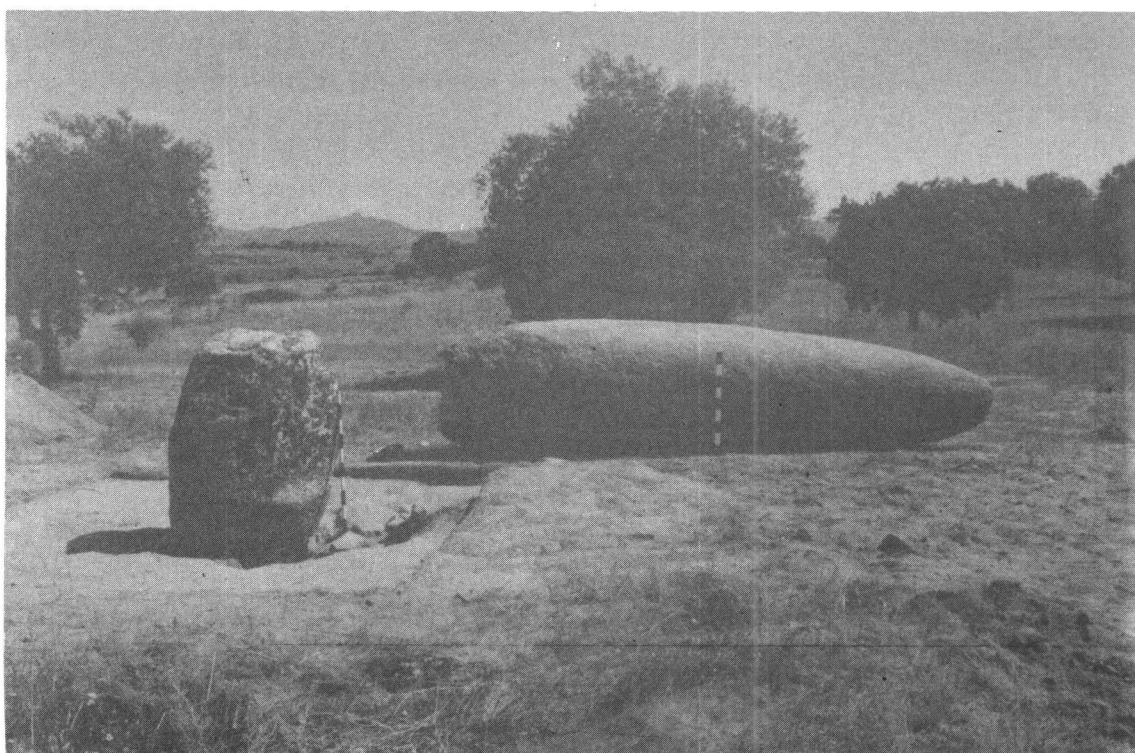
Menir do Carvalho - área escavada



Menir da Meada antes da escavação



Menir da Meada - pormenor dos calços de sustentação



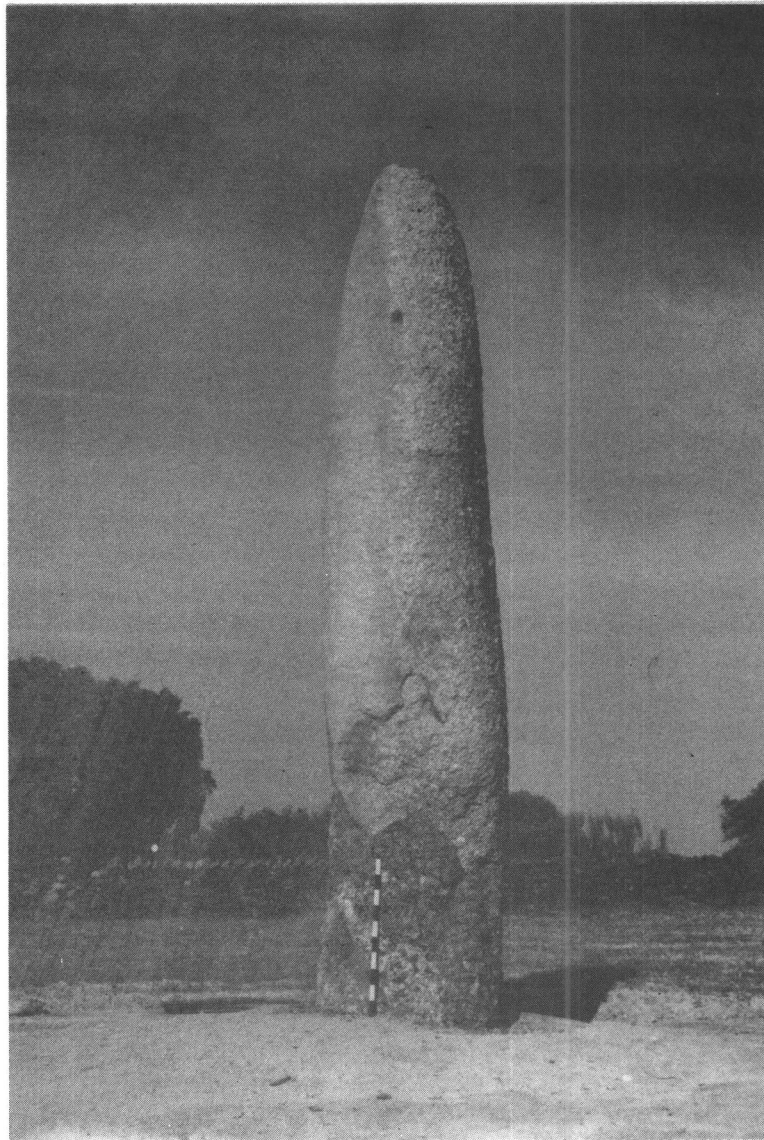
Menir da Meada - área escavada



Menir da Meada - preparativos para a sua recuperação



Menir da Meada - união das duas partes



Menir da Meada após a recuperação



Anta do Sobral antes da recuperação



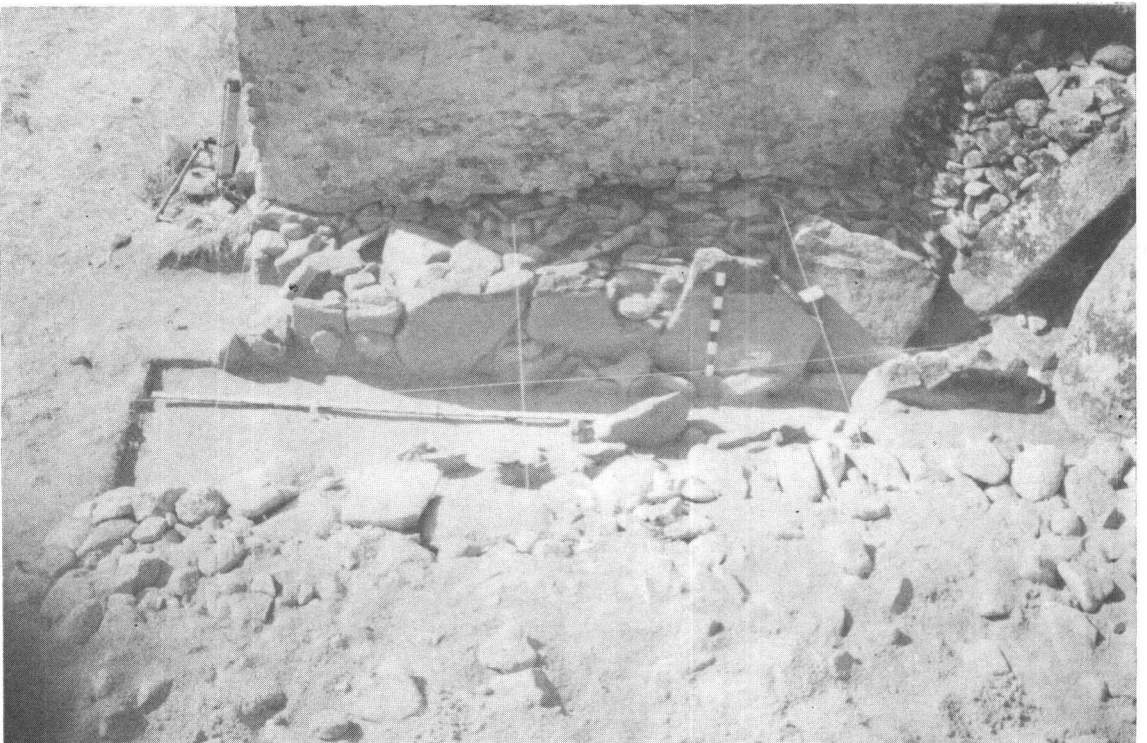
Anta do Sobral - recolocação da cobertura



Anta do Sobral após a recuperação



Anta IV dos Coureiros antes da escavação



Corredor da Anta IV dos Coureiros após a escavação



Anta da Cabeçuda antes da escavação



Anta da Cabeçuda - aspecto da escavação



Anta da Cabeçada - pequeno silo (?) no interior da câmara onde se recolheram um machado de pedra polida, um calhau rolado e landes torradas



Anta da Cabeçada após a recuperação

CAP. IV ARQUITECTURA DOS MONUMENTOS MEGALÍTICOS

1. SEPULTURAS MEGALÍTICAS

1.1. Matéria-prima e preparação dos monólitos

Parece claro que a variabilidade arquitectónica das sepulturas megalíticas da Bacia do Sever dependeu mais da matéria-prima de que foram feitas do que dos seus prováveis afastamentos cronológicos.

Dois grandes grupos podem desde já ser isolados: os monumentos compostos por esteios de xisto e os compostos por esteios de granito. Com duas excepções (Pombais e Tiracalzas), todos os monumentos construídos, em xisto, localizam-se na zona dos xistos enquanto que os monumentos obtidos em granito implantam-se na zona dos granitos.

Verifica-se, portanto, que a matéria-prima local foi a utilizada na construção das sepulturas. As duas excepções apresentam diferentes soluções na utilização das rochas. A anta del Tiracalzas, embora implantada já na zona dos xistos é formada integralmente por ortóstatos de granito (Ramírez, 1988: 22, 31),

enquanto que a anta dos Pombais, também nos xistos, possui a cobertura da câmara de granito e os restantes elementos em xisto. Qualquer dos dois monumentos, embora construídos nos xistos, localizam-se a poucas centenas de metros dos granitos, sendo, assim, relativamente fácil o transporte de diferente matéria-prima. Constata-se uma maior preferência pelo granito na construção das sepulturas megalíticas, em detrimento das lajes de xisto.

A maior parte das sepulturas megalíticas, ainda que na zona dos granitos, implantam-se nas imediações da linha de contacto com os xistos, e, no entanto, apenas uma possui um único e pequeno esteio de xisto. Trata-se da pequena laje introduzida na câmara da anta da Figueira Branca para isolamento do depósito funerário efectuado sobre os esteios fracturados.

Embora a extracção de lajes de xisto seja uma operação relativamente simples e a rocha facilmente trabalhável, verificamos, pelo acima exposto, que o granito foi a rocha preferida pelos construtores de megálitos na bacia do Sever. A extracção de lajes de xisto deverá ter ocorrido em pequenas pedreiras a céu aberto semelhantes às que ainda hoje são utilizadas na freguesia de Montalvão ou no termo de Cedillo para obtenção de pedra para construção de habitações rurais ou para a extracção de lajes destinadas a pequenas pontes.

Nas imediações do Monte do Vale Muchacho, na freguesia de Montalvão, a menos de trezentos metros da mamoa com o mesmo nome, assistimos ao corte de blocos de xisto destinados à reparação da casa de habitação. No *desmante* efectuado por dois pedreiros, utilizavam uma pequena alavanca, duas cunhas e uma picareta. Com estes quatro instrumentos e apenas dois homens, foi possível num curto espaço de tempo obter blocos de pedra de dimensões pouco menores do que os esteios utilizados normalmente na maioria das antas desta região.

Junto a vários monumentos megalíticos da zona dos xistos podemos ainda identificar locais de corte de pedra (1). Estas pedreiras, com uma área de

exploração que raramente ultrapassa os quatro metros quadrados, apresentam uma pátina muito semelhante à existente nos esteios dos monumentos, mostrando que desde há muito tempo não são utilizadas. Os construtores das antas em xisto procuraram formações rochosas com xistosidade vertical, provavelmente mais favorável à extracção de lajes de maiores dimensões.

Para além do xisto os construtores de sepulturas da zona norte da área em estudo utilizaram também blocos de quartzo leitoso e calhaus rolados. Qualquer destes materiais abunda nesta região, não havendo necessidade de percorrer mais de quinhentos metros em torno de qualquer sepultura para se poder recolher a matéria-prima necessária à sua construção.

Se para a edificação das sepulturas megalíticas em xisto a obtenção da matéria-prima parece ter sido tarefa fácil, para as de granito também não terá implicado muito trabalho, embora exigisse uma técnica um pouco mais elaborada. O granito com que foram construídas as sepulturas megalíticas da zona sul da bacia do Sever foi obtido nos afloramentos que na maior parte dos casos as envolvem. Nas imediações de praticamente todos os monumentos, e à semelhança do que verificámos nas antas de xisto, identificámos, pelo menos, um local de corte de pedra. A fractura concoidal do granito facilita a extracção de grandes lajes com a espessura geralmente utilizada nestes monumentos.

Identificado um afloramento com linhas de fractura naturalmente abertas, o corte a efectuar tinha apenas por fim a delimitação do bloco pretendido. No concelho de Marvão, o Lajão dos Coelhoos que se situa entre as antas da Laje dos Frades, Tapada do Castelo e Bola da Cera, é um grande afloramento donde foram extraídos, por este processo, vários blocos de granito. Negativos de cunhas são bem visíveis nas zonas de corte do Lajão dos Coelhoos. A cerca de quatrocentos metros para Sul, em direcção à anta da Tapada do Castelo, um bloco de granito, com dimensões idênticas às dos esteios utilizados na construção das antas desta região, encontra-se encostado a um batólito. Este afloramento, de reduzidas dimensões, não poderia fornecer uma laje como a que a ele se encosta. Esta

apresenta uma pátina testemunhando que desde há muito para ali foi transportada. Provavelmente estamos em presença de um esteio cortado no Lajão dos Coelho e que se destinaria a uma das várias sepulturas megalíticas que se encontram em torno das Lapas de Abrigo de Vidais. Por causas que desconhecemos teria sido abandonado a três centenas de metros do local de onde havia sido extraído (2).

A técnica utilizada para o corte da pedra também não a conhecemos por completo. A identificação de negativos de cunhas encontrados nalguns locais de extracção e no perímetro de alguns esteios e coberturas, servindo como exemplo o chapéu da anta de Datas II, poderá indiciar a utilização de cunhas de madeira que por dilatação obrigariam a pedra a abrir (Ramírez, 1988:162). Este processo poderá não ter sido o único. A introdução de cunhas de pedra batidas sequencialmente, como ainda hoje se verifica nas pedreiras mais tradicionais, ainda que com instrumentos de ferro, poderá ter sido outra técnica utilizada.

Na freguesia de Alpalhão, nos inícios do presente século, a extracção de *mantas* (3) de granito era feita, nos finais das tardes do Inverno, com recurso à combustão de lenha sobre a linha de fractura pretendida. As temperaturas que rapidamente baixavam durante a noite obrigavam a rocha a estalar no local anteriormente aquecido. Estes cortes, ao contrário dos efectuados por cunhas, não deixam qualquer vestígio, podendo levantar-se a hipótese de que alguns elementos líticos que formam os monumentos pré-históricos e que não apresentam negativos de cunhas, possam ter sido extraídos por este processo. Em locais onde a rocha apresente fracturas naturais horizontais apenas com fogo e sem recurso a qualquer instrumento podem extrair-se blocos de granito de grandes dimensões.

Como se pode ver, tanto em xisto como em granito, o corte e a extracção de esteios e coberturas parece não ter sido tarefa muito difícil para os construtores de megálitos.

Obtido o bloco pretendido por algum dos processos enunciados ou por outros que desconhecemos, pouco tratamento posterior sofreria. Sinais de irregulares bujardagens no contorno dos monólitos para quebra das arestas mais vivas que certamente apresentariam aquando da extracção directa são os únicos tratamentos detectados nos esteios dos monumentos localizados na área em estudo. A forma côncava que a face interna de algumas coberturas das câmaras dos monumentos de granito apresentam e ao contrário do sugerido por alguns autores como Primitiva Ramírez não foram objecto de qualquer tratamento intencional, mas tão-só resultado da fractura concoidal do granito. O entendimento que se faz de uma preparação prévia "con el objecto de reunir en dicha concavidad la parte superior de los ortostatos que forman la cámara" (Ramírez, 1988:162), não nos parece ter sido objecto de trabalho humano.

Nas muitas centenas de monumentos que visitámos nunca detectámos sinais de desgaste artificial. A ausência de qualquer polimento que resultaria obrigatoriamente do trabalho humano reforça a nossa tese. Na verdade todas as coberturas de câmaras e corredores, assim como os esteios, apresentam a face côncava virada para o interior do monumento originando um espaço mais envolvente e, ao mesmo tempo, mais estável. Contudo, a concavidade presente nos monólitos não resulta de qualquer actividade humana, mas apenas da fractura que caracteriza o granito.

Nos monumentos de xisto o tratamento que nos foi possível identificar resumiu-se à regularização por bujardagem, sobretudo dos topos dos esteios que iriam suportar o peso das coberturas. Este arredondamento e regularização das superfícies de contacto evitaria que perante uma irregular distribuição do peso a xistosidade da rocha entrasse em perigosa desagregação.

1.2. Transporte dos monólitos

Se o corte da pedra para os monumentos funerários parece não ter sido tarefa muito problemática, o transporte dos monólitos já terá exigido mais esforço e obrigado à mobilização de maior número de pessoas. Ainda que as pedreiras que forneceram a matéria-prima não se localizem a grande distância do local onde os monumentos foram erigidos, obrigaram a uma conjugação de esforços que ultrapassaria as várias dezenas de pessoas sobretudo para a construção dos monumentos em granito.

As dimensões dos esteios de xisto que formam os monumentos da zona norte da área em estudo, tal como já referimos, apresentam-se significativamente reduzidas quando comparadas com as dos monumentos de granito.

A anta da Nave do Padre Santo é de todos os monumentos da zona dos xistos o que possui esteios mais volumosos. O de cabeceira, ainda *in situ* parece ser aquele que, embora parcialmente fracturado na parte superior, maior esforço exigiria para o seu transporte. Com os seus três mil cento e cinquenta e três quilogramas de peso, (4) o número de homens necessários para o seu transporte seria de cinquenta e cinco se o fizessem por elevação, cinquenta por arrastamento sem rolos e dezanove com a utilização de rolos.

Dos monumentos por nós estudados na zona norte da bacia do Sever a anta da Lomba da Barca, ainda que de menores dimensões do que a anterior, possui esteios que, comparados com os do pequeno monumento da Fonte da Pipa, implicaram a mobilização de maior número de pessoas para o transporte do esteio mais volumoso que chegou até aos nossos dias. Pesando mil seiscientos e dezanove quilogramas, para o transporte do esteio de cabeceira foram necessárias respectivamente vinte e oito, vinte e seis ou dez pessoas, conforme tivesse sido transportado por elevação, arraste sem rolos ou arraste com rolos.

A anta da Fonte da Pipa é de todos os monumentos de xisto por nós estudados o mais pequeno. O esteio actualmente existente com maior peso não ultrapassa os quinhentos e oitenta e oito quilogramas. Para o seu transporte foram necessários respectivamente dez, nove ou três pessoas, conforme o seu transporte fosse por elevação, arrastamento sem rolos ou arrastamento com utilização de rolos.

Na margem direita do Sever, no Termo Municipal de Cedillo, onde ainda se conservam alguns monumentos de dimensões inferiores ao da Fonte da Pipa, constatámos que a maioria dos esteios que os compõem podem facilmente ser movidos por elevação por apenas três a quatro pessoas. Verifica-se assim que nos monumentos de xisto existe grande disparidade de peso entre os monólitos e consequente proporcionalidade de pessoas envolvidas no seu transporte.

Apenas por estes exemplos verificamos que, embora sejam monumentos de pequenas dimensões compostos por monólitos pouco pesados, implicaram para o seu transporte muitos mais homens do que os necessários para o corte da pedra. Como à frente veremos, para a construção dos monumentos de granito essa relação é muito superior.

O esteio de cabeceira da anta da Cabeçuda, em granito, com os seus seis mil seiscentos e dezassete quilogramas de peso, teria obrigado ao recrutamento de respectivamente cento e dezasseis, cento e seis ou quarenta pessoas, conforme tivesse sido transportado com elevação, arrastamento sem rolos ou arrastamento com rolos.

O esteio de maiores dimensões da anta IV dos Coureiros com quase cinco toneladas de peso necessitaria para o seu transporte respectivamente de oitenta e seis, setenta e nove ou trinta pessoas, conforme as situações já referidas. Na mesma necrópole a cobertura da anta II que pesa nove toneladas e quatrocentos e sessenta quilogramas implicaria para o seu transporte cento e

sessenta e cinco, cento e cinquenta e uma ou cinquenta e sete pessoas de acordo com as diferentes possibilidades de transporte.

Vejamos mais alguns exemplos. Para o transporte do chapéu da anta da Figueira Branca que pesa quatro mil duzentos e quarenta quilogramas seriam necessárias respectivamente setenta e quatro, sessenta e oito ou vinte e cinco pessoas. O esteio de cabeceira da anta da Bola da Cera pesa três toneladas. Para o seu transporte seriam necessárias, respectivamente, cinquenta e oito, quarenta e oito ou dezoito pessoas.

Pelos exemplos apontados fica claro, mais uma vez, que o número de pessoas necessárias ao transporte dos esteios dos monumentos em granito é muito superior às pessoas envolvidas no corte da pedra. Parece certo que a hipótese do transporte por elevação da maior parte dos monólitos era completamente impraticável, não pelo número de pessoas que era necessário mobilizar, mas pela impossibilidade destas poderem exercer a sua força. Se nalguns casos o arraste sem rolos poderá ter ocorrido, certamente que se não se utilizasse qualquer sistema de rolagem, o afundamento era inevitável em terrenos menos compactos. Parece, assim, que o processo provavelmente mais utilizado seria o do arraste sobre materiais rolantes. Importa não descurar a hipótese da utilização de alavancas que em muito reduziriam o número de pessoas directamente envolvidas no transporte dos monólitos.

Embora se desconheça o processo ou processos de transporte dos monólitos e apesar de na área em estudo os monumentos não se implantarem muito distante dos locais de extracção da pedra, podemos verificar pela lista que a seguir se apresenta que o número de pessoas envolvidas na movimentação dos ortóstatos era bastante significativo. Ainda que no cálculo por nós efectuado e que a seguir apresentamos, elaborado a partir do estudo de Bello Dieguez, Criado Boado e Vazquez Varela (5) não seja contemplada a redução do número de pessoas que originaria a provável utilização de alavancas, os valores que citamos poderão funcionar como elementos comparativos entre os monumentos estudados.

Para cada monumento analisado considerou-se o ortóstato com maior volume ou, na impossibilidade de se achar o volume do maior, considerou-se aquele que imediatamente abaixo possibilitava esse cálculo. Apenas se apresentam valores para ortóstatos dos monumentos mais significativos e que foram objecto de estudo arqueológico.

ANTA DA NAVE DO PADRE SANTO

Material - xisto

Peso do esteio de maiores dimensões: 3 153 Kg

Transporte por elevação -----55,1 homens

Transporte por arraste sem rolos ----- 50,4 homens

Transporte por arraste com rolos ----- 18,9 homens

ANTA DA FONTE DA PIPA

Material - xisto

Peso do esteio de maiores dimensões: 588 Kg

Transporte por elevação ----- 10,2 homens

Transporte por arraste sem rolos ----- 9,4 homens

Transporte por arraste com rolos ----- 3,5 homens

ANTA DA LOMBA DA BARCA

Material - xisto

Peso do esteio de maiores dimensões: 1 619 Kg

Transporte por elevação ----- 28,3 homens

Transporte por arraste sem rolos ----- 25,9 homens

Transporte por arraste com rolos ----- 9,7 homens

ANTA DA CABEÇUDA

Material - granito

Peso do esteio de cabeceira: 6 617 Kg

Transporte por elevação ----- 115,7 homens

Transporte por arraste sem rolos ----- 105,8 homens

Transporte por arraste com rolos ----- 39,7 homens

ANTA I DOS COURELEIROS

Material: granito

Peso do esteio de cabeceira: 2 345 Kg

Transporte por elevação ----- 41 homens

Transporte por arraste sem rolos ----- 22,2 homens

Transporte por arraste com rolos ----- 14 homens

ANTA II DOS COURELEIROS

Material: granito

Peso da cobertura da câmara: 9 460 Kg

Transporte por elevação ----- 165,5 homens

Transporte por arraste sem rolos ----- 151,3 homens

Transporte por arraste com rolos ----- 56,7 homens

ANTA III DOS COURELEIROS

Material: granito

Peso do esteio de cabeceira: 2040Kg

Transporte por elevação ----- 35,7 homens

Transporte por arraste sem rolos ----- 32,6 homens

Transporte por arraste com rolos ----- 12,2 homens

ANTA IV DOS COURELEIROS

Material: granito

Peso do esteio de maiores dimensões: 4 960 Kg

Transporte por elevação ----- 86,8 homens

Transporte por arraste sem rolos ----- 79,3 homens

Transporte por arraste com rolos ----- 29,7 homens

ANTA DE LA HUERTA DE LAS MONJAS

Material: granito

Peso da cobertura da câmara: 10 600 Kg (6)

Transporte por elevação ----- 185,5 homens

Transporte por arraste sem rolos ----- 169,6 homens

Transporte por arraste com rolos ----- 63,6 homens

ANTA DOS POMBAIS

Material : granito

Peso da cobertura da câmara: 3 577 Kg

Transporte por elevação ----- 62,5 homens

Transporte por arraste sem rolos ----- 57,2 homens

Transporte por arraste com rolos ----- 21,4 homens

ANTA DA FIGUEIRA BRANCA

Material: Granito

Peso da cobertura da câmara: 4 240 Kg



Transporte por elevação -----	74,2 homens
Transporte por arraste sem rolos -----	67,8 homens
Transporte por arraste com rolos -----	25,4 homens

ANTA DA BOLA DA CERA

Material: Granito

Peso do esteio de cabeceira: 3 031Kg

Transporte por elevação -----	57,9 homens
Transporte por arraste sem rolos -----	48,4 homens
Transporte por arraste com rolos -----	18,1 homens

Pela análise dos dados acima apresentados verificamos que o número de pessoas envolvidas em qualquer dos processos parece ser demasiado grande quando comparado com as implicadas na movimentação de monólitos em trabalhos por nós dirigidos. A normal ausência de meios obrigou-nos inúmeras vezes a movimentar diversos esteios ou coberturas sem a utilização de máquinas, recorrendo-se unicamente à força humana e a alavancas de madeira.

Durante o estudo da anta dos Pombais foi necessário movimentar para fora da área de escavação a cobertura da câmara que pesa 3 577 Kg. Apenas seis membros da equipa utilizando unicamente alavancas de madeira deslocaram facilmente o monólito. Rolando sobre pequenos toros de madeira que, por sua vez,

assentavam sobre dois paus funcionando como carris, foi rapidamente removido o grande bloco de granito que cobria e vedava o acesso ao interior do monumento. Pelos cálculos acima efectuados baseados no citado estudo, verificamos que a diferença entre o número de pessoas para transporte com rolos e a nossa experiência é de cerca de um terço.

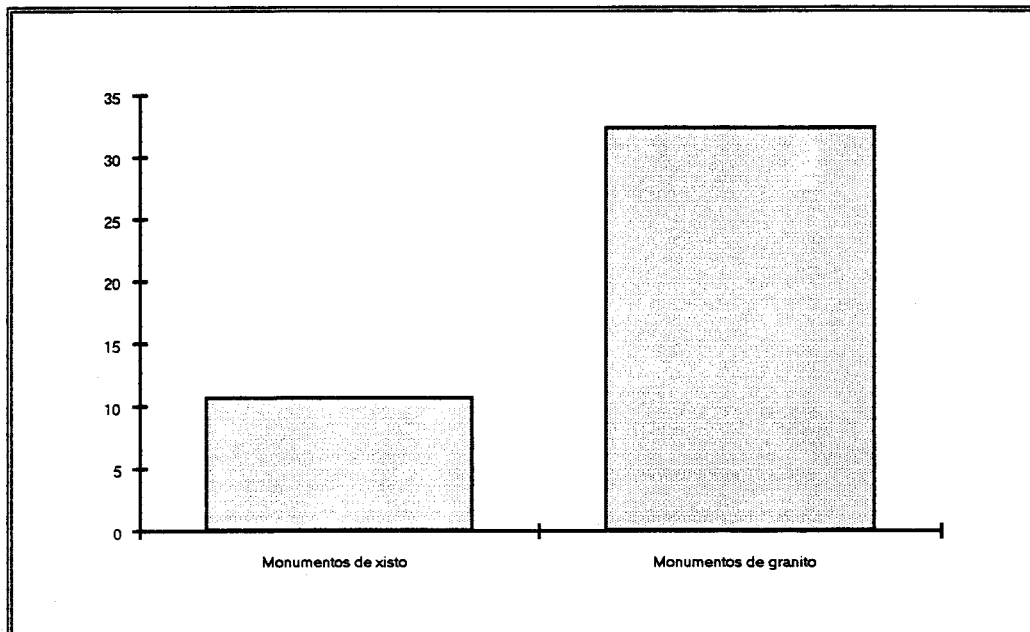
A utilização de alavancas de madeira foi por nós também experimentada nas antas da Cabeçuda e da Figueira Branca na movimentação de fragmentos de esteios com pesos que variavam entre os mil e quinhentos e os dois mil quilogramas. Nestes trabalhos não deslocámos os monólitos sobre troncos. Blocos esféricos de granito e quartzo colocados sob os fragmentos de esteios e em contacto directo com o solo possibilitaram a sua rápida movimentação.

Pelas experiências por nós ensaiadas para pesos não superiores a seis mil quilos, verificamos que a utilização da alavanca reduz em cerca de um terço o número de pessoas necessárias para o transporte sobre rolos com recurso unicamente a tirantes. Nos cálculos dos autores que temos vindo a citar inclui-se já a equipa de apoio aos que directamente movimentam as pedras, inflacionando, assim, o número de indivíduos mobilizados para estas tarefas.

O processo utilizado pelos construtores de megálitos dificilmente algum dia poderá ser confirmado. Importa-nos, contudo, mais uma vez verificar que os gastos energéticos para o transporte dos elementos das sepulturas megalíticas reflectem um esforço assinalável para as comunidades que as construíam. Por outro lado servem-nos, sobretudo, como mais um elemento comparativo do diferente investimento energético entre as duas manchas megalíticas isoladas na área em estudo.

Pondo de parte a anta dos Pombais por ser uma excepção aos dois grupos, e considerando o transporte por arraste sobre rolos, verificamos que o número médio de homens necessários para a movimentação dos monólitos dos monumentos de xisto é de 10,7, enquanto que para os monumentos de granito a

média aumenta para 32,4. Observa-se, assim, que o investimento energético triplica nos monumentos de granito, reforçando também esta análise e mais uma vez as múltiplas diferenças existentes entre os dois grupos de sepulturas megalíticas.



Número médio de pessoas necessárias para o transporte de esteios com utilização de rolos para a construção de antas de xisto e granito

1.3. A construção da sepultura megalítica

Em termos arquitectónicos dois tipos-base são isoláveis nas sepulturas megalíticas da área em estudo. Na zona dos xistos predominam os monumentos

simples ou alongados em forma de saco, sem uma clara diferenciação entre a câmara e o corredor. Na zona dos granitos a estrutura interna dos monumentos caracteriza-se por uma câmara octogonal à qual se adossa um corredor mais ou menos longo.

Diferentes técnicas de construção foram identificadas nos dois distintos grupos. As reduzidas dimensões que caracterizam os monumentos da área de influência do rio Tejo não justificaram uma técnica de construção tão cuidada quanto a detectada nos monumentos situados nas imediações da Serra de S. Mamede. Analisemos separadamente cada uma das técnicas de construção.

1.3.1. Sepulturas de xisto

A base das sepulturas construídas na zona dos xistos encontra-se, geralmente, abaixo da linha de terra. Assentando sobre afloramentos de xisto ou em solos argilosos, verificamos que o espaço funerário foi rebaixado em relação ao nível exterior. Uma regularização cuidada do piso, contrastando fortemente com o detectado nalguns monumentos de granito, foi a norma dos construtores das câmaras funerárias da zona norte da área em estudo. Esta regularização, quando não efectuada pelo desbaste dos afloramentos da rocha, foi conseguida com a compactação de argila e pequenos fragmentos de xisto ou calhaus rolados introduzidos no interior dos abatimentos mais significativos.

Tal como ocorre nos monumentos de granito, os esteios dos monumentos de xisto foram implantados em alvéolos abertos no solão de base. Contudo, algumas diferenças estão presentes. Nas sepulturas cujo piso foi mais rebaixado, o que ocorre nos monumentos mais simples e provavelmente fechados, os alvéolos

são pouco profundos, raramente ultrapassando os vinte centímetros em relação ao nível interno. A diferença do nível interno para o nível externo por vezes pode ultrapassar os quarenta centímetros. Os monólitos foram assim colocados de cima para baixo, mas levemente inclinados para o interior.

O esteio de cabeceira quando isolável é mais largo e mais espesso que os restantes. A resistência desta peça é fundamental para a estabilidade de toda a construção, considerando que é a partir dele que se organiza toda a estrutura funerária. Nele descansam, ainda que só nalguns casos, os topos dos esteios laterais. É notória a diferença da qualidade da contrafortagem do esteio de cabeceira em relação à existente para os outros elementos. Esta contrafortagem foi normalmente obtida por blocos de xisto e por vezes calhaus rolados unidos por argila compactada introduzidos entre os alvéolos e os monólitos. Em dois monumentos (Lomba da Barca e Fonte da Pipa) recolhemos elementos de moinhos fracturados, a servirem de calços (7).

O número de esteios nos monumentos de xisto é muito variável. A quantidade de ortóstatos é inversamente proporcional à sua dimensão. Esta relação reflecte-se, naturalmente, na planta destas construções. Nas que possuem esteios mais largos a câmara e o corredor parecem querer individualizar-se, como ocorre na anta da Lomba da Barca. Quando os esteios são mais pequenos, quer em largura, quer em altura, a distinção entre câmara e corredor é menos clara e por vezes não existe o chamado esteio de cabeceira, como é o caso da anta do Cerro de la Caldera. Nestes monumentos, em forma de saco, geralmente os mais longos, como seria a anta da Nave do Padre Santo, os esteios terminais são muito pequenos, raramente ultrapassando os trinta centímetros de altura e pouco implantados no solo.

Entre os monumentos compostos por múltiplos esteios encontramos pequenas câmaras, provavelmente fechadas, de forma ovalada ou sub-rectangular, sem que qualquer esteio se destaque em termos volumétricos. Estes espaços

funerários, insuficientemente estudados, pouco ultrapassam a linha de terra, tendo sido a inclusão dos esteios antecedida pela abertura da câmara funerária no solo.

Ao contrário do que se verifica nos monumentos de granito, os esteios dos de xisto foram implantados praticamente na vertical. O reduzido ângulo que formam com a linha de terra não justifica a existência da linha de esteios secundários externos que normalmente ocorre nas antas de maiores dimensões da área dos granitos. Esta segunda linha de pequenas lajes destinava-se a vedar as aberturas deixadas entre os esteios, junto à sua base, provocadas pela inclinação que os monólitos normalmente apresentam para o interior da câmara. A menor inclinação dos esteios para o interior nos monumentos de xisto justifica-se, quer pelo menor diâmetro destas câmaras, quer pela menor resistência a pressões exercidas sobre a orientação da xistosidade desta rocha. Nos monumentos de granito, com câmaras que junto à base podem ultrapassar os quatro metros, se os esteios se encontrassem perfeitamente na vertical, para além de apresentarem menor resistência, obrigavam à obtenção de um chapéu de muito maior diâmetro do que o necessário quando os esteios, porque inclinados, se aproximam nos topos.

Nos monumentos em xisto raros são os que ainda apresentam coberturas. Na margem portuguesa a anta dos Pombais, um dos exemplares mais interessantes e mais problemáticos, sobretudo pela sua arquitectura e implantação geográfica, é a única sepultura localizada nos xistos que ainda possui cobertura da câmara. Uma das singularidades desta anta prende-se exactamente com o chapéu de granito que lhe cobria a câmara. A sua localização na imediação da linha de contacto xistos/granitos justificará a presença de um elemento de outra origem geológica a fechar o espaço funerário principal. Como no ponto um deste capítulo referíamos, a obtenção de lajes de maiores dimensões é mais fácil a partir de granito do que a partir de xisto. Se para talhe dos esteios os construtores da anta dos Pombais optaram pelo xisto, para a grande laje que cobria esta espaçosa câmara escolheram, ainda que transportado de mais longe, um bloco de granito.

Para além da anta dos Pombais, apenas a pequena anta de La Sevillana apresenta uma laje de xisto ainda sobreposta sobre os esteios. Em mais nenhum monumento da zona norte da área em estudo foi identificada qualquer cobertura. A necessidade de lajes para construções posteriores justificará, seguramente, a ausência de coberturas nos restantes monumentos. Tratando-se de espaços funerários de pequenas dimensões e com coberturas facilmente manuseáveis, sem grande dificuldade seriam removidas para outros locais.

Ainda que desconheçamos exactamente qual a forma ou formas de cobertura destes monumentos, torna-se importante referir dois sepulcros que apresentam algumas interessantes particularidades. A anta do Vale Muchacho, localizada na margem portuguesa, foi totalmente destruída nos anos quarenta deste século, para obtenção de pedra para a construção de uma pequena casa agrícola que se veio a implantar a cerca de vinte metros para poente do que ainda hoje resta da mamoa. Localizada nas imediações do Vale do Tejo, portanto a mais de quinze quilómetros da zona dos granitos, nas paredes desta casa encontram-se blocos da referida rocha. Interrogado o proprietário e responsável pela construção, fomos informados que as pedras utilizadas nesta casa, ou foram extraídas duma pequena pedreira situada a poucos metros a norte da anta hoje destruída, ou da anta que aí existia. Pelo número de blocos de granito visíveis no aparelho da casa parece podermos deduzir que algum esteio, ou provavelmente a cobertura seriam de granito, à semelhança do verificado na anta dos Pombais. Assim sendo, a obtenção desta rocha obrigaria ao seu transporte de uma distância superior a quinze quilómetros.

Outro interessante monumento é o da Tierra Caída I, situado na margem espanhola do Sever. Este monumento é o que provavelmente possuirá os esteios mais altos de toda a zona dos xistos. Estes, com alturas acima do solo superiores a dois metros, e mais inclinados do que o normal para estes monumentos, encostam, entre si os topos, formando uma câmara quase em forma de pirâmide. As pequenas frestas que nalguns sítios se verificam foram colmatadas por um tosco aparelho de pedra vã. O acesso ao interior da câmara apresenta-se em forma de triângulo. Sem

se proceder a qualquer trabalho de escavação, dificilmente se pode compreender se a inclinação dos esteios, algo anormal para monumentos deste género, se deve a abatimentos posteriores, ou se desde a origem a câmara foi assim projectada.

Ainda que desconheçamos muita informação e face a tão grande diversidade de situações, poderemos, contudo, levantar a hipótese de que alguns monumentos nunca tivessem possuído coberturas monolíticas, mas apenas fossem fechados pelos próprios esteios, quando mais longos e mais inclinados.

A raridade de coberturas nestes monumentos não pode, todavia, ser explicada para todos os casos pelo processo verificado em Tierra Caída I. Monumentos como Quatro Lindones, Cerro de Caldera, Caneiro, Salgueirinha, Fonte da Pipa, Lomba da Barca, Padre Santo, Joanhina e tantos outros, seriam cobertos por lajes depostas na horizontal.

A pouca diferenciação, em planta, entre a câmara e o corredor também é muito esbatida em alçado. Ao contrário do que encontramos nas antas de granito da zona sul da bacia do Sever, onde uma grande diferença, por vezes superior a cento e cinquenta centímetros, separa a cobertura da câmara das coberturas do corredor, nas antas de xisto não se verificam esses desníveis. Da câmara para o corredor as alturas vão decrescendo gradualmente sem que ocorram diferenças significativas, constituindo pequenas áleas cobertas. A inexistência de patamares entre a altura da câmara e o corredor poderá reflectir a existência, não de uma única cobertura para a câmara como ocorre nos granitos, ou no caso excepcional da anta dos Pombais, mas de diversas lajes, de menores dimensões que justapostas ou imbricadas cobririam regularmente toda a sepultura. Assim sendo, seriam de muito menores dimensões e facilmente removíveis, explicando-se deste modo a sua actual ausência.

Qualquer destas estruturas funerárias construídas em xisto foi protegida por uma mamoa. Quatro diferentes materiais foram utilizados na construção das estruturas tumulares das antas da área do rio Sever: lajes de xisto, blocos de

quartzo, calhaus rolados e argila. Nos monumentos estudados verificámos que directamente adossadas aos esteios, pequenas lajes de xisto, fortemente imbricadas e por vezes compactadas com argila, envolviam totalmente o espaço funerário. Lajes de maiores dimensões foram identificadas na periferia da anta da Lomba da Barca, provavelmente relacionadas com anel de contenção, hoje já desaparecido. A presença de blocos de quartzo filoniano de diferente calibre foram invariavelmente identificados na periferia dos monumentos. Raros foram os registados no interior das mamoa, levando-nos a pensar, pelo seu posicionamento, que se destinariam a revestir exteriormente o *tumulus*. Na anta da Nave do Padre Santo os blocos de quartzo para além de ocorrerem na periferia do monumento foram também identificados a servirem de calços internos dos esteios, quer da câmara, quer do corredor.

A utilização de calhaus rolados de calibragem diferente, mas maioritariamente de cor clara, ainda que associados a lajes de xisto e aos sempre presentes blocos de quartzo, foram utilizados na construção das mamoa das antas da Fonte da Pipa, Vale Muchacho, Vermelha e Ofélia I e II.

Na periferia da anta da Nave do Padre Santo identificámos alguns blocos de quartzo de grandes dimensões. Pelo seu volume e posição periférica parece terem pertencido a um provável anel de contenção da mamoa, hoje totalmente destruído pelas várias subsolagens para plantação de eucaliptos que afectaram totalmente esta e outras antas da mesma região.

Nos monumentos escavados verificámos que os elementos pétreos da mamoa assentavam directamente sobre a rocha. Observou-se, assim, que os construtores destas sepulturas removeram as terras existentes sobre a rocha e assentaram a estrutura lítica do *tumulus* directamente sobre o solão, procurando conferir-lhes mais estabilidade. A presença de terras pouco compactadas na base das mamoa poderia não fornecer a segurança necessária à construção do monumento. Recordemos que as margens do Tejo e as do Sever a norte de Montalvão apresentam fortes pendentes, obrigando os construtores de megálitos a

procurarem os topos das linhas de cumeada para a implantação dos sepulcros. A remoção de terras facilmente arrastáveis pelas águas e o assentamento dos elementos líticos das mamoadas directamente na rocha, ofereceria maior estabilidade a toda a construção. Mesmo perante uma tão grande preocupação em conferir estabilidade às mamoadas elas chegaram até nós, ou completamente esgotadas, ou já muito desmembradas. Os trabalhos agrícolas e sobretudo as fortes pendentes dos solos onde se implantam parecem ter sido os grandes responsáveis pela sua destruição.

1.3.2. Sepulturas de granito

Enquanto que na área dos xistos as sepulturas são caracterizadas por um número variado de esteios, tanto na câmara, como no corredor, na zona dos granitos as câmaras apresentam invariavelmente sete esteios principais.

A partir de um círculo configuraram os construtores de megálitos da zona dos granitos um octógono mais ou menos regular. Em sete dos oito lados abriram os alvéolos onde implantaram os esteios. No lado do octógono localizado mais a poente colocaram o primeiro dos esteios, geralmente mais espesso e levemente mais largo que os restantes. Foi solidamente calçado no alvéolo com pequenos blocos de granito e saibro compactado. Com uma inclinação para o interior que raramente ultrapassa os trinta graus, o esteio de cabeceira servirá de apoio, ou desde a base, ou apenas no topo aos que de cada um dos seus lados se situam. Os restantes quatro esteios inclinar-se-ão sempre para o interior encostando-se pelo mesmo processo aos que os antecedem. Esta imbricagem de grandes lajes de

granito só alcançará a estabilidade necessária, quer com a colocação do chapéu, quer com a resistência que o peso da contrafortagem lítica da mamoa lhes garante.

Em frente ao primeiro esteio a ser implantado abre-se o corredor. De maiores ou menores dimensões e obtido, ou por lajes semelhantes às da câmara mas depositadas sobre o comprimento, ou por blocos de granito mais pequenos, impostos verticalmente, os corredores raramente ultrapassam um terço da altura total da câmara. O vão que se abre entre o chapéu e o corredor é vedado por um oitavo esteio (pedra de guilhotina) que assenta sobre os dois primeiros monólitos do corredor. Como reforço para o peso que esta pedra exerce sobre os elementos da galeria, e, sobretudo, nos monumentos de maiores dimensões, podem ocorrer na face interna dos esteios do corredor dois ou quatro pilares de contrafortagem. A pedra de guilhotina facilmente removível hoje apenas se encontra nas antas da Marquesa, Cabeçuda e Alcogulo II.

Embora alguns estudos nos falem de sepulturas megalíticas sem corredor na zona dos granitos da área em estudo, até ao momento ainda não identificámos nenhuma que, de início, não tivesse possuído galeria de acesso. No concelho de Castelo de Vide, Maria da Conceição Rodrigues (Rodrigues, 1975) das vinte e quatro antas que inventariou considerou que treze não possuíam corredor. São estes os monumentos considerados sem corredor: Sobral, Pai Anes, Tapadão da Relva, Tapada do Arvoredo, Coureiros III (8), Cerejeiro, Várzea dos Mourões, Casa dos Galhardos, Mouratão, Pêro de Alva, Pombais, Coureiros I (9) e Melriça.

As escavações por nós efectuadas em Coureiros I e II classificadas por Conceição Rodrigues como desprovidas de corredor vieram a revelar, sobretudo em C II, uma das mais longas e largas galerias de acesso conhecidas no Nordeste Alentejano.

Após a destruição das mamoas os corredores tornavam-se facilmente desmontáveis, sendo geralmente os seus esteios utilizados na construção de

pontões para transposição de pequenos cursos de água. Na verdade, sem se proceder à escavação completa e cuidada de alguns monumentos, torna-se impossível saber se possuíam ou não corredor e ainda muito mais difícil identificá-los tipologicamente atendendo ao critério do comprimento do corredor.

Monumentos por nós escavados como Figueira Branca, Coureiros I e II, Pombais, Fonte da Pipa, Lomba da Barca, Padre Santo e S. Gens II não evidenciavam antes dos trabalhos vestígios da presença de corredores. Pelas sondagens efectuadas verificámos que todos eles apresentavam alvéolos, alguns ainda muito bem estruturados, onde haviam sido implantados os esteios do corredor. Torna-se, assim, pouco segura a inclusão em qualquer tipologia arquitectónica de monumentos não totalmente escavados.

Pelas características genéricas das antas inventariadas na zona dos granitos da área em estudo, não nos parece provável que existam monumentos desprovidos de corredor.

Todos os esteios foram calçados com blocos de granito externa e internamente sendo estes mais abundantes e volumosos na face interna. Os construtores preferiram assim encostar a face externa dos esteios à rocha onde abriram os alvéolos. A profundidade dos negativos é proporcional às suas dimensões, verificando-se, naturalmente, uma redução gradual das fossas de implantação desde o esteio de cabeceira até ao início do corredor, onde, por vezes e em monumentos de corredor mais longo, os alvéolos dos primeiros esteios não ultrapassam os dez centímetros. Na anta da Cabeçuda pudemos verificar que o esteio de cabeceira partido junto ao solo tinha sido implantado num alvéolo escavado no granito que atingia setenta e dois centímetros de profundidade, sendo este o esteio mais fortemente implantado de todos os monumentos sondados na margem portuguesa (10). Na margem espanhola na anta de Datas II um dos esteios laterais parece possuir uma fossa de implantação com uma profundidade de cerca de um metro (Ramírez, 1988). A cuidadosa consolidação dos esteios garantiu uma estabilidade suficientemente grande que resistiu ao impacto das ondas de choque

provocadas por diversos terremotos sem que os ortóstatos tombassem. A violência de alguns sismos provocou a fractura dos esteios junto à linha de terra de antas como Cabeçuda e Figueira Branca, sem que os mesmos tivessem sido arrancados dos alvéolos. A compactação dos ortóstatos no interior das fossas unicamente com recurso a blocos de granito e saibro calcado foi executada com tanta eficiência que conseguiu obter uma resistência superior à da própria rocha.

O sistema de fecho da entrada dos monumentos não nos foi possível identificar com segurança. Na anta I dos Coureiros registámos em frente aos negativos dos esteios do corredor mais dois pequenos alvéolos destinados a receber, provavelmente, dois pequenos pilares de granito hoje desaparecidos. Pelo seu posicionamento, estrangulando parcialmente o acesso ao interior, poderiam servir para apoiar exteriormente qualquer laje de fecho do monumento. Na anta III da mesma necrópole em situação semelhante identificámos ainda dois pequenos blocos de granito que possivelmente teriam a mesma função dos anteriormente descritos. Parece assim que pelo menos alguns destes monumentos teriam sido fechados com recurso à colocação vertical de uma laje em frente ao corredor. Esta porta, facilmente removível, teria apenas algum valor simbólico na maior parte dos monumentos, atendendo à frequente presença de corredores não funcionais de que mais à frente falaremos.

Se a identificação e inserção tipológica dos monumentos pelo comprimento ou ausência dos corredores é praticamente impossível sem se recorrer a trabalhos de escavação ou sondagem, identificar formas-tipo de mamoa ainda parece ser mais problemático. Esta dificuldade torna-se praticamente absoluta quando as mamoa estão quase destruídas como acontece nesta região.

Nas escavações efectuadas nos monumentos de granito da zona sul foi possível identificar provavelmente duas variantes no que diz respeito à forma de construção das mamoa e uma delas apenas está representada por um monumento, a anta da Bola da Cera.

Na consolidação e construção do espaço funerário a mamoa foi de vital importância. Nos monumentos da zona sul da área em estudo as mamoas foram obtidas invariavelmente por blocos de granito e saibro. Ao contrário do que verificámos nos monumentos de xisto, a estrutura lítica das mamoas das imediações da Serra de S. Mamede não assenta, por norma, directamente sobre a rocha. Solos antigos, maioritariamente humanizados, por vezes ainda cobertos por uma fina camada de saibro proveniente da abertura dos alvéolos, servem de base às mamoas. A estabilidade destes solos não exigiu a sua remoção como verificámos na zona norte. Directamente adossados aos esteios encontramos blocos de granito com pesos que variam entre os três e doze quilogramas. Fortemente imbricada esta massa granítica forma como que um contraforte que acompanharia a altura total dos esteios, quer da câmara, quer do corredor. Destinada a proteger, mas sobretudo a exercer com o seu volume o contrapeso na base do esteio necessário ao seu equilíbrio, esta primeira carapaça geralmente apresenta um raio não superior ao comprimento dos ortóstatos que protege. Em todos os monumentos foi possível identificar vestígios deste primeiro contraforte. As variantes isoladas na construção das mamoas divergem no enchimento do espaço envolvente. Na anta da Bola da Cera, único exemplo claramente identificado desta variante, identificámos sobre a primeira couraça lítica um largo anel de saibro compactado com uma espessura que nalguns locais ultrapassava os três metros. Envolveria este manto de saibro um último e estreito anel de pedras com pesos que dificilmente ultrapassariam os três a quatro quilogramas. O anel periférico apenas foi detectado na zona sul do monumento. No restante perímetro o manto de saibro encostava aos afloramentos graníticos que em torno do monumento existem. Provavelmente a introdução de um largo anel de saibro na mamoa desta anta, que a distingue de todas as outras, poderá ser explicado pela presença de grandes afloramentos envolvendo o espaço funerário e que lhe proporcionariam a protecção e consolidação necessárias.

Nos outros monumentos, com pequenas variantes, identificámos adossado ao primeiro e claramente distinto contraforte, ou uma contínua e monótona carapaça de blocos graníticos delimitados geralmente por um anel de pedras de

maiores dimensões, ou camadas de pedra geralmente de pequeno calibre intervaladas, também na horizontal, por estreitas faixas de saibro. No primeiro sub-tipo inclui-se a complexa mamoa da anta da Figueira Branca, a da Cabeçada e provavelmente as dos monumentos de Datas II e Huerta de las Monjas. No segundo sub-tipo incluem-se as mamoas das antas do Porto Aivado e Coureleiros III.

A pequena sondagem que, embora com autorização condicional, fizemos na mamoa de Coureleiros II parece poder indiciar outra variante no travamento das mamoas. Trata-se de uma mamoa que se poderá incluir no segundo sub-tipo, mas que parece apresentar no final do primeiro contraforte um anel composto por grandes lajes de granito concêntricas ao espaço funerário.

Em qualquer das estruturas tumulares estudadas, tanto na margem portuguesa, como na espanhola (Ramírez, 1988: 163), os elementos líticos parecem decrescer invariavelmente de calibre da base para o topo. Em todas as variantes identificadas os espaços existentes entre os elementos líticos das mamoas foram preenchidos por saibro compactado, reforçando ainda mais esta forte couraça de protecção à câmara e corredor.

De forma geralmente circular, algumas parecem, contudo, desenhar-se segundo uma figura oval. Para Primitiva B. Ramírez (Ramírez, 1988:163) o monumento de El Palancar seria um dos que apresentaria um *tumulus* oval. Na margem portuguesa também a mamoa da anta da Figueira Branca, uma das melhor conservadas, desenha-se actualmente segundo uma linha oval. Esta figura ovalada resulta unicamente da destruição efectuada pela lavoura no quadrante sudeste. A grande destruição das mamoas junto à entrada dos corredores impossibilita a completa compreensão do sistema de fecho.

Baseados no estudo elaborado para os problemas de construção dos megálitos do NW Peninsular (Bello Dieguez *et alii*, 1983/84), ensaiámos também para os monumentos escavados da área em estudo que o possibilitaram, quer o

cálculo do volume da mamoa (11), quer o número de horas / homem de trabalho necessário para a sua construção. Neste cômputo inclui-se, à semelhança do efectuado para o NW Peninsular, o tempo necessário à extracção, transporte e colocação dos elementos constitutivos do *tumulus* (12). Calculou-se, ainda, para maior facilidade de estudo, o número de dias de trabalho necessários para um homem construir uma mamoa. Para determinar este número estabeleceu-se uma jornada de trabalho de oito horas diárias.

Nos quadros que a seguir se apresentam incluíram-se também os monumentos de xisto. Nestes inseriu-se a anta dos Pombais, porque, apesar de possuir a cobertura em granito, todos os restantes elementos são de xisto.

MONUMENTOS DE GRANITO

Huerta de las Monjas

Volume da mamoa - 320 m³

Nº de horas/homem para a construção - 1048,32 h/h

Nº de dias de trabalho - 131,04

Datas II

Volume da mamoa - 216,56 m³

Nº de horas/homem para a construção - 709,25 h/h

Nº de dias de trabalho - 88,6

Cabeçada

Volume da mamoa - 210 m³

Nº de horas/homem para a construção - 687,96 h/h

Nº de dias de trabalho - 85,9

Coureleiros I

Volume da mamoa - 80 m³

Nº de horas/homem para a construção - 262,08 h/h

Nº de dias de trabalho - 32,76

Coureleiros II

Volume da mamoa - 282 m³

Nº de horas/homem para a construção - 923,8 h/h

Nº de dias de trabalho - 115,4

Coureleiros III

Volume da mamoa - 54,4 m³

Nº horas/homem para a construção - 178,2 h/h

Nº de dias de trabalho - 22,2

Coureleiros IV

Volume da mamoa - 301,4 m³

Nº de horas/homem para a construção - 987,38 h/h

Nº de dias de trabalho - 123,4

Figueira Branca

Volume da mamoa - 95,2 m³

Nº de horas/homem para a construção - 311,87 h/h

Nº de dias de trabalho - 38,9

Bola da Cera

Volume da mamoa - 91,9 m³

Nº de horas/homem para a construção - 276,81 h/h

Nº de dias de trabalho - 34,6

MONUMENTOS DE XISTO

Pombais

Volume da mamoa - 80,08 m³

Nº de horas/homem para a construção - 262,34 h/h

Nº de dias de trabalho - 32,7

Lomba da Barca

Volume da mamoa - 46,07 m³

Nº de horas/homem para a construção - 150,94 h/h

Nº de dias de trabalho - 18,8

Fonte da Pipa

Volume da mamoa - 38,43 m³

Nº de horas/homem para a construção - 125,89 h/h

Nº de dias de trabalho - 15,7

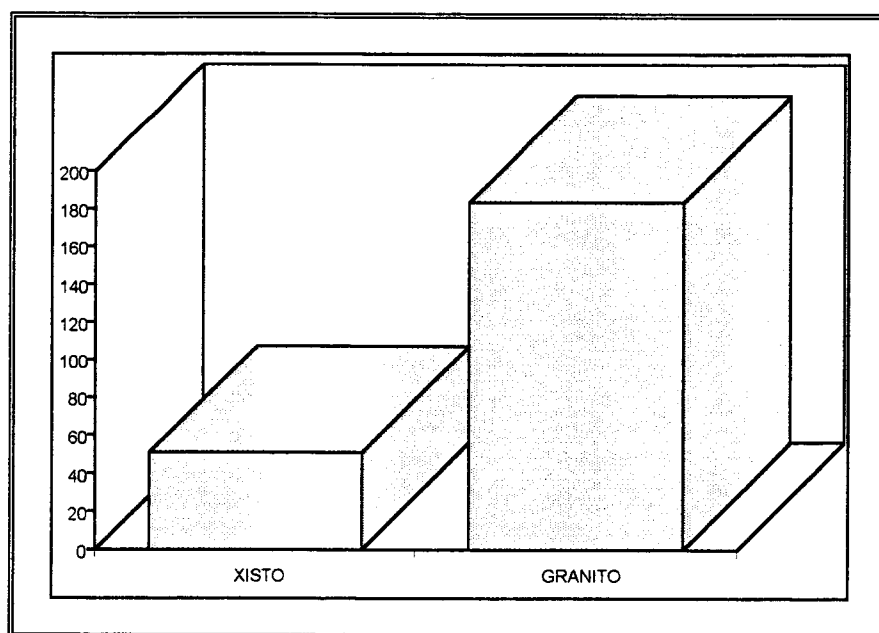
Nave do Padre Santo

Volume da mamoa - 39,69 m³

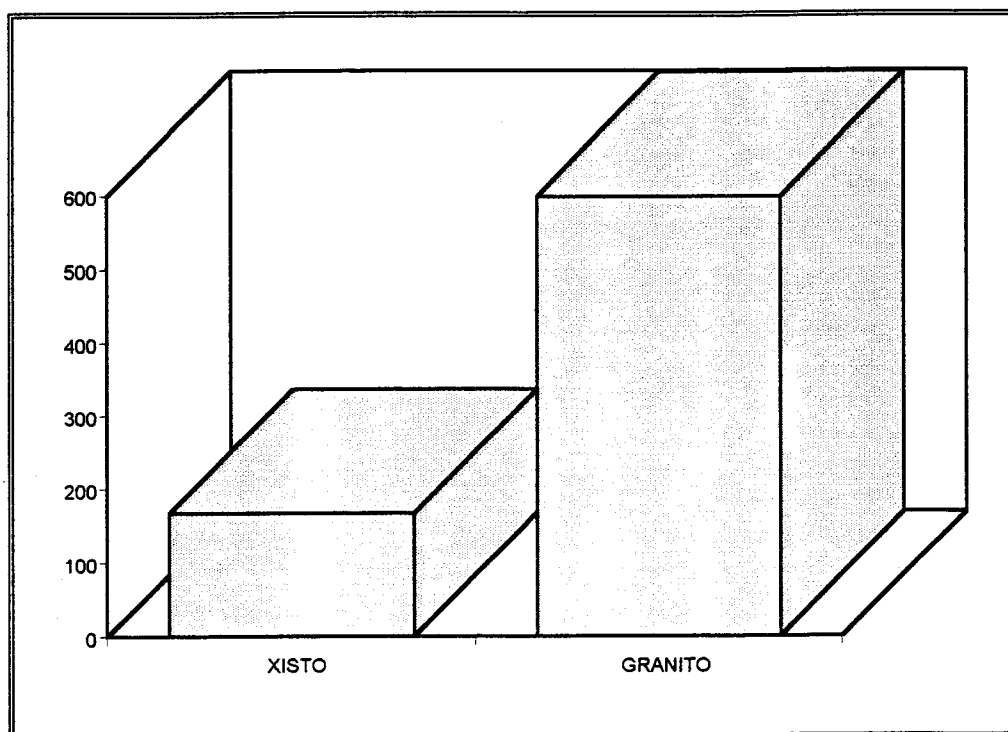
Nº de horas/homem para a construção - 130 h/h

Nº de dias de trabalho - 16,2

Pelos valores apresentados facilmente verificamos que os monumentos de granito possuem mamoadas muito mais volumosas do que os monumentos de xisto. A cubicagem média das mamoadas de granito é de $183,5 \text{ m}^3$, enquanto que a cubicagem média das mamoadas de xisto é de 51 m^3 . Resulta assim que o investimento energético despendido na construção das mamoadas de granito, tal como já havíamos analisado para o transporte dos esteios é muito superior ao investido na construção de monumentos em xisto. O número médio de horas/homem de trabalho necessário à construção dos monumentos de granito é de 598,41, enquanto que para as sepulturas de xisto é apenas de 167,29.



Cubicagem média das mamoadas dos monumentos de xisto e de granito



**Número médio de horas/homem de trabalho
necessário para a construção de uma mamoa de um
monumento de xisto e de um de granito**

Em face destes valores concluímos que um homem trabalhando oito horas diariamente necessitava, em média, de cerca de dois meses e meio para construir a mamoa de um monumento em granito e que para a construção da mamoa de um monumento em xisto a média seria de apenas vinte e um dias. Se considerarmos o número médio de homens necessários ao transporte, respectivamente, de um esteio das antas de xisto (10,7) e de um das antas de granito (32,4), verificamos que estes mesmos homens necessitavam de 15,8 horas para construir uma mamoa de um monumento de xisto e 18,4 horas para uma mamoa de um monumento de granito. Considerando um dia de trabalho de oito horas estas equipas demorariam

praticamente o mesmo tempo, cerca de dois dias, em média, na montagem de uma mamoa. Pelos dados apresentados, embora naturalmente sujeitos a significativos erros, poderemos, pelo menos, reconhecer que, embora o investimento energético na morte fosse significativo, poderá não ter sido tão elevado quanto numa primeira análise se possa considerar ao observar estes monumentos.

1.4. Para uma tipologia das sepulturas megalíticas da bacia hidrográfica do rio Sever

Sistematizar tipologicamente as cento e dez sepulturas até agora identificadas no interior da bacia do Sever quando a maior parte não foi escavada nem suficientemente limpa, inviabiliza qualquer séria classificação. A maior parte dos vestígios superficiais não corresponde à planta original do monumento. Muitos dos monumentos classificados pelo comprimento dos corredores ou pela sua ausência após a escavação revelam estruturas completamente distintas. O elevado grau de destruição da maioria dos corredores não possibilita a sua clara filiação em qualquer tipologia, mesmo após escavação.

A destruição de alguns monumentos foi de tal modo violenta que, embora apresentem à superfície ainda grandes pedras, ao efectuar-se a sua escavação torna-se impossível a identificação dos alvéolos e, portanto, a recuperação da planta original (13).

Este recanto do Nordeste Alentejano afasta-se, no que à arquitectura megalítica diz respeito, dos grandes monumentos da região do Crato e ainda mais, quer dos da região de Évora-Reguengos, quer dos de Montemor-Mora-Pavia. Os volumosos esteios da maior parte dos monumentos destas regiões (14) devido à sua forte implantação e ao seu elevado peso pouco se afastaram, ao longo dos milénios, do local original de fixação, viabilizando, assim, a sua inserção em

tipologias, mas sempre sujeitos a leituras menos correctas. Pelo contrário, as sepulturas megalíticas da área em estudo, ainda que algumas apresentem esteios bastante volumosos (15), encontram-se, ou muito fracturados e tombados, ou desviados dos seus alvéolos. Neste ambiente dificilmente poderemos esgotar as variantes arquitectónicas da região em estudo e sistematizar com segurança os monumentos inventariados. Contudo, e como já referimos, através da observação de superfície e pelas escavações efectuadas, poderemos isolar dois tipos-base que à frente apresentamos acompanhados das respectivas características:

TIPO A - CÂMARAS SIMPLES

A 1 - Câmaras simples fechadas

- Constituídas exclusivamente por ortóstatos de xisto
- De planta sub-rectangular ou sub-circular
- Formadas por múltiplos esteios
- Implantadas preferencialmente nas linhas de cumeada
- Eixo maior orientado maioritariamente a SE
- Presença de blocos de quartzo na mamoa
- Espaço funerário sob a linha de terra

A 2 - Câmaras simples abertas

- Constituídas exclusivamente por ortóstatos de xisto
- Maioritariamente sem diferenciação em planta e alçado da câmara do corredor
- Formadas por múltiplos esteios
- Implantadas preferencialmente nos pontos mais evidentes das linhas de cumeeada
- Aberturas orientadas a Este
- Presença de blocos de quartzo na mamoa
- Espaço funerário pouco inferior à linha de terra
- Mamoas formadas por compacta e contínua carapaça lítica

TIPO B - CÂMARAS COM CORREDOR DIFERENCIADO (16)

B1 - Câmaras com corredor curto

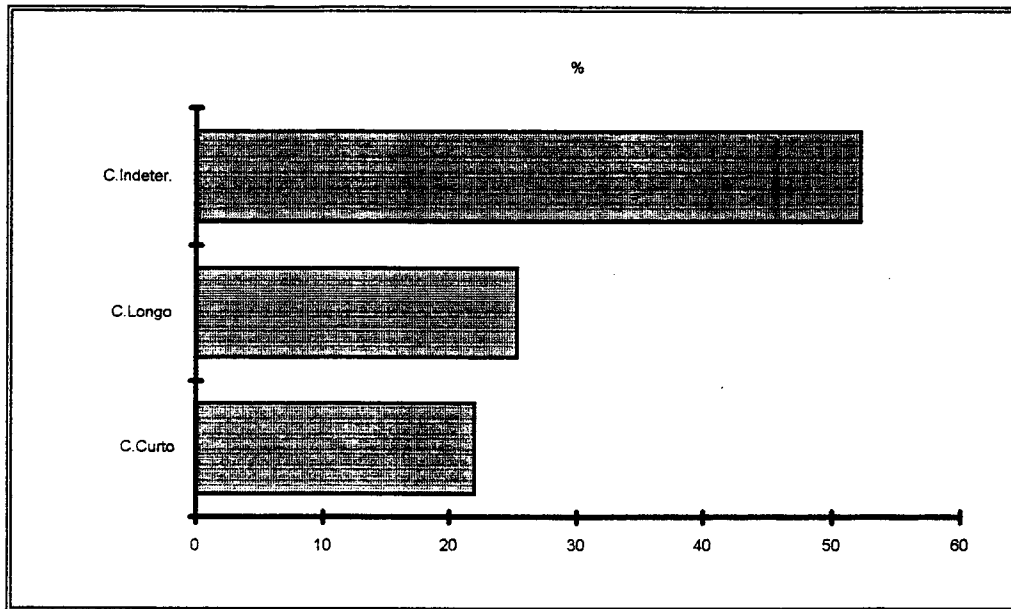
- Construídas exclusivamente em granito
- Corredor diferenciado em planta e alçado
- Câmaras octogonais de sete esteios

- Clara identificação do esteio de cabeceira
- Mamoas diversificadas
- Raramente isoladas e ocupando encostas suaves
- Quando associadas a uma de corredor longo ocupam locais menos notáveis

B2 - Câmaras com corredor longo

- Construídas exclusivamente em granito
- Corredor diferenciado em planta e alçado
- Câmaras octogonais de sete esteios
- Clara identificação do esteio de cabeceira
- Mamoas diversificadas
- Quando associadas a outras de corredor curto ocupam o local mais notável

O estado de conservação dos monumentos de xisto inviabiliza qualquer análise percentual da sua distribuição por formas arquitectónicas. No que aos de granito diz respeito, ainda que sujeitos a uma margem de erro bastante elevada, verificamos na área drenada pela bacia hidrográfica do Rio Sever que 22% dos monumentos possuem corredor curto, 25,3% possuem corredor longo e que a 52,2% não é possível reconhecer o tipo de corredor.



Distribuição dos monumentos por tipos de corredor em percentagem

Embora a maior percentagem corresponda a monumentos onde não é claramente identificável o tipo de corredor, pensamos que entre estes o maior número será formado por sepulturas com corredor curto, aumentando significativamente a percentagem destas em relação às de corredor longo.

Ainda que seja impossível estabelecer a distribuição percentual dos monumentos de xisto pelas formas isoladas, parece-nos poder assegurar que o número de câmaras fechadas será muito idêntico ao de câmaras abertas. Entre estas é notório que o número de monumentos com espaço funerário mais alongado (17) é bastante reduzido em relação às outras sepulturas.

1.5. Funcionalidade e orientação dos corredores

Raros são os monumentos que possuem corredores totalmente funcionais. O início da maioria dos corredores inviabiliza qualquer utilização funcional destes como locais de passagem. As reduzidas dimensões, tanto em altura, como em largura que se reconhecem na parte inicial dos corredores das antas da bacia do Sever parecem apontar para estruturas unicamente simbólicas. Se junto à câmara, nos monumentos de granito, estas galerias possibilitavam, ainda que com alguma dificuldade, o acesso ao interior, os primeiros esteios, se alguma vez foram cobertos, raramente formariam galerias com alturas superiores a vinte centímetros.

Na verdade em nenhum monumento com esteios do corredor de pequenas dimensões foi possível identificar as respectivas coberturas, nada nos garantindo que alguma vez as tivessem possuído. Pelo menos três hipóteses podem ser colocadas. Se apenas foram cobertos os esteios que se situam mais próximo da câmara, e portanto os mais altos, os primeiros formariam uma espécie de átrio, servindo ao mesmo tempo como estrutura de contenção da mamoa. Por outro lado, e verificando, ainda que raramente, que algum espólio se encontra na zona inicial da galeria, poderemos considerar a hipótese dos corredores mais longos terem sido ampliados já numa fase de total enchimento do monumento inicial. Na ausência de certezas não será de excluir ainda a hipótese, sobretudo nos monumentos de xisto, onde se observam corredores com alturas que por vezes não ultrapassam os dez centímetros, de estarmos em presença de estruturas unicamente simbólicas, cópias a outra escala dos grandes monumentos de corredor.

Se desconhecemos as razões que levaram à construção de corredores que inviabilizavam o acesso ao interior do monumento, mais difícil de explicar é a orientação destes corredores e maior ainda a dificuldade de compreender as variantes. Algumas tentativas de explicação começaram já a ser ensaiadas através

da sistematização de conjuntos coerentes e significativos como os de Monsaraz e outros (18).

Em noventa e um por cento das sepulturas localizadas na área em estudo foi possível identificar a orientação das respectivas aberturas. A distribuição por tipos em relação ao Este (90° magnéticos) é a seguinte:

PERCENTAGEM DE MONUMENTOS COM CORREDOR CURTO EM GRANITO

ORIENTAÇÕES

Iguais ou maiores que 90°-----	20%
Iguais ou menores que 89°-----	4,2%

PERCENTAGEM DE MONUMENTOS COM CORREDOR LONGO EM GRANITO

ORIENTAÇÕES

Iguais ou maiores que 90°-----	14,2%
Iguais ou menores que 89°-----	7,1%

**PERCENTAGEM DE MONUMENTOS COM CORREDOR INDETERMINADO EM
GRANITO**

ORIENTAÇÕES

Iguais ou maiores que 90° ----- 24,2%

Iguais ou menores que 89° ----- 5,7%

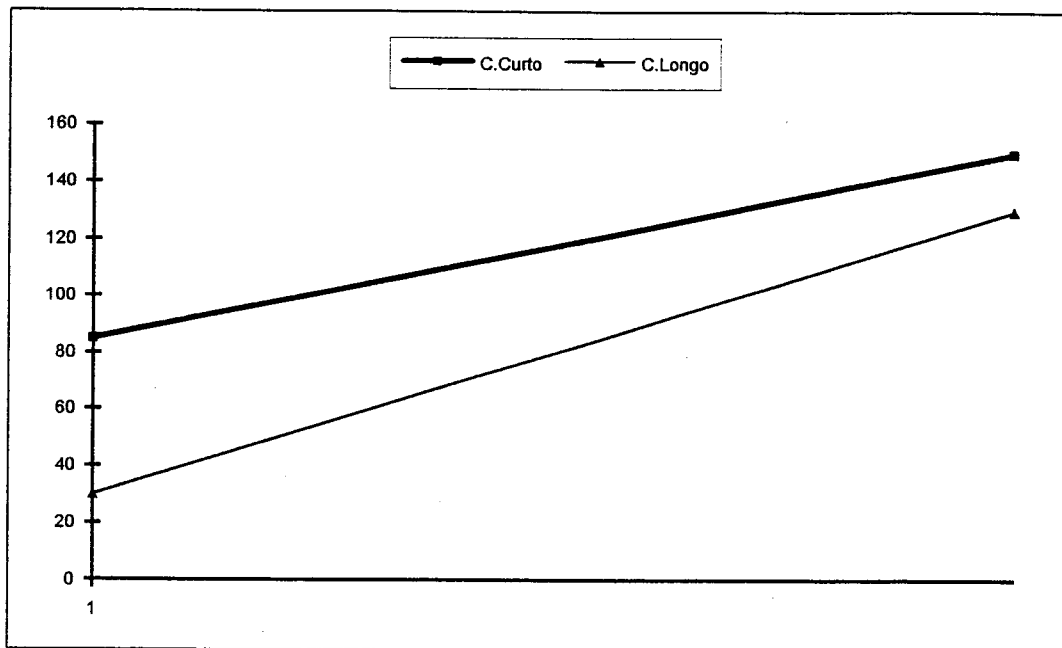
PERCENTAGEM DE MONUMENTOS EM XISTO (20)

ORIENTAÇÕES

Iguais ou maiores que 90° ----- 17,1%

Iguais ou menores que 89° ----- 7,1%

Observando as orientações dos monumentos de granito, por serem aqueles que maior segurança nos fornecem, constatamos que nas sepulturas com corredor curto as orientações variam entre 85 e 150 graus e que nas de corredor longo oscilam entre 30 e 130 graus (19).



VARIAÇÃO EM GRAUS DA ORIENTAÇÃO DOS CORREDORES

DOS MONUMENTOS DA REGIÃO DOS GRANITOS

Regista-se ainda que em qualquer dos dois tipos a grande maioria apresenta uma orientação predominante para SE, sendo esta maioritária entre os monumentos com corredor curto. Atendendo a que os monumentos com corredor longo são, normalmente, considerados de fases mais tardias e por oposição os com corredor curto neolíticos, embora qualquer destes monumentos tenha sido utilizado ao longo de várias gerações e em qualquer deles encontremos materiais de várias fases, pela análise das orientações das antas da bacia do Sever verificamos que estas parecem não coincidir com os resultados obtidos nas antas do concelho de Monsaraz. Neste concelho são os monumentos mais tardios os que apresentam aberturas com um maior desvio para sul. Razões para esta diversidade poderão ser encontradas em prováveis particularismos regionais, mas sobretudo em leituras menos correctas efectuadas em grande número de monumentos não escavados. À medida que o número de sepulcros escavados ou simplesmente

sujeitos a limpezas cuidadas for aumentando, os resultados das leituras poderão ser mais precisos e provavelmente os valores mais aproximados.

2. OS MENIRES

Na área em estudo foram noticiados treze monólitos considerados como menires. Na margem portuguesa conhecem-se os menires do Carvalhal e Meada no concelho de Castelo de Vide, o do Corregedor, Pombais e Água da Cuba no concelho de Marvão, e no termo municipal de Valência de Alcântara os da Porra del Burro e os do Vale de San Benito.(21)

Numa primeira abordagem verifica-se que em termos volumétricos e de local de implantação o menir da Água da Cuba e os possíveis menires do Vale de San Benito se distinguem claramente dos restantes. Estes menires, de pequenas dimensões (22), foram implantados em apertados vales aplanados, contrastando com a posição dominante dos outros. Pelo seu posicionamento e volumetria, sobretudo o da Água da Cuba, parecem transmitir mensagens algo distintas dos conhecidos mais a norte na área em estudo.

Entre os menires de maiores dimensões observa-se grande diversidade. O menir do Carvalhal é formado por uma laje de granito em forma de mitra com 4,80 metros de altura, 2,15 metros de largura máxima, por 45 centímetros de espessura na zona medial. O menir fálico da Meada tem uma altura de 7,52 metros e um diâmetro máximo de 1,25 metros. Do menir do Corregedor apenas hoje existe a extremidade superior. A porção existente possui um comprimento de 69 centímetros e um diâmetro máximo de 32 centímetros. Pelo fragmento ainda

existente parece ter pertencido a um menir de forma fállica que provavelmente ultrapassaria os dois metros de altura (23).

O Menir dos Pombais foi talhado num afloramento granítico que encima o ponto mais elevado dum habitat com materiais de superfície atribuíveis ao Calcolítico. Num afloramento que provavelmente já teria alguma forma alongada, as superfícies foram claramente desbastadas e regularizadas de modo a obter-se uma figura cilíndrica encimada por uma saliência que parece esboçar uma glândula pélica. Com uma altura total de 3,20 metros e um diâmetro médio na zona trabalhada de 80 centímetros, este menir configura outra variante entre os menires conhecidos na região.

Na margem direita do Sever no local denominado e cartografado como Porra del Burro existem vários afloramentos dos quais se destaca um, quer pelas suas dimensões, quer pelas suas formas caprichosas, mas sobretudo pelas pequenas pedras que sobre ele se encontram. Embora Muñoz Carballo (Carballo, 1983) considere que neste local se encontram três menires, apenas um destes afloramentos nos pareceu ter sido objecto de alguma manifestação megalítica. Apesar de se tratar de um afloramento em granito muito alterado parecem ainda identificar-se, a meia altura, sinais de aí terem sido abertas várias das enigmáticas covinhas, bastante comuns nos monumentos megalíticos.

Séguno Muñoz Carballo " La pieza fue retocada o tallada a partir de un bloque natural aparentemente en toda su altura y contorno, desde la base hasta alcanzar la parte superior, que debe de tener el ancho original del bloque. Se aprecian perfectamente los detalles y técnicas de talla empleada, desprendiendo grandes lajas del bloque, sin que las aristas producidas fuesen suavizadas." (Carballo, 1983:42) Embora não possamos aceitar que o desbaste na base do monólito seja totalmente obra humana como o afirma Muñoz Carballo, parece-nos que este sugestivo afloramento foi alvo de práticas rituais, provavelmente desde a Pré-História ainda bem testemunhadas pela memória popular e pelas pequenas

pedras que sobre ele se encontram. Um ritual semelhante ao descrito por Pires Gonçalves para a Rocha dos Namorados (24) no concelho de Reguengos de Monsaraz parece também ter sido praticado e provavelmente ainda o ser na Porra del Burro. Pelas informações recolhidas entre os lavradores da região sobre o significado das pequenas pedras depositadas sobre o topo do afloramento denominado Porra del Burro, por entre alguns sorrisos e alguma desconfiança, sempre nos foram dizendo, ainda que laconicamente, que por elas se adivinhavam os casamentos.

Por informações de Elias Diéguez confirmámos que de facto a este monólito se dirigiam os jovens namorados das redondezas, ou mesmo de Valência de Alcântara, para através das tentativas falhadas de colocar uma pedra sobre o afloramento saberem quantos anos os separavam do casamento.

Pelos particulares atributos presságicos, pelo singular e sugestivo topónimo de Porra del Burro, pelos prováveis vestígios de covinhas na sua base e sobretudo pelo seu local de implantação parece possível que este afloramento, ao invés dos que o rodeiam, tenha consubstanciado a simbologia que parece estar patente nos outros menires anteriormente descritos, claramente talhados pela mão humana. Observando atentamente os afloramentos que Muñoz Carballo considera também como menires e que nas imediações do denominado Porra del Burro se localizam, não encontramos sinais evidentes de terem sido objecto de qualquer manifestação que os ligasse ao fenómeno megalítico. Importa ainda referir que de todos estes afloramentos o que mais se destaca e o que se interliga em termos de visibilidade com o menir dos Pombais é o que parece ter emprestado o nome à propriedade onde se encontra. Nas suas imediações, para além de grande número de pedras aí concentradas, aquando das tentativas falhadas de colocação no abatimento superior do afloramento, recolhemos alguns fragmentos muito rolados de cerâmica, provavelmente pré-histórica, sem sinais de roda. (25)

2.1. Tratamento das superfícies

Embora dois grupos, no que diz respeito à origem, se possam isolar entre os menires conhecidos na área em estudo, o tratamento das superfícies parece ter sido muito semelhante. Quer os monumentos talhados directamente em afloramentos (Pombais e Porra del Burro), quer os implantados artificialmente, todos receberam regularizações e alisamentos mais ou menos cuidados em todo o seu perímetro. Nos menires por nós escavados, especialmente no da Água da Cuba e no da Meada, observou-se que as superfícies protegidas dos elementos se apresentavam cuidadosamente regularizadas, podendo considerar-se que o alisamento original do grande monólito da Meada quase que atingiria o polimento. A provável única excepção, no que respeita ao cuidadoso tratamento das superfícies, encontramos-la no menir / estela do Carvalhal. Neste menir não se identificou qualquer regularização das superfícies. A sua forma estelar mostra-nos um tratamento e provavelmente uma técnica de corte idêntico ao dos esteios das antas. A regularidade deixada pela fractura natural do granito e posteriormente alterada pelos elementos é a única presente, quer no monumento do Carvalhal, quer nos esteios das antas. Se alguma regularização sofreu ela deverá ter sido exercida unicamente nas zonas de fractura artificial e efectuada com um instrumento pesado e pouco cortante.

O talhe e regularização das superfícies dos menires da Meada, Água da Cuba, Corregedor e Pombais obrigou a um elevado domínio da técnica escultórica do granito. A figuração fálica, quer genérica, quer de pormenor que todos apresentam, implicou a utilização de instrumentos de corte por forma a evidenciar a glande em todos eles e no da Água da Cuba e Corregedor o esboçamento do meato da uretra.

A regularização das superfícies deverá ter sido obtida primeiramente por bujardagem e posteriormente por fricção. No menir da Meada, na parte incluída no alvéolo, portanto a melhor conservada, eram visíveis os registos deixados pelo instrumento de fricção. No sentido longitudinal eram detectáveis os sinais contínuos de um objecto rugoso que ritmadamente foi esfregado sobre a superfície do monólito e que lhe conferiu o aspecto quase polido que apresentaria em todo o corpo antes de sofrer a acção dos elementos.

2.2. Corte e implantação dos menires

Todos os menires conhecidos na área em estudo foram obtidos em granito calco-alcalino, porfiróide de grão médio ou grosso, característico da região onde se implantam. Os menires que não foram esculpidos directamente nos afloramentos, foram extraídos por técnicas provavelmente semelhantes às descritas para os esteios das antas. Formados por um bloco de rocha idêntica às que caracterizam o ambiente envolvente, torna-se praticamente impossível, sem um estudo geológico especializado, identificar os locais de extracção dos monólitos, sendo praticamente seguro que esses locais não se distanciariam muito do sítio de implantação.

Atendendo ao volume dos menires móveis conhecidos na área em estudo, apenas o da Meada e o do Carvalhal e eventualmente o do Corregedor colocariam problemas, quer no transporte, quer na sua implantação.

O menir da Água da Cuba com os seus 360 quilogramas de peso e uma altura total de 170 centímetros facilmente seria transportado por elevação por quatro a cinco homens, sendo o mesmo número de pessoas suficiente para a sua implantação.

Para o transporte do menir do Carvalhal que pesa 9, 88 toneladas e tem uma altura de 4,77 metros seriam necessários para o seu transporte por arraste directo cerca de 158 homens e com a utilização de rolos 59 homens.

De todos o mais volumoso é sem dúvida o menir da Meada. Apesar de possuir uma altura de 7,52 centímetros e um peso de cerca de 16 toneladas, o seu transporte foi certamente mais fácil. A sua forma cilíndrica facilitou o transporte, se foi efectuado por rolagem. Se foi esse o processo utilizado, provavelmente seriam necessários entre trinta e cinco a quarenta homens para a sua deslocação. Como já anteriormente afirmámos parece provável que toros de madeira tivessem sido utilizados como alavanca na deslocação destas grandes massas. Se esse sistema foi utilizado, o número de pessoas envolvidas no transporte destes monólitos foi provavelmente muito inferior.

Se o transporte dos menires, independentemente do processo utilizado, implicou o recurso de várias dezenas de pessoas, a sua fixação vertical no solo só poderá ter sido feita com a conjugação de muitas mais. Este número, praticamente impossível de calcular, por desconhecermos o sistema de erecção utilizado, elevar-se-ia, provavelmente, no caso do menir da Meada, para cima das duas centenas de pessoas.

Embora desconheçamos o sistema de levantamento dos menires, através de escavações efectuadas junto às suas bases foi possível identificar o processo de implantação e consolidação. Para esse fim e para a obtenção de materiais datáveis procedemos a sondagens na base dos menires da Água da Cuba, Carvalhal e Meada. A sondagem efectuada na base do menir do Carvalhal destinava-se ainda a confirmar se o estranho monólito era um menir ou se se tratava de um esteio, único sobrevivente de uma anta (27).

As duas campanhas de escavações efectuadas na base do menir da Água da Cuba (28) possibilitaram-nos identificar uma implantação sem recurso a qualquer estrutura de calços de consolidação. Numa vala aberta no sentido Sul -

Norte que, ultrapassando a terra humosa, penetrou no nível de saibro em cerca de vinte centímetros, foi implantado este pequeno menir. Introduzido na terra em cerca de metade do seu comprimento este monólito conseguiu manter-se no local original, apesar de com facilidade poder ser extraído ou fracturado (29). Nestas escavações nenhum espólio foi recolhido.

Os trabalhos de sondagem junto à base do Menir do Carvalhal possibilitaram-nos identificar um profundo, mas estreito alvéolo escavado, no solão granítico onde foi implantado este grande monólito em forma de mitra. Ainda que não tivéssemos escavado totalmente o alvéolo para, por um lado evitar a queda do monumento e por outro garantir uma reserva documental, foi possível verificar que blocos de granito e grauvaque foram utilizados com calços em ambas as faces do menir. Estes calços, para além de imbricados, foram compactados com terra calcada. Uma fina camada de terra que junto ao monumento não ultrapassava os trinta centímetros cobria o solão granítico. Verificou-se, assim, que o menir do Carvalhal está implantado no solo em mais de 150 centímetros, correspondendo a mais de um terço da sua altura total. Esta forte implantação reforçada por um alvéolo significativamente estreito onde o grande bloco de granito foi colocado, possibilitou-lhe chegar até aos nossos dias, embora se situe nas imediações de várias casas agrícolas e de se encontrar em local bem visível.

A diminuta largura do alvéolo e a sua grande profundidade obrigaram a que a implantação deste menir tivesse sido efectuada por inclusão de cima para baixo, provavelmente com recurso a alguma rampa artificial para desnivelamento da linha de terra.

Esta escavação alargou-se a uma área de 32 m² em torno do monólito, para detecção de outros alvéolos de fixação. Nenhum outro negativo foi identificado, confirmando-se, assim, que esta laje de granito não fazia parte de qualquer anta.

Os trabalhos de sondagem efectuados na base do menir da Meada mostraram que o levantamento do monólito foi antecedido da abertura de uma vala de implantação, rasgada no sentido Oeste - Este. Esta vala com uma largura que excedia o diâmetro do monumento em doze centímetros, aproximadamente seis de cada lado, foi aberta até uma profundidade de 35 centímetros no solão granítico. A actual potência de solo no local da implantação não excedia os vinte centímetros. Os 55 centímetros de alvéolo que actualmente serviam de sustentação ao fragmento do monólito que ainda se encontrava *in situ* parecem não ter sido suficientes para garantir a estabilidade deste menir de 7,52 metros de altura. Os poucos calços que se detectaram junto da base localizavam-se, unicamente, do lado poente, no interior da vala que foi aberta para a implantação. Provavelmente, este menir teria possuído uma coroa lítica de sustentação que ao ser desmontada, talvez pela lavoura, ao tempo do domínio romano (30), e pelos efeitos da erosão, originou o desvio da vertical causando a sua fractura.

Os três menires escavados na área em estudo mostraram três distintos processos de implantação. O menir da Água da Cuba foi implantado num alvéolo, em vala, sem utilização de calços líticos. O menir do Carvalhal foi implantado num alvéolo, em fossa estreita, aberta no granito, provavelmente introduzido na vertical e posteriormente calçado com blocos de pedra. O menir da Meada foi implantado num alvéolo, em vala, com utilização de calços líticos e provavelmente apoiado por uma coroa de sustentação.

3. RESUMINDO

Na área em estudo dois grupos de sepulturas são isoláveis: a norte, na área de influência directa do Rio Sever, encontramos as pequenas sepulturas

uniloculares construídas maioritariamente em xisto, a sul, em terrenos graníticos, na falda norte da Serra de S. Mamede, localizam-se as sepulturas com clara diferenciação entre câmara e corredor.

A matéria-prima que as constitui foi maioritariamente extraída nas suas imediações. Apenas dois monumentos, Tiracalzas e Pombais, formam a excepção que confirma a regra que regeu a construção das restantes cento e oito sepulturas identificadas no interior da bacia do Sever. Tiracalzas, construída em granito, localiza-se já em terrenos de xistos, Pombais em terrenos de xistos, possui a cobertura da câmara em granito. Contudo, os dois monumentos situam-se a menos de mil metros da linha de contacto xisto-granito.

Se em termos de matéria-prima e características morfológicas os dois grupos de monumentos são distintos, verificámos também que a técnica de construção foi igualmente diferente. Diferente foi ainda a energia aplicada para o transporte e construção destas manchas megalíticas. Observou-se que o investimento energético foi significativamente maior nos monumentos de granito, de pequenas ou grandes dimensões, do que nos de xisto.

No grupo do norte, pelo seu estado de conservação e pelo reduzido número de monumentos escavados, torna-se muito difícil sistematizar tipologias claras quanto à planta e alçado. Apenas foi possível isolar dois tipos, câmaras fechadas e câmaras abertas. Em qualquer delas parece pouco provável que o acesso ao interior se tivesse processado pela galeria, parecendo ter apenas uma função simbólica. Retirando as coberturas superiores, se todas as possuíram, terá sido o único e provável processo para se ter acesso ao espaço funerário. O acesso à câmara das antas de granito também não é muito claro na maioria dos monumentos. Com entradas algo mais amplas do que as existentes nos monumentos de xisto, apresentam, contudo, e na sua maioria, no início dos corredores dimensões insuficientemente amplas para poderem ser utilizadas por adultos. A possibilidade de se tratar de prolongamentos posteriores ou de átrios não cobertos destinados à contenção das mamoas são hipóteses colocadas.

Na zona dos granitos os monumentos são muito semelhantes, apenas divergindo no volume geral e nas dimensões dos corredores. Corredores curtos e corredores longos foram isolados pela sua proporcionalidade em relação ao diâmetro da câmara. A clara diferenciação entre câmara e corredor, tanto em planta, como em alçado, caracterizam todos os monumentos. Diferentes técnicas de construção das mamoas foram identificadas. As variantes parecem prender-se mais com a necessidade de contrafortagem dos esteios e estabilidade dos solos do que com os diferentes tipos de monumentos isolados.

Observou-se grande diversidade na orientação dos corredores. Entre os trinta e os cento e cinquenta graus foi possível registar aberturas nos monumentos da bacia do Sever. Maioritariamente, mas sobretudo os monumentos com corredor curto, orientam-se preferencialmente para Sueste. Esta tendência parece também reconhecer-se nos sepulcros uniloculares da zona dos xistos.

Na bacia do Sever, em termos arquitectónicos, dois grupos megalíticos foram identificados, correspondendo às duas regiões naturais definidas pela serra e pela margem do Tejo.

No que respeita aos menires conhecidos no interior da bacia dois grupos são isoláveis, quer pela volumetria, quer pelo local de implantação. Na linha de contacto entre os xistos e os granitos e em linhas de cumeada implantam-se os menires de grandes dimensões, em vales estreitos e no interior do "corredor" granítico do sopé da serra localizam-se os menires de pequenas dimensões. Entre os menires de grandes dimensões podemos identificar um menir/estela e quatro explicitamente fálcos. Destes cinco menires dois resultaram do aproveitamento de afloramentos graníticos que sofreram, em maior ou menor grau, tratamentos escultóricos ou regularizadores das superfícies.

NOTAS

(1) - Locais onde identificámos pedreiras de corte de xisto:

-Entre o Monte da Lomba da Barca e a anta com o mesmo nome.

-Duzentos metros para poente da anta da Fonte da Pipa, junto à antiga horta, hoje destruída pela subsolagem.

-À direita do cruzamento que conduz à anta da Nave do Padre Santo.

-A meia distância entre o velho Monte do Pombo e a anta dos Alfinetes.

-A trezentos metros para poente da Anta da Salgueirinha, junto à charca nova.

-À entrada da Finca del Cabezon a menos de quatrocentos metros da anta, também conhecida por "donde se reza a la Señora".

-No pequeno vale a sul da anta do Molino de Viento.

-A cem metros para norte da anta do Cerro de la Caldera.

-Em frente da mamoa da anta da Charca de la Viúda, à direita do caminho.

-No vale junto à anta do Camino de Herrera.

-A quarenta metros para norte da Anta dos Pombais.

(2) - Outros locais de corte de granito pelo mesmo processo foram por nós registados nas imediações da anta I dos Coureiros, junto à anta da Sapateira Pequena, duzentos metros para norte da anta do Porto Aivado, a poente das antas das Castelhanas e do Ribeiro do Lobo, nos afloramentos a poente da anta de la Miera e nas imediações das antas de Datas.

(3) - Entende-se por "mantas" de granito grandes lajes em bruto para posterior tratamento.

(4) - Os cálculos que neste capítulo se apresentam foram elaborados a partir das fórmulas propostas pelos investigadores espanhóis no fundamental estudo sobre a construção de megálitos no NW Peninsular (Bello Dieguez et alii, 1983/4) e posteriormente desenvolvidos por Oliveira Jorge (Oliveira Jorge, 1989).

(5) - Bello Dieguez et alii, 1983/84.

(6) - Peso estimado para a cobertura quando completa.

(7) - Um fragmento de movente, em granito, no alvéolo de um esteio lateral da câmara da anta da Fonte da Pipa e um fragmento de dormente em grauvaque num alvéolo do corredor da anta da Lomba da Barca.

(8) - Por nós inventariada como Coureiros I

(9) - Por nós inventariada como Coureiros II

(10) - Provavelmente outros monumentos incluindo os parcialmente escavados poderão possuir alvéolos mais profundos, atendendo às dimensões dos esteios. Neste grupo incluir-se-ão, seguramente, as antas da Tapada de Matos, Coureiros II e IV e Alcogulo II.

(11) - Fórmula utilizada e gentilmente cedida pelo Professor Doutor Vitor O. Jorge.

$$V = \frac{\pi}{3} h^2 (3R - h)$$

(12) - Para este cálculo utilizamos o índice de 3, 276 horas por homem para a construção de um metro cúbico de mamoa (Bello Dieguez *et alii*, 1983/84).

(13) - Entre vários monumentos a anta do Porto Aivado poderá ser considerada um caso exemplar de destruição. Esta sepultura situada muito próximo da linha de contacto dos granitos com os xistos foi por nós escavada por ser uma das que nenhum vestígio de corredor possuía à superfície. Os cinco esteios que irrompiam da terra faziam adivinhar um monumento amplo. Logo nas primeiras decapagens verificámos que apenas um dos esteios se encontrava implantado no seu alvéolo e que os restantes tinham sido agrupados havia poucos anos. Ao atingir-se a base do monumento não foi possível identificar outros alvéolos e do espólio apenas alguns fragmentos de cerâmica subsistiam. No local que teria sido a parte central da câmara recolhemos vários fragmentos de *tegulae*. Destruída e provavelmente espoliada pelos romanos a anta do Porto Aivado viu nos anos sessenta os seus esteios de novo agrupados por forma a facilitar os trabalhos agrícolas. Inserir em qualquer tipologia este monumento seria grave erro.

(14) - A título de exemplo basta referir a Anta Grande do Zambujeiro (Évora), a Anta do Tapadão (Crato) ou a Anta da Comenda (Montemor-o-Novo), formadas por volumosos esteios e que possibilitam a recuperação das suas plantas sem grandes dificuldades.

(15) - Provavelmente a anta de maiores dimensões existente na bacia do Sever será a dos Mosteiros, também conhecida por anta da Tapada de Matos. Durante as múltiplas violações que sofreu ao longo dos tempos, grande número dos seus esteios foram danificados tornando-se hoje impossível recuperar, com segurança, a sua planta e alçado.

(16) - Várias propostas são conhecidas para distinguir antas de corredor curto de antas de corredor longo. Para a margem espanhola da área em estudo Primitiva B. Ramírez ao dividir os corredores em curto e longo afirma: " Cámaras de corredor corto son aquellas sepulturas con espacio diferenciado formadas por una cámara, generalmente de granito, y de siete ortostatos a la que da paso un corredor constituido por dos piezas, una a cada lado, situadas longitudinalmente y, por tanto, de menor altura que la cámara. Cualquier pieza añadida a este corredor más simple, permite la calificación como de corredor largo más o menos desarrollado." (Ramírez, 1988: 23) Para a região mais próxima da nossa área onde o megalitismo tem vindo a ser objecto de estudo sistemático, Vitor Gonçalves num recente trabalho sobre este assunto diz: " Por Corredor *curto* entende-se aquele cujo comprimento é inferior ao diâmetro da Câmara, por Corredor *médio* o que lhe é sensivelmente idêntico, por Corredor *longo* o que é superior até ao dobro do diâmetro da Câmara, por Corredor *muito longo* o que tem um comprimento superior ao dobro do diâmetro longitudinal da Câmara. Estas designações funcionam tanto no caso das antas como dos *tholoi*." (Gonçalves, 1992: 148). Anteriores trabalhos sobre esta região, sobretudo os de Georg e Vera Leisner, Farinha Isidoro, Dias de Deus, Abel Viana, Afonso do Paço, Conceição Rodrigues, Olívio Caeiro e tantos outros, ou não distinguem os monumentos pelo comprimento dos corredores, ou quando o fazem limitam-se a descrevê-los como curto ou longo sem estabelecerem os critérios classificativos. Para esta região, dos dois modelos ensaiados e acima descritos, o primeiro parece-nos demasiado

simplificado e o segundo de métrica muito pormenorizada, dificilmente aplicável aos monumentos parcialmente destruídos agora em estudo. Se aplicássemos a primeira classificação verificávamos que os monumentos, sobre os quais estamos mais informados, todos se apresentavam com corredores longos porque todos apresentam vestígios de monólitos, de maiores ou menores dimensões em frente aos que directamente se adossam à câmara. No caso da anta III dos Coureiros, segundo a primeira tipologia incluir-se-ia no tipo de antas de corredor muito longo, enquanto que se a classificássemos pela segunda tipologia ela faria parte das de corredor curto. Para evitar situações como a do exemplo descrito optamos por simplificar a tipologia proposta por Vitor Gonçalves, considerando um corredor curto quando o seu comprimento máximo é igual ou inferior ao diâmetro máximo da câmara e corredor longo quando ultrapassa esse diâmetro. Importa referir que a presença de esteios no corredor de dimensões semelhantes aos da câmara, mas depositos longitudinalmente, em oposição a blocos de menores dimensões, geralmente colocados verticalmente, poderá servir também para caracterizar tipologicamente monumentos em relação ao comprimento / forma dos corredores, como Primitiva Ramírez deixa já esboçado no seu estudo.

(17) - Caso fosse possível identificar claramente o início do corredor poderiam ser incluídas entre os monumentos de corredor longo. Entre estas conta-se a anta de la Joaninha e a anta do Cerro de la Caldera.

(18) - Na recente revisão das antas de Reguengos de Monsaraz, Vitor Gonçalves problematiza as orientações dos monumentos, demonstrando que as sepulturas mais recentes, ou com materiais menos antigos, estão maioritariamente orientadas para SE, em detrimento dos mais antigos que se orientam preferencialmente a nascente. Numa recente comunicação apresentada pelo Professor Marciano da Silva no 1º Simpósio Transformação e Mudança, este investigador levantou a hipótese das diversas orientações estarem mais relacionadas com as diferentes posições da Lua do que com o Sol. Os estudos desenvolvidos por F. Alonso Romero e outros sobre a orientação de vários monumentos da Península Ibérica leva-os a concluir que "el orto del solsticio de invierno fué decisivo en la determinación de su orientación." (Alonso Romero et alii, 1993:260). Apenas por

estes três exemplos verificamos como são díspares as interpretações sobre a orientação dos sepulcros megalíticos.

(19) - O monumento com corredor longo cuja abertura apresenta o desvio mais significativo para Norte (30°) é a anta da Laje dos Frades. A localização desta sepultura muito próximo, quer de grandes afloramentos graníticos, quer de um declive com forte pendente, poderá estar na origem deste tão significativo desvio da sua abertura. Contudo, se os seus construtores tivessem desviado o monumento alguns metros para sul, já haveria espaço para o corredor apresentar outra orientação. Parece assim que razões muito fortes estiveram subjacentes à escolha desse espaço, bastante encaixado entre afloramentos que em muito dificultaram a construção da anta.

(20) - A reduzida informação disponível sobre estes monumentos impossibilita-nos que, no que respeita à orientação das aberturas, os possamos analisar tendo em atenção a sua planta.

(21) - O menir do Carvalhal foi noticiado pela primeira vez em 1967 por Mário de Saa (Saa, 1967). A primeira referência ao menir da Meada data de 1965, divulgado por Martins Barata (Barata, 1965). Os menires do concelho de Marvão foram por nós noticiados pela primeira vez, o da Água da Cuba em 1985 (Oliveira, 1985) e os do Corregedor e Pombais em 1993 (Oliveira, 1993). A primeira referência a um menir no termo municipal de Valência de Alcântara data de 1976. Elias Diéguez noticia nesse ano um menir denominado Porra del Burro (Diéguez, 1976). Anos mais tarde, Gonzalo Muñoz Carballo (Carballo, 1983) considera que no local denominado Porra del Burro não existe um, mas sim três menires. Este investigador, no mesmo artigo, descreve um ou dois prováveis recintos megalíticos com um total de cinco menires no vale de San Benito.

(22) - Menires cujo comprimento máximo, incluindo a base de sustentação, não ultrapassa os 150 centímetros.

(23) - A descoberta deste menir ficou-se a dever ao Dr. J. Caldeira Martins, veterinário municipal de Marvão, que o localizou, durante a sua actividade profissional, junto a uma pocilga no Monte do Cabril, no concelho de Marvão. Por uma das já falecidas proprietárias deste monte tínhamos sido informados, há já

muitos anos, que o seu pai havia mandado transportar da zona do Castelo do Corregedor uma "coluna para enfeitar o monte". A doença do pai já não possibilitou a implantação da referida "coluna" junto da casa, tendo sido abandonada e dada como desaparecida até à recente descoberta. A coluna de que nos haviam falado era afinal um fragmento de um menir que apenas sabemos ter sido trazido do Castelo do Corregedor. As várias prospecções que fizemos, quer na área deste importante habitat com materiais de superfície atribuíveis à segunda Idade do Ferro, quer no vale envolvente, não nos possibilitaram identificar o resto do monólito. Actualmente o que resta do Menir do Corregedor guarda-se no Museu Municipal de Marvão.

(24) - Segundo Pires Gonçalves o Menir da Rocha dos Namorados era utilizado "pelas raparigas da região, cumprindo um rito pagão de fertilidade, vão ali, pela segunda-feira da Páscoa, na primavera, lançar uma pedra (ou várias) para cima da umbela do menir e consultá-lo em matéria do seu próximo casamento. Cada lançamento falhado significa um ano de espera nas práticas fertilizantes do casamento, como equivalente da hierogamia cósmica." (Gonçalves, 1975:15)

(25) -As pedras que nas imediações e sobre o Menir da Porra del Burro se encontram indiciam que algumas foram intencionalmente carreadas de outros locais. Embora o menir se encontre sobre a linha de contacto do granito com os xistos, onde naturalmente estes dois tipos de rochas estão presentes, bem como corneanas e quartzos, mais estranha é a presença de vários blocos de quartzito, uns com sinais de rolagem, enquanto outros parecem ter sido obtidos nas cristas de Marvão, S. Mamede ou no de Pino de Valência. A presença de pedras estranhas ao ambiente geológico poderá testemunhar alguma manifestação mais complexa do que o simples arremesso da pedra que mais à mão se encontra. Ainda que em número reduzido, poderão testemunhar que populações de outras regiões se deslocavam a este local em busca de augúrios relacionados com a fertilidade ou com a fecundidade.

(26) - Para além dos prováveis pequenos menires do Vale de San Benito e do monólito da Água da Cuba, mas já fora da área em estudo, conhecem-se os dois menires do Vale Sobral, no Concelho de Nisa, com dimensões longitudinais de

1,28 metros e 1, 10 metros (Monteiro e Gomes, 1978). Ainda nesta região, mas também já fora da área em estudo, há que assinalar o pequeno menir, ainda *in situ*, implantado na Tapada da Casa Nova, na Freguesia de Gáfete, concelho do Crato, na margem esquerda do Ribeiro do Sor, com uma altura acima do solo que não ultrapassa os 150 centímetros.

(27) - Para além das dúvidas já colocadas por Mário de Saa (Saa, 1967) e por Maria da Conceição Rodrigues (Rodrigues, 1975), o micro-topónimo desta parte do Monte do Carvalhal é Tapada da Pedra da Anta. O seu proprietário também nos informou que sempre ouvira chamar de anta ao grande monólito que se levanta no Carvalhal.

(28) - Escavações por nós dirigidas em colaboração com Ana Carvalho Dias em 1981 e 1982.

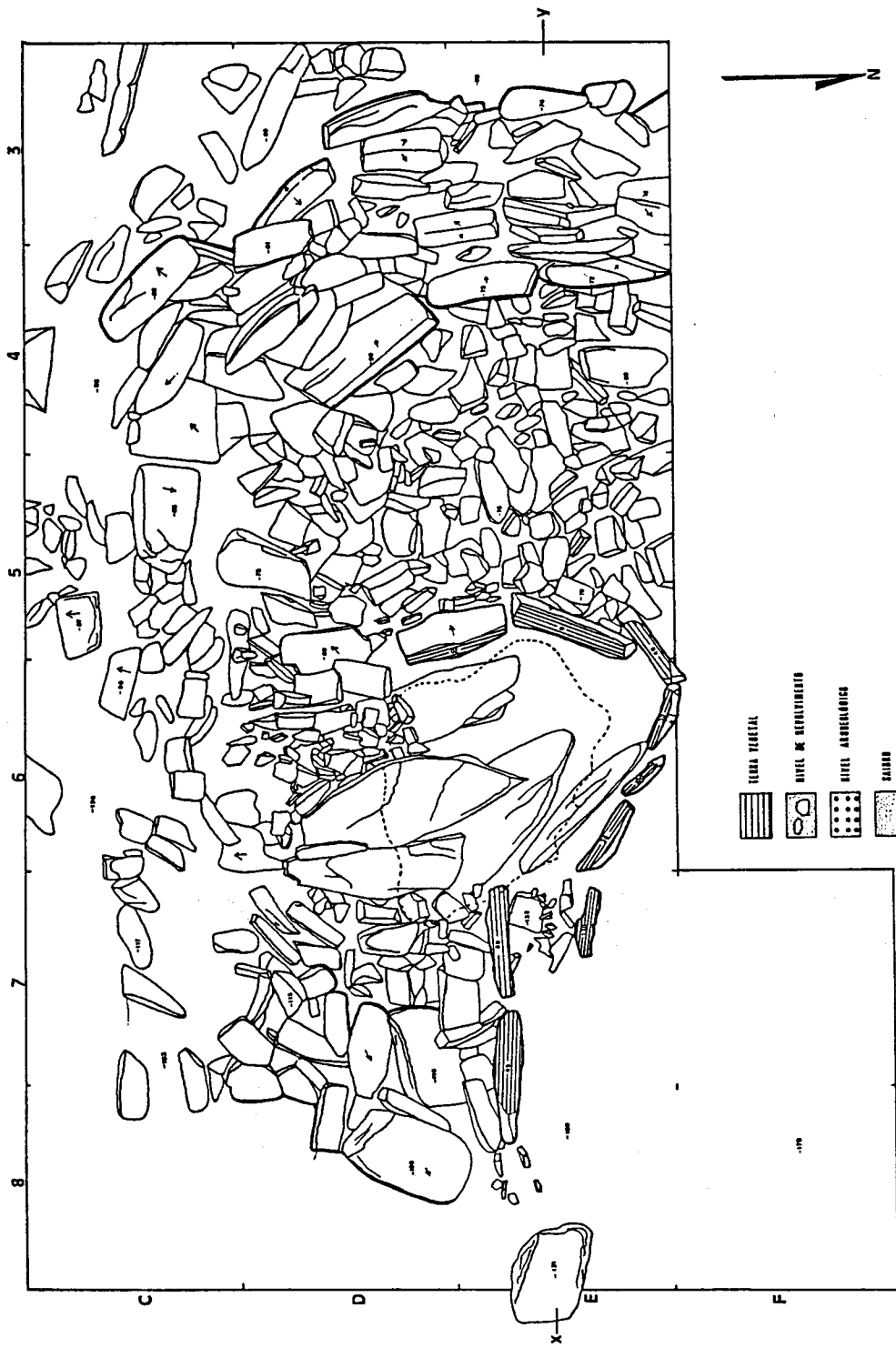
(29) - Embora o seu anterior proprietário, hoje já falecido, desconhecesse o significado deste monólito, ao autorizar-nos a escavação pediu-nos que não lhe retirássemos a "pedra" do local, acrescentando que " não sei se eu não fui feito à sua sombra".

(30) - Pelo estado de conservação da superfície do fragmento de maiores dimensões que se encontrava em contacto com o solo, muito semelhante à superfície inclusa ainda no alvéolo, contrastando nitidamente com as partes expostas aos elementos, verificamos que a fractura ocorreu em época muito recuada. A queda resultou de um desvio de todo o bloco granítico para poente, exactamente para o lado onde o alvéolo tinha sido mais alargado. Esse desequilíbrio levou à fragmentação do monólito por uma linha de fractura ainda hoje visível. Torna-se muito difícil datar a época em que ocorreu a fragmentação do menir. A actual ausência de uma fundamental coroa de sustentação, destruída provavelmente pela lavoura efectuada em torno do menir, a época muito recuada em que ocorreu a fractura, a localização do monumento num espaço profundamente romanizado (a barragem romana da Tapada Grande localiza-se a cerca de quatrocentos metros do menir) e a presença de um fragmento de *tegula* no nível superior dos calços ainda existentes, sugerem-nos que, provavelmente, a fractura do menir da Meada deverá ter ocorrido pela mesma altura em que se

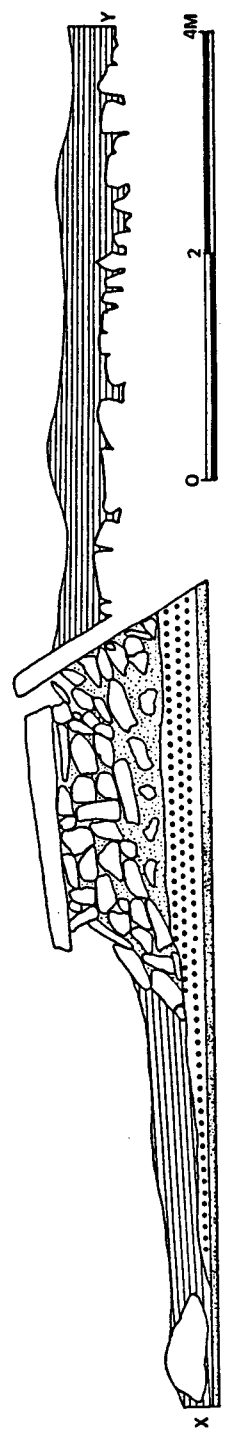
começou a praticar uma agricultura intensiva nesta região, o que poderá corresponder ao domínio romano.

DOCUMENTAÇÃO GRÁFICA

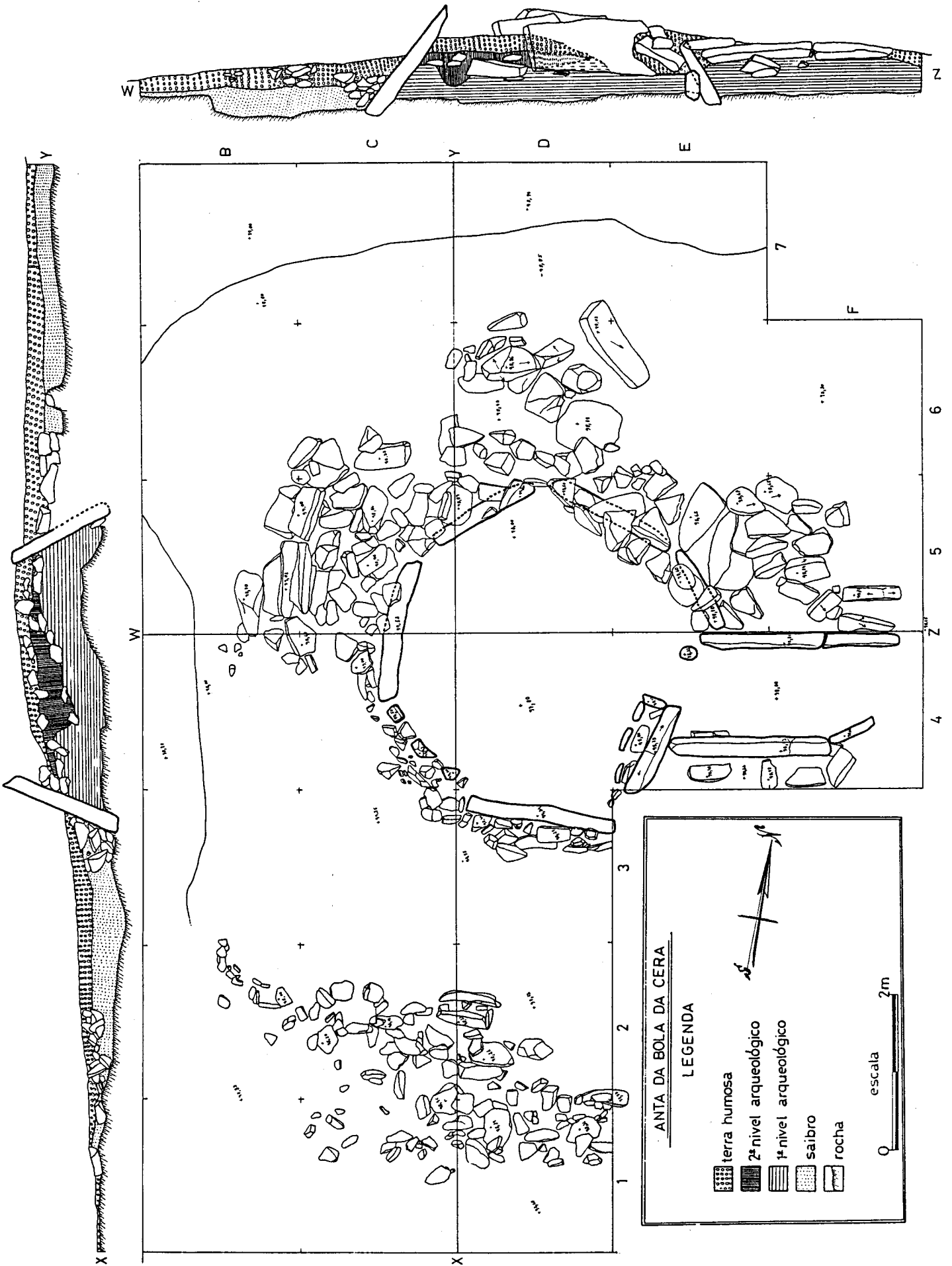
ANTA DOS POMBAIS



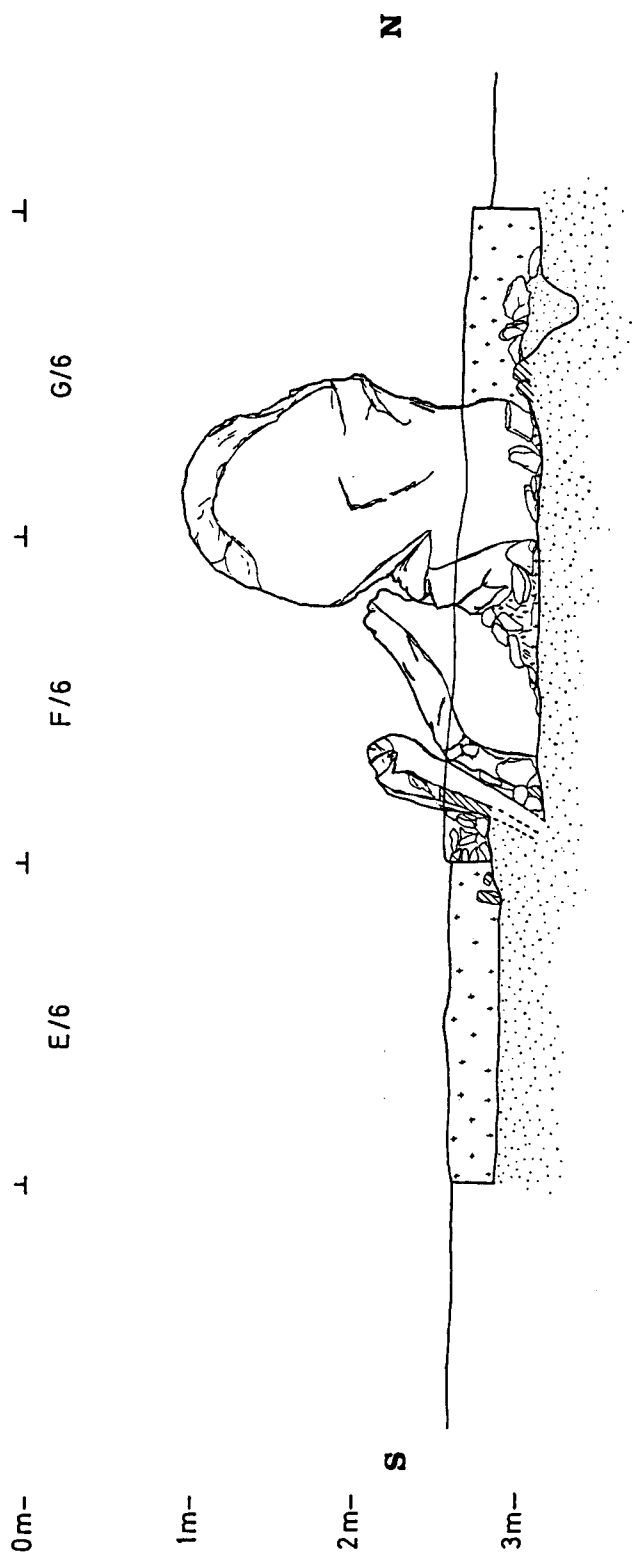
ANTA DOS POMBAIS - MARVÃO



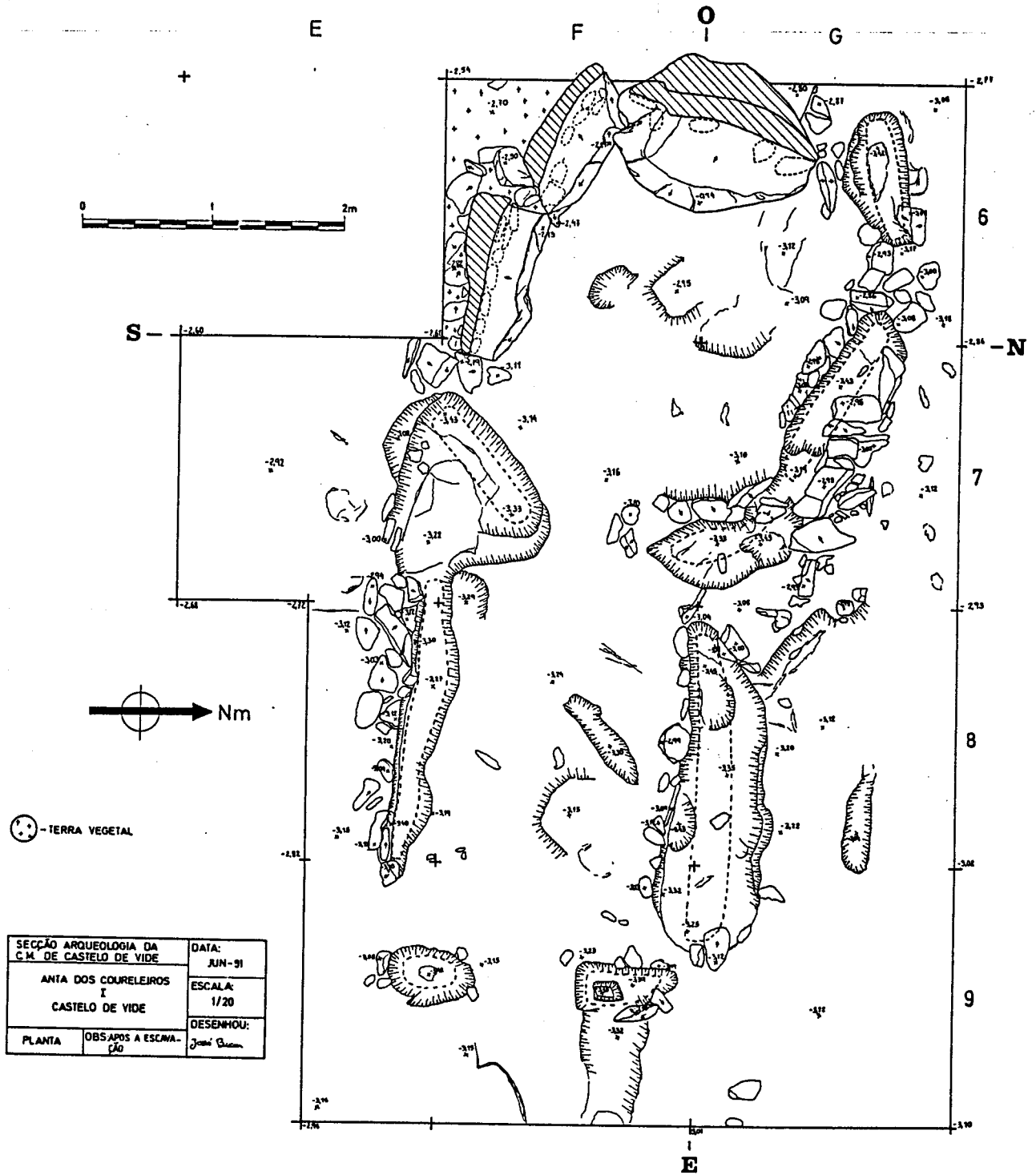
ANTA DA BOLA DA CERA



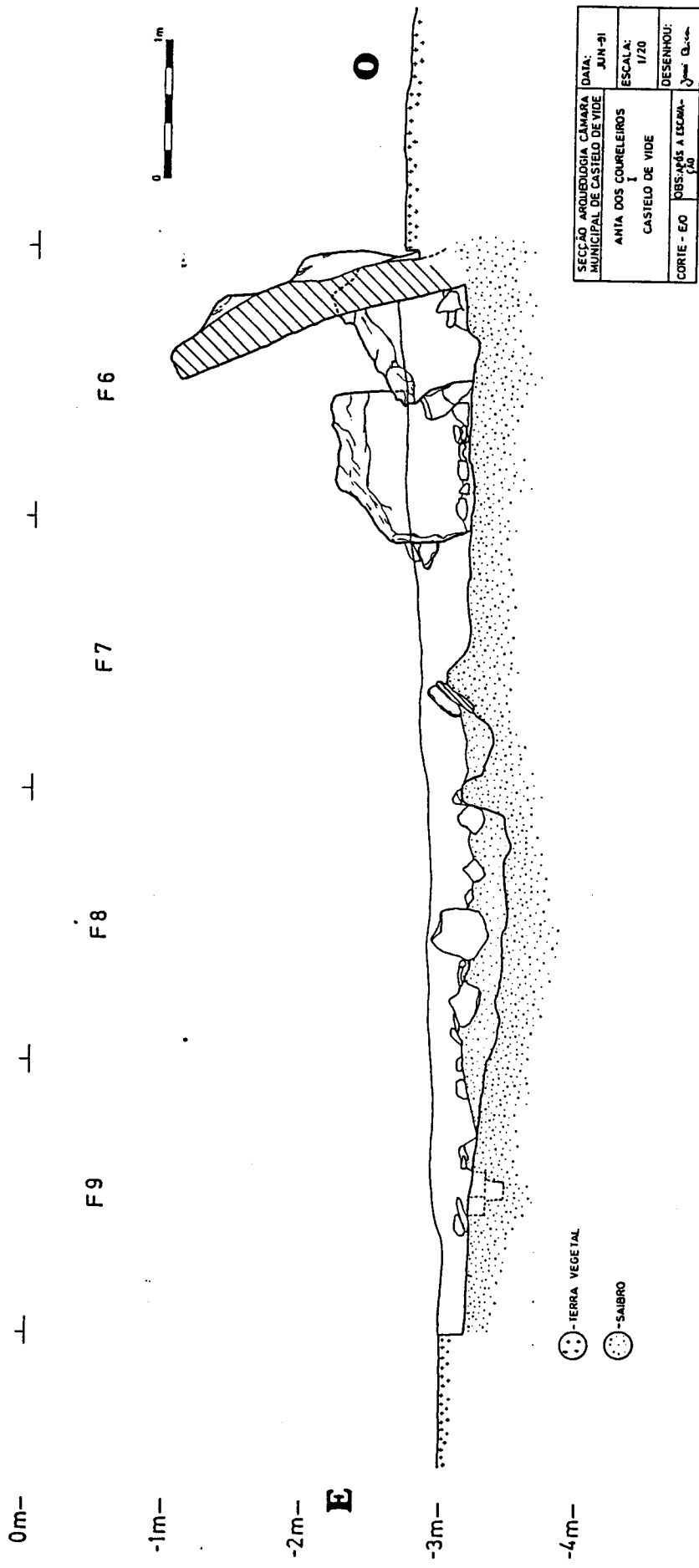
ANTA I DOS COURELEIROS



SECCÃO ARQUEOLÓGICA DA C. RL. DE CASTELO DE VIDE	DATA:
ANTA DOS COURELEIROS CASTELO DE VIDE	JUN-91
CORTE - S/N	DESENHO:
OBS: APÓS A ESCAVAÇÃO	José B. ...



SECÇÃO ARQUEOLOGIA DA C.M. DE CASTELO DE VIDE		DATA: JUN-91
ANTA DOS COUREIROS I CASTELO DE VIDE		ESCALA: 1/20
PLANTA	OBSAPOS A ESCALA- ÇÃO	DESENHOU: João Sá



SECCAO ARQUEOLOGIA CAMARA MUNICIPAL DE CASTELO DE VIDE	DATA: JUN-91
ANIA DOS COURELEIROS I	ESCALA: 1/20
CASTELO DE VIDE	DESENHO: J. Costa
CORTE - E-O	OBSERVAÇÃO A ESCALA: 1/20

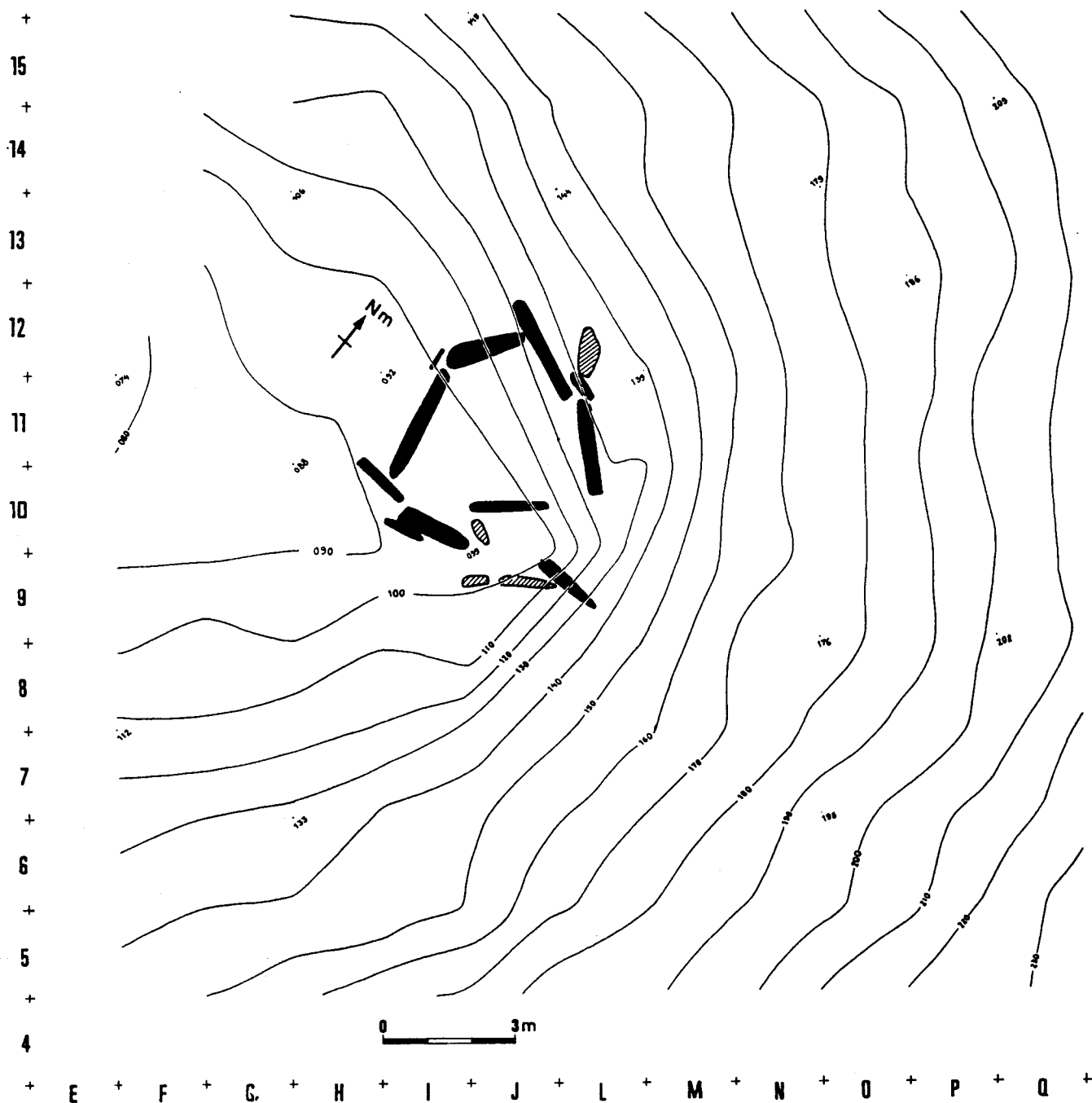
ANTA II DOS COURELEIROS

ANTA II DOS COURELEIROS

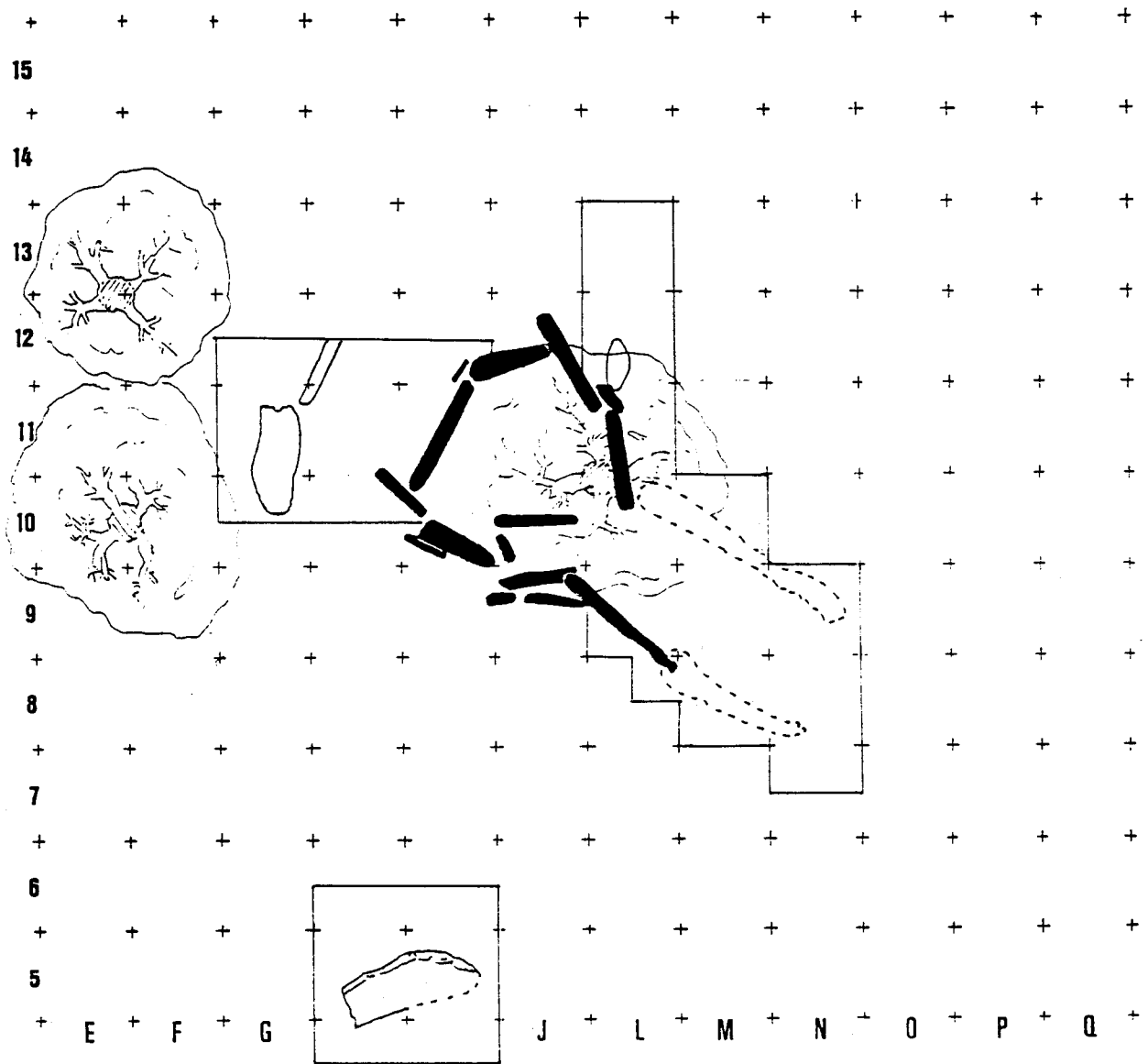
CASTELO DE VIDE

LEVANTAMENTO TOPOGRÁFICO

Equidistância das curvas - 10 cm

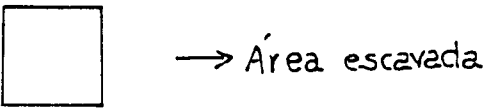
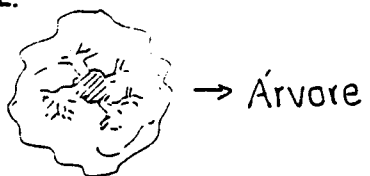


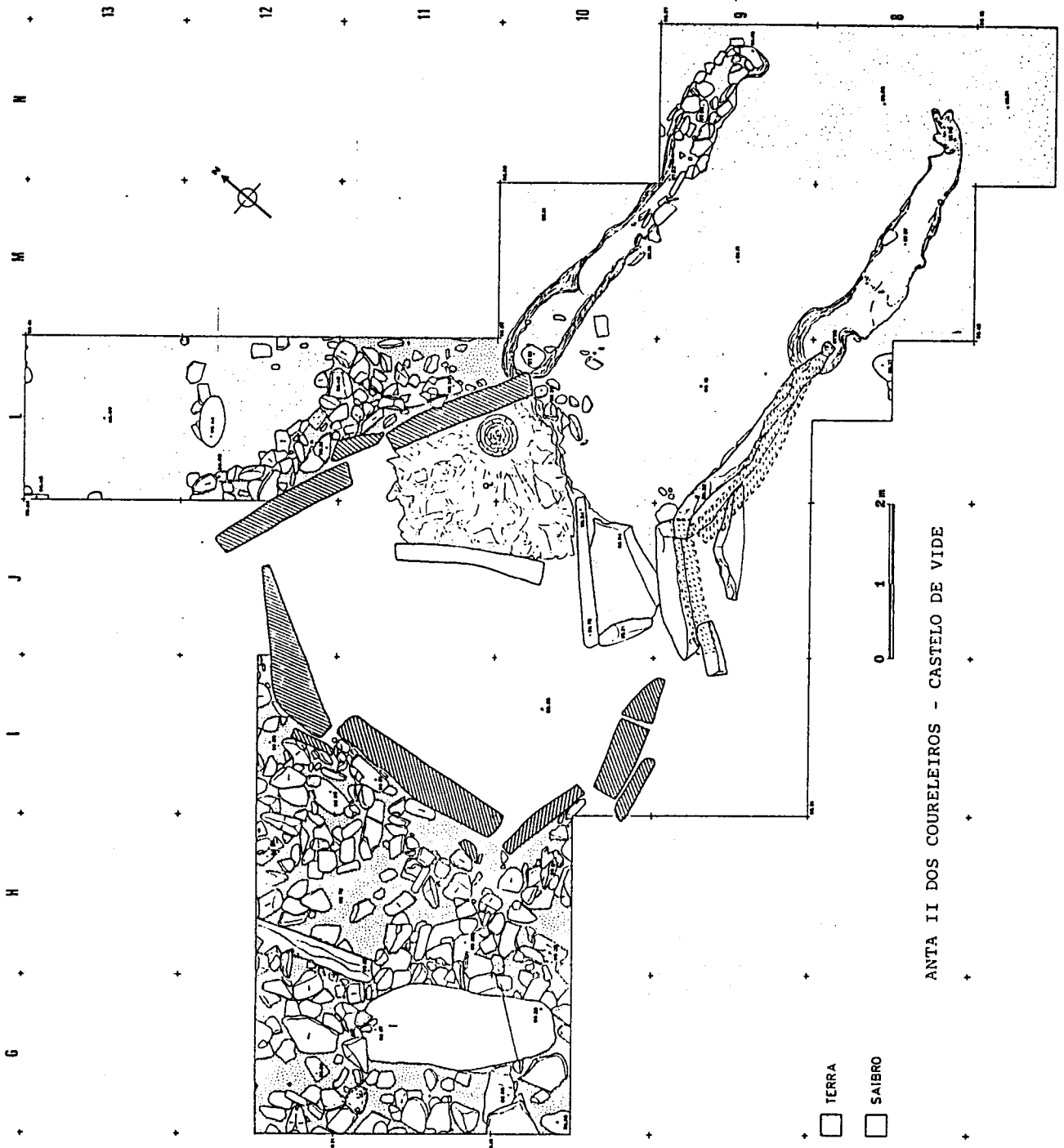
PLANTA



0 1 2m

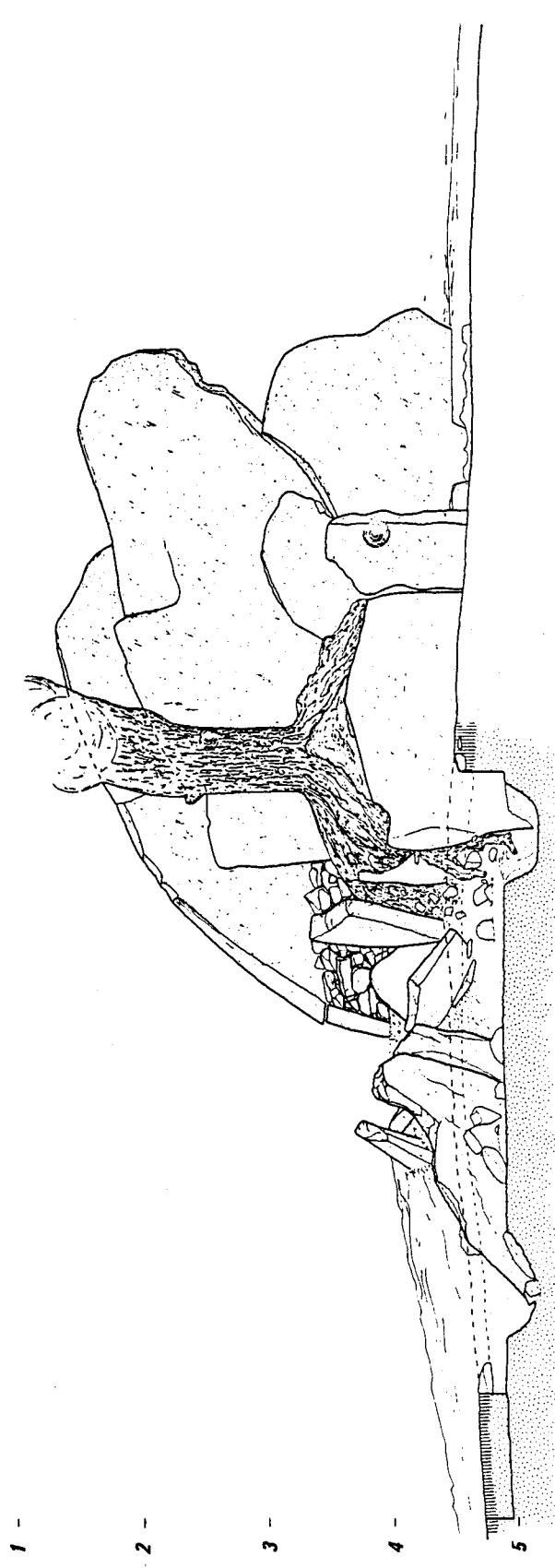
L.







ANTA II DOS COURELEIROS - CASTELO DE VIDE

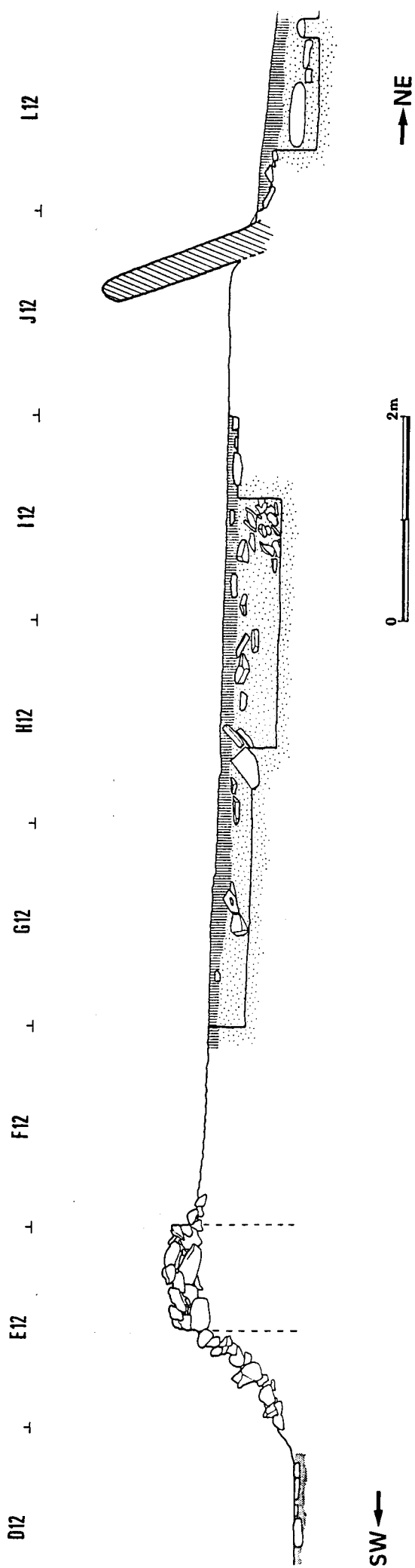
0m 0m 12m
 L8 L9 L10 L11 L12 L13



6m- SE NW
 0 2m

-  TERRA SUPERFICIAL
-  TERRA SAIBRENTA

ANTA DOS COURELEIROS II - CASTELO DE VIDE - CORTE SE/NW



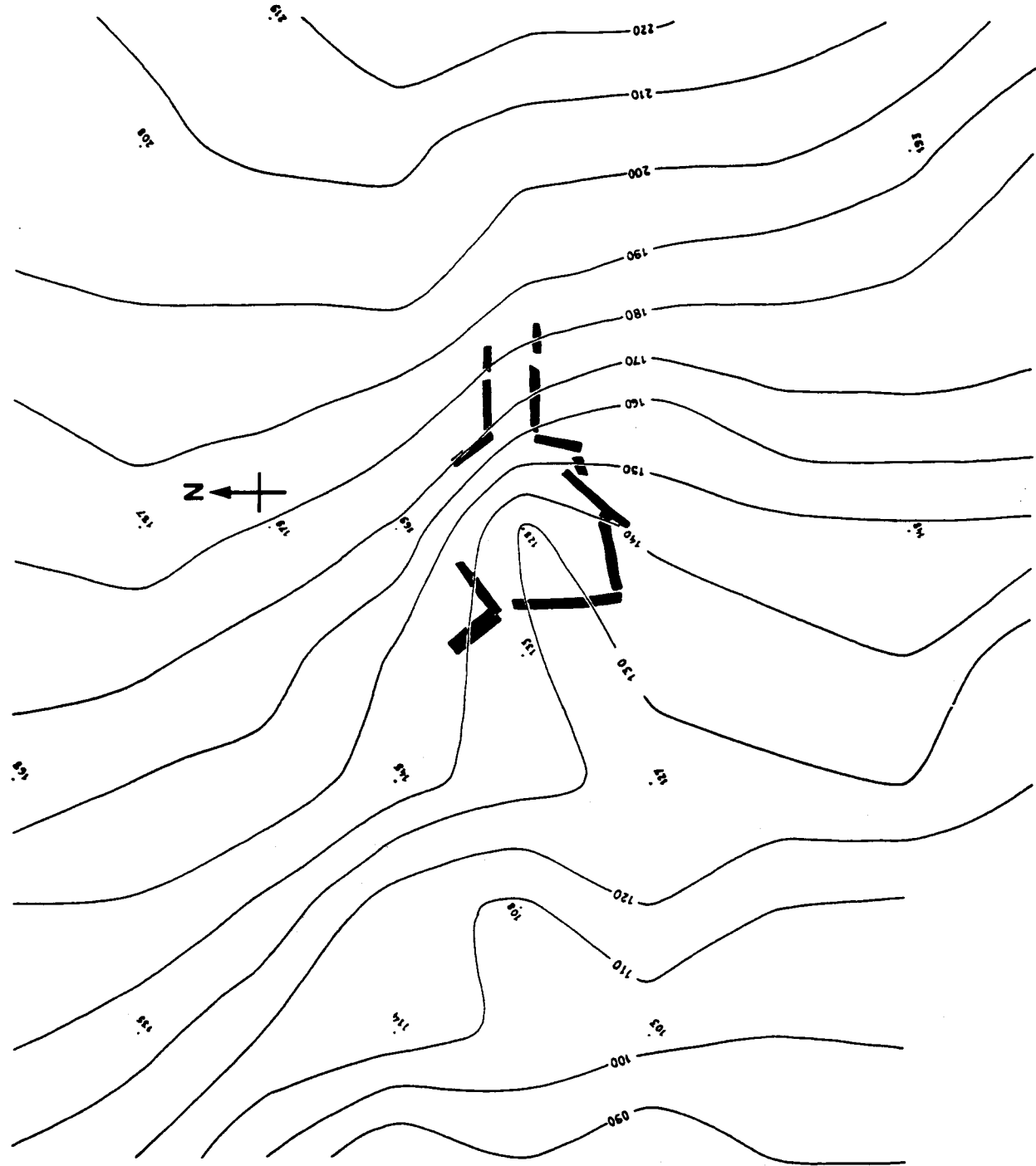
ANTA DOS COURELEIROS II - CASTELO DE VIDE - CORTE SW/NE

- ▣ - CAMINHO
- ▣ - MURO
- ▣ - TERRA SUPERFICIAL
- ▣ - TERRA SAIBRENTA

ANTA III DOS COURELEIROS

**ANTA III COURELEIROS
CASTELO DE VIDE**

**LEVANTAMENTO TOPOGRÁFICO
Equidistância das curvas - 10 cm**



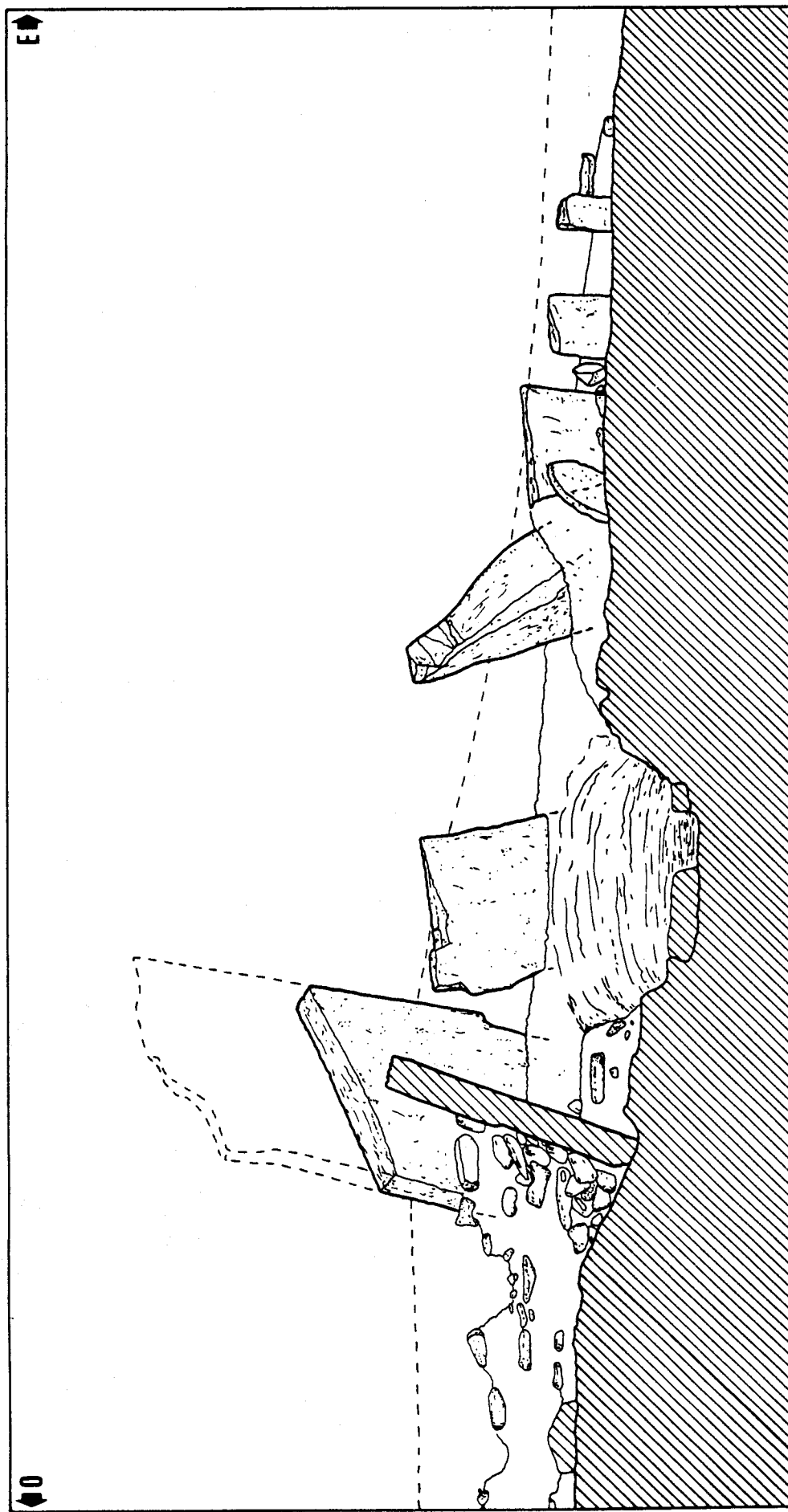
+ 17 + 16 + 15 + 14 + 13 + 12 + 11 + 10 + 9

+ G + H + I + J + L + M + N + O + P + Q +

ANTA DOS COURELEIROS·III

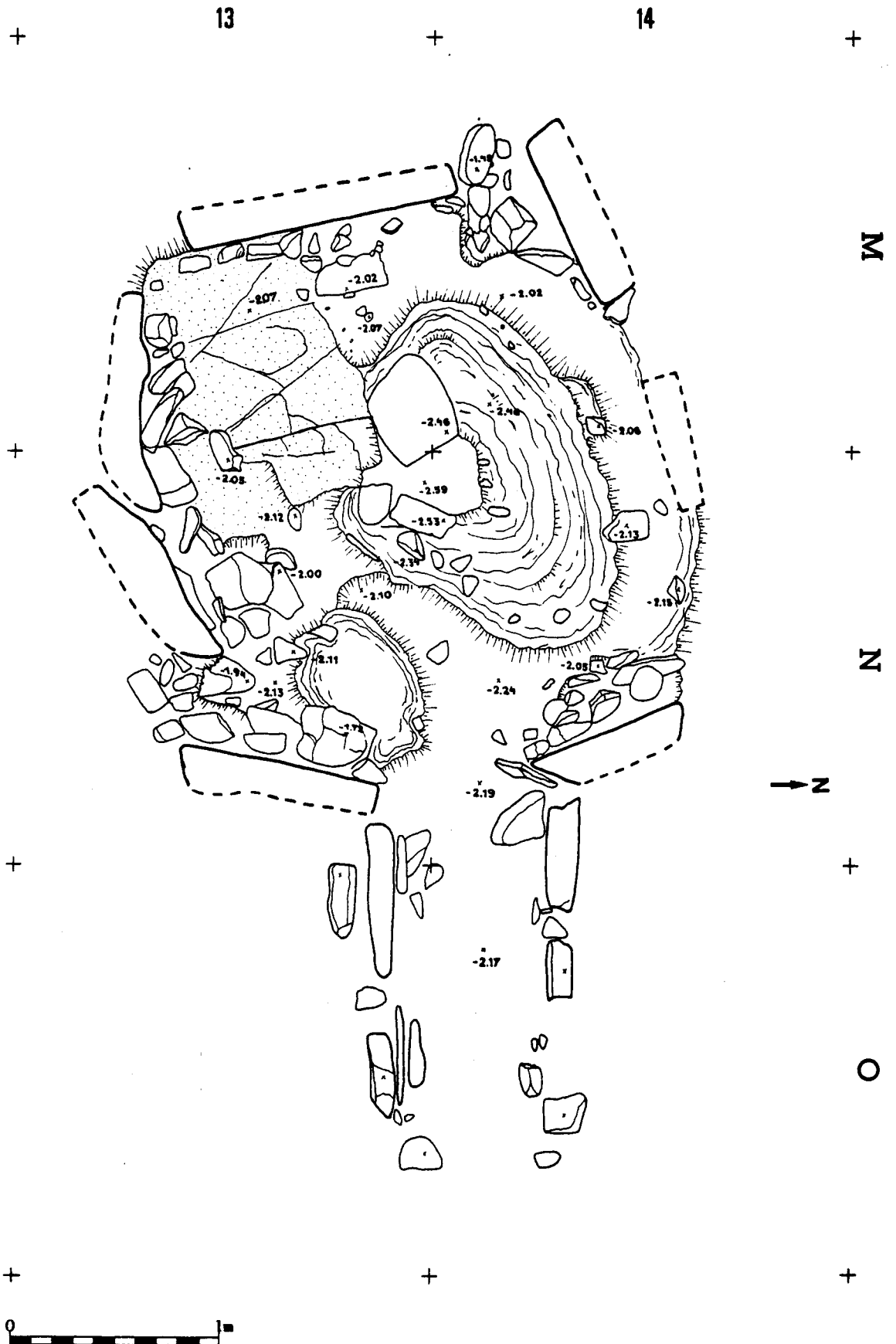
Castelo de Vide

Pertil E/O
Câmara e corredor
do monumento



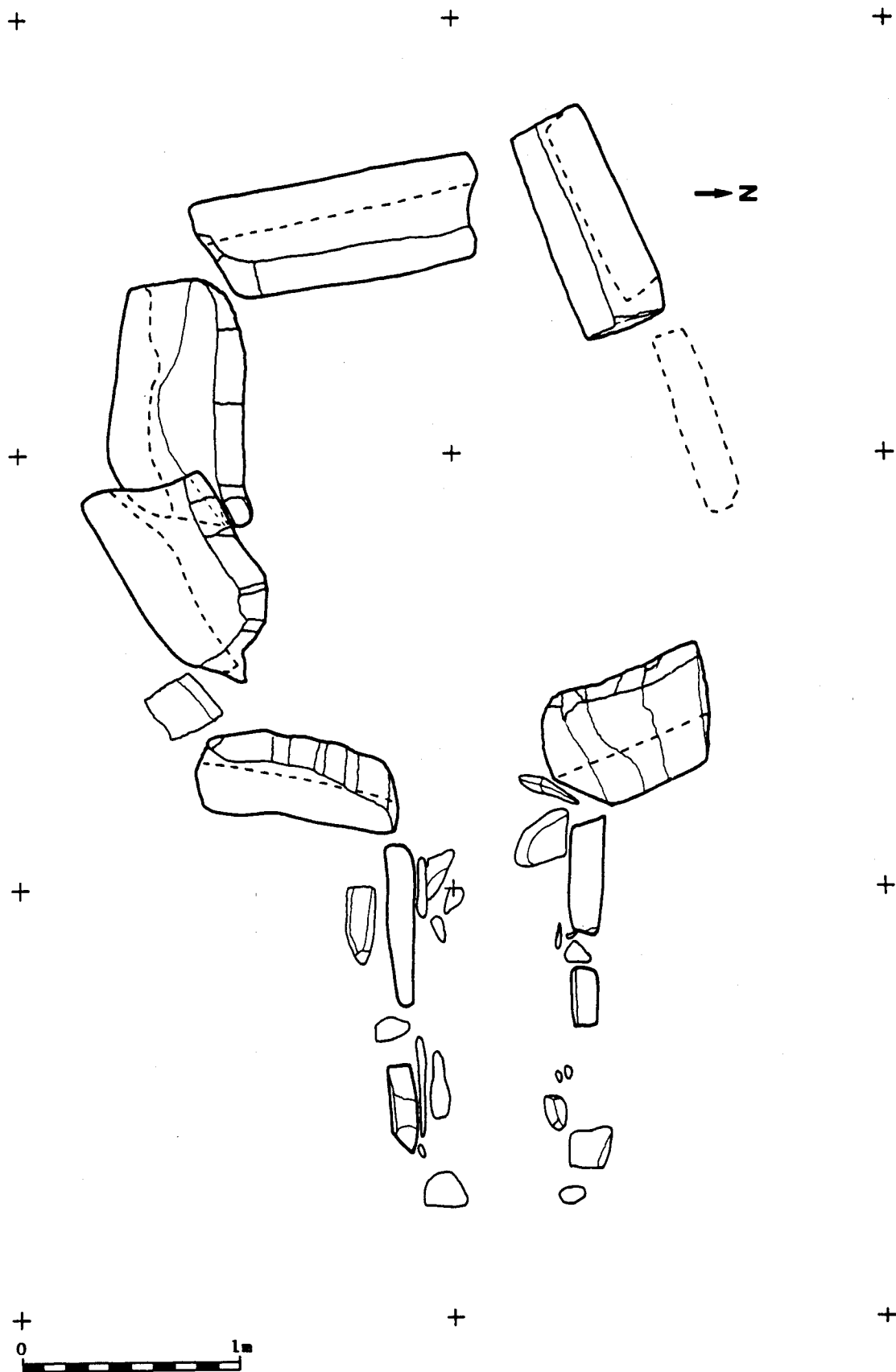
ANTA DOS COURELEIROS - III

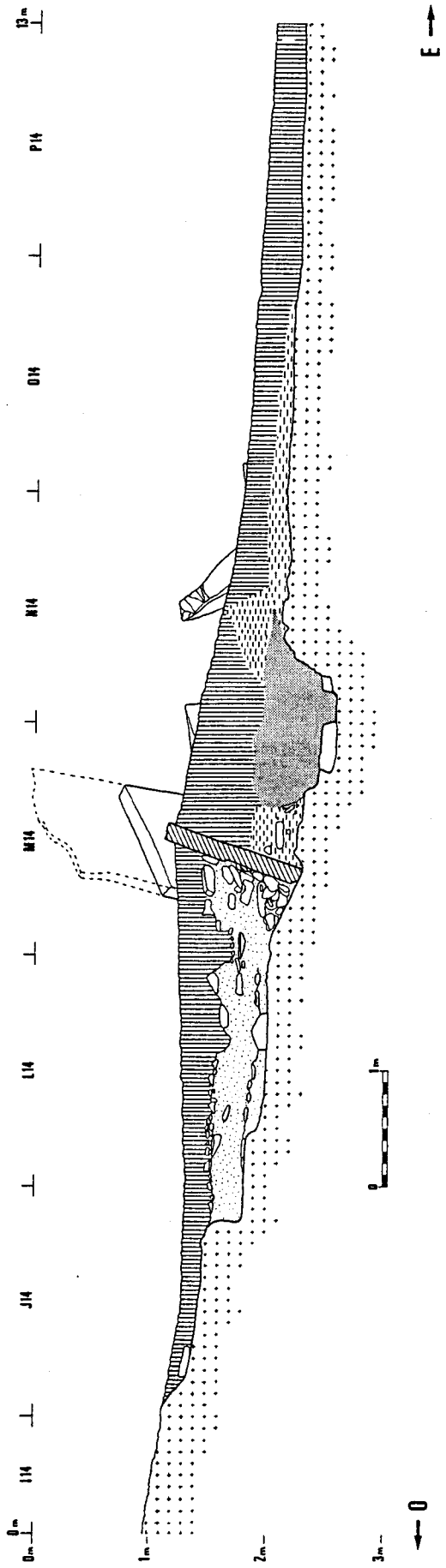
Planta da Câmara e Corredor após a escavação



ANTA DOS COURELEIROS · III

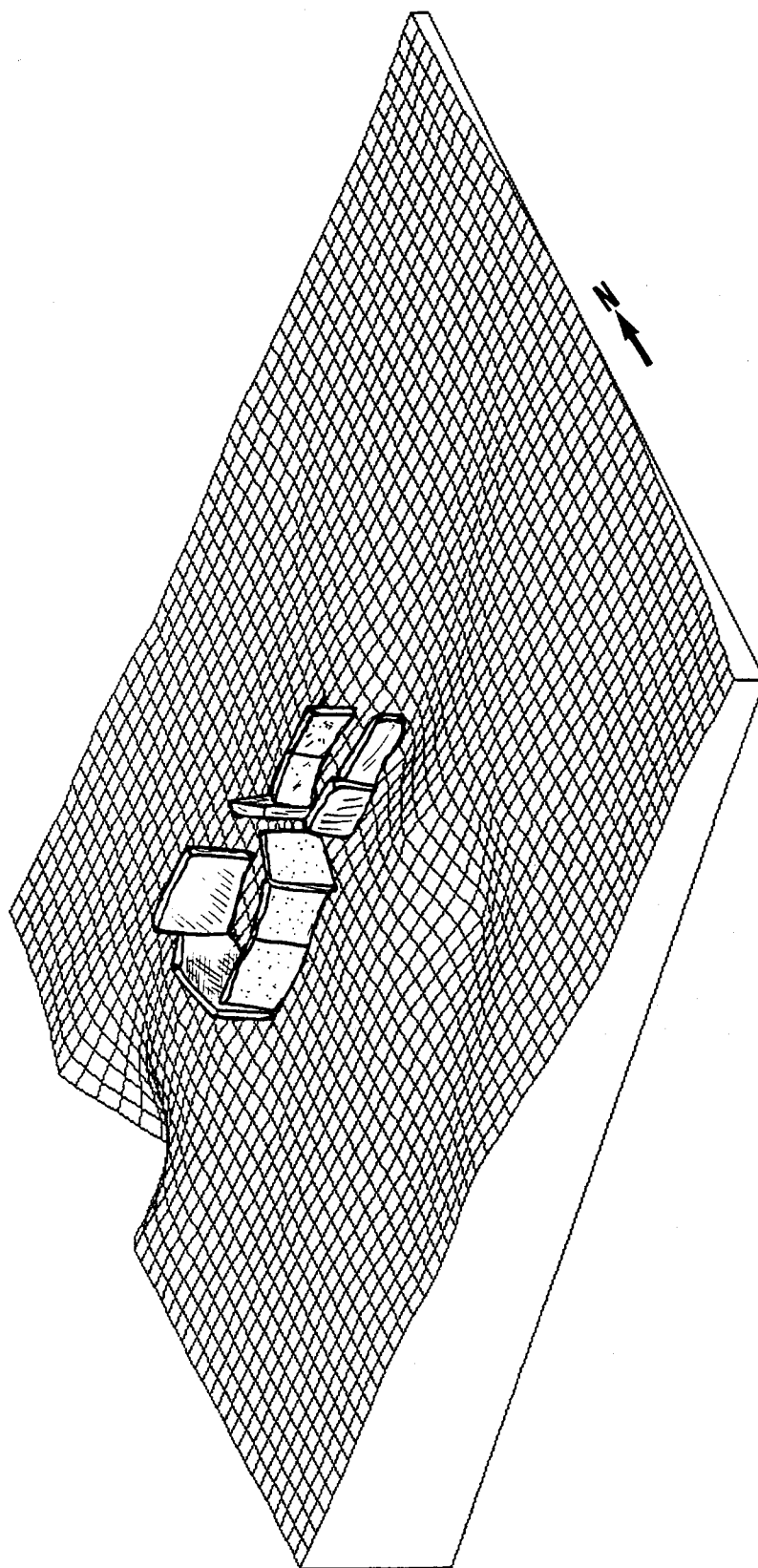
PLANTA





ANTA DOS COURELEIROS III - CASTELO DE VIDE - CORTE O/E

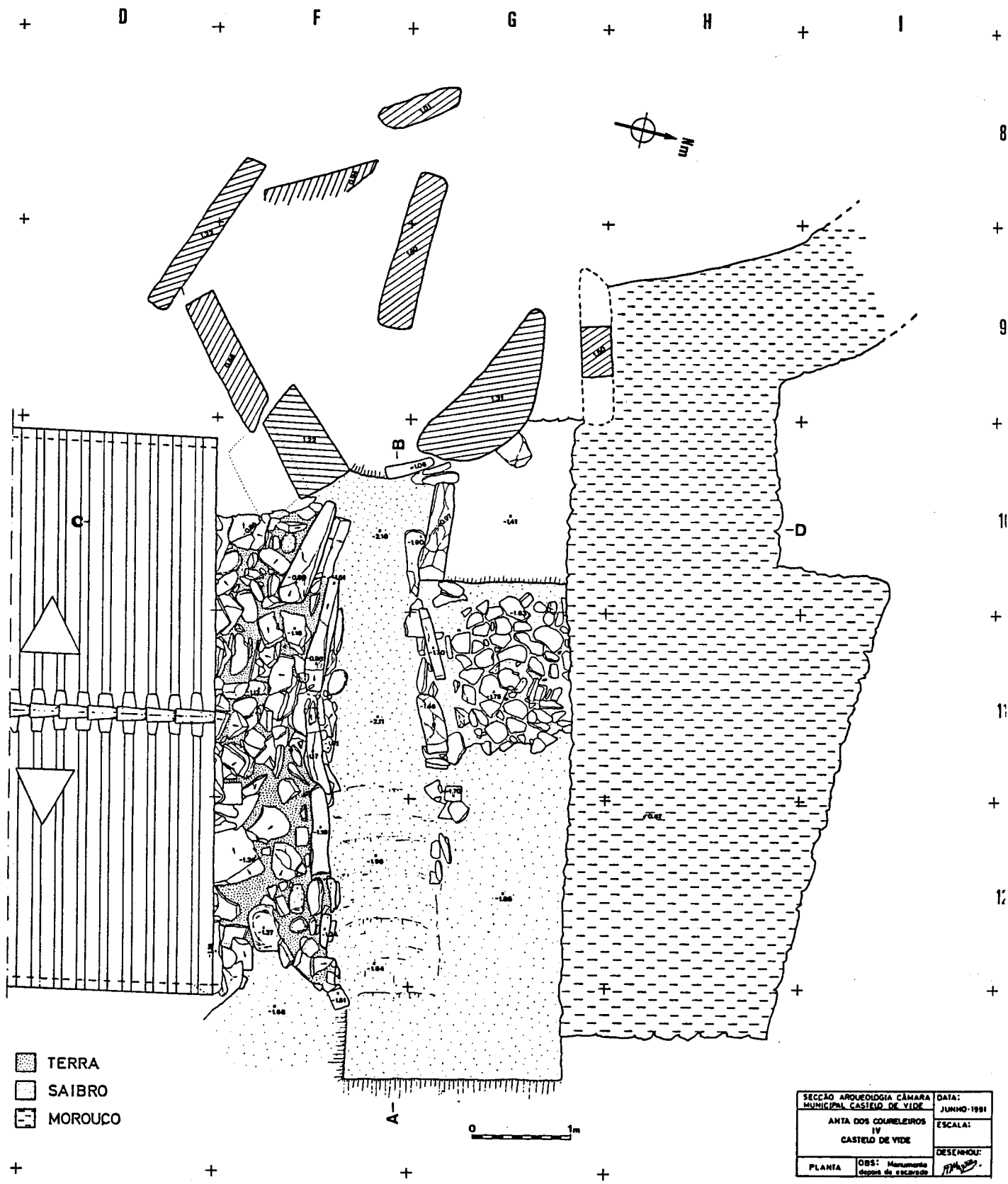
- ▨ - TERRA VEGETAL
- ⋯ - ROCHA
- ▩ - SAIBRO
- ▧ - NIVEL ARQUEOLÓGICO
- ⋄ - VIOLAÇÃO



ANTA III DOS COUREIROS



ANTA IV DOS COURELEIROS

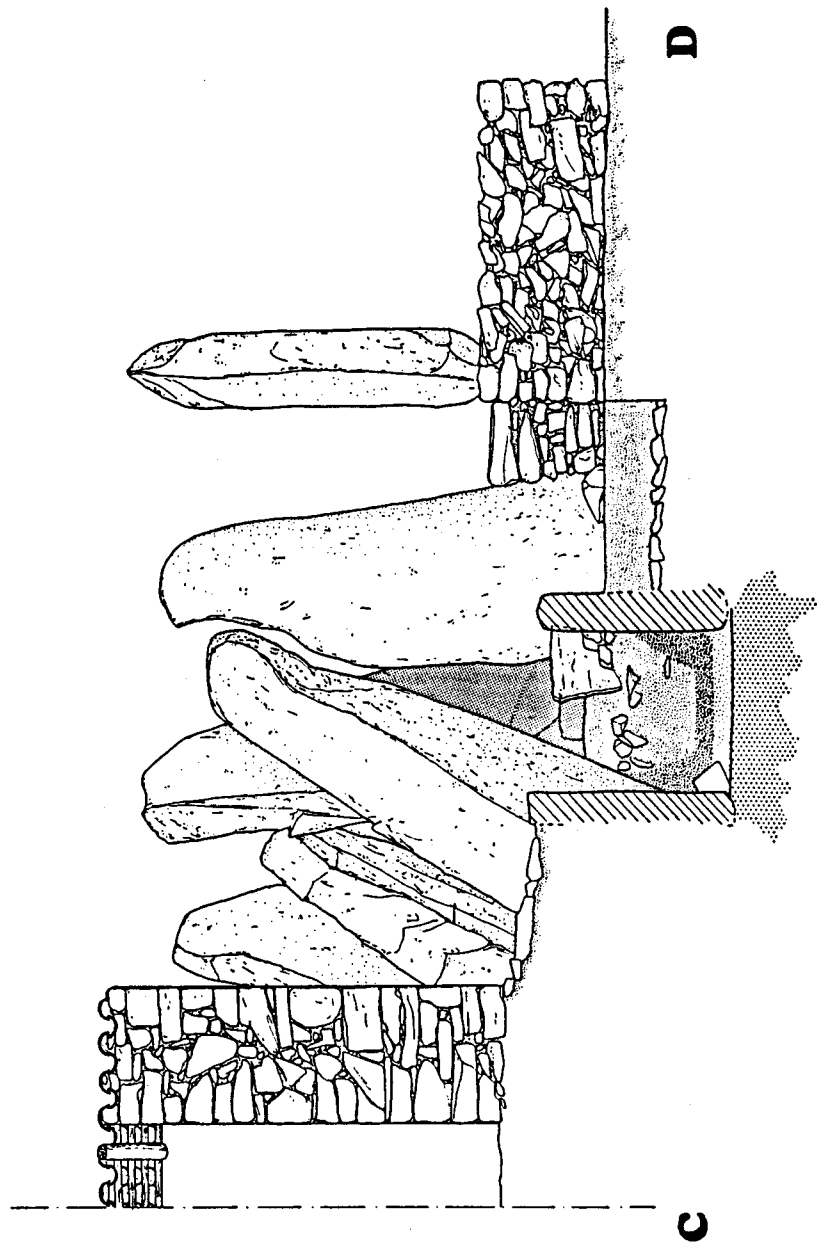


-  TERRA
-  SAIBRO
-  MOROUÇO

SECCÃO ARQUEOLOGIA CÂMARA MUNICIPAL CASTELO DE VIDE		DATA: JUNHO-1991
ANTA DOS COURELHEIROS IV CASTELO DE VIDE		ESCALA:
PLANTA	OBS: Monumento depois de escavação	DESENHO: 

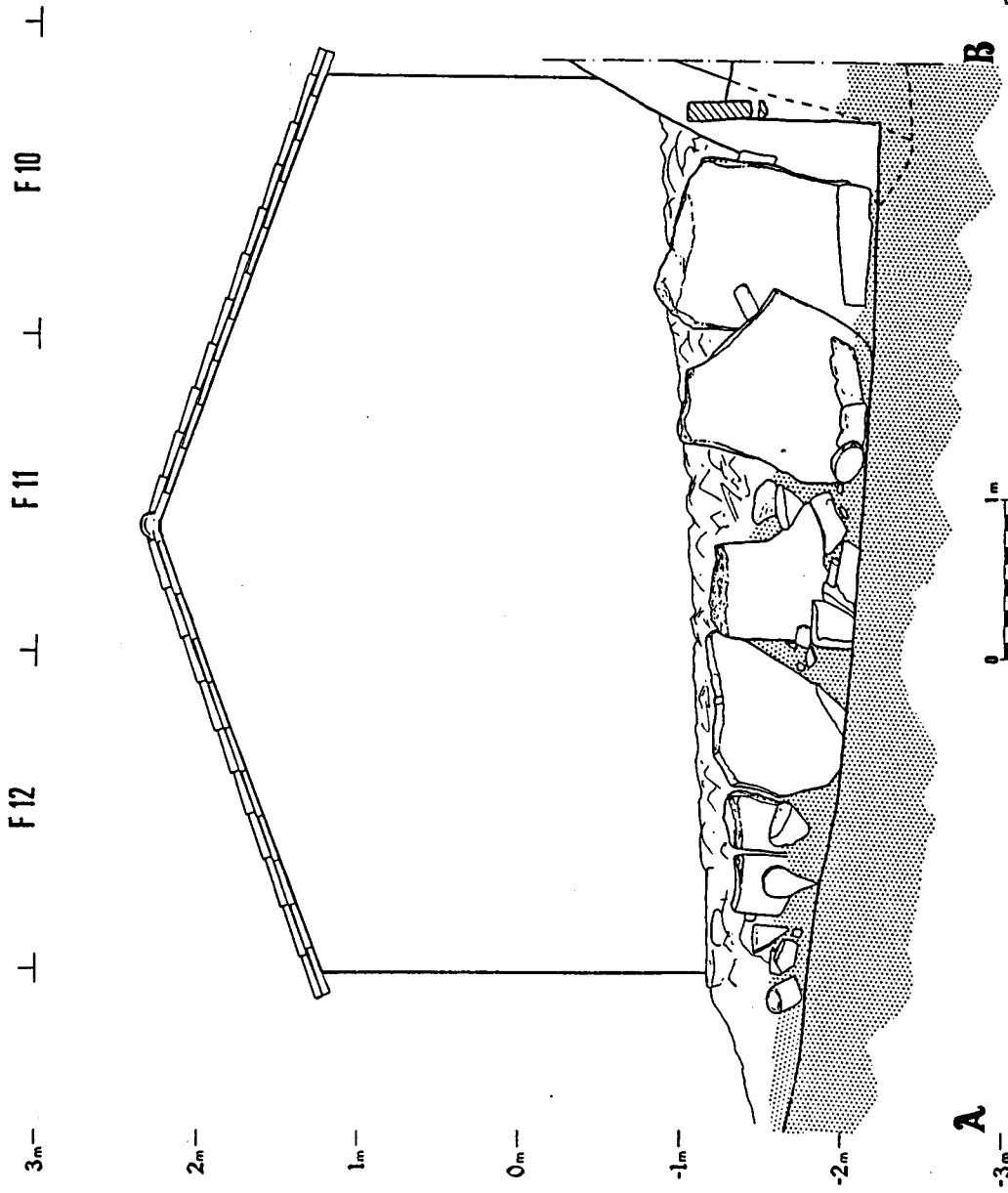
2 m — 1 m — 0 m — -1 m — -2 m — -3 m —

D 10 F 10 G 10 H 10



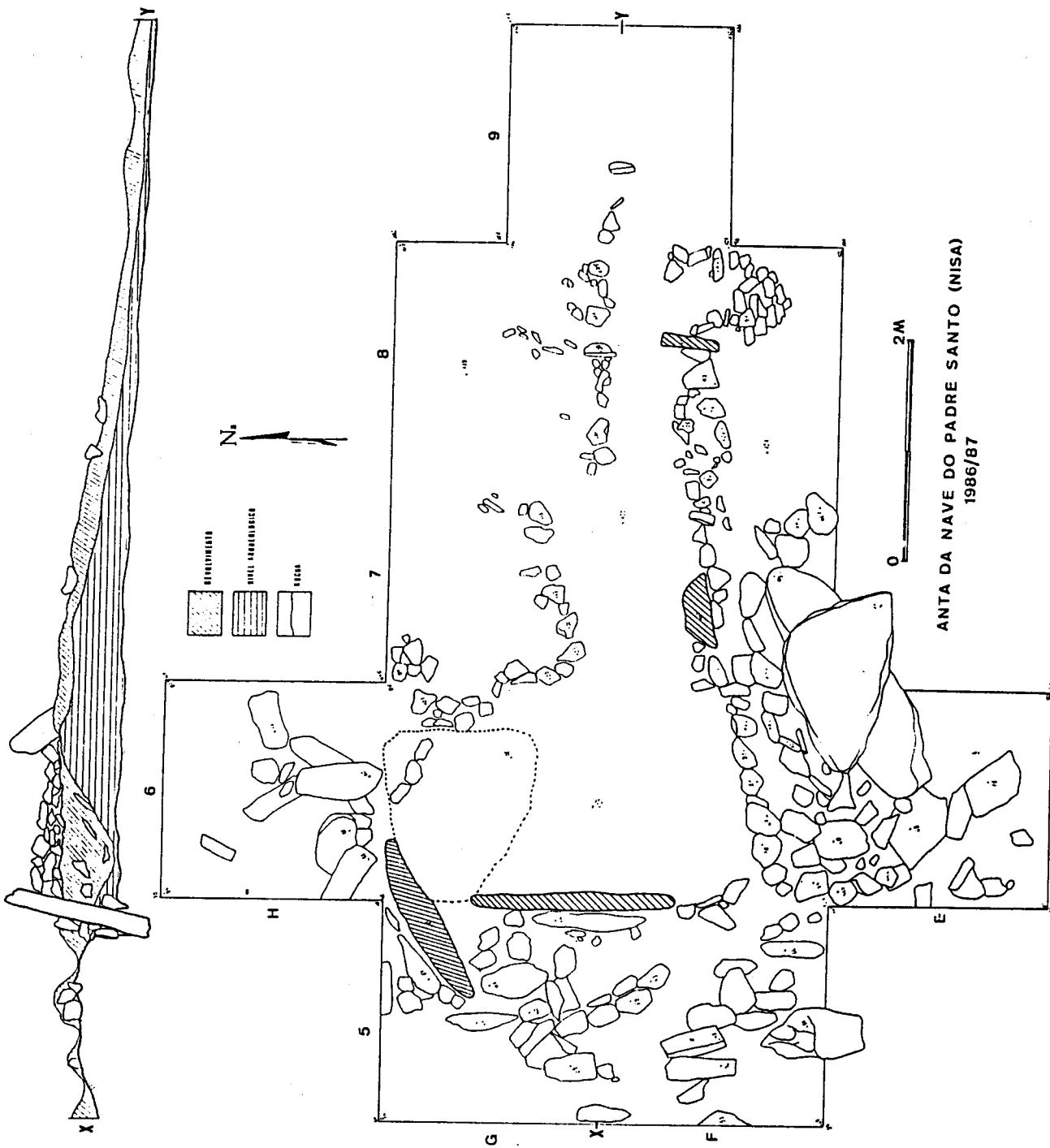
- TERRA HUMOSA CASTANHA
 - TERRA CASTANHA E ANARELX
 - NIVEL ARQUEOLÓGICO
- AREA DE VIOLAÇÃO

SEÇÃO ARQUEOLÓGICA CÂMARA MUNICIPAL DE CASTELO DE VIDE	DATA: JUNHO-91
ANTA DOS COURELEIROS IV CASTELO DE VIDE	DESENHO: J. J. J. J.
CORTE C-D	Desenho a escala: 1:50 (arquiteto)



SECCÃO ARQUEOLOGIA CÁMARA MUNICIPAL CASTELO DE VIDE	DATA:	JUNHO 81
	ESCALA:	
ANTA DOS COURELEIROS IV	CASTELO DE VIDE	DESENHO:
CORTE A-B	(Obs: Corredor deposit de esvaziado)	AP/1981

ANTA DA NAVE
DO
PADRE SANTO

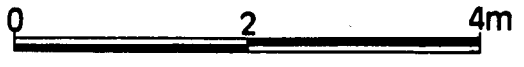


ANTA DA NAVE DO PADRE SANTO (NISA)
1986/87

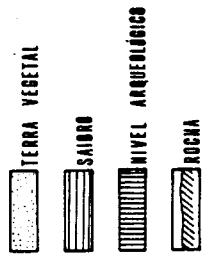
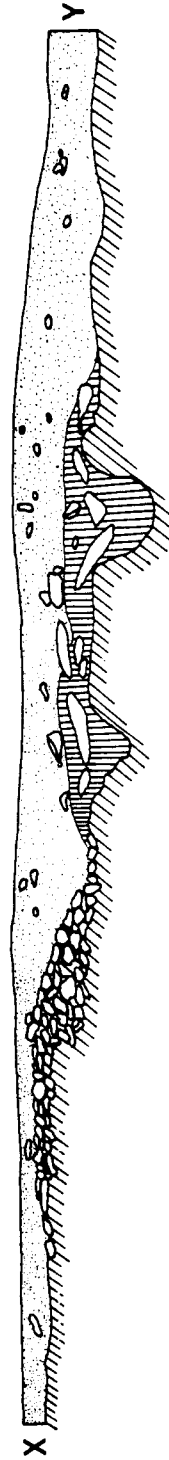
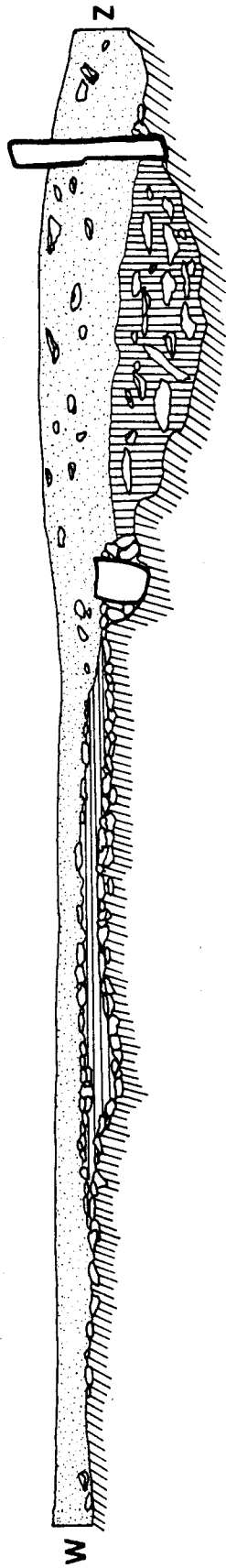
ANTA DO PORTO AIVADO



ANTA DO PORTO AIVADO
 CASTELO DE VIDE



rocha



ANTA DO PORTO AIVADO



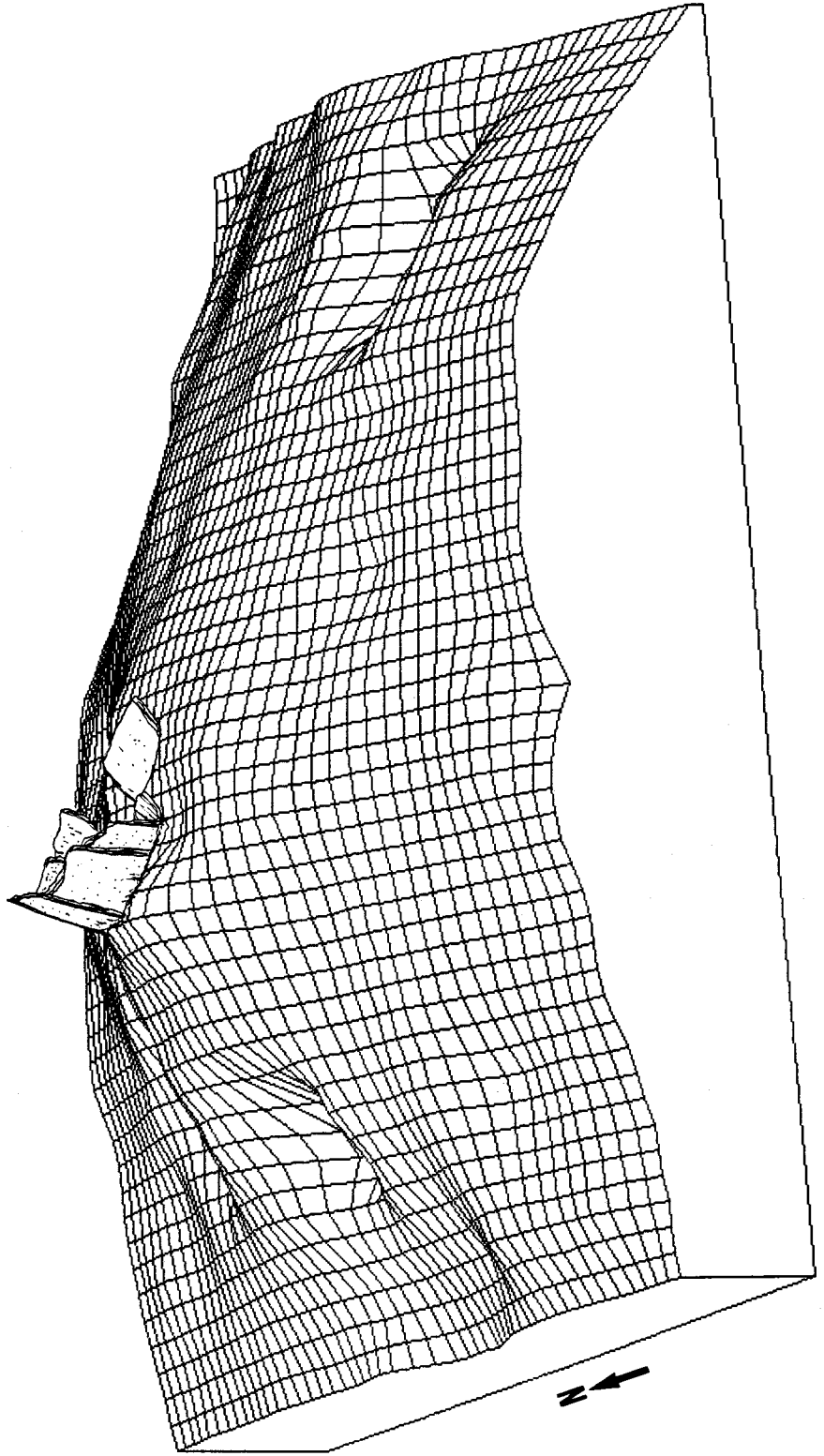
ANTA DA LOMBA DA BARCA



0 3m
 ANTA DA LOMBA DA BARCA-NISA N
 EQUIDISTÂNCIA DAS CURVAS DE NÍVEL - 10cm

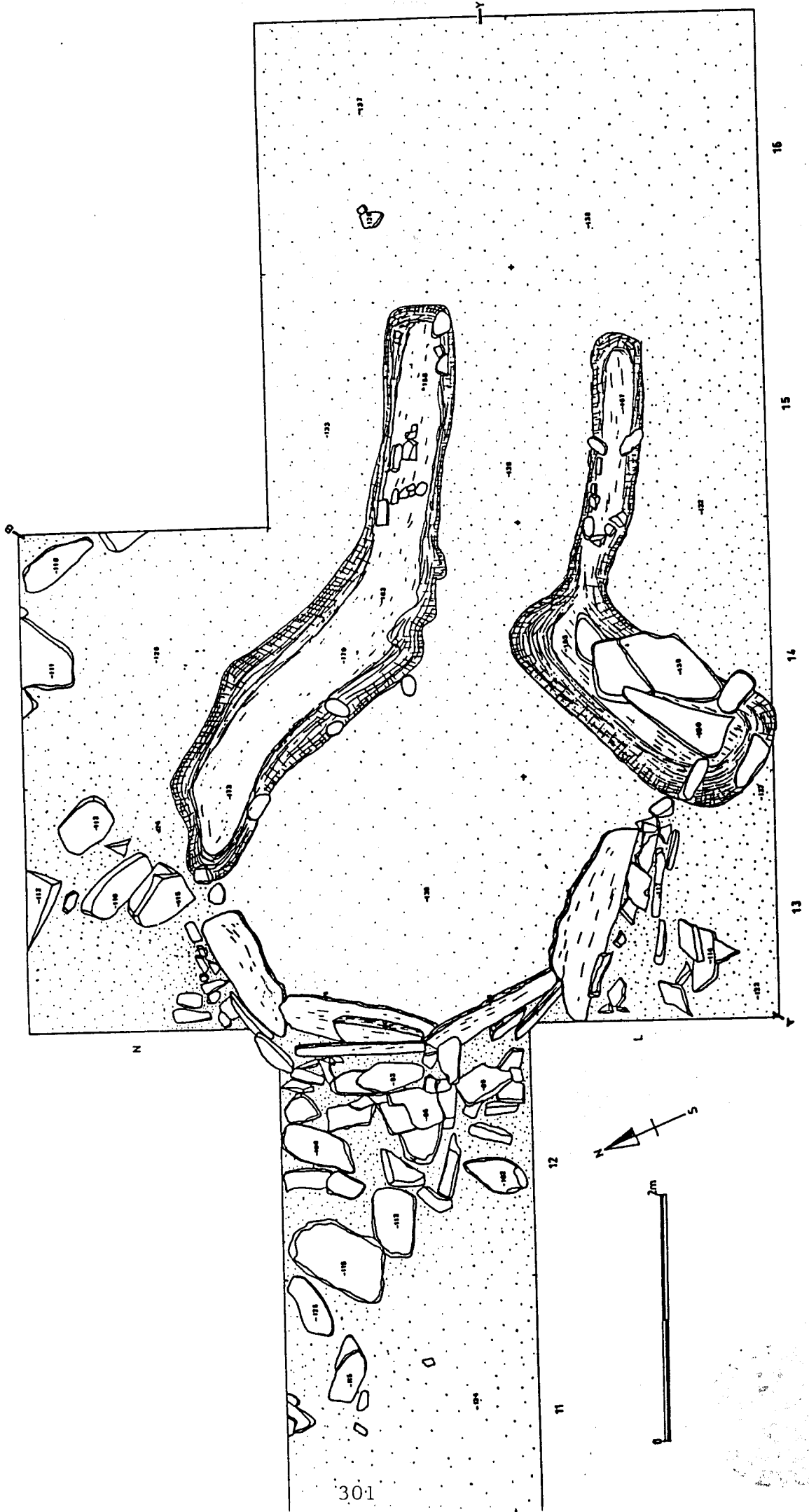
+ S + R + O + P + O + N + M + L + J + I + H + G + F + E

+ 90 + 91 + 92 + 93

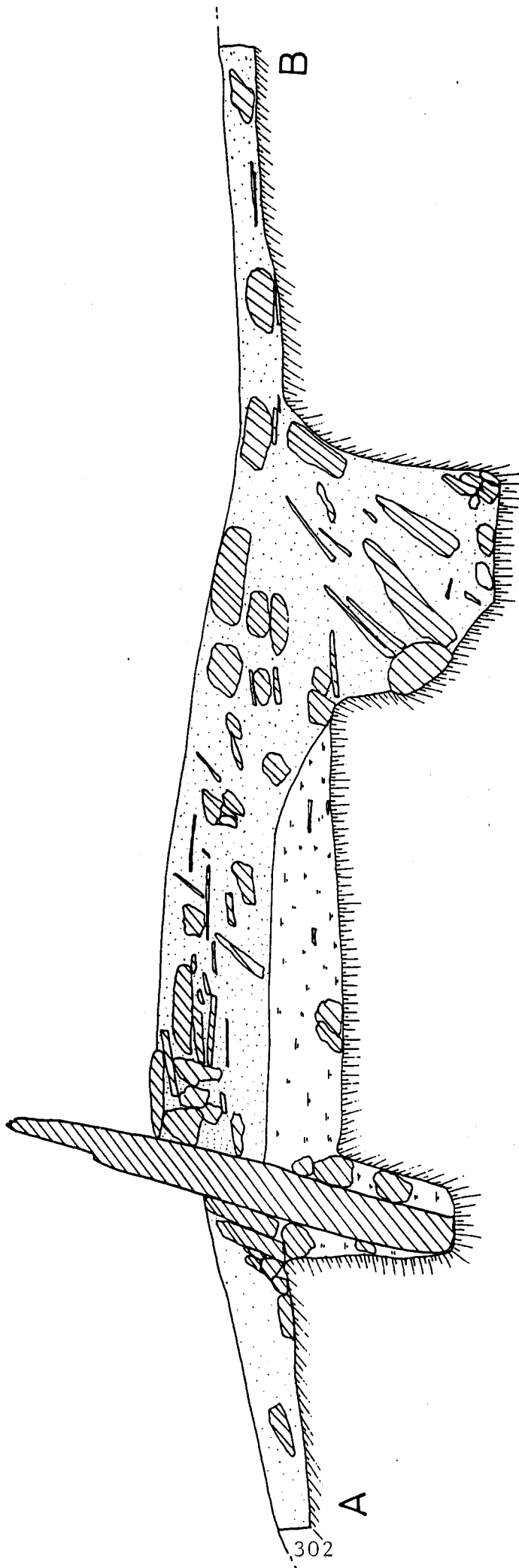


ANTA DA LOMBA DA BARCA

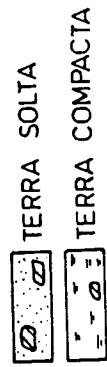


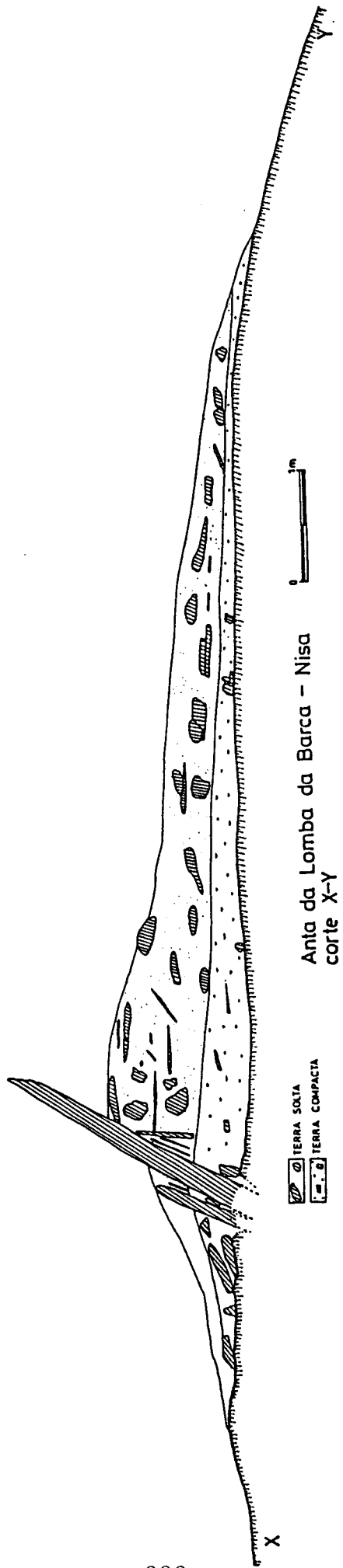


ANTA DA LOMBA DA BARCA - Nisa



Anta da Lomba da Barca
corte A-B

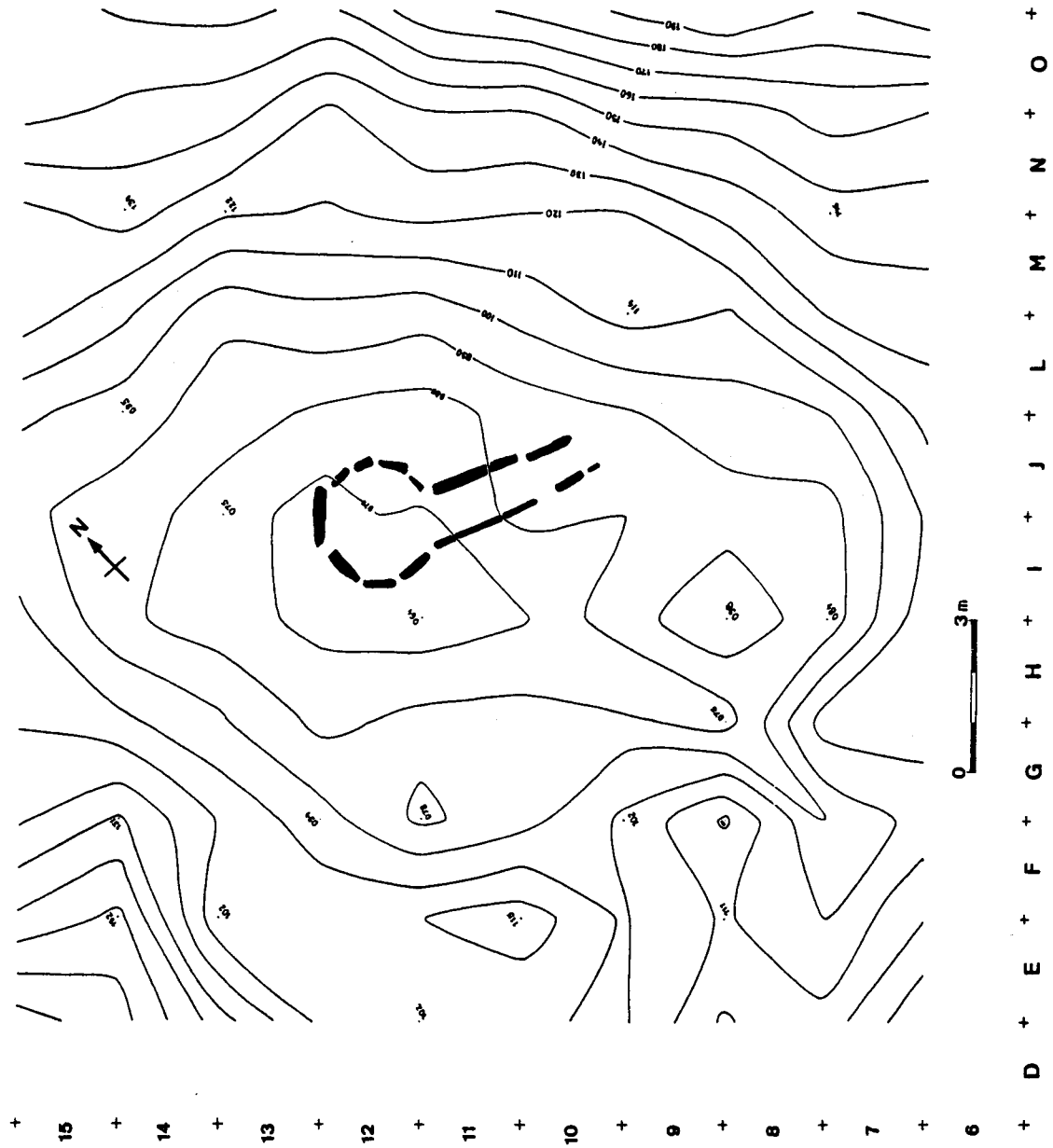


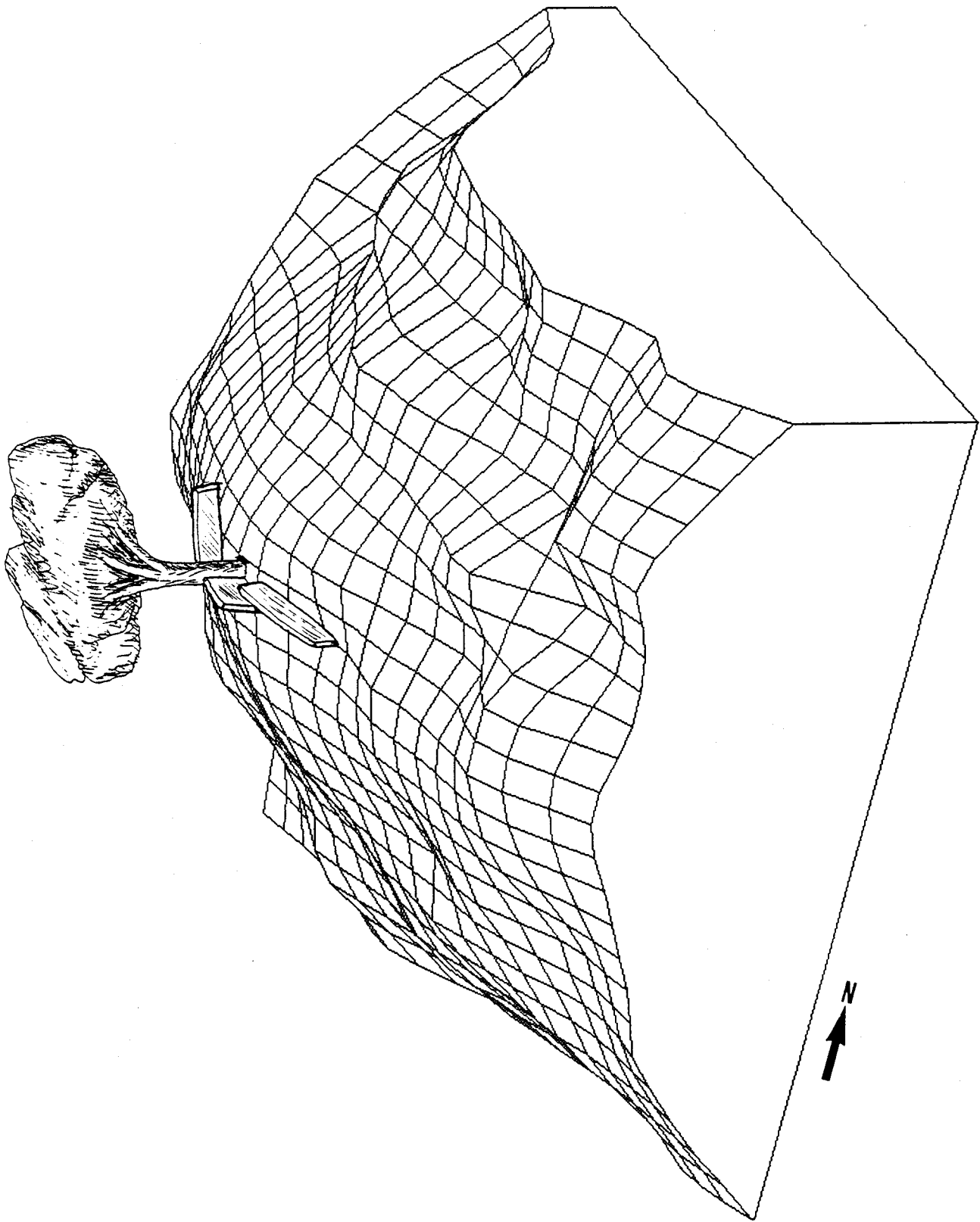


ANTA DA FONTE DA PIPA

ANTA DA FONTE DA PIPA
(MONTALVÃO — NISA)

LEVANTAMENTO TOPOGRÁFICO
Equidistância das curvas - 10 cm

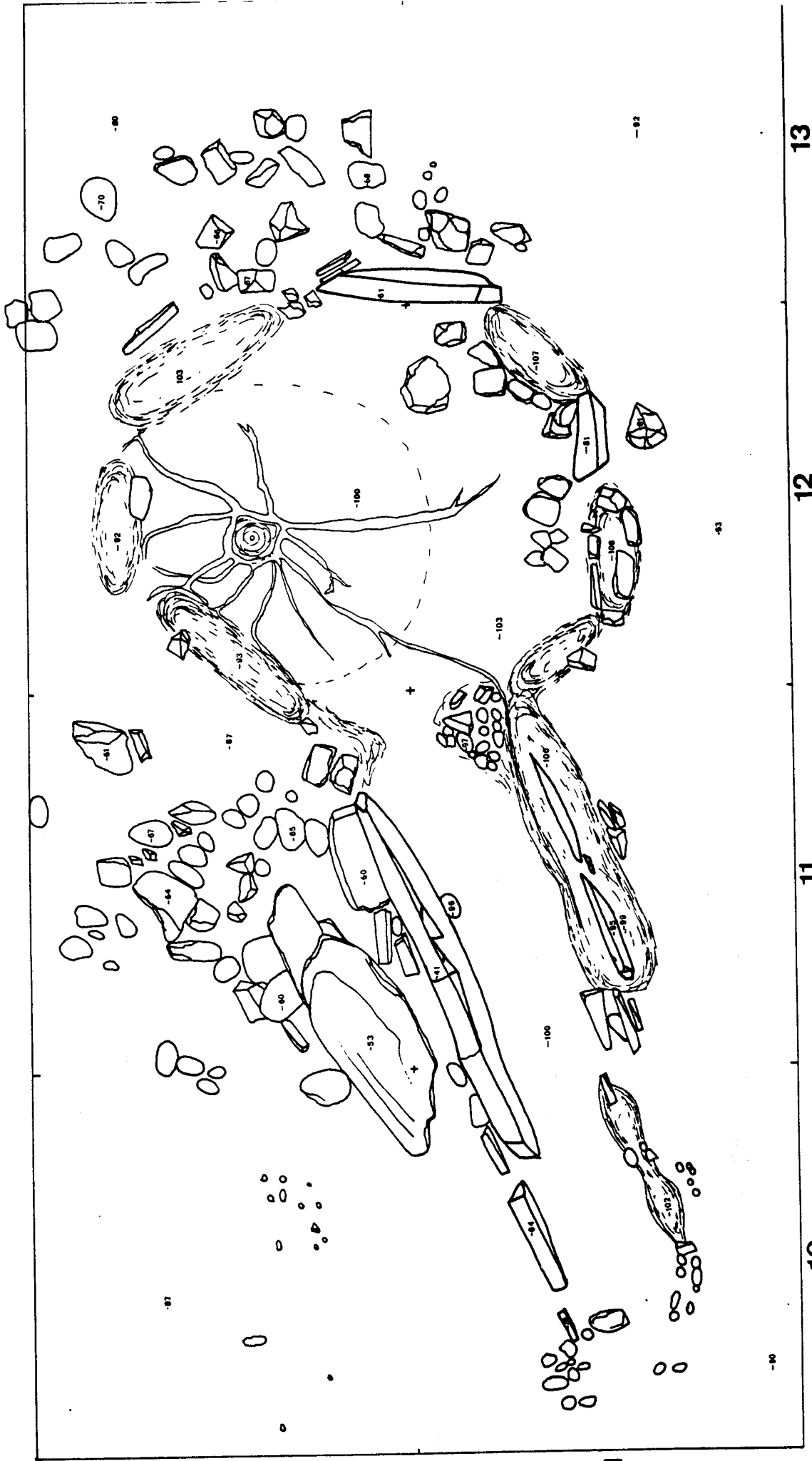
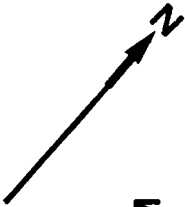




ANTA DA FONTE DA PIPA



ANTA DA FONTE DA PIPA (NISA)

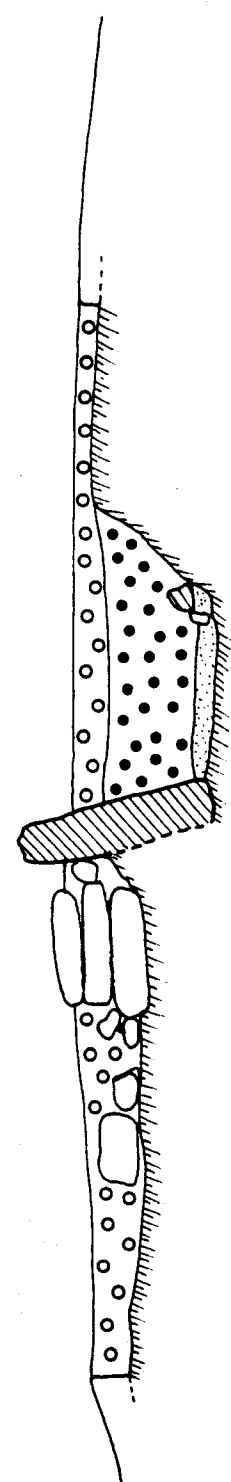
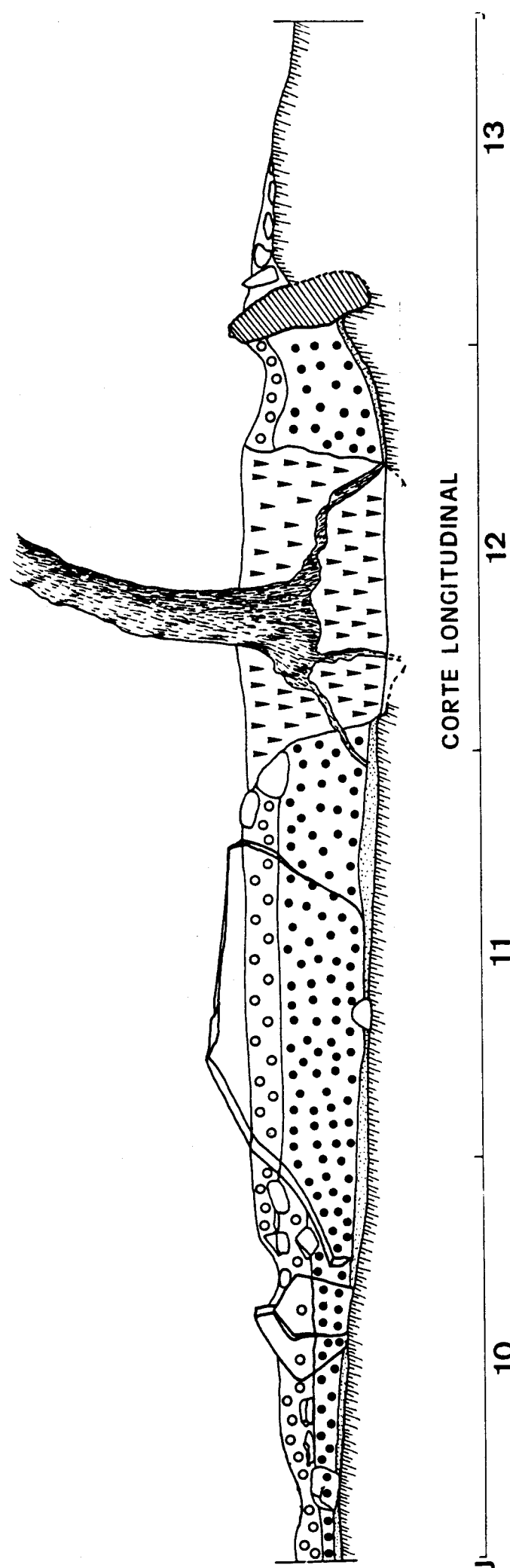


13

12





11

10



J

I

	TERRA VEGETAL
	NIVEL ARQUEOLÓGICO
	VIOLAÇÃO
	SAIBRO

ANTA DA FONTE DA PIPA (NISA)

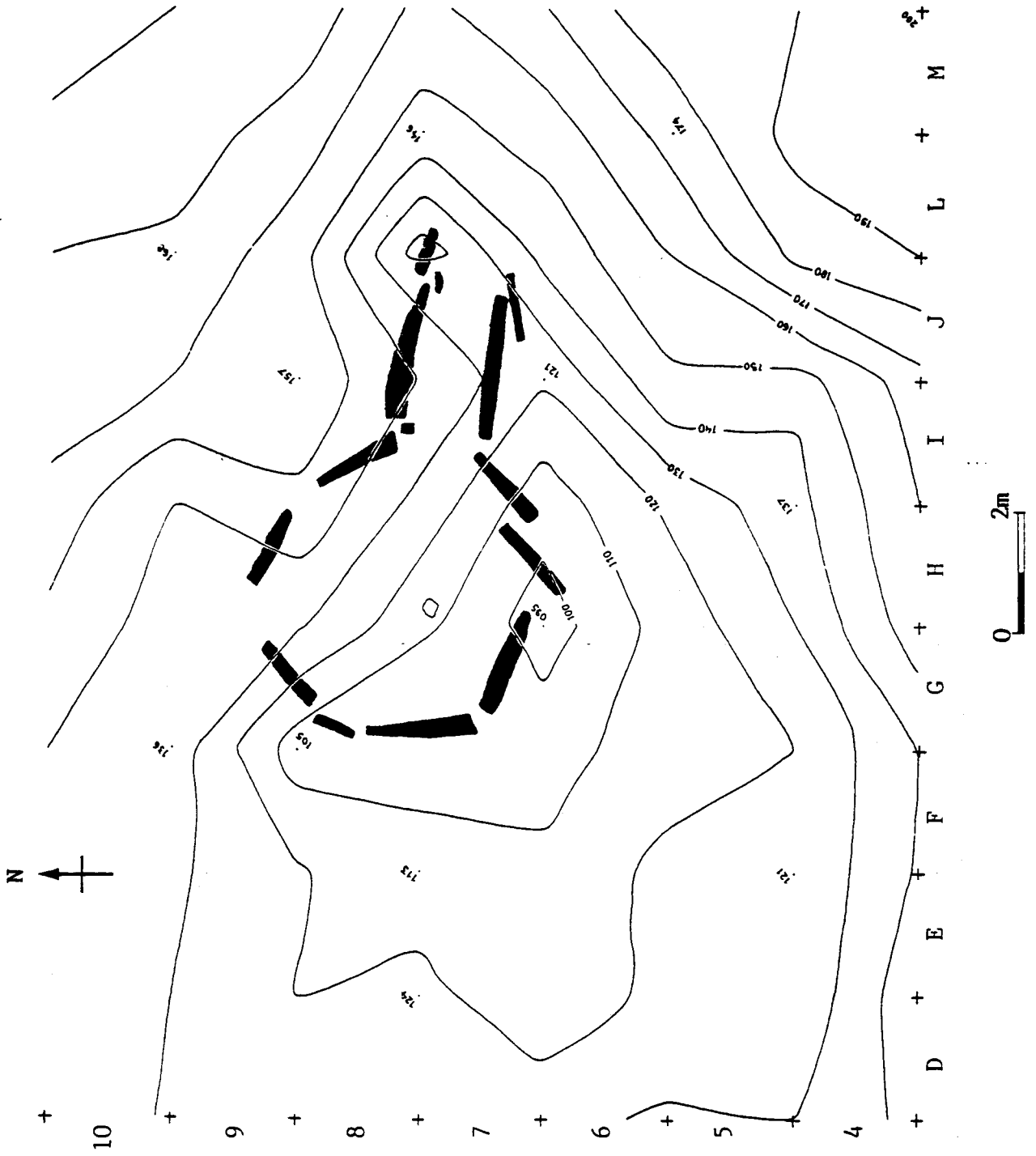
0 2M

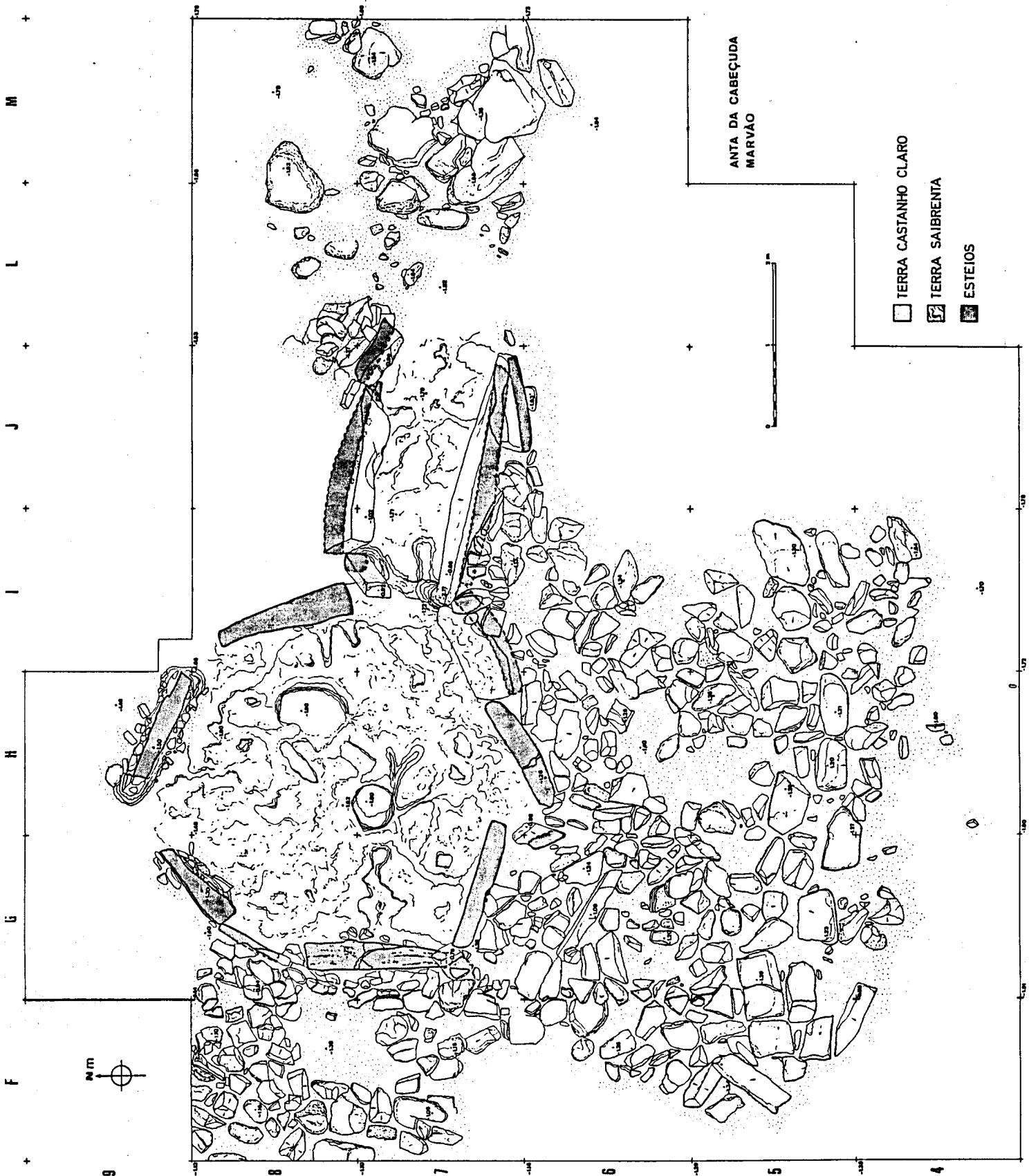
ANTA DA CABEÇUDA

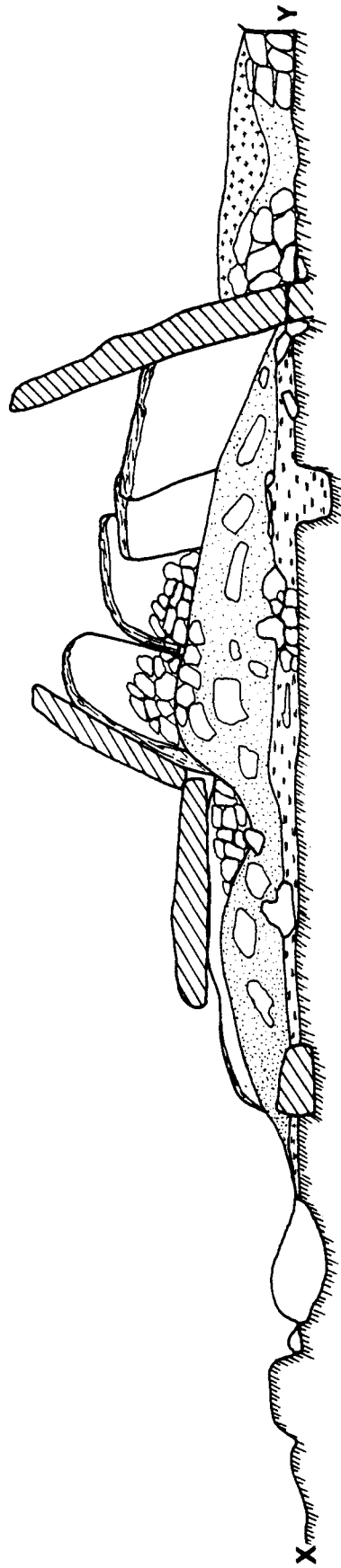
ANTA DA CABEÇUDA
(BEIRÃ - MARVÃO)

LEVANTAMENTO TOPOGRÁFICO

Equidistância das curvas -10 cm








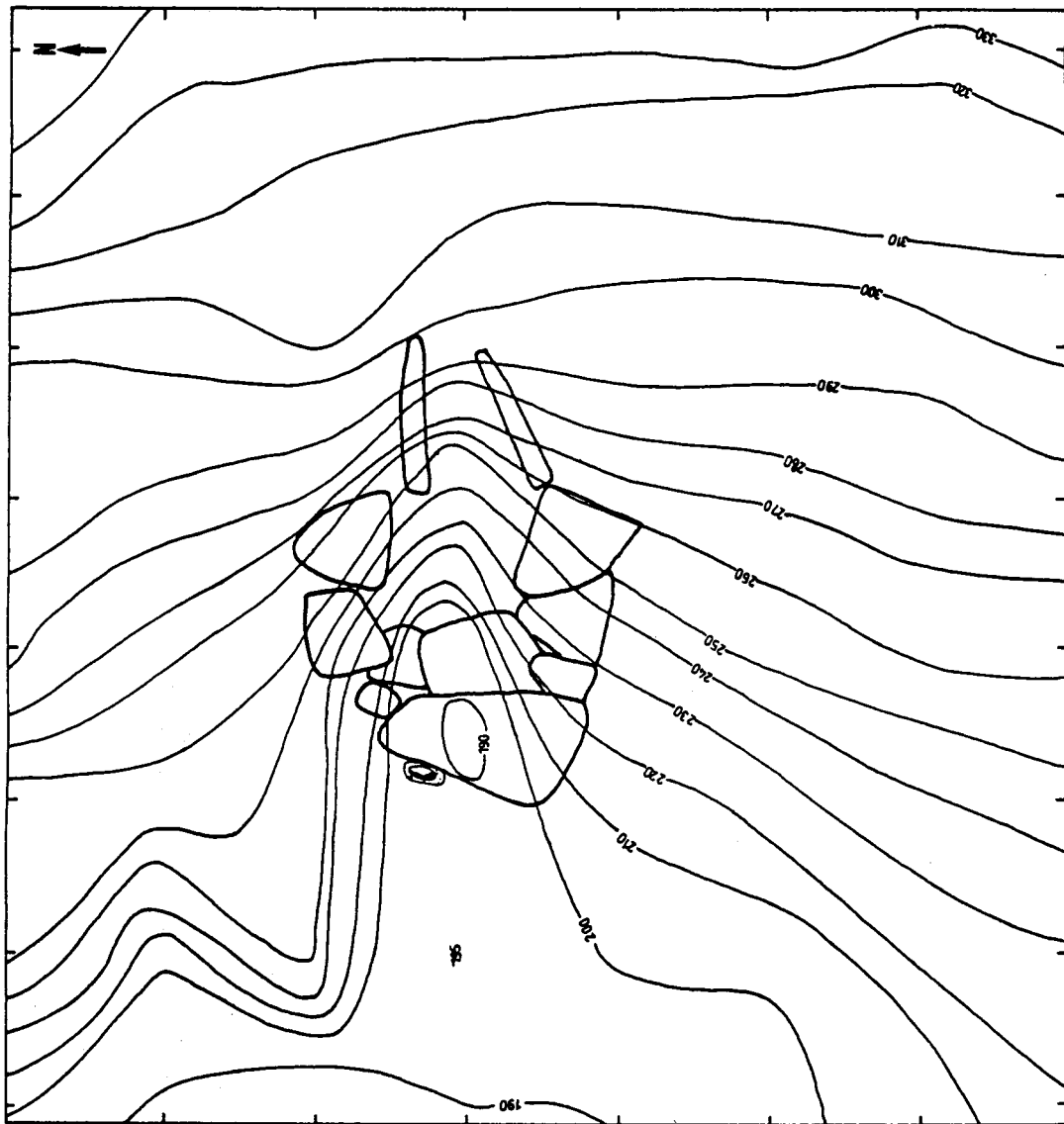


ANTA DA CABEÇUDA

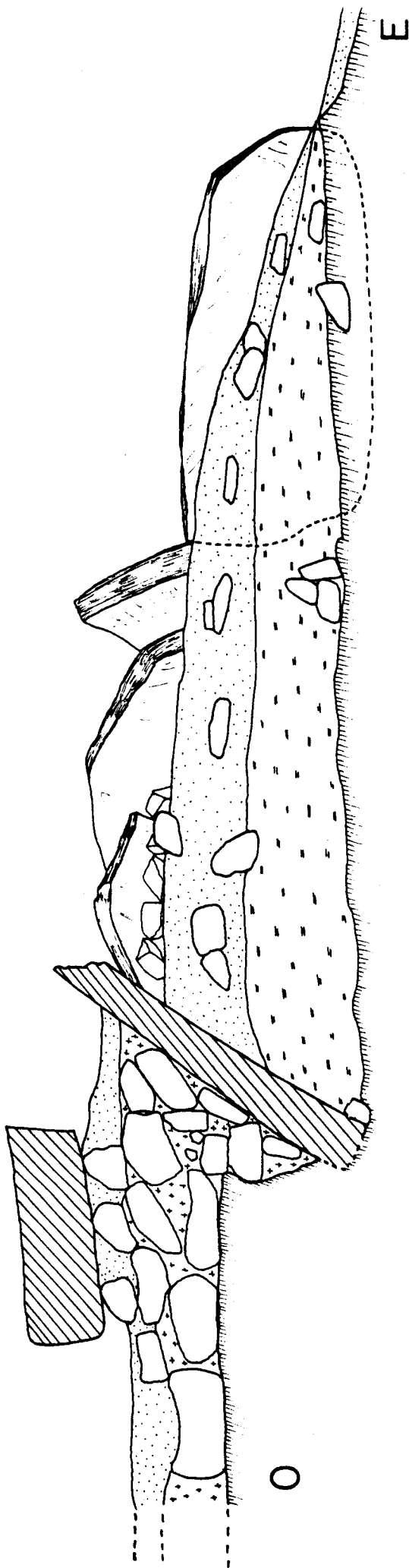


-  REVOLVIMENTO
-  NIVEL ARQUEOLÓGICO
-  T. HUMOSA




ANTA DAS CASTELHANAS



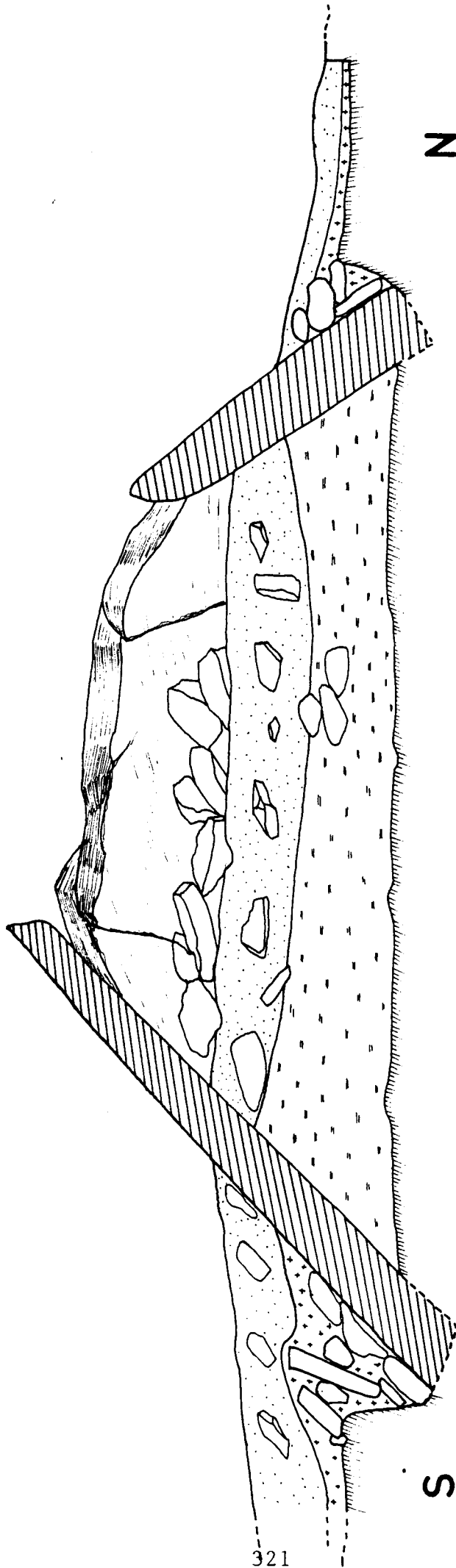
ANTA DAS CASTELHANAS - MARVÃO



**ANTA DAS
CASTELHANAS**
CORTE O-E

-  TERRA VEGETAL
-  DEPÓSITO ARQUEOLÓGICO
-  SAIBRO








N

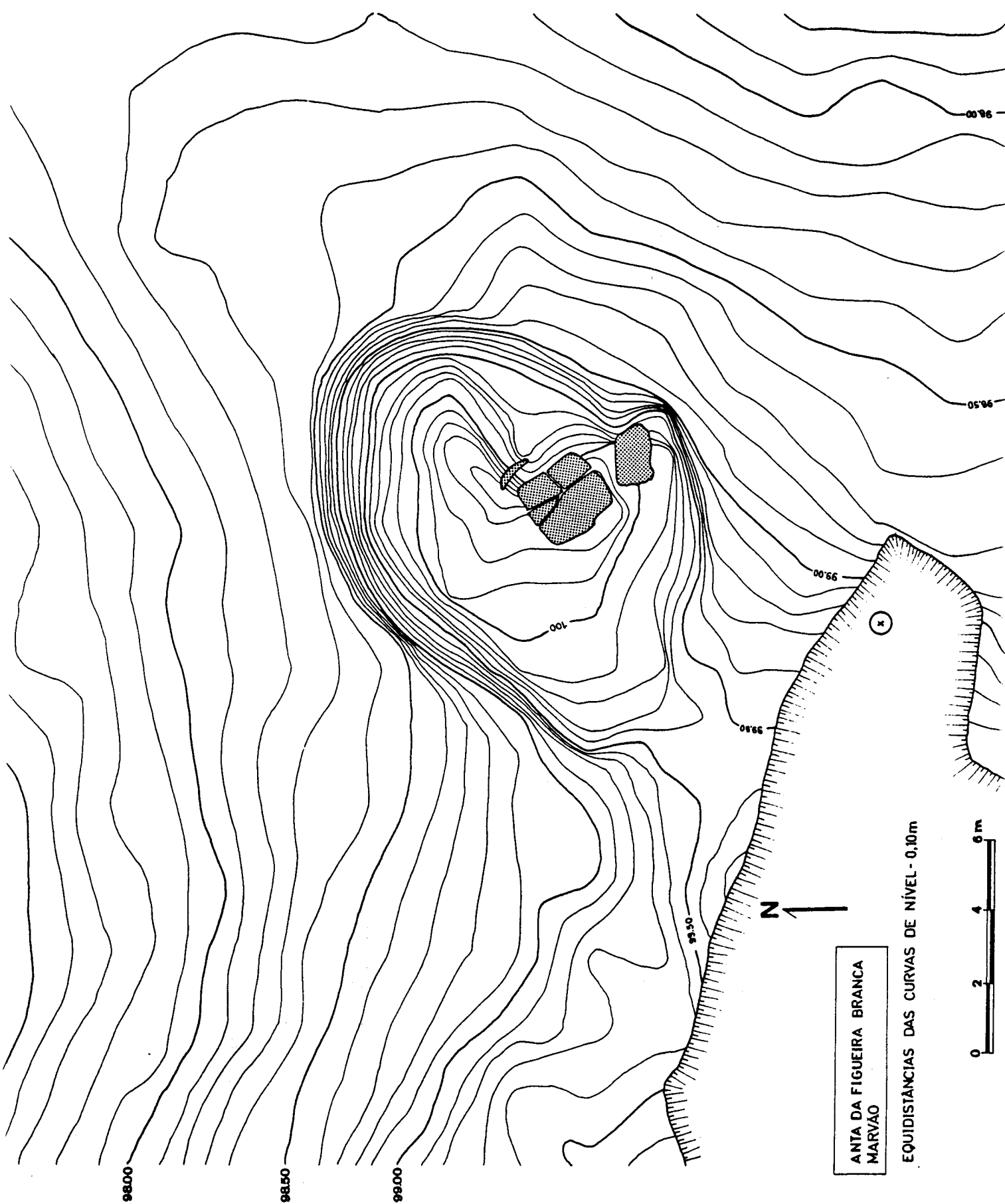
S

ANTA DAS
CASTELHANAS
CORTE S-N

-  TERRA VEGETAL
-  DEPÓSITO ARQUEOLÓGICO
-  SAIBRO



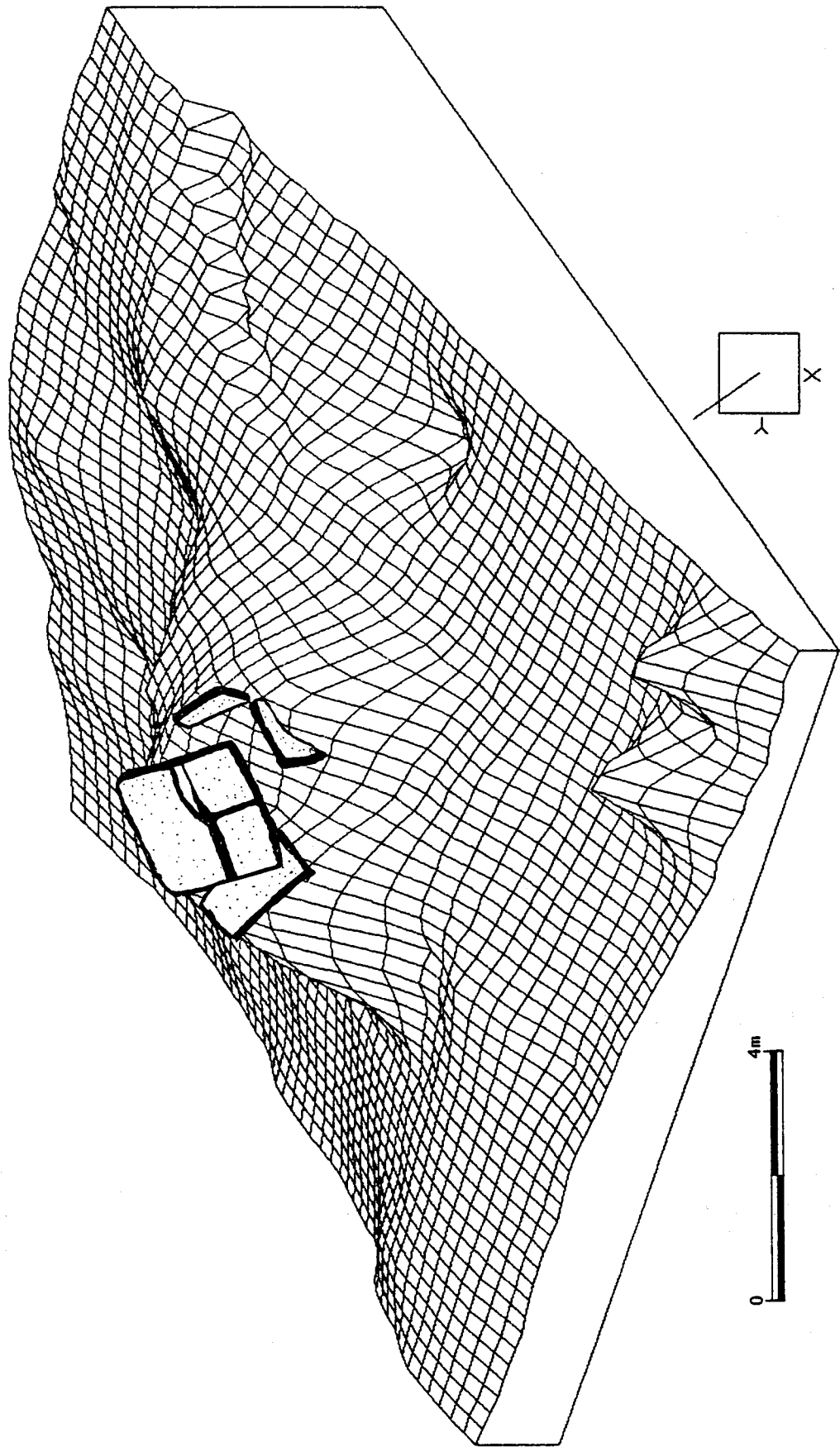
ANTA DA FIGUEIRA BRANCA



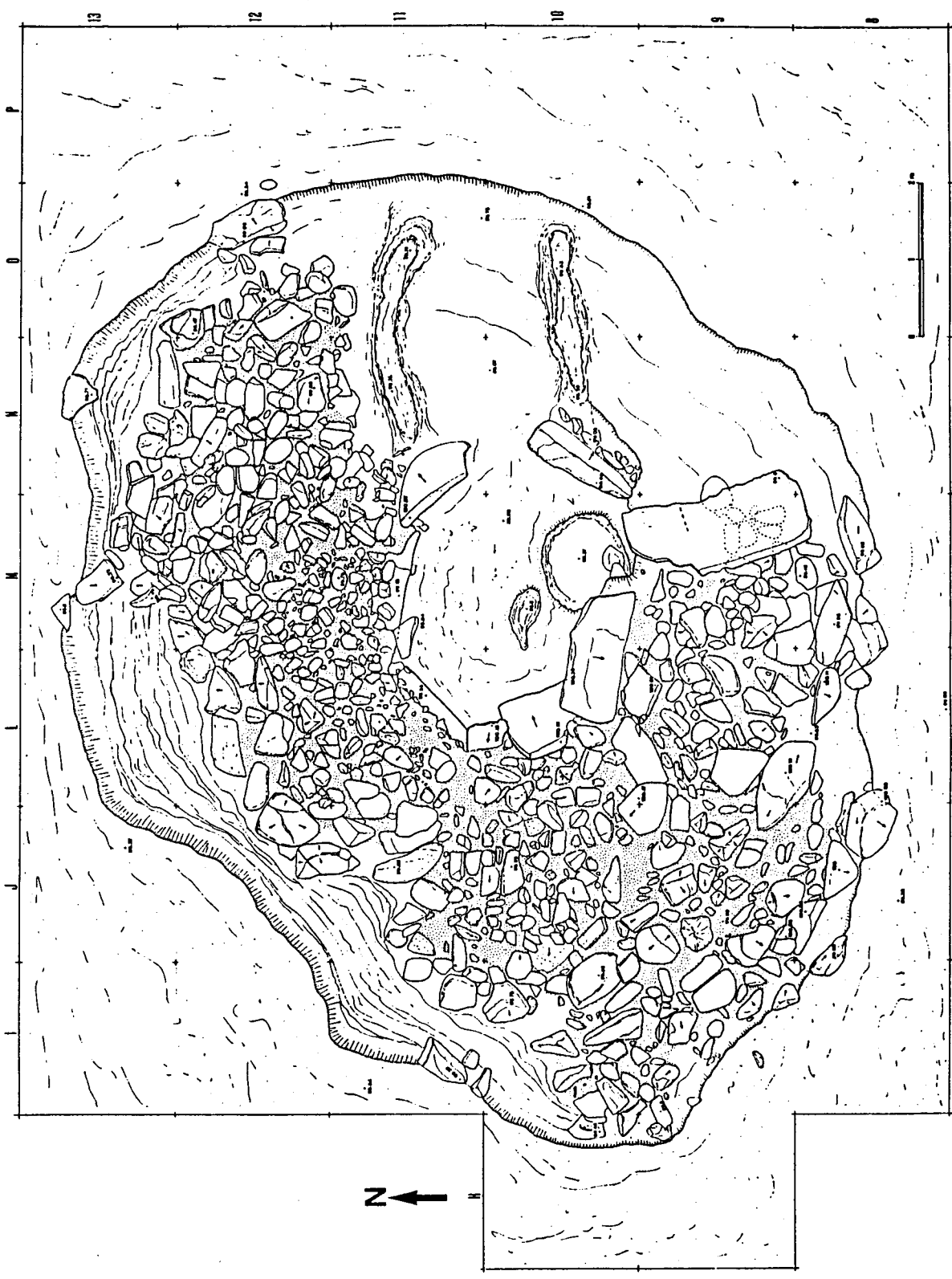
ANTA DA FIGUEIRA BRANCA
MARVÃO

EQUIDISTÂNCIAS DAS CURVAS DE NÍVEL - 0,10m





ANTA DA FIGUEIRA BRANCA



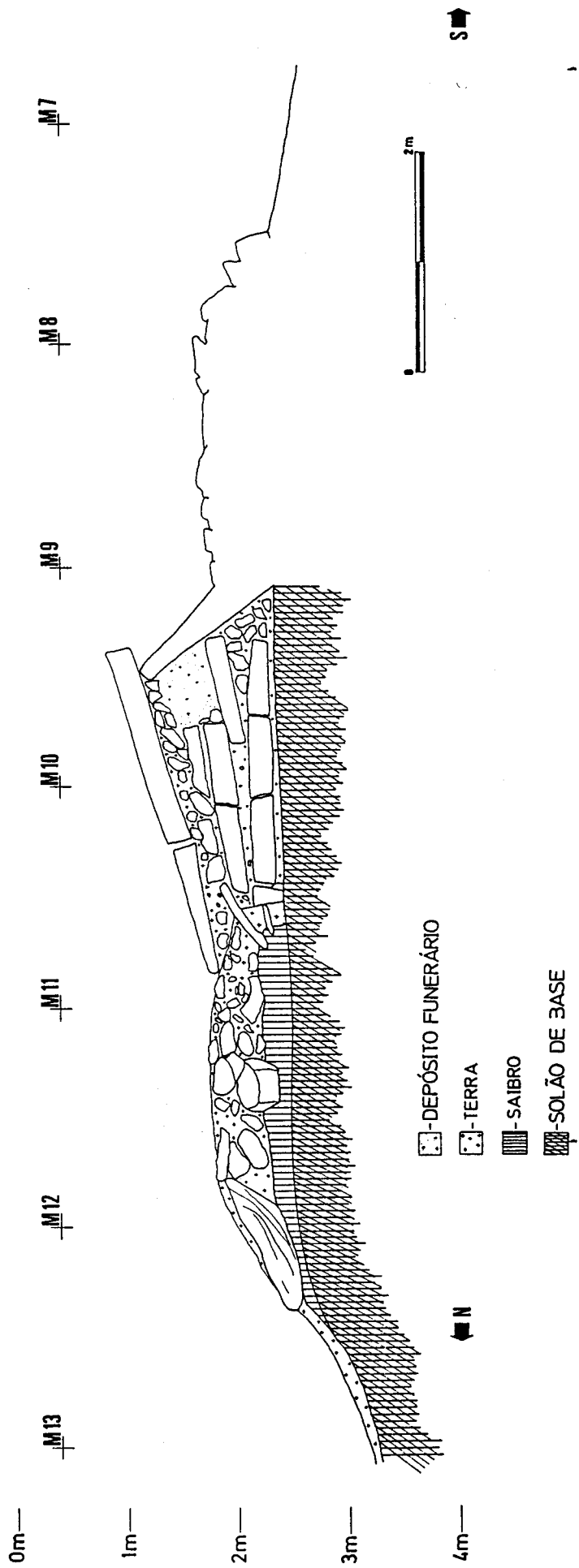
ANTA DA FIGUEIRA BRANCA - BEIRÃ - MARVÃO

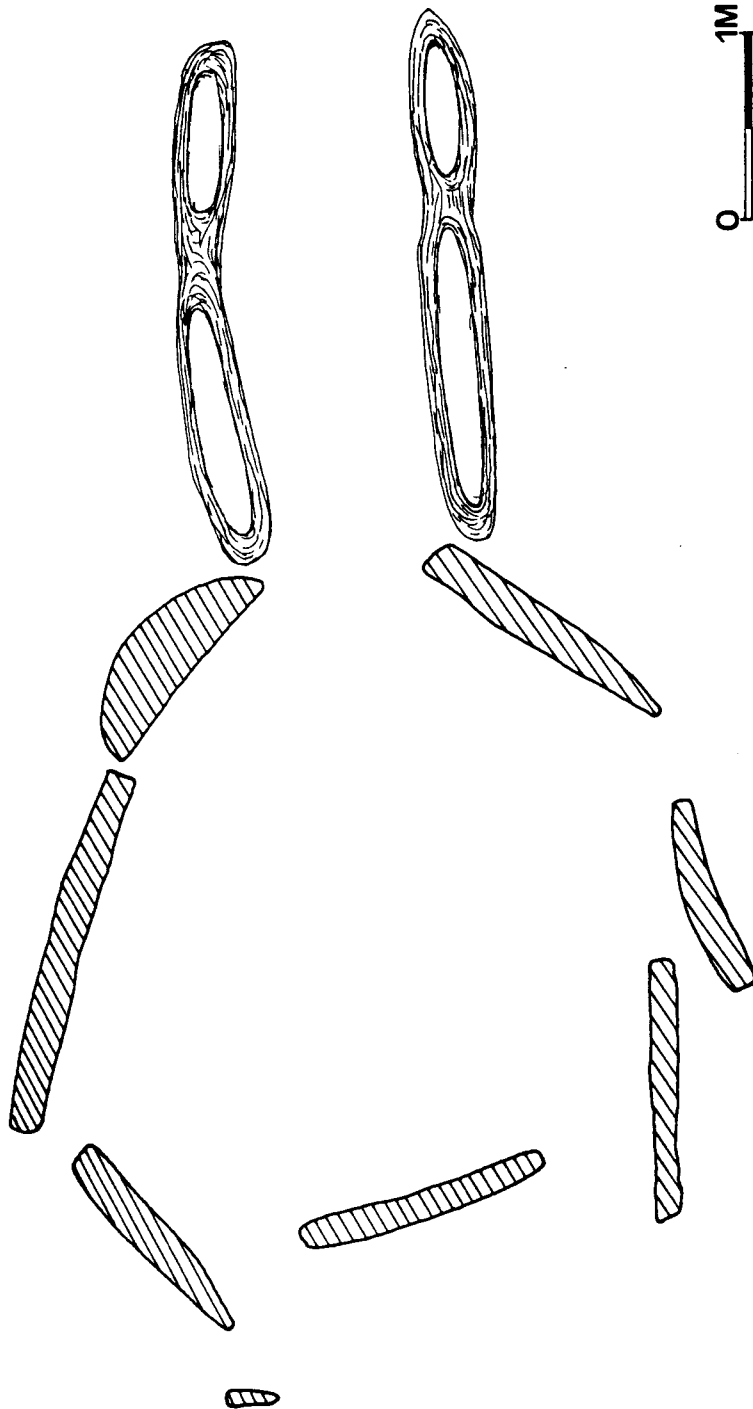
- - TERRA
- ▨ - SAIBRO

ANTA DA FIGUEIRA BRANCA - BEIRÃ

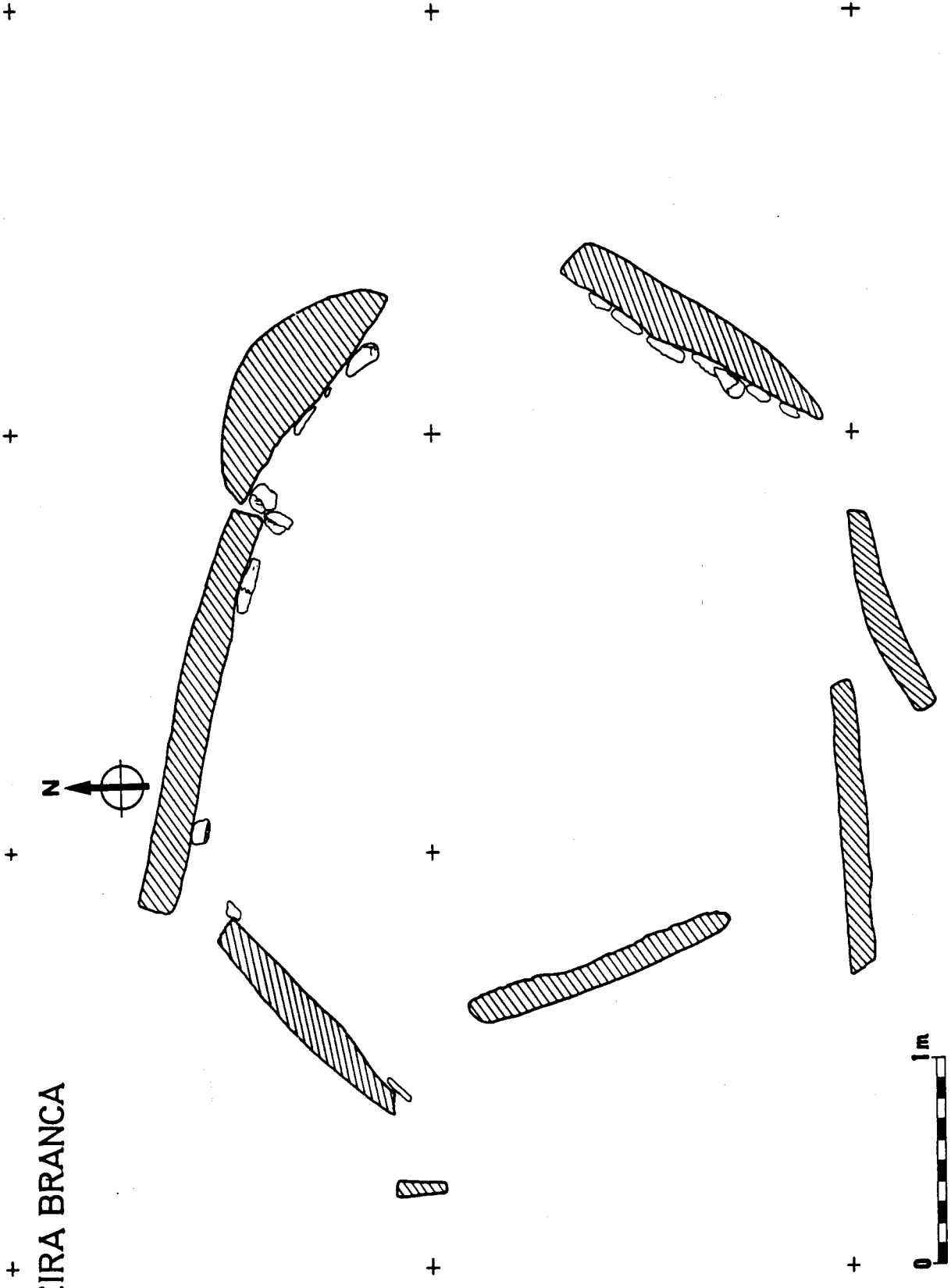
CORTE N-S

1990





ANTA DA FIGUEIRA BRANCA (MARVÃO)

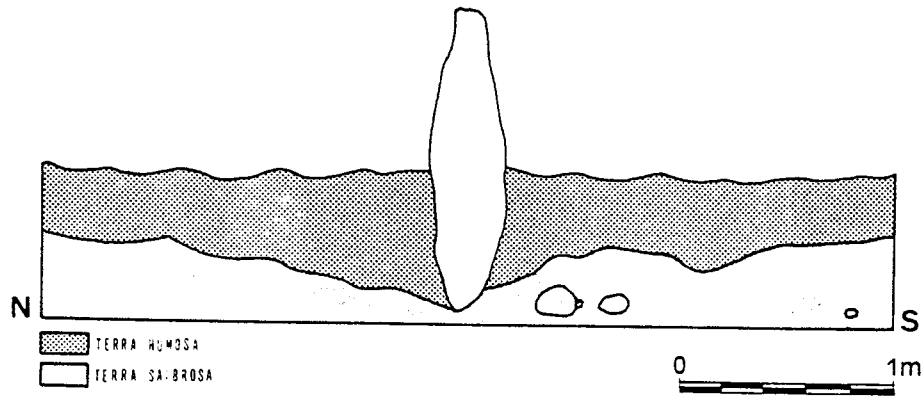
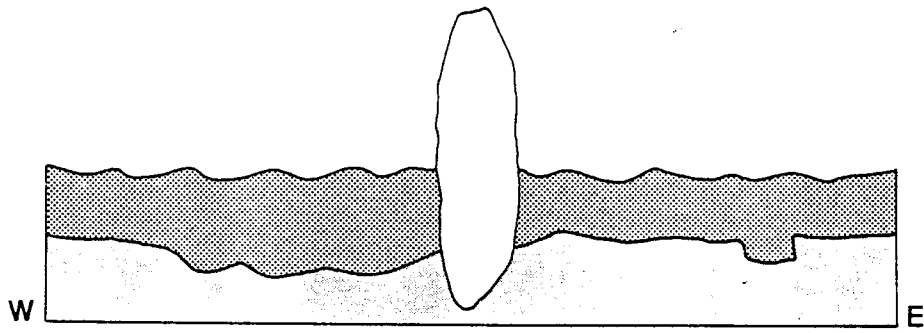


Anta da FIGUEIRA BRANCA
PLANTA

PEDRA DE COBERTURA
ANTA DA FIGUEIRA BRANCA-BEIRÃ

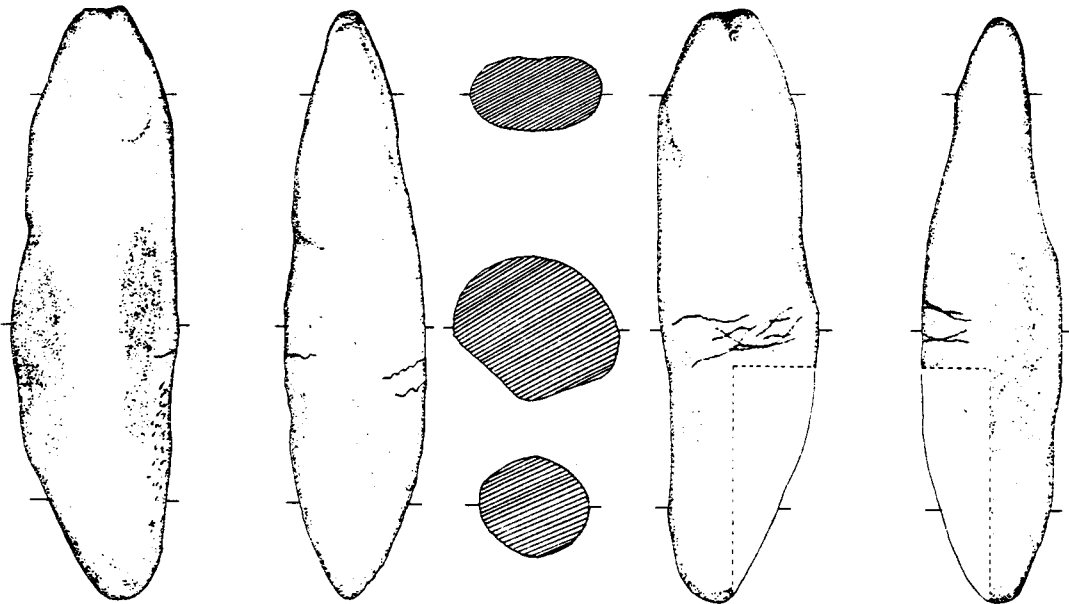


MENIR DA ÁGUA DA CUBA



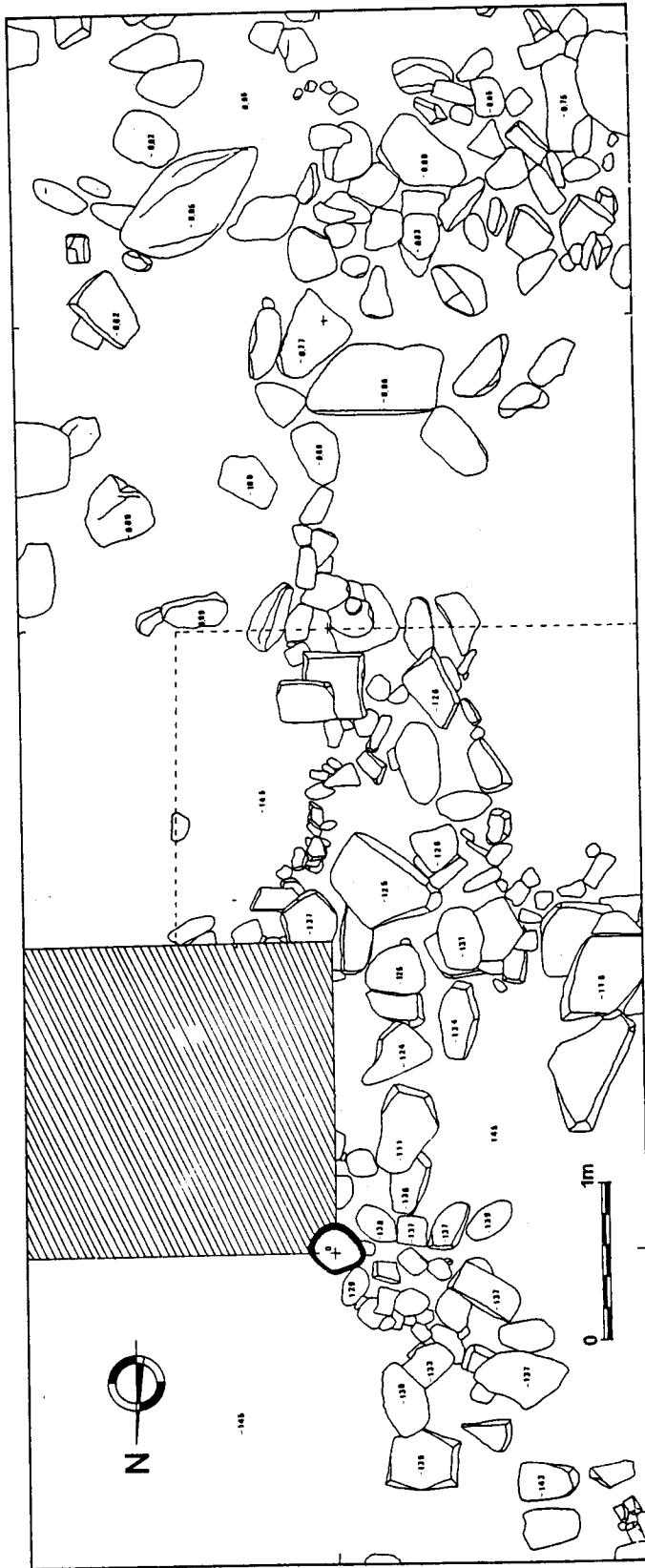
TERRA HUMOSA
 TERRA SA-BROSA

0 1m



0 50 CM

Menhir da Água da Cuba: cortes e alçados.



MENIR DA ÁGUA DA CUBA

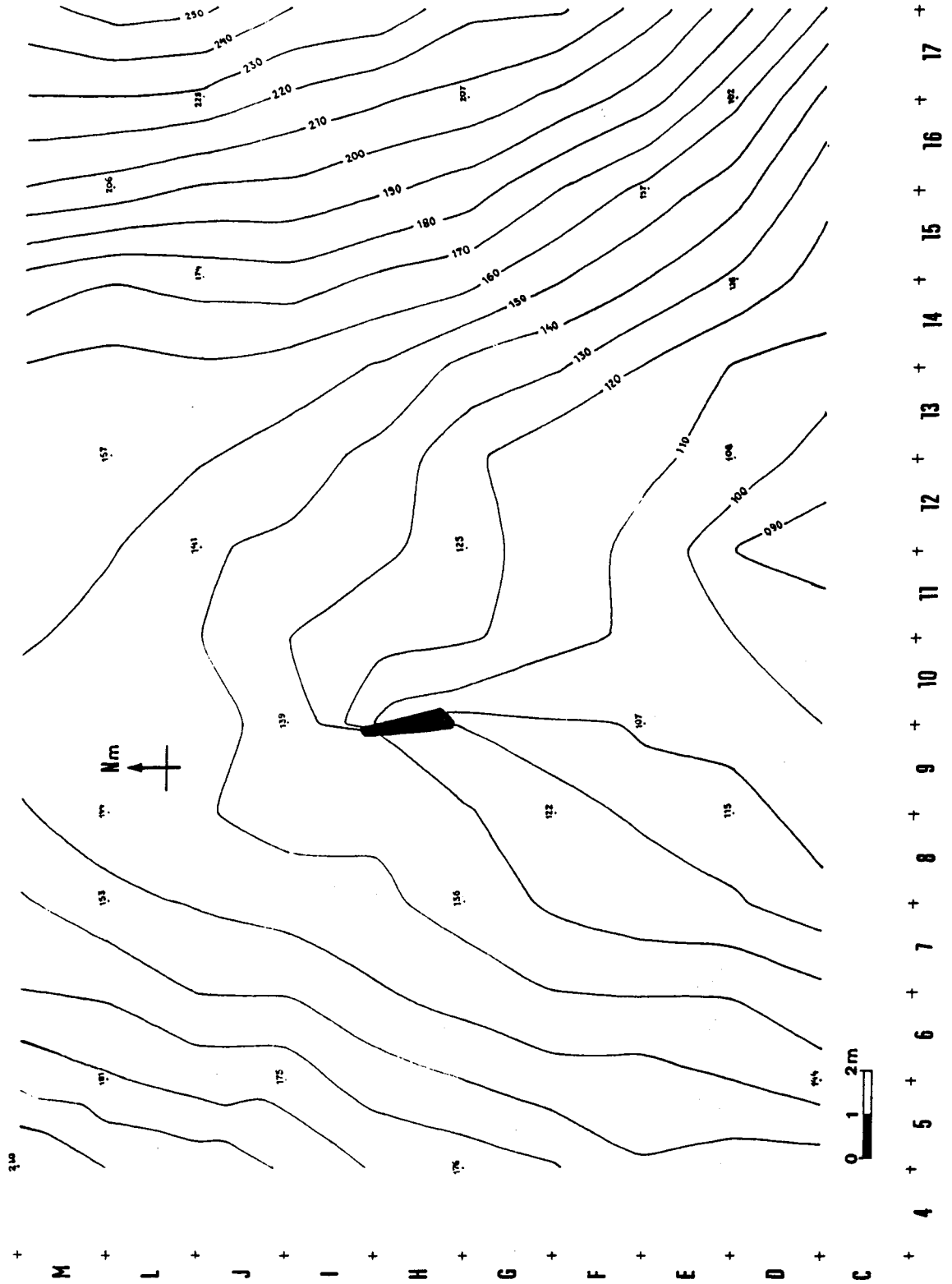
Plano da área escavada

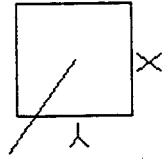
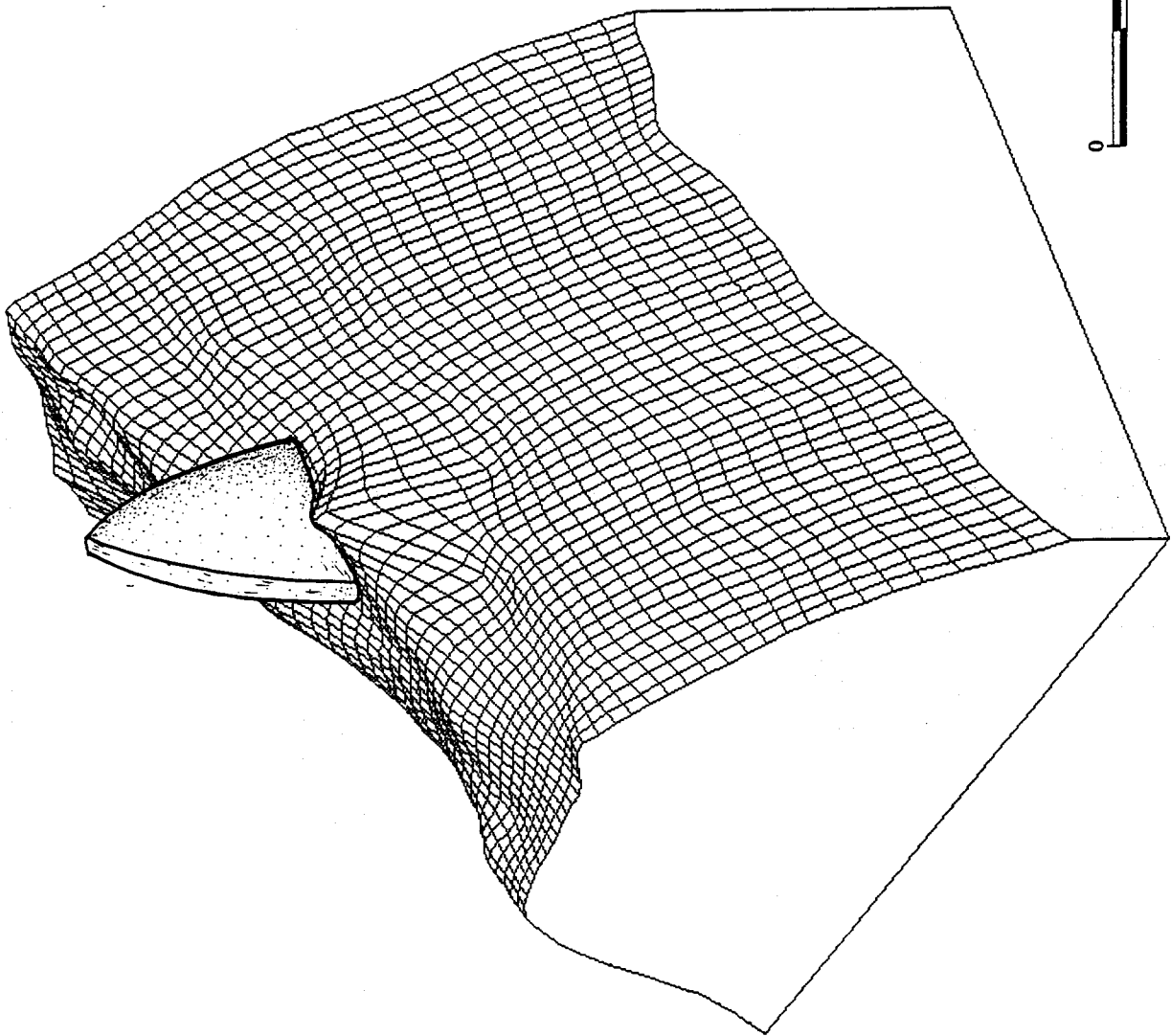
 ÁREA NÃO ESCAVADA
  MENIR

MENIR DO CARVALHAL

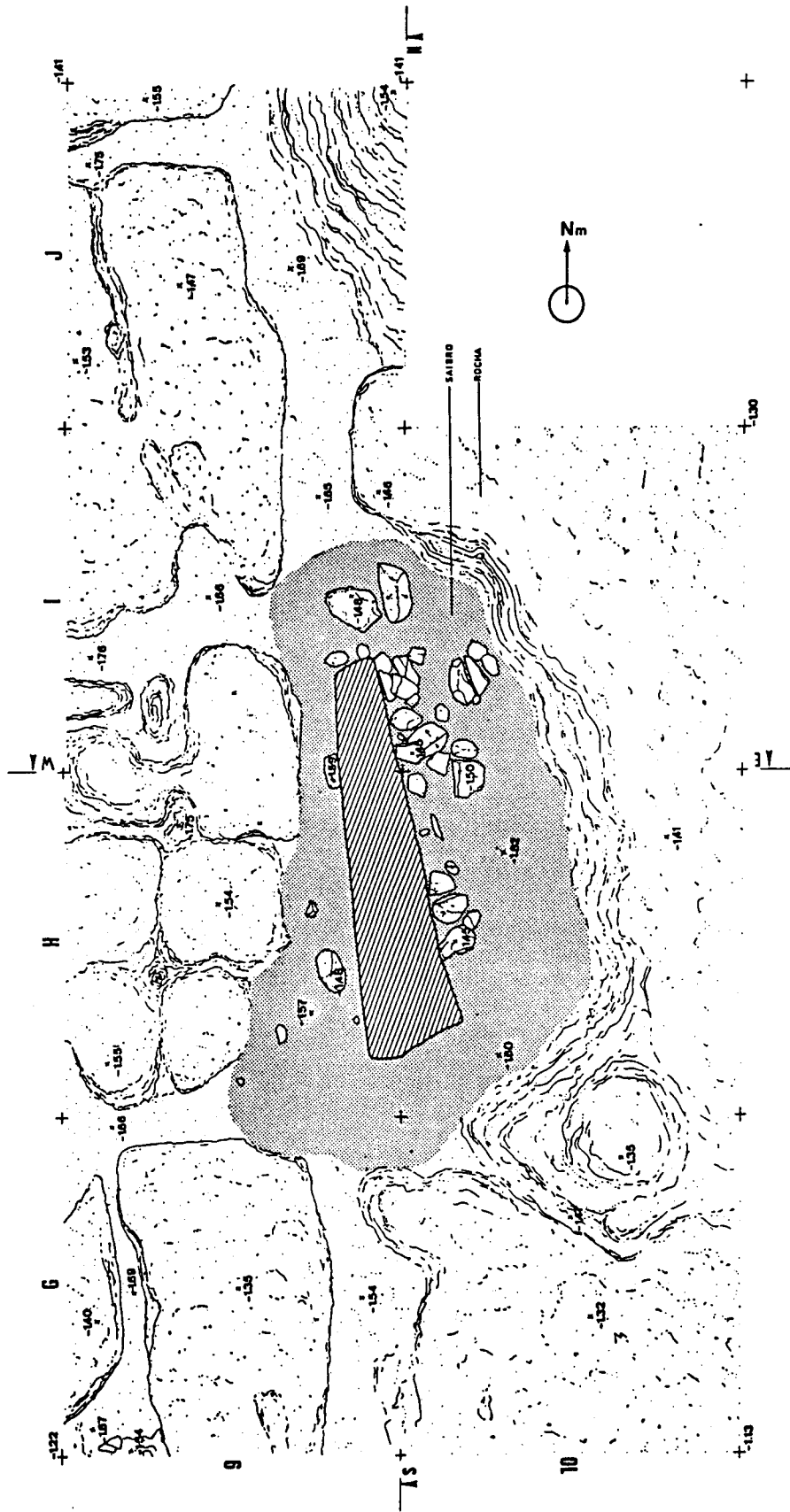
MENHIR DO CARVALHAL

LEVANTAMENTO TOPOGRAFICO

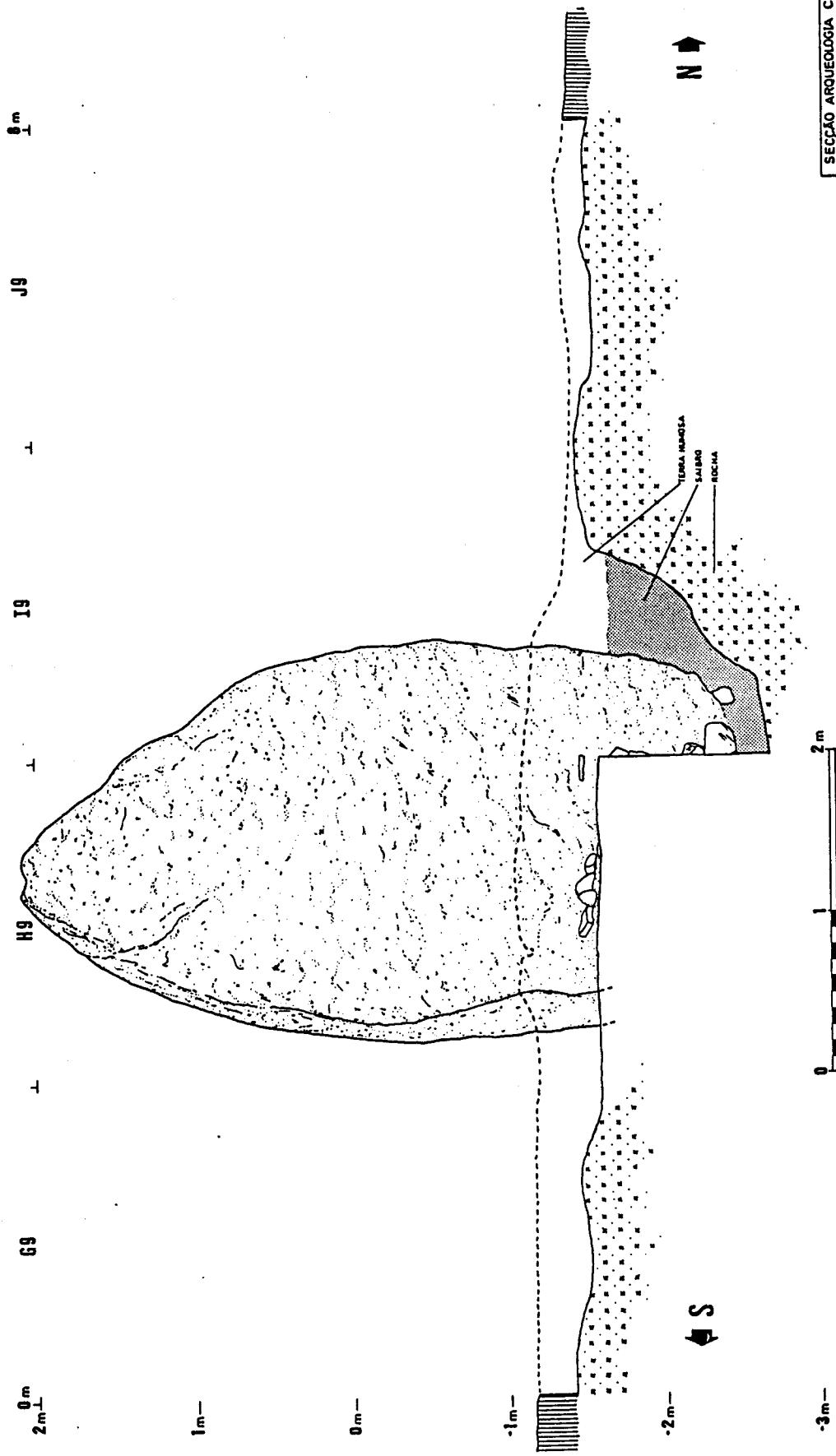




MENIR DO CARVALHAL



SEÇÃO ARQUEOLOGIA CÂMARA MUNICIPAL CASTELO DE VIDE		DATA: JULHO 82
MENHIR CARVALHAL		ESCALA:
		DESENHO: <i>[Signature]</i>
PLANTA	Obs. Planta após a escavação	



SECCÃO ARQUEOLOGIA CÂMARA MUNICIPAL DE CASTELO DE VIDE	DATA: JULHO
MENHIR CARVALHAL	ESCALA:
CORTE S/N	DESENHO: Obs.

0 m

H 8

H 9

H 10

H 11

0 m
2 m

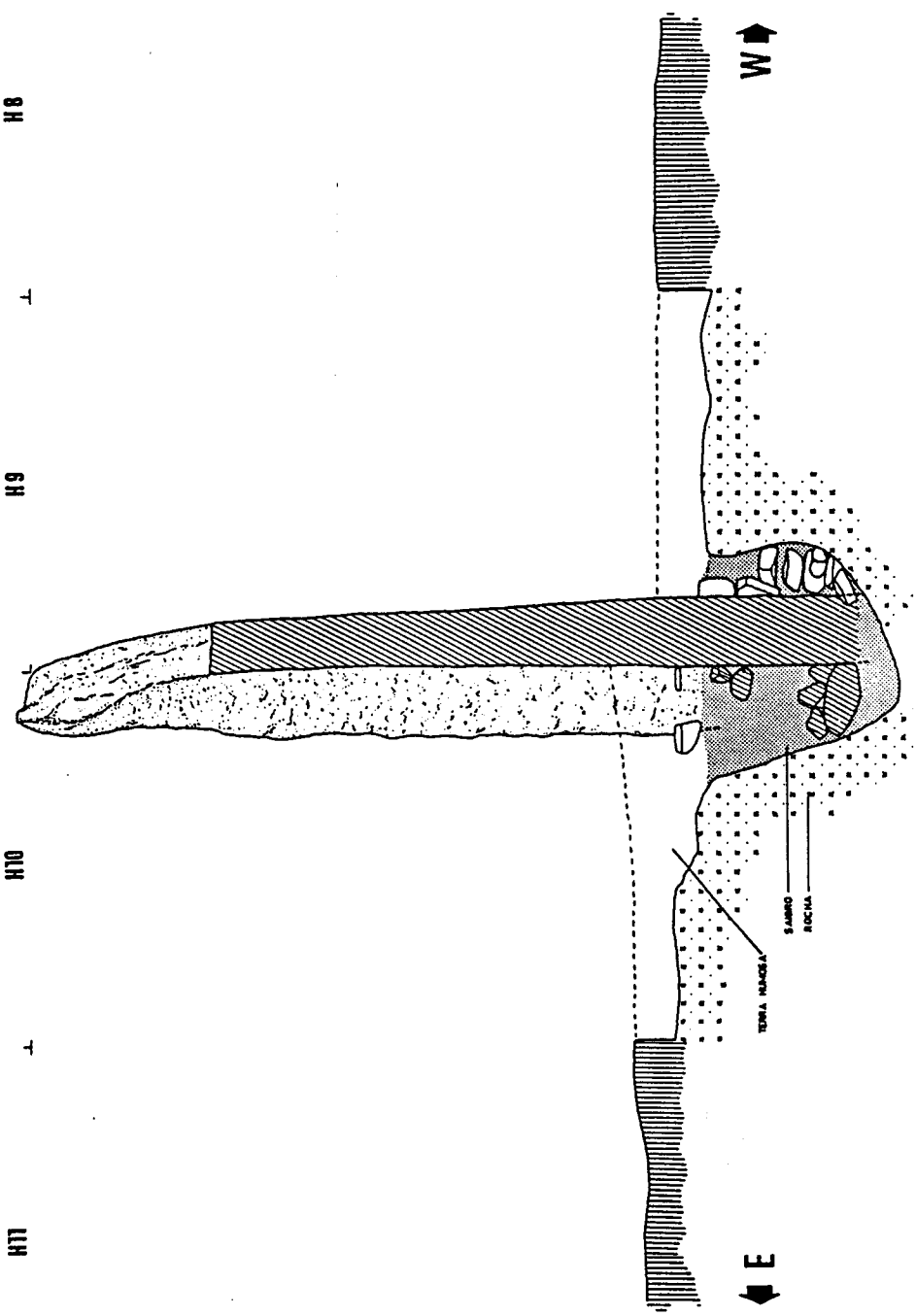
1 m

0 m

-1 m

-2 m

-3 m

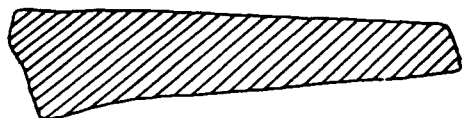
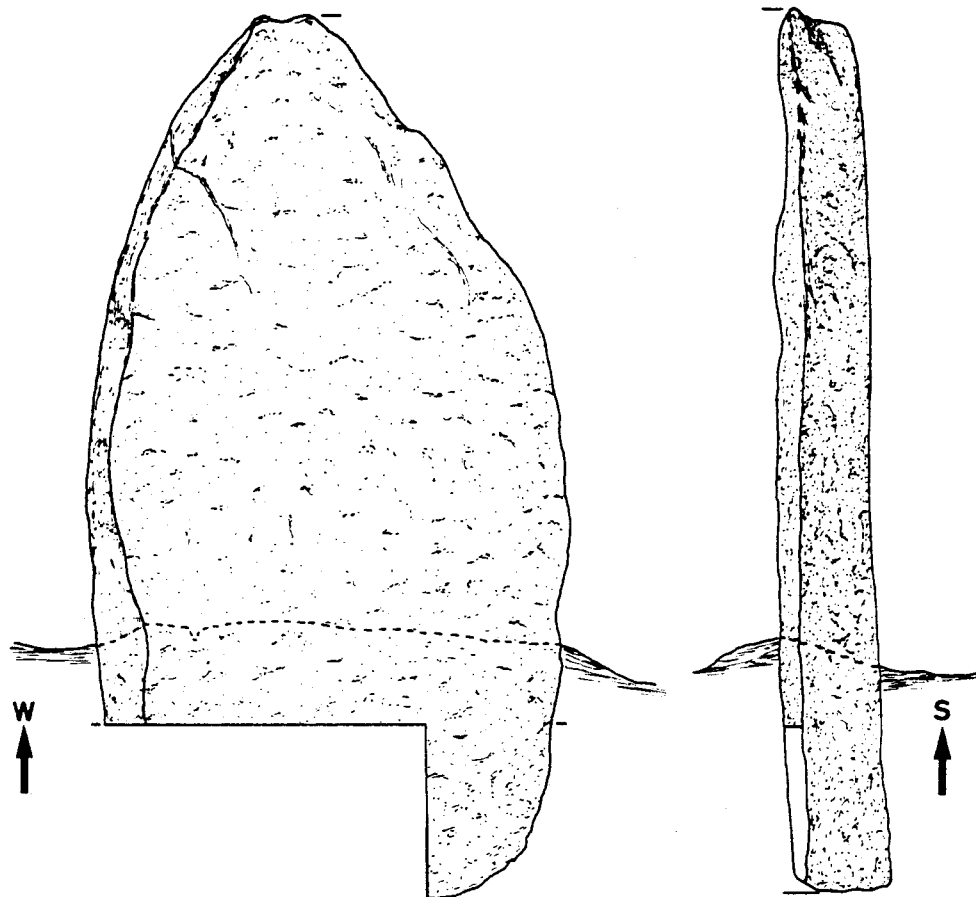


W

E

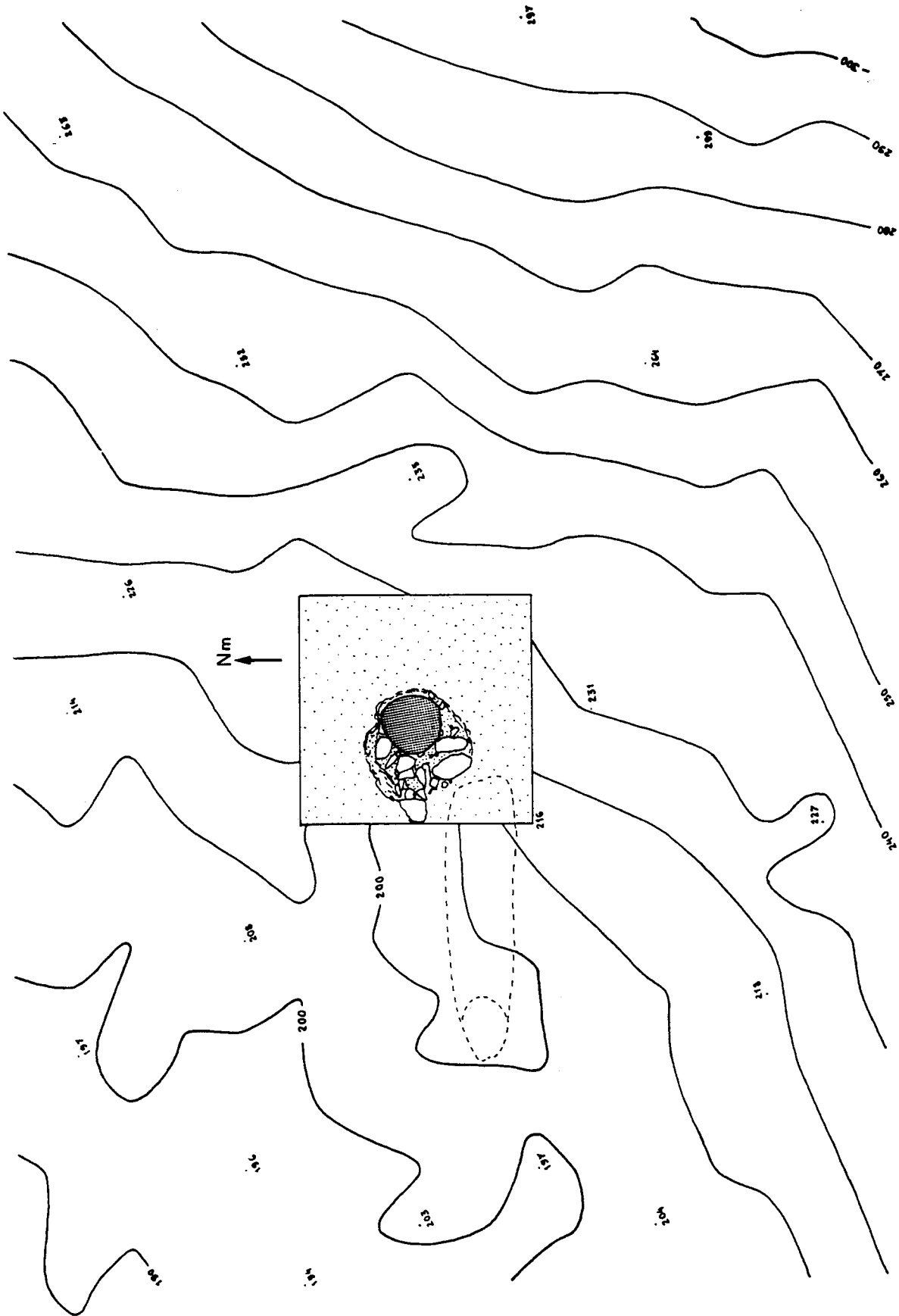
SAIBO
RACHA
TERRA MACIA

SECCÃO ARQUEOLOGIA CÂMARA MUNICIPAL CASTELO DE VIDE	DATA: JU	ESC:	DES:
MENHIR CARVALHAL			
CORTE E/W		Obl.	



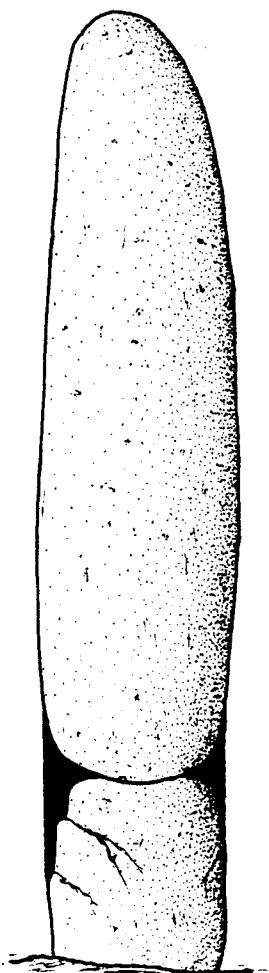
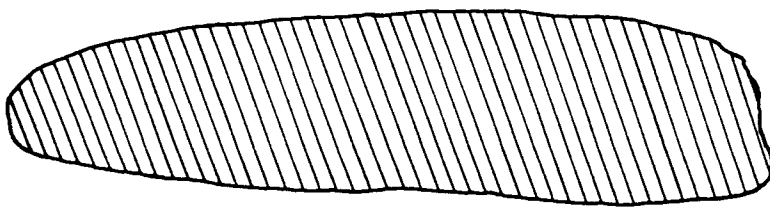
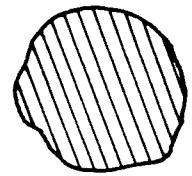
**MENIR DO CARVALHAL
CASTELO DE VIDE**

MENIR DA MEADA



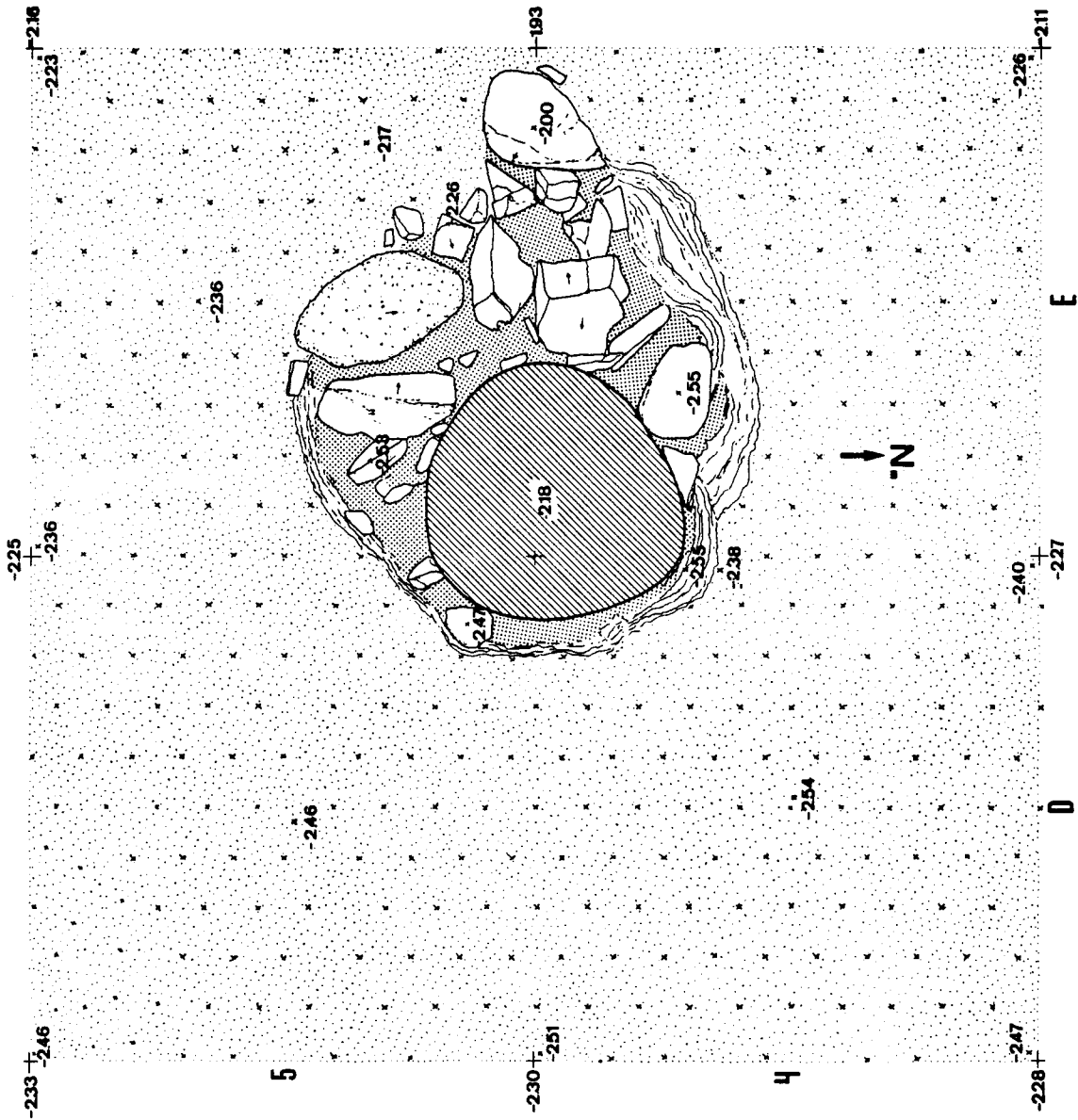
MENIR DA MEADA
Castelo de Vide





**MENIR DA MEADA
CASTELO DE VIDE**



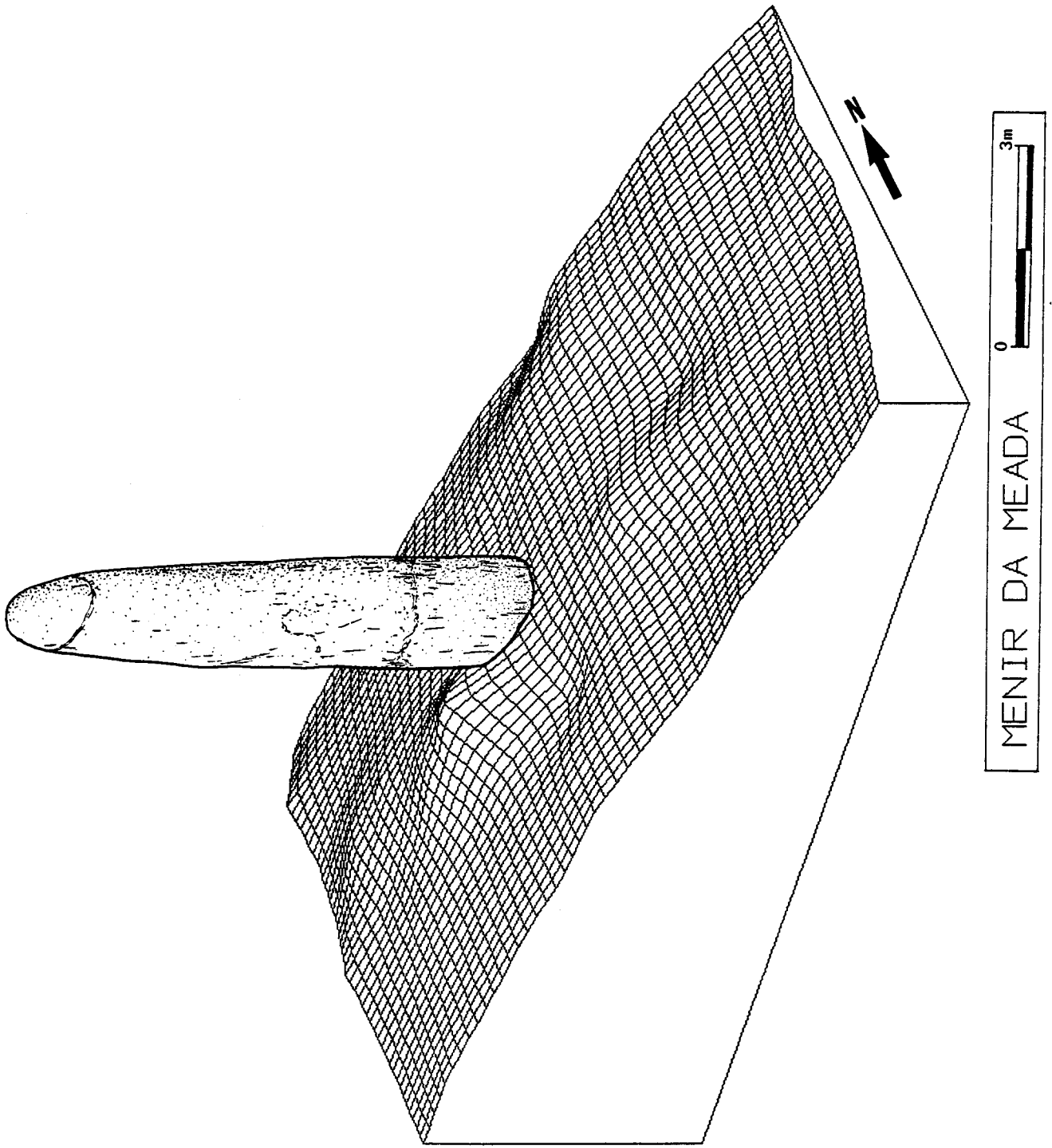


XI

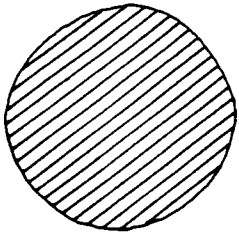
SEÇÃO ARQUEOLOGIA CÂMARA MUNICIPAL CASTELO DE VIDE		DATA: OUTUBRO 1993
MENIR MEADA		ESCALA:
		DESENHO: <i>M. Lopes</i>
PLANTA	OBS: Após a escavação	

XI

F

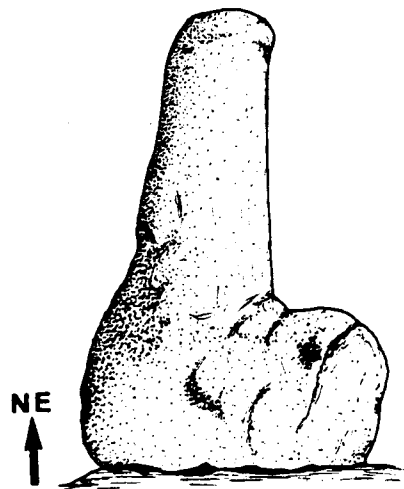
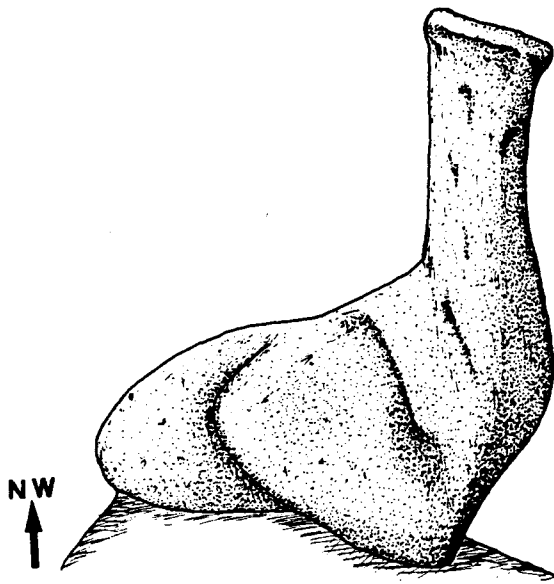


MENIR DO CORREGEDOR



**MENIR DO CORREGEDOR
MARVÃO**

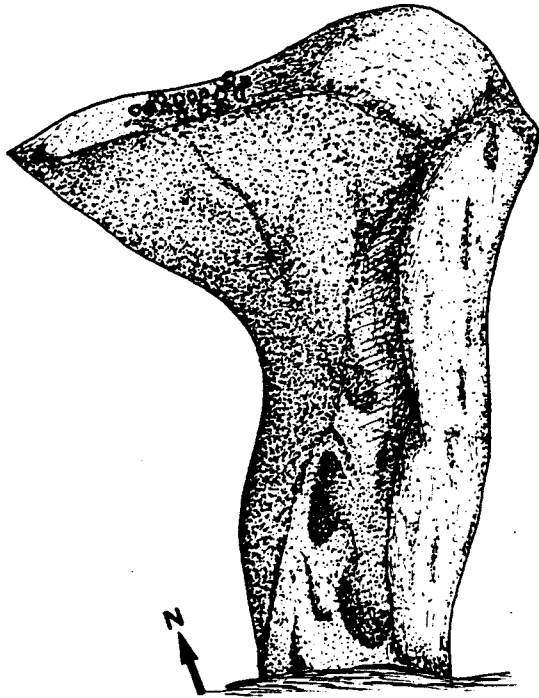
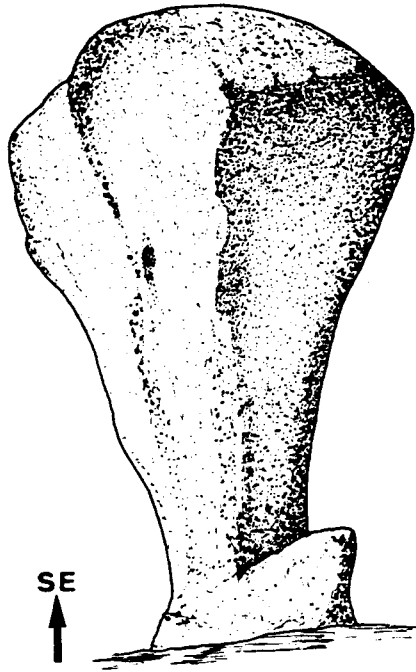
MENIR DOS POMBAIS



**MENIR DOS POMBAIS
MARVÃO**

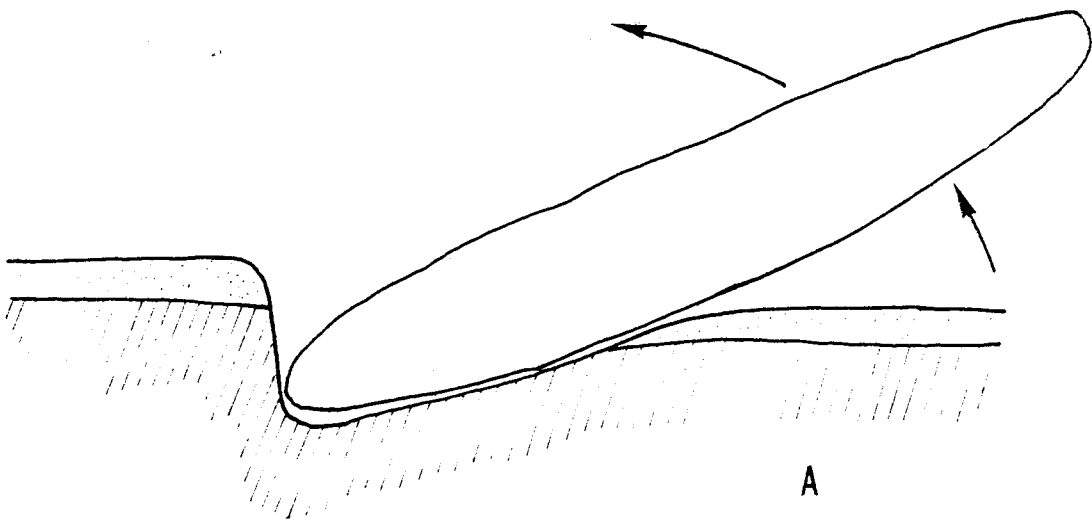


MENIR DA PORRA DEL BURRO

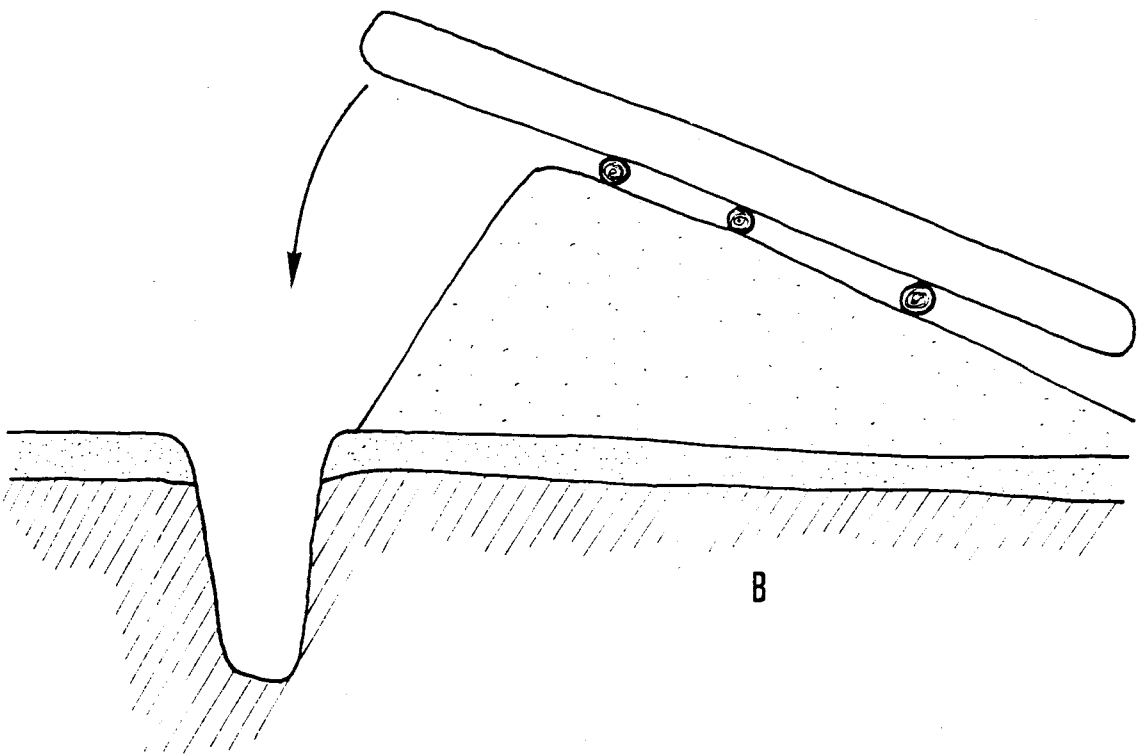


PORRA DEL BURRO
V. DE ALCANTARA





A



B

PROVÁVEIS TÉCNICAS DE IMPLANTAÇÃO DE MENIRES

A - MENIR DA ÁGUA DA CUBA E MENIR DA MEADA

B - MENIR DO CARVALHAL



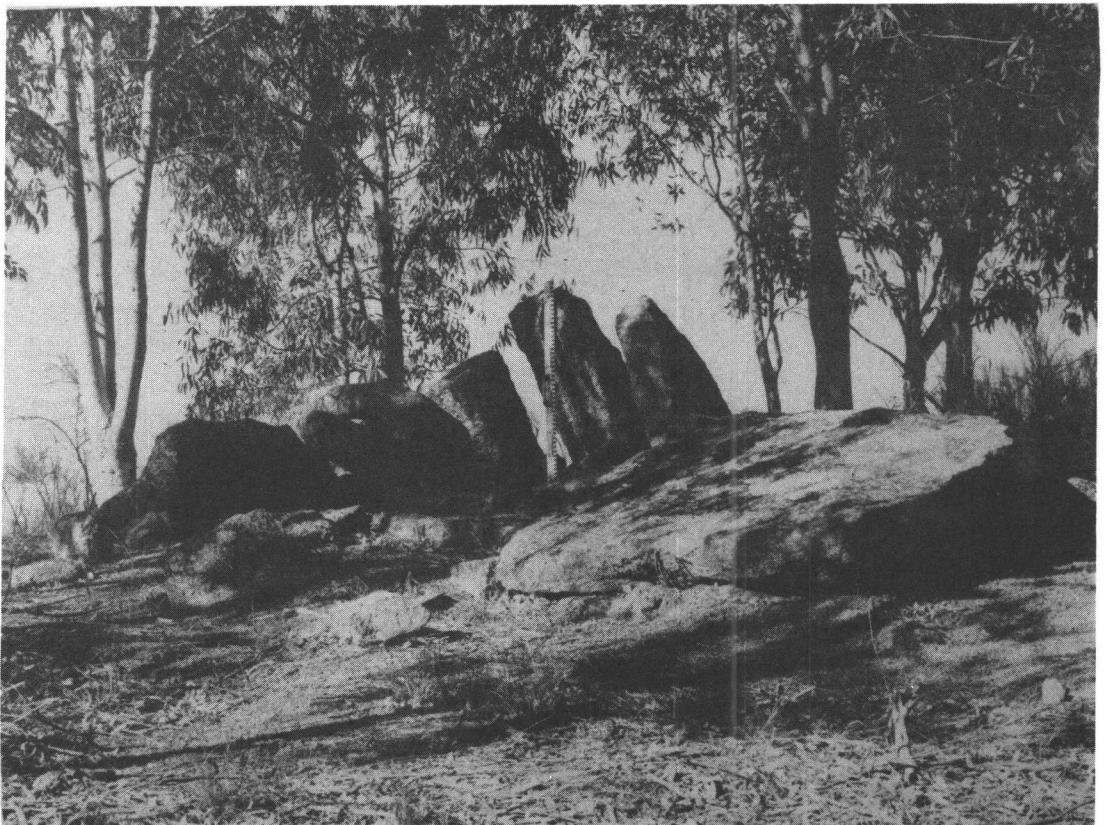
Anta da Granja (Marvão)



Anta do Ribeiro do Lobo (Marvão)



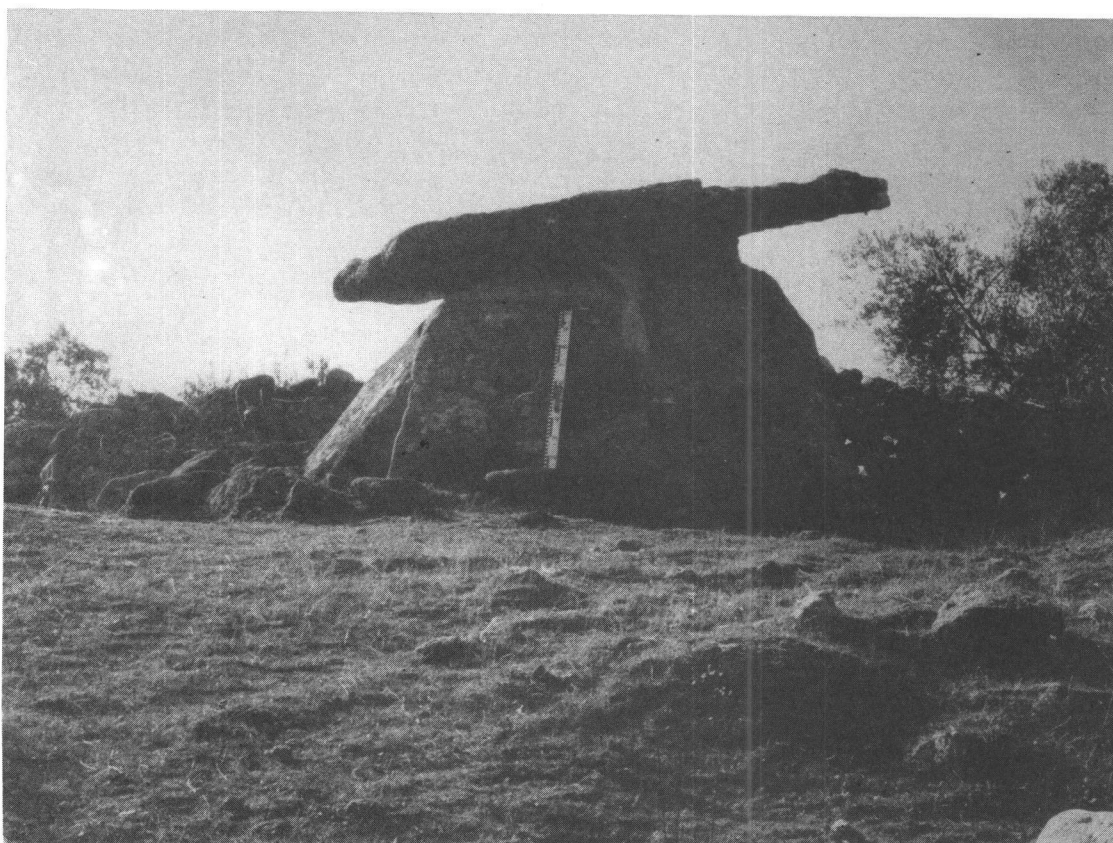
Anta da Salgueirinha (Nisa)



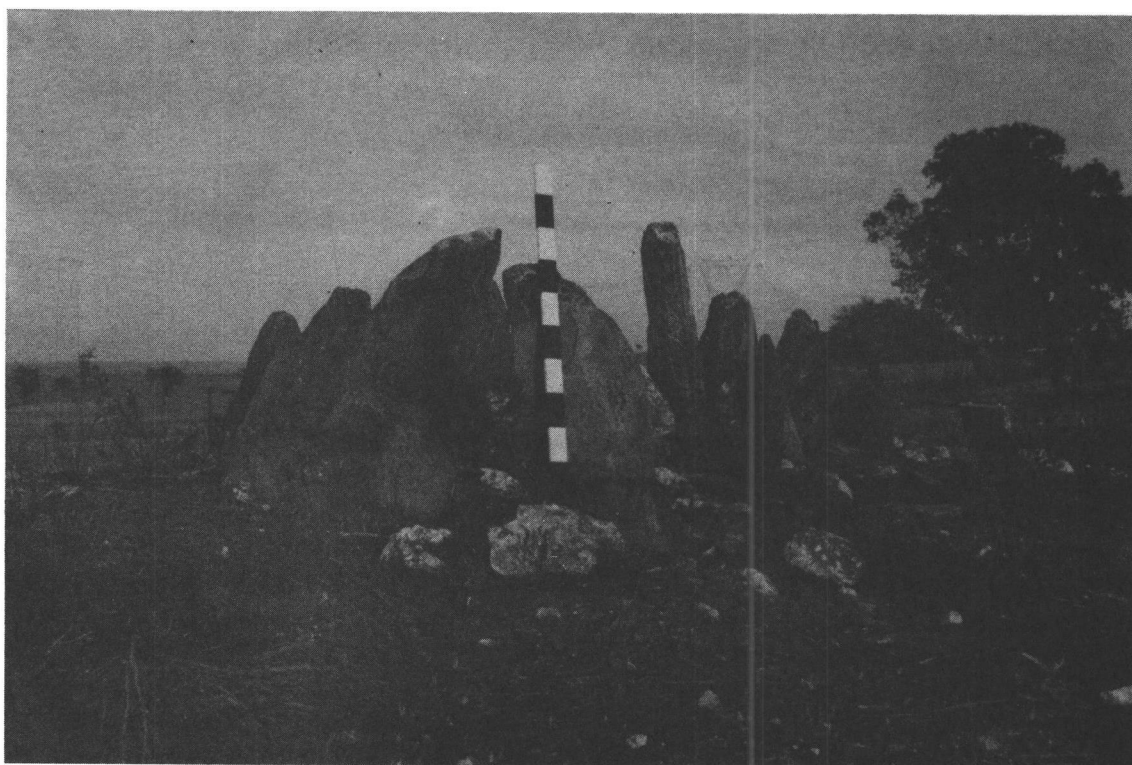
Anta da Sapateira Pequena (Marvão)



Anta da Atalaia (Marvão)



Anta do Vale da Figueira (Marvão)



Anta dos Quatro Lindones (Cedillo)



1º Plano - Anta da Cruz de la Mujer I (Cedillo)
2º Plano - Anta da Cruz de la Mujer II (Cedillo)



Anta da Tierra Caída I (Cedillo)



Anta do Cerro de la Caldera (Herrera de Alcántara)



Anta do Camino de Herrera (Cedillo)



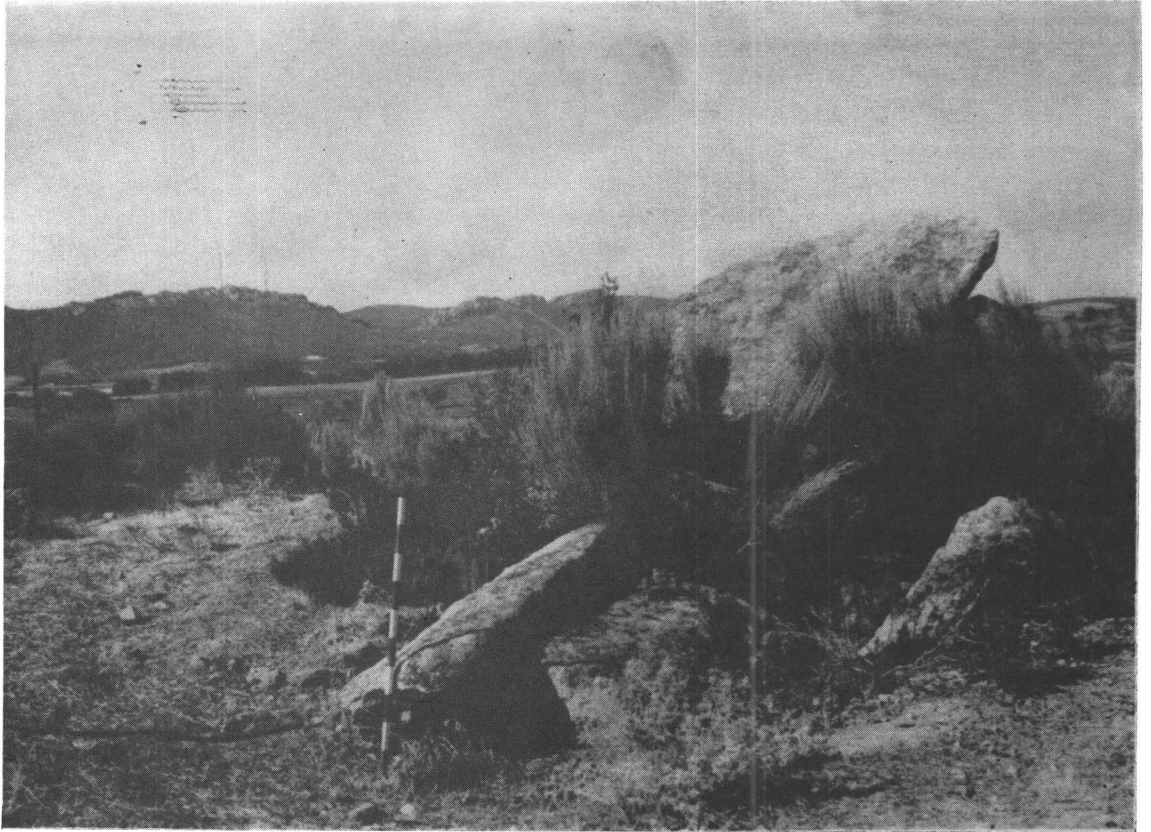
Esteio decorado da anta do Lindon de Campête (Cedillo)



Anta do Curral do Galhordas (Castelo de Vide)



Anta da Melriça (Castelo de Vide)



Anta I do Cajirón (Valência de Alcântara)



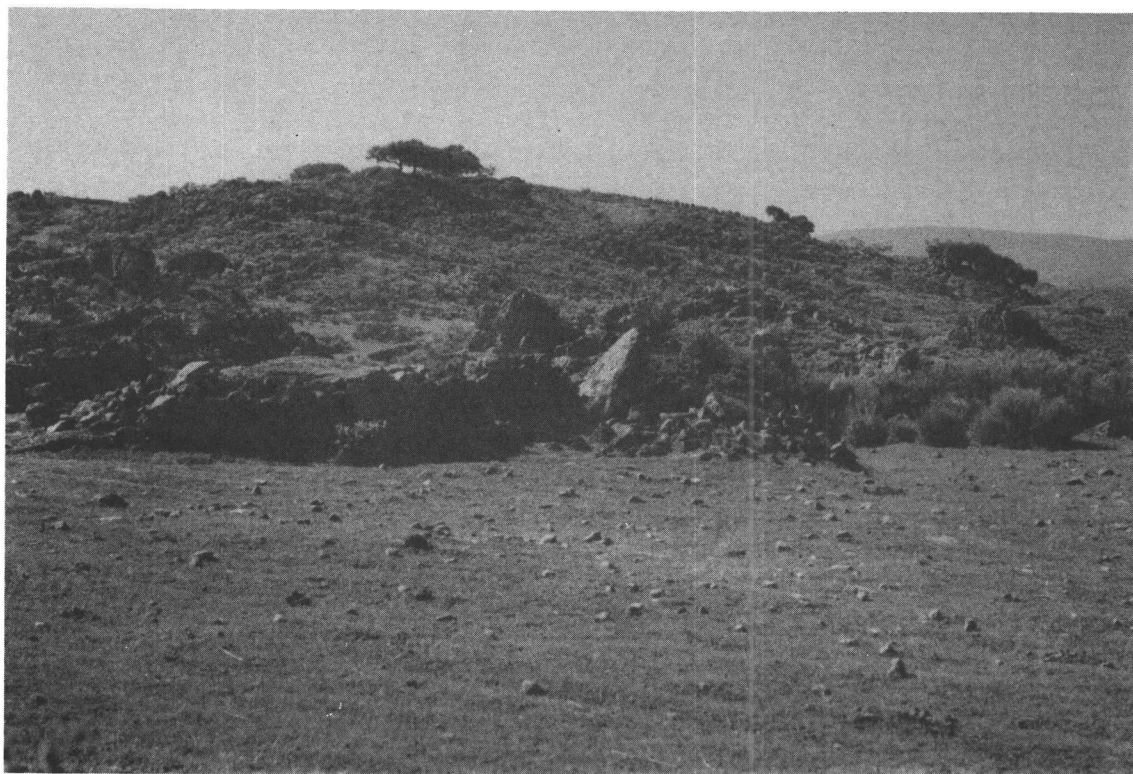
Anta da Miera (Valência de Alcântara)



Anta I do Alkogulo (Castelo de Vide)



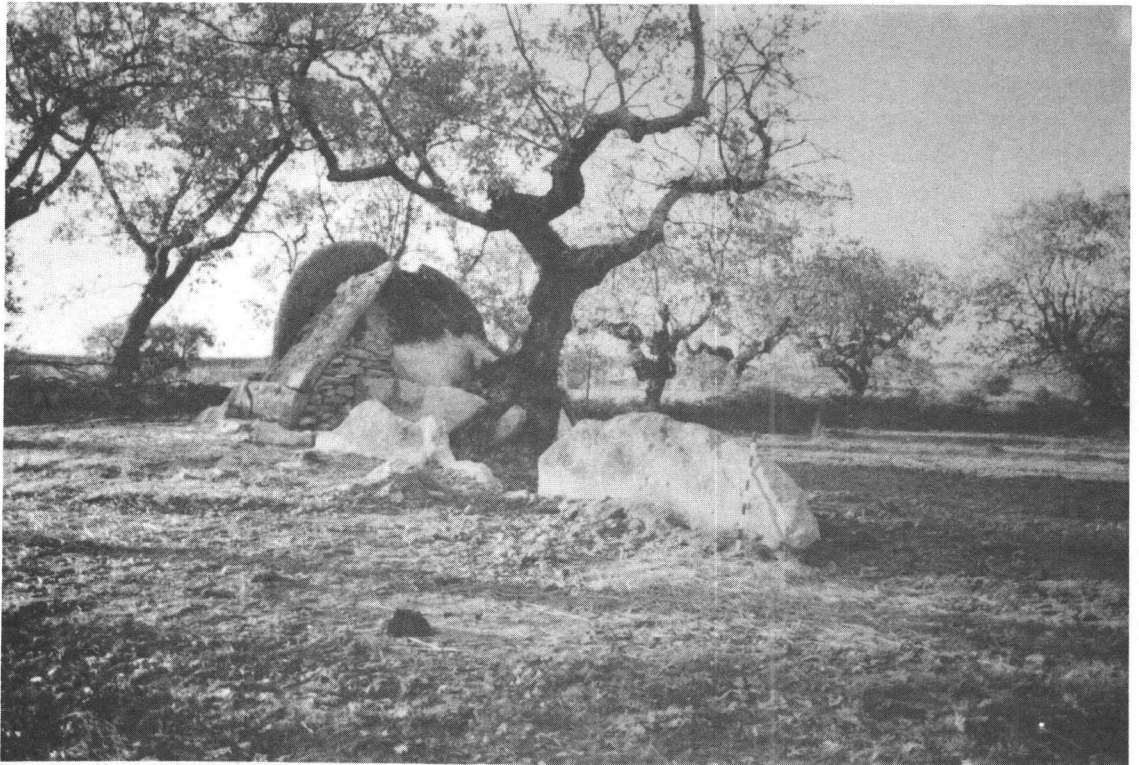
Anta da Marquesa (Valência de Alcântara)



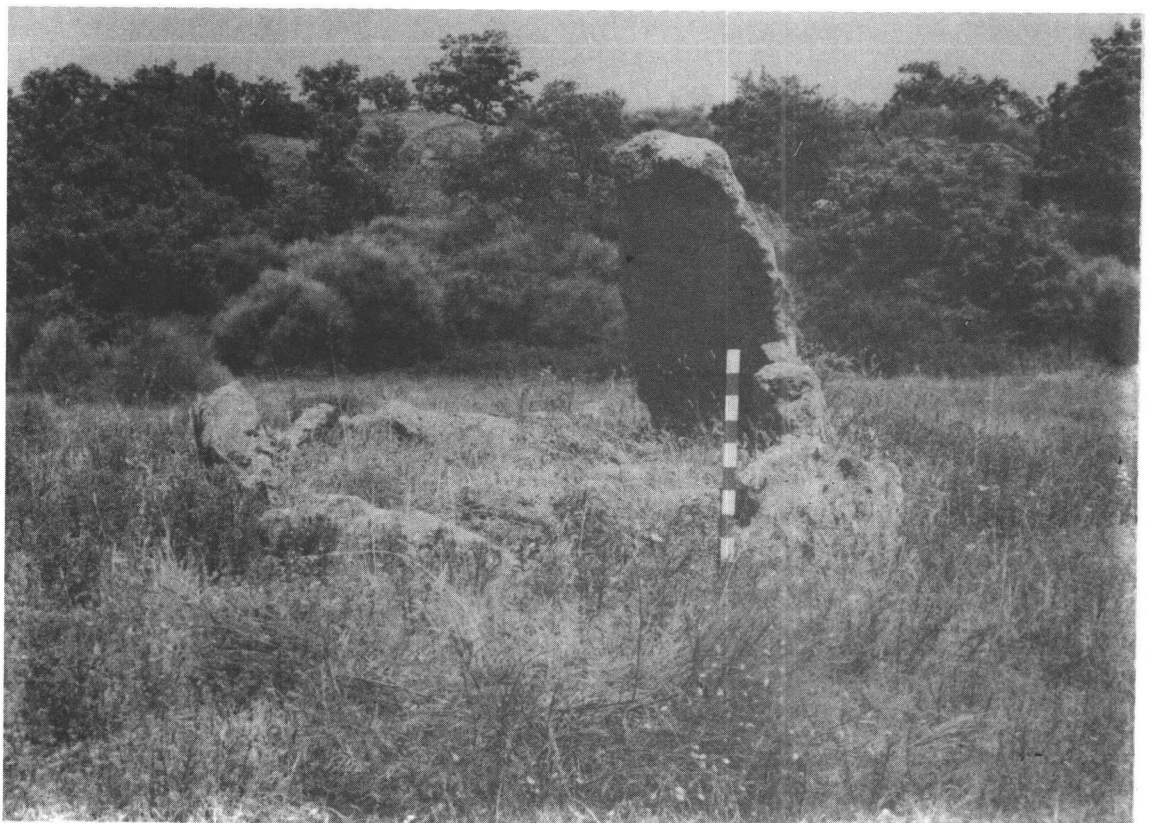
Anta do Fragoso (Valência de Alcântara)



Anta I da Data (Valência de Alcântara)



Anta II dos Coureiros (Castelo de Vide)



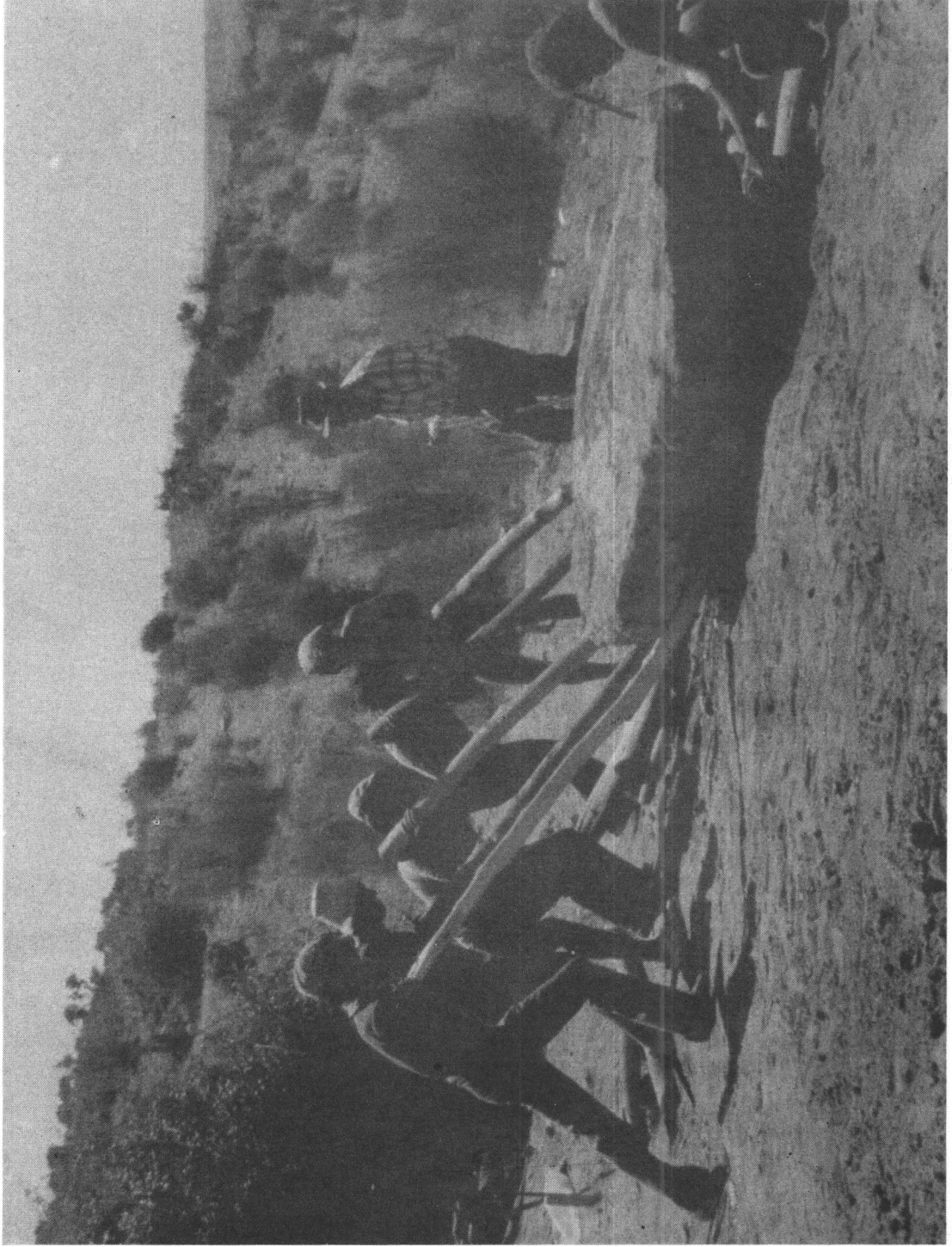
Anta dos Olheiros (Castelo de Vide)



Anta da Ferrenha (Marvão)



Anta I do Pereiro (Marvão)



Anta dos Pombais - remoção da cobertura da câmara



Anta da Bola da Cera - remoção da cobertura da câmara

CAP. V

DISTRIBUIÇÃO GEOGRÁFICA DOS MONUMENTOS MEGALÍTICOS

1. A BACIA DO SEVER

Ao longo dos sessenta e três mil metros do Rio Sever e nos quatrocentos e cinquenta quilómetros quadrados que ocupa a sua bacia hidrográfica, as cento e dez sepulturas megalíticas até agora conhecidas distribuem-se irregularmente por este espaço. Numa primeira abordagem verificamos que duas *manchas megalíticas* são isoláveis, quer no interior desta bacia, quer na área envolvente (1).

Em termos orográficos, e como já referimos, a bacia do Sever poderá ser dividida em quatro regiões. A Sul a zona montanhosa está balizada pelas cotas dos 500 aos 1025 metros. É caracterizada por encostas de xistos e quartzitos predominantemente escarpadas e cobertas por floresta. Os solos são essencialmente de classe E. Na meia encosta, caracterizada por declives mais suaves, encontram-se sobretudo granitos. Nela registam-se pequenas manchas de

solos de classe D e estreitas faixas de solos de classe C, nas margens do rio e de algumas ribeiras, intervaladas por grandes espaços sem valor agrícola. Nas cotas inferiores aos 300 metros abandonamos os solos litólicos não húmicos que caracterizam a meia encosta e entramos nos litossolos de xistos e grauvaques que se estendem em peneplanície até às margens do Tejo onde as cotas que oscilavam entre os 300 e os 250 metros caem repentinamente para os cem metros nas margens do grande rio. A peneplanície dá lugar a encostas escarpadas de solos essencialmente esqueléticos recortados por estreitas faixas de terrenos ainda com algumas aptidões agrícolas.

Nestas quatro regiões drenadas pela bacia do Sever, verificamos que as sepulturas megalíticas concentram-se essencialmente em duas delas: a da meia encosta e a das margens do Tejo. Nestas duas distintas regiões distribuem-se dois grupos de monumentos que pelos mais diversos aspectos também se distinguem, significativamente, um do outro.

2. POSICIONAMENTO ALTIMÉTRICO DAS SEPULTURAS

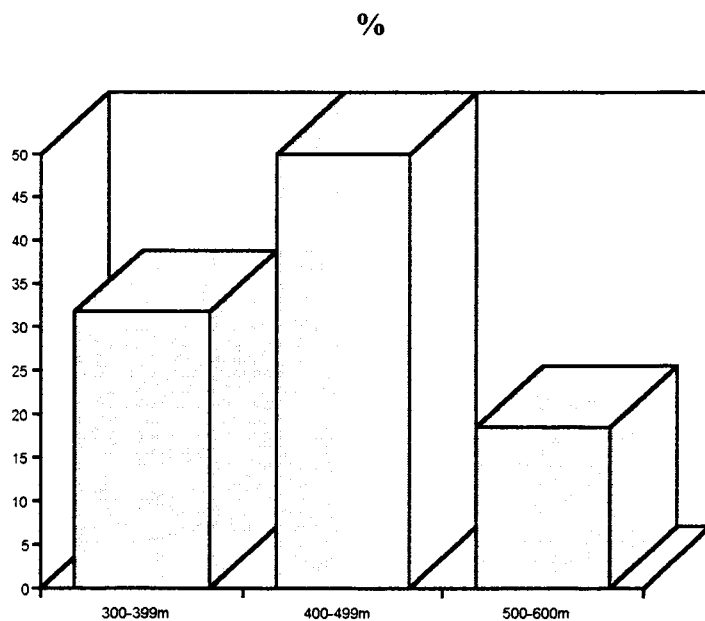
2.1. Sepulturas de Granito

Nas duas manchas megalíticas facilmente nos apercebemos que a implantação dos monumentos parece ter obedecido a dois padrões distintos. Uma das características desses padrões é, sem dúvida, a diversidade altimétrica.

Na *mancha megalítica* situada a sul, formada por monumentos de granito, observa-se que o maior número (33 monumentos) se implantam entre os 400 e os 499 metros, seguindo-se os que foram construídos em cotas situadas entre os 300

e os 399 metros (21 monumentos) e os mais raros, apenas doze, estão implantados em cotas acima dos quinhentos metros. Na análise da distribuição altimétrica assume particular interesse verificar que os doze monumentos que foram construídos em cotas superiores aos quinhentos metros ocupam uma área de planalto que se distingue claramente da restante paisagem de altitude superior à cota quinhentos. Neste planalto, em território espanhol, incluem-se os grandes monumentos das imediações de *La Borrega*, drenado pelo *Arroyo Alcorneo*.

Verifica-se, assim, que os construtores de megálitos da região dos granitos preferiram, notoriamente, o patamar da Serra de S.Mamede definido entre os 350 e os 500 metros de altitude. Este patamar, antiga aplanção talhada no granito, é bastante amplo, atingindo nalguns locais uma largura que ultrapassa os sete quilómetros (Feio e Almeida, 1980).

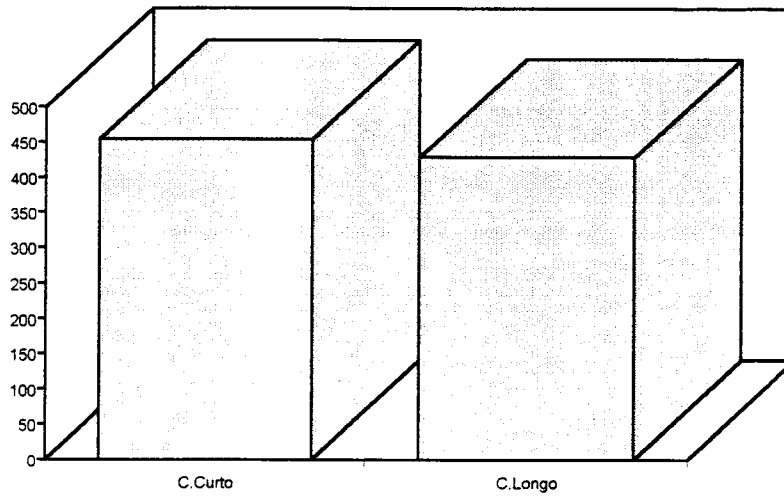


Distribuição altimétrica das sepulturas da zona dos granitos

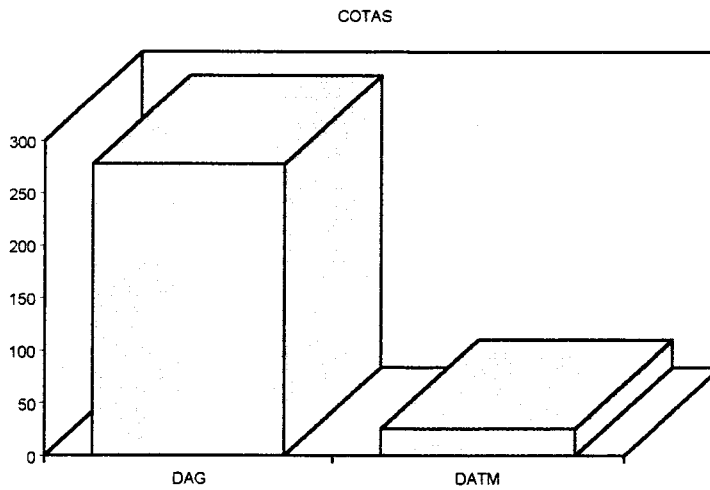
Parece, assim, que o patamar onde se incluem as cotas abaixo dos seiscentos metros foi o espaço preferido para construção das sepulturas megalíticas.

Se analisarmos de novo o posicionamento das sepulturas através de um escalonamento mais fino verificamos que é entre as cotas de 350 e 450 metros que se concentra cinquenta e nove por cento destes monumentos. Fica assim claro que entre os 350 e os 1025 metros, cotas que separam o pico de S. Mamede e a peneplanície, os primeiros cem metros foram os preferidos. O patamar granítico envolvente da Serra, ainda que muito irregular em termos altimétricos, apresenta-se mais aplanado exactamente nas mesmas cotas onde se concentra a maior percentagem de monumentos megalíticos.

Ao analisarmos do ponto de vista altimétrico, separadamente, os monumentos de corredor longo dos de corredor curto, verificamos que não se registam diferenças significativas. A cota média de implantação dos monumentos de corredor curto é de 454,3 metros, enquanto que a cota média dos monumentos de corredor longo é de 428,5 metros. A diferença de 25,8 metros parece não ter qualquer significado face às variações altimétricas gerais existentes. Recordemos que é entre as cotas de 322 e 600 metros que encontramos os monumentos da zona dos granitos. Assim, numa diferença altimétrica de 278 metros, os 25,8 m que separam a média altimétrica dos dois tipos parece não ter qualquer significado.



**Diferença altimétrica entre as sepulturas de corredor curto e corredor longo
- Zona dos Granitos -**



**DAG - Diferença altimétrica geral das sepulturas em granito (278m)
DATM - Diferença entre a altimetria média das sepulturas
de corredor curto e as sepulturas de corredor longo (25,8m)**

A insignificante diferença de 25,8 metros parece, mesmo assim, apontar uma tendência para a edificação de monumentos de corredor mais longo em locais menos elevados. Esta tendência poder-se-ia explicar por uma aproximação a solos com maiores aptidões agrícolas por parte dos construtores dos monumentos considerados mais evolucionados.

Observando a projecção altimétrica das sepulturas megalíticas da margem esquerda do Sever no corte longitudinal da sua bacia, claramente se verifica que a área eleita para a construção destes monumentos foi o patamar granítico limitado a Sul pelos picos de Marvão e Castelo de Vide e a norte pela linha de contacto granito - xisto. No mesmo corte pode-se já observar o posicionamento dos monumentos em relação à linha de cumeada delimitadora da bacia e ao mesmo tempo o talvegue do Sever. Este posicionamento, claramente evidenciado nos vários cortes transversais em relação ao Sever, mostra-nos que os construtores dos monumentos dos granitos raramente procuraram as linhas de cumeada de primeira grandeza e apenas as antas das Castelhanas e Ribeiro do Lobo (nº1 e nº2) se aproximam do talvegue.

A procura de solos estáveis, nas meias encostas, por entre os afloramentos graníticos, somada, como veremos noutro ponto, à aproximação de solos com maiores aptidões agrícolas parece justificar a eleição destes locais. Os dois monumentos acima referidos (Castelhanas e Ribeiro do Lobo), embora sejam, na margem esquerda, os mais próximos do talvegue, implantam-se numa suave e estável plataforma granítica elevada sobre o curso do Sever, como se pode confirmar pelos respectivos cortes transversais.

Na margem direita do Sever, já em território espanhol, a situação dos monumentos de granito continua a apresentar características semelhantes. Observando o respectivo corte longitudinal verificamos que é entre o *Pino de*

Valencia e o cabeço de *Los Laponés* que se situa a maior concentração de sepulturas, no interior do patamar granítico. Ao invés do que ocorre na margem portuguesa e como já referimos, na margem direita encontramos sepulturas em cotas mais elevadas, já bastante próximas do chamado *Pino de Valencia*. Confirmável pelos cortes transversais estes monumentos ocupam um prolongamento mais elevado do patamar granítico envolvente do complexo geológico que caracteriza as cotas superiores da Serra de S.Mamede.

Continuando a analisar a margem direita verificamos, quer pelos cortes transversais, quer pelo corte longitudinal, e à semelhança do que já havíamos constatado para a margem portuguesa, que também aqui as sepulturas foram implantadas preferencialmente na meia encosta. A linha de cumeada do fecho delimitador da bacia do Sever nunca foi monumentalizada, o mesmo acontecendo com os terrenos próximos do rio Sever. Também nesta margem os terrenos aplanados ou de encostas suaves, como se pode confirmar sobretudo pelos cortes transversais, foram os preferidos para a implantação das sepulturas megalíticas. Algumas antas como a da Tapada das Monjas que se situam, comparativamente, mais próximo do talvegue, ocupam suaves plataformas graníticas elevadas sobre o curso fluvial, em situação semelhante às antas das Castelhanas e Ribeiro do Lobo.

Como referimos no capítulo dedicado aos rituais, na relação altimétrica entre monumentos da mesma necrópole, parece evidente que as antas de maiores dimensões ocupam, em termos de micro-altimetria, os pontos de maior visibilidade da paisagem. Verificamos esta situação na Necrópole dos Coureiros, onde os monumentos II e IV se destacam dos restantes, na provável necrópole da Sapateira onde as antas da Atalaia e Sapateira Pequena (2) emergem por entre as outras, na Necrópole de La Borrega as antas da Marquesa e Cajirón I dominam um vasto horizonte, o mesmo acontecendo na Necrópole de La Zafra onde o monumento III se evidencia.

Se a presença de monumentos da região dos granitos é nula no festo principal delimitador da bacia hidrográfica, um número significativo ocupa, contudo, linhas de cumeada de menor importância. Estes festos, geralmente formados por grandes afloramentos graníticos dominam vales com razoáveis aptidões agrícolas. Em relação ao total de monumentos de granito no interior da bacia do Sever verificamos que a maior percentagem (58,2%) foi implantada nestes pequenos planaltos. A opção por encostas suaves viradas a Este está representada por 28,2% dos monumentos. Cerca de doze por cento dos monumentos registámo-los nas encostas viradas a Oeste. Uma única anta (Sapateira Grande) encontra-se actualmente a menos de trinta metros de um talvegue. Esta situação, bastante estranha, poderá explicar-se pela provável alteração do curso da linha de água. Em encostas viradas claramente a Norte ou a Sul não registámos nenhuma sepultura.

Na zona dos granitos verifica-se assim que as linhas de cumeada secundárias e as encostas viradas a Este e a Oeste foram os locais eleitos para a construção de sepulturas megalíticas. Ao analisarmos o posicionamento das sepulturas tendo em atenção o curso do rio verificamos que os valores acima enunciados parecem ter algum significado. Em território português 25,3% das sepulturas ocupam as encostas viradas para Este, enquanto que em Espanha apenas 2,9 % se encontram nessa situação. Pelo contrário, verificamos que as encostas viradas a Oeste foram preferidas para a construção de 10,7% das sepulturas espanholas, contrastando com os 0,01% das antas portuguesas em encostas com orientação semelhante.

Face a estes valores parece claro que, para além dos festos de segunda ordem, as encostas viradas para o rio Sever foram preferidas em relação às encostas viradas a Sul ou a Norte.

Embora a maior percentagem de monumentos da região dos granitos tivesse sido construída em pequenos festos, não poderemos afirmar que tivesse havido da parte dos seus construtores uma intenção clara de os evidenciar na paisagem. Poderemos mesmo pensar que uma percentagem significativa parece esconder-se por entre os grandes afloramentos que geralmente envolvem os monumentos megalíticos desta região.

Se esta observação é extensível a grande número de sepulturas construídas nos festos, as implantadas nas encostas parecem ocultar-se ainda mais. Monumentos como a anta da Laje dos Frades, Bola da Cera, Lanchas II, La Miera, Zafra V, Datas II, Tapada do Souto e tantos outros, quando ainda envolvidos pela mamoa e cobertos pela vegetação que naturalmente cresceria sobre o montículo artificial, dificilmente seriam visíveis por entre os grandes batólitos que os rodeiam. Se esta observação pode ser aplicável a muitos sepulcros, outros existem que se implantam em locais abertos e com significativo domínio visual. Incluem-se neste grupo monumentos como a Anta de la Marquesa, Cajirón I, Tapias I, Granja, Cabeçuda, Atalaia, Coureiros IV e II, Pombal, Pereiro II e mais alguns que, sobretudo, foram implantados nos festos.

Como já anteriormente havíamos referido, a maioria destes monumentos assinaláveis na paisagem são, sobretudo, os de maiores dimensões e parecem dominar espaços onde se concentram mais sepulcros, formando provavelmente necrópoles.

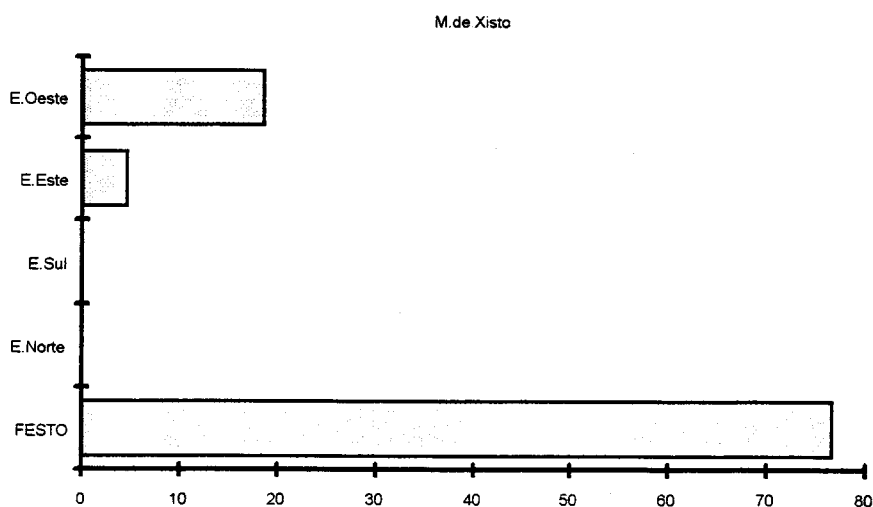
Pela diversidade de situações acima exposta não parece possível, por agora, e tendo em atenção unicamente os aspectos orográficos, isolar um único modelo para a selecção dos espaços de implantação de sepulcros megalíticos. A rejeição das encostas Norte e Sul para a construção de sepulturas megalíticas parece, pelo menos na bacia hidrográfica e área de influência, uma norma não quebrada.



2.2. Sepulturas de Xisto

Contrariamente ao observado nos monumentos de granito, as sepulturas da zona dos xistos implantam-se na sua quase totalidade nas principais linhas de cumeada. Nos festos os construtores destes pequenos monumentos procuraram os pontos mais elevados, bem evidentes na paisagem. Concentrando-se na foz do Sever e estendendo-se ao longo das margens do rio Tejo as sepulturas megalíticas formadas por elementos de xisto parecem mostrar uma maior homogeneidade em termos de implantação do que as da zona dos granitos. Dois monumentos na margem espanhola são, até agora, as únicas exceções à regra da monumentalização das linhas de cumeada. As antas de *la Tierra Caída I e II* (Cedillo), situadas numa pequena plataforma destacada das íngremes encostas do rio Sever são os únicos monumentos da foz deste rio que não foram construídos nos locais de maior visibilidade da região. Contudo, e apesar de não ocuparem linhas de cumeada, estes dois sepulcros dominam visualmente uma larga extensão do vale do Sever e parte do Tejo.

Nos monumentos de xisto verificamos que 76,7% estão implantados nas linhas de cumeada, especialmente nos festos de primeira ou de segunda grandeza. Implantadas em encostas viradas a Oeste registámos 18,6% das sepulturas, enquanto que nas encostas viradas a Este, apenas se conhecem 4,6 % destes monumentos. Nas encostas viradas a Norte e a Sul não se conhecem monumentos em xisto no interior da bacia hidrográfica do Sever.



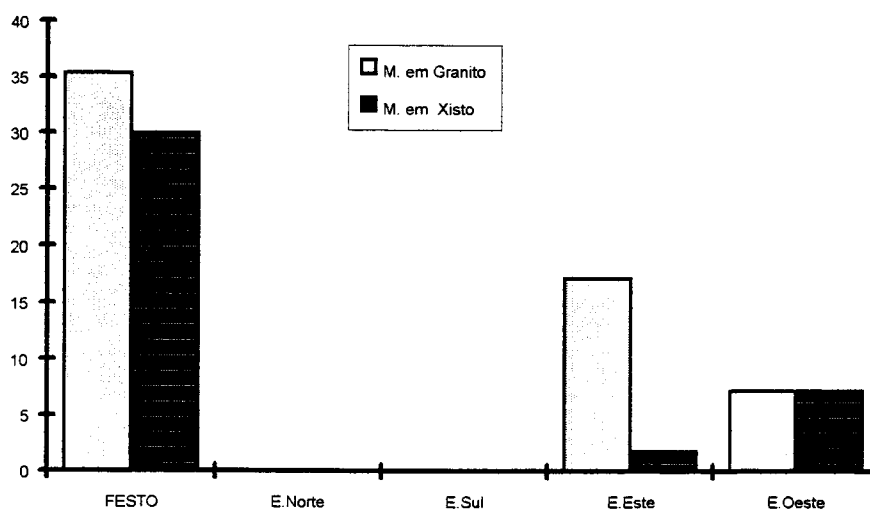
Distribuição percentual dos monumentos em xisto pelos locais de implantação

Se nos monumentos de granito foi possível identificar, em prováveis necrópoles, um ou dois monumentos que se destacavam pelo seu volume mas sobretudo pela sua dominância em termos de implantação, nos monumentos de xisto essa provável hierarquia em monumentalidade, não foi, até ao momento, claramente constatada. Monumentos de maiores dimensões tanto ocorrem em locais com cotas mais baixas como nos pontos mais elevados dos festos. O monumento da Charca Grande de la Regañada, provavelmente um dos maiores sepulcros do Termo de Cedillo foi construído numa suave encosta, não muito longe duma linha de água. A menos de trezentos metros duas pequenas sepulturas (Los Guardas e Sevillana) implantam-se na linha de cumeada, em local bem visível. Pelo contrário, a anta de Los Cuatro Lindones, também no Termo de Cedillo, destaca-se das que a rodeiam (Cerro de la Administradora, Ferrañon e Charca de La Viúda), quer pelas suas maiores dimensões, quer pelo local dominante onde se implanta.

Embora encontremos monumentos construídos em xisto fora das linhas de cumeada, o seu número é bastante reduzido. Torna-se evidente que as comunidades construtoras dos monumentos da foz do Sever, quer na margem portuguesa, quer na margem espanhola, procuraram evidenciá-los na paisagem.

Observando o mapa de distribuição de monumentos, verificamos que na zona dos xistos eles se concentram entre as cotas de 200 e 300 metros. Esta concentração altimétrica parece querer excluir os terrenos menos acidentados que caracterizam a peneplanície dominada pelas cotas de trezentos metros. Quanto mais nos afastamos para sul, em direcção aos solos mais aplanados, mais as sepulturas vão rareando. Os festos delimitadores dos cavados vales nas imediações do Tejo foram os preferidos para a implantação dos sepulcros de xisto.

Analisando comparativamente a *mancha megalítica dos xistos* e a *mancha megalítica dos granitos* no interior da bacia do Sever verificamos que duas distintas e claras tendências parecem esboçar-se no que respeita à eleição dos locais para a implantação de sepulturas megalíticas. Em ambas as manchas verifica-se uma preferência pela ocupação dos festos. Contudo, na *mancha megalítica dos granitos* foram os festos menos importantes os escolhidos, elegeram-se, sobretudo, os mais aplanados, enquanto que na *mancha megalítica dos xistos* os festos principais e nestes os pontos mais dominantes foram os escolhidos para a construção dos monumentos funerários. Verifica-se que um número significativo de monumentos em granito (27 sepulturas) foram construídas em encostas, contrastando com os 10 monumentos em xisto implantados em situação semelhante.



Distribuição das sepulturas megalíticas da bacia do Sever por locais de implantação (em percentagens)

Provavelmente a reduzida procura das encostas nos terrenos dos xistos para a construção das sepulturas megalíticas poderá explicar-se pelas fortes pendentes que as caracterizam. A reduzida estabilidade das encostas desta região deverá ter contribuído também para que as linhas de cumeada fossem as escolhidas para a implantação dos monumentos funerários.

Se as duas *manchas megalíticas* se afastam pelos aspectos enunciados, elas aproximam-se pela ausência de sepulturas nas encostas viradas a Norte e a Sul. Em qualquer dos dois grupos megalíticos nas encostas marcadamente viradas a Norte e a Sul não identificámos sepulturas megalíticas.

Numa rápida leitura de qualquer documento cartográfico da região em estudo facilmente se constata que as duas *manchas megalíticas* coincidem com os locais de maior concentração de habitats actuais. Quer se trate de povoamento

concentrado ou disperso verifica-se que as áreas tradicionalmente ocupadas coincidem nitidamente com as *manchas megalíticas*. Esta tradicional preferência pelos mesmos espaços explicar-se-á, por factores vários dos quais se destacarão, provavelmente, a qualidade dos solos, a proximidade a linhas de água e fontes naturais, mas também naturalmente a estabilidade dos solos e a maior ou menor exposição ao Sol.

Observando a localização das casas agrícolas, quer da região dos granitos, quer da região dos xistos, verificamos que grande número delas foram construídas nas imediações de sepulturas megalíticas. Na construção de algumas habitações utilizaram-se, e por vezes sem as afectar significativamente, estruturas megalíticas, como no capítulo sobre a reutilização de sepulturas descrevemos. A selecção dos mesmos espaços torna-se particularmente interessante quando verificamos que raras são as casas agrícolas na bacia do Sever que foram construídas nas encostas viradas a Norte, sendo também insignificante o número de habitats edificados nas encostas viradas a Sul. Parece claro que esta rejeição se prende com condicionalismos climatéricos, enquanto que a opção pelas linhas de cumeada deverá ser explicada pela maior estabilidade dos solos. Se a eleição dos festos para a construção das casas agrícolas na região dos granitos não é tão evidente, na região dos xistos essa preferência foi e é a norma plenamente aceite. Os velhos montes do Pombo, da Foz, da Fonte da Pipa, del Cabezon, de la Regañada, del Santo, de la Majada Alta, de la Carrasquera, del Molino de Viento e tantos outros, mesmo mais recentes, são claros exemplos da eleição das linhas de cumeada para a construção das casas agrícolas.

A contínua ocupação dos mesmos espaços desde, pelo menos, a construção das sepulturas megalíticas até aos nossos dias parece estar suficientemente documentada na área em estudo. A significativa ausência de habitats claramente contemporâneos dos construtores de megálitos poderá

provavelmente ser explicada pela sobreposição, quer dos próprios sepulcros, quer das estruturas habitacionais continuamente refeitas.

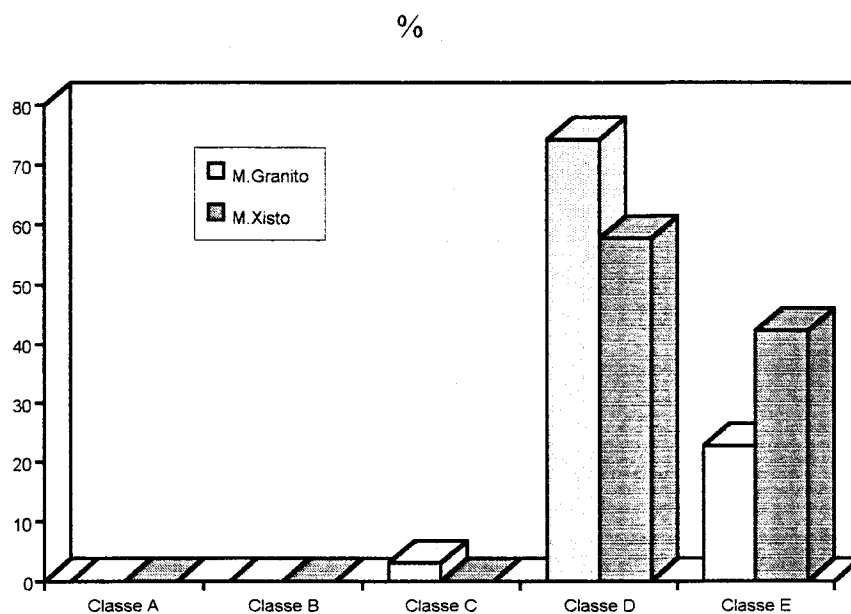
3. CAPACIDADE DE USO DOS SOLOS MONUMENTALIZADOS

Na região drenada pela bacia hidrográfica do Sever predominam solos com acentuadas limitações agrícolas. Mais de noventa e oito por cento da área abrangida por esta bacia é composta por solos da classe D e E. As reduzidas áreas de solos de utilização agrícola concentram-se nas margens do Sever na freguesia de S. Salvador da Aramenha, no vale da Ribeira da Sapateira e em minúsculos vales drenados por linhas de água de curso anual.

Embora a capacidade agrícola dos solos seja facilmente alterável e nada nos garanta que as características actuais sejam idênticas às que se verificavam ao tempo da construção e utilização dos monumentos megalíticos na área em estudo, os elementos recolhidos poderão de alguma forma auxiliar a compreender a estratégia que presidiu à necropolização da paisagem.

Como já afirmámos, a capacidade agrícola dos solos na bacia do Sever é muito limitada. Mais de metade da área, sobretudo a situada mais a norte, é formada por solos esqueléticos (litossolos) de xistos ou grauvaques. A sul os afloramentos rochosos de granitos ou quartzodioritos, de quartzitos e de xistos ocupam a maior parte da bacia. Separam os afloramentos solos litólicos não húmicos de granitos e em estreitas faixas, nos talvegues, solos de baixas, de textura ligeira ou mediana (coluviossolos) apresentam então alguma aptidão agrícola.

Observando a distribuição das sepulturas megalíticas tendo em atenção a edafologia da região verificamos que a maioria dos monumentos, quer sejam em xisto, quer sejam em granito foram implantados em solos classificados actualmente na classe D. Em solos da classe E foi implantado outro importante conjunto de sepulturas megalíticas. Em solos da classe C, portanto com melhores aptidões agrícolas, apenas dois monumentos aí foram construídos (3).



Distribuição das sepulturas megalíticas por classes de solos

Verifica-se, assim, que 74,2 % das sepulturas megalíticas em granito e 57,7 % das sepulturas em xisto foram construídas em solos da classe D que, segundo a Carta de Capacidade de Uso do Solo são solos de utilização não agrícola. Embora os solos com melhor aptidão agrícola sejam raros na área desta bacia hidrográfica, verificamos que unicamente dois monumentos neles se implantam. Torna-se importante realçar que na região onde ocorrem solos com as melhores aptidões agrícolas de toda a bacia do Sever (Freguesia de S. Salvador da Aramenha) nenhum monumento megalítico foi identificado nem se conhecem topónimos que de alguma maneira pudessem indiciar a sua presença.

A não ocupação de solos pesados por parte dos construtores de megálitos parece ser uma constante na área em estudo. Os solos litólicos não húmicos graníticos e os xistosos das margens do Tejo parece terem sido os mais preferidos. Embora actualmente os solos das margens do Tejo estejam classificados como esqueléticos e sem qualquer aptidão agrícola, anteriormente às intensas campanhas do trigo promovidas nas décadas de quarenta e cinquenta, eles ainda possuíam alguma potência de solo arável, aumentando-se, assim, provavelmente a área de solos da classe D. Embora em Espanha campanhas cerealíferas semelhantes tenham ocorrido pela mesma altura, não atingiram as proporções verificadas em Portugal. Assim, na margem direita do Sever, apesar de grandes áreas se apresentarem com solos esqueléticos, como sejam as Lomas de la Carrasquera e de La Puteria, outras há onde ainda se conservam solos com alguma aptidão agrícola. Entre estas destacam-se os planaltos de La Regañada, El Santo e Majada Alta.

Alguns dos solos hoje esqueléticos apresentar-se-iam em épocas mais recuadas com potências muito superiores o que lhes facilitaria um coberto vegetal algo distinto do existente actualmente.

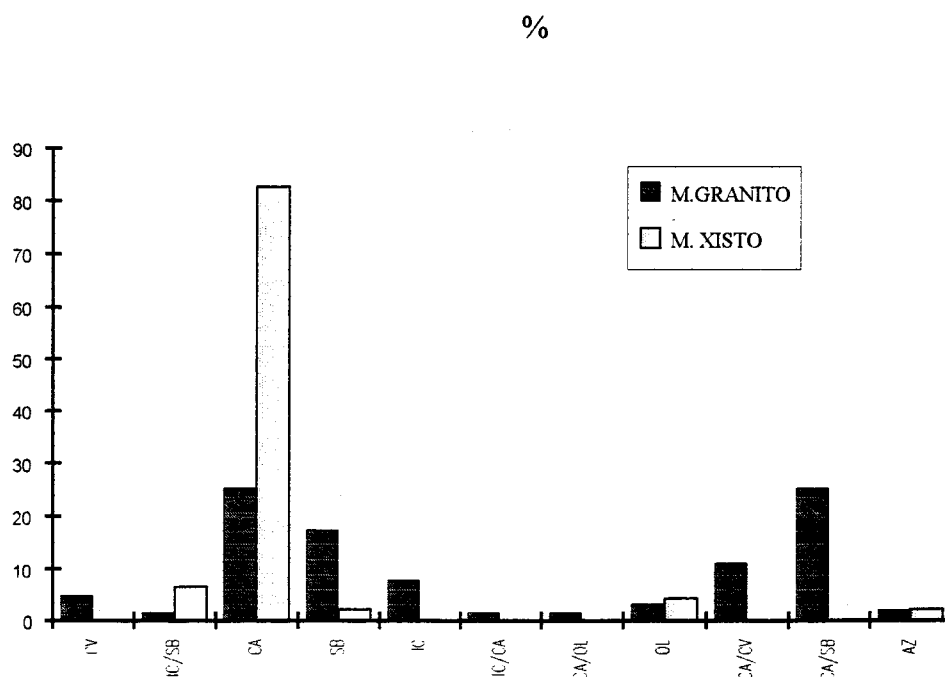
3. 1. OCUPAÇÃO AGRÍCOLA E FLORESTAL

Ainda que limitados por informações muito parcelares poderemos, com alguma segurança, afirmar que os testemunhos megalíticos de características funerárias da área em estudo foram implantados em solos não muito pesados e actualmente com pouca aptidão agrícola. Embora esta bacia drene terrenos na sua maioria com grandes limitações agrícolas, a cobertura vegetal é bastante diversificada. A utilização florestal destes solos, sobretudo por espécies folhosas, intervaladas nas zonas com maior potência de solo por culturas arvenses de sequeiro ou arbóreas, marca na actualidade o coberto vegetal de uma parte significativa da área em estudo. Para além de grandes manchas de terrenos incultos é sobretudo em solos com utilização agro-florestal que se insere a grande maioria dos testemunhos megalíticos.

Na margem esquerda, os solos xistosos da foz do Sever até há dez anos revestidos de matos, cobrem-se na actualidade por densas matas de eucaliptos, contrastando com a margem espanhola onde por entre terrenos incultos algumas culturas arvenses de sequeiro teimam em resistir, sobretudo em solos de baixa.

Se em termos genéricos e atendendo às cartas agrícolas e florestais e às de capacidade e uso de solos é esta a paisagem vegetal dominante nas duas manchas megalíticas, observando o terreno, verificamos que, por entre o coberto agro-florestal cartografado, as pequenas hortas, os minúsculos pomares e reduzidas culturas arvenses de regadio justificam e possibilitam a fixação humana, e é sempre nas imediações destes solos de baixa, com maior aptidão agrícola, que

se localizam os casais agrícolas actuais e simultaneamente os monumentos megalíticos.



Tipo de cobertura vegetal envolvente das sepulturas megalíticas na bacia do Sever (4)

Terá sido neste ambiente de espaços retalhados por terrenos incultos de matos espontâneos e povoamentos de folhosas, especialmente caducifólios e algumas sempreverdes, que os pequenos vales com melhores aptidões agrícolas, formados por solos litólicos não húmicos, aluviossolos ou coluviossolos, foram provavelmente explorados agricolamente pelos construtores dos monumentos megalíticos e continuamente utilizados até aos nossos dias.

É por entre os afloramentos graníticos ou nos festos compostos por litossolos de xistos, dominando pequenos mas verdejantes vales, que localizamos as sepulturas megalíticas da bacia do Sever. Provavelmente, ao tempo da construção e utilização destes monumentos, embora com algumas alterações, a paisagem não seria muito diferente da que antecedeu as recentes florestações industriais de eucaliptos e pinheiros. Essa paisagem já hoje praticamente inexistente na zona norte da margem portuguesa é ainda bem visível na margem direita do Sever, muito menos humanizada e não afectada por campanhas maciças de arborização.

4. OS DOIS TERRITÓRIOS

Como já temos vindo a constatar na bacia hidrográfica do rio Sever duas manchas megalíticas são isoláveis. Esta observação já anteriormente descrita é claramente visível, quer em planta, quer através dos cortes longitudinais das margens esquerda e direita. Se através do posicionamento geográfico geral estas duas manchas megalíticas são facilmente detectáveis elas tornam-se ainda mais evidentes quando projectamos a sua localização sobre uma carta geológica ou de solos. A Sul, nos solos litólicos não húmicos de granitos e rochas afins concentram-se os monumentos obtidos por blocos de granito. A Norte nos litossolos de xistos ou grauvaques localizam-se as pequenas sepulturas construídas por esteios de xisto.

A linha de separação entre os granitos e os xistos forma uma autêntica fronteira entre os dois grupos megalíticos localizados no interior da bacia. Se por si só esta observação é digna de registo, a sua continuidade para além da área em estudo confere-lhe ainda maior importância. Observando a carta geral de

distribuição de sepulturas megalíticas do Nordeste Alentejano e Noroeste da "Extremadura" espanhola, verifica-se que a linha de contacto entre os granitos e os xistos parece limitar claramente dois grupos megalíticos que não se isolam unicamente em termos de matéria-prima e correspondente especificidade arquitectónica. A diversidade dos dois grupos, para além dos aspectos enunciados nos capítulos dedicados à arquitectura e aos rituais, reflecte-se também, como temos vindo a analisar, na eleição dos locais de implantação, mas sobretudo, e como veremos noutro capítulo, nas características e número do espólio votivos.

Os distintos complexos geológicos que caracterizam a área em estudo, associados aos aspectos orográficos e conseqüentemente aos climatéricos que se projectam nas características florísticas e faunísticas específicas de cada um deles, devem ter condicionado duas economias que parecem corresponder respectivamente às duas e diferentes manchas megalíticas isoladas no interior da bacia do Sever.

Como já vimos, na zona mais montanhosa, com cotas superiores a 600 metros, não existem monumentos megalíticos. Na meia encosta granítica, sobretudo nas imediações da linha de contacto com os xistos distribuem-se os monumentos da mancha granítica. Apenas dois sepulcros ultrapassam essa linha, em algumas centenas de metros. Ao entrarmos nos litossolos de xistos da zona do Chão Salgado os sepulcros megalíticos não se registam, voltando de novo a ocorrer nas imediações da foz do Tejo. Uma larga faixa de terrenos, actualmente incluídos na classe E, portanto sem aptidões agrícolas, separam as duas manchas megalíticas. Esta *terra de ninguém* megalítica também o parece ter sido ao longo de toda a História (5).

Separam-se, assim, em termos arquitectónicos, orográficos, geológicos, faunísticos e florísticos dois grupos megalíticos que poderão corresponder a distintas comunidades, estruturadas em diferentes ecossistemas. Na zona sul, a

meia encosta, onde o micro-clima de características atlânticas esbate as amplitudes térmicas que castigam a outra região, desenvolve-se e provavelmente desenvolvia-se uma flora exuberante e habitada por múltiplas espécies cinegéticas. Este corredor dos granitos, abundante em água que facilitaria a exploração dos pequenos mas férteis vales na periferia da floresta, parece ter oferecido um conjunto de condições excepcionais ao desenvolvimento de uma economia mista em que a agricultura / horticultura se associa à exploração dos recursos que a floresta possibilita, quer em termos de caça, quer em termos de pastorícia. Esta economia rica e diversificada, provavelmente proporcionadora de excedentes, deverá em parte explicar o investimento energético despendido na monumentalidade e riqueza do mobiliário votivo do megalitismo deste grupo.

Mais a norte, onde as amplitudes térmicas dos climas de características mediterrânicas se fazem sentir, e onde os solos quase esqueléticos drenados por ribeiras de curso sazonal não facilitam a sua exploração em termos agrícolas ou florestais, parecem ter sido empurradas as populações para junto do grande rio, deixando uma larga faixa de terreno, por vezes superior a doze quilómetros, sem qualquer ocupação humana. Esta *terra de ninguém*, na margem portuguesa chamada de Chão Salgado, com idênticas características na margem espanhola, separa os dois grupos megalíticos.

Se as comunidades do sul que viviam na orla da floresta parecem ter encontrado nela o seu complemento alimentar, as do norte terão procurado no rio Tejo e foz do Sever o complemento nutritivo que os pequenos vales de reduzida aptidão agrícola não conseguiam fornecer. Duas comunidades explorando distintos recursos, proporcionando excedentes desiguais e condicionadores de diferentes estruturas sociais, em ambientes geológicos diferentes, deverão, para além de outras consequências, produzir ritualizações e discursos arquitectónicos distintos. Esta diversidade parece reflectir-se, independentemente das questões que se

colocam com a sua contemporaneidade, em diferentes atitudes perante a morte, demonstradas em termos arquitectónicos e rituais.

Embora os dois grupos sejam perfeitamente isoláveis em ambas as margens, existem informações sobre monumentos que numa observação imediata parecem estabelecer a ligação entre o Norte e o Sul. Na margem portuguesa temos informações de apenas dois monumentos. Um, no Terreno da Ribeira, noticiado por Georg e Vera Leisner (Leisner e Leisner, 1959), nunca mais voltou a ser localizado, nem os rendeiros e pastores da propriedade dele têm conhecimento. O outro, Vale de Gamenitos, ainda por nós visitado e hoje já desaparecido, os seus esteios pouco afloravam à superfície e em muito se assemelhava aos pequenos monumentos identificados no Termo de Cedillo. Na margem espanhola há notícias de oito sepulturas (6), também todas de xisto, que, embora mais afastadas do Tejo do que as suas congéneres, pertencem ao mesmo grupo. Construídas em xisto, implantadas no festo principal delimitador do Sever e arquitectonicamente associáveis à mancha megalítica dos xistos, estas pequenas sepulturas distanciam-se claramente da mancha megalítica do sul.

Apesar de um levantamento arqueológico por muito exaustivo que seja nunca poder ser dado por concluído, as várias prospecções efectuadas em ambas as margens, mas sobretudo na portuguesa, não revelaram mais nenhuma sepultura megalítica nesta *terra de ninguém*. Como já por várias vezes afirmámos, o território que separa as duas manchas megalíticas, para além de não possuir grandes aptidões agrícolas, e ser drenado por um reduzido número de linhas de água, na sua maioria sazonais, conferindo-lhe características ambientais muito particulares, parece não apresentar razões suficientemente fortes para justificar a ausência de ocupação humana, ou, pelo menos, a inexistência de manifestações megalíticas. Esta divisão torna-se mais compreensível com a sobreposição da carta de localização dos menires conhecidos na área em estudo sobre a das sepulturas megalíticas.

Ao fazermos coincidir as duas cartas, de imediato nos apercebemos que os principais menires se implantam exactamente ao longo da linha de contacto entre os granitos e os xistos, formando como que uma linha de fronteira.

5. POSICIONAMENTO DOS MENIRES

De entre os treze prováveis menires conhecidos no interior da bacia hidrográfica do rio Sever, cinco destacam-se, quer pelas suas dimensões, quer pelos locais que ocupam. As características volumétricas e escultóricas de cada um deles já as descrevemos no capítulo dedicado à arquitectura megalítica. Aqui importa tentar compreender o posicionamento e relação espacial entre as sepulturas megalíticas e os menires do Carvalhal, Meada, Corregedor, Pombais e Porra del Burro.

Ao contrário dos outros menires de pequenas dimensões, este grupo de cinco, se exceptuarmos o do Carvalhal, porque dele apenas conhecemos um fragmento, ultrapassam os 3,50 metros de altura. Também, e ao invés dos pequenos menires que se implantam em pequenos e estreitos vales nas imediações do sopé da Serra de S. Mamede, os de grande volume foram implantados no limite do "corredor granítico" envolvente da serra, coincidindo este limite, quer com o fim do patamar altimétrico dos 350 metros, quer com a demarcação da *mancha megalítica* dos granitos.

Implantados estrategicamente em cumeadas ou aproveitando afloramentos que em locais de características semelhantes poderiam configurar, após algum tratamento escultórico, a simbologia comum destes monumentos, estes cinco

menires parecem formar uma verdadeira linha delimitadora das sepulturas megalíticas obtidas em granito.

Como temos estado a verificar a escolha dos locais de implantação dos menires parece ter obedecido a normas bastante precisas, mas para além das já referidas, tudo indica que a selecção destes pontos de cumeadas prendeu-se, também, com o contacto visual que entre eles, em série, se pode estabelecer. Se hoje o coberto vegetal impossibilita que alguns menires sejam completamente avistáveis dos que mais próximo se localizam, esse contacto visual pode ser estabelecido pela projecção altimétrica a partir dos documentos cartográficos. Neste sentido, de particular interesse se reveste também a orientação do menir/estela do Carvalhal. Este monumento apresenta as superfícies mais largas viradas exactamente no sentido nascente-poente, correspondendo à orientação geral da linha de menires, possibilitando, assim, uma melhor visibilidade. Realce merecem também as grandes dimensões do menir da Meada, elevando-se acima do solo mais de seis metros. O local de implantação deste menir é o que maiores dificuldades apresenta para o estabelecimento do contacto visual com o do Carvalhal. Só a grande altura deste monólito possibilita a visualização com o que mais a poente se encontra.

Não deixa de ser também interessante ressaltar o regular espaçamento entre os menires em referência. Observando o mapa de localização verificamos que eles se distribuem com uma notável regularidade neste território, sempre, ou sobre a linha de contacto entre os granitos e os xistos, ou na cumeada mais próxima, nunca entrando em terrenos de xistos mas também nunca deles se afastando mais do que algumas centenas de metros.

Ainda analisando a implantação dos menires verifica-se que o seu território visual para norte se esgota onde se inicia o território da *mancha megalítica* dos

xistos, enquanto que para sul ele é muito mais pequeno, completamente inserido no ambiente megalítico dos granitos.

Pelo que temos vindo a descrever, tudo indica que estes cinco menires, localizados na área em estudo, parecem ser monumentos multifuncionais e impregnados de simbologias diversas que se interligam perfeitamente no ambiente geográfico e cultural das sepulturas megalíticas da bacia hidrográfica do Sever.

Alargar as prospecções para além da bacia do Sever e compreender se esta linha de cinco menires, que parecem delimitar dois territórios megalíticos, tem continuidade, parece ser provavelmente o melhor processo para avaliar a justeza das nossas observações. Independentemente das datações que se possam vir a obter, quer para os monumentos da *mancha megalítica* dos xistos, quer para os carvões recolhidos nos alvéolos dos menires do Carvalhal e Meada, esta linha de menires demarca dois territórios que, pelo menos do ponto de vista altimétrico, geológico, agro-florestal e climatérico, são completamente distintos.

6. RESUMINDO

Nas quatro regiões naturais em que claramente se divide a bacia hidrográfica do rio Sever parecem isolar-se duas *manchas megalíticas* separadas por uma *terra de ninguém*. Cinco menires de grandes dimensões implantados sobre a linha de contacto granitos - xistos reforçam esta separação.

Num território sem grandes aptidões agrícolas as duas *manchas megalíticas* concentram-se nas imediações de estreitos vales de solos de baixa onde a exploração agrícola tem mais sucesso. A clara ausência de monumentos

megalíticos no fértil vale da freguesia da Aramenha parece evidenciar a rejeição dos solos mais pesados por parte das comunidades construtoras de megálitos. As maiores concentrações de monumentos coincidem com as áreas continuamente mais humanizadas, parecendo demonstrar que os solos com maior procura agrícola durante a maior parte da História não foram os mais pesados. Na floresta que cobriria a Serra de Mamede ou no Tejo encontrariam as populações construtoras de sepulcros megalíticos o complemento alimentar que a terra não lhes forneceria. A diferente estrutura económica onde se alicerçavam as comunidades responsáveis pelas duas manchas megalíticas parece reflectir-se nos mais diversos aspectos que as distinguem. A grande monumentalidade dos sepulcros da orla da floresta contrasta com a pobreza arquitectónica dos monumentos da foz do Sever, consequência provável, tal como ainda hoje se observa, de diferentes recursos económicos, propiciadores de distintas estruturas sociais.

Na área da bacia hidrográfica do Sever, quer na *mancha megalítica* dos granitos, quer na dos xistos ao tentarmos isolar territórios de exploração (7) ou áreas de influência, verificámos que em face da grande proximidade dos sepulcros, raramente conseguimos isolar territórios de mais de dez minutos, como se pode confirmar por qualquer das plantas de localização apresentadas. Parece assim claro que estes sepulcros traduzem uma grande homogeneidade dentro de cada grupo, implantados nas áreas com melhor aptidão agrícola, face aos recursos técnicos disponíveis.

A ausência nesta região de habitats claramente contemporâneos dos monumentos megalíticos poderá indiciar um povoamento disperso, formado por pequenas e frustes cabanas, situadas nas imediações dos monumentos funerários e dependentes de uma economia mista, em que a agricultura / horticultura, a pastorícia e a caça ou a pesca se completavam. Um povoamento e uma economia muito idênticos à paisagem e exploração que ainda hoje caracteriza a região em geral, mas que proporciona diferentes volumes de excedentes, proporcionais à

riqueza dos solos explorados e que se poderão ter traduzido nas diferentes formas de monumentalizar o espaço dos mortos que caracterizam as duas manchas isoladas. A concentração de sepulcros em encostas ou planaltos sobranceiros a terrenos de baixa drenados por linhas de água de curso anual parece corresponder à estratégia de povoamento que continuamente caracterizou esta região.

Pela tendência geral da ocupação do solo verificou-se serem os locais de planalto ou as encostas viradas para o Sever as preferidas para a implantação dos sepulcros. As encostas viradas a Norte ou a Sul, provavelmente por factores climáticos, não foram monumentalizadas.

Numa abordagem genérica foram estas as tendências observadas, mas em termos comparativos entre os dois grupos identificados, verifica-se que na *mancha dos xistos* as linhas de cumeada, sobretudo os locais mais evidentes, foram os preferidos, contrastando com os locais escusos, geralmente entre batólitos, onde se situam a maior parte dos monumentos da *mancha dos granitos*.

Diferentes aspectos distinguem as duas *manchas megalíticas* parecendo reflectir estruturas económicas e sociais distintas que, a serem contemporâneas, foram provavelmente geradoras de focos de conflitualidade que a *terra de ninguém* e o domínio visual dos menires parecem querer confirmar, somados aos vestígios de profundos traumatismos provocados por objectos cortantes e perfurantes detectados nos restos ósseos inumados. Para além da simbologia fálica de praticamente todos os menires, eles parecem formar como que uma rede de atalaias delimitadora do território com maiores recursos económicos testemunhados pela monumentalidade arquitectónica e número e riqueza do espólio funerário.

NOTAS

(1) - O espaço por nós considerado como área envolvente é limitado a poente e a nascente pelos primeiros cursos de água anual, respectivamente a Oeste a Ribeira de Nisa e Ribeira de Fivenco e a Este pelo Rio Aurela e pelo Regato de la Cabriosa. A Sul delimitámos este espaço pelo festo da Serra de S. Mamede e seus contrafortes. Abrange-se, assim, uma área que ultrapassa os 1450 Km² na qual se conhecem 191 sepulturas megalíticas.

(2) - O monumento de maiores dimensões desta provável necrópole, por se situar na tapada denominada pequena, é vulgarmente conhecido por Sapateira Pequena, enquanto que um pequeno monumento situado junto à ribeira da Sapateira, porque se localiza na Tapada Grande da Sapateira tem o nome de Anta da Sapateira Grande. Não correspondem, portanto, os topónimos à volumetria dos monumentos.

(3) - Anta da Sapateira Grande e Anta III dos Coureiros.

(4) - CA - Cultura arvensis de sequeiro

SB - Montado de sobreiros

IC - Inculto / mato

AZ - Montado de azinheiras

OL - Olival

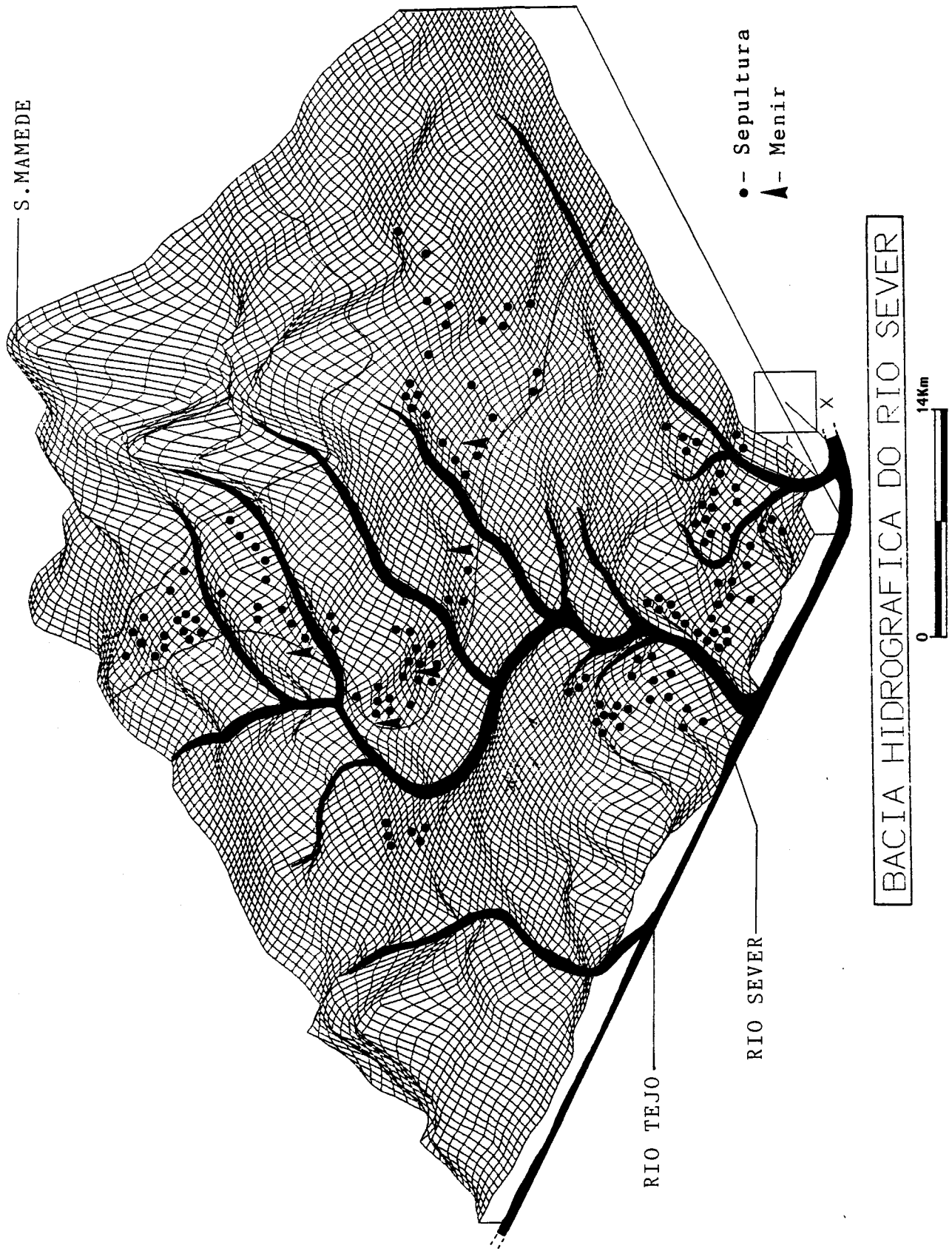
CV - Carvalhal

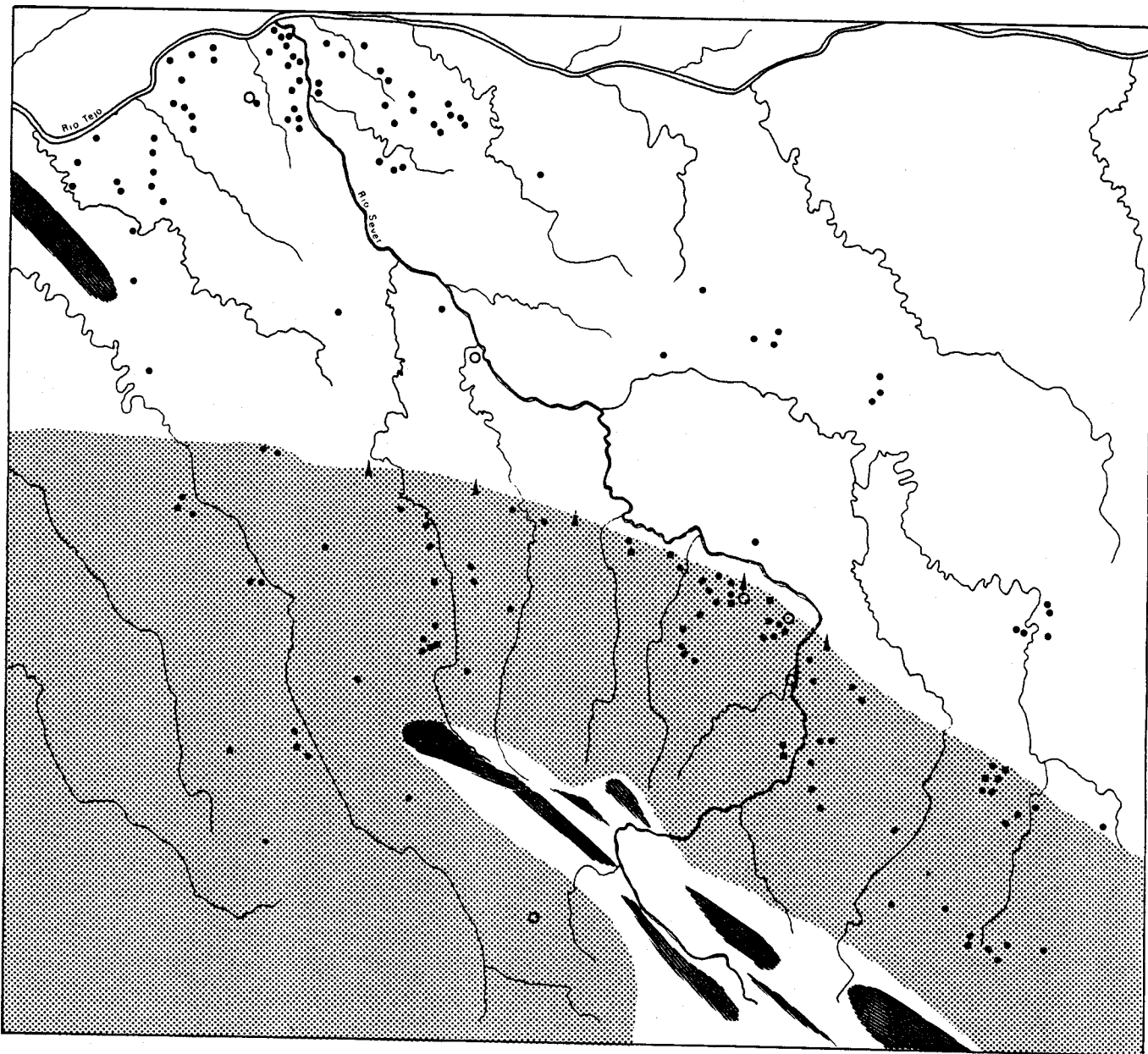
(5) - Os raros testemunhos arqueológicos que nestes terrenos pouco enrugados se conhecem resumem-se a alguns fragmentos de *tegulae* e restos de muros junto ao Sever.

(6) - Necrópoles de *La Finca de Porqueros e de Cuadrillas de la Duquesa*.

(7) - Baseados sobretudo nos ensaios de Davidson e Bailey (1984).

DOCUMENTAÇÃO GRÁFICA



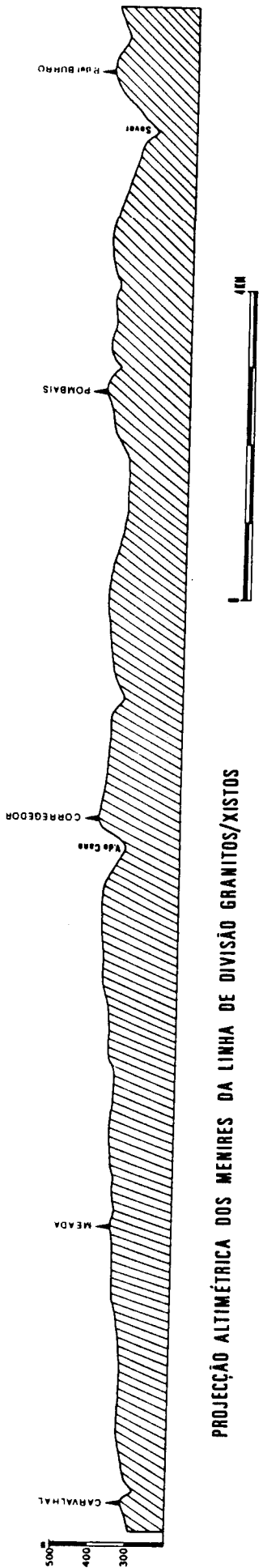


-  GRANITOS
-  XISTOS
-  QUARTZITOS

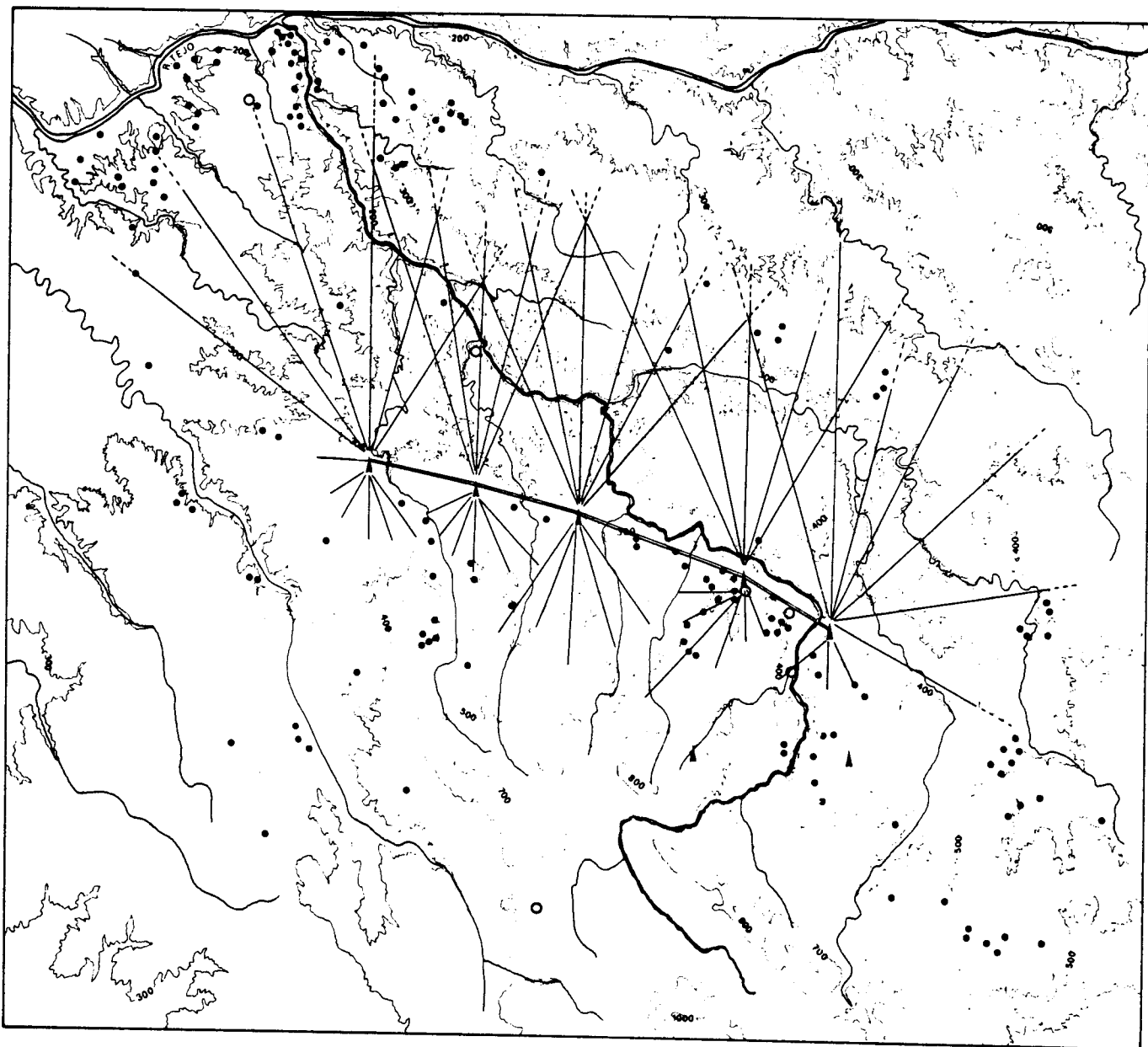
**CARTA GEOLÓGICA (ABREVIADA)
DA BACIA DO SEVER**



- SEPULTURA MEGALÍTICA
- ▲ MENIR
- HABITAT



PROJEÇÃO ALTIMÉTRICA DOS MENEIRES DA LINHA DE DIVISÃO GRANITOS/XISTOS



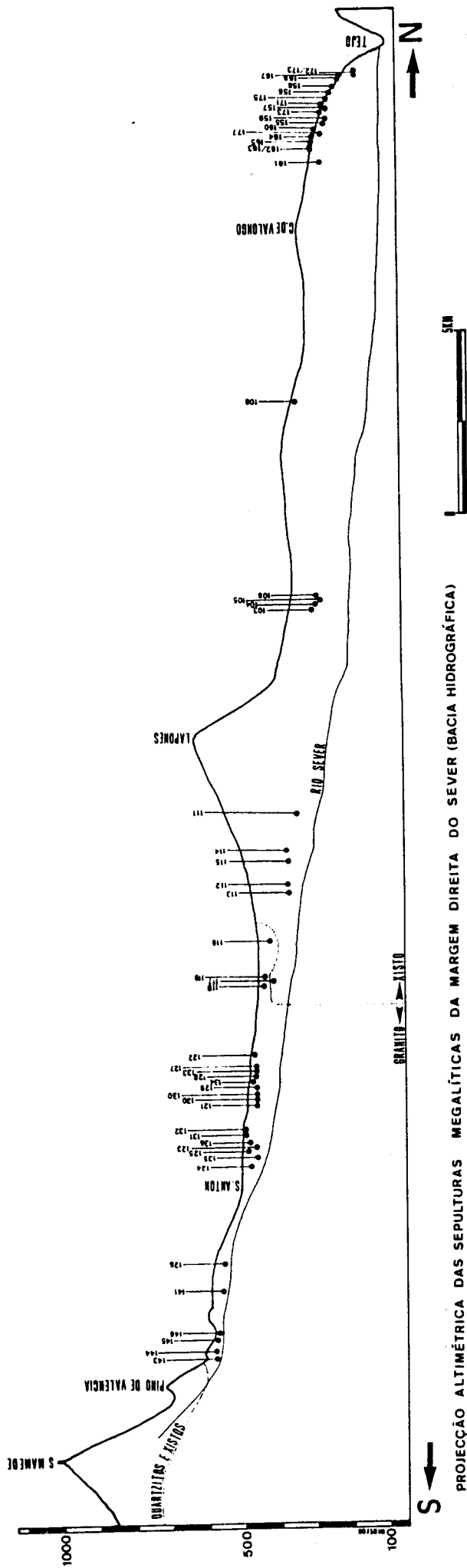
**CARTA HIPSOMÉTRICA (ABREVIADA)
DA BACIA DO SEVER**

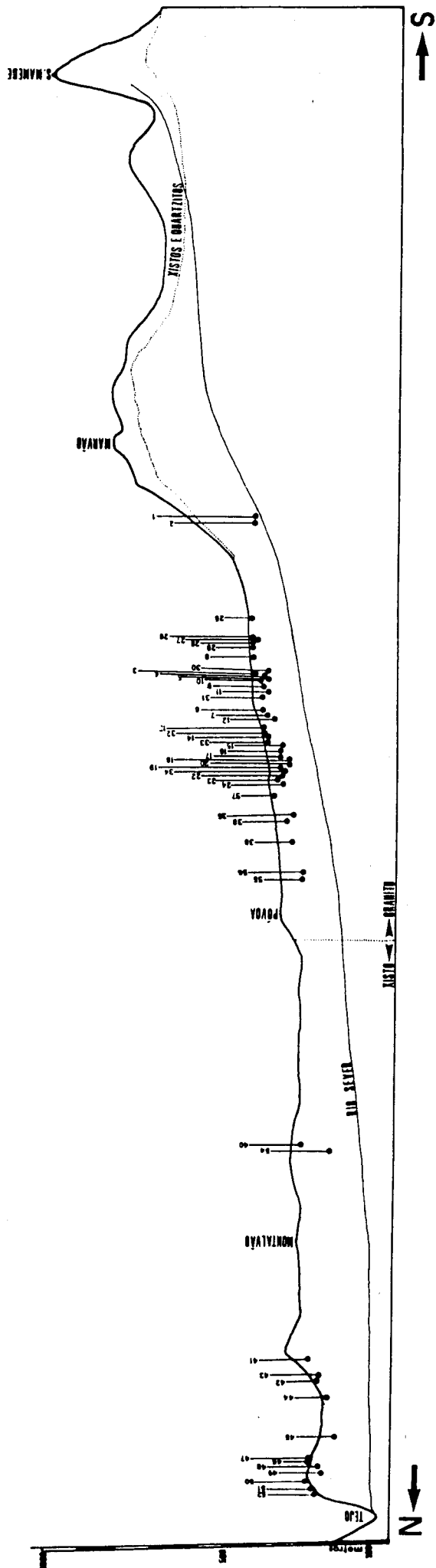
DOMÍNIO VISUAL DOS MENIRES



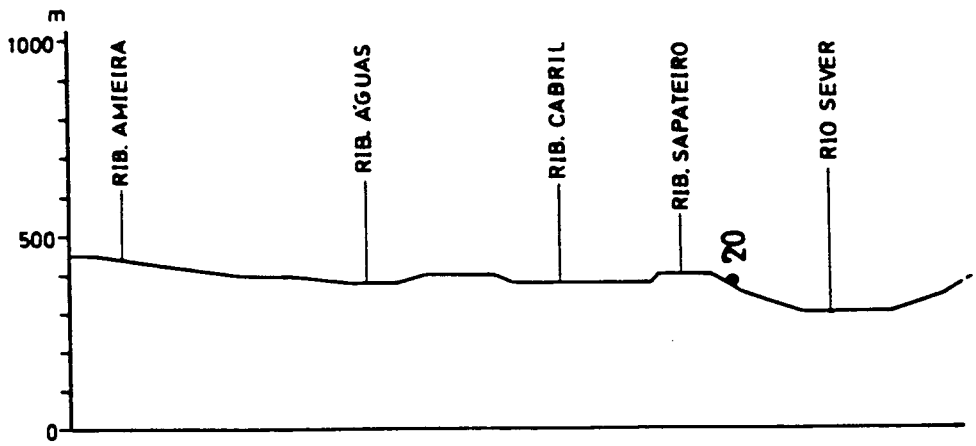
• SEPULTURA MEGALÍTICA
▲ MENIR
○ HABITAT

CORTES LONGITUDINAIS
E
TRANSVERSAIS

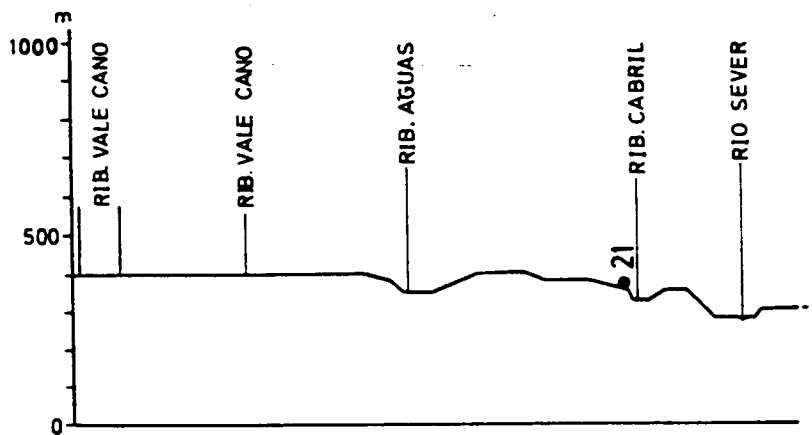




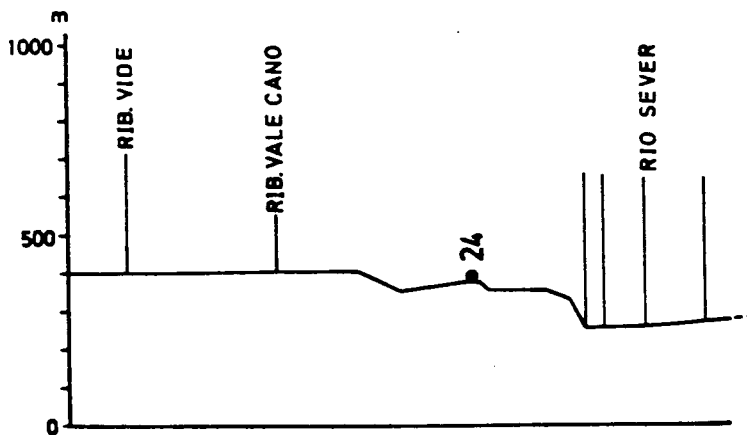
PROJEÇÃO ALTIMÉTRICA DAS SEPULTURAS MEGALÍTICAS DA MARGEM ESQUERDA DO SEVER (BACIA HIDROGRÁFICA)



20 - ANTA DO MATINHO

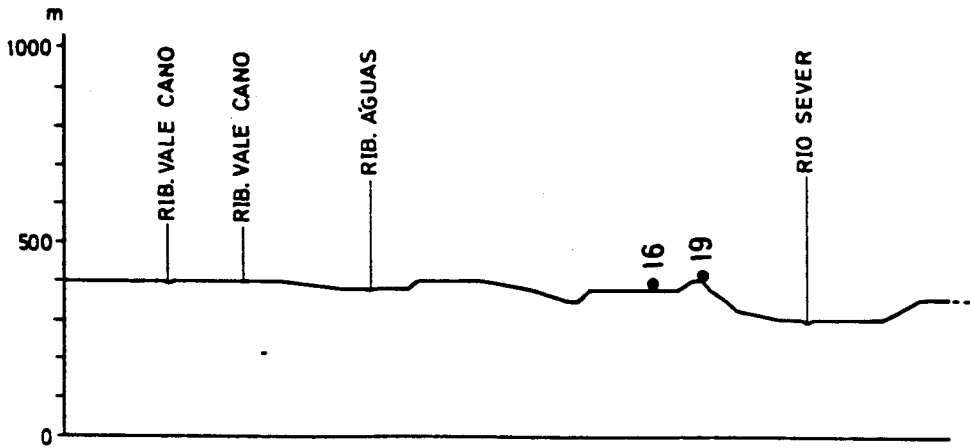


21 - ANTA DA CABEÇUDA

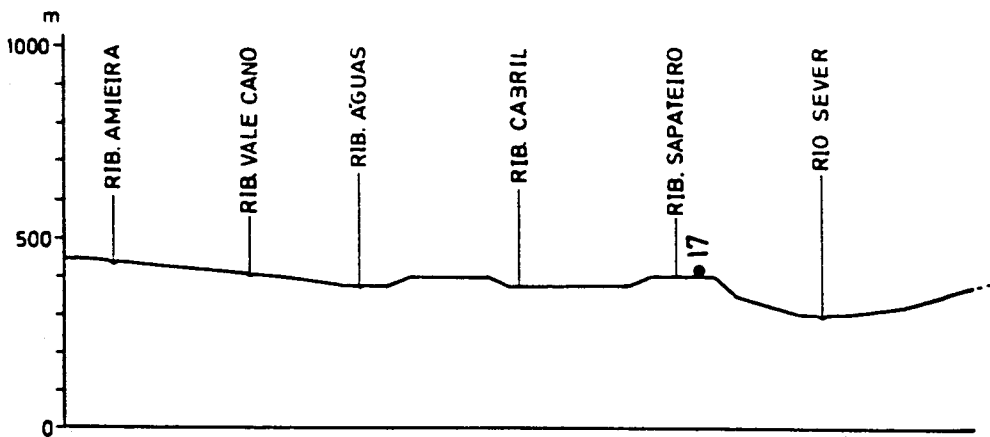


24 - ANTA I DO PEREIRO

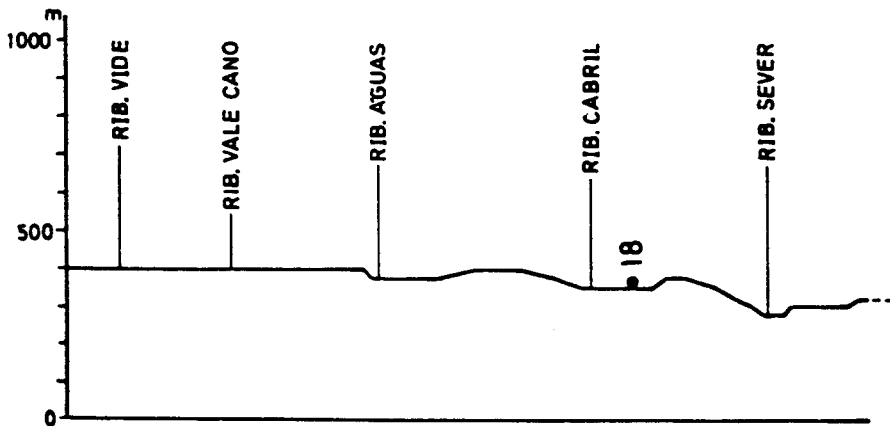




16 - ANTA DA TRABOIA 19 - ANTA DA ATALAIA

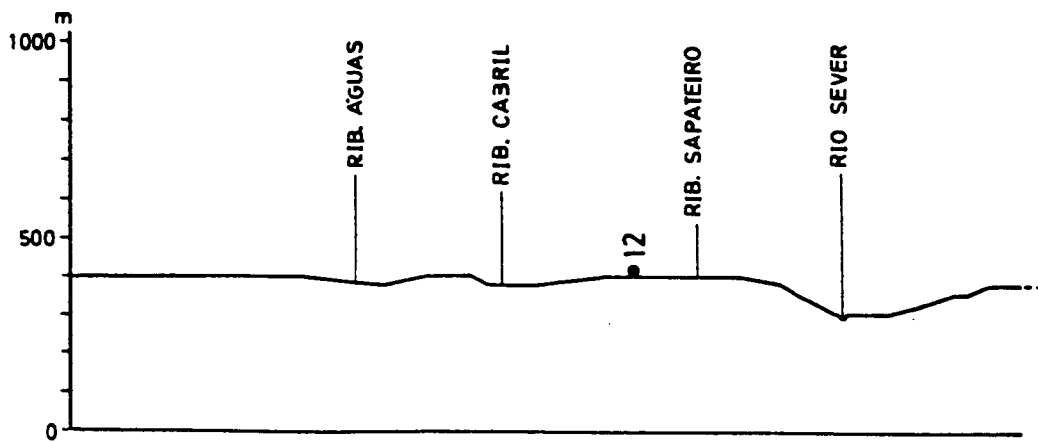


17 - ANTA DA FERRENHA

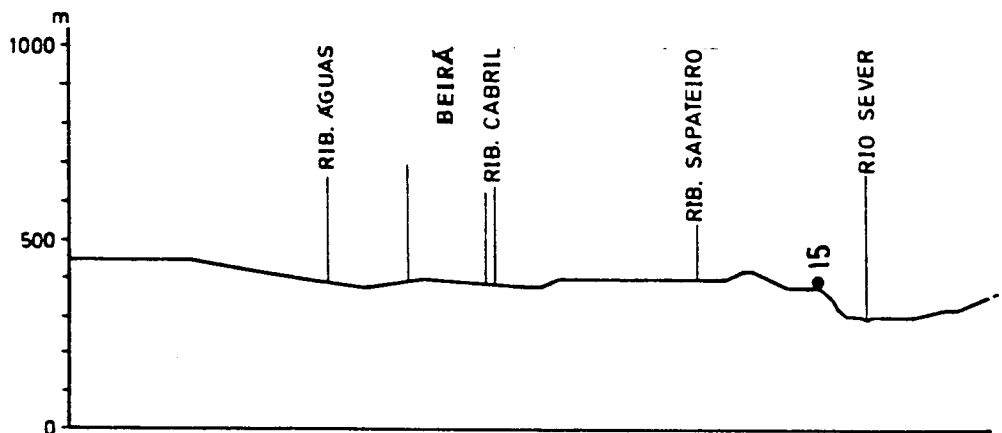


18 - ANTA DO JARDIM

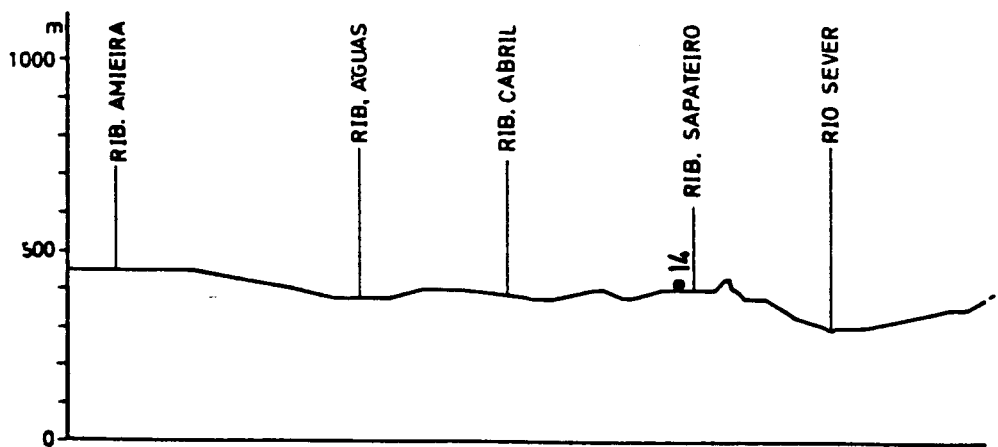




12 - ANTA DO VALE DA FIGUEIRA

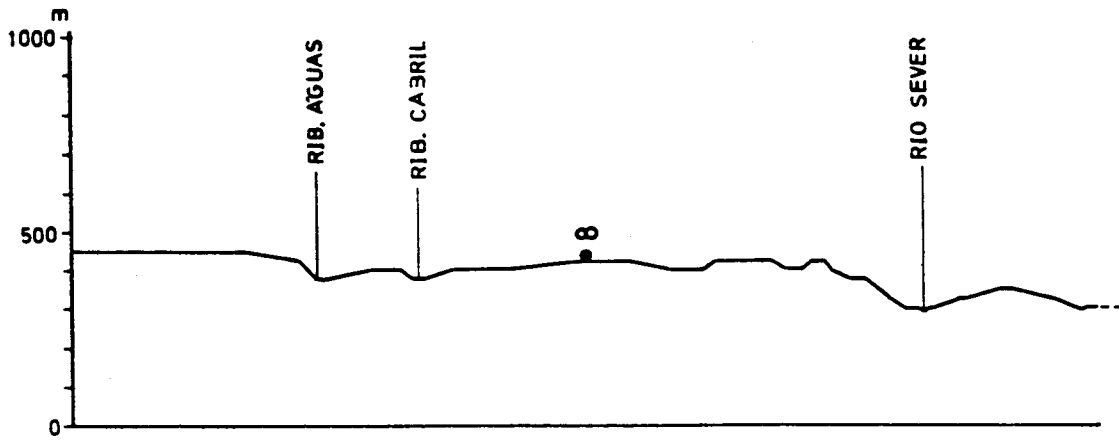


15 - ANTA DOS POMBAIS

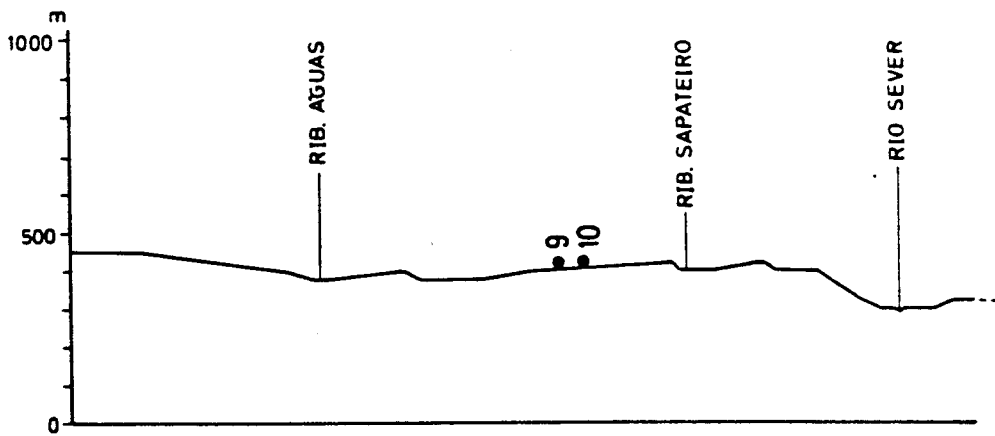


14 - ANTA DA SAPATEIRA PEQUENA

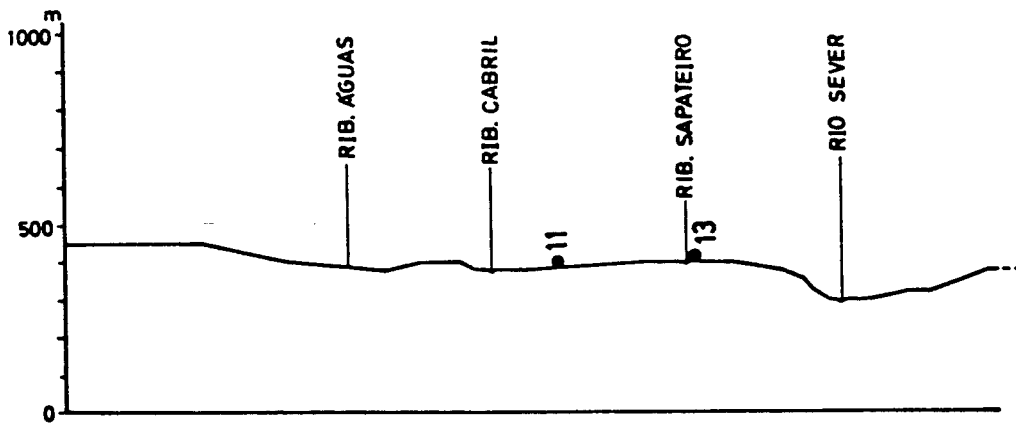




8 - ANTA DA MEIRINHA

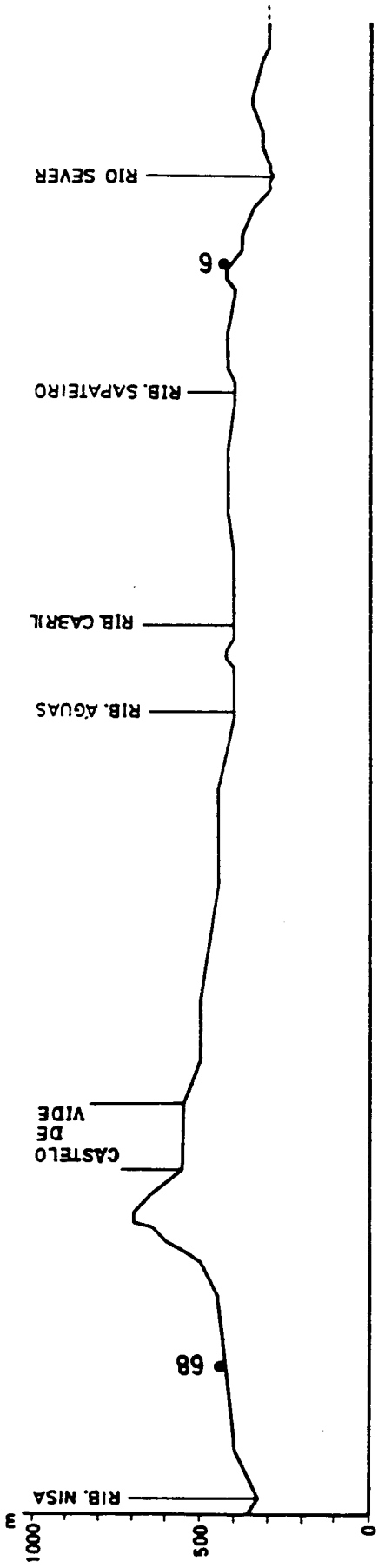


9 - ANTA DA TAPADA DA ANTA 10 - ANTA DA SOCHA DA MEIRINHA

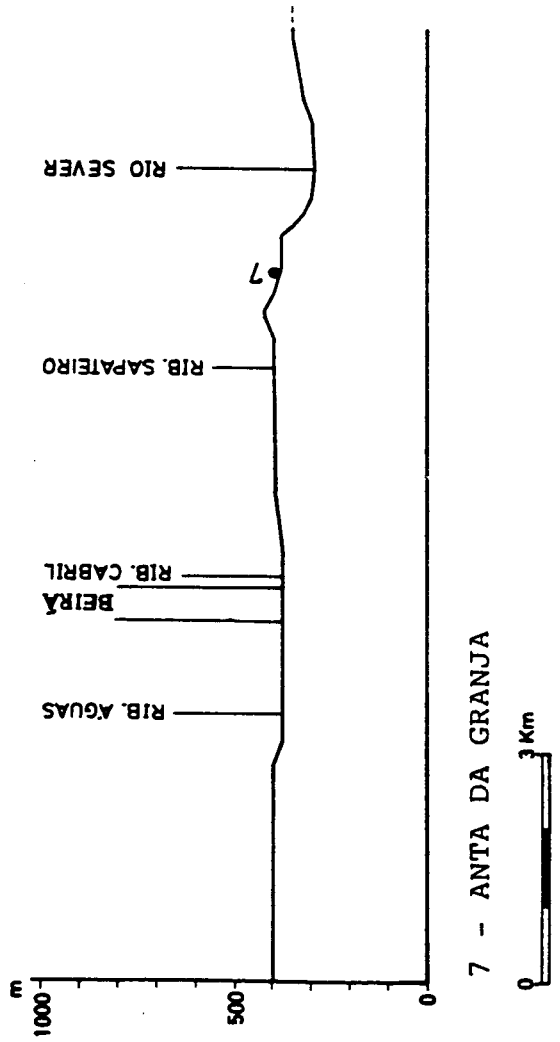


11 - ANTA DA CAVALINHA 13 - ANTA DA SAPATEIRA GRANDE

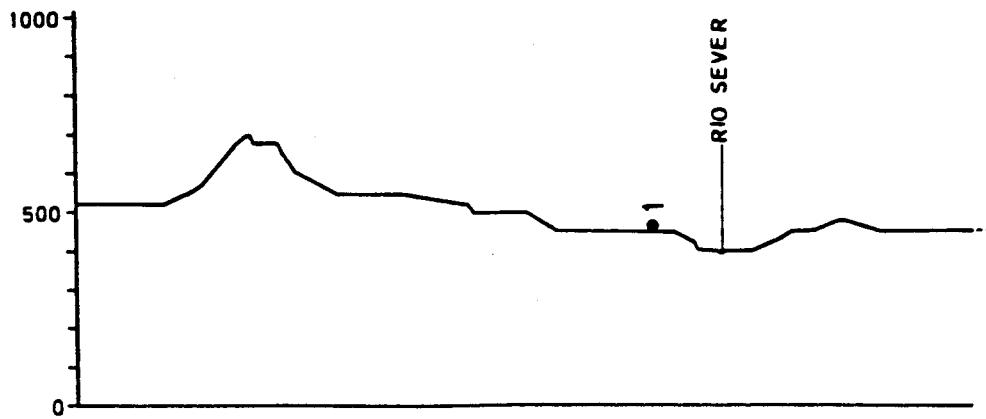




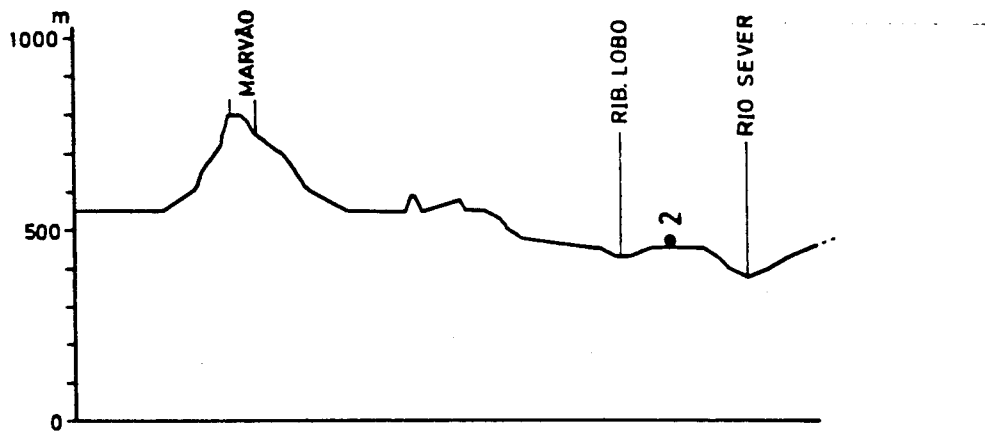
68 - ANTA DO SOBRAL 6 - ANTA DA ENXEIRA DOS VIDAIS



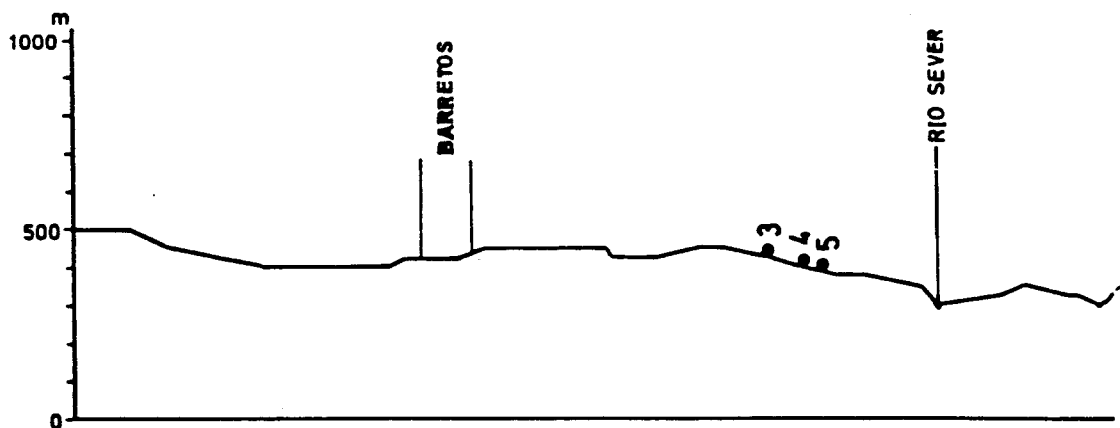
7 - ANTA DA GRANJA



1 - ANTA DAS CASTELHANAS

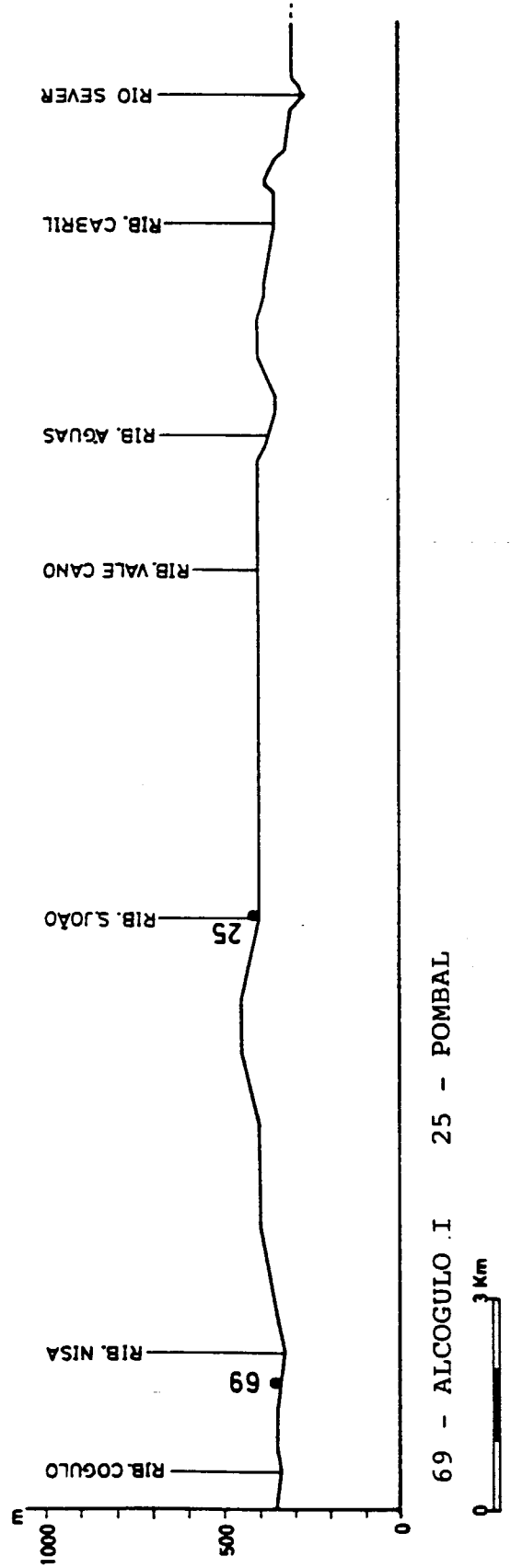
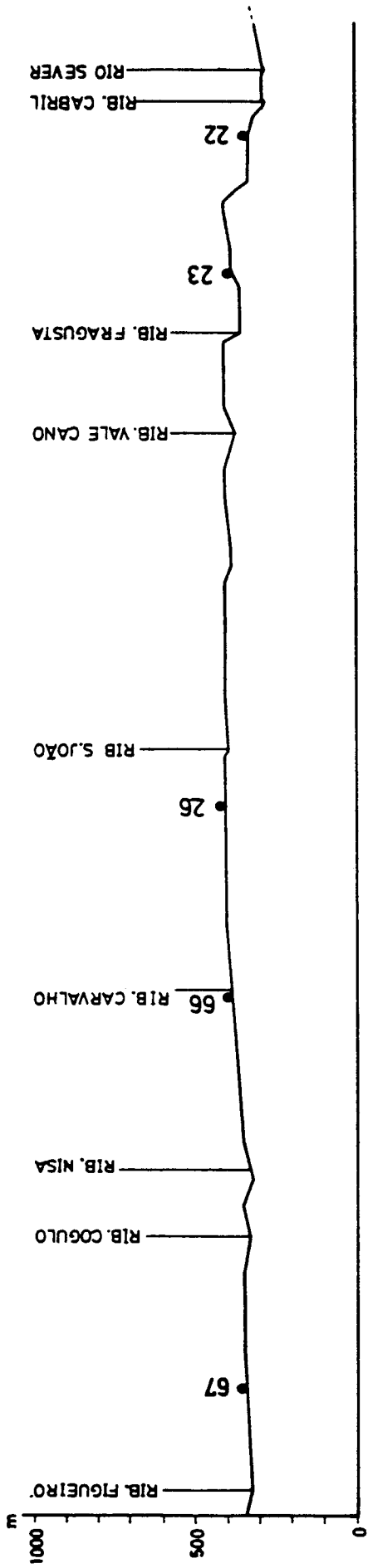


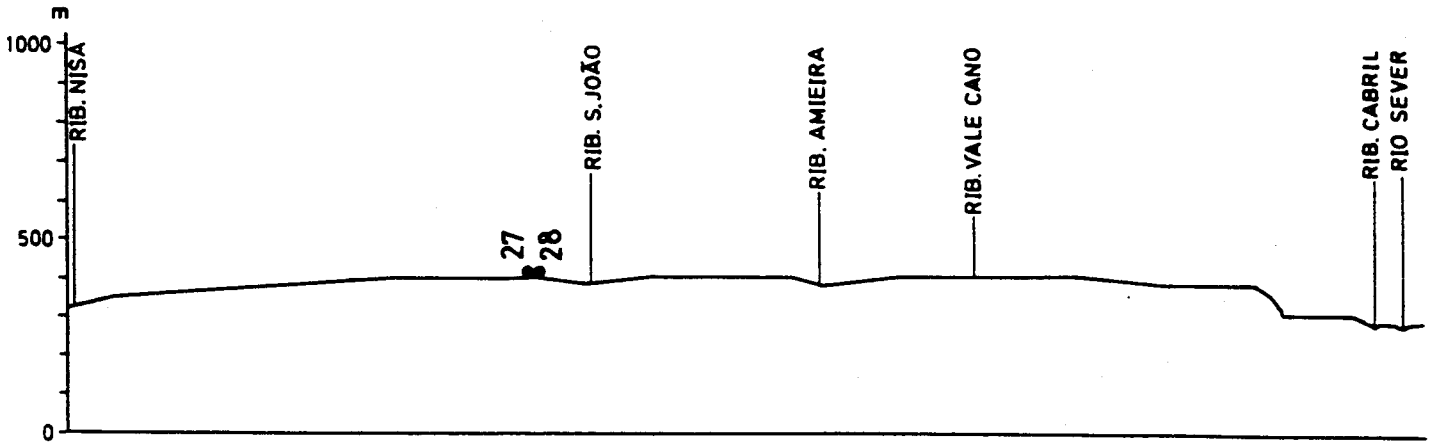
2 - ANTA DO RIBEIRO DO LOBO



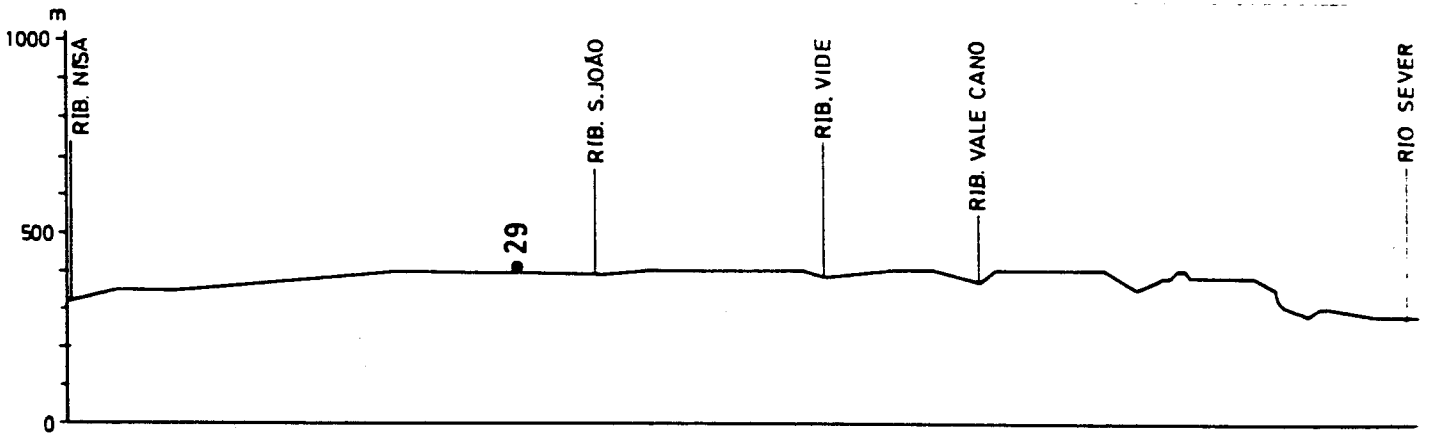
3 - BOLA DA CERA 4 - TAPADA DO CASTELO 5 - LAJE DOS FRADES



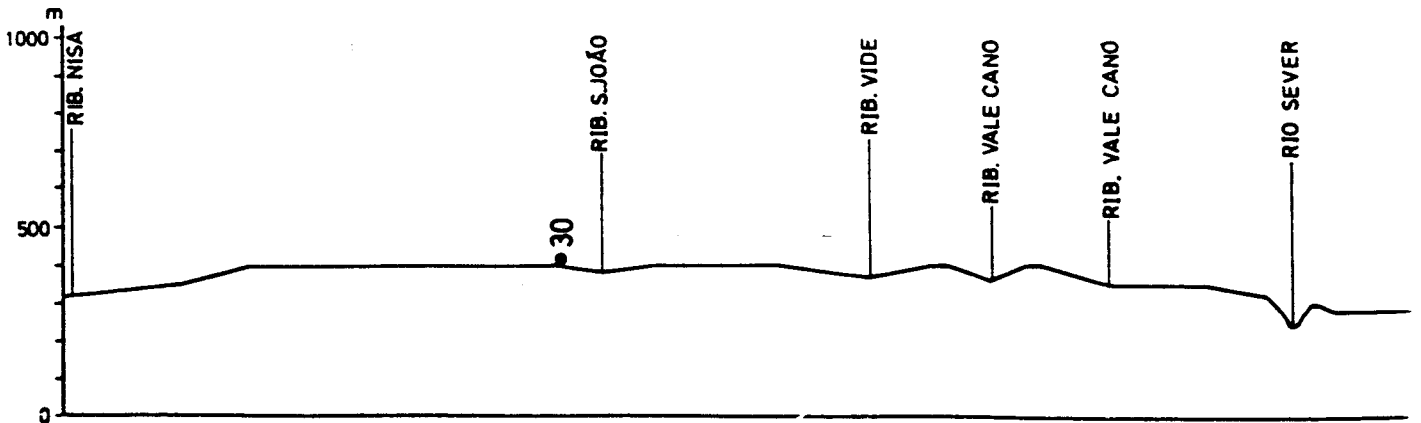




27 - COURELEIROS II 28 - COURELEIROS III

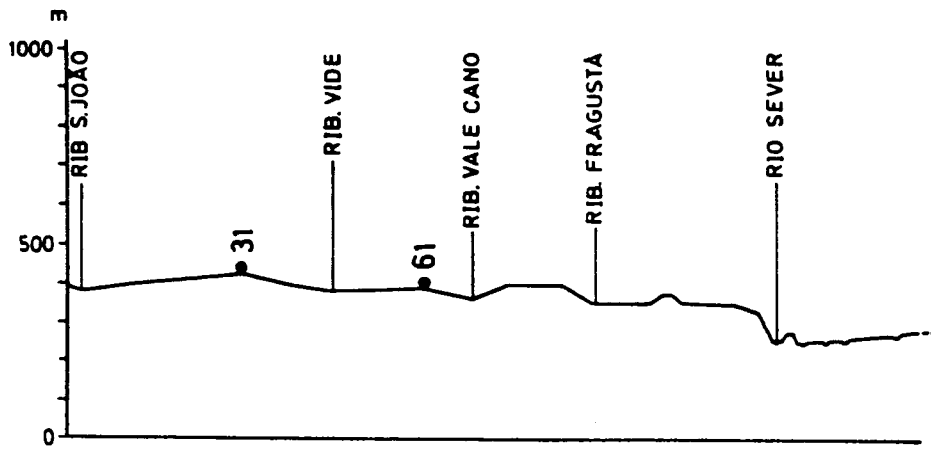


29 - COURELEIROS IV

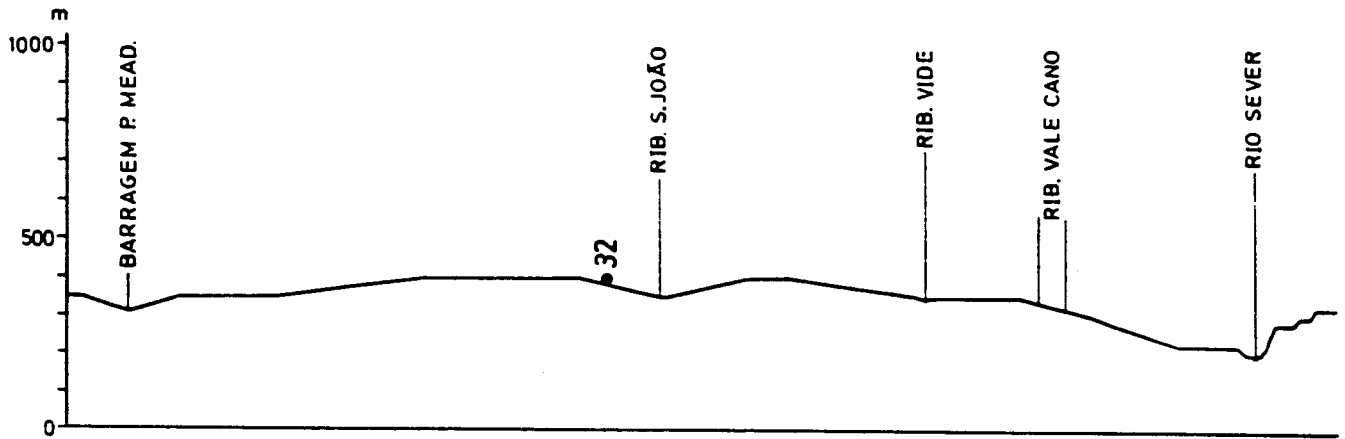


30 - COURELEIROS V

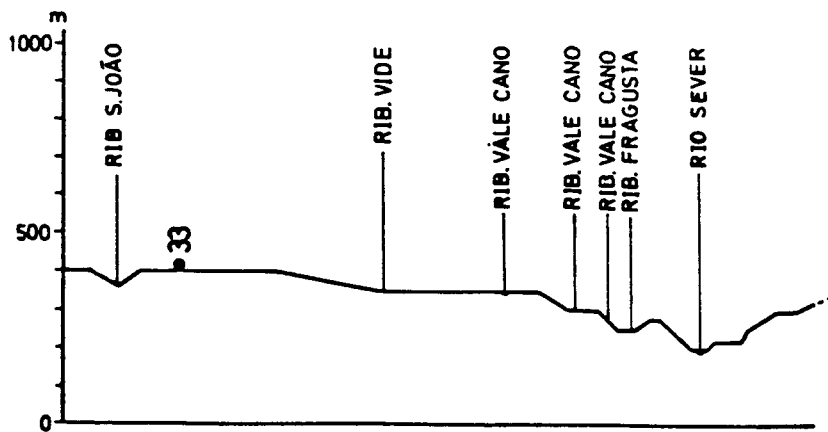




31 - GALHARDO 61 -REGISTO DA MORENA

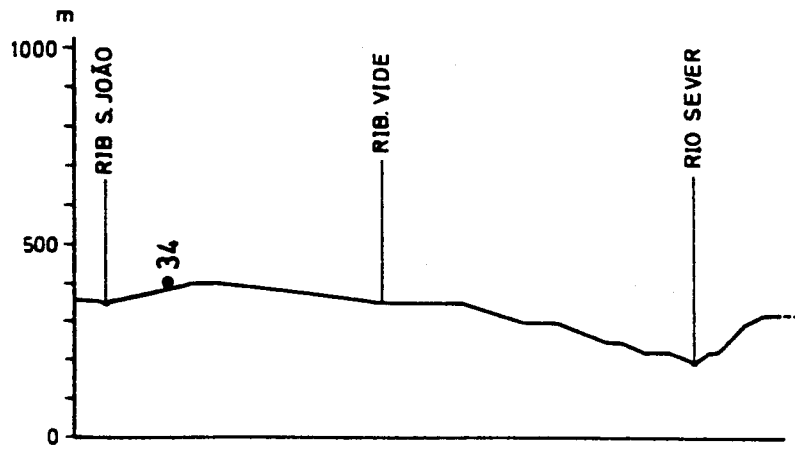


32 - JOCEL

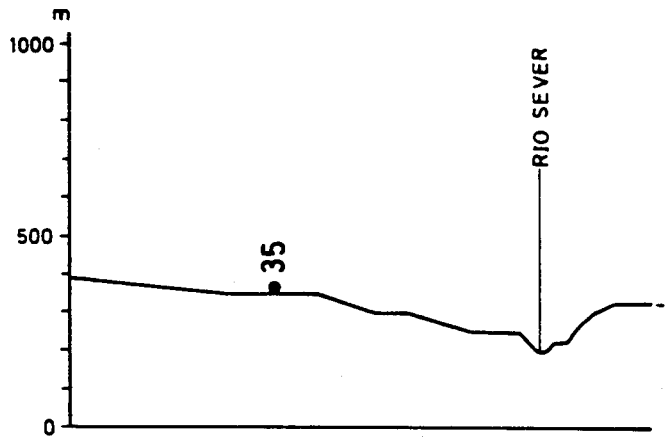


33 - PERO DE ALVA

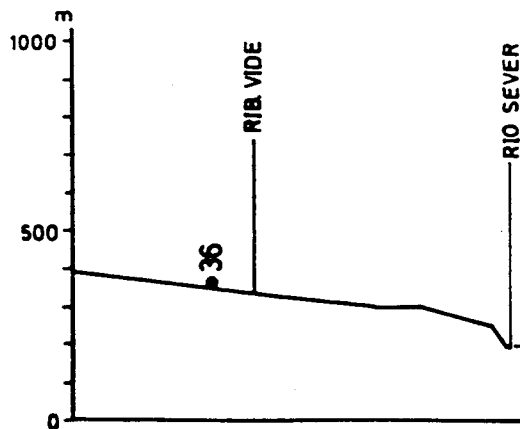




34 - OLHEIROS

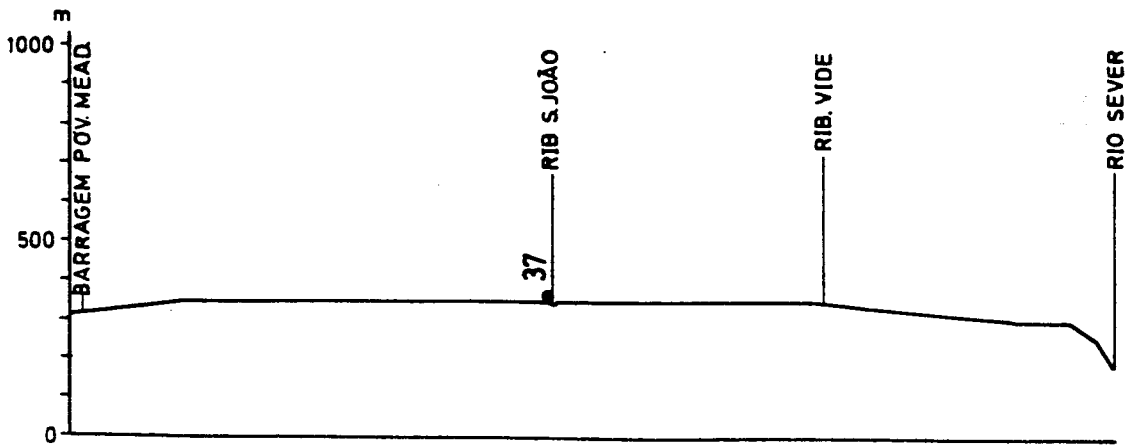


35 - PORTO AIVADO

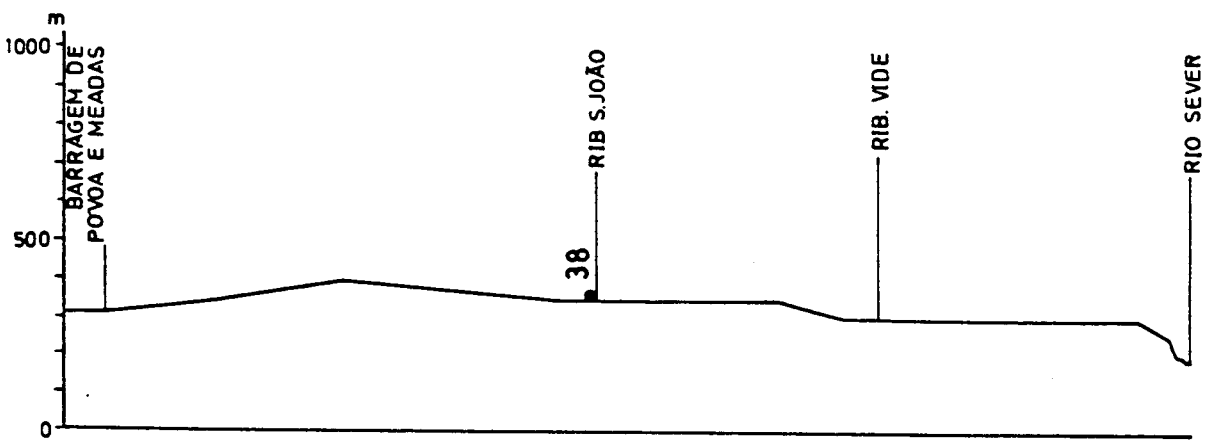


36 - VALE SANCHO

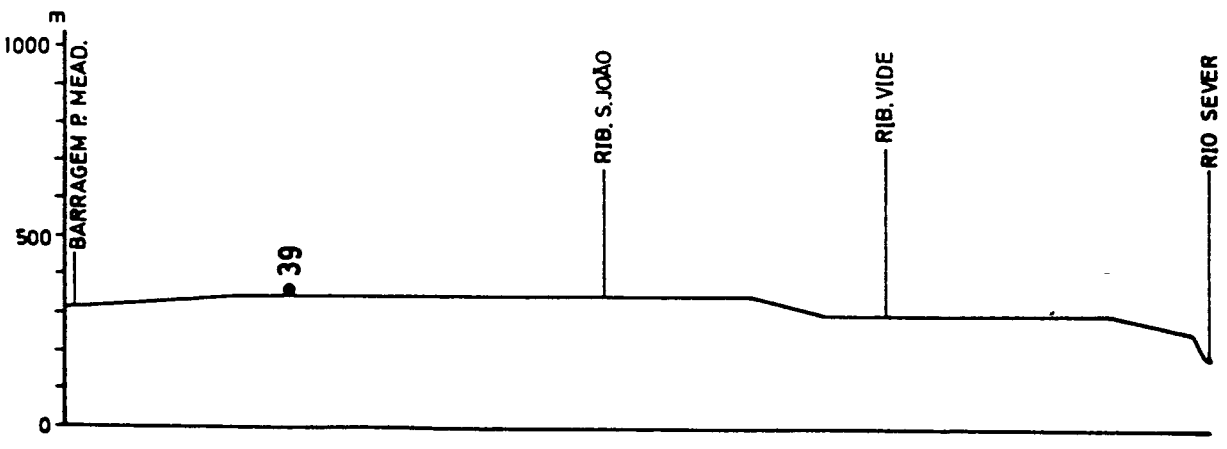




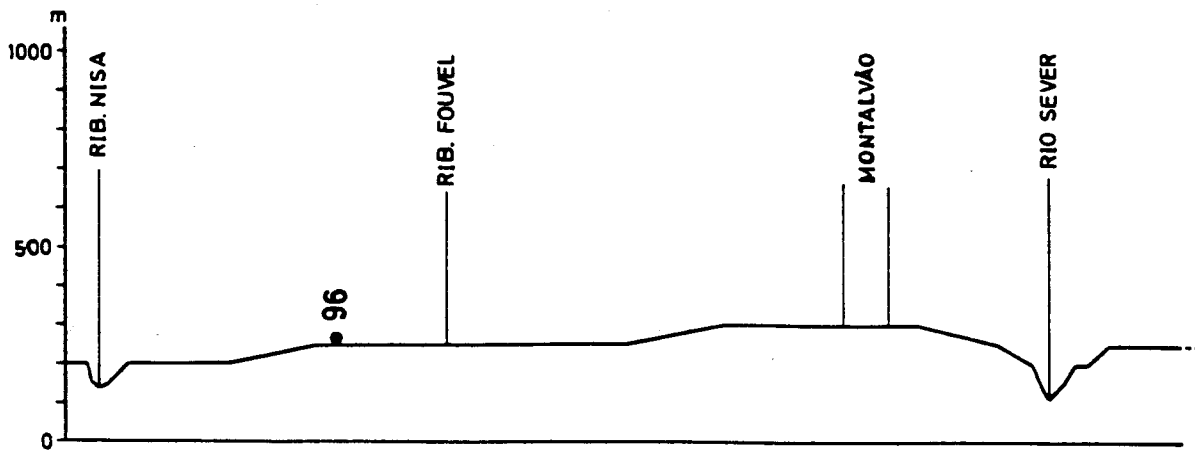
37 - VÁRZEA DOS MOURÕES



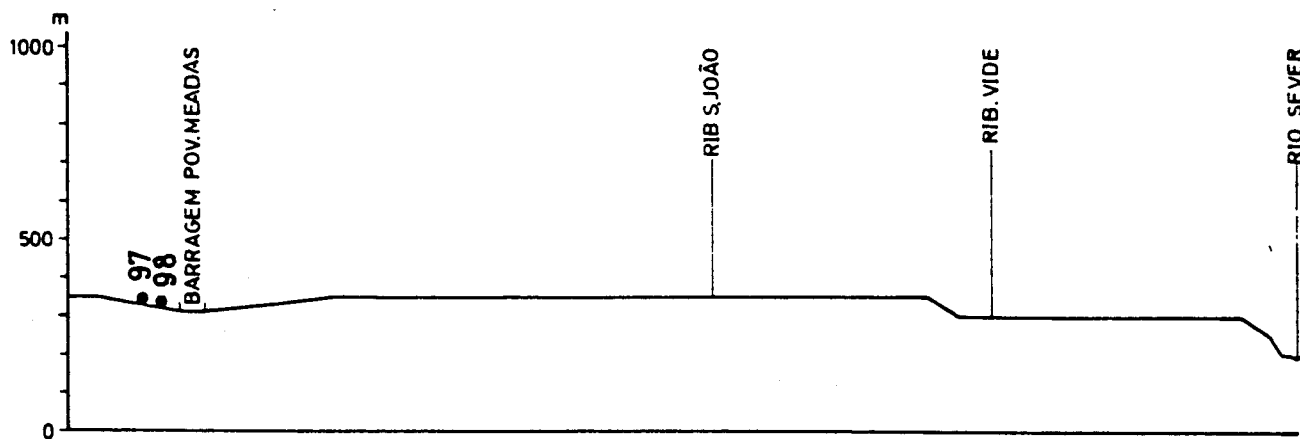
38 - CEREJEIRO



39 - VALE DA ESTRADA

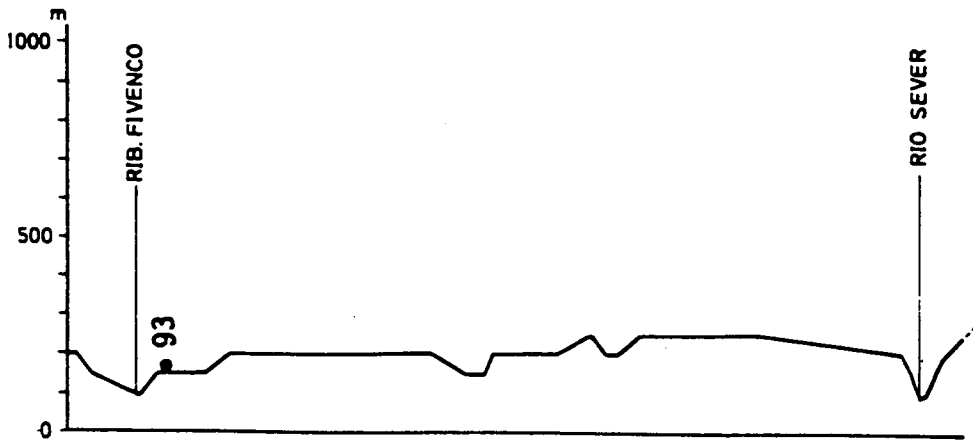


96 - LAMEIRA LONGA

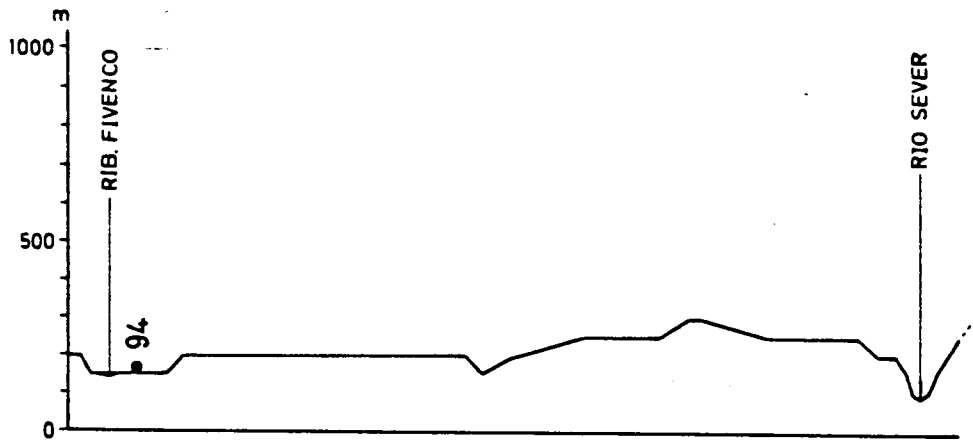


97 - TAPADA DO SOUTO 98 - CURRAIS DO GALHORDAS

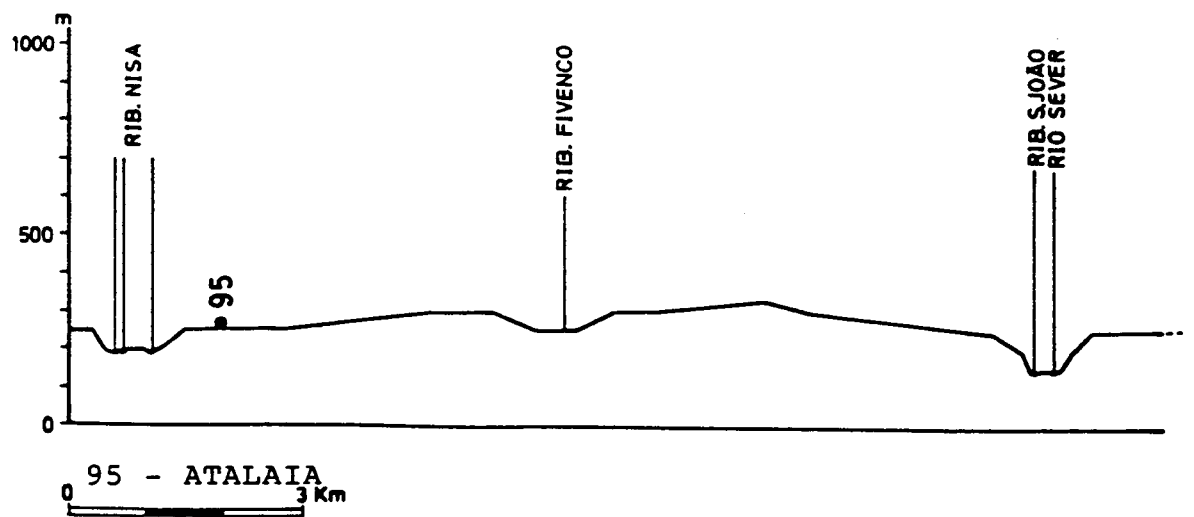




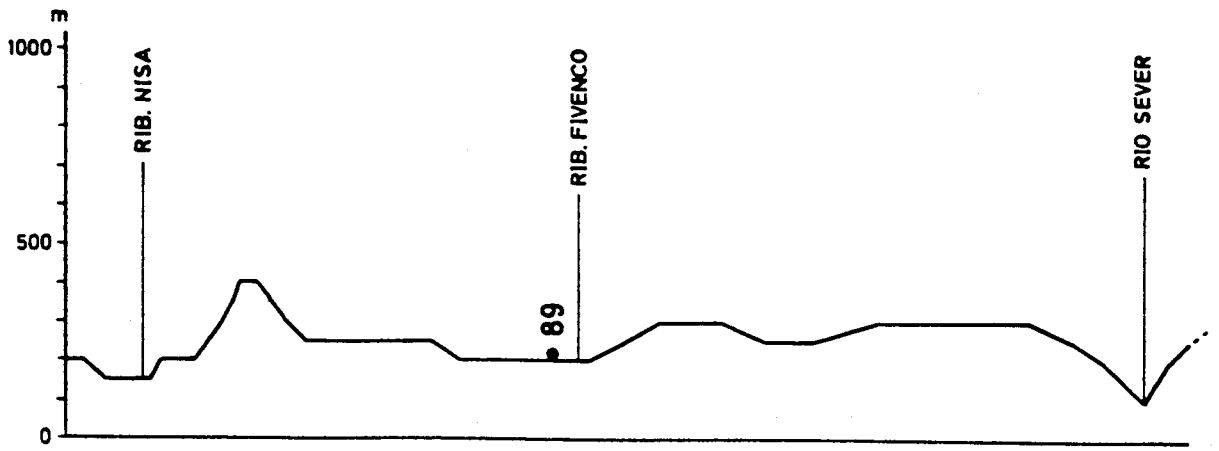
93 - FAZENDEIRO I



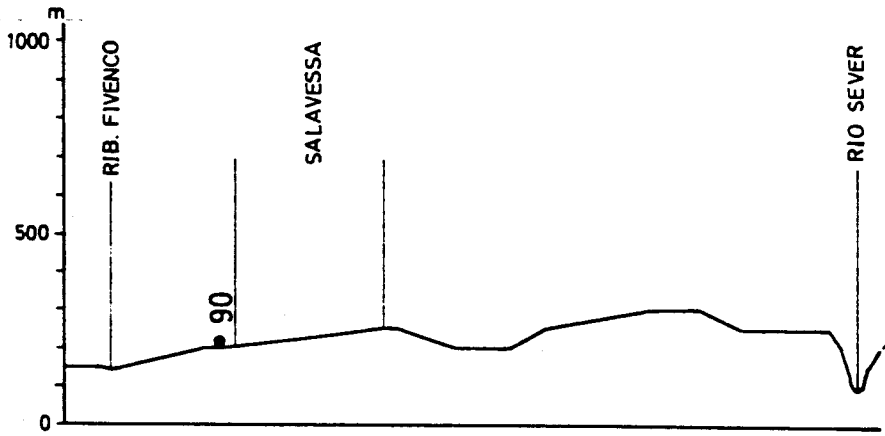
94 - FAZENDEIRO II



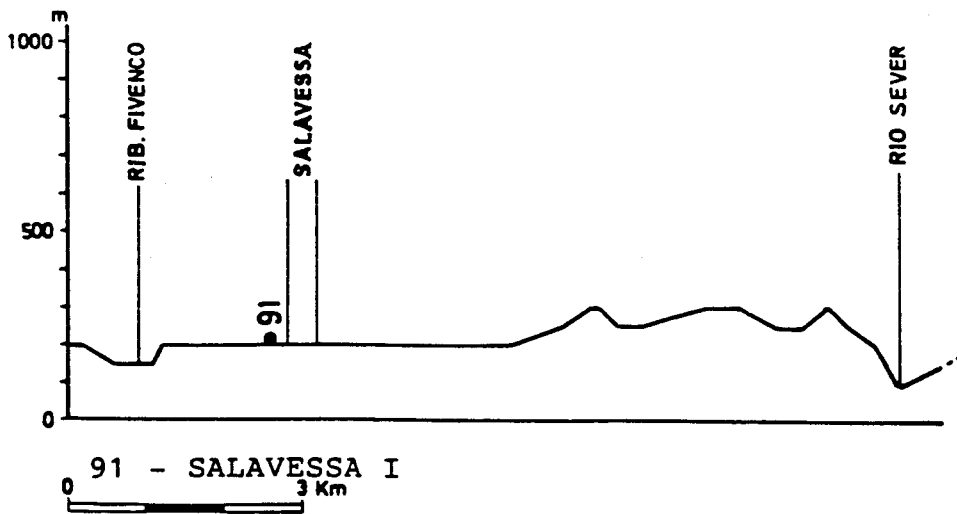
95 - ATALAIA



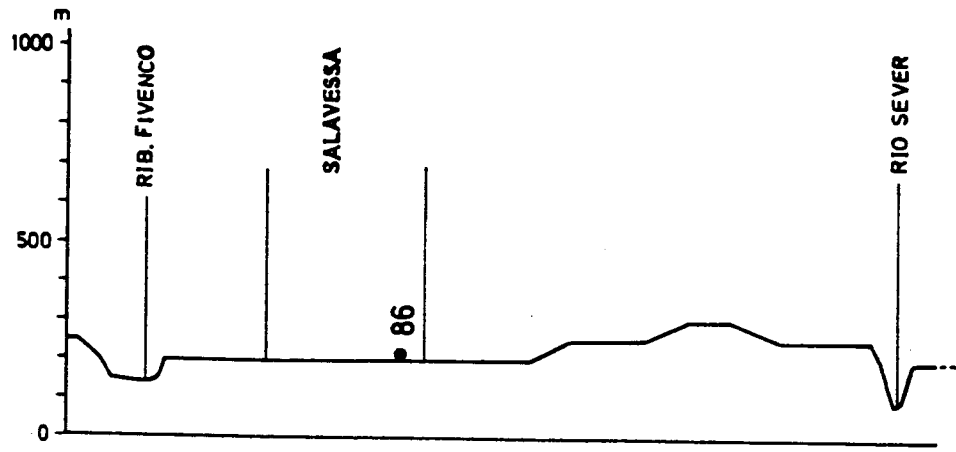
89 - FRÁGUA



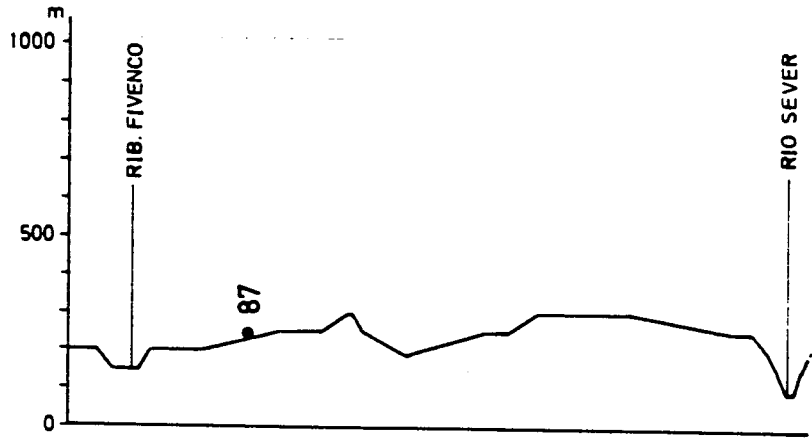
90 - SALAVESSA II



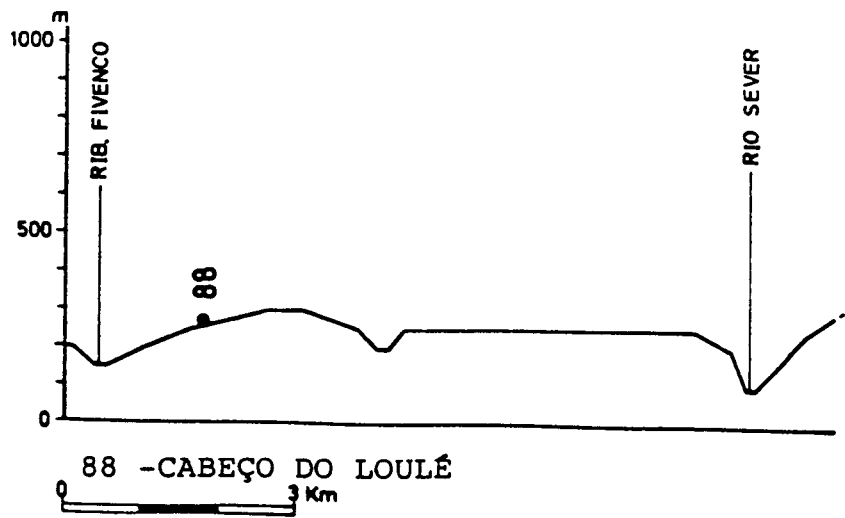
91 - SALAVESSA I



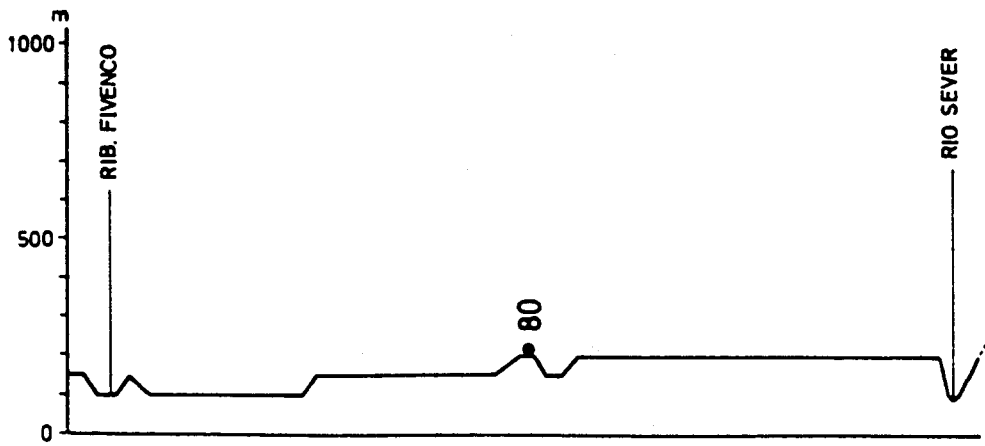
86 - SESMARIAS



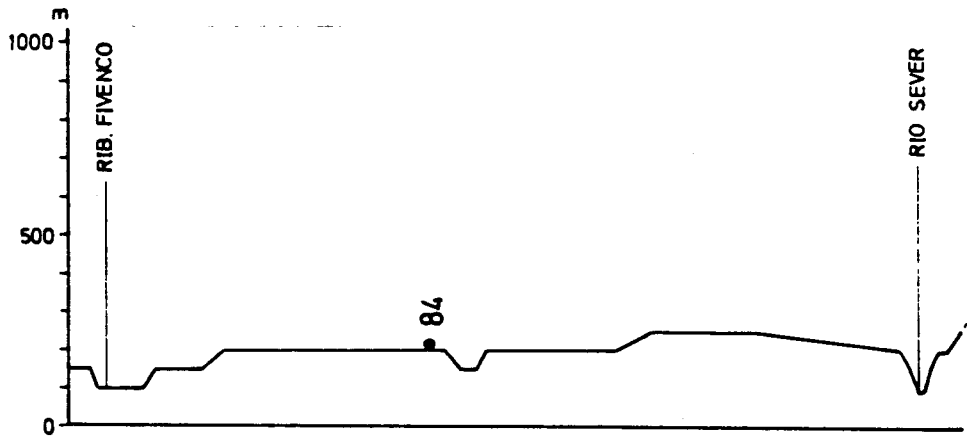
87 - SALAVESSA III



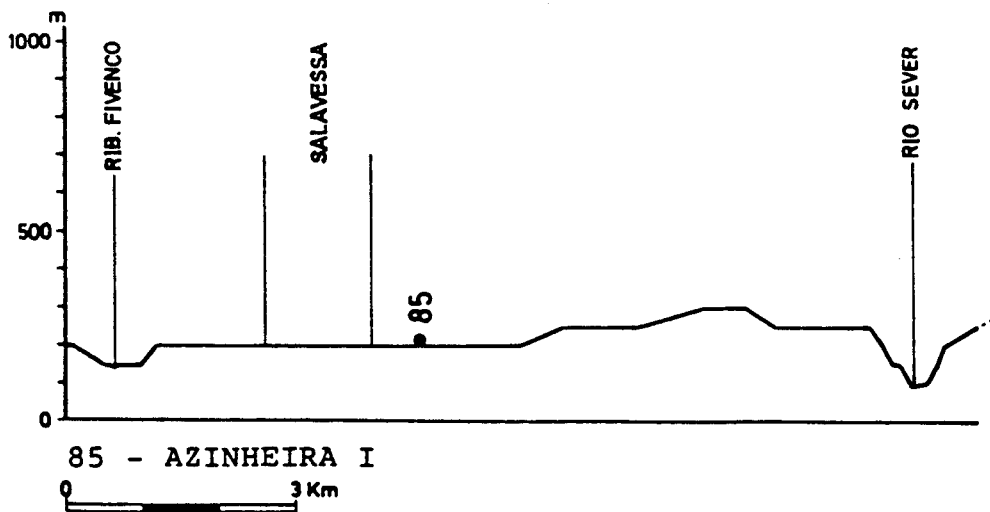
88 - CABEÇO DO LOULÉ



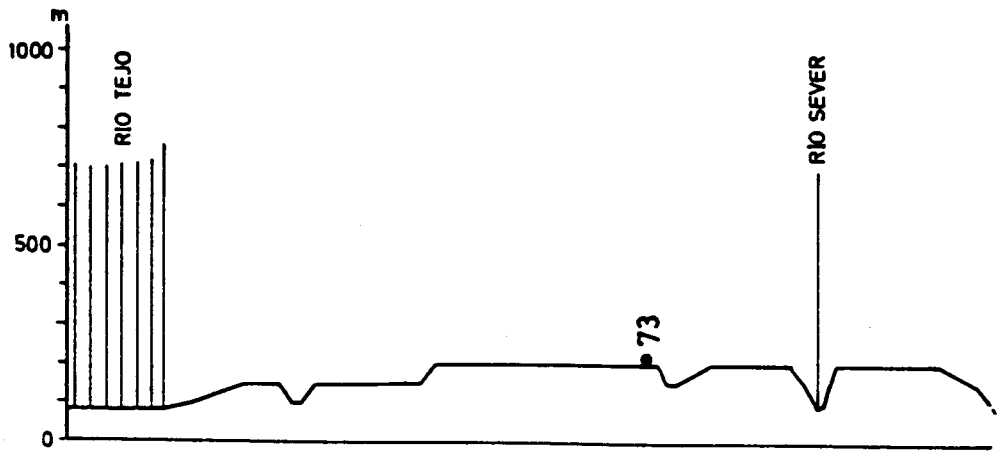
80 - TAIPAS III



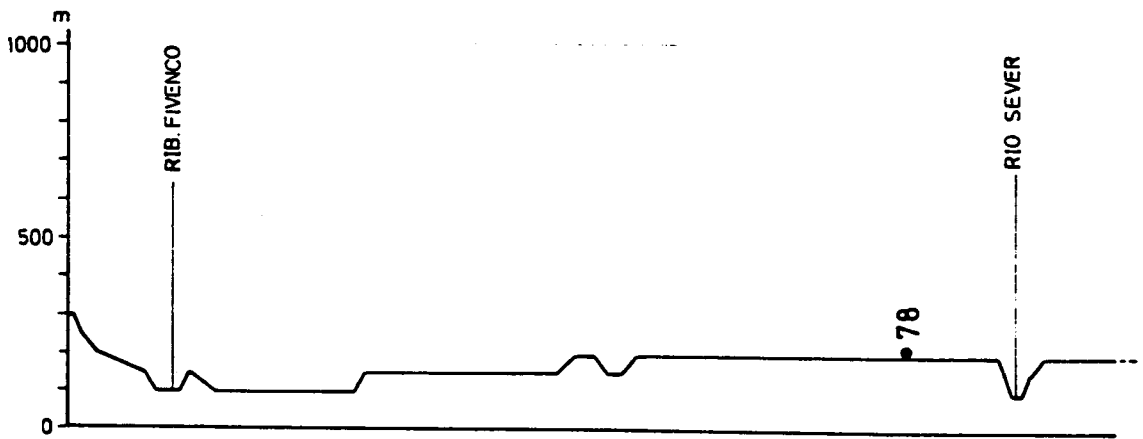
84 - AZINHEIRA II



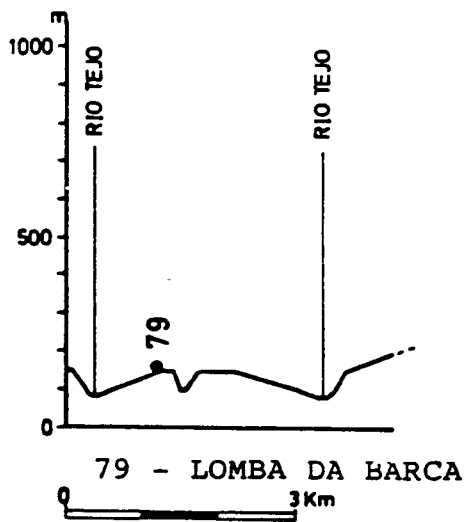
85 - AZINHEIRA I



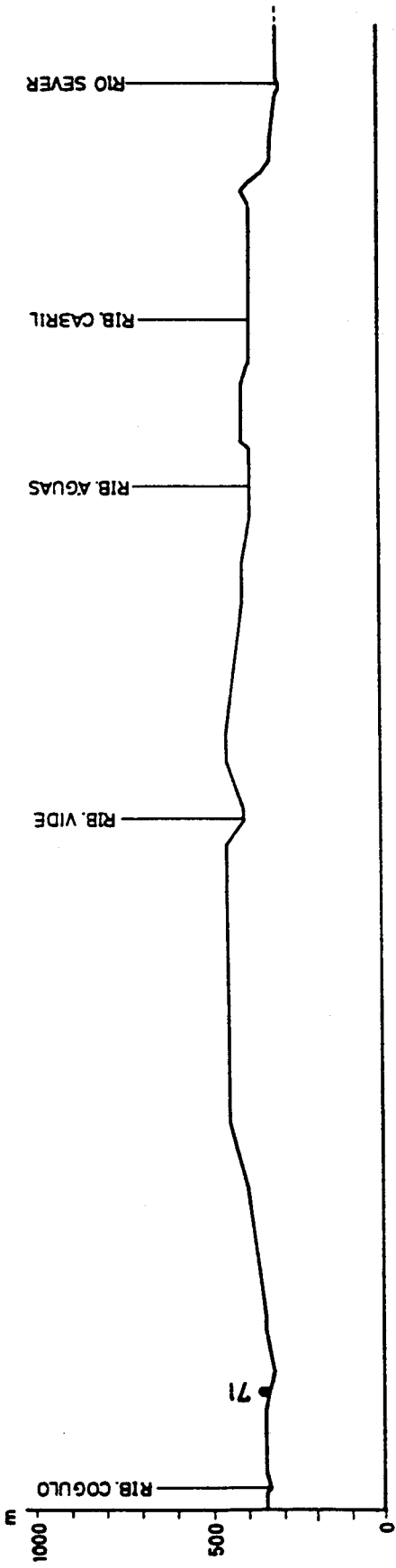
73 - FALQUETÕES



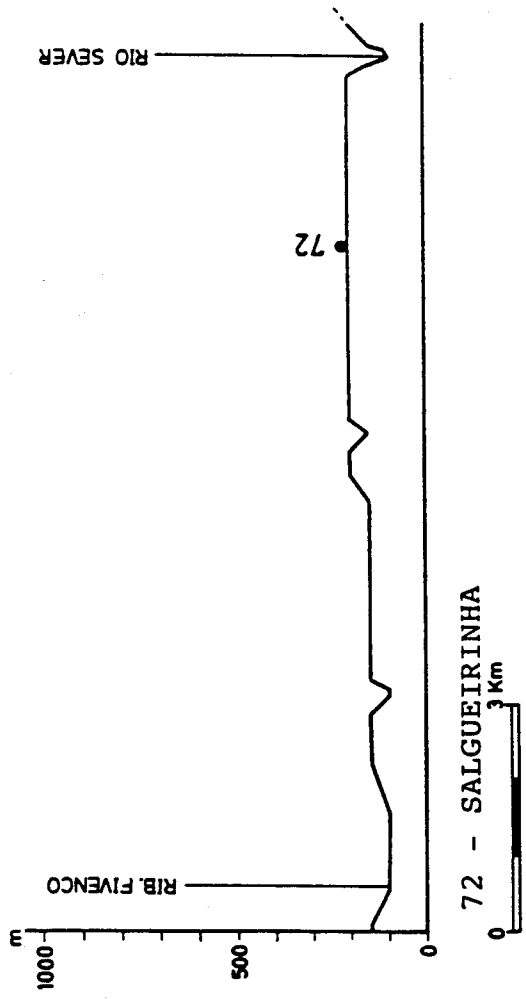
78 - FONTE DA PIPA



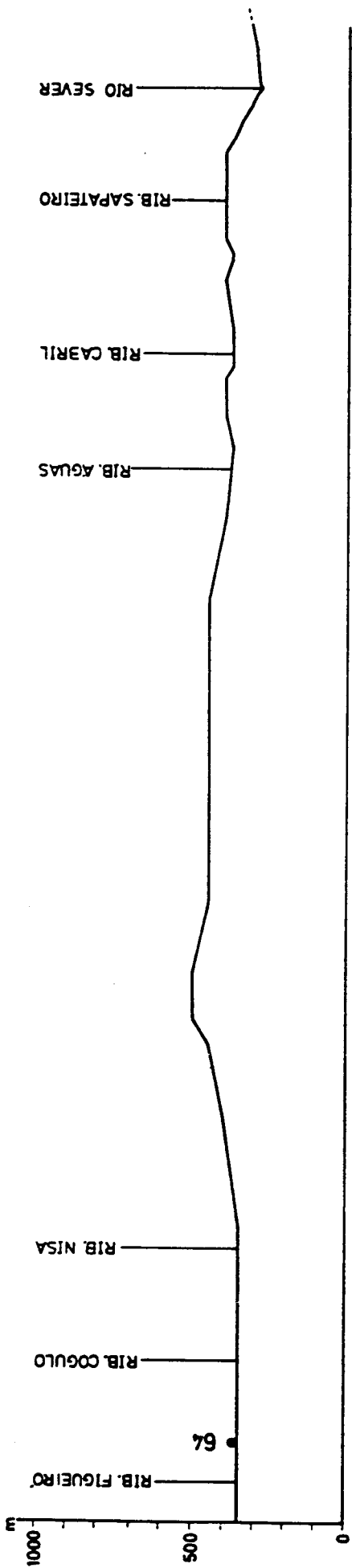
79 - LOMBA DA BARCA



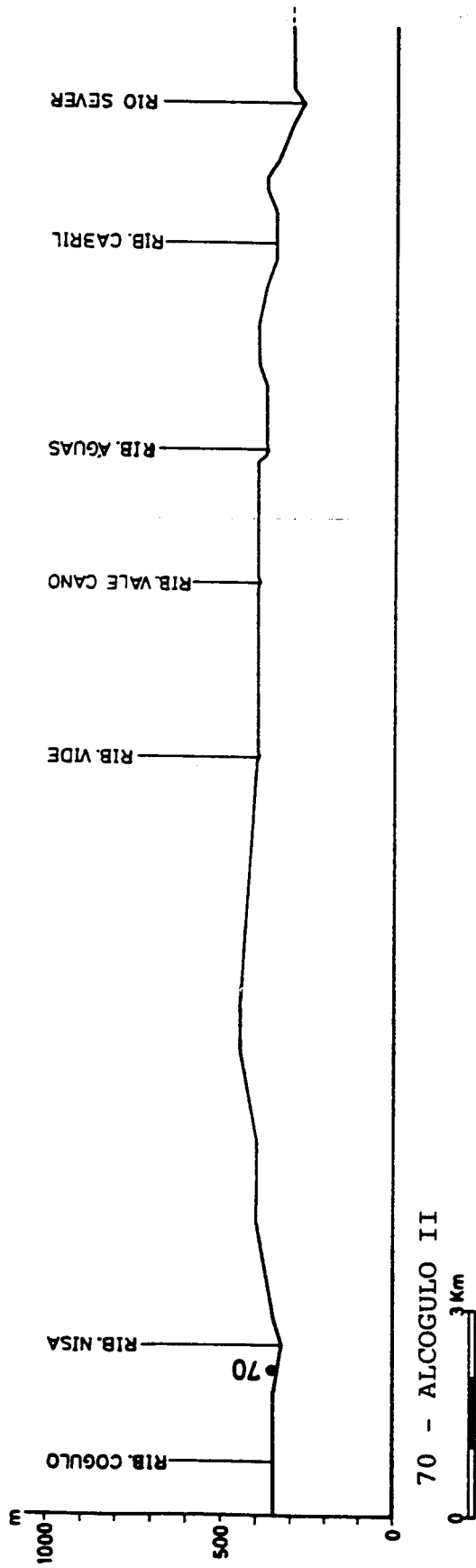
71 - ALCOGULO III



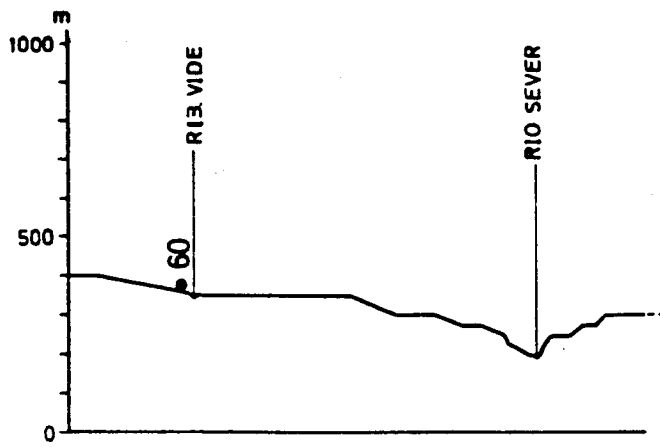
72 - SALGUEIRINHA



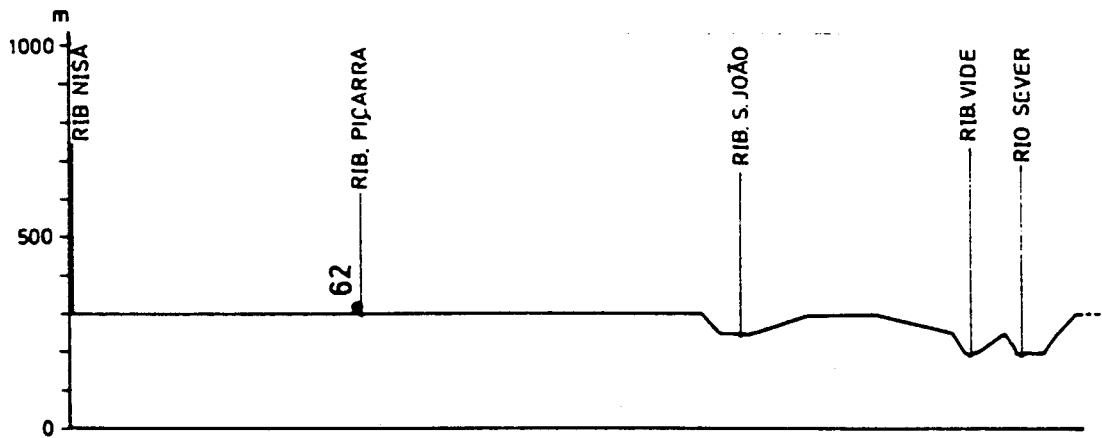
64 - TAPADÃO DA RELVA



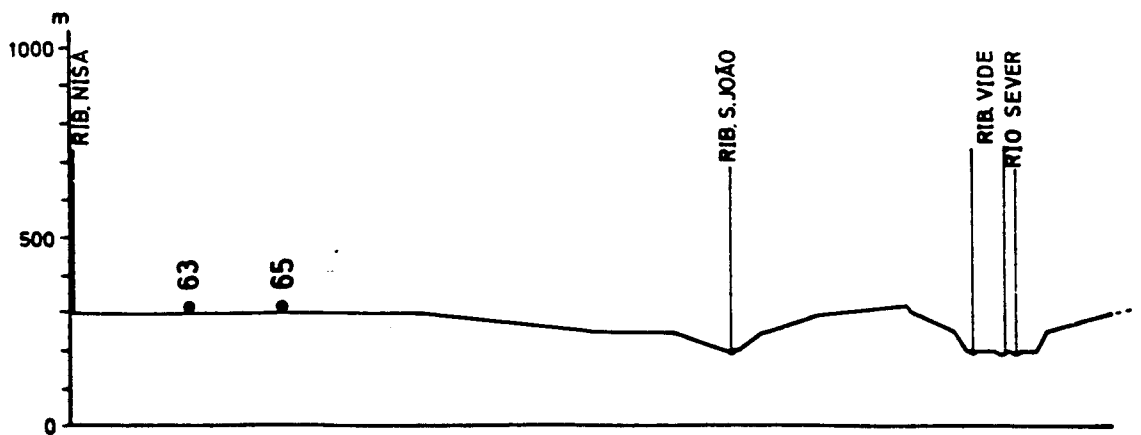
70 - ALCOGULO II



60 - MARIA TRIGO



62 PAI ANES

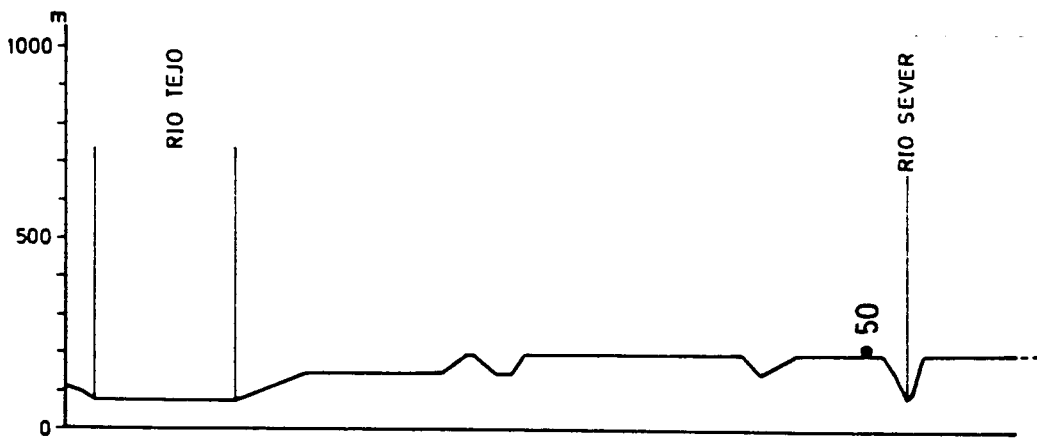


63 - TAPADA DO ARVOREDO 65 - TAPADA DOS MATOS

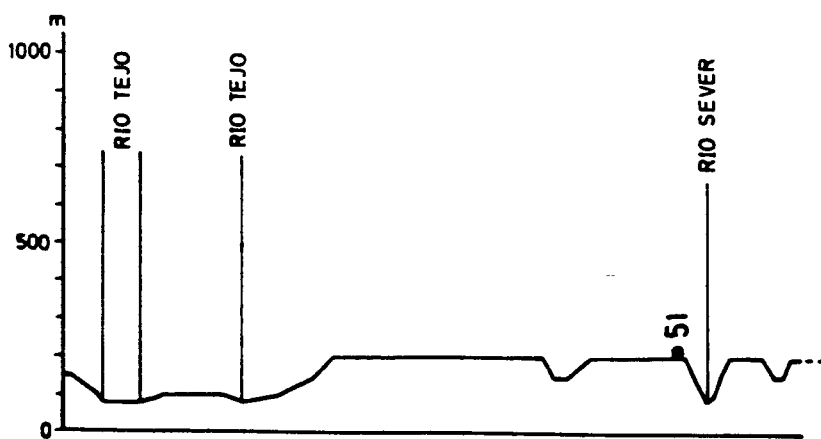




49 - CANEIRO

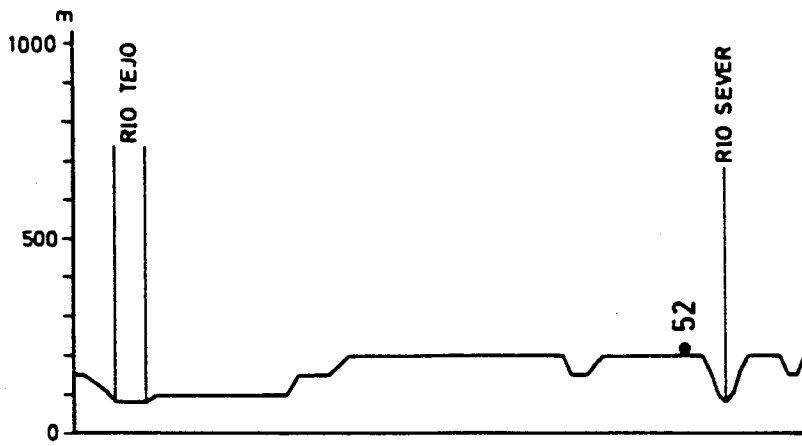


50 - VERMELHA

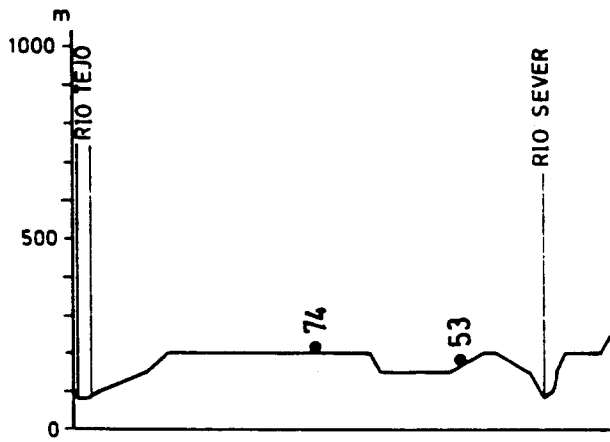


51 - JOAQUIM CARRILHO

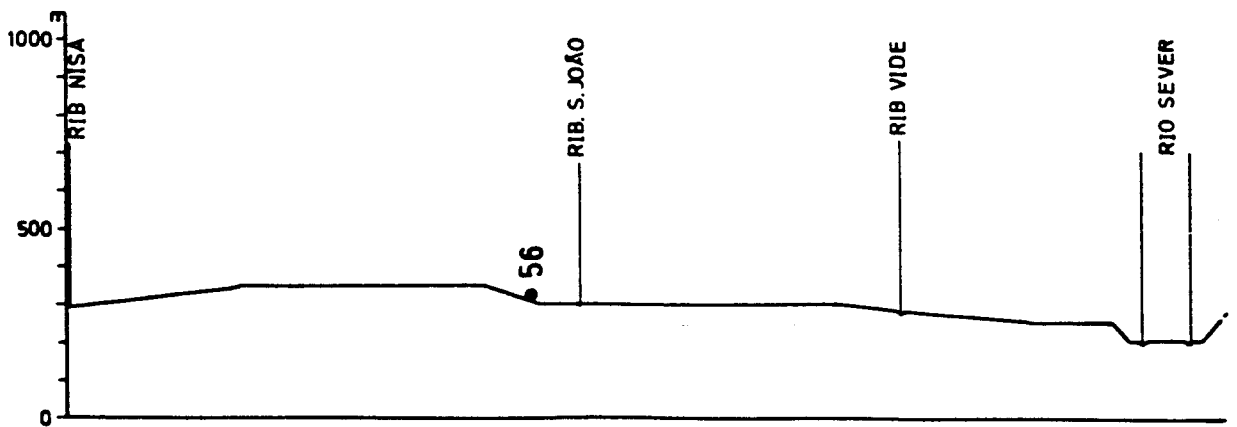




52 - OFÉLIA I

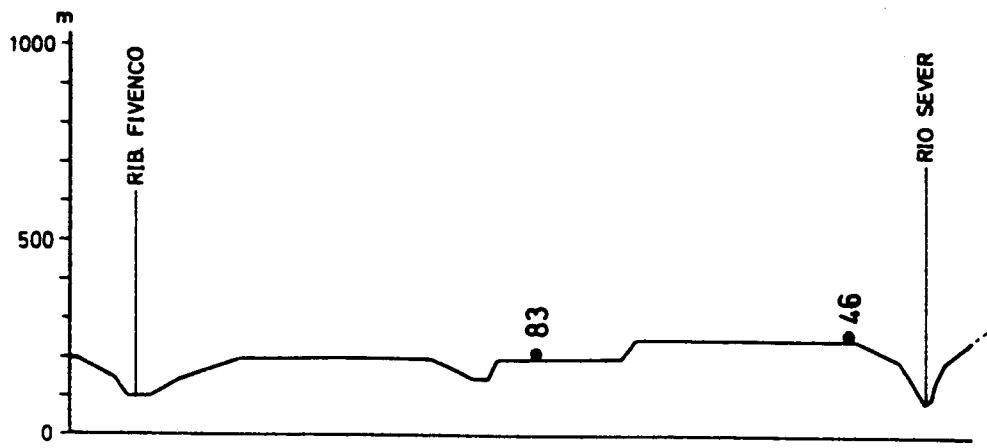


74 - VALE MUCHACHO 53 - OFÉLIA II

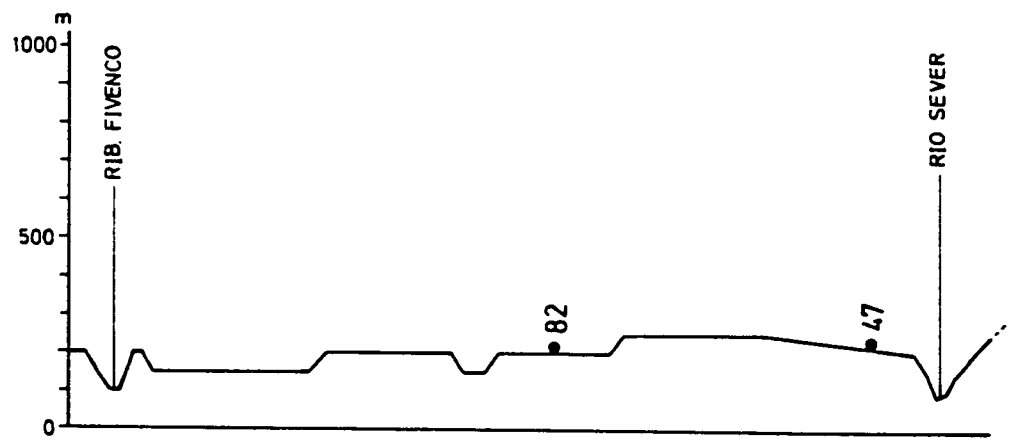


56 - CARVALHAL

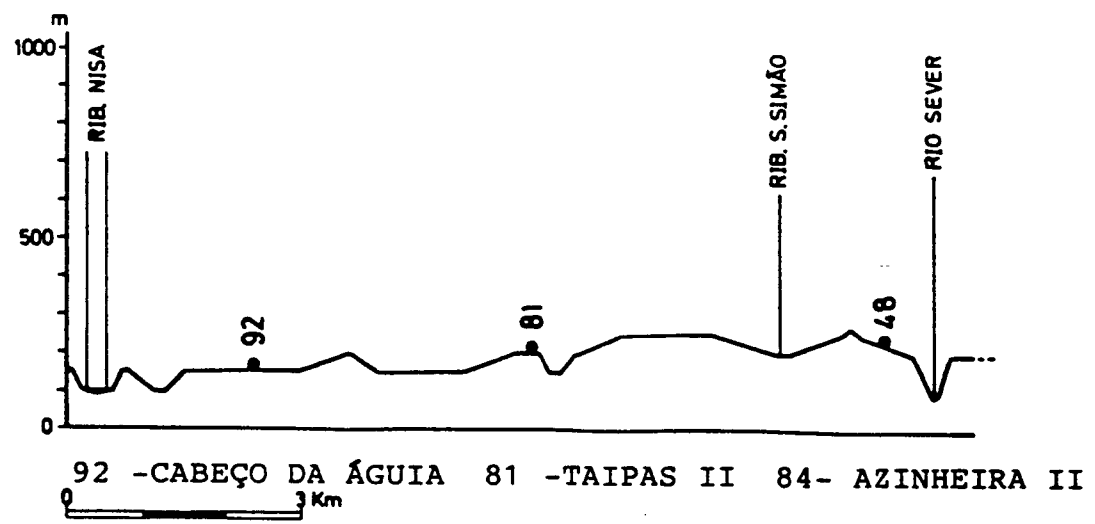




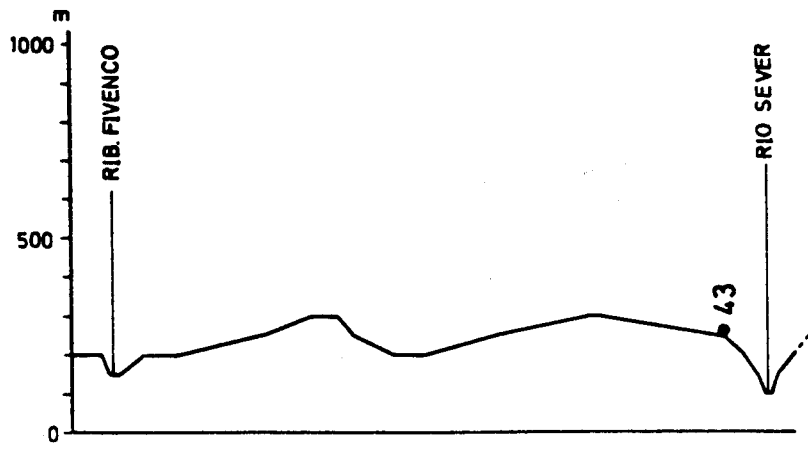
83 - CASARÕES 46 - CAMINHO DA FOZ



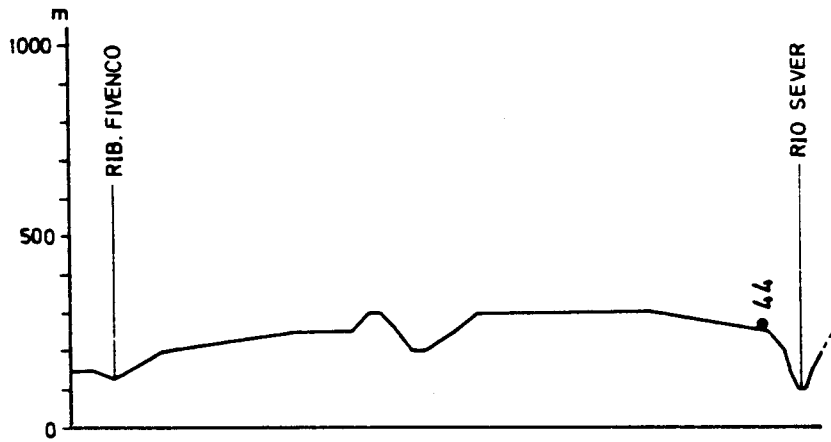
82 - TAIPAS I 47 - EIRA DAS BEZERRAS



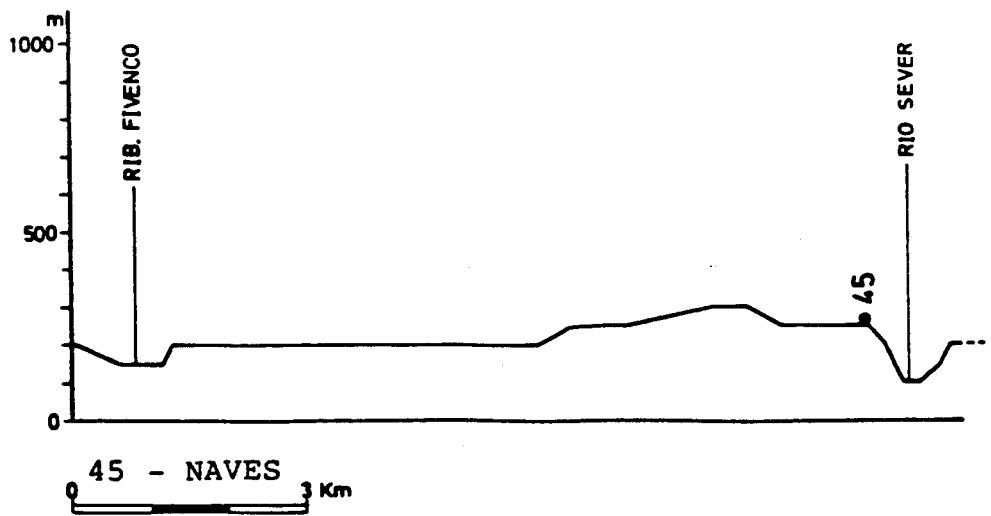
92 - CABEÇO DA ÁGUA 81 - TAIPAS II 84 - AZINHEIRA II



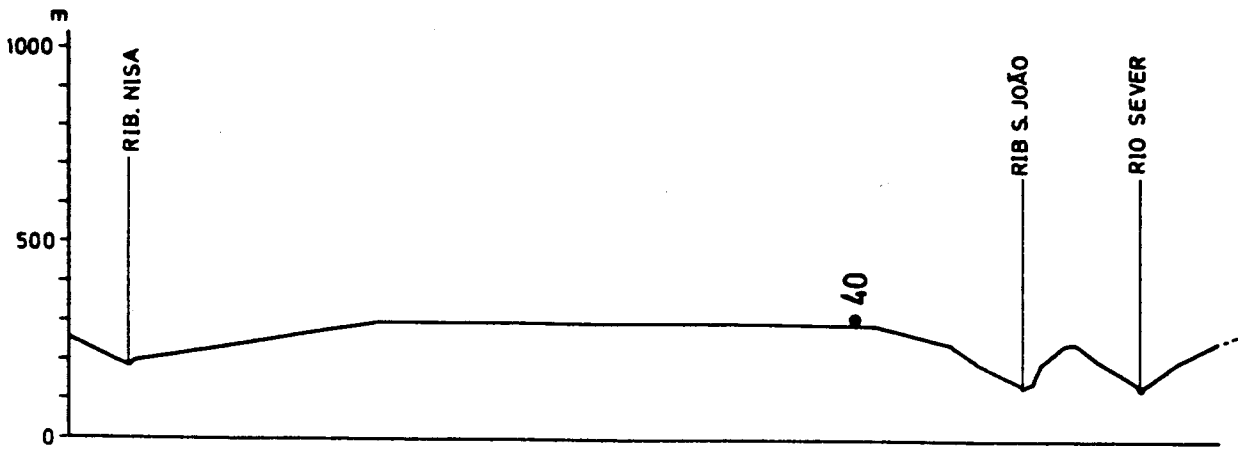
43 - DOURADAS II



44 - TERRA DAS NAVES



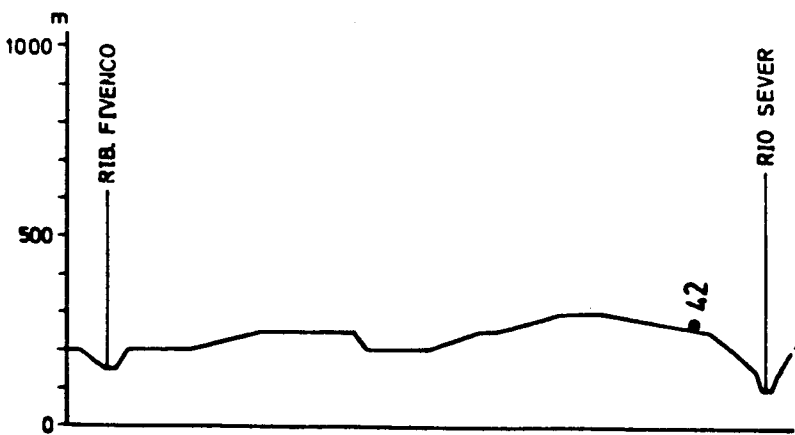
45 - NAVES



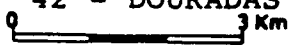
40 - VALE DOS GAMEDITOS

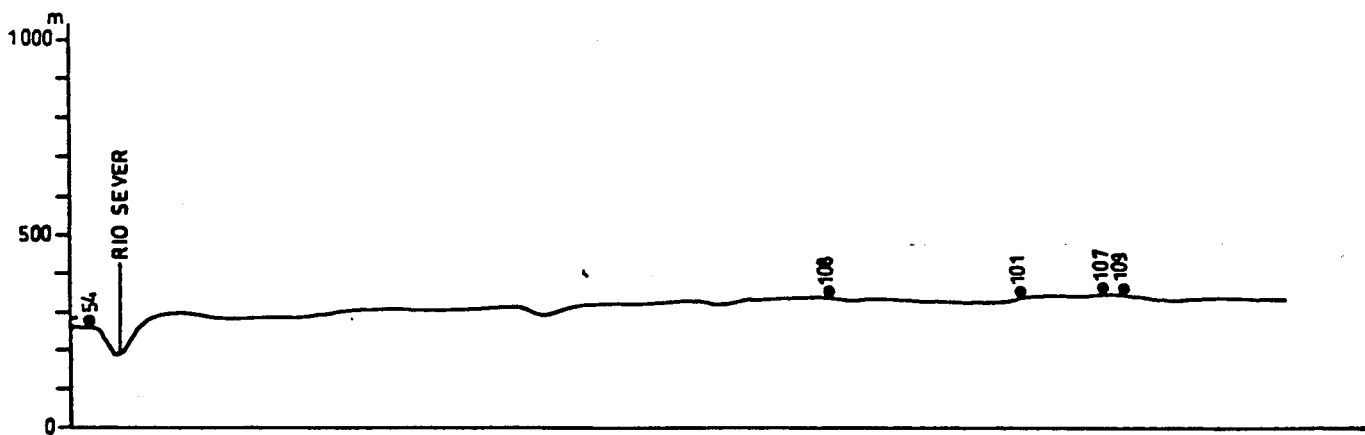


41 - PADRE SANTO

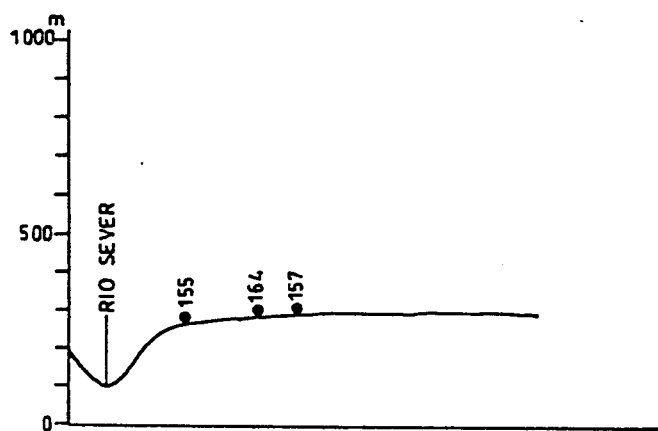


42 - DOURADAS I

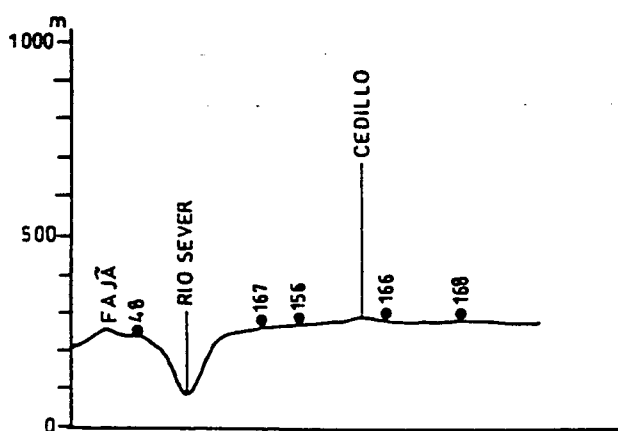




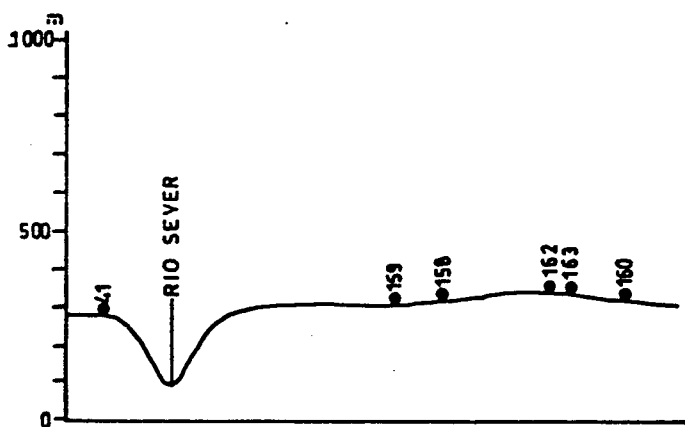
54 - T. DA RIBEIRA 108 - BORDALLO 101 - TERRÍAS 107 - DUQUESA
109 - PALOMARES



155 -Sevilhana 164 -GUARDAS

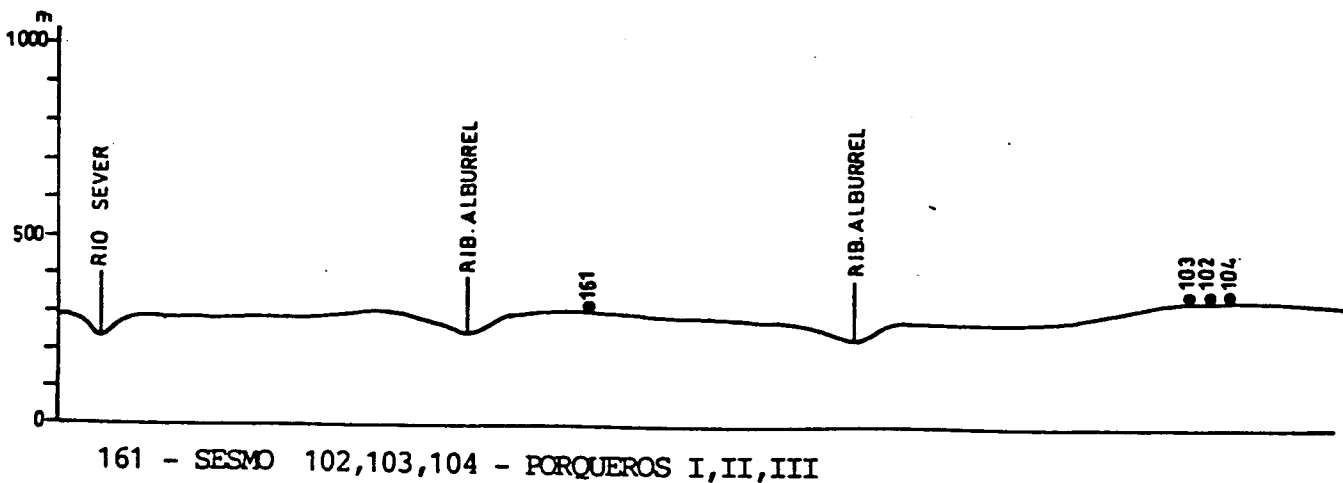
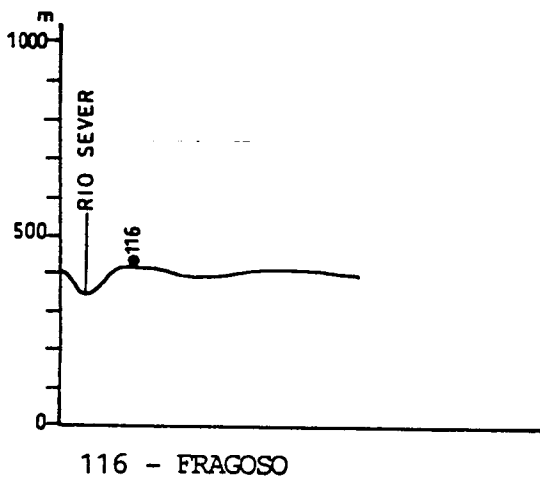
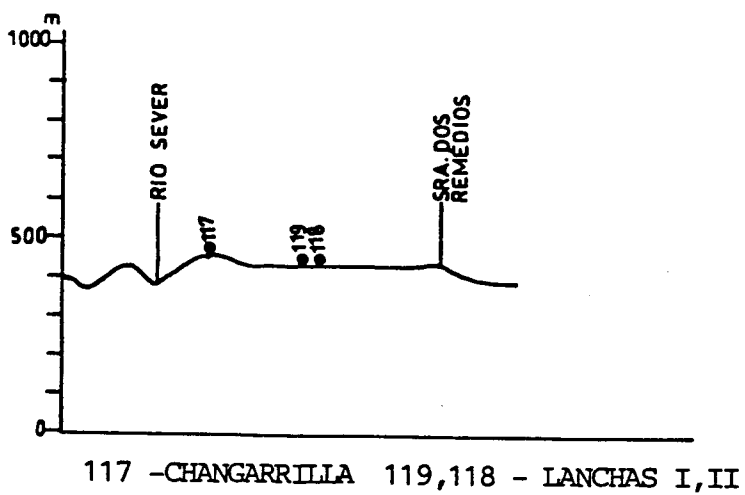


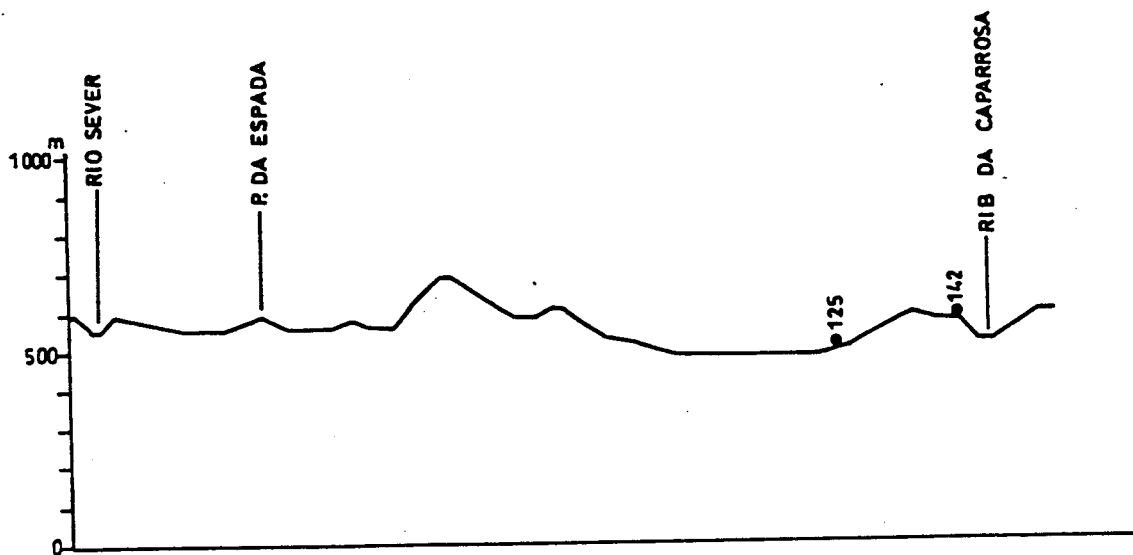
84 - FOZ 167 - CHARCA GRANDE
156 - JOANINHA 166 - MARROFRA
168 - LINDONES



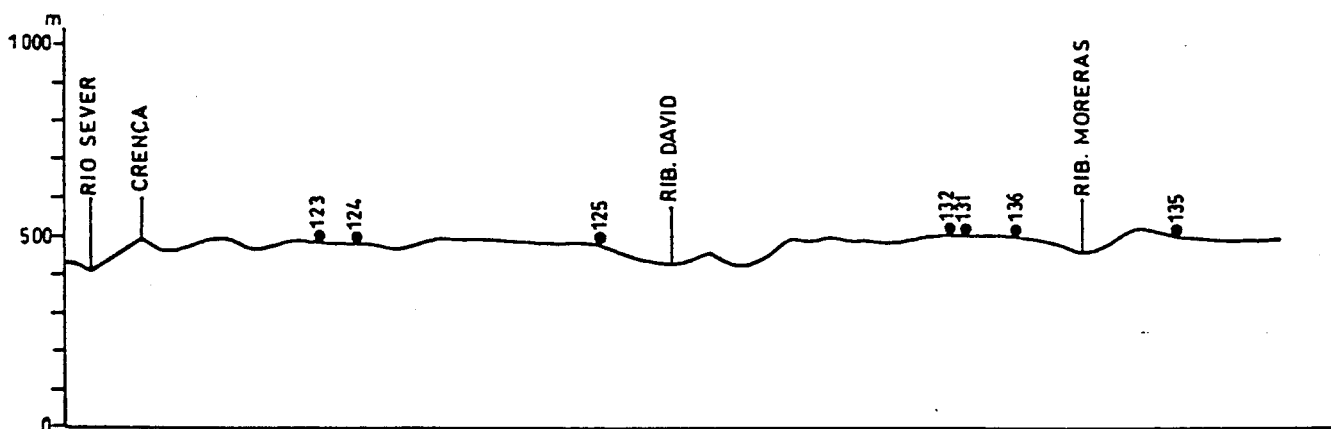
41 -PADRE SANTIO 159 - FERRAÑON 162 - C.DE LA MUJER I 163 - C.DE LA MUJER II
160 - LA VAQUERA



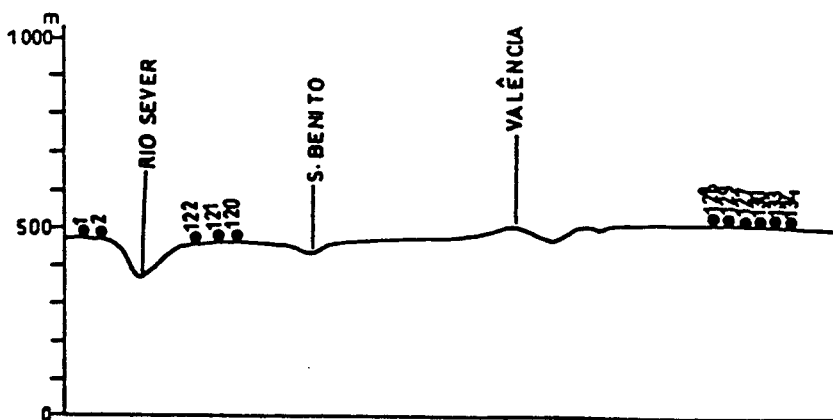




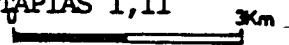
125 - PALANCAR 142 - ANTA DA MARQUESA



123 - EL CORCHERO 124 - LA MIERA 125 - LA BARCA 132,131 - BARBON II,I
136 - LÁTIGO 135 - SAN ANTON

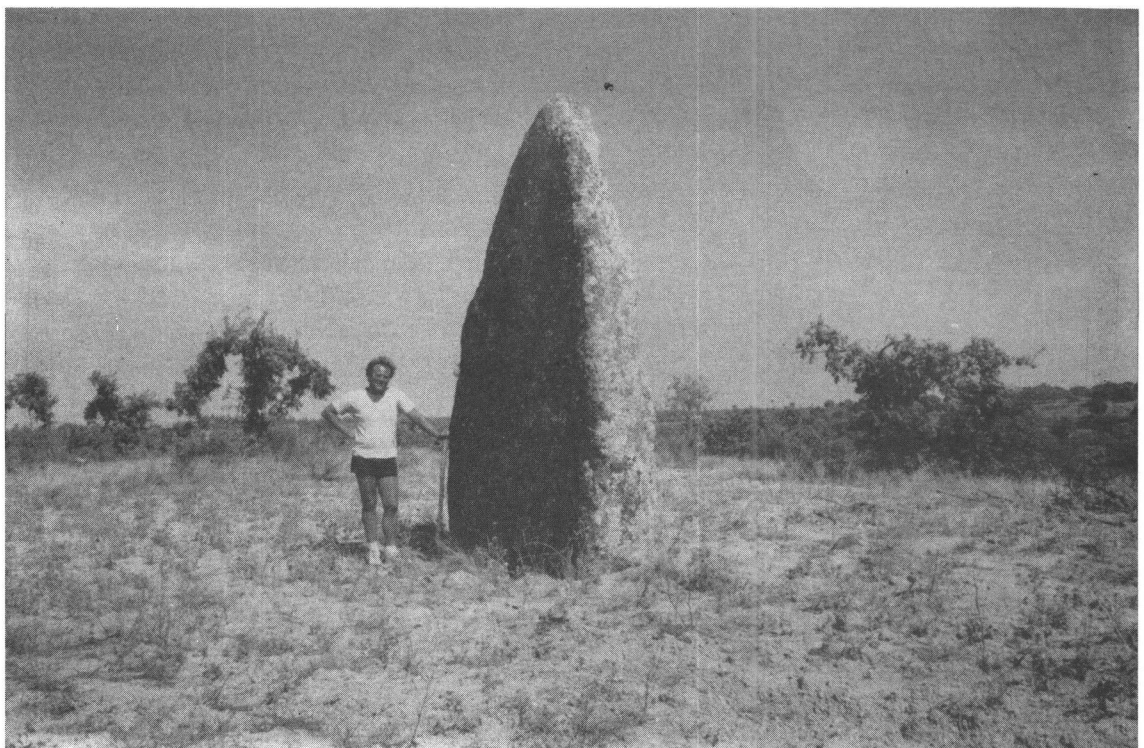


1 - CASTELHANAS 2 - RIB.DO LOBO 122 - MONJAS 121 - ANTA II 120 - ANTA I
127,128,129 - ZAFRA I,II,III 130 - ZAFRA IV 133,134 - TAPIAS I,II





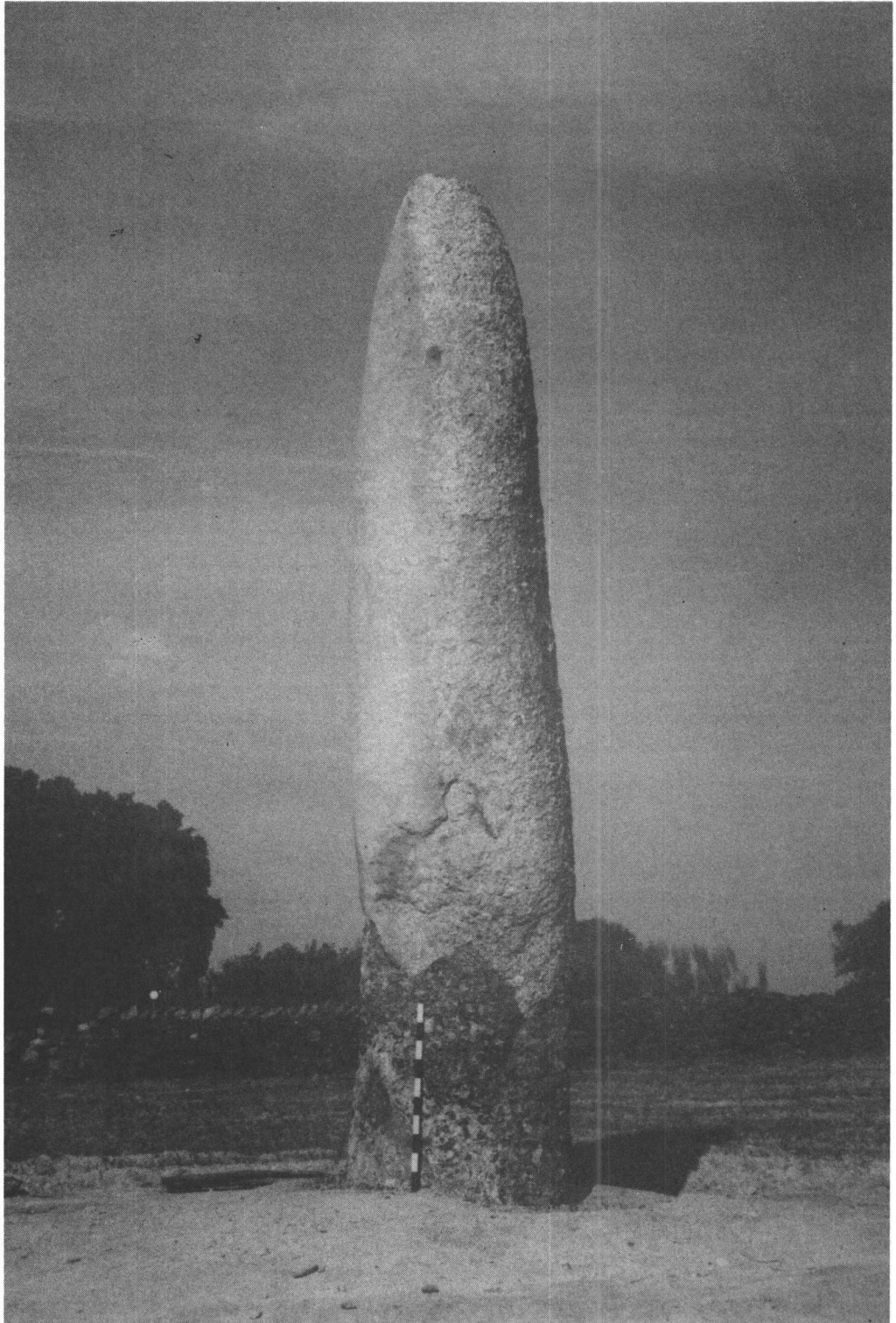
Fragmento superior do Menir do Corregedor (Marvão)



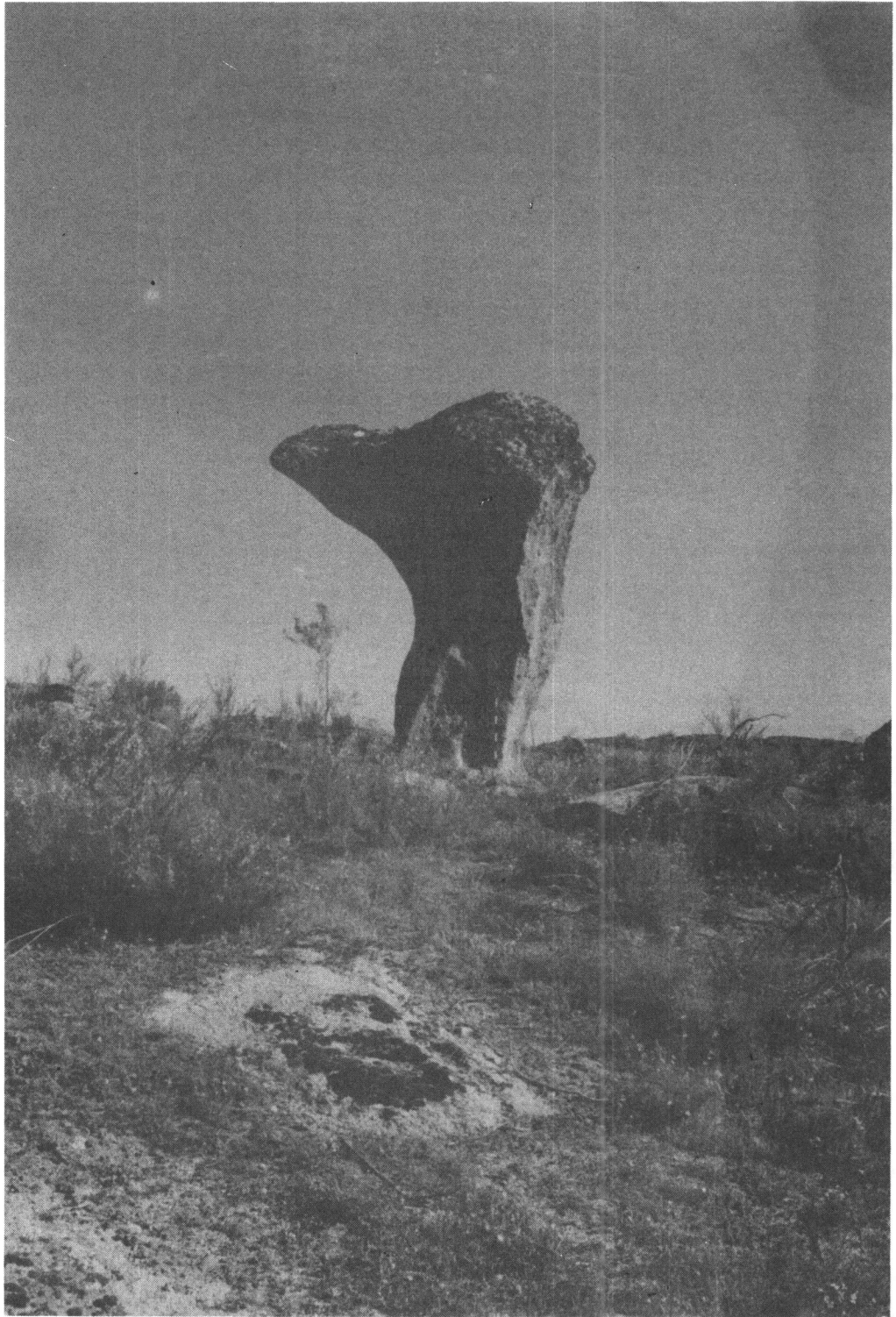
Menir do Carvalhal



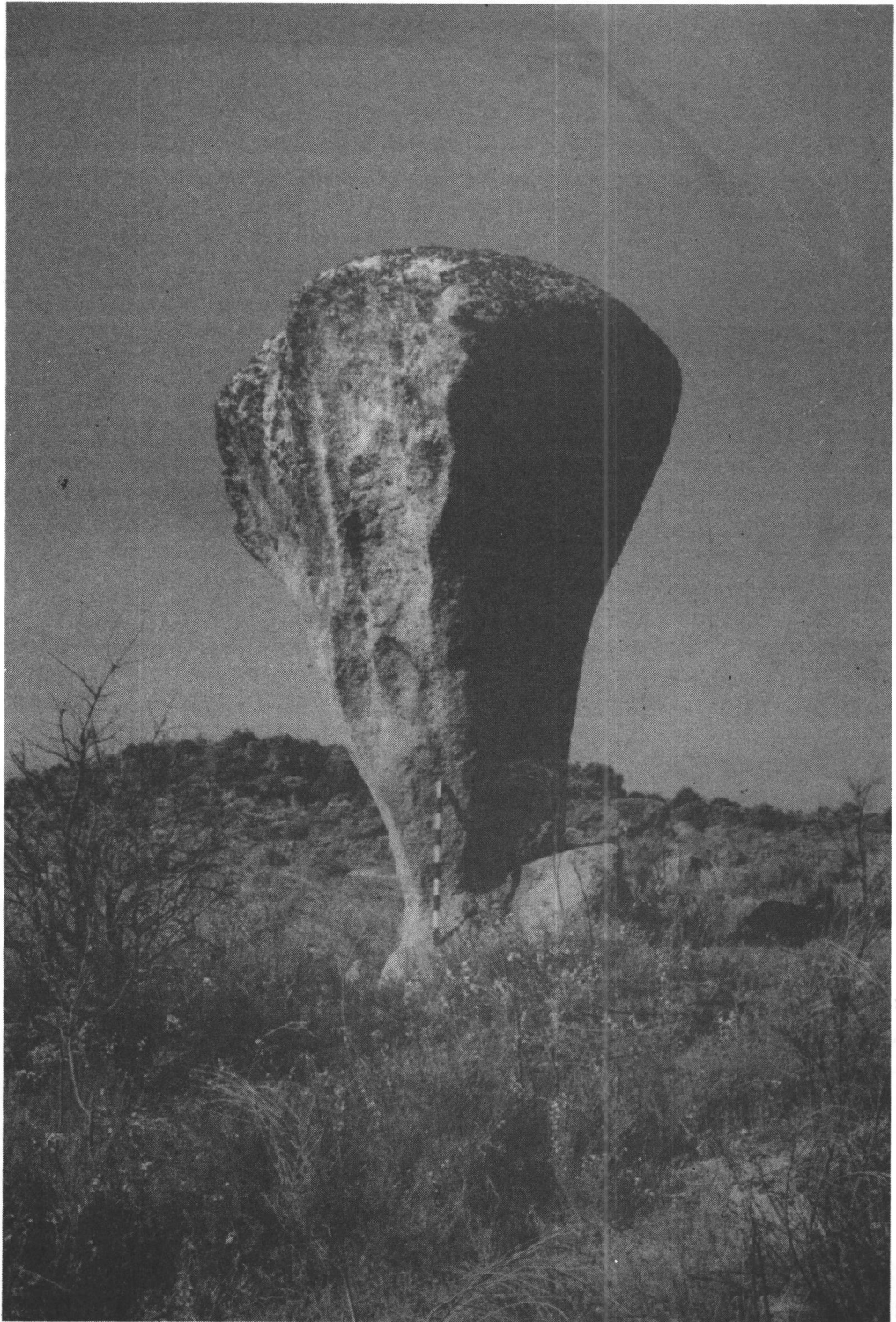
Menir dos Pombais (Marvão)



Menir da Meada (Castelo de Vide)



Menir da Porra del Burro
vendo-se pequenas pedras sobre o topo
(Valência de Alcântara)



Menir da Porra del Burro visto de nascente
(Valência de Alcântara)

CAP. VI OS RITUAIS

1. CONDICIONALISMOS GERAIS

A acidez dos solos dos dois territórios isoláveis na área do nosso estudo, somada aos efeitos das visitas e violações detectadas em todos os monumentos, contribuíram para que as informações que até nós chegaram sejam muito parcelares e de difícil descodificação.

A caça a lendários tesouros, a procura de sílex para apetrechamento de armas de fogo, as escavações efectuadas por coleccionadores e "amantes" da arqueologia, a simples destruição das estruturas tumulares internas e externas, quer pela acção dos elementos naturais, quer pela acção do homem, perturbaram significativamente o posicionamento dos depósitos funerários primários, secundários ou outros (1).

A identificação de estratigrafias nítidas no interior dos monumentos por nós estudados, resumiram-se a reduzidas áreas nas Antas da Bola da Cera, Castelhanas e S. Gens II. Nos restantes monumentos as estratigrafias mostravam

unicamente uma camada superficial composta, na sua maioria, por pedras aí colocadas pelos agricultores envoltas por terra humosa que cobriam um nível arqueológico muito mexido. Genericamente, os níveis arqueológicos apresentavam muito maior revolvimento na parte central da câmara, onde a presença de materiais era praticamente nula. Nestes monumentos, o espólio identificado localizava-se maioritariamente junto aos esteios ou na área do corredor. O local eleito para as violações antigas e recentes fez-se sentir no espaço central das câmaras. Esta constatação era especialmente evidente na Anta I e III dos Coureiros, na Anta do Porto Aivado e na Anta da Cabeçada.

Os testemunhos materiais deixados pelos construtores e utilizadores destes monumentos chegaram, portanto, até nós, muito afectados pelas alterações que ao longo dos milénios de história lhes foram provocando. É neste ambiente de documentação parcelar e na maioria dos casos fora de contexto que se baseiam as nossas informações.

A descrição dos rituais que a seguir se apresenta isolou-se em dois grandes grupos tipológicos baseados nas diferenças arquitectónicas e de material de construção existentes entre as duas manchas megalíticas identificadas na área em estudo. Esta separação entre monumentos de granito e monumentos de xisto parece não corresponder, necessariamente, a uma nítida diferença de atitude perante a morte, como mais à frente analisaremos.

1.1 Monumentos de xisto

Nos monumentos construídos por esteios de xisto, localizados na zona norte da área do nosso estudo, poucos ou quase nenhuns elementos possuímos que nos esclareçam sobre o rito ou ritos que envolviam a tumulação. Para sermos ainda

mais precisos não possuímos qualquer testemunho que nos permita afirmar, com segurança, se nestes monumentos foram depositados corpos ou apenas ossadas humanas. Na área da bacia do Sever e em monumentos deste tipo, nenhum resto ósseo foi identificado e a escassez de espólio somada aos revolvimentos detectados impossibilita compreender perfeitamente, através do seu posicionamento relativo, qualquer preferência na utilização do espaço tumular. A acidez dos solos e as destruições que ao longo dos milénios estes monumentos foram sofrendo contribuíram para a inexistência de qualquer resto ósseo.

A identificação na Anta da Lomba da Barca e na da Fonte da Pipa de pequenas manchas de cinzas e reduzidos fragmentos de carvões, ainda não datados, no interior da câmara e em níveis compactados, poderão indiciar, à semelhança do que ocorre nos monumentos da zona dos granitos, a presença de depósitos de ossadas previamente preparadas no exterior. Esta preparação, com recurso à cremação parcial ou total dos corpos no exterior do monumento, parece estar bem testemunhada, quer nas bolsas de ossos detectadas na anta das Castelhanas, quer na da Bola da Cera, no concelho de Marvão ou em tantos outros monumentos de que há referência, já fora da área do nosso estudo.

As reduzidas dimensões da maior parte dos monumentos da zona dos xistos parece inviabilizar enterramentos colectivos, pelo menos em grande número, como há notícia de ocorrerem nos grandes monumentos construídos em granito.

Na área da bacia do Sever, sobretudo no Termo Municipal de Cedillo, onde se localizam os monumentos melhor conservados, é possível constatar que à excepção da Anta da Joanhina e da Anta de la Tierra Caída I, todos os outros monumentos dificilmente comportariam mais do que um a dois corpos. Nos dois monumentos atrás referidos, ainda que mais amplos, o número de inumações que poderiam receber é ainda bastante reduzido, quando comparado com o dos monumentos situados mais a sul. Na margem portuguesa o estado de destruição das antas impossibilita-nos avaliar, com rigor, as suas dimensões. Contudo, dois monumentos podem destacar-se, em termos volumétricos, dos restantes.

Pelas plantas por nós recuperadas através de escavação, a anta da Nave do Padre Santo e a da Lomba da Barca, ainda que de maiores dimensões do que as situadas nas imediações, permitem-nos verificar que muito dificilmente poderiam receber grande número de tumulações primárias, à semelhança do que poderia ter ocorrido entre as suas congéneres situadas na margem espanhola.

Outros monumentos como a Vermelha, Caneiro, Monte da Foz, Gamenitos, Douradas I e II, que ainda pudemos visitar antes da sua destruição, incluíam-se, nitidamente, no grupo das câmaras simples fechadas. Estes espaços funerários, que na maioria dos casos não possuem um metro quadrado de área funcional, mas que, pela sua arquitectura, em tudo se assemelham às sepulturas colectivas de grandes dimensões, não parecem destinar-se a tumulações individuais. Se atendermos ao espólio recolhido nalgumas delas, verificamos que apesar de pobre em número e qualidade, é suficiente para o relacionarmos com espaços destinados a depósitos colectivos. A Anta da Vermelha, escavada por Georg e Vera Leisner, forneceu oito machados e uma enxó de pedra polida. A Anta da Fonte da Pipa, também de pequenas dimensões, forneceu quatro machados, seis pontas de seta, três geométricos e duas placas de arenito. Este número de peças, em antas de maiores dimensões, pode indiciar várias tumulações primárias, porém nestes pequenos espaços a existência de enterramentos colectivos primários parece ser muito duvidosa.

Se, paralelamente a estas observações, atendermos ao número e estado de conservação dos espólios conhecidos, verificamos que eles são em reduzido número e que os materiais menos resistentes (cerâmicas e placas de xisto) rareiam e quando ocorrem apresentam-se genericamente muito fracturados. O estado de conservação do espólio destes monumentos assemelha-se, em muito, ao que acompanha os enterramentos secundários dos monumentos de granito dos concelhos de Marvão e Castelo de Vide, geralmente muito fracturados e com vestígios de terem sofrido altas temperaturas.

Parece, assim, que os monumentos de menores dimensões, ainda que na ausência de informações mais concretas, destinar-se-iam a funcionar como ossários, provavelmente colectivos, aos quais se tinha acesso, não pelo corredor, que quando existe é apenas simbólico, mas pelas tampas que cobriam o espaço funerário. Os de maiores dimensões, tais como Terra Caída I, Joaninha, Lomba da Barca, Padre Santo e provavelmente Salgueirinha, poderiam ter funções algo distintas, talvez destinados a receber tumulações primárias de membros de alguma elite da comunidade. Qualquer destes quatro monumentos ocupam locais privilegiados na paisagem. Padre Santo, Lomba da Barca e Joaninha encimam linhas de cumeeada dominando em termos altimétricos outros sepulcros de menores dimensões. Terra Caída I implanta-se numa plataforma que se destaca do alcantilado vale do Sever dominando as duas margens deste rio nas imediações do Tejo. Destes monumentos apenas possuímos espólio proveniente da anta do Padre Santo e da Lomba da Barca. Os materiais de qualquer destas duas antas, ainda que reduzido em número, apresenta um acabamento mais cuidado do que o recolhido noutros monumentos de menores dimensões da mesma região, podendo indiciar um prestígio acrescido nos que aí foram tumulados..

Enquanto que os esteios dos pequenos sepulcros pouco emergem da linha de terra, tendo o seu espaço funcional sido escavado no solo, o espaço funerário dos de maiores dimensões eleva-se acima desta linha, encontrando-se apenas os esteios fundados no solão de base. Se nos monumentos como Lomba da Barca, Salgueirinha ou Terra Caída I, a mamoa, ainda que hoje muito destruída, parece ter sido obtida por compacta carapaça de blocos de xisto imbricados que se desenvolveria por uma área circular cujo raio é ligeiramente superior ao comprimento do corredor, nos monumentos de menores dimensões os restos de mamoa ainda presentes parecem testemunhar a existência de uma muito pequena colina tumular. Em qualquer dos casos a identificação do monumento na paisagem foi preocupação dos seus construtores. Para além de ocuparem sempre locais bem visíveis no espaço, procurando as linhas de festo, as mamoas foram revestidas por blocos de quartzo filoniano, alguns de grandes dimensões. O número destes blocos junto da maioria dos monumentos permite-nos pensar num revestimento completo

de toda a mamoa com pedra branca. Noutras sepulturas, como a da Lomba da Barca, Falquetões, Vale Muchacho ou Alfinetes, sempre implantadas em locais de grande visibilidade, as mamoas, para além de comportarem lajes de xisto e blocos de quartzo, teriam sido decoradas com calhaus rolados de cor clara.

Esta clara eleição de locais altos para a construção dos sepulcros poderá não ser somente justificada na procura de locais estáveis, atendendo aos elevados declives que caracterizam esta região. Para além de nitidamente demarcarem um amplo território visual, elas ladeiam os caminhos tradicionais nesta região. Claros exemplos disto eram a cerca de dezena e meia de sepulturas que ladeavam o chamado Caminho da Foz, na margem portuguesa ou os que nas imediações da Carretera da Loma de Mayamao (2) e do Camino de Herrera são ainda hoje visíveis. A procura de locais bem elevados para a implantação de monumentos está também bem demonstrada pela construção do marco geodésico de Cerro de Valongo sobre o monumento da Cruz de la Mujer I, ou o depósito de água da Casa de la Majada Alta também construído sobre uma sepultura. Na margem portuguesa o marco geodésico do Feijó parece ter destruído outro monumento, atendendo à quantidade de blocos de quartzo e fragmentos de xisto que nas suas imediações ainda se conservam.

Verifica-se, portanto, que os construtores dos túmulos da zona dos xistos procuraram implantá-los em locais dominantes na paisagem, enriquecendo a sua visibilidade com a utilização de blocos líticos claros. Nestes grupos que formam prováveis necrópoles, um a dois monumentos de maiores dimensões ocupam o topo da linha de cumeada, podendo indiciar alguma hierarquia entre os tumulados, ou algum afastamento cronológico entre a construção dos sepulcros.

Embora o espólio recolhido nos monumentos por nós escavados seja reduzido e na sua maioria muito afectado pelas subsolagens para a plantação de eucaliptos, constatámos que os materiais identificados concentravam-se, essencialmente, no interior das câmaras. O escasso espólio que nos corredores se recolheu terá sido para aí arrastado em épocas posteriores, como é o caso dos

materiais identificados no corredor da Anta da Fonte da Pipa. Neste monumento verificou-se que uma profunda vala aberta pelas máquinas de subsolagem rasgou longitudinalmente o sepulcro no sentido da câmara para o corredor, arrastando fragmentos de um esteio que se unia ao de cabeceira, para junto da entrada do monumento. Terá sido nesse movimento de terras que algum espólio se depositou na área do corredor.

Se a maior parte deste monumento foi irremediavelmente afectado pelas máquinas, alguns locais conseguiram escapar à sua acção. No nível mais profundo, à entrada da câmara, sobre o solão de argila, em terras que, pela sua consistência e coloração, pareciam não ter sofrido maiores revolvimentos dos que a pressão do peso das máquinas podem provocar, identificámos uma placa de arenito (FP21) fracturada no local que, pelo seu posicionamento em relação à estrutura tumular, parecia ocupar um espaço privilegiado. Restos de pintura a ocre eram visíveis na placa e nas suas imediações. Vários calhaus rolados de dimensões variadas, alguns também ligeiramente polvilhados de vermelho, pareciam pavimentar o local onde a placa havia sido depositada. A sua localização à entrada da câmara, colocada sobre blocos rolados de quartzito decorados com ocre, parece obedecer a alguma encenação ritual cujo significado por agora nos escapa.

Outro fragmento de placa de arenito (FP20), também com vestígios de ocre, foi recolhido neste monumento por entre as raízes da oliveira que cresce no interior da câmara. O elevado grau de fractura e o seu posicionamento em terras muito húmidas não nos permite compreender o seu contexto. Na verdade apenas possuímos um testemunho da deposição original de uma placa de arenito nos monumentos de xisto, contudo, este documento encontra paralelos na posição sempre privilegiada em que se têm invariavelmente encontrado as placas de arenito, grés, ou micaxisto, decoradas ou não, no interior dos monumentos de granito e a que mais à frente aludiremos.

Nas mamoas dos monumentos de xisto, tal como nas dos de granito, é frequente recolherem-se materiais arqueológicos, sendo a sua frequência

proporcional à quantidade de espólio recolhido no interior dos espaços funerários. Moinhos manuais (dormentes e moventes) e percutores esféricos de quartzo ou quartzito são os materiais até agora recolhidos nas mamoas dos monumentos por nós escavados. Invariavelmente, os moinhos manuais, tanto o elemento fixo, como o elemento móvel, apresentam-se maioritariamente fracturados. Estas fracturas, como noutra local já o dissemos (Oliveira, 1993), não parecem ser obra do acaso. Se na verdade é frequente identificarem-se nos habitats neolíticos e calcolíticos elementos fixos de moinhos com fracturas no contorno causadas pela continuada utilização ou por acidentes, a presença maioritária de moinhos fracturados em monumentos funerários parece não ser obra do acaso. Mais estranha se torna esta situação quando se trata dos elementos móveis fracturados. As reduzidas dimensões e forma geralmente arredondada dos dormentes, obtidos de rochas duras, dificilmente, por acidente, se fracturariam pelo meio.

Esta ocorrência está presente em monumentos de ambas as margens. Na anta do Lindon de Campête e na da Fuente de La Vaquera recolhemos, invariavelmente, moinhos fracturados. Numa casa particular de Cedillo (3) pudemos ver, também, diversos materiais recolhidos nas imediações de sepulturas megalíticas. Entre esse espólio contavam-se quatro elementos de mós, fracturados. Parece, assim, que estamos em presença de um acto intencional, generalizado e provavelmente simbólico de fractura de elementos de mós, que tanto ocorre em monumentos da zona dos xistos, como na dos granitos.

Tal como se verifica nos monumentos da zona dos granitos, também as mamoas das pequenas antas da foz do Sever parecem não ter servido unicamente para consolidação da câmara funerária. A presença de espólios, ainda que em número reduzido na área das mamoas, e não todos provenientes, aparentemente, dos níveis de base, poderá estar relacionada com oferendas fúnebres ocorridas em movimentos de revisitação ou aí depositados ainda durante a época de utilização do monumento. Embora se desconheça a época destes depósitos, do que parece não haver dúvidas é que a presença de artefactos intencionalmente fracturados deverá estar carregada de grande significado simbólico.

1.2 Monumentos de granito

Quer pelo estado de conservação e dimensões dos monumentos, quer pela quantidade de espólio recolhido, possuímos mais informações sobre aspectos do ritual ou rituais funerários nos monumentos da zona dos granitos do que sobre os da zona dos xistos.

Todos os monumentos por nós escavados, com excepção da Anta do Porto Aivado, forneceram maior ou menor quantidade de fragmentos ósseos. Alguns compostos apenas por pequenas esquirolas e em reduzido número (Coureiros I, II, III e IV e Pombais), outros em maior número e com fragmentos maiores (Bola da Cera, Castelhanas, S. Gens II e Cabeçada), possibilitam-nos identificar diferentes formas de tumulação nas antas da área de influência directa da Serra de S. Mamede (zona dos granitos).

1.2.1 Anta da Bola da Cera

O monumento da Bola da Cera foi o que maior número de informações forneceu. Sob um fragmento do esteio de cabeceira depositado praticamente no centro da câmara e aí intencionalmente colocado na Idade do Bronze, identificámos dois esqueletos que, pelas condições particulares em que se encontravam, possibilitaram, através de uma meticulosa escavação, recuperar o posicionamento relativo de todos os ossos. Embora esmagados pelo grande peso da pedra que os cobria foi possível, quer através do seu levantamento gráfico e fotográfico, quer através da observação dos fragmentos recolhidos, chegar a algumas e interessantes conclusões. (4)

Dois indivíduos, com idades entre os trinta e os quarenta anos, aos quais não foi possível reconhecer o sexo e com alturas que rondavam os cento e cinquenta centímetros, foram depositados em decúbito lateral, afrontados e em posição fetal. Os crânios encontravam-se orientados a nascente, praticamente no centro do monumento e quase que se tocando. A posição dos esqueletos pós-cranianos era simétrica em relação um ao outro, embora o indivíduo inumado mais a norte apresentasse a mão e o antebraço sob o cabeça. Envolvia os dois esqueletos uma camada de terra compacta, muito negra, algo pegajosa com sinais nítidos de ter suportado altas temperaturas.

Os ossos ilíacos, parte das costelas e esterno e a quase totalidade das vértebras tinham desaparecido, coincidindo a maior concentração de vestígios de fogo com o tórax e abdómen. Parecia nítido que estes enterramentos foram acompanhados de uma cremação parcial na zona visceral, já no interior do monumento. A ausência de carvões e a presença de uma terra viscosa indica que a cremação foi efectuada com a utilização de qualquer tipo de gordura ou resina.

Sob o esqueleto depositado mais a norte identificou-se uma placa de xisto, de contorno antropomórfico (BC 179), quarenta e três contas de colar discóides em xisto e oito pontas de seta de base convexa, talhadas em sílex, todas com vestígios de negro de fumo. Sob o outro esqueleto, para além de uma lâmina de sílex não retocada e muito calcinada (BC 88), recolheram-se duas taças semi-esféricas fragmentadas (BC 84 e BC 82). Toda a área envolvente da mancha de maior concentração de negro de fumo apresentava-se polvilhada de ocre.

Num fragmento do úmero esquerdo deste esqueleto foram detectados dois cortes contemporâneos do processo de fossilização dos mesmos. Estes rasgos, pouco profundos, parecem ter sido abertos por uma lâmina bastante cortante. Não apresentam vestígios de calcificação.

Este depósito funerário localizava-se a cerca de vinte centímetros do solão de base. Sob ele e na área envolvente outros restos ósseos de dimensões mais pequenas, mas também apresentando vestígios de fogo foram registados.

Contudo, o aspecto viscoso que caracterizava as terras envolventes dos esqueletos anteriormente descritos já não se detectou. Manchas de terra mais escura, autênticas bolsas, com algumas esquirolas de ossos queimados aos quais se associavam fragmentos de cerâmica, pontas de seta e fragmentos de placas de contorno antropomórfico, foram indentificadas junto aos esteios da câmara.

No mesmo espaço dois rituais funerários conviviam. Junto ao solão de base e em torno dos dois esqueletos, entre seis e oito bolsas funerárias de pequenas dimensões foram registadas. Nalgumas destas bolsas já nenhum fragmento ósseo foi identificado. O espólio que continham apresentava-se muito fragmentado.

As três placas recolhidas na área da câmara, duas obtidas em micaxisto e outra de xisto claro, todas de contorno e decoração antropomórficos, contrastavam com as recolhidas no corredor. Estas, de xisto ardosiano e contorno rectangular, apresentam exclusivamente decorações geométricas. À entrada da câmara e a meia distância entre os dois primeiros esteios, junto ao solão de base, recolheu-se uma grande placa (BC 44) talhada em micaxisto. De contorno geométrico, possui uma decoração antropomórfica numa das faces e ziguezagues na outra. A face com decoração antropomórfica, para além de bem evidenciar as sobranceiras, o nariz, os olhos e quatro riscos sob eles, mostra dois longos braços na extremidade dos quais se destacam as mãos com quatro dedos. Esta placa encontrava-se depositada com a face antropomórfica virada para cima e polvilhada de ocre. As suas dimensões, realismo da decoração, qualidade de acabamento e posição no interior do espaço funerário parecem conferir-lhe uma maior importância relativamente às outras recolhidas neste monumento.

No interior da anta, quatro pequenas lajes de granito formam, conjuntamente com o primeiro esteio do lado esquerdo, uma estrutura rectangular semelhante a uma pequena sepultura individual. No seu interior recolheram-se dois fragmentos de taças esféricas e uma lâmina de sílex (BC 255). Embora toda a terra tenha sido crivada não se detectou qualquer fragmento ósseo neste espaço. No lado oposto, à direita de quem entra na câmara, um monólito de granito

estrangulava parcialmente o acesso ao seu interior. Com uma forma próxima do cilindro apresentava uma altura acima do solo de quarenta e cinco centímetros por um diâmetro máximo de vinte e cinco centímetros. Este monólito que parece não ter tido qualquer função arquitectónica poderá estar relacionado com a estrutura rectangular atrás descrita. Tanto esta como o monólito foram implantados no solão de base e calçados com pequenas pedras. Recorde-se que a placa de maiores dimensões e gravação antropomórfica (BC 44) foi recolhida no mesmo nível entre estas duas estruturas.

Os depósitos funerários da câmara encontravam-se cobertos, quer pelo fragmento do esteio de cabeceira que selava os dois esqueletos, quer por um empedrado irregular formado por grandes blocos de granito. Entre este nível e o chapéu, identificou-se um outro depósito funerário com presença de pequenos fragmentos de ossos, cerâmicas atribuíveis ao Bronze Pleno (Senna-Martinez, 1993) e alguns fragmentos de taças e esféricos que deram colagem com outros fragmentos recolhidos sob o nível de calçada. Neste depósito não se detectou qualquer vestígio de fogo.

Na área do corredor não foi possível identificar qualquer resto ósseo nos níveis inferiores e a terra que continha era bastante clara e muito compacta.

A Anta da Bola da Cera parece ter sido palco de várias formas de deposição funerária. Numa primeira fase deverá ter servido de ossário, onde bolsas com despojos humanos e oferendas já fracturadas foram depositadas. Pouco depois ou na mesma altura em que servia de ossário, dois corpos foram neste monumento parcialmente cremados e provavelmente alguns membros descarnados, se atendermos aos cortes observados num dos úmeros.

Durante o Calcolítico pelo menos a mamoa deverá ter sido alvo de visitaçã, considerando o fragmento de prato de bordo almendrado (BC127 e

BC356) registado entre o saibro calcado que ocupava o espaço entre o anel de contrafortagem externa e o *cairn* que directamente se adossava aos esteios.

Na Idade do Bronze volta a servir de receptáculo funerário. Os seus novos utilizadores arrancaram um esteio lateral e partiram o topo do de cabeceira. Sobre este fragmento e debaixo do chapéu depositaram o seu ou os seus mortos acompanhados do mobiliário fúnebre, composto por cerâmicas (CB23,24,25,311), um pendente de xisto em forma de crescente (BC 90) e uma conta de colar de pedra verde (BC213).

Tal como já referimos quando tratámos dos monumentos da zona dos xistos, também neste monumento identificámos três elementos de mós (dormentes) intencionalmente fracturados. Ao contrário do que aconteceu nos monumentos da zona norte da área do nosso estudo, em que os elementos de mós foram encontrados unicamente na mamoa, na Anta da Bola da Cera eles encontravam-se aproveitados como calços de esteios. Dois dormentes calçavam internamente o monólito de cabeceira e um de maiores dimensões servia de apoio ao esteio do lado esquerdo do corredor. Mais uma vez, e como noutros monumentos veremos, os elementos de mós foram intencionalmente fracturados para deposição no espaço funerário. Atendendo ao local que ocupam, a deposição destes moinhos parece ser sempre contemporânea da construção dos monumentos.

A Anta da Bola da Cera foi palco ao longo de vários séculos de uma utilização continuada e de rituais diversificados. Os testemunhos mais antigos de deposição funerária parecem traduzir-se em bolsas de ossos parcialmente queimados, acompanhados de mobiliário votivo muito fracturado. Estas bolsas foram preferencialmente encostadas aos esteios. Em número variado devem ser contemporâneas, quer da colocação da grande placa à entrada da câmara, quer da inumação dos dois indivíduos acima referidos. Se as bolsas funerárias comportavam restos humanos previamente cremados no exterior, os dois inumados foram alvo duma cremação selectiva da zona visceral e provavelmente os ossos

longos descarnados no interior do próprio monumento, como atestam os vestígios de fogo e de cortes identificados no úmero de um dos indivíduos. Uma amostra de ossos carbonizados recolhida no esqueleto inumado mais a norte forneceu a data convencional (BP) de 4360 ± 50 (ICEN - 66).

Ainda que muito fracturados e carbonizados foi possível verificar que os restos ósseos das bolsas funerárias pertenciam a indivíduos de diferentes idades. Ossos de crianças e de indivíduos adultos puderam ser reconhecidos na área do mesmo depósito. Placas de arenito ou xisto claro, de contorno ou decoração antropomórficos, acompanhavam algumas destas inumações. Faziam ainda parte do mobiliário pontas de seta, machados e enxós, lâminas e lamelas de sílex, e abundantes fragmentos de cerâmica para além de elementos de colar (contas e pendentives). Dois pesos, provavelmente de pesca, obtidos sobre calhaus rolados recolheram-se no nível inferior do monumento.

Um espaço de cremação no exterior de monumentos pensamos estar bem documentado nos arredores de Elvas. O chamado Jazigo de Alcarapinha que Dias de Deus e Luís Agostinho escavaram em 1940 parece poder compreender-se não como um espaço de tumulação, mas mais como um local de preparação de corpos para posterior tumulação. Da descrição que do "Jazigo" de Alcarapinha fazem Abel Viana e Dias de Deus (Viana e Deus, 1950; Viana, 1950), para além de não terem sido detectados quaisquer estruturas líticas envolventes nem negativos de esteios, os autores informam-nos que "El subsuelo estaba compuesto por una costra fuerte y oleosa, con huesos humanos parcialmente quemados, ceinzas, carbones y numerosas conchas de moluscos, tanto terrestres como de agua dulce y marinos. La espesura desta capa variaba entre cinco y diez centímetros. (Viana e Deus, 1950:196) Por cima da camada oleosa recolheram-se seiscentas contas de colar, "várias facas de sílex, inteiras, e muitos fragmentos de outras; muitas pontas de flecha, (...) umas oito placas de xisto (...) O melhor dos objectos ali colhidos foi, porém, uma alabarda de sílex acastanhado (...) encontraram-se apenas três ou quatro machados." (Viana, 1950:294). Localizam-se nas imediações deste provável

crematório duas sepulturas megalíticas, possivelmente destinadas a receber os restos humanos previamente preparados.

Provavelmente as bolsas funerárias identificadas tanto na Bola da Cera como em tantos outros monumentos poderão ter sido preparadas em crematórios como o acima descrito.

Em plena Idade do Bronze o monumento volta a ser alvo de tumulação ou tumulações sem vestígios de qualquer cremação. Encontramos, portanto, o mesmo monumento, e unicamente a câmara, a servir de ossário, espaço de preparação de cadáveres e local de inumação. No corredor onde apenas um fragmento de osso foi identificado à superfície, entre terras muito húmidas, e portanto sem significado, identificaram-se, no nível inferior, fragmentos de taças e placas de xisto de contorno e decoração geométricos. Estas placas, completamente distintas das recolhidas no interior da câmara parecem comportar um significado diferente, tanto pela forma e decoração, como pela posição que ocupavam.

Ao contrário da maior parte dos monumentos, quer da zona dos xistos, quer da dos granitos, que foram implantados em locais altos ou de grande visibilidade, a Anta da Bola da Cera foi construída numa suave encosta entre afloramentos graníticos que totalmente a envolvem. Quando completo e envolto pela mata este monumento dificilmente se destacaria na paisagem. Parece, portanto, que os seus construtores e ou utilizadores ao elegerem este espaço para a montagem do monumento não procuraram evidenciá-lo na paisagem, mas obedeceram a outras regras que por agora desconhecemos, mas que, de alguma forma, poderão estar ligadas à proximidade de um pequeno abrigo sobre rocha que se situa a menos de cinquenta metros da anta ou à proximidade dos povoados de Vidais e dos Pombais onde foi talhado o menir do mesmo nome.

1.2.2 Anta das Castelhanas

Outro monumento que merece especial referência por ainda apresentar grande quantidade de material ósseo é a Anta das Castelhanas situada também na área do concelho de Marvão. Nesta anta, tanto na câmara como no corredor, recolheram-se abundantes fragmentos ósseos na sua maior parte carbonizados. Tal como a da Bola da Cera, em termos de planta e matéria-prima, corredor curto e esteios de granito, este monumento distinguiu-se da anteriormente referida pela grande uniformidade verificada no ritual de enterramento.

Sob um nível de terra escura muito humosa e abundante em pedras, aí colocadas durante as limpezas dos campos, uma camada de terra mais compacta e de tonalidade geral mais clara do que a anterior, continha manchas de ossos parcialmente queimados. Nestas bolsas, tal como as identificadas na anta da Bola da Cera, recolhemos recipientes cerâmicos muito fracturados e espólio lítico também afectado pelo fogo. O grau de cremação destes despojos parece, na sua generalidade, não ter sido tão intenso como o detectado no monumento anteriormente descrito. O número de bolsas que ultrapassaria, só no interior da câmara, mais de dez, concentrava-se, ao invés do que ocorreu na Bola da Cera, especialmente no centro da câmara. Junto ao esteio de cabeceira, para além de se verificarem sinais de violação, apenas se observou terra clara e algumas pedras.

Neste monumento o espólio votivo era, na sua generalidade, em número reduzido e de pouca qualidade. Se exceptuarmos o vaso de suspensão (AC 94), provavelmente destinado à iluminação, atendendo aos vestígios de negro de fumo no interior e à grande ponta de seta de sílex (AC 53), o restante espólio era nitidamente modesto. A maior parte das pontas de seta foram talhadas em xisto, algum jaspóide, apresentando retoques descontínuos e muito irregulares. As cerâmicas muito fracturadas e também com sinais de fogo, apresentam, na sua maioria, pastas pouco depuradas. Os fragmentos de placa que em nenhum dos

casos possibilitaram colagem apresentam as faces muito afectadas pelas temperaturas que sofreram.

Fica claro que este monumento, pelos vestígios encontrados, apenas recebeu restos humanos previamente preparados. Esta preparação poderá ter passado por várias fases, ainda que hoje seja difícil de provar se todos tiveram tratamento idêntico e se passaram pelas mesmas operações.

A maior parte dos ossos sofreu acção do fogo. Vários ossos longos apresentam sinais de raspagem e cortes efectuados após a morte. Cortes longitudinais efectuados pós morte, provocados por objectos cortantes que atingiram o canal medular, estão presentes nalgum do material ósseo recolhido. Estas aberturas longitudinais apenas parecem ocorrer em ossos que não foram afectados directamente pelo fogo. Ossos de indivíduos de várias idades ocorrem neste monumento. Na mesma bolsa, tal como já havíamos identificado na Anta da Bola da Cera, podem ocorrer restos de mais de um indivíduo.

No conjunto, embora sejam raros os ossos de criança, em nenhum se detectou vestígios de raspagens, golpes ou aberturas longitudinais. Também não é em ossos com sinais de osteoporose que se detectaram as situações acima descritas. Apenas nos restos ósseos de indivíduos adultos, mas não idosos, podemos identificar os cortes longitudinais.

Ainda que não possamos generalizar, parece que os cadáveres cujos restos foram depositados na Anta das Castelhanas passaram por um complexo e longo ritual antes da sua definitiva tumulação. Para além da cremação, praticamente geral, os membros poderão ter sido paralelamente descarnados, utilizando-se para o efeito, provavelmente ou uma lâmina ou um geométrico encabado. Se não quisermos entrar no apaixonante mas fácil universo da especulação, simplesmente se poderá compreender a cremação e a raspagem dos ossos pela necessidade da redução volumétrica do cadáver. Contudo, mais difícil se torna entender a abertura longitudinal dos ossos longos, para acesso ao canal medular. Mais intrigante se torna a situação quando tal corte ocorre poucas vezes

e apenas em ossos de indivíduos adultos. Poder-se-á levantar a hipótese da prática de qualquer espécie de canibalismo ritual sobre a medula óssea de um indivíduo que poderá ter ocupado um papel de relevo entre os da comunidade.

Na análise sumária a que foi submetido o espólio ósseo recolhido na Anta das Castelhanas (5), foi possível identificar ossos pertencentes a indivíduos de todos os grupos etários. Entre os ossos dos adultos é frequente a ocorrência de traumatismos provocados por instrumentos cortantes ou pesados. As fracturas nos fémures, úmeros, tíbias e perónios e nas clavículas estão bem representadas. Uma perfuração já muito calcificada de um úmero, provocada por instrumento pontiagudo foi também detectada. Uma peça óssea da abóbada craniana com deformação acentuada do seu arco, com traço de fractura que provocou o afundamento ósseo, causou provavelmente a morte de um indivíduo que teria uma idade entre os vinte e os vinte e cinco anos.

Pelos dados referidos, parece podermos deduzir que os inumados neste monumento não deverão ter tido uma vida muito pacífica, atendendo à quantidade de traumatismos detectados.

Concentrações de ocre ocorreram, ainda que esporadicamente, entre os depósitos funerários. Neste monumento o ocre não apareceu polvilhado como na Bola da Cera. Pequenas congregações de ocre de calibre não superior a cinco milímetros foram identificadas nas imediações das maiores concentrações de ossos.

Tal como nos monumentos anteriormente descritos, na Anta das Castelhanas, os elementos de mós estavam também presentes, quer a calçar esteios, quer entre os blocos líticos da mamoa. Com apenas uma excepção todos os instrumentos de moagem se encontravam fracturados. A excepção materializava-se num dormente de grandes dimensões incluído na mamoa.

A Anta das Castelhanas situa-se numa suave encosta virada a nascente dominando um largo panorama sobre a bacia do Sever.

1.2.3 Anta da Figueira Branca

A anta da Figueira Branca, também de corredor curto, situada na área do concelho de Marvão, forneceu dados interessantes no que respeita a rituais de enterramento. Como no capítulo sobre a arquitectura referimos, este monumento parece ter sofrido os efeitos de um violento terramoto logo após a sua construção e antes de receber qualquer depósito funerário.

Na câmara, sobre o solão granítico e sem qualquer camada de terra a separá-los, depositavam-se os esteios fragmentados. Entre o chapéu e o amontoado de grandes blocos graníticos, num pequeno recanto, identificámos um depósito funerário. Este depósito, que ocorreu após a derrocada do monumento, continha uma placa de xisto de contorno trapezoidal e decoração geométrica (FB9), uma conta de colar de rocha verde (FB8), uma lâmina de sílex retocada (FB5), um machado de pedra polida (FB3) e vários fragmentos de taças semi-esféricas. Reduzidas esquirolas de ossos indicavam a existência de, pelo menos, um enterramento. Não se detectou qualquer indício de fogo, quer nos poucos e reduzidos fragmentos ósseos, quer nos materiais que aí se depositavam.

Neste pequeno espaço funerário dificilmente caberia mais do que uma inumação de cadáver não preparado. A ausência de sinais de fogo, o estado e número do mobiliário votivo fazem-nos supôr que na anta da Figueira Branca apenas foi depositado um corpo e forçosamente com os membros flectidos. Pequenas concentrações de ocre foram identificadas por entre a terra que envolvia este espaço funerário.

Por forma a melhor isolar este improvisado espaço tumular, foi anexada ao fracturado esteio de cabeceira uma longa mas estreita laje de xisto que vedou a abertura que se abria para noroeste.

O corredor que provavelmente não teria sido tão afectado pelo terramoto foi nos finais dos anos cinquenta desmontado para com os seus esteios se contruir um pontão nas imediações do monumento. As informações que provavelmente conteria desapareceram irremediavelmente. Na escavação que efectuámos para identificação dos alvéolos de fixação dos esteios do corredor, recolhemos dois fragmentos de moinho (dormentes) que teriam servido de calços dos monólitos desaparecidos.

A única sondagem que nos foi permitido fazer na área da mamoa (6) possibilitou-nos reconhecer que a laje de xisto que havia sido anexada à direita do fragmentado esteio de cabeceira penetrava profundamente na couraça lítica e que parecia ter alguma ligação com uma estrutura de grandes blocos de granito que no topo da mamoa se desenhava. Inviabilizados de alargar a área da escavação não foi possível compreender completamente a referida estrutura que, provavelmente, e atendendo ao volume da mamoa nesse local, poderá conter outro espaço funerário à semelhança dos detectados nas mamoas da Anta 2 da Comenda, Anta 1 da Farisoa (Leisner, 1951) e recentemente na Anta 2 do Olival da Pega (7), todas na área do concelho de Reguengos de Monsaraz.

Nas poucas informações que foi possível recolher, unicamente pela leitura de superfície, parece desenharse, a poente da câmara dolménica, uma estrutura circular composta por grandes e informes blocos de granito, com um diâmetro interno de cerca de dois metros e meio. Esta estrutura adossa-se directamente ao esteio de cabeceira e parece ter alguma ligação com a laje de xisto anteriormente descrita. Sem dados concretos para o podermos afirmar seguramente, a estrutura circular detectada no topo da mamoa poderá ter sido construída após o desmoronamento da câmara e destinada a receber também tumulações, embora não nos pareça que possa tratar-se de uma sepultura de falsa cúpula, como as identificadas no concelho de Reguengos de Monsaraz.

A sondagem na mamoa, autorizada e pré-defenida pelo IPPC, possibilitou-nos identificar mais de uma dezena de fragmentos de mó nos

quadrados L12 e L13. Estes fragmentos tanto dormentes como moventes incluíam-se na estrutura lítica da mamoa. Sob a forte couraça de pedras que envolviam o monumento identificou-se uma camada de terra clara e compacta com uma espessura máxima de vinte centímetros que assentava no solão granítico. Nesta camada, para além de se recolherem diversos fragmentos de cerâmica de recipientes de forma maioritariamente esférica e de capacidade volumétrica superior às normalmente identificadas no interior dos espaços funerários (8), localizou-se em L12 um conjunto de carvões e cinzas, bem delimitados, mas não estruturados que se prolongavam para J12, quadrado que não estávamos autorizados a sondar. Uma amostra destes carvões forneceu-nos a data convencional (BP) de 6210 ± 50 (ICEN - 823).

Atendendo à data dos carvões, capacidade volumétrica e tratamento das superfícies das cerâmicas, quantidade de elementos de moinho e localização sob a estrutura lítica da mamoa, tudo parece indicar que a Anta da Figueira Branca foi levantada sobre um habitat mais antigo.

Ainda que necessitando do alargamento da área sondada, esta anta forneceu dados, embora inconclusivos, extremamente importantes para uma melhor compreensão dos rituais funerários. Provavelmente sobre um habitat antigo construíram uma sepultura megalítica que antes de receber qualquer depósito funerário sofre a acção de um terramoto que lhe provoca o desmoronamento. Num pequeno espaço, entre o chapéu e os escombros é inumado um ou vários indivíduos. Posteriormente, na mamoa uma outra provável câmara funerária parece ter sido construída.

A anta da Figueira Branca, embora localizada numa suave encosta rodeada a poente por afloramentos graníticos, domina visualmente o vale do Sever.

1.2.4. Anta da Cabeçada

A cerca de duas centenas de metros para Nascente do monumento da Figueira Branca, a Anta das Cabeçada implanta-se numa linha de fecho em local bem visível. Afectada tal como a anterior por um violento terramoto, viu os seus esteios quebrarem-se junto ao solo e tombarem sobre os depósitos funerários já aí existentes. A pouca potência de terra que no interior do monumento se detectou encontrava-se muito solta, praticamente até ao solão de base. As silvas que envolviam a anta contribuíram para que se transformasse num grande habitat de coelhos e cobras que revolveram praticamente todo o espaço interno. A esta terra clara e solta seguiu-se um nível de terra também clara mas mais compacta onde foi possível recolher na câmara um fragmento de mandíbula de adulto no qual ainda se implantava o primeiro e o segundo molares, ambos muito cariados. Este fragmento não apresentava sinais de fogo tal como os restantes ossos, muitíssimo fragmentados, que esporadicamente tinham ocorrido no nível de terra mais solta.

O grau de fractura e ausência de grande número de fragmentos do espólio recolhido, tal como ocorreu em praticamente todos os monumentos estudados, leva-nos a supôr que também esta anta recebeu depósitos funerários preparados no exterior. O revolvimento provocado pelos animais que aqui se abrigavam impossibilitam-nos hoje de confirmarmos se nesta anta ocorreram também enterramentos primários.

Neste ambiente de revolvimento recolheram-se várias landes carbonizadas associadas ao restante espólio. O aspecto regular da carbonização e o seu grau de fossilização fez-nos duvidar de que se tratasse de landes actuais afectadas por algum incêndio e posteriormente transportadas para o interior do monumento pela colónia de coelhos que nela habitava. Extraída uma amostra e submetida a datação por radiocarbono forneceu-nos a data convencional (BP) de 3720 ± 45 (ICEN - 979). Trata-se, portanto, de landes de sobreira, provavelmente torradas intencionalmente e destinadas ao consumo humano (9) e depostas no espaço

funerário possivelmente como oferendas fúnebres. A torrefacção de landes e bolotas no Calcolítico está também documentada noutros sítios arqueológicos pré-históricos como é o caso da cabana I do Habitat IV do Ameal situado no concelho de Carregal do Sal (10).

Tal como já havíamos detectado noutros monumentos desta região, também a Anta da Cabeçuda parece ter sido construída sobre um solo de ocupação anterior. Carvões recolhidos sob uma camada de saibro calcado destinado, aparentemente, a nivelar o granito de base forneceram a data convencional (BP) de 7660 ± 60 (ICEN - 978). Neste nível recolheram-se três fragmentos de cerâmica muito rolados, fabricados com uma pasta muito grosseira e aparentemente sem engobe.

Na mamoa, na face interna do duplo anel de contrafortagem externa, num pequeno espaço entre os blocos da couraça lítica, identificaram-se três machados de pedra polida (C 110, C 114 e C 115). Ao contrário do que por vezes se verifica, estes machados não parecem ter sido abandonados mas intencionalmente depositos na mamoa. Algumas cerâmicas, muito fracturadas e inseríveis em níveis do calcolítico, foram recolhidas nas imediações da mamoa. O fragmento de prato de bordo espessado (C 223) encontrado no exterior do corredor é uma das cerâmicas claramente reveladora da presença calcolítica na mamoa deste monumento.

Durante a desmontagem do muro de divisão de propriedade que sobre o monumento se encontrava, recolheram-se diversos fragmentos de mó incorporados nesta estrutura de pedra seca. No interior do corredor, por entre a terra solta, mais dois dormentes fracturados foram identificados. Entre os calços internos dos esteios da câmara e num do corredor outros elementos de mó foram registados. Apenas na mamoa, e já em contacto com o solão de base, é que se detectaram moinhos não fracturados. Constata-se, assim, que 93 % dos elementos de mó recolhidos na Anta da Cabeçuda estão fracturados e que dos restantes 7 %, apenas um é dormente. Mais uma vez nos apercebemos que houve da parte dos

construtores e ou utilizadores destes espaços funerários a nítida intenção de inutilizarem estes instrumentos transformadores.

1.2.5. Anta II de S.Gens

O monumento II de S. Gens, no concelho de Nisa, ainda que fora da área da bacia do Sever mas incluído no *corredor* dos monumentos de granito que envolvem a Serra de S. Mamede tem vindo a ser por nós estudado paralelamente à elaboração do presente texto. Embora a escavação do monumento não tenha ainda sido concluída e, conseqüentemente o seu estudo global ainda não esteja organizado, a importância da descrição dos rituais funerários observados no terreno merecem ser aqui apresentados.

Esta anta, provavelmente de corredor longo (11) e com uma câmara poligonal muito regular cujo diâmetro máximo atinge os quatro metros, apresenta três níveis estratigráficos nítidos. O nível superior com uma potência máxima de quarenta centímetros junto ao esteio de cabeceira continha terra escura muito humosa, com abundantes pedras e diversos fragmentos de cerâmica romana de construção e alguns fragmentos de recipientes de cerâmica medievais. Sob este nível, outro com potência semelhante cobria praticamente toda a câmara, apresentando-se muito revolvido junto ao esteio fracturado na face norte do monumento. Bolsas de ossos muito fragmentados, alguns com vestígios de fogo, associavam-se a abundantes fragmentos de cerâmica. Três fragmentos de placas de xisto com decoração geométrica foram também recolhidos neste nível.

No centro da câmara uma frondosa figueira perturbava os níveis arqueológicos. Em torno dela, mas sobretudo junto aos esteios, localizava-se a maior concentração de ossos. Em número dificilmente determinável, mas que ultrapassavam claramente a dezena, estas bolsas continham ossos de indivíduos de

diferentes idades. Numa análise superficial verificou-se, ao contrário do registado na Anta das Castelhanas e na Bola da Cera, que os ossos com sinais de traumatismos parecem ser em número reduzido, ao mesmo tempo que o número de indivíduos adultos é notoriamente superior ao das crianças e idosos.

Sob este nível, provavelmente de depósitos funerários preparados no exterior, entrou-se numa terceira camada composta por terra clara muito compacta. Nesta camada, também muito afectada pelos depósitos superiores, e portanto apresentando potências muito irregulares, que oscilavam entre os cinco e os vinte centímetros, identificámos ossos com um menor grau de fractura, melhor conservados, que não fossem as perturbações provocadas pelos níveis superiores, provavelmente poder-se-ia recuperar completamente a disposição dos vários esqueletos que aqui se encontrariam.

À direita de quem entra na câmara, num pequeno espaço, pouco afectado, quer pelas raízes da figueira, quer pelos depósitos superiores, pôde-se reconhecer um enterramento de um indivíduo depositado em posição flectida e com o crânio virado para nascente. Entre alguns fragmentos do crânio e um conjunto de pedaços de ossos longos, junto dos quais várias falanges foram identificadas, recolheu-se uma placa de xisto e dois recipientes semi-esféricos. Ambas as cerâmicas encontravam-se viradas para baixo. Tratava-se de um indivíduo adulto mas não muito idoso.

No mesmo nível deste enterramento outros ossos foram identificados, sempre associados a cerâmicas bem conservadas, contrastando nitidamente com o elevado grau de fractura das recolhidas no nível anterior. Entre os vasos identificados na camada clara deste monumento, nível mais antigo, dois apresentam bordo oval do qual se destaca uma curta pega obtida por repuxamento da pasta.

Como afirmámos, embora este monumento não esteja ainda totalmente estudado, nele é já possível isolar dois níveis distintos de depósitos funerários com diferentes rituais. No nível mais antigo várias inumações, provavelmente sem preparação externa do cadáver, foram detectadas, acompanhadas por mobiliário

votivo bem conservado. Pelo menos um dos inumados parece ter sido depositado em posição fetal com a cabeça virada para nascente. O nível superior de terra mais escura, com presença de ossos muito fracturados e alguns parcialmente cremados, onde ocorreram materiais cerâmicos e líticos profundamente danificados, deverá ter contido inumações preparadas no exterior do monumento.

Na área do corredor unicamente procedemos à extracção da terra arável não se registando, portanto, e até ao momento qualquer tipo de espólio.

Na mamoa onde já se procedeu à sondagem de uma ampla área não foi já possível identificar praticamente nenhum elemento da couraça lítica que envolveria os esteios. As profundas lavouras efectuadas em torno do monumento contribuíram também para a parcial destruição do corredor e desagregação total da mamoa.

1.2.6. Necrópole dos Coureiros

A importante necrópole dos Coureiros, situada na área do concelho de Castelo de Vide, poucos dados forneceu que de modo claro nos esclarecessem quanto à forma de deposição funerária. Ao estado de destruição e violação dos monumentos somaram-se as autorizações condicionadas por parte dos técnicos do IPPC, contribuindo para que ao fim de várias campanhas que ao longo de quatro anos desenvolvemos nesta necrópole os resultados sejam bastante reduzidos.

Nesta necrópole composta por quatro antas, duas destacam-se, quer pela grande dimensão dos seus esteios, quer pelo comprimento dos corredores. Os monumentos de maiores dimensões, antas II e IV, por motivos vários (12) não

foram totalmente escavadas e as outras duas apresentavam-se muito destruídas e violadas.

A quantidade, qualidade e sobretudo diversidade dos materiais exumados nos monumentos de maiores dimensões comparados com os recolhidos nas sepulturas mais pequenas da mesma necrópole, se forem contemporâneos, mostram provavelmente alguma diferenciação social entre os tumulados.

Embora nos monumentos de maiores dimensões (antas II e IV) apenas tivéssemos procedido à escavação dos respectivos corredores e as antas I e III tivessem sido totalmente escavadas, não deixa de ser interessante verificar como alguns materiais estão totalmente ausentes de alguns monumentos e outros, proporcionalmente, ocorrem em número pouco vulgar. A ausência de placas e cerâmicas na anta III e a grande concentração de machados (8 peças), contrasta nitidamente com as cinco placas recolhidas no monumento I onde apenas ocorreram dois machados. Por outro lado nos monumentos de maiores dimensões todos os tipos de materiais estão presentes. Vejamos, ainda que genericamente, as principais percentagens de materiais que se recolheram em cada sepultura.

Na anta I foram efectuados 19 registos dos quais 5 (26,3%) são placas de xisto e igual número de fragmentos de cerâmica. Na anta III com 11 registos dos quais 8 (72,7%) são machados, estando ausentes as cerâmicas. Na anta II efectuaram-se 44 registos encontrando-se em maior número as pontas de seta com 17 exemplares (38,6%), seguidas das cerâmicas com 13 (29,5%) exemplares. Na anta IV efectuaram-se 69 registos, encontrando-se em maior número as pontas de seta com 24 exemplares (43,7%), seguidas das contas de colar e cerâmicas, respectivamente com 17 (24,6%) e 14 (20,2%) exemplares.

Embora todas as ilações que se possam tirar desta breve amostragem assentem em dados muito parcelares, porque nuns monumentos apenas se escavou o corredor, enquanto que noutros todo o monumento foi estudado, podemos, pelo menos, verificar que na anta I, totalmente escavada, as placas representam 26,3% do total e apenas 10,5% são machados, enquanto que na anta III, também

totalmente escavada, não existem placas nem cerâmicas e os machados ocupam 72,7 % do total de peças.

Sobre os dois monumentos de menores dimensões, que a serem contemporâneos, e baseados unicamente na diversidade de espólios, poderemos deduzir a existência de alguma diferenciação entre os tumulados. Num dos monumentos recolheram-se essencialmente placas de xisto, objectos de carácter marcadamente mágico e simbólico, enquanto que no outro monumento os materiais recolhidos, maioritariamente machados, pouco poderão ter a ver com o mundo sobrenatural. Na ausência de mais dados é perigoso ultrapassar a barreira da descrição, contudo, mostra-se interessante admitirmos a hipótese de que os monumentos referidos possam ter sido destinados a indivíduos ou grupos de diferentes estratos sociais. Continuando nesta linha de pensamento, verificamos que os monumentos de maiores dimensões que comportam, pelo menos no corredor uma grande diversidade de materiais e nitidamente de maior riqueza e prestígio do que os identificados nos mais pequenos, poderão ainda reforçar melhor a possibilidade das antas da necrópole dos Coureleiros reflectirem alguma estratificação social baseada em factores por agora desconhecidos.

Numa análise ao espólio recolhido nos monumentos de maiores dimensões verificamos que eles são percentualmente muito semelhantes e que a variedade de peças se repete nos dois monumentos. Exceptua-se a presença de placas de arenito, com dois fragmentos na anta II e a ausência das de xisto, enquanto que na anta IV os quatro exemplares recolhidos são todos de xisto com decorações geométricas.

A única data antiga disponível para estes quatro monumentos refere-se a carvões recolhidos na base do corredor da anta IV, associados a uma placa de xisto de contorno rectangular com decoração geométrica (CIV 56), junto da qual foram identificadas algumas esquirolas de ossos e concentrações de ocre. Estes carvões submetidos a análise radiocarbónica forneceram a data convencional (BP) de 4240 ± 150 anos, enquanto que os carvões recolhidos na anta I e na II

forneceram respectivamente 840 ± 70 e 690 ± 130 anos (BP), correspondendo, provavelmente a violações efectuadas nestes monumentos.

1.2.7 Anta dos Pombais

A anta dos Pombais situada na área do concelho de Marvão é um interessante monumento, quer do ponto de vista arquitectónico, quer no que respeita à sua localização, cujas particularidades são analisadas nos respectivos capítulos.

Embora se trate dum caso único no que respeita aos aspectos descritos, poucas informações nos forneceu sobre os rituais funerários nela praticados. Com os esteios tombados e esmagados sob o peso do chapéu parecia guardar intacto o seu interior. Contudo, um habitat de javali aberto na câmara do monumento perturbou e dispersou os depósitos que aí se guardavam. Por outro lado o elevado grau de acidez dos terrenos de xistos onde se implanta o monumento contribuíram para a total pulverização dos restos ósseos.

O interior da câmara, ainda que muito revolvido, parecia conter dois níveis estratigráficos. Apesar da terra apresentar uma uniforme coloração clara, verificou-se um nível de terra mais solta com presença de materiais fracturados sob o qual se detectou uma camada de terra mais compacta onde se recolheram os materiais melhor conservados. Foi neste nível de terra compacta que se identificou uma grande placa de micaxisto (AP 106) sem decoração gravada e levemente polvilhada de ocre. À entrada da câmara, mas numa terra algo afectada pela passagem dos animais que no interior do monumento se abrigavam, identificámos um fragmento de placa fenestrada obtida em micaxisto (AP 105), muito semelhante ao fragmento recolhido na câmara do monumento Zafra II do Termo de Valência de Alcântara (Ramírez, 1988). No mesmo local onde se recolheu este

fragmento de placa identificou-se uma intrigante estrutura, composta por uma pequena laje de xisto de forma próxima do quadrado, com cerca de 35 centímetros de lado, rodeada por pedras de pequenas dimensões. Nas imediações recolheram-se fragmentos de dois recipientes cerâmicos (AP 174 e AP 150). Esta estrutura, semelhante a um pequeno banco ou altar, vedava, em grande parte, o acesso à câmara.

Os elementos de colar recolhidos neste monumento localizavam-se no nível de terra mais compacta, o mesmo acontecendo com as pontas de seta.

Embora sem possibilidade de confirmação, parece terem ocorrido neste monumento dois tipos de inumação, semelhantes aos registados na anta II de S. Gens. Esta hipótese baseia-se unicamente na diferença de conservação das peças e na distinta compactação das terras. Contudo, estes factos poderão ficar a dever-se, unicamente aos revolvimentos provocados pelos javalis que neste monumento se abrigavam.

Nenhum material datável por radiocarbono foi possível recolher neste monumento.

1.2.8. Outros monumentos

Na margem portuguesa da bacia e festos delimitadores do Sever outros monumentos foram objecto de escavação. Como no primeiro capítulo referimos, desde Pereira da Costa que as sepulturas megalíticas desta região começaram a ser estudadas, embora, anteriormente, já a elas houvesse referências. As poucas e sumárias descrições que nos chegaram desses trabalhos pouco ou nada nos dizem sobre a forma de tumulação. Das escavações efectuadas pelo extinto Grupo de

Arqueologia de Castelo de Vide em várias antas deste concelho, apenas possuímos um esboço de planta da anta da tapada de Matos, e uma caixa com ossos muito fragmentados. Pelo esboço que é acompanhado por algumas folhas de inventário do espólio recolhido, verificamos que os materiais exumados são provenientes, maioritariamente, da zona média do corredor. Embora nestas folhas de inventário não existam referências a ossos, os que até nós chegaram terão sido provavelmente recolhidos nesta parte do monumento (13). O elevado grau de fractura observável nos ossos que até nós chegaram permite-nos supôr que, provavelmente, eles tenham pertencido a tumulações secundárias. Paralelamente, o espólio identificado apresenta-se igualmente muito fracturado, reforçando esta hipótese. Contudo, a ausência de sinais de fogo e apenas alguns leves indícios de raspagens em ossos, somados à presença de materiais romanos, provavelmente no mesmo contexto, dificultam qualquer conclusão.

Ossos de indivíduos de diferentes idades fazem parte do conjunto ósseo que nos foi dado observar, mostrando mais uma vez que nestes monumentos funerários, claramente selectivos, a idade não era factor de exclusão. A anta da Tapada de Matos, o mais monumental espaço funerário da bacia do Sever, poderá ainda fornecer importantes dados quando se proceder à escavação, quer da mamoa, quer da área da câmara selada por um grande fragmento de esteio.

Outras referências, ainda que muito sumárias, relacionadas com os rituais de enterramento na área da bacia do Sever, chegam-nos da margem espanhola. Sabemos que escavações efectuadas por Elias Diégues no monumento Lanchas I forneceram alguns ossos, que nós há já vários anos ainda vimos em sua casa. Nesse breve contacto foi possível verificar que aquela meia dúzia de ossos longos não apresentavam sinais de fogo.

As escavações efectuadas por Primitiva Ramírez nos monumentos de Valência de Alcântara e na referência que nos seus trabalhos faz a escavações mais antigas, não se descrevem directamente quaisquer rituais de enterramento. Contudo, torna-se de importância capital a referência a um provável fundo de



cabana identificado por esta investigadora junto à base da mamoa da anta da Huerta de las Monjas. Para a sua noticiadora esta cabana será contemporânea da construção do monumento, afirmando que "en contacto con el nivel del terreno en el momento de realización del monumento, reivindican la existencia de algún pequeño asentamiento junto al dolmen donde los artífices de éstos hubieran habitado" (Ramírez, 1888:69).

Se atendermos às já muitas referências a solos com ocupação antiga na base dos monumentos funerários, quer nesta região, quer noutros locais, e às datas agora disponíveis e já referidas, para carvões recolhidos na base da mamoa da anta da Figueira Branca e sobre a rocha na base da câmara da anta da Cabeçuda, situadas não muito distantes da Huerta de las Monjas (14), então, provavelmente, o fundo de cabana identificado por Primitiva Ramírez poderá não ter sido um abrigo para os construtores do monumento, mas um fundo de cabana muito mais antigo.

A referência a esta estrutura habitacional, somada às datas antigas por nós obtidas para solos humanizados na base de pelo menos dois monumentos, poderão explicar a diversidade de locais para a construção dos espaços funerários. Esta diversidade explicar-se-ia não por aspectos relacionados exclusivamente com rituais funerários, mas pela apropriação para os mortos do espaço de referência ancestral dos vivos. A continuada ocupação dos mesmos espaços, alguns até aos nossos dias, poderá mostrar que a sua primeira eleição se deverá relacionar com a procura dos melhores locais de habitabilidade, de onde se destacarão a proximidade a linhas de água ou nascentes naturais, presença de terrenos férteis e abrigados, melhor exposição ao sol e abundantes recursos cinegéticos.

2. RESUMINDO

O reduzido número de escavações efectuadas em monumentos de xisto e as limitadas informações que as sepulturas estudadas forneceram tornam muito

difícil a identificação completa de práticas funerárias que nestes sepulcros se praticaram. Como assinalámos, a frequência com que alguns materiais ocorrem (sobretudo machados) e o deficiente estado de conservação de outros (placas e cerâmicas), parecem apontar para espaços funerários colectivos de depósitos secundários. Esta hipótese, ainda que não totalmente defendida por Primitiva Ramírez para os monumentos de Alcântara, não deixa de ser contemplada na análise que fez sobre as câmaras simples da "Extremadura" (Ramírez, 1989). No mesmo estudo após defender a contemporaneidade das câmaras simples com os grandes monumentos megalíticos, sugere a hipótese desta diversidade de monumentos reflectirem diferentes condições sociais dos inumados. Ao longo da nossa investigação, apercebemo-nos como os materiais exumados nestas pequenas sepulturas são notoriamente pobres quando comparados com os recolhidos em monumentos de maiores dimensões localizados na zona dos granitos. A pobreza do espólio reflecte-se também na volumetria do sepulcro que, na maior parte dos casos, só não passaria despercebido na paisagem se não ocupasse as linhas de cumeada e não comportasse elementos líticos notáveis. Parece, assim, e na ausência de um número significativo de datações absolutas, que as pequenas sepulturas da zona dos xistos poderão ter sido levantadas por comunidades detentoras de menores recursos do que aqueles que possibilitaram a construção de monumentos como a anta II dos Coureiros ou a da Marquesa. Como noutra capítulo referimos, é facilmente constatável pelo número de pessoas necessárias ao transporte dos esteios de monumentos como os dos Coureiros, comparativamente com as necessárias para antas como a de Cerro de la Caldera, que, ou estamos perante diferentes atitudes face à morte, ou o prestígio dos tumulados merecia tratamentos distintos.

A pequena dimensão destes sepulcros contrasta com a sua densidade por necrópole. Por vezes mais de uma dezena destes sepulcros ocupa uma linha de cumeada dum pequeno festo. Geralmente visíveis umas das outras, estas construções chegam a coroar todos os cerros da bacia hidrográfica dum pequeno regato. Dominando solos de fraca aptidão agrícola, alguns hoje completamente esqueléticos, e onde a presença humana é na actualidade quase nula, o grande

número destes monumentos poderá indiciar uma profunda alteração nos solos da zona norte da área em estudo ou uma economia pouco dependente da agricultura.

A economia tradicional das gentes de Montalvão e Cedillo, antes da florestação com eucaliptos e da construção da barragem, assentava na pastorícia e na pesca. A fraca densidade populacional da zona dos xistos seria reflexo desta economia deficitária. Comparativamente, e atendendo ao grande número de sepulcros megalíticos já identificados, parece que na altura da sua construção e utilização a densidade populacional seria proporcionalmente maior do que na actualidade.

Provavelmente, no Neolítico os rios Tejo e Sever seriam mais abundantes em peixe o que somado a melhores pastagens, vales mais férteis e completado por caça abundante proporcionaria os meios necessários à fixação de maior número de pessoas. Embora os factores de fixação pudessem ser melhores, parecem não ter sido bastantes para possibilitarem economias suficientemente sólidas que igualassem os recursos e ou o prestígio necessários para a construção de sepulcros tão monumentais quanto os da zona dos granitos. O esforço necessário à construção das sepulturas dos xistos implica uma ínfima parte do gasto numa dos granitos. O tempo, a força e conseqüentemente o prestígio necessário para o congregar da comunidade nos rituais da morte seriam muito menores na área de influência do Tejo do que na área de influência da Serra.

O discurso arquitectónico presente nas duas zonas em análise obedece a padrões semelhantes, o equipamento funerário, ainda que notoriamente mais pobre nos xistos, mantém a mesma mensagem, o seu estado de conservação iguala-se ao dos depósitos secundários identificado na zona dos granitos. Parece, portanto, em termos genéricos e perante a deficiente informação que possuímos, que o ambiente ritual detectado em toda a bacia do Sever obedece aos mesmos padrões, embora cada região o expresse de forma própria.

Se constatamos diversidade na forma de abordar a morte entre as comunidades dos xistos em relação às dos granitos, diferentes rituais puderam ser igualmente isolados dentro das antas dos granitos. Independentemente da arquitectura dos monumentos ou do seu posicionamento espacial, diferentes formas de tumulação foram identificadas. Antas com depósitos primários junto ao solo, sobre os quais bolsas com restos humanos preparados no exterior foram depositadas, antas que desde sempre parece terem servido unicamente como ossários, antas que para além de servirem de ossários abrigaram a preparação de cadáveres no seu interior, antas que em épocas já bastante tardias (15) continuaram a receber tumulações, de todos estes tipos encontramos testemunhos na zona dos granitos.

A disposição dos depósitos funerários tanto primários como secundários no interior do espaço funerário parece ter obedecido a normas pré-determinadas.

A colocação de pelo menos uma placa de micaxisto ou arenito, de contorno ou decoração antropomórficos, que pelo seu acabamento final se destaca das restantes, em posição de privilegiada, geralmente à entrada da câmara, ocorreu demasiadas vezes para se compreender como accidental. Esta colocação, tanto se verificou nos monumentos de granitos, como nas antas dos Pombais e Fonte da Pipa situadas nos xistos. As pedras que envolviam estas grandes placas parecem ter funcionado como pequenos altares ou nichos, destinados a melhor evidenciá-las. Restos de pintura ou um polvilhar discreto de ocre nestes pequenos palcos estão sempre presentes.

Ainda que nalguns casos os efeitos das violações pudessem concorrer para uma dispersão dos materiais para a periferia das câmaras, noutros monumentos onde as violações não foram registadas, continuamos a verificar que a maior concentração, quer de ossos, quer de espólios, ocorre maioritariamente junto aos esteios. Nalguns casos (Anta dos Pombais, Bola da Cera, S. Gens II, Padre Santo, Castelhanas, etc), vários materiais votivos foram claramente colocados por entre os calços dos esteios. Assumem particular importância os

vasos colocados verticalmente entre os calços por contrastarem com a posição invertida dos que noutros locais se recolheram.

Notou-se, assim, que, quer as bolsas funerárias, quer as inumações primárias foram efectuadas preferencialmente junto aos esteios da câmara. Nos raros casos onde foi possível compreender a relação anatómica dos elementos ósseos das tumulações primárias, verificámos que os ossos longos encontravam-se especialmente mais junto aos esteios do que os ossos do crânio. Esta constatação poderá não ser só explicável pela deposição dos cadáveres em posição fetal e decúbito lateral como ocorreu na anta da Bola da Cera, mas também pela queda de corpos inicialmente encostados aos esteios, como nos relatam alguns investigadores. Assim se explicaria, em parte, a posição em que se encontram a maior parte das placas, com a face principal virada para o solo.

As informações recolhidas nos corredores dos monumentos, para além de serem em menor número, são menos explícitas. Em nenhum caso conseguimos, com segurança, identificar depósitos primários nos corredores. Os restos ósseos quando presentes ou tinham vestígios de fogo (Castelhanas) ou resumiam-se a pequenas esquirolas. Embora nalguns corredores os materiais exumados se apresentassem em bom estado de conservação, como são os recolhidos no corredor de Coureiros IV, nada nos prova que eles acompanhassem depósitos primários. Neste monumento, a presença de um grande vaso de carena baixa, ao qual falta um fragmento (CIV 60), apontando para níveis do Calcolítico, junto ao solão de base, poderá indiciar tumulações tardias e provavelmente secundárias. Contudo, a data obtida para carvões associados a uma placa de xisto no mesmo nível deste vaso e recolhidos a menos de cento e cinquenta centímetros foi de 4240 ± 150 anos (BP), demasiado antiga para confirmar as anteriores observações. Esta diversidade de situações poderá ser explicada pelas constantes visitas de que estes monumentos eram alvo e que nem sempre são detectáveis pela consistência ou coloração das terras.

Torna-se digna de referência a ausência de placas de arenito ou micaxisto, antropomórficas ou não, em níveis não remexidos dos corredores dos monumentos. Os raros casos em que ocorreram (anta da Cabeçada, Pombais e Coureiros II) inseriam-se em terras muito revolvidas e notoriamente arrastadas do interior da câmara. Por outro lado, a presença de placas de xisto tanto está documentada nas câmaras como nos corredores, contudo, verificamos que em monumentos com níveis bem conservados, as placas de xisto de contorno e decoração unicamente geométricos encontram-se maioritariamente nos corredores. As placas de xisto ardosiano, de micaxisto, ou arenito, quando inteiras ou levemente fracturadas, encontram-se sempre na base dos monumentos.

Testemunhos da reutilização de placas em monumentos funerários estão também bem documentados nas antas da bacia do Sever, como já anteriormente afirmámos (16). Da anta do Tapadão da Relva, escavada pelo extinto Grupo de Arqueologia de Castelo de Vide chegaram até nós sete placas, das quais a TR 24 e a TR 52 apresentam nítidos sinais de reutilização. A TR 24 é um interessante exemplo do reaproveitamento de uma placa de maiores dimensões que, certamente por fractura, parte foi recuperada por forma a obter-se uma nova placa. Da original restam-nos algumas bandas em ziguezague, algo apagadas, que na nova placa se enquadram em nítido desequilíbrio de conjunto. No topo, os reutilizadores abriram um único furo, com perfuração bifacial e limitaram-se a regularizar os contornos, tarefa que também contribuiu para o desaparecimento de parte das gravações. A TR 52 será um dos melhores exemplos do reaproveitamento de uma placa acidentalmente (?) fracturada. Desta placa ficou-nos a sua maior parte. Na parte inferior, junto à linha de fractura, nas proximidades dos contornos laterais abrem-se dois pequenos furos bifaciais, destinados, estamos certos, à tentativa de união das duas partes em que se fracturou a peça. Infelizmente, apenas chegou até nós um dos fragmentos.

O processo utilizado para a união das duas metades desconhecemo-lo por completo, sendo provável que a utilização de qualquer fibra vegetal ou animal

fizesse o papel dos "gatos" de arame que ainda não há muitos anos se utilizavam na união de recipientes de cerâmica fracturados.

Na anta I dos Coureleiros, por nós escavada em 1991, recolheu-se uma placa de xisto que, pelo estranho denteado ainda existente em parte do seu contorno, parece ter sido talhada sobre um fragmento de báculo, provavelmente semelhante ao recolhido na Anta Grande da Herdade das Antas no concelho de Montemor-o-Novo.

Na anta I dos Coureleiros recolheram-se, para além da referida placa, (CI 4) mais três inteiras e um fragmento de outra. De entre estas placas, duas (CI 1 e CI 3) apresentam num dos bordos uma curvatura algo exagerada, comparativamente com o outro, fazendo adivinhar que também estas poderiam ter sido obtidas do mesmo ou de outro báculo, como o foi, certamente, a CI 4.

Outras placas provenientes de monumentos desta região (Terra da Azinheira, Anta do Cabeço e várias do Crato) foram também já descritas por apresentarem sinais de reutilização (Caninas e Henriques, 1993).

Estas reutilizações, colagens e regravações de palcas mostram claramente como a tumulação não era encarada como o culminar do percurso do indivíduo. A fractura de placas e a sua colagem, bem atestada em TR 52, a regravação de alguns exemplares do concelho do Crato e a provável transformação de báculos em novas placas como as recolhidas em Coureleiros I, poderão ser exemplos do espaço vivo que eram os sepulcros.

A frequente ausência de fragmentos de materiais votivos nos espaços funerários em níveis selados de deposições secundárias indicam-nos que a preparação externa dos corpos já era acompanhada pelos materiais. Se assim se explica a ausência de muitos fragmentos, não poderemos, contudo, deixar de pensar em como durante as várias deambulações que as bolsas funerárias certamente fizeram, algumas partes de materiais já afectados facilmente se perderiam. Durante as múltiplas visitas que em vida útil dos monumentos lhes

fizeram, é provável que alguns materiais ou fragmentos deles pudessem ter sido retirados, pela carga simbólica que possuiriam.

Testemunhos destas constantes visitasões estão também atestadas nos materiais, alguns bastante tardios, que nas mamoadas se recolheram. Depósitos de machados, fragmentos de pratos calcolíticos e de vasos da Idade do Bronze, bem como de cerâmicas contemporâneas das recolhidas no interior das antas, de tudo foi identificado nos actuais níveis superiores das mamoadas. Resultado de prováveis oferendas estes materiais tardios testemunham a continuidade da carga simbólica dos espaços funerários. Recordemos também o depósito funerário da Idade do Bronze no interior da câmara da anta da Bola da Cera. Se o espaço funerário se projecta muito além da época em que foi construído e inicialmente utilizado, ele parece implantar-se, preferencialmente, em locais já humanizados. Pelas datações de carvões recolhidos no interior de uma lareira não estruturada na base da mamoadas da anta da Figueira Branca rodeados por vários fragmentos de cerâmica, pelo fundo de cabana identificado na base da mamoadas do monumento da Huerta de las Monjas e pela datação dos carvões recolhidos na base da câmara da anta da Cabeçada, somados às diversas notícias de solos com ocupação humana detectados sob outros monumentos, tudo parece indicar que, pelo menos, algumas sepulturas megalíticas foram construídas sobre habitats mais antigos. Esta continuidade de ocupação do mesmo espaço, primeiramente pelos vivos e posteriormente pelos mortos, ocorre demasiadas vezes para ser compreendida como ocasional. A simbologia dum local, provavelmente relacionada com a apropriação de um território pelos antepassados do grupo, continuada pela sobreposição de uma sepultura com toda a carga simbólica que naturalmente encerra, continuamente visitada, transformaria esse local num arquivo onde a memória de um grupo se perpetuaria. A presença dos abundantes elementos de moinhos nas estruturas tumulares poderá não ser estranha à presença de anteriores habitats. A intencional fractura destes fundamentais elementos de transformação e a sua inclusão na fábrica do monumento parecem ultrapassar o simples acto de adaptar uma pedra para calço de esteio. Um mais profundo significado envolve,

certamente, a fractura dos elementos de moinho depositos nos espaços funerários, mas que por agora se torna difícil de entender (17).

A presença de cristais de quartzo hialino, mas sobretudo de turmalina (18) na maior parte das antas parece não ser accidental. Tanto nos monumentos de xisto como nos de granito, mas essencialmente nestes, grandes cristais de quartzo, alguns fumados, ocorrem geralmente junto aos níveis inferiores. Os cristais de quartzo hialino fumado recolhidos em Coureleiros III (C III 27 e C III 25) mostram sinais de desgaste nas extremidades. Os sinais de utilização verificados nestas duas peças não estão presentes nos cristais recolhidos nos outros monumentos. Parece, portanto, que a inclusão destas raridades geológicas, junto aos defuntos, poderá ser entendida não como mais um objecto de uso quotidiano, mas como elemento de adorno, ou como objecto ritual.

A compreensão de outras manifestações menos comuns identificadas nos monumentos por nós estudados também não é tarefa fácil. Vejamos alguns casos. Na anta dos Pombais, no nível de terra mais compacta, recolheram-se três pequenos calhaus rolados, de cor bege clara, em forma de ovo (AP 128, AP 129, AP 130). Dois deles (AP 129 e AP 130) apresentavam sinais de terem sido polvilhados com ocre. O aspecto oviforme destes pequenos calhaus rolados poderá ter um significado semelhante aos lagomorfos (Gonçalves, 1992) que na área do nosso estudo não foram ainda identificados, mas que estão bem representados a sul da Serra de S. Mamede. A abertura longitudinal de ossos longos de adultos recolhidos na anta das Castelhanas, a presença de bolotas torradas, o calhau rolado (C 242) e o machado (C 115 A) recolhidos no fundo do buraco de poste (?) identificado no centro da câmara da anta da Cabeçuda, o bloco de granito em forma de pé humano identificado na área da mamoa de Coureleiros III (C III 28), a estrutura circular registada na mamoa da anta da Figueira Branca e a rectangular detectada no interior da câmara da Bola da Cera, a utilização frequente de ocre e outros aspectos acima relatados de difícil explicação funcional conferem um significado profundamente simbólico ao conjunto de materiais e estruturas que

estes monumentos encerram e que a milhares de anos de distância lenta e dificilmente se pode ir descodificando.

Se muita informação fica por compreender na totalidade, alguns dados parecem já confirmados. É hoje comumente aceite que os monumentos megalíticos de características funerárias apenas tinham capacidade para receber uma pequena parte dos mortos da comunidade. A indiciada exclusividade de materiais exumados nos diferentes monumentos da necrópole dos Coureiros, por nós estudada, e as diferentes volumetrias das suas antas parecem apontar para uma provável diferenciação social dos inumados. Embora nesta necrólope não tivéssemos obtido material ósseo, o recolhido noutros monumentos mostra-nos que a selecção dos que tinham direito a ser tumulados nestes monumentos não tinha em conta a idade e nem muito provavelmente o sexo.

Ainda que sem dados seguros, alguns restos ósseos identificados nas bolsas da anta da Bola da Cera poderão ter pertencido a indivíduos adultos do sexo feminino (19). Verificamos que vários ossos de diferentes indivíduos e de diferentes monumentos apresentavam sinais indiciadores de uma vivência sujeita a episódios de grande violência que nalguns casos provocaram a morte. Os traumatismos originados por objectos cortantes ou pesados evidenciam que, pelo menos alguns dos tumulados, estariam claramente expostos a situações de grande violência. Constatou-se que a maior percentagem de ossos traumatizados pertenciam a indivíduos adultos, mas não idosos. Estas observações indiciam-nos que alguns dos tumulados poderiam estar relacionados directamente com as lides bélicas, mostrando-nos que as comunidades construtoras e utilizadoras das sepulturas megalíticas não viveriam num ambiente totalmente pacífico, como a ausência de povoados fortificados nesta região nos faria pensar.

Se não sabemos a quem se dedicavam estes sepulcros pelo menos sabemos que eles eram multi-funcionais. Sobrepostos a solos de habitat parecem garantir a continuidade de ocupação de um território, capacitados para receber tumulações primárias, também foram palco de preparação de cadáveres e de

complexas cerimónias fúnebres, funcionaram como ossários, e, pelos materiais tardios, sabemos que foram continuamente visitados e transformados em prováveis espaços de reunião.

Construídos, na sua maioria, pela força de muitos, albergaram apenas os que com prestígio suficiente garantiram a perenidade de um espaço.

NOTAS

- (1) - Termos utilizados para identificar respectivamente a tumulação directa, sem desmembramento, cremação ou raspagem de ossos; tumulação de ossos ou partes do cadáver depois de submetido a tratamento exterior ou já trasladado de outra sepultura. Com o mesmo significado ou sentido semelhante Vitor Gonçalves denomina primeiro ou segundo enterramento (Gonçalves, 1992:225)
- (2) - Loma de Mayamao é o actual nome de um cabeço anteriormente conhecido por Loma de la Puteria. Este topónimo foi alterado nos finais do século passado quando a referida propriedade foi comprada pela Marquesa de Hinojares que desagradando-lhe o nome por que era conhecida a sua nova propriedade passou a nomeá-la por Loma de Mayamao (Roque, 1968).
- (3) - Casa agrícola de Regino Ramalhetes Marquez
- (4) - O estudo antropológico das tumulações da Anta da Bola da Cera foi efectuado no Instituto de Anatomia da Faculdade de Medicina de Lisboa, dirigido na altura pelo Professor Doutor J. Caria Mendes, que gentilmente nos prestou as informações que aqui apresentamos.
- (5) - Estudo efectuado pela Antropóloga Dra. Teresa Matos Fernandes e pelo Assistente Hospitalar de Ortopedia Dr. José Dias Ferreira.
- (6) - Recorde-se que esta escavação foi limitada pelos técnicos do IPPC a uma única e pré-determinada sondagem na mamoa.
- (7) - Informação gentilmente prestada pelo Professor Doutor Vitor Gonçalves.
- (8) - Cerâmicas identificadas no corte da mamoa: FB 42, FB 14, FB 12, FB 51, FB 31, FB 83, FB 94, FB 71, FB 27, FB 75, FB 79, FB 93, FB 87, FB 77, FB 48, FB 80, FB 65, FB 24, FB 90, FB 40, FB 86 e FB 32.

- (9) - A torrefacção de landes e bolotas para fins alimentares era ainda praticada nesta região do Alentejo na década de quarenta do presente século. Torradas em recipientes de cerâmica, de cobre ou de chapa de ferro, estes frutos eram posteriormente consumidos em papa após trituração, amolecidos em leite ou cozidos com legumes. Após a sua moagem e sujeitas a infusão, produzia-se o chamado "café dos pobres" que, pelo seu paladar adocicado, era preferencialmente consumido a acompanhar a primeira refeição do dia. A acidez dos frutos, sobretudo o da sobreira, era parcialmente anulada com a sua torrefacção. Nesta zona do Alentejo o seu consumo caiu em desuso com a popularização do "café dos ricos".
- (10) - Informação oral gentilmente prestada pelo Professor Doutor João Carlos de Senna-Martinez, a quem agradecemos.
- (11) - A escavação do corredor ainda não está concluída. Embora apenas dois esteios sejam visíveis no corredor, pedras miúdas, prováveis calços que levemente afloram alguns centímetros mais a nascente da estrutura ortostática, poderão indiciar um corredor com um comprimento superior ao diâmetro interno máximo da câmara.
- (12) - A câmara da anta IV dos Coureiros não foi possível escavar por falta de apoios que nos possibilitassem alugar máquinas suficientemente potentes para movimentar os grandes esteios que vedavam o acesso ao interior. No monumento II dos Coureiros os técnicos do IPPC não nos autorizaram a efectuar trabalhos no seu interior, sendo-nos apenas permitida a abertura de "uma única sondagem na área do provável corredor".
- (13) - Nas várias conversas que tentámos travar sobre estes trabalhos com os membros do extinto Grupo de Arqueologia de Castelo de Vide, encontrámos sempre um muro de silêncio ou amnésia contagiosa entre os responsáveis pelas escavações. Perante este silêncio restam-nos os breves apontamentos existentes sobre uma das dez antas que sabemos terem sido escavadas. As sepulturas megalíticas intervencionadas por este grupo no concelho de Castelo de Vide

foram: Olheiros, Alcogulo I, Alcogulo II, Alcogulo III, Tapada de Matos, Vale da Estrada, Tapadão da Relva, Pai Anes, Galhardo e Sobral.

(14) - Cerca de cinco mil metros.

(15) - Depósito funerário da Idade do Bronze na câmara da Anta da Bola da Cera.

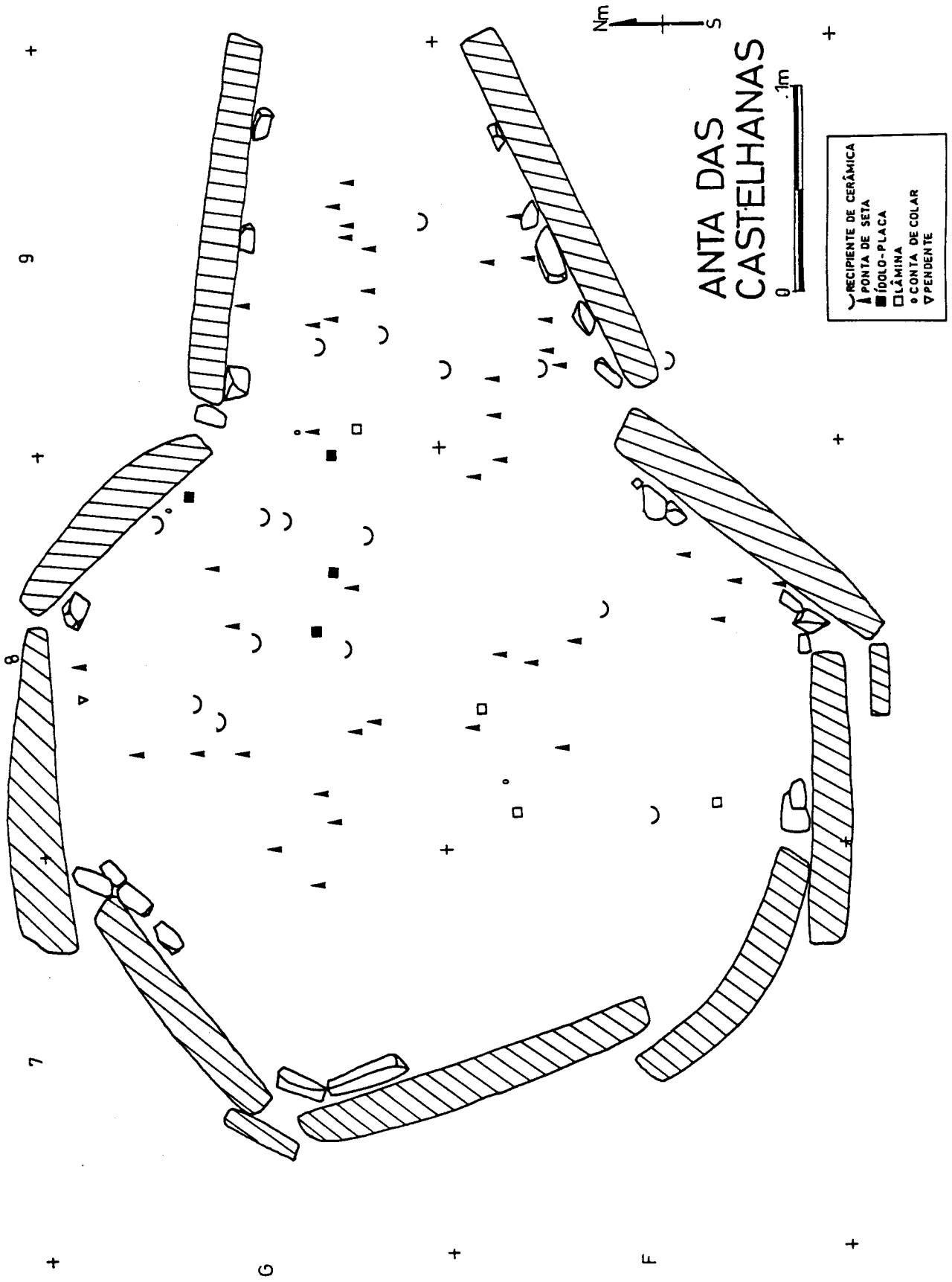
(16) - Oliveira, Jorge, 1993: Reutilizações e Reaproveitamentos de Materiais em Sepulturas Megalíticas do Nordeste Alentejano, Actas do 1º Congresso de Arqueologia Peninsular, Porto.

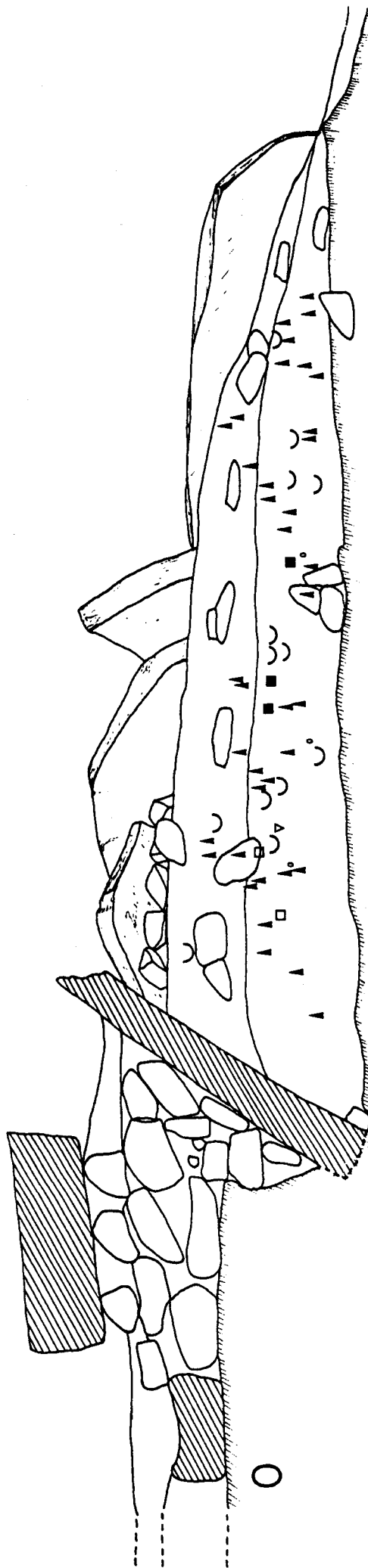
(17) - No povoado da II Idade do Ferro de Vidais, várias dezenas de mós rotativas foram identificadas, contudo nenhuma se encontrava inteira. A sua fractura, geralmente a meio, parece ter sido intencional. Uma escavação clandestina efectuada nos anos setenta numa estrutura habitacional deste povoado mostrou um mobiliário bem conservado coberto por uma camada de carvões e cinzas. A destruição pelo fogo de uma habitação com todo o recheio intacto parece indicar um abandono precipitado do povoado. O provável ataque sofrido por este povoado e o seu abandono precipitado e a fractura intencional dos moinhos poderão ter algo em comum. A inutilização dos meios de transformação pelos vencidos ou pelos vencedores na Idade do Ferro poderá encontrar as suas raízes na fractura intencional dos moinhos que nas sepulturas megalíticas encontramos.

(18) - Na variedade Scorlo, informação gentilmente prestada pelo Professor Doutor Francisco Gonçalves.

(19) - Informação oral gentilmente prestada pelo Professor Doutor J. Caria Mendes.

DOCUMENTAÇÃO GRÁFICA



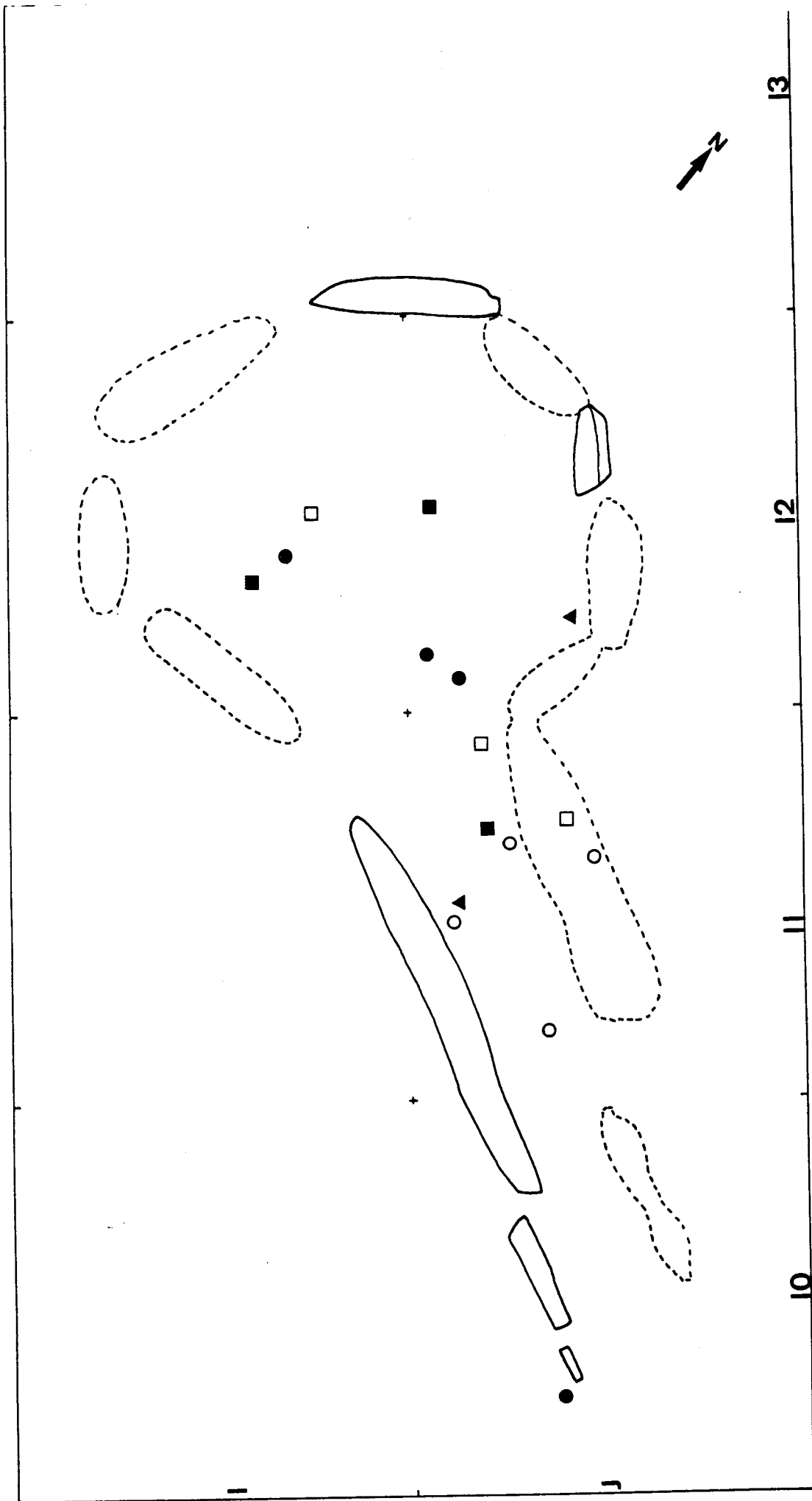


E

ANTA DAS CASTELHANAS



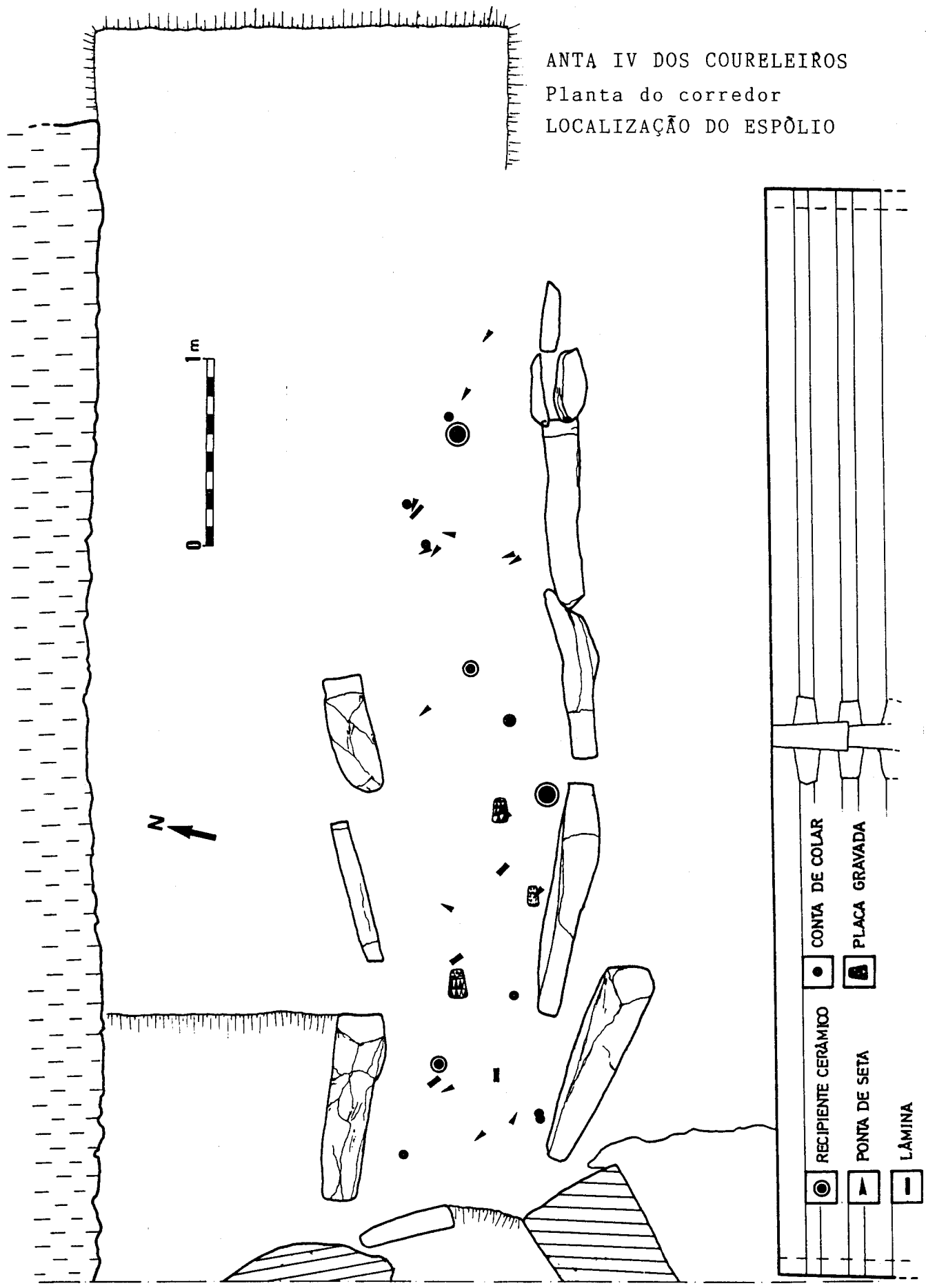
- | | |
|---|------------------------|
| ☪ | RECIPIENTE DE CERÂMICA |
| ▲ | PONTA DE SETA |
| ■ | ÍDOLO-PLACA |
| □ | LÂMINA |
| ○ | CONTA DE COLAR |
| ▽ | PENDENTE |



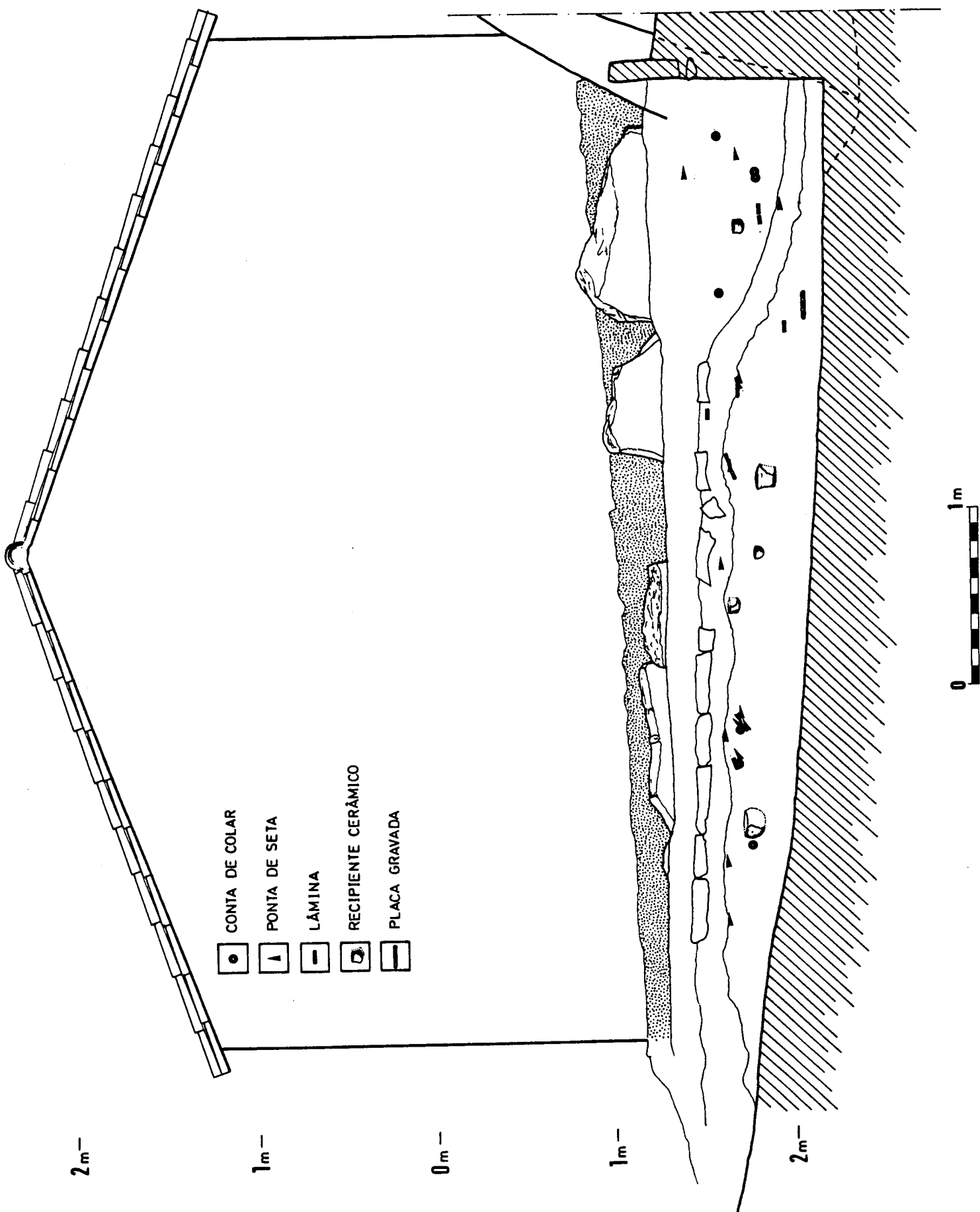
ANTA DA FONTE DA PIPA
LOCALIZAÇÃO DO ESPÓLIO

■	GEOMÉTRICO
□	TUJO-PLACA
▲	P. DE SETA
●	MACHADO
○	LÂMINA

ANTA IV DOS COURELEIROS
 Planta do corredor
 LOCALIZAÇÃO DO ESPÓLIO



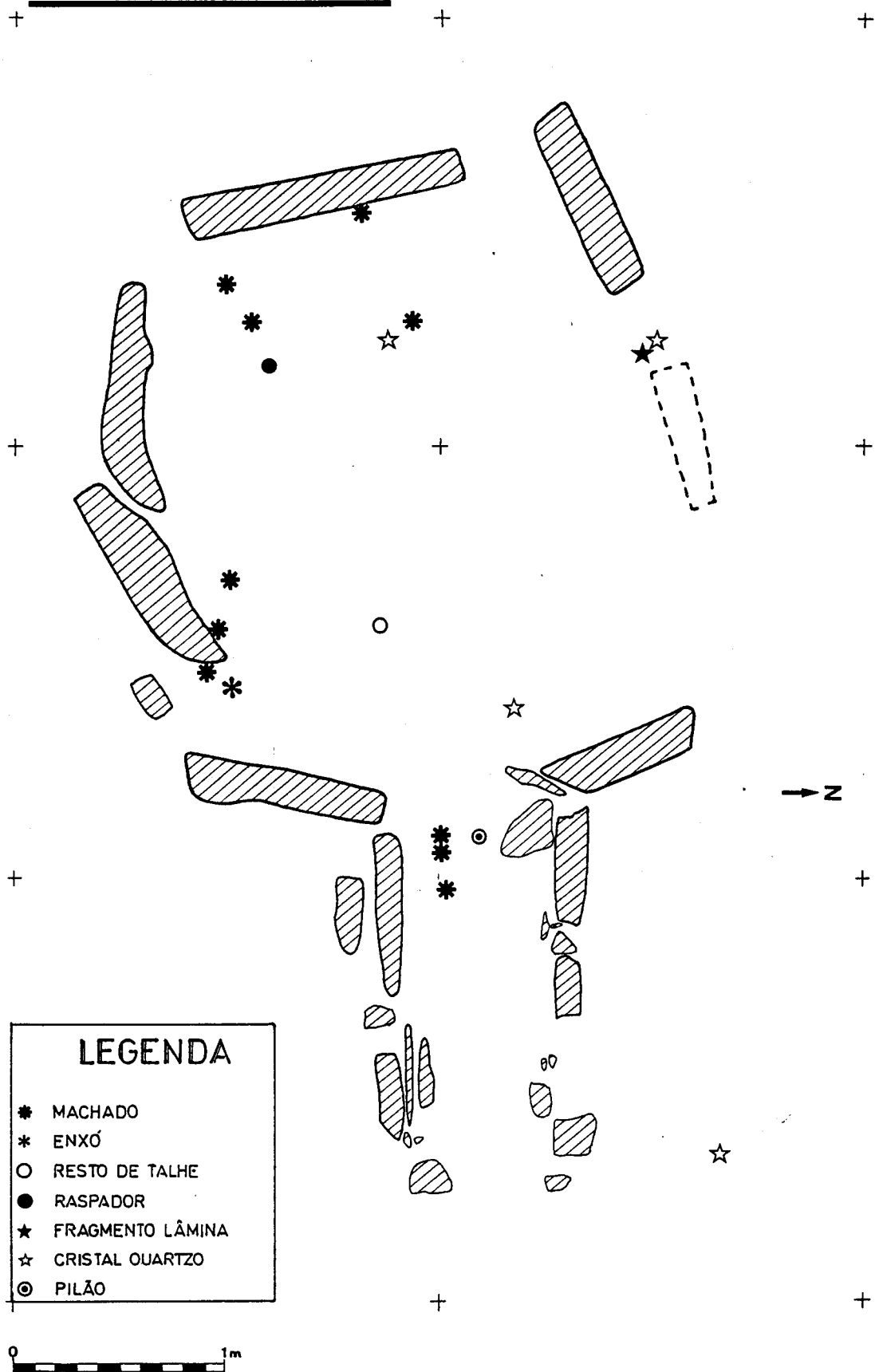
Corte do corredor

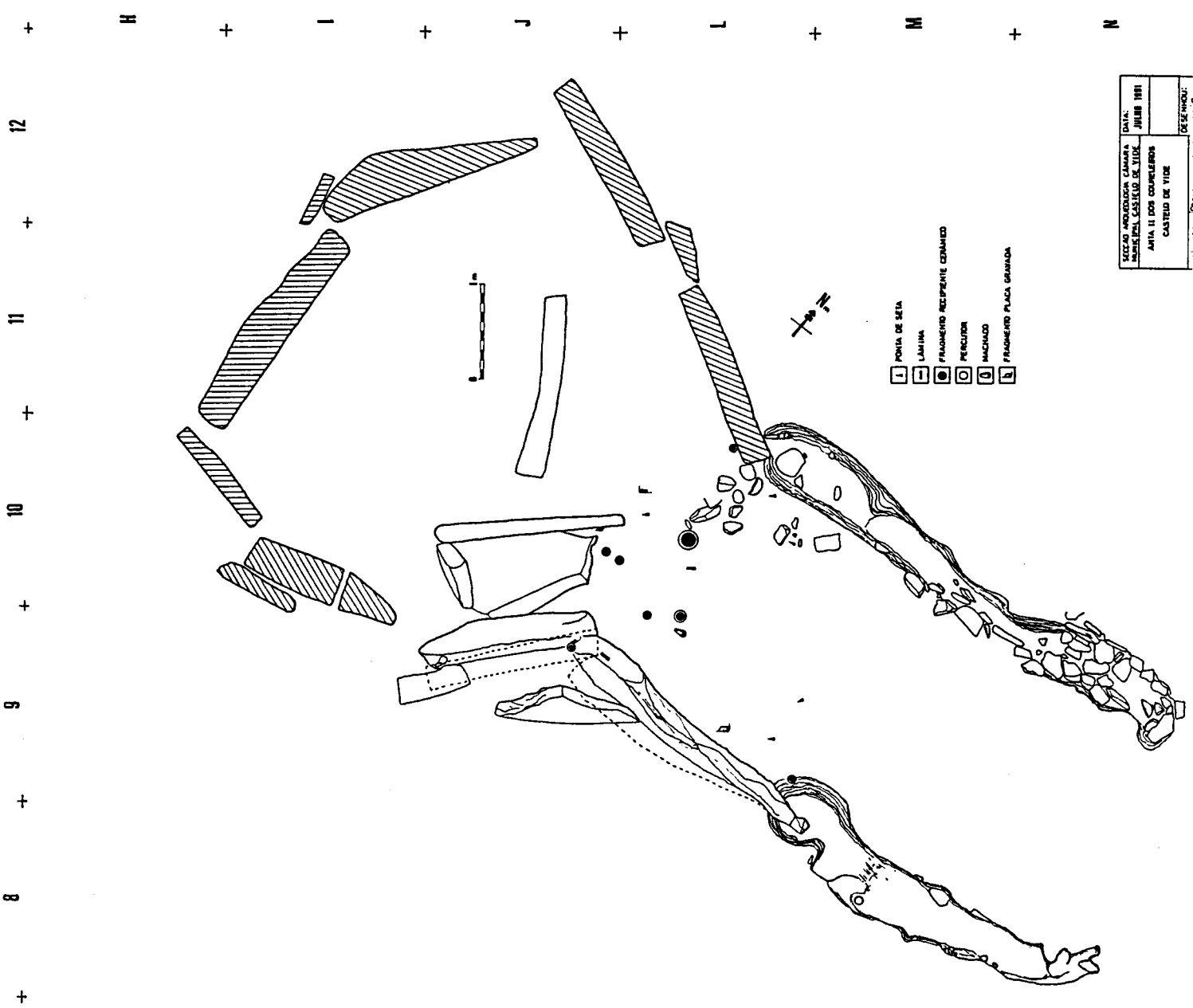


ANTA DOS COURELEIROS III

Planta

LOCALIZAÇÃO DE PARTE DO ESPÓLIO

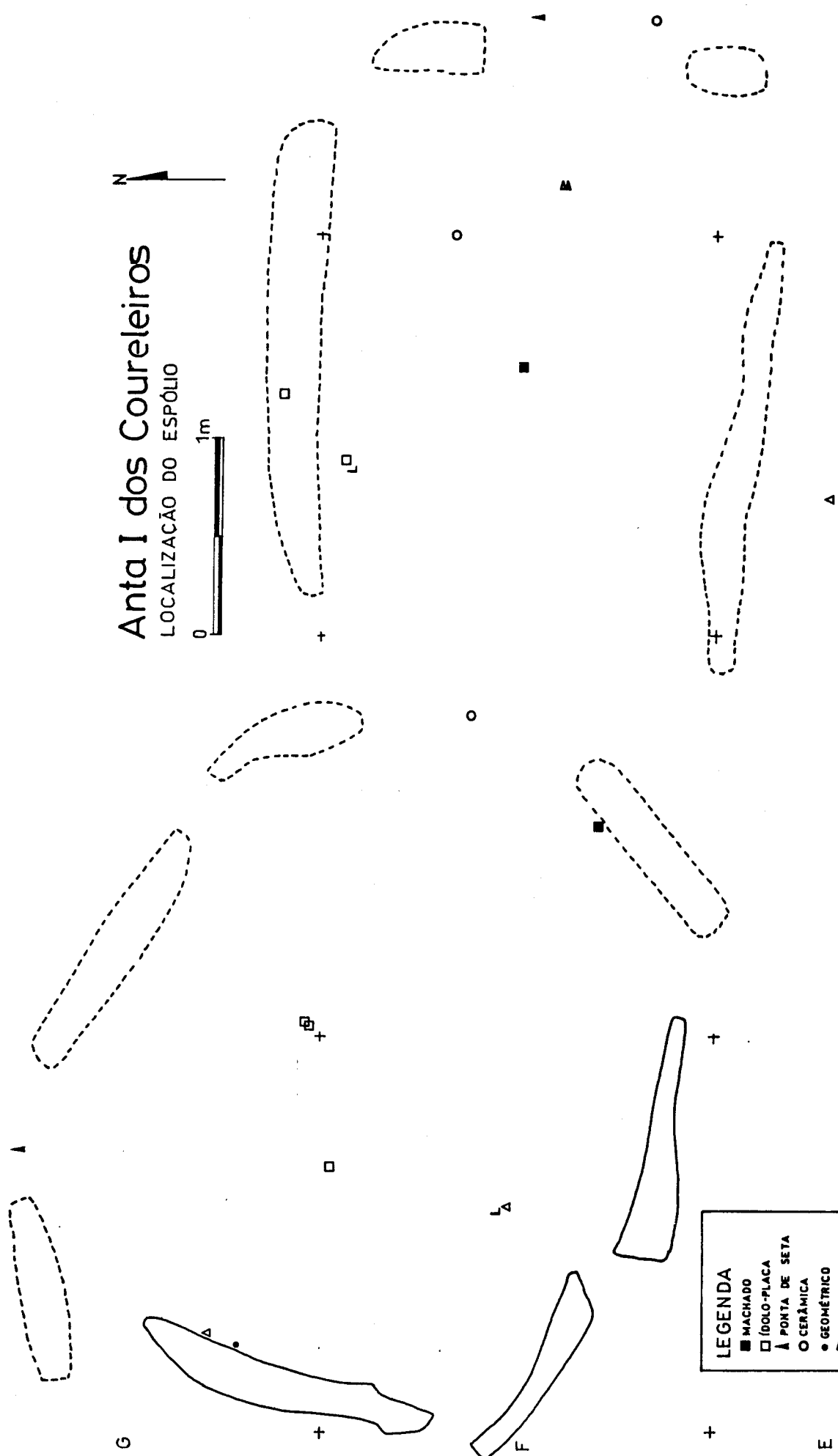




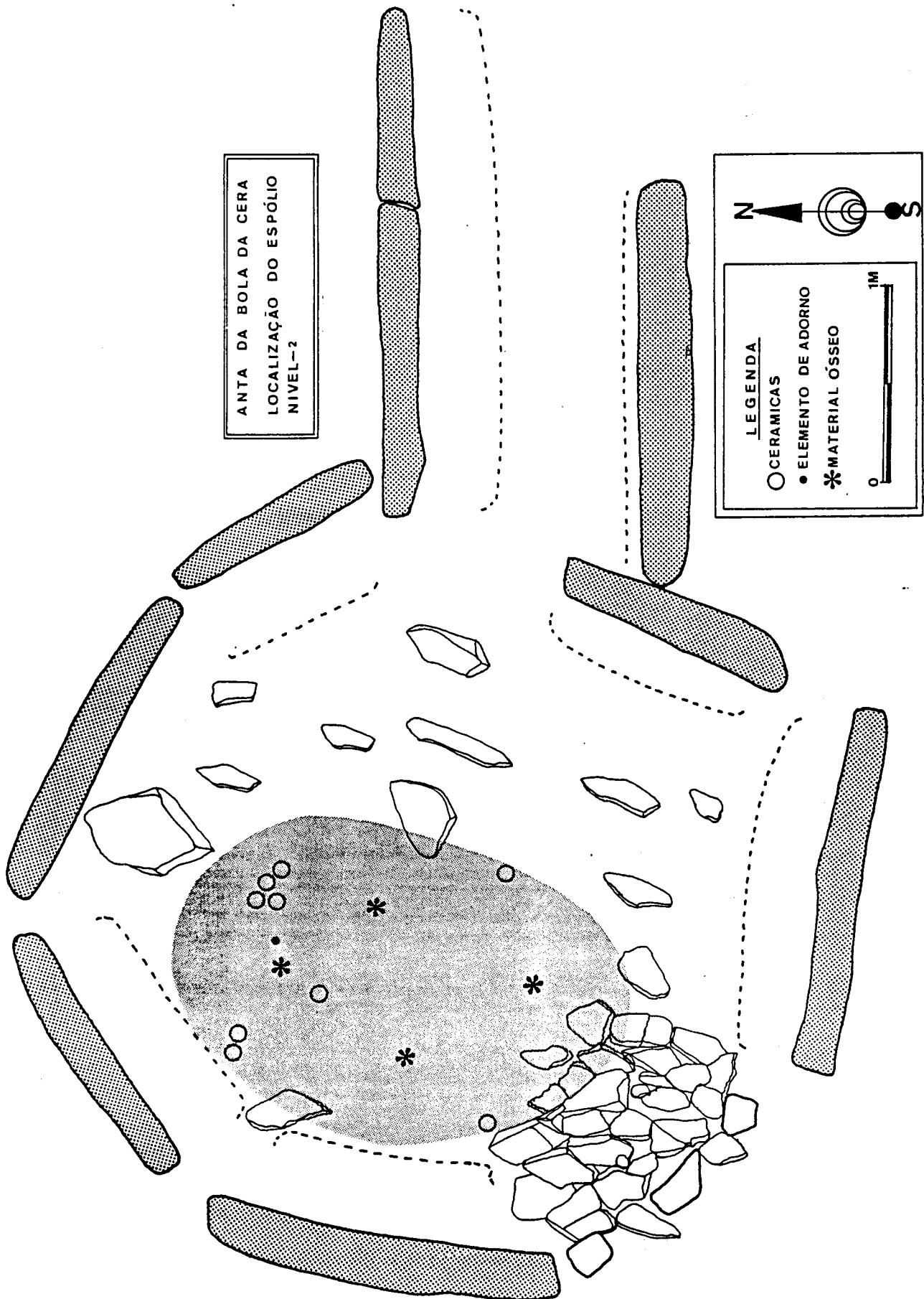
SECCION ARQUEOLOGICA CAMARA
 MUNICIPAL CASILLO DE YIDE
 ANTA II DOS COMPLEJOS
 CASTED DE YIDE
 DATA: JUNIO 1971
 DISEÑADO: J. B. M.

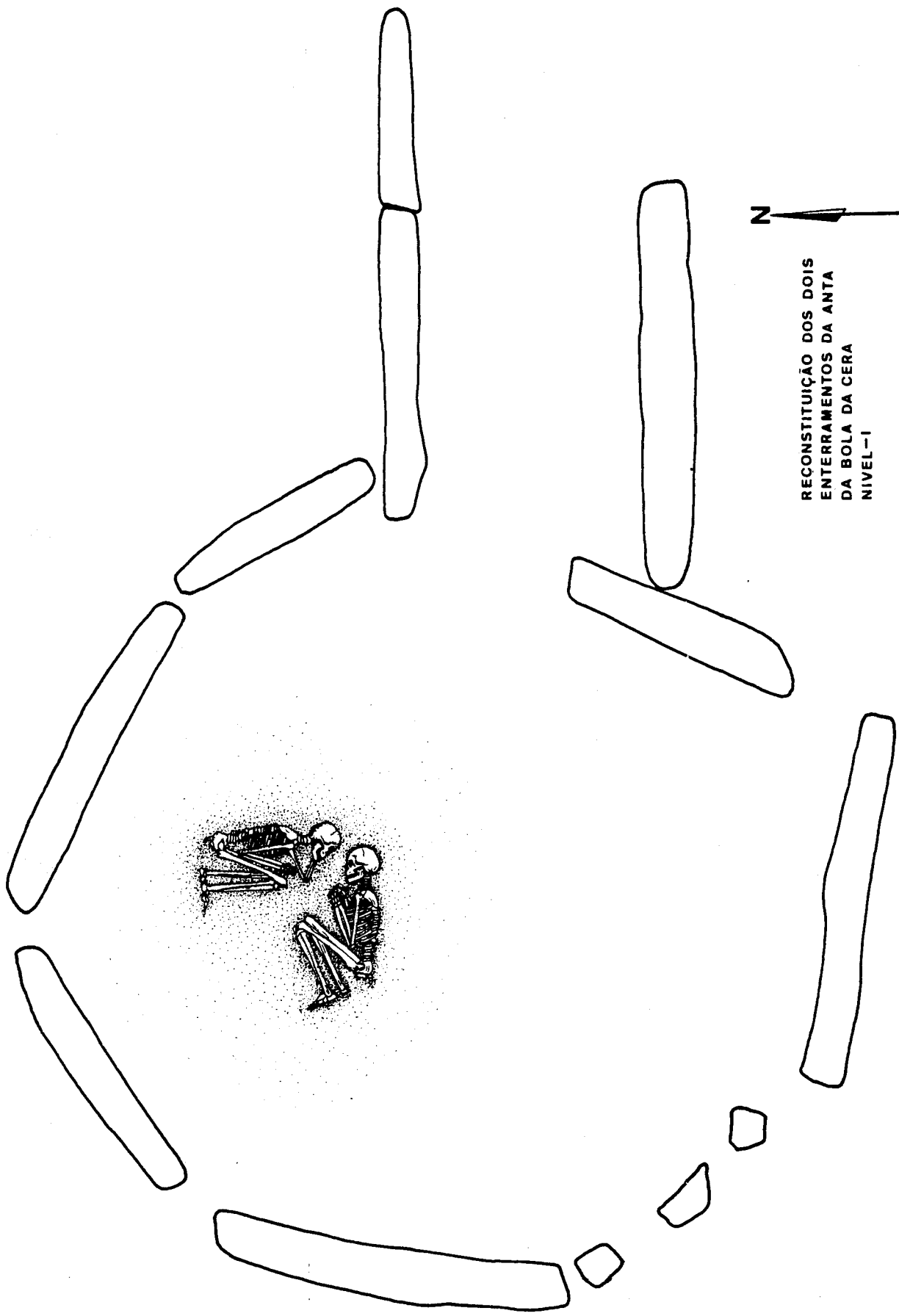
Anta I dos Coureiros

LOCALIZAÇÃO DO ESPÓLIO

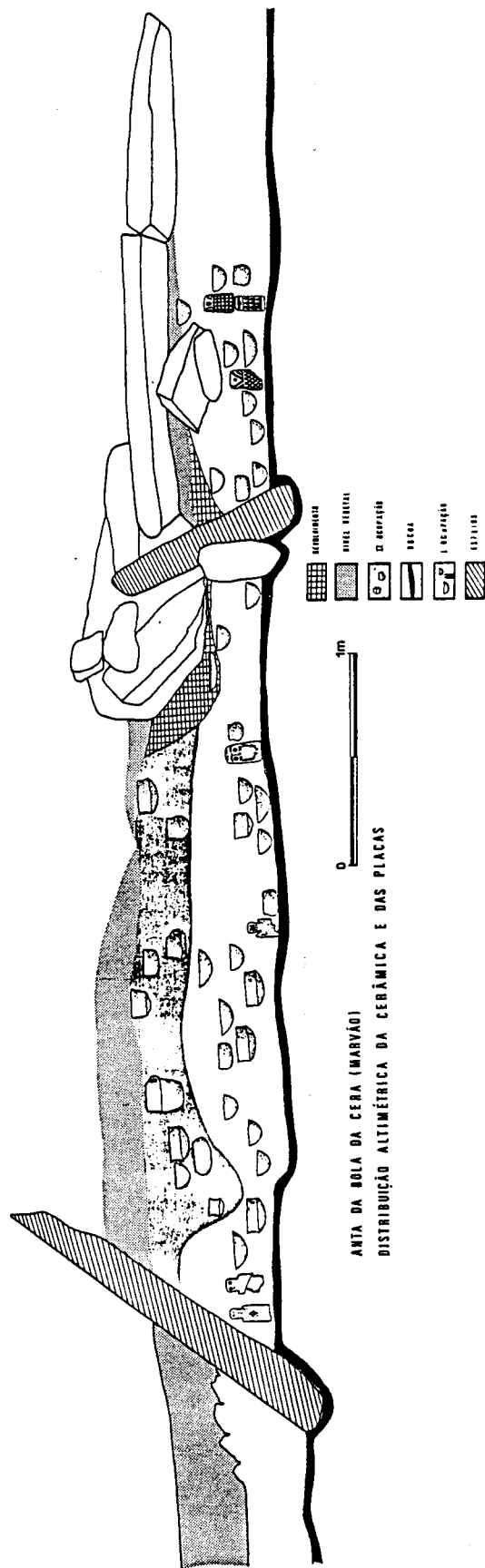


LEGENDA	
■	MACHADO
□	ÍDULO-PLACA
▲	PONTA DE SETA
○	CERÂMICA
●	GEOMÉTRICO
■	PERCUTOR
▲	RESTO DE TALHE
L	LÂMINA





RECONSTITUIÇÃO DOS DOIS
ENTERRAMENTOS DA ANTA
DA BOLA DA CERA
NIVEL-I

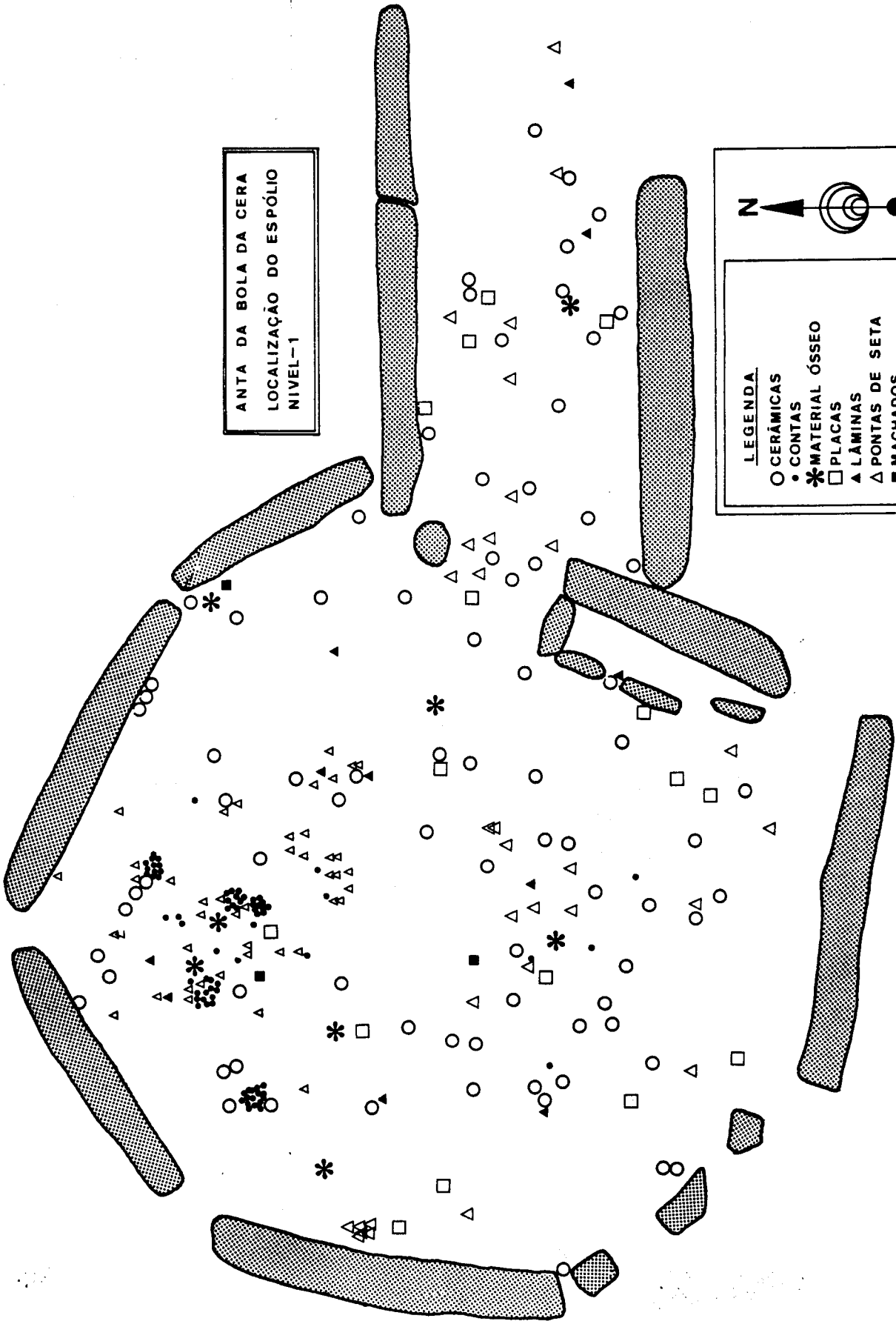


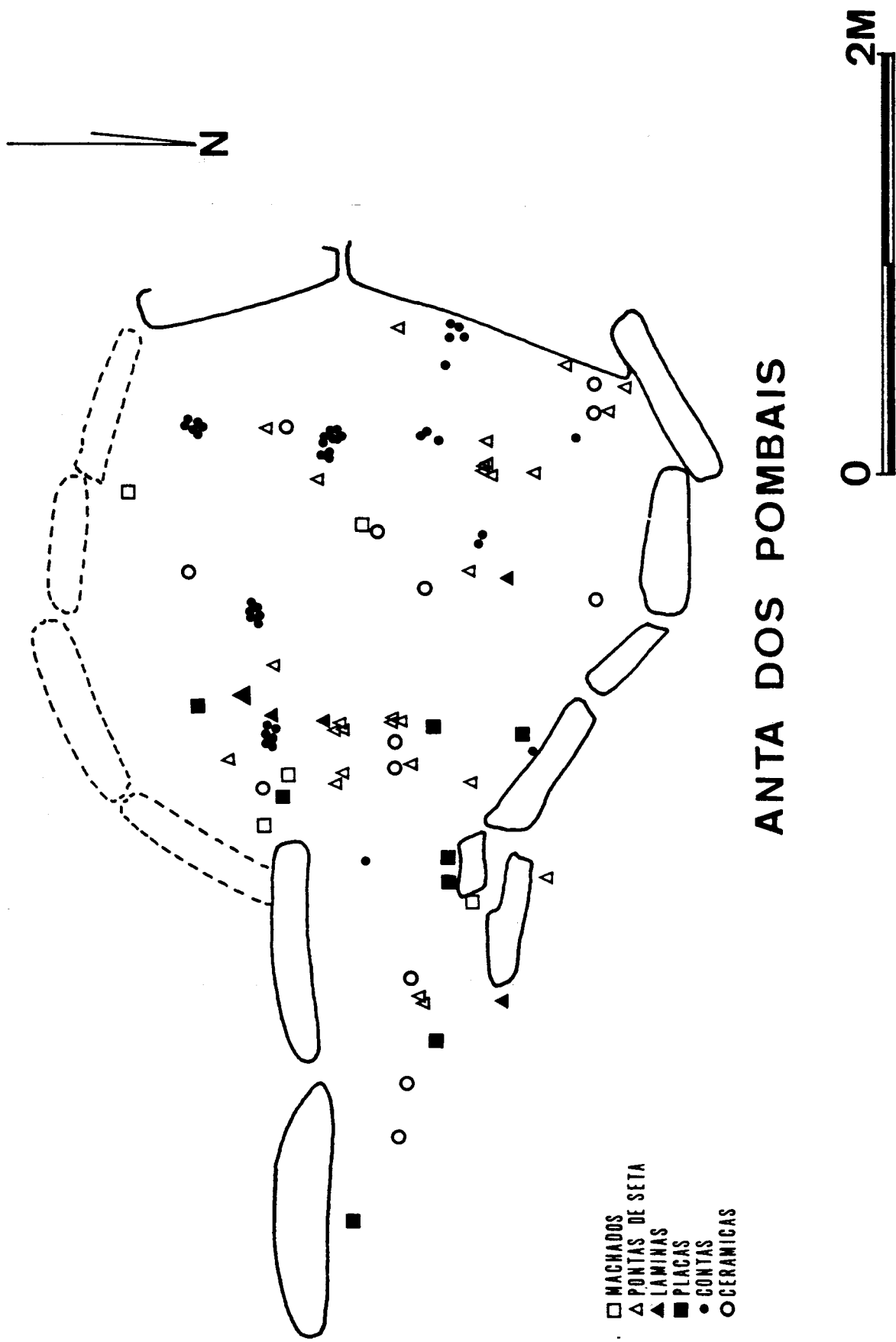
ANTA DA BOLA DA CERA
 LOCALIZAÇÃO DO ESPÓLIO
 NIVEL-1

LEGENDA

- CERÂMICAS
- CONTAS
- * MATERIAL ÓSSEO
- PLACAS
- ▲ LÂMINAS
- △ PONTAS DE SETA
- MACHADOS

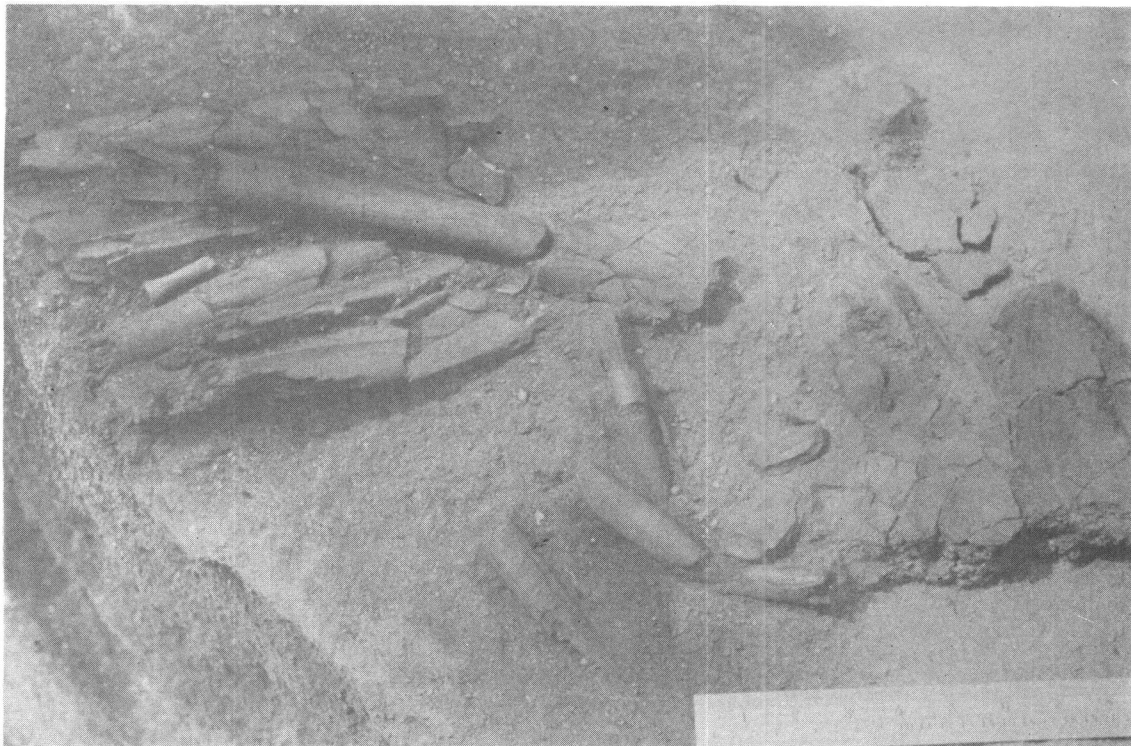
0 1M



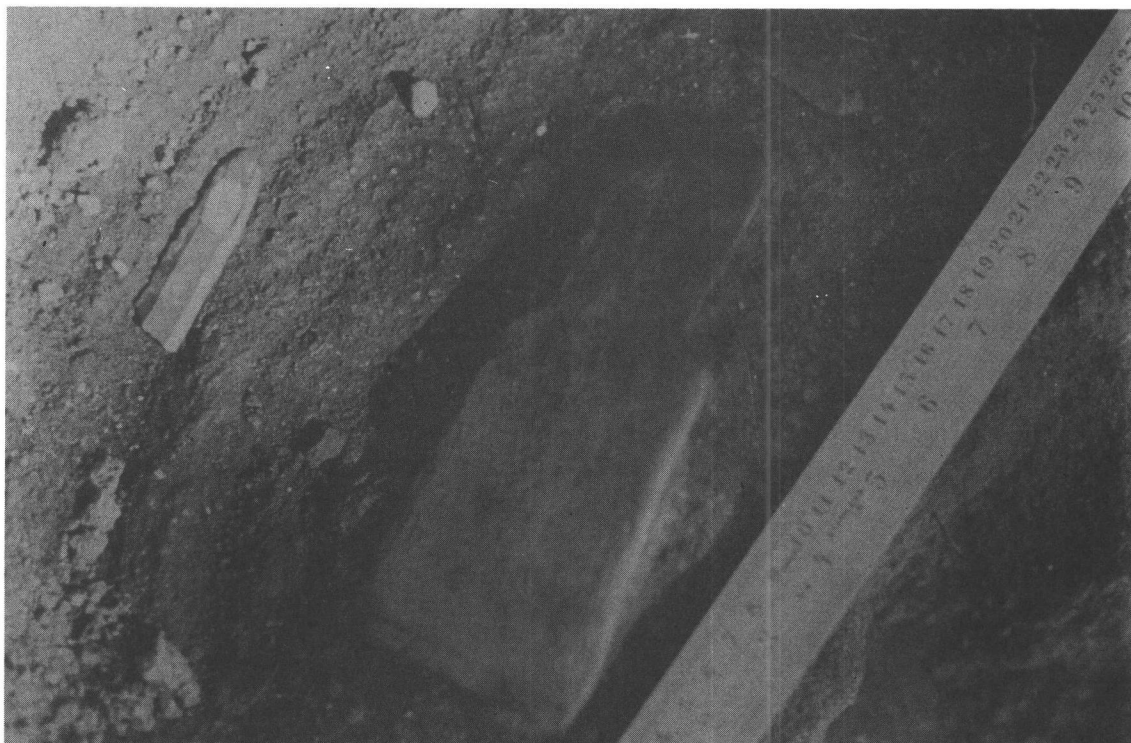


ANTA DOS POMBEAIS

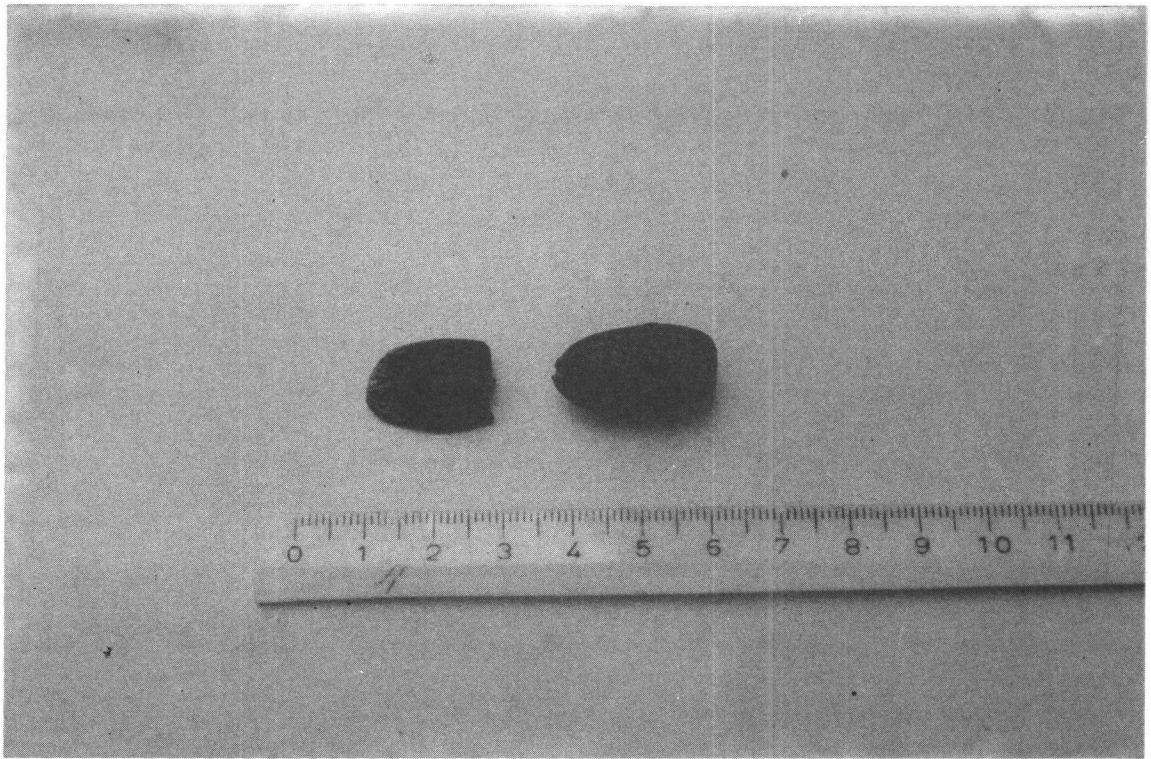
- MACHADOS
- △ PONTAS DE SETA
- ▲ LAMINAS
- PLACAS
- CONTAS
- CERAMICAS



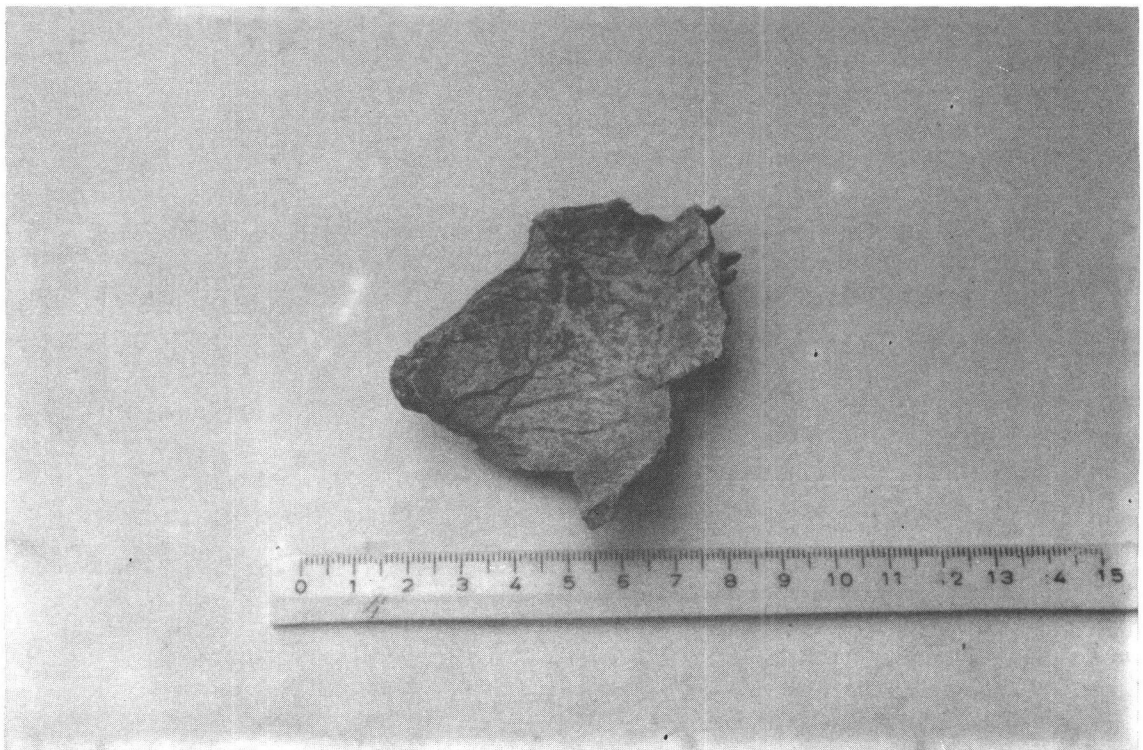
Anta da Bola da Cera - depósito funerário em posição fetal com cremação parcial



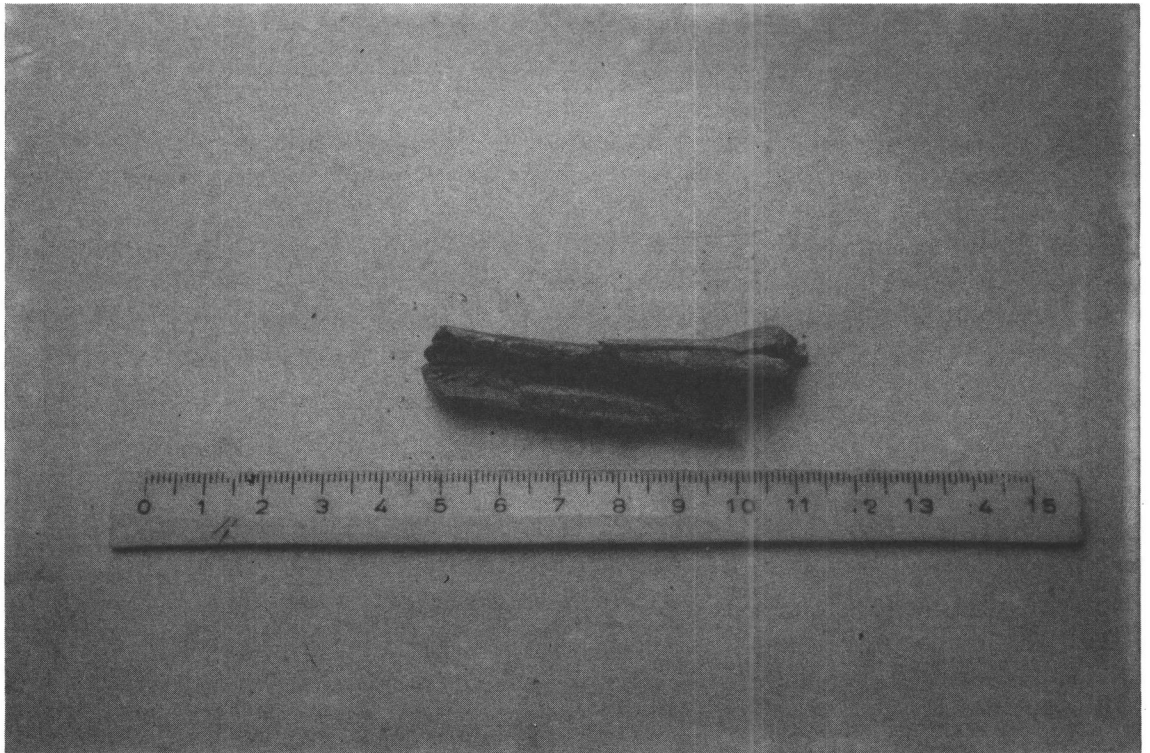
Anta da Bola da Cera - placa, lâmina e ponta de seta identificadas sob o material ósseo exibido na fotografia anterior



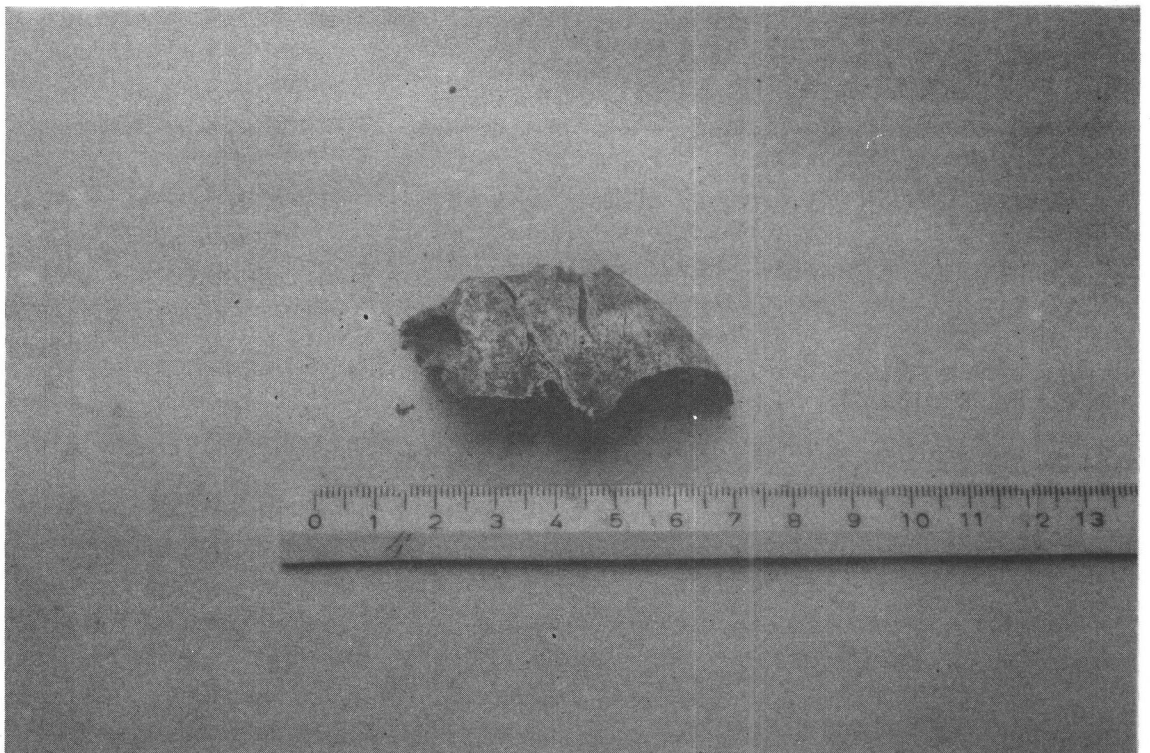
Anta da Cabeçada - landes torradas recolhidas no interior da câmara



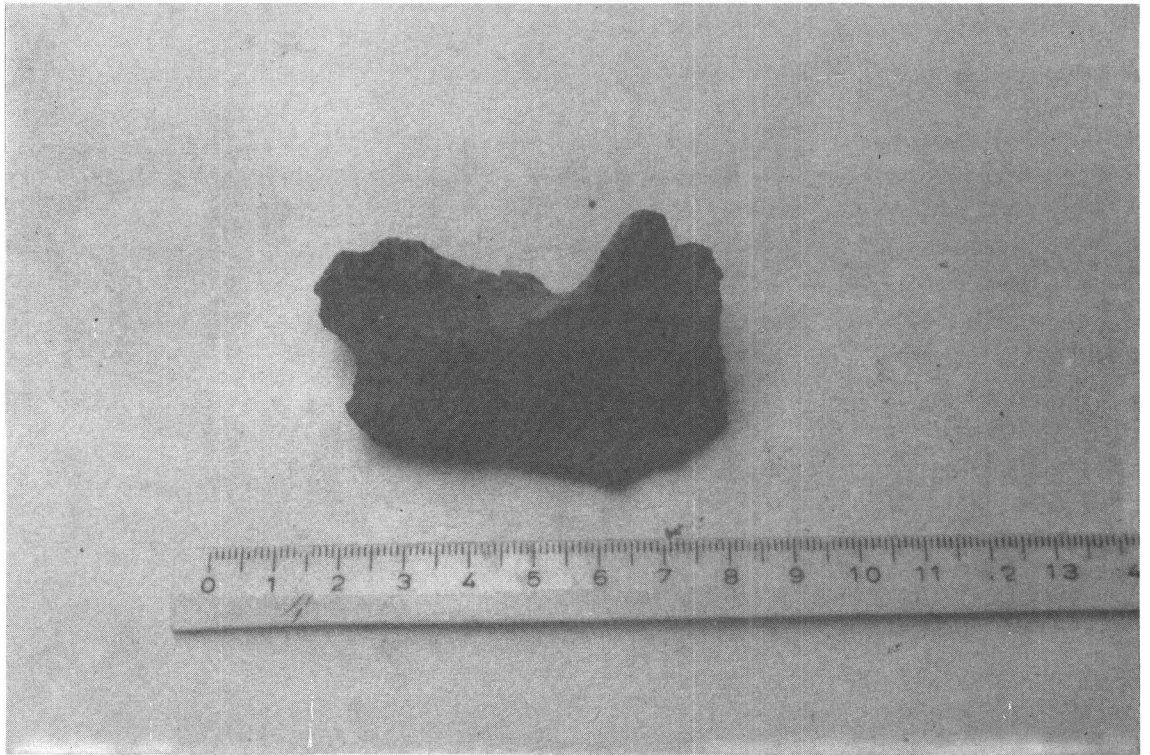
Anta das Castelhanas - fragmento de crânio de adulto com sinais de fractura sem calcificação



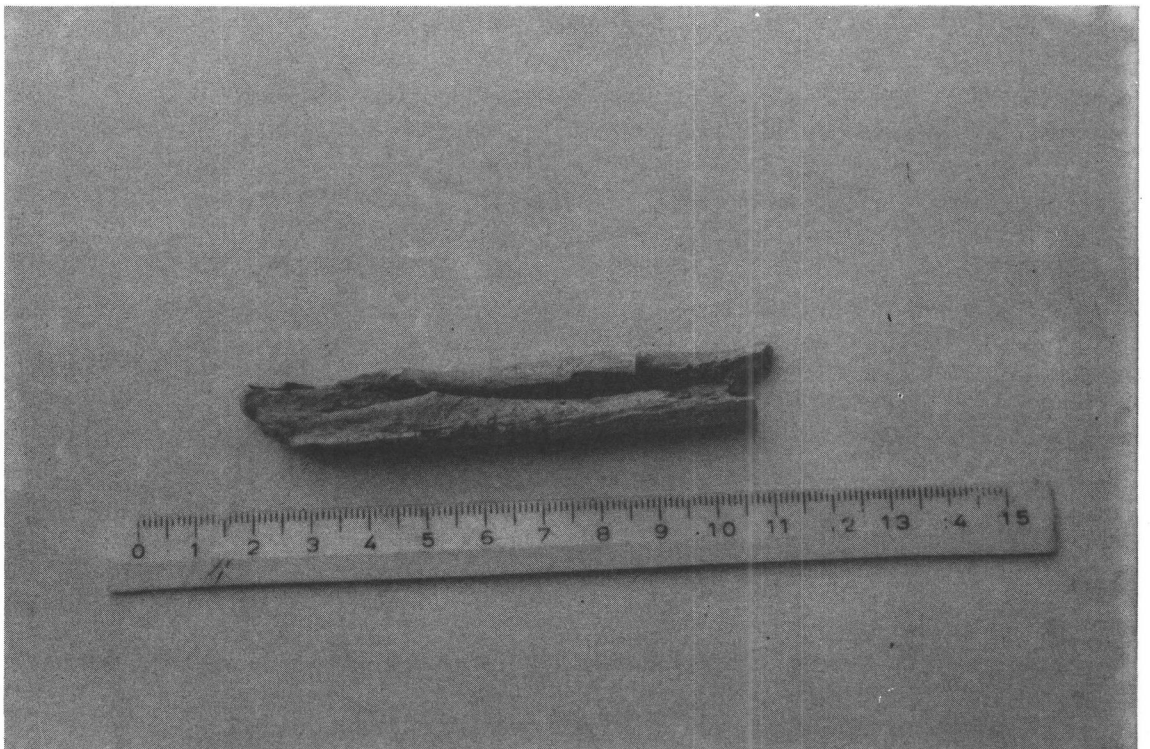
Anta das Castelhanas - fragmento de tibia aberta longitudinalmente sem vestígios de calcificação



Anta das Castelhanas - fragmento de frontal de jovem com fracturas múltiplas provocadas por objecto cortante (machado ?)



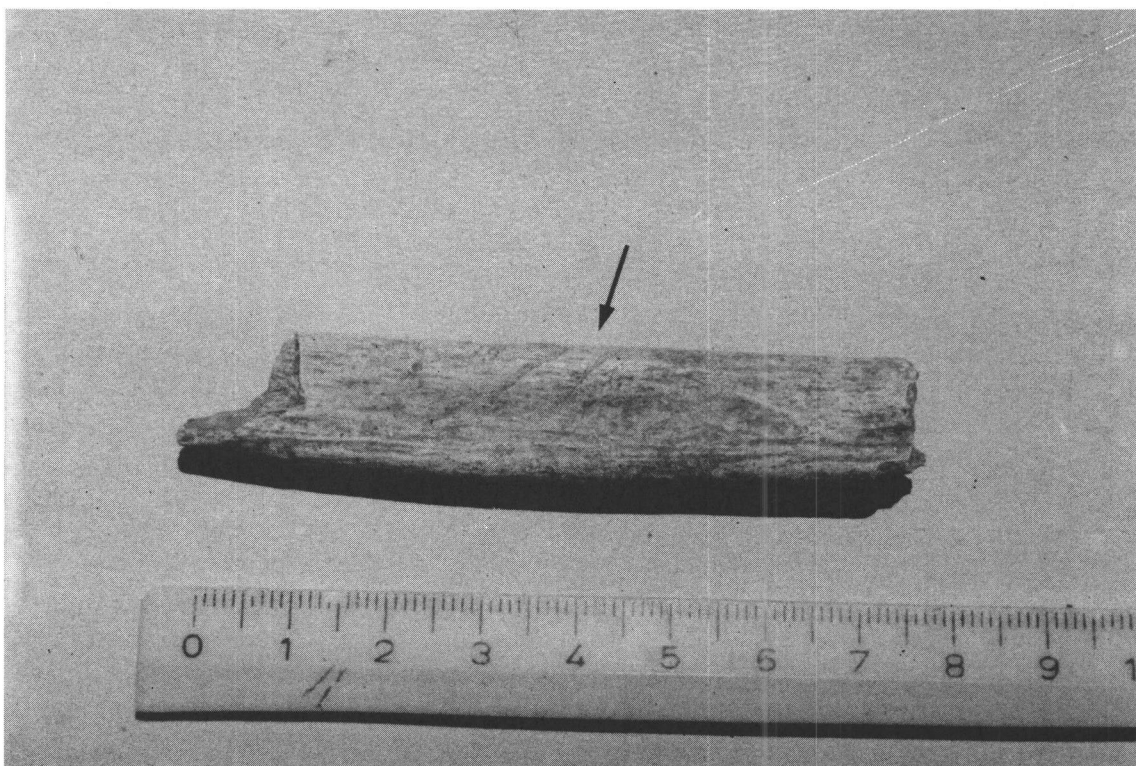
Anta das Castelhanas - fragmento de mandíbula de adulto muito robusto



Anta das Castelhanas - fragmento de osso longo (perónio?) aberto longitudinalmente sem vestígios de calcificação



Anta das Castelhanas - fragmento de úmero de adulto
com sinais de perfuração calcificada



Anta das Castelhanas- fragmento de costela com vestígios de raspagem

CAP. VII VIOLAÇÕES E REUTILIZAÇÕES DE SEPULTURAS

Como já referimos, as antas da área em estudo, pelo menos as por nós escavadas na zona dos granitos, apresentavam nítidos sinais de ao longo dos séculos terem sido visitadas. Se estas visitas numa primeira fase parecem ter sido motivadas pelo mesmo espírito que levou à sua construção, em épocas posteriores terão sido provocadas por outras razões.

A visita efectuada na Idade do Bronze à anta da Bola da Cera, embora com intuitos funerários, parece já marcar uma ruptura com o tipo de visitas que anteriormente se teriam efectuado tanto a esta como a outras sepulturas megalíticas. Os depósitos secundários identificados em inúmeros monumentos, embora de algum modo perturbadores dos depósitos anteriores, ou reorganizaram, de um modo geral, o espaço funerário, ou tão-só se sobrepuseram aos níveis anteriores. O processo utilizado para chegar ao interior dos monumentos já em fases avançadas de utilização não é muito claro. Como vimos no capítulo dedicado à arquitectura funerária, os corredores da maioria dos monumentos, se cobertos desde o início, não eram passíveis de utilização, dadas as suas pequenas dimensões. Desconhecendo-se o meio utilizado, parece, contudo, que os autores das tumulações secundárias e outros visitantes contemporâneos souberam respeitar a

estrutura arquitectónica inicial. Os visitantes / utilizadores da anta da Bola da Cera, porque provavelmente motivados por outros interesses, provocaram graves destruições na estrutura funerária para aí colocarem o seu depósito funerário.

O arranque de um esteio lateral da câmara e a fractura do topo do de cabeceira antecederam a inumação que praticaram neste monumento. Se a estrutura arquitectónica foi muito afectada, já os depósitos funerários antigos parecem não ter sido alvo destes visitantes. Poucos centímetros abaixo do fragmento do esteio de cabeceira fracturado durante a visita encontravam-se os dois esqueletos descritos noutra capítulo (1). Vário espólio os envolvia. Pelo estado de conservação dos esqueletos e do espólio, podemos assegurar que não foram mexidos desde a sua deposição. Parece, assim, que os visitantes da Idade do Bronze, ao procurarem um espaço para a deposição do seu ou seus mortos, respeitaram os depósitos funerários antigos, mas essa preocupação já não se manifestou em relação à estrutura arquitectónica. As reduzidas dimensões do corredor, mas sobretudo o enchimento que a câmara já apresentaria inviabilizavam o acesso ao interior do monumento pela respectiva galeria. Provavelmente a mamoa já se apresentaria algo destruída e o processo mais fácil para conseguir um espaço tradicional de deposição funerária, sob a protecção de um largo e pesado chapéu, foi a parcial destruição da estrutura lítica da câmara.

Concluído o depósito funerário foram as aberturas colmatadas com pedra de pequeno calibre. No local onde se implantava o esteio arrancado os novos utilizadores construíram uma parede de pedra seca até à altura do chapéu.

A extracção, mas sobretudo a fractura de um ou dois esteios da câmara como forma de acesso ao interior dos monumentos, não é exclusivo da anta da Bola da Cera. Vários exemplos são conhecidos. Os mais claros são os verificados em monumentos ainda bem conservados e sobretudo ainda com a "pedra de guilhotina" no local. A anta da Marquesa e a anta I do Alcogulo são monumentos onde se verifica nitidamente que a fractura de um dos esteios laterais foi o processo mais simples de acesso ao interior do monumento (2).

As sepulturas megalíticas, pela sua volumetria e local de implantação, prenderam desde sempre a atenção dos povos ao longo dos tempos. Se na Idade do Bronze serviram ainda como espaço de tumulação, ao tempo do domínio romano continuaram a ser visitadas, escavadas e provavelmente reutilizadas ainda como espaço funerário. O grande monumento da Tapada de Matos situado junto ao Monte dos Mosteiros foi claramente inserido no espaço principal da *villa* que na área deste monte se conhece (3). Durante a escavação de que foi alvo nos primeiros anos da década de oitenta forneceu, para além de diverso espólio

megalítico, uma fibula, várias moedas, fragmentos de peças de vidro e de sigilata clara. No mesmo contexto, soubemos que apareceram ossos humanos. Pelas informações que possuímos não poderemos afirmar que no interior da sepultura megalítica ao tempo dos romanos aí efectuaram algum enterramento. Contudo, e em face da presença de moedas, de uma fibula e ossos no mesmo contexto, poderemos, pelo menos, colocar essa hipótese. Sabemos, no entanto, que os romanos a visitaram.

Noutros monumentos encontrámos também materiais romanos. Na anta do Porto Aivado, totalmente destruída e espoliada, no espaço onde provavelmente se teria localizado a câmara, recolhemos um fragmento de *tegula*. Fragmentos de *tegulae* foram ainda identificados no interior da câmara da anta do Ribeiro do Lobo, na de S. Gens II e na mamoa da anta das Castelhanas.

Se alguns monumentos foram muito afectados ao tempo dos romanos e primeiros séculos da Idade Média, outros foram estranhamente poupados. A presença de materiais romanos, ou já medievais, em níveis superficiais de monumentos megalíticos não implicam que os espaços funerários pré-históricos tenham sido violados. Na área em estudo dois interessantes exemplos foram registados. A anta das Castelhanas, tal como a do Ribeiro do Lobo, situam-se na área de um importante povoado "Alto Medieval" (Paço, 1950) sob o qual são visíveis estruturas de uma provável *villa* romana. Na escavação que efectuámos na primeira, não encontrámos sinais de violações significativas e as estruturas megalíticas, ainda que algo arruinadas, não parecem ter servido para corte de pedra. Também as antas de S. Gens, situadas na área de um grande estabelecimento romano e medieval, foram poupadas. A presença de alguns fragmentos de cerâmica romana nos níveis superficiais da anta II de S. Gens não significam que a mesma tenha sido violada.

Se ao tempo do domínio romano e dos primeiros séculos da Idade Média encontramos antas, que por causas que desconhecemos, foram preservadas, profundas violações e mutilações foram efectuadas em vésperas, ou durante a Reconquista Cristã, nas antas I e II e provavelmente também na III dos Coureleiros.

Na Anta I dos Coureleiros os seus violadores actuaram no espaço da câmara imediatamente em frente do corredor. Provavelmente aí acenderam uma fogueira cujos carvões, datados por radiocarbono, apresentaram uma data de 840 ± 70 anos BP (ICEN-592). Desta violação resultou, provavelmente, a destruição da estrutura lítica do monumento e a pilhagem da maior parte do

espólio. Na Anta III da mesma necrópole identificou-se uma profunda violação na zona central da câmara que penetrou em cerca de quarenta centímetros o solão granítico da base do monumento. O único e reduzido espólio recolhido localizava-se em torno da violação, junto aos esteios. No monumento II, carvões recolhidos no corredor, junto à entrada da câmara, numa mancha de terra mais escura que perturbava o nível de terra compactada onde se recolheu algum espólio, forneceram a data de 690±130 anos BP (ICEN-593).

Estas visitas às antas dos Coureiros datadas dos últimos anos do domínio muçulmano não foram as únicas que deixaram vestígios. Nos finais do século XV, ou inícios do século XVI, à anta IV dos Coureiros anexaram uma pequena casa. A maior parte da casa não possui alicerces. As grossas paredes assentam sobre a mamoa. Em torno da anta levantaram um muro de pedra seca transformando-a em pocilga. Sobre o corredor um lajeado algo irregular constituía a esplanada, enquanto que a câmara funerária servia de abrigo aos animais. Para melhor poder desempenhar essa missão e porque já estaria parcialmente destruída, pequenos muros de pedra seca uniam os esteios. Na face interna da ombreira direita desta casa foi gravada uma cruz com base triangular. Semelhante a outras identificadas em diversas localidades também esta parece cristianizar um espaço que segundo a tradição teria sido habitado por judeus. Habitada por judeus, ou não, a presença desta cruz gravada na ombreira de uma casa que se adossa e parcialmente se ergue sobre um monumento megalítico, poderá ter um significado semelhante às cruzes que noutros monumentos megalíticos são conhecidas.

A transformação da anta IV em pocilga não é caso único, nem de uma época, na área em estudo. Quer na margem portuguesa, quer na margem espanhola, vários monumentos a esse fim foram destinados. Entre outras conhecem-se as antas da Enxeira dos Vidais, a anta II dos Coureiros, a anta da Tapada da Anta, anta de Tapias II, e a anta del Fragoso.

Duas sepulturas megalíticas do concelho de Castelo de Vide e uma no concelho de Marvão foram reutilizadas para outros fins. O melhor exemplo é sem dúvida a anta do Monte do Pombal em Castelo de Vide. Rebocada e caiada e com o piso alteado, ao qual se tem acesso por dois degraus externos, esta interessante anta foi transformada em pombal nos princípios do presente século. Pelo acabamento cuidado, pelas características da argamassa, pela ausência dos nichos internos que caracterizam os pombais, pelos vestígios de um rodapé que numa primeira fase foi amarelo e depois azul, mas sobretudo pelas semelhanças que apresenta com a anta capela de S. Dinis em Pavia, parece não ser de excluir a hipótese deste monumento ter sido transformado em capela e só mais tarde

utilizado como pombal, tal como nos contaram na casa agrícola que a menos de quinhentos metros se encontra.

À parede sul do Monte do Mouratão anexa-se uma capoeira, hoje praticamente destruída. Uma robusta construção encostada à casa servia de abrigo aos galináceos. Fortes camadas de argamassa encobrem, quase completamente, a câmara de uma sepultura megalítica. Apenas no interior se podem observar os sete esteios e o chapéu que ainda os cobre. Interrogado um velho pastor que nas imediações guardava cabras e ovelhas sobre a razão do nome do monte, foi-nos informando que segundo tinha ouvido contar, naquela "furda"(5), assim chamou à anta, tinha vivido um mouro que sabia curar e ali praticava a sua ciência. Da presença desse mouro teria resultado o nome do monte: Monte do Mouratão.

Segundo Leite de Vasconcelos (Vasconcelos, 1897), a anta da Casa do Galhardo, no concelho de Castelo de Vide, estaria relacionada com a figura do diabo. Para este autor "galh-ardo", significa diabo, contudo, localmente não se conhece hoje qualquer história ou lenda relacionada com este monumento.

Embora na bacia do Sever não se conheçam antas claramente transformadas em capelas como se verifica noutros locais (6), na sua área ou na periferia conhecem-se monumentos aos quais se associaram espaços de culto católicos. No termo de Cedillo a anta del Cabezon também é conhecida por Anta Donde Se Reza a la Señora. Da sepultura megalítica quase já nada resta. Contudo, nas imediações, umas antigas ruínas, hoje transformadas em casões agrícolas, parecem ter pertencido a uma capela ou igreja. O topónimo que permaneceu para este local indicia a existência de um local de culto à Virgem. Igualmente, no termo municipal de Valência de Alcântara, uma anta situa-se a poucos metros das ruínas da ermida de San Anton. Caso semelhante verificamos no concelho de Nisa. Aqui três antas, mas especialmente uma, localizam-se a curta distância da capela de S. Gens. Pelos exemplos descritos verificamos que também na área em estudo a sacralização do espaço foi continuada ao longo dos milénios, chegando até aos nossos dias como locais de culto.

No concelho de Marvão a anta II da Meirinha foi transformada em choça (Paço, 1950). Alguns dos esteios terão sido arrancados e deslocados para que se conseguisse obter um diâmetro superior ao que a câmara da anta apresentaria. Os espaços entre os ortóstatos e as faces externas deles foram preenchidos por uma grossa parede por forma a apoiar a estrutura de madeira e giesta que a cobria. Embora desconheçamos qual a orientação do corredor da anta, não deixa de ser interessante referir que a porta da actual choça se abre para nascente.

Na área em estudo outras utilizações para sepulturas megalíticas são conhecidas. No termo de Cedillo no local onde se implantava uma anta foi construído um moinho de vento. Na sua estrutura foram incorporados alguns dos seus esteios. No local onde se levantava o moinho existe hoje apenas uma casa em ruínas, construída, provavelmente, com os escombros do engenho. Da anta ainda são visíveis alguns fragmentos de esteios encostados à parede nascente do que resta da casa.

A utilização de antas como marcos de divisão de propriedade está bem documentada na região em estudo. As antas da Cabeçuda, Ferrenha, Atalaia, Vale Figueira, Alcogulo I, Coureiros V, Tapada de Matos, Tapias II, Quatro Lindones, Várzea dos Mourões, Lindon de Campête e outras, actualmente incorporadas em paredes, funcionaram como pontos de referência no parcelamento da propriedade.

Se as estruturas arquitectónicas de muitas sepulturas megalíticas serviram para os mais diversos fins, o seu espólio, também foi muito procurado. A procura de tesouros lendários enterrados nestes monumentos, como o que a tradição diz guardarem-se na anta do Jardim (7), na anta da Salgueirinha (8) ou na anta da Granja (9), contribuíram, naturalmente para a sua parcial destruição. Mas não eram apenas os tesouros que se procuravam nas antas. A tradição de colocar machados de pedra polida (pedras de raio) sob as soleiras da porta, nos encaixes das trancas, na pedra da lareira ou nos alicerces das casas como forma de protecção contra as fâscas, originou, seguramente, que algumas sepulturas tivessem sido esventradas para recolha de tão fundamentais pára-raios (Leite de Vasconcelos, 1897: 113) (10). Na freguesia de Montalvão os machados de pedra polida servem também para prever o tempo (11).

Para além da recolha de machados em antas elas serviram como fontes de "pedreneiras" para as armas de fogo. Durante as várias campanhas de escavação que dirigimos na Praça d'Armas do Castelo de Castelo de Vide, recolhemos em níveis dos séculos XVII e XVIII vários fragmentos de lâminas de sílex adaptadas para fechos de armas de fogo. A falta deste apetrecho militar durante os vários períodos de guerra nesta região está bem documentado num manuscrito datado de 12 de Setembro de 1800, guardado junto ao Foral Manuelino de Marvão. Neste documento denominado "*Mapa em q. se mostra o q. actualmente se precisa nesta Praça de Marvão, sem entrar em contemplação o que nella existe*" refere-se, para além de inúmero material de guerra, "*pederneiras de fuzil*". (12) Se a falta de pedreneiras foi satisfeita nesta data, em que, embora em vésperas de uma guerra anunciada (Guerra de los Naranjos), as comunicações eram possíveis, noutras alturas em que a serra ficava isolada a procura das pedras de fogo no interior de

antas deverá ter ocorrido. Na verdade, dois tipos de fragmentos de sílex foram recolhidos na Praça d'Armas de Castelo de Vide. Os mais largos e espessos, claramente talhados directamente para fins militares, distinguem-se dos mais estreitos, obtidos da fractura de lâminas pré-históricas.

A utilização das sepulturas megalíticas para os mais diversos fins na bacia hidrográfica do Sever parece ter sido contínua e ininterrupta. Desde a reutilização como espaço funerário na Idade do Bronze até a fonte de sílex para armas de fogo e isqueiros, ainda nos inícios deste século, os monumentos megalíticos foram desde sempre locais de visitação. Embora muito afectados eles conseguiram sobreviver até aos nossos dias devido sobretudo à carga simbólica que em todos os tempos lhes reconheceram.

NOTAS

- (1) - Capítulo sobre os rituais de enterramento
- (2) - Ainda que já fora da área em estudo, a anta do Tapadão, nas imediações do Crato, é outro claro exemplo de fractura posterior de um esteio lateral da câmara para acesso ao interior do espaço funerário.
- (3) - A poucos metros para nordeste da anta, numa pequena elevação podem ainda observar-se os restos de uma ampla estrutura quadrangular que localmente é conhecida por templo. Nas suas imediações foram postos a descoberto pelo proprietário, durante os trabalhos agrícolas, fragmentos de mosaicos policromáticos. Um forno de cerâmica romano foi neste local identificado por Conceição Rodrigues (Rodrigues, 1975, 144) e posteriormente escavado pelos membros do Grupo de Arqueologia de Castelo de Vide.
- (4) - Cruzes idênticas conhecemo-las em ombreiras de portas de Nisa, Évora, Porto e Lisboa. Sempre em casas de bairros quinhentistas, ou seiscentistas, estas cruzes aparecem invariavelmente na face interna da ombreira direita.
- (5) - Furda, chafurda, furdão ou chafurdão, são os nomes por que são conhecidas as construções de planta circular ou quadrangular com cobertura em falsa cúpula que nesta região do Alentejo e "Extremadura" abundam. Geralmente associadas a sepulturas escavadas na rocha, são hoje utilizadas para guardar gado.
- (6) - Várias antas em Portugal, ou foram transformadas em capela, ou sobre elas construíram espaços religiosos cristãos. Monumentos como o da Senhora do Monte em Penedono, Sra. do Livramento em S. Brissos, Sra. da Conceição em Alcobertas, S. Bento do Mato na Azaruja, S. Dinis em Pavia, S. Fausto no Torrão e provavelmente S. Torpes em Sines, são casos exemplares de apropriação de um espaço de culto pré-histórico pela Igreja Católica. Provavelmente, o monumento do Torrão poderá ter sido anteriormente transformado em local de culto islâmico e só posteriormente cristianizado.
- (7) - Segundo Afonso do Paço (Paço, 1950:97) nesta anta guarda-se uma caixa cheia de ferramentas de ouro.

(8) - Contou-nos um dos poucos pastores que teimam em apascentar gado a norte de Montalvão que na anta da Salgueirinha foi encontrado um pote com libras de ouro e que ainda mais fundo existem mais dois potes. Um tem veneno e o outro um bezerrinho de ouro. Até agora ninguém se atreveu a retirar o bezerro por não saber em qual dos potes é que se encontra. É que, ainda segundo a lenda, quem abrir o pote do veneno terá morte imediata.

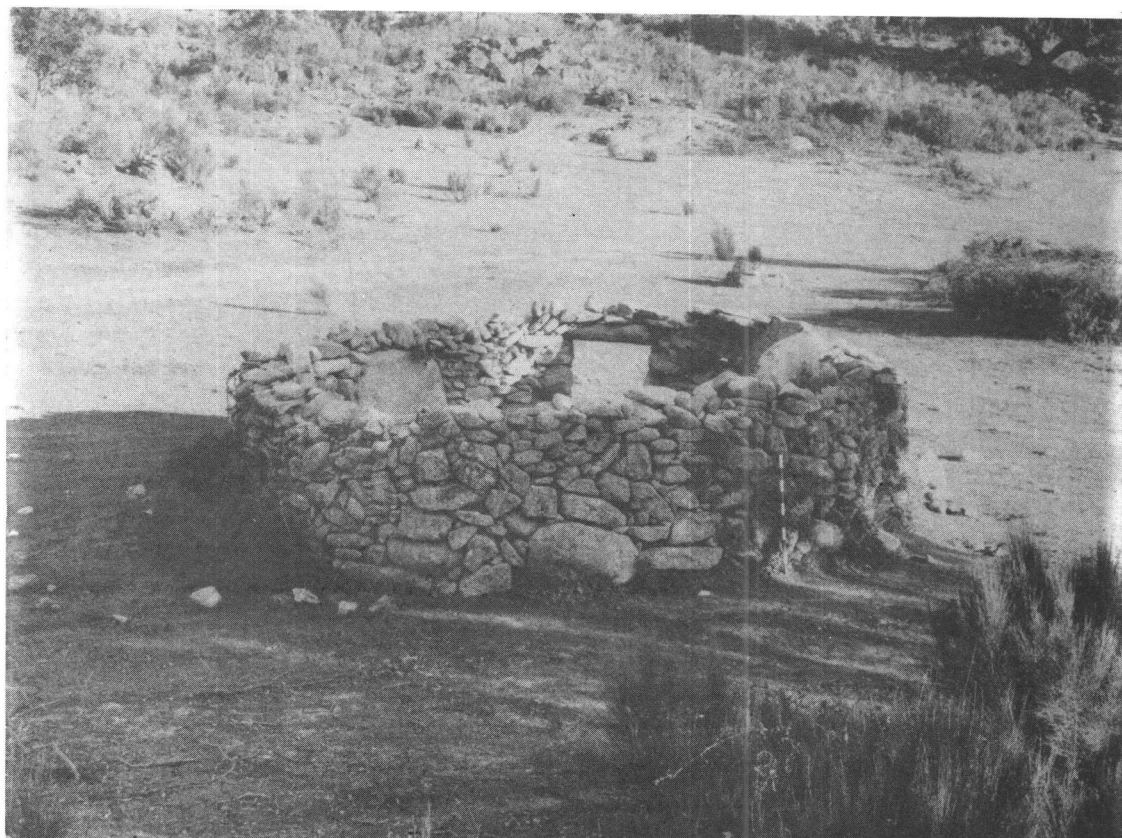
(9) - Segundo a tradição, na anta da Granja guarda-se uma espada em ouro aqui colocada por um cavaleiro que vindo de Espanha, contagiado com peste, prometeu nunca mais se servir dela se se curasse dessa doença. Recompuesto da sua enfermidade nesta anta enterrou a espada da promessa. Recordemos que, embora se trate de uma lenda que nos foi contada na povoação da Beirã, poderá conter alguma verdade. Próximo da anta da Granja, junto ao Monte dos Pombais ergue-se ainda hoje uma grande chaminé que fez parte de um lazaredo que neste local se levantava. Situado próximo do caminho de Santa Maria que conduzia a Espanha, neste lazaredo permaneciam de quarentena, ao tempo das pestes, as pessoas que cruzavam o fronteiro rio Sever.

(10) - Encontrámos um machado de pedra polida enterrado no silo 1 da denominada Sinagoga Medieval de Castelo de Vide, em níveis dos finais do século XVI (Balesteros e Oliveira, 1993). Na lareira de uma casa de habitação abandonada do velho Monte do Pombo da freguesia de Montalvão recolhemos um grande machado de pedra polida.

(11) - Segundo as gentes de Montalvão os machados de pedra polida quando lançados para a fogueira, se começam a "suar e a soprar", querem dizer que brevemente choverá. Caso contrário, se não se alterarem, então o tempo permanecerá seco.

(12) - Em resposta a esta solicitação e neste caso não se fez esperar, noutro documento, datado de 18 de Setembro do mesmo ano, intitulado "*Relação das Munições, e Petrechos, que se mandarão remeter da Praça de Estremoz para a de Marvão*" pode ler-se que foram remetidas 5000 "pedreiras de espingarda". (Oliveira, 1993)

DOCUMENTAÇÃO GRÁFICA



Anta II da Meirinha (Marvão) - monumento transformado em choça



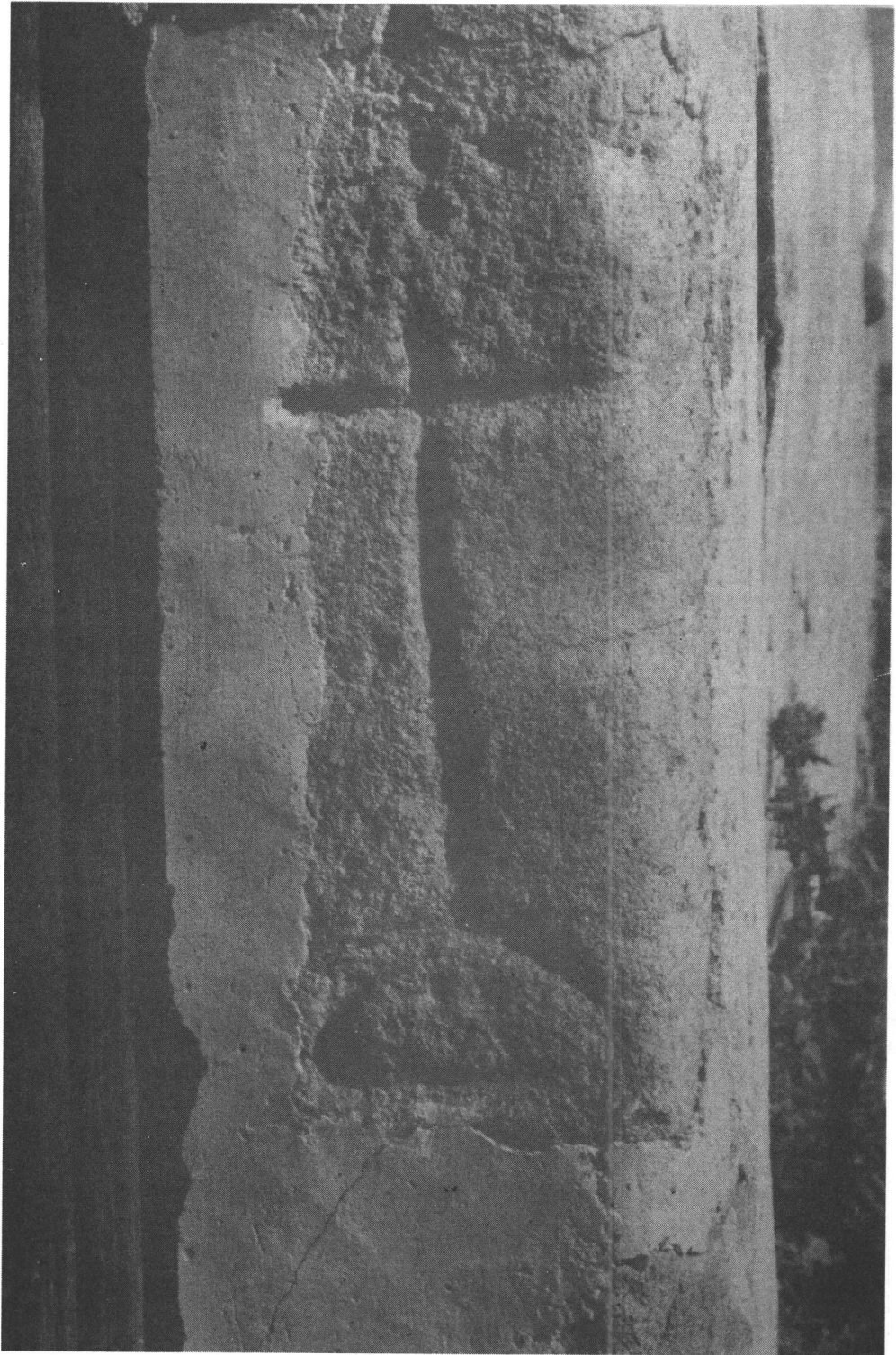
Anta da Enxeira dos Vidais (Marvão)
monumento transformado em curral para gado



Anta do Pombal (Castelo de Vide)
monumento transformado em pombal ou capela?



Anta do Mouratão (Castelo de Vide)
monumento transformado em casa de arrumos



Cruz gravada na ombreira direita da porta da casa que se anexa à anta IV dos
Coureiros em Castelo de Vide

CAP. VIII

MATERIAIS ARQUEOLÓGICOS

1. MORFOLOGIA DESCRITIVA

O universo de mais de três mil artefactos com as variantes próprias das peças elaboradas manualmente e em suportes diversos e condicionados ainda pelo acesso indirecto a um número significativo de materiais inviabilizam a sua caracterização, onde todos os descritores, hoje possíveis de estabelecer, estejam contemplados.

A existência de várias e diversas tipologias, ainda que não universalmente aceites, mas por muitos autores seguidas, embora com pequenas variantes, por forma a se adaptarem aos particularismos de cada conjunto, facultam-nos já um glossário terminológico e linhas de sistematização vulgarmente adoptadas.

O clássico estudo de Georg e Vera Leisner sobre as Antas do Concelho de Monsaraz passou a ser, desde os anos cinquenta do presente século, um ponto

de referência obrigatório de todas as tipologias formuladas para materiais provenientes de espaços megalíticos, tanto portuguesas e espanholas, como de outros países europeus.

No estudo dos materiais que se incluem no presente trabalho, para além de continuarmos a utilizar em grande parte a terminologia de Georg e Vera Leisner, socorremo-nos ainda de elementos descritores posteriores, especialmente os extraídos das normas tipológicas propostas por Leroi-Gourhan e Hélène Balfet (Leroi-Gourhan, 1966; Balfet, 1966). Servimo-nos, ainda, de trabalhos mais actualizados, especialmente dos de Susana Oliveira Jorge (S.Oliveira Jorge, 1978 e 1986), de Senna-Martinez (Senna-Martinez, 1984 a, 1984 b e 1991), de Vitor Gonçalves (Gonçalves, 1989 e 1992) e de M.Conceição Rodrigues (Rodrigues, 1986 e 1991).

Considerando que grande parte da informação sobre os espólios recolhidos em monumentos da margem direita do Sever foi obtida a partir do estudo de Primitiva B. Ramirez (Ramirez, 1988), utilizámos, sempre que possível, a metodologia para a descrição dos espólios adoptada por esta investigadora por forma a evitar grande disparidade de critérios.

Atendendo aos condicionalismos acima enunciados, procurámos agrupar os espólios pelas suas características-base e, portanto, generalizáveis para todo o universo de peças catalogadas, recordando que de alguns materiais apenas possuímos descrições muito superficiais, não sendo possível a sua observação directa. Na impossibilidade de se obterem alguns elementos descritivos que viriam, na análise estatística comparada, a viciar a informação final, optámos por considerar para a maior parte dos artefactos apenas os elementos fundamentais que os caracterizam, ou em alternativa e devidamente enunciadas, trabalhámos com amostragens significativas. Sempre que alguma peça apresentava características que a particularizasse foi devidamente assinalada.

Em face do exposto e atendendo aos materiais conhecidos, considerámos os seguintes descritores para cada conjunto de artefactos:

Pontas de seta - matéria-prima, forma da base (recta, convexa, côncava, triangular ou indeterminada), retoque (1), peso (quando possível), comprimento e presença ou ausência de barbelas.

Lâminas e lamelas - matéria-prima, retoque, secção (triangular, trapezoidal) e estado.

Geométricos - matéria-prima, forma e retoque.

Cerâmicas - forma (vaso semi-esférico, taça aberta em calote de esfera, vaso esférico fechado, vaso aberto de paredes rectas e fundo plano, vaso com carena (alta, média e baixa), vaso de fundo convexo e colo estrangulado, prato (com ou sem espessamento do bordo), presença ou ausência de asa ou asas, composição da pasta (elementos não plásticos pequenos - < 0,5 mm, médios de 0,5 mm a 1 mm, grandes - > 1mm), superfícies interna e externa (com ou sem vestígios de utilização, polida, alisada, engobada, cozedura (reduzora, oxidante, mista) arrefecimento (reduztor, oxidante, misto), decoração incisa ou aplicada (mamilos, outros), dimensões (diâmetro externo do bordo, altura interna, espessura), volumetria e estado de conservação.

Ídolos-placa - matéria-prima, recorte (geométrico ou antropomórfico), decoração (sem decoração, geométrica, antropomórfica ou mista), estado de conservação.

Polidos - artefacto, matéria-prima, secção, polimento (zona proximal, mesial, distal ou total), utilização (com ou sem vestígios de utilização).

Elementos de colar - artefacto (conta (discóide, bicónica ou esférica), pendente ou outro), matéria-prima.

Elementos de mó - artefacto (dormente ou movente), matéria-prima, estado de conservação

Outros - principais características, função, matéria-prima, outros.

2. CONDICIONANTES

Se, no que respeita à arquitectura, material de construção, rituais, estratégia de implantação e tantos outros aspectos, os sepulcros megalíticos na área em estudo podem ser divididos em dois grandes grupos, no que aos espólios diz respeito, e numa primeira análise, verificamos também uma nítida separação entre os materiais recolhidos nos monumentos implantados na região dos granitos e os provenientes de sepulcros localizados junto à foz do Rio Sever, em terrenos de xistos. Esta separação, como mais à frente veremos, manifesta-se, tanto pelo número e qualidade de fabrico, como pela relação de presenças e ausências de espólios nos dois conjuntos.

Como já tivemos oportunidade de referir, as condições de recolha de espólios não foram sempre idênticas. Para cerca de dois terços dos materiais inventariados e que servem de suporte ao presente estudo desconhecemos as condições de recolha. Uma parte substancial dos materiais recolhidos em escavações por nós dirigidas encontrava-se em monumentos afectados por profundas violações ou totalmente destruídos (2) inviabilizando uma correcta compreensão dos respectivos contextos. Soma-se a estas condicionantes o elevado grau de deterioração de grande número de materiais, especialmente os cerâmicos, que inviabilizou a sua reconstituição para fins tipológicos, no que às formas diz respeito.

Procura-se neste capítulo definir as características dos espólios conhecidos provenientes dos dois grupos megalíticos identificados. Se a diversidade dos rituais e da arquitectura dos monumentos, embora sujeita a normas-base, é a principal característica do megalitismo desta região, no que aos materiais diz respeito essa diversidade parece diminuir, constituindo-se grupos bastante homogéneos que se identificam em cada uma das áreas isoladas.

Para uma mais fácil apresentação dividimos o estudo dos espólios em dois grupos, correspondendo, respectivamente, aos monumentos da região dos xistos e aos monumentos da região dos granitos. Dentro desta região comparam-se, sempre que possível, os espólios provenientes de monumentos de corredor curto com os provenientes de monumentos de corredor longo. Os materiais provenientes de monumentos muito destruídos ou de que se desconhecem claramente as características dos corredores não foram considerados nas estatísticas comparativas, mas foram, contudo, contemplados no estudo geral dos materiais.

Os espólios que são estudados neste capítulo foram recolhidos nos seguintes monumentos:

Monumentos dos xistos:

Lomba da Barca (LB), Padre Santo (PS), Térrias (T), Porqueros I (PI), Porqueros III (PIII), Caneiro (Ca), Eira (E), Vermelha (V) e Fonte da Pipa (FP).

Monumentos dos granitos:

Corredor curto: Castelhanas (AC), Coureiros I (CI), Cabeçuda (C), Figueira Branca (FB), Bola da Cera (BC), Coureiros III (CIII), Olheiros (O), El Corchero (EC), Marquesa (Ma), Datas II (DII) e Cajiron I (CaI).

Corredor longo: Tapias I (TI), Coureiros IV (CIV), Coureiros II (CII), Alcogulo II (AII), Alcogulo I (AI), Tapada de Matos (TM), Vale da Estrada (VE), Tapadão da Relva (TR), Lanchas I (La I), Zafra II (ZII) e Huerta de las Monjas (HM).

Corredor indeterminado: Porto Aivado (PA), Tapada do Castelo (TC), Alcogulo III (AIII), Porto da Espada (PE) e El Palancar (EP).

As escavações ou violações efectuadas nos monumentos do Porto Aivado, Tapada do Castelo, Alcogulo III, Porto da Espada e El Palancar não possibilitaram a sua identificação arquitectónica. Considerando esta indefinição arquitectónica e o reduzido número de materiais neles recolhidos não serão considerados nas análises estatísticas.

Atendendo às suas particulares características a anta dos Pombais (AP) será estudada individualmente.

Estudam-se ainda neste capítulo os materiais recolhidos durante a escavação efectuada na base do menir do Carvalhal, situado no concelho de Castelo de Vide.

3. MONUMENTOS DA REGIÃO DOS XISTOS

A pobreza de materiais no que respeita à sua variedade, número e sobretudo qualidade de fabrico poderá ser considerada uma das principais características dos monumentos implantados na região dos xistos. Poderão também ser responsáveis por esta situação o reduzido número de escavações efectuadas nos monumentos deste grupo. Até ao momento apenas foram objecto de estudo os monumentos da Lomba da Barca, Fonte da Pipa e Padre Santo no concelho de Nisa e na margem espanhola apenas se conhecem materiais provenientes de sondagens antigas efectuadas por Gonzalo Muñoz em Porqueros I e as recolhas de

superfície efectuadas por Primitiva Bueno Ramirez nos monumentos de Terrias e Porqueros III (Ramirez, 1988:26,27,30).

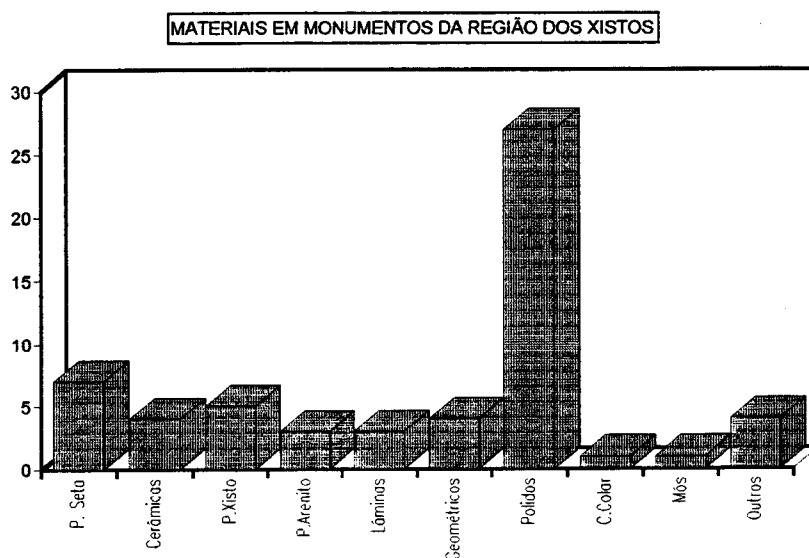
Para a margem portuguesa conhecem-se ainda os materiais publicados por Joaquim Batista e Manuel Leitão (Batista e Leitão, 1980) recolhidos "ainda que superficialmente" no "monumento dolménico nas Naves". Pela descrição e pelas coordenadas apresentadas pensamos tratar-se da anta da Nave do Padre Santo que por nós foi estudada em 1986. Dos monumentos da Eira, Caneiro e Vermelha, situados na freguesia de Montalvão no concelho de Nisa, conhecem-se os materiais publicados por Georg e Vera Leisner em 1959.

MATERIAIS PROVENIENTES DE MONUMENTOS EM XISTO

	Lomba da Barca	Padre Santo	Terrias	Porqueros I	Caneiro	Eira	Vermelha	Fonte da Pipa	Porqueros III
P.Seta		1						6	
Cerâmicas		2 (?)		2					
Placas de Xisto		4 (?)	1 (?)						
Placas de Arenito				1				2	1
Lâminas		3							4
Geométrico		2						3	
Polidos	3	5	1	2	2	2	9	4	
C.Colar		1							
Mós	1								
Outros	1		2					1	

No termo municipal de Cedillo durante as campanhas de prospecção que efectuámos foi-nos possível observar alguns materiais anteriormente recolhidos à superfície junto a monumentos megalíticos. Guardados actualmente, na sua maior parte, na casa agrícola de Regino Ramallete ou na sede do Ayuntamiento são exclusivamente compostos por instrumentos de pedra polida ou fragmentos deles (machados, enxós e porções de moinhos manuais). Na impossibilidade de relacionar claramente os materiais com os monumentos, considerando que foram recolhidos, na sua maior parte há já bastante tempo, optámos por os não incluir no mapa acima apresentado.

Conhecem-se, assim, materiais provenientes de apenas oito monumentos da região dos xistos, totalizando sessenta e uma peças. Observa-se, de imediato, a baixa frequência de materiais por sepultura, contrastando claramente com o que ocorre na região dos granitos da área em estudo. Destaca-se também que das sessenta e quatro peças, quarenta e dois por cento são objectos de pedra polida, sobretudo machados e raras enxós.



3.1. Cerâmicas

Apenas quatro fragmentos de cerâmica são conhecidos como provenientes dos monumentos da região dos xistos. Da anta da Nave do Padre Santo, Joaquim Batista e Manuel Leitão noticiaram dois fragmentos. Pela descrição que deles fazem torna-se muito difícil classificá-los como contemporâneos da construção ou utilização do espaço funerário. Os seus descobridores afirmam mesmo que "A cerâmica deste monumento reduz-se a dois fragmentos, o que nos limita a uma classificação, quanto à cor e à formação da sua pasta, carecendo estes fragmentos de uma forma específica". (Batista & Leitão, 1980:11).

Durante a escavação que efectuámos neste monumento não registámos qualquer resto cerâmico, tornando ainda mais duvidosa a possibilidade dos dois fragmentos serem contemporâneos do sepulcro. Na breve descrição que estes investigadores fazem das cerâmicas, dizem que uma delas possui grande quantidade de desengordurantes com dimensões de 2 a 3 milímetros, o que a afasta das pastas bastante depuradas características dos sepulcros megalíticos do Alentejo. Parece, assim, e atendendo também ao nível de superfície em que foram recolhidas, que poderá tratar-se de materiais mais recentes (3).

Os dois outros fragmentos cerâmicos conhecidos provenientes de sepulcros da região dos xistos foram descobertos por Gonzalo Muñoz e publicados por Primitiva Bueno Ramírez. Estes fragmentos, recolhidos pelo dono da quinta no monumento de Porqueros I, atendendo à descrição que deles faz a referida investigadora, incluem-se nas variedades mais comuns das cerâmicas megalíticas do Alentejo e Extremadura Espanhola. Trata-se de um fragmento de taça semi-esférica e de um fragmento de vaso de paredes rectas e fundo plano. Parece, assim, que dos quatro fragmentos de cerâmica conhecidos provenientes de sepulcros megalíticos da região dos xistos, apenas dois poderão, com relativa segurança, ser contemporâneos da construção / utilização do monumento. Mesmo assim, a noticiadora destes dois fragmentos não deixa de referir que desconhece

"(...) el lugar que ocupaban en su interior o si presentaban alguna asociación entre sí". (Ramirez, 1988:27)

São, assim, duvidosos e muito raros os testemunhos de materiais cerâmicos clara e directamente associados a sepulcros megalíticos da região dos xistos. Se na verdade poucos monumentos desta região foram escavados, muitos foram por nós visitados logo após a sua destruição pelas subsolagens para plantação de eucaliptos, sem que qualquer fragmento cerâmico fosse registado. Também nas escavações que realizámos nos monumentos da Lomba da Barca, Padre Santo e Fonte da Pipa, assim como nos vários monumentos sondados por Georg e Vera Leisner na margem esquerda do rio Sever, não se recolheram materiais cerâmicos.

A ausência ou a fraca frequência de cerâmicas parece ser assim uma das características das sepulturas megalíticas da região dos xistos, contrastando com, por vezes, mais de meia centena de recipientes identificados num único monumento da região dos granitos. Os dois fragmentos que, com alguma probabilidade, poderão ser contemporâneos dos sepulcros foram recolhidos num monumento que, embora em xisto, se distancia bastante da foz do Sever aproximando-se mais, geograficamente, dos monumentos dos granitos. Esta proximidade aos outros monumentos poderá explicar a presença dos dois fragmentos de cerâmica.

3.2. Ídolos-placa

Os ídolos-placa, inteiros ou fragmentados, recolhidos em monumentos da região dos xistos totalizam nove peças. A notícia que Joaquim Batista e Manuel

Leitão dão dos quatro fragmentos de placa de xisto provenientes da Anta da Nave do Padre Santo não é suficientemente clara para sabermos se se trata de uma peça fracturada ou se os fragmentos pertencem a outras tantas peças. Pelas fotografias que apresentam também não é possível esclarecer esta dúvida. Todos os fragmentos são de xisto ardosiano decorados com séries de triângulos preenchidos (4).

Para além destes quatro fragmentos de placa ou placas de xisto ardosiano decorados com bandas de triângulos, conhece-se mais um fragmento com decoração semelhante proveniente do monumento de Terrás. Também para este pequeno fragmento noticiado por Primitiva Bueno Ramírez (Ramírez, 1988: 26) se desconhecem as condições de recolha.

Os reduzidos fragmentos de placas de xisto ardosiano provenientes de monumentos da região dos xistos impossibilitam a identificação de mais pormenores, quer no que respeita ao contorno, quer no que respeita a outros elementos decorativos.

Para além dos ídolos-placa em xisto ardosiano conhecem-se os obtidos em arenito. Neste material foi recolhido em Porqueros III a parte superior de uma placa, com a forma de uma *cabecita* (Rodríguez, 1988: 30) (5). Também de arenito recolhemos na anta da Fonte da Pipa um ídolo-placa fracturado e fragmento de outra. Qualquer das duas peças não apresentava gravações nas faces, embora pequenos vestígios de ocre vermelho fossem ainda visíveis nas superfícies de ambas as peças. A peça completa FP 21, embora sub-rectangular, apresenta contornos abatidos, indiciadores de uma silhueta antropomórfica. O outro fragmento, apesar de não o podermos afirmar com segurança, parece apresentar um contorno unicamente geométrico.

A placa FP 21, contrastando com os restantes materiais, foi objecto de um acabamento cuidado. As superfícies e arestas foram regularizadas, polidas e provavelmente pintadas como deixam adivinhar os restos de ocre que ainda as

cobriam. Identificadas na base do monumento estas placas parecem ser contemporâneas do início de utilização do espaço funerário.

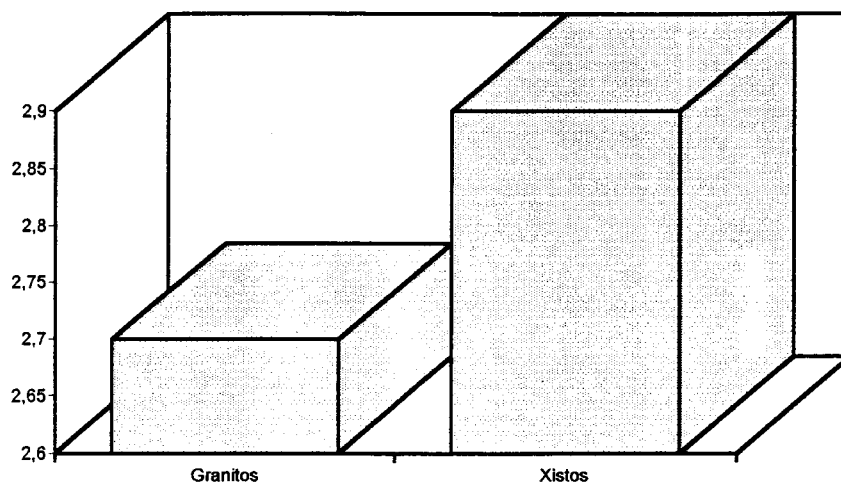
Embora se conheçam nove ídolos-placa ou fragmentos deles unicamente dois (FP 21 e FP 20) foram recolhidos *in situ* (6). Quer uns, quer outros, são em tudo semelhantes aos que ocorrem em monumentos de grandes dimensões da região dos granitos.

3.3. Pontas de Seta

São sete as pontas de seta recolhidas nos monumentos da região dos xistos.

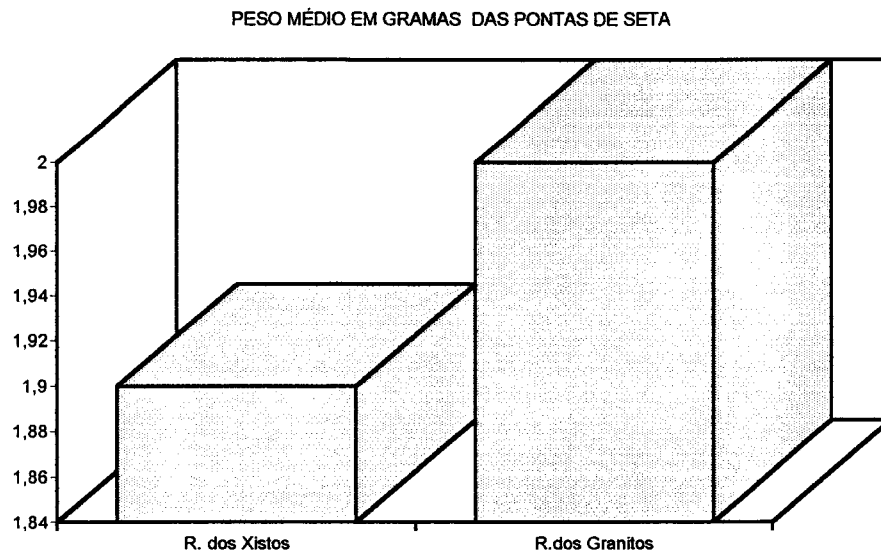
Na anta da Fonte da Pipa recolheram-se seis exemplares e apenas um na anta da Nave do Padre Santo. A registada neste monumento foi talhada em quartzo filoniano, apresentando uma base simples levemente convexa. Provenientes do outro monumento, cinco foram talhadas em sílex e apenas uma em quartzo filoniano (FP 5). Deste conjunto, bastante homogéneo, quer no que se reporta às dimensões, quer no que ao tipo de bases diz respeito, apenas uma peça se destaca das restantes. A ponta FP6 de menores dimensões (1,5 cm) parece ter sido obtida a partir de um pequeno fragmento de lâmina de sílex.

COMPRIMENTO MÉDIO EM CENTÍMETROS DAS PONTAS DE SETA DA REGIÃO DOS GRANITOS E DA REGIÃO DOS XISTOS



Embora em número reduzido as pontas de seta apresentem um retoque marginal, bifacial, bastante regular, possuindo um comprimento médio de 2,9 centímetros, superior em dois milímetros ao comprimento médio das pontas de seta dos monumentos da região dos granitos. Apesar destes valores terem um significado reduzido, atendendo ao muito pequeno universo das pontas de seta da região dos xistos, não deixa de ser interessante realçar o investimento efectuado na obtenção de sílex, proporcionalmente grande em relação a outros materiais, simbólica e numericamente pobres que fizeram parte dos espólios funerários depositados nestes monumentos.

Maioritariamente retocadas em toda a superfície das duas faces, apenas duas peças (FP3 e FP5) apresentam barbelas, ainda que pouco pronunciadas. O peso médio de 1,9 gramas que possuem as pontas de seta da região dos xistos apenas se afasta 0,1 grama do peso médio das pontas de seta da região dos granitos.



3.4. Lâminas e Geométricos

Sete lâminas ou fragmentos delas e cinco geométricos, todos em sílex, foram recolhidos no interior de dois monumentos da região dos xistos. Das sete lâminas apenas uma não apresenta dorso abatido (FP 10) e também apenas uma possui retoques, muito irregulares e descontínuos numa das extremidades (PS 7). As lâminas FP 11 e PS 7 apresentam sinais de terem sofrido os efeitos de altas temperaturas, o que terá contribuído também para o estado de fractura em que a lâmina proveniente da anta da Nave do Padre Santo se encontra.

As pequenas dimensões (média de 6,2 cm) e a ausência de retoques são as principais características que apresentam as lâminas de sílex recolhidas em monumentos da região dos xistos.

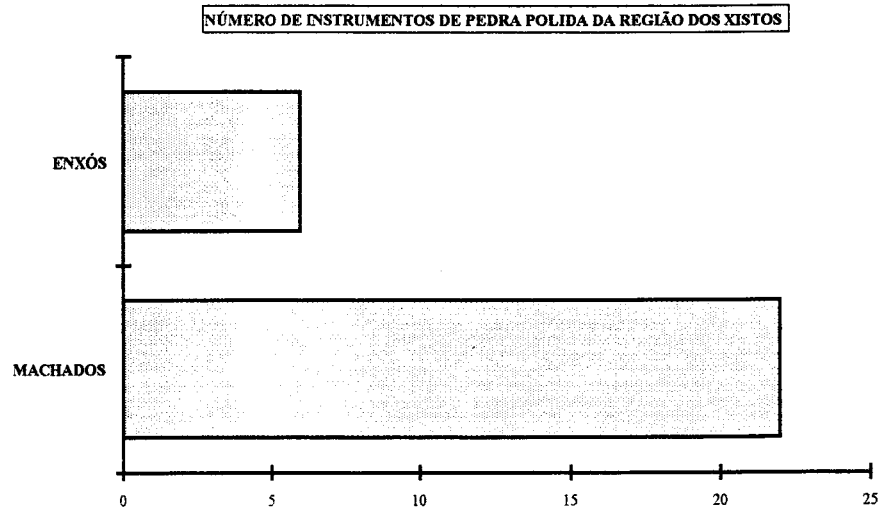
No que se reporta aos geométricos verificamos uma grande uniformidade nas suas formas e dimensões. A forma de trapézio assimétrico predomina nestes multifuncionais instrumentos. Apenas PS 5 e FP 13 parecem ter sido retocados para obtenção de uma extremidade mais fina, podendo, assim, terem sido utilizados também como pequenos buris.

3.5. MACHADOS E ENXÓS

Aos vinte e oito instrumentos de pedra polida seguramente recolhidos em sepulcros megalíticos da região dos xistos poder-se-iam adicionar mais seis identificados nesta região e que provavelmente teriam pertencido a espólios depositados em espaços funerários.

Elevar-se-ia assim para trinta e quatro o número de machados e enxós identificados, alterando significativamente a percentagem em relação ao total de peças. Resultaria, deste modo, que 55,7 % dos materiais seriam compostos por instrumentos de pedra polida. Contudo, e como já anteriormente afirmámos neste estudo, apenas contemplaremos os materiais sobre os quais não existam dúvidas quanto à sua origem.

Os instrumentos de pedra polida, obtidos, na sua grande maioria, em rocha anfibólica ou nódulos de xisto, dividem-se em seis enxós e vinte e dois machados.



Nesta divisão verifica-se, de imediato, que os machados ultrapassam, em grande número, as enxós. Maioritariamente, estas apresentam as superfícies e o talão com polimento, contrastando com o pouco cuidado de acabamento verificado nos machados, onde apenas a extremidade distal foi objecto de polimento. Exceptuam-se os dois únicos machados de secção sub-circular recolhidos respectivamente na anta da Fonte da Pipa e na anta da Lomba da Barca em que toda a superfície foi cuidadosamente polida.

Os machados de secção quadrangular e rectangular estão bem representados no conjunto de instrumentos de pedra polida. No total de vinte e oito peças, dez são machados de secção rectangular e outros tantos de secção quadrangular, formas que figuram, respectivamente em primeiro e segundo lugar nos espólios conhecidos na região dos granitos. Com apenas 7,1% (duas peças)

encontram-se os machados de secção sub-circular, percentagem de ocorrências muito semelhante, mas proporcionalmente algo inferior, ao registado nos materiais da região dos granitos.

	MACHADOS SECÇÃO CIRCULAR	MACHADOS SECÇÃO RECTANGULAR	MACHADOS SECÇÃO QUADRANGULAR	ENXÓS SECÇÃO RECTANGULAR
Anta da Fonte da Pipa	1	3		
Anta do Padre Santo		2		3
Anta da Lomba da Barca	1	1		1
Anta de Terrias		1		
Anta I de Porqueros		1		1
Anta do Caneiro			2	
Anta da Eira			2	
Anta da Vermelha		2	6	1

3.6. Outros materiais

Como temos verificado, o espólio recolhido nos monumentos da região dos xistos, para além de reduzido em número, também o é em variedade.

De elementos de colar apenas se conhece o fragmento de pendente em xisto polido recolhido na anta da Nave do Padre Santo. Um fragmento de elemento de mó (dormente) em grauvaque foi recolhido à superfície na mamoa da anta da Lomba da Barca. Um percutor obtido a partir de um bloco rolado de quartzito identificado na anta da Fonte da Pipa e as duas placas discóides (7) recolhidas no monumento de Terrias completam os espólios conhecidos provenientes de monumentos da região dos xistos. Alguns cristais de quartzo sem sinais de talhe foram identificados nas terras revolvidas de monumentos afectados pela plantação de eucaliptos. A presença de quartzo nesta região e o revolvimento dos monumentos não nos permitem que os possamos considerar, claramente, no número dos materiais votivos, embora para eles haja inúmeros paralelos no interior de outros monumentos megalíticos.

4. RESUMINDO

Os espólios recolhidos em sepulcros megalíticos da região dos xistos da área em estudo podem ser definidos pelo seu reduzido número e pela pouca diversidade.

A quase total ausência de cerâmicas e o predomínio dos instrumentos polidos, sobretudo machados de secção quadrangular e rectangular, associados a lâminas não retocadas e pontas de seta, maioritariamente de base triangular, caracterizam estes materiais. Estão ainda presentes, embora em pequena percentagem, os geométricos trapezoidais e os ídolos-placa de xisto e arenito.

Com a excepção do sílex a matéria-prima para o fabrico dos materiais recolhidos poderia ser obtida nas imediações dos monumentos.

A ausência de cerâmicas (8) e de contas de colar paralelamente ao deficiente acabamento da maior parte dos machados e dos ídolos-placa poderão traduzir um reduzido investimento em objectos de prestígio para acompanhamento dos defuntos.

5. MONUMENTOS DA REGIÃO DOS GRANITOS

Na região dos granitos são claramente isoláveis, em termos arquitectónicos, dois tipos de sepulcros: os de corredor longo e os de corredor curto. Para uma melhor análise dos materiais e tendo em vista uma mais profunda compreensão do ambiente que propiciou esta distinção arquitectónica, tentaremos,

sempre que para o efeito tenhamos dados seguros, organizar os materiais em função daqueles dois tipos-base.

5.1. CERÂMICAS

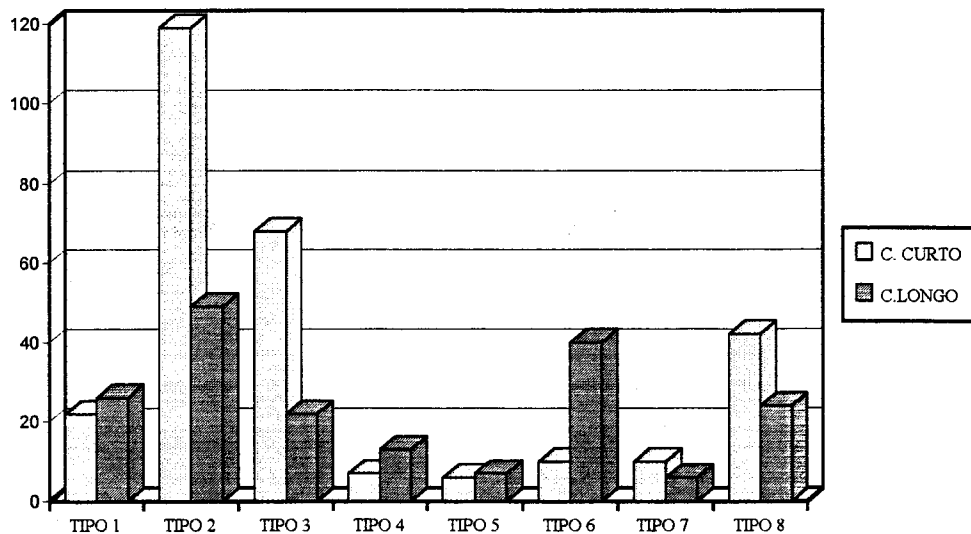
Se nos monumentos da região dos xistos as cerâmicas parecem estar ausentes, nos monumentos da região dos granitos a sua presença é numerosa, embora pouco variada em termos de formas, decoração e pastas.

São vinte e dois os monumentos da região dos granitos que forneceram materiais e que pelo seu estado de conservação é ainda possível classificá-los quanto a tipo de corredor. Nos vinte e dois monumentos que servem de suporte a esta análise apenas um não forneceu cerâmicas. A anta dos Coureiros III, no concelho de Castelo de Vide, é o único monumento que não forneceu materiais cerâmicos. Este monumento por nós integralmente escavado, mostrou ter sofrido uma profunda violação no centro da câmara em época indeterminada. O espólio recolhido encontrava-se em torno da violação, em terras compactas e no corredor que também se apresentava muito compactado. Contrariamente ao que seria de esperar não se registou nenhum recipiente cerâmico inteiro ou fragmentado. Como normalmente se verifica, em monumentos muito violados ou destruídos, onde peças inteiras ou que possibilitem colagem são raras, a presença de pequenos fragmentos cerâmicos é frequente. Neste monumento, nem no interior, nem na área da mamoa foi registado qualquer testemunho cerâmico. Parece ser, portanto, a anta III dos Coureiros até agora o único monumento escavado na região dos granitos onde as cerâmicas estão ausentes.

Agrupamos, quanto à forma, as cerâmicas provenientes dos monumentos da região dos granitos em sete tipos-base. Tratando-se de peças manufacturadas, natural é que alguns sub-tipos pudessem ser isolados. Contudo, em face do grande

número de peças e considerando que as variantes são ínfimas comparativamente ao universo geral, optámos, para evitar grande dispersão, por destacar, pontualmente, o reduzido número de peças com formas menos comuns.

No tipo 1 incluem-se os recipientes semi-esféricos, no tipo 2 os recipientes em calote de esfera, no tipo 3 os recipientes esféricos, no tipo 4 os recipientes de corpo cilíndrico, no tipo 5 os recipientes com carena média ou alta, no tipo 6 os recipientes com carena baixa e no tipo 7 os recipientes esféricos de colo estrangulado. Criou-se ainda um tipo 8 onde se incluem os recipientes cuja forma geral não foi possível detectar devido ao seu elevado grau de fractura.



**Distribuição das formas cerâmicas por monumentos de corredor curto e corredor longo
- monumentos da região dos granitos -**

Ao distribuímos os materiais cerâmicos pelas formas anteriormente isoladas e pelos monumentos quanto ao comprimento dos corredores, como gráfico acima mostra, facilmente se observam variações significativas.

Destaca-se, facilmente, que os recipientes em calote de esfera são os mais abundantes, quer nos monumentos de corredor longo, quer nos monumentos de corredor curto, contudo verificamos que 70,8 % dos recipientes com esta forma concentram-se nos monumentos com corredor curto. Situação semelhante ocorre com os recipientes do tipo 3. Assim, dos recipientes esféricos que ocupam um número significativo no universo das cerâmicas, apenas um terço do seu total está presente entre os monumentos de corredor longo. Em situação inversa encontramos os recipientes do tipo 6. Os recipientes com carena baixa, ou muito baixa, encontram-se, maioritariamente nos monumentos de corredor longo. Apenas 25% de recipientes com esta forma ocorre nos monumentos de corredor curto. As formas dos tipos 4, 5 e 7, correspondentes, respectivamente, aos recipientes cilíndricos, carenas altas e esféricos com colo estrangulado, ocorrem em número muito próximo nos dois tipos de monumentos, sendo de assinalar que unicamente nos monumentos de corredor longo os recipientes do tipo 7 estão em menor número.

Continuando a analisar estes números verificamos, atendendo ao conjunto que denominámos, por facilidade, por tipo 8 e que corresponde às formas indeterminadas, resultantes do elevado grau de fractura, que nos monumentos de corredor curto estas são muito mais numerosas. Na verdade, mais de sessenta e três por cento das cerâmicas muito fracturadas foram recolhidas em monumentos de corredor curto.

Se atendermos à presença ou ausências significativas de formas por monumentos, verificamos que os recipientes com carena baixa, ou muito baixa, só estão presentes em quatro das onze antas de corredor curto. Os recipientes com carena média ou alta também estão ausentes de um número significativo de monumentos deste tipo. Na anta da Bola da Cera foram recolhidos a maior parte dos materiais cerâmicos do tipo 5 e 6, únicos identificados em contexto bem delimitado. Embora alguns dos fragmentos de recipientes carenados tivessem sido registados na área da mamoa, os restantes concentravam-se na área do depósito

funerário tardio, atribuível à Idade do Bronze, ou em terras de arraste no limite do depósito. Os materiais recolhidos nos outros monumentos não se encontravam em contextos seguros, tal o caso das antas de Datas II, Cajíron I ou Figueira Branca.

Os recipientes esféricos, embora não sejam os mais abundantes, são os que estão presentes em maior número de monumentos. Para além da anta III dos Coureiros com ausência total de cerâmicas, só o monumento da Marquesa e de El Cajirón I parecem não possuir esta forma cerâmica.

Nos monumentos com corredor longo verificamos que as ausências na distribuição de cerâmicas por anta são quase nulas. Observa-se, assim, que só uma pequena percentagem de monumentos não possui cerâmicas de todos os tipos identificados.

De todos os monumentos em estudo, provavelmente o mais monumental parece ser o dos Mosteiros e é também este um dos que forneceu maior número de materiais. Contudo, do conjunto de materiais que chegaram até nós, não identificámos recipientes dos tipos 4 e 5.

Evidencia-se ainda que os recipientes com carena média ou alta estão também ausentes de metade dos monumentos de corredor longo, sendo esta a forma com distribuição mais irregular, apenas ultrapassada pelos esféricos com colo estrangulado, presentes em apenas quatro destas onze antas.

Ao atendermos às formas menos comuns e, portanto, não incluídas na tipologia-base, verificamos que os esféricos abatidos e as colheres são as formas que maior número de vezes ocorrem, cada um com cinco exemplares. A primeira destas formas está presente em três monumentos de corredor longo e em dois de corredor curto. As cerâmicas em forma de colher estão presentes em igual número, quer nos monumentos de corredor longo, quer em monumentos de corredor curto. Outra forma cerâmica que não se encontra incluída na presente tipologia-base mas que foi registada em monumentos megalíticos reporta-se aos pratos de bordo

espassado, quer interna, quer externamente. Com esta forma conhecem-se três fragmentos. Dois foram recolhidos à superfície na área da mamoa da anta da Bola da Cera e o outro fragmento encontrava-se em iguais circunstâncias na anta da Cabeçada. Qualquer destes monumentos possui corredor curto.

Mais algumas cerâmicas, não incluídas na tipologia, foram registadas em monumentos megalíticos, contudo, pelo seu reduzido número, geralmente só um exemplar, não foram consideradas para fins estatísticos. Neste grupo incluímos os recipientes cerâmicos com lábios irregularmente nivelados (BC 317), carenas que não são paralelas ao lábio em todo o seu perímetro (TR 4), fundos apontados (BC 317), ou, com mais alguma frequência, recipientes de dimensões muito reduzidas, como seja o caso das peças TR 11, AI 22 e CI 20. Outras cerâmicas resultaram com formas menos comuns, provavelmente devido a situações menos regulares na secagem ou cozedura. Nesta situação poderemos, com alguma segurança, incluir o esférico de colo estrangulado muito abatido (PA 30) proveniente da anta do Pai Anes. Mais intencional parecem ser os dois recipientes de boca oval recolhidos na Anta do Tapadão da Relva (TR 5 e TR 23).

Conhecem-se três recipientes com asa de prensão perfurada provenientes de monumentos da área em estudo. Dois (BC 23 e BC 24) já foram anteriormente descritos, o terceiro (TC 2) foi recolhido numa violação que destruiu a Anta da Tapada do Castelo. Se dos primeiros sabemos serem provenientes de um depósito tardio efectuado na anta da Bola da Cera, do recolhido no monumento da Tapada do Castelo nada sabemos. Contudo, dada a curta distância dos dois monumentos e a proximidade do Complexo Arqueológico dos Vidais, não será de excluir a hipótese de, pelo menos, estas duas antas terem ainda servido de espaço funerário durante a Idade do Bronze.

A presença de cerâmicas com mamilos (9), quer aplicados, quer repuxados na superfície externa também se verifica no conjunto em estudo. Embora em número reduzido e com formas pouco variadas, comparativamente com o universo cerâmico, não deixam de ser dignas de registo. A forma mais comum destes elementos plásticos é representada pelos mamilos em calote de esfera junto ao bordo com quatro exemplares (AL 1, C 107, TR 7 e TM 3) e pelos mamilos alongados verticais, geralmente em recipientes com carena, localizados acima desta (C 4, C106, AC 94, CII60 e BC 124). A presença de mamilos alongados horizontais sobre a carena verifica-se em quatro peças (PE 1, TM14, TM1 e AI 1).

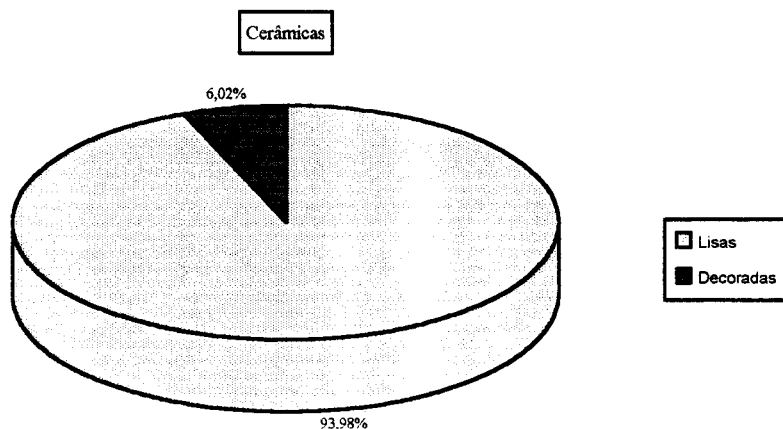
No conjunto de mamilos conhecidos dois grupos podem ainda ser isolados, os mamilos perfurados transformados em apêndices de prensão e os mamilos exclusivamente decorativos. No primeiro caso inclui-se o fragmento de esférico de bordo estrangulado (C106) recolhido no monumento da Cabeçuda e o recipiente de igual forma proveniente da anta das Castelhanas (AC 94). Os restantes mamilos, já não funcionais, parecem querer representar atributos femininos, estando presentes normalmente dois em cada peça.

Para além deste tipo de decoração as cerâmicas da área em estudo, embora predominantemente lisas, apresentam mais alguns, mas bastante raros, elementos decorativos. É de salientar ainda que as cerâmicas decoradas apresentam-se, maioritariamente muito fracturadas, não sendo raro, apenas um pequeno fragmento restar. As incisões feitas com um objecto pontiagudo sobre a pasta antes da secagem foi a técnica mais utilizada na decoração das cerâmicas.

Recipientes com representações de olhos solares, ainda que não totalmente explícitos, devido ao elevado grau de fractura, estão presentes num fragmento de taça carenada proveniente da anta I do Alkogulo (AI 23) e,

provavelmente, num semi-esférico recolhido na anta do Tapadão da Relva (TR 10). Ambos os monumentos possuem corredor longo. Das antas da Cabeçuda, Datas II e Tapada de Matos são provenientes pequenos fragmentos de recipientes decorados com prováveis bandas de triângulos preenchidos com pontilhado (TM 14, DII 26 e C149). Destes monumentos apenas o da Tapada de Matos possui corredor longo. Bandas paralelas pontilhadas, associadas a mamilos, encontram-se no vaso carenado (AI 13) e em pequenos fragmentos recolhidos nos monumentos de Tapias I e em Datas II. Destes monumentos apenas o de Datas II possui corredor curto. Incisões alongadas podem ser observadas em fragmentos de recipientes provenientes das antas da Tapada de Matos (TM 10), Alcogulo I (AI 8), Alcogulo II (AII 112), Coureiros IV (CIV 67) e Tapada do Castelo (TC 4). Deste monumento conhece-se, ainda, um fragmento de um recipiente de fundo plano decorado com uma banda vertical em ziguezague envolvida por pontilhado. Torna-se interessante realçar que todos estes monumentos, com a exceção da anta da Tapada do Castelo, de que desconhecemos as características do corredor, possuem corredor longo. Da anta dos Pombais, que será estudada individualmente devido às suas características arquitectónicas e local de implantação, conhece-se um fragmento de esférico com colo estrangulado onde estão presentes duas bandas impressas com decoração do tipo *folha de acácia*.

Completam o conjunto das cerâmicas decoradas os dois fragmentos de bojo (AII 93 e AVE 66), cada um com um furo, provavelmente aberto antes da cozedura, as dedadas impressas regularmente acima da carena de TR 4 e as quatro covinhas marcadas na base do esférico abatido (BC 25) recolhido no nível antigo da anta da Bola da Cera.



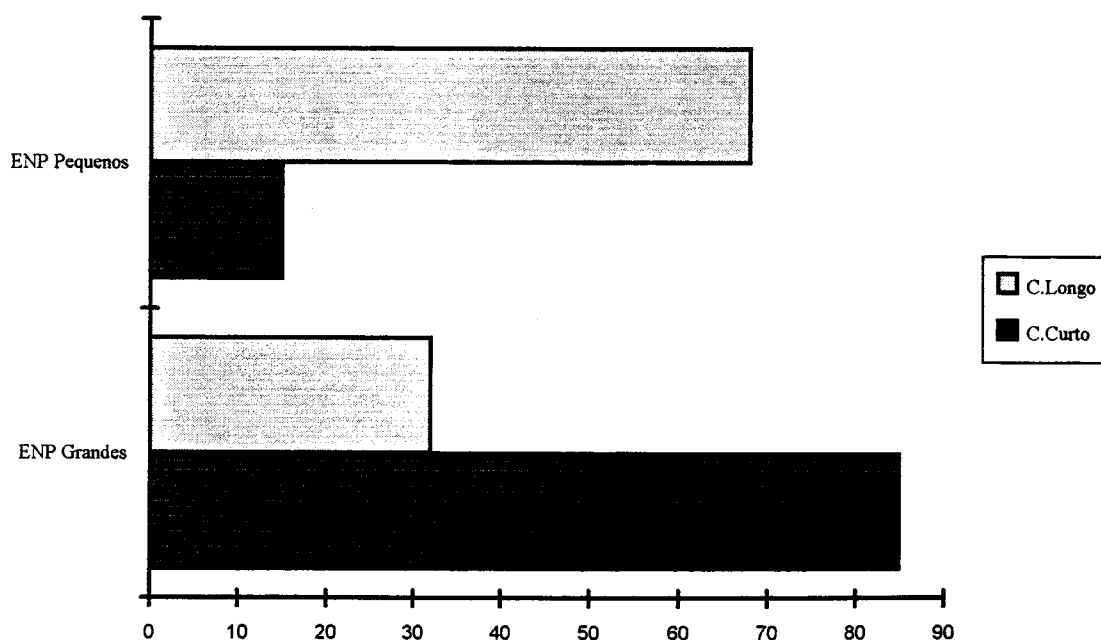
De entre as quatrocentas e noventa e oito peças cerâmicas, que possibilitam desenho, identificadas na área em estudo, trinta recipientes, na sua maioria fragmentos, apresentam alguma decoração. Verificamos, assim, que unicamente uma ínfima parte do vasto universo cerâmico foi decorado.

**DISTRIBUIÇÃO PERCENTUAL DAS CERÂMICAS DECORADAS
POR TIPOS DE MONUMENTOS**

	Com mamilos junto ao bordo	Com mamilos sobre a carena	Com mamilos perfurados	Com olhos solares	Com triângulos pontilhados	Outros
C.Longo	6,6	10		6,6	3,3	6,6
C.Curto	10		3,3		6,6	33,3
C.Indet.	3,3	3,3				6,6

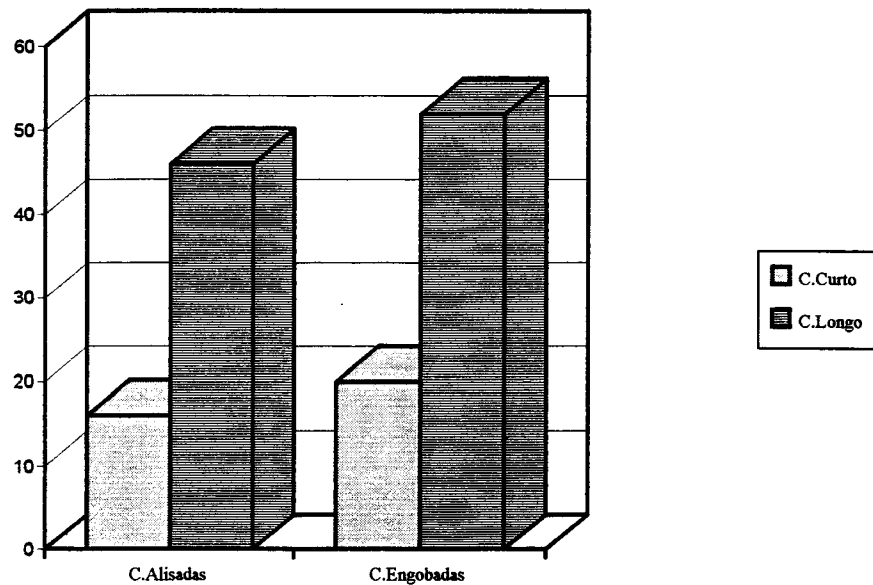
Pelo gráfico acima apresentado verifica-se que, embora com pouca diferença, existem mais cerâmicas decoradas provenientes de monumentos com corredor curto do que dos monumentos de corredor longo. Por outro lado e confirmando o que anteriormente havíamos afirmado, as cerâmicas carenadas com mamilos ocorrem em maior número nos monumentos de corredor longo. Importa ainda realçar que as decorações com presença de olhos solares são exclusivas das antas de corredor longo, enquanto que os triângulos pontilhados ocorrem em maior número nos monumentos de corredor curto.

Embora não possamos analisar quanto ao tipo de pasta e cozedura todas as peças cerâmicas inventariadas, porque não nos foi possível ter acesso directo a uma grande parte dos materiais, isolámos, para fins estatísticos, uma amostragem de cem peças de cerâmica provenientes, respectivamente, cinquenta de monumentos de corredor curto e cinquenta de corredor longo. Neste universo, já significativo, verificámos que em qualquer dos grupos as pastas são bastante compactas, com reduzido número de elementos não plásticos. Em trinta e dois por cento das cerâmicas provenientes das antas de corredor longo os desgordurantes possuem dimensões médias e grandes e os restantes sessenta e oito por cento são de dimensões pequenas ou muito pequenas. As cerâmicas provenientes de monumentos de corredor curto apresentam-se maioritariamente (85%) com desgordurantes de grandes ou médias dimensões e apenas quinze por cento com elementos não plásticos de pequenas dimensões. Os desgordurantes são compostos nos dois grupos por micas e quartzos.



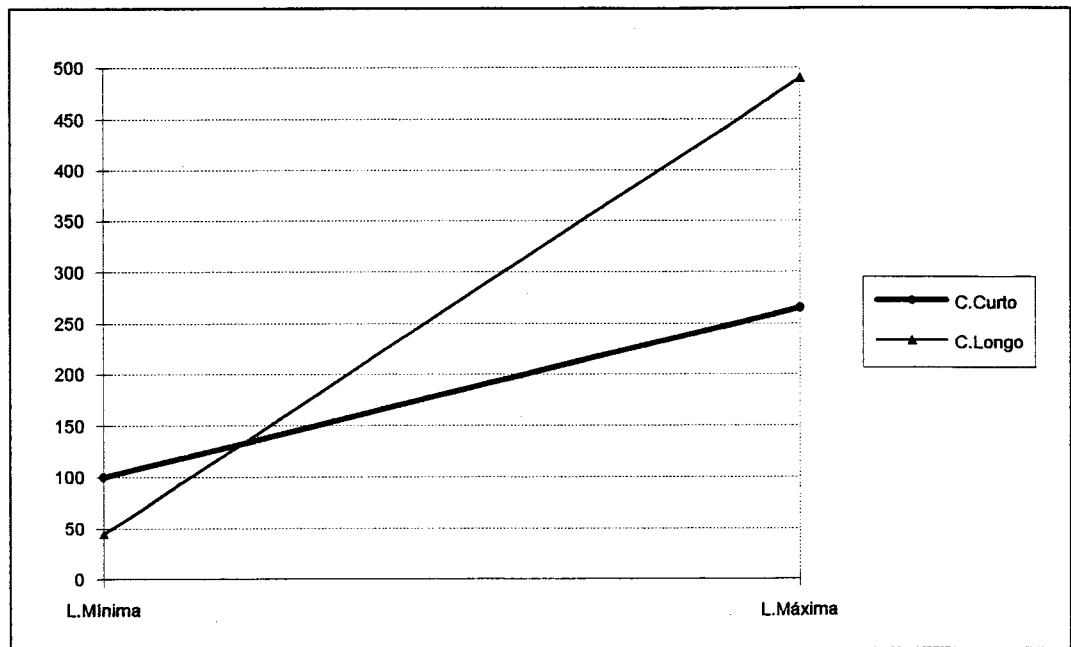
Analisando quanto à cozedura a amostra seleccionada verificamos que tanto as cerâmicas provenientes das antas de corredor curto como de corredor longo indiciam, maioritariamente, ambientes de cozedura redutora. Os raros casos em que parece ter existido um arrefecimento mais oxidante ocorre principalmente entre as cerâmicas provenientes de monumentos de corredor curto. Assim, unicamente em oito casos verificámos tonalidades mais claras em partes da face externa. As cores maioritariamente escuras (castanho escuro, cinzento ou cinzento muito escuro) predominam entre as cerâmicas.

O tratamento das superfícies aparece-nos mais cuidado entre os recipientes provenientes de monumentos de corredor longo. O alisamento muito regular e a aplicação de engobo ocorre, respectivamente, em dezasseis e vinte por cento das cerâmicas provenientes de antas de corredor curto, contrastando com os quarenta e seis e cinquenta e dois por cento das cerâmicas provenientes de monumentos de corredor longo. Cerâmicas com almagre são muito raras no conjunto estudado. Para além das recolhidas no primeiro nível de Zafra II e dos dois fragmentos de recipientes semi-esféricos provenientes do monumento da Tapada do Castelo, os testemunhos desta técnica de impermeabilização e decoração das cerâmicas está ainda presente em pequenos e muito rolados fragmentos de cerâmica identificados na zona de revolvimento da anta da Cabeçuda.



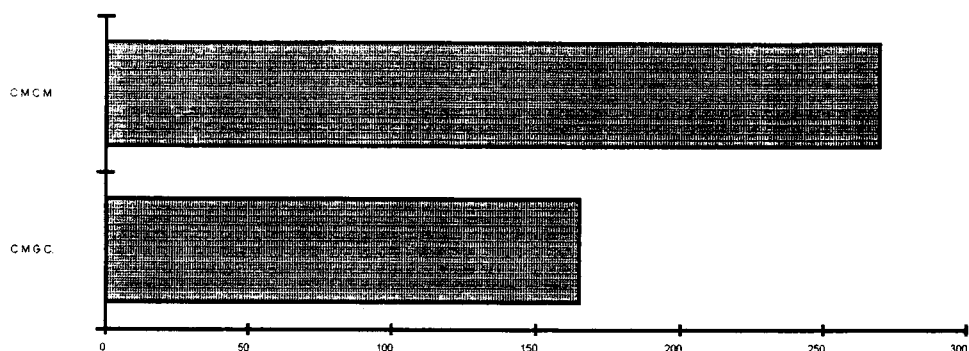
TRATAMENTO DAS SUPERFÍCIES DAS CERÂMICAS POR TIPOS DE MONUMENTOS EM PERCENTAGENS

Embora as superfícies se apresentem maioritariamente bem conservadas verificámos alguns casos em que eram notórios os vestígios de desgaste. Este desgaste ocorria especialmente nos recipientes de maiores dimensões e localizava-se especialmente na base e algumas vezes no fundo e junto ao bordo. Importa referir que os recipientes de maiores dimensões, unicamente fragmentos, foram recolhidos exclusivamente nas mamoas, normalmente em níveis de superfície.



LITRAGEM MÉDIA DAS CERÂMICAS PROVENIENTES DE MONUMENTOS DE CORREDOR LONGO E DE CORREDOR CURTO (EM MILILITROS)

Na amostra referida analisámos a capacidade dos recipientes cerâmicos (10). Verificámos que em qualquer dos grupos a maioria dos recipientes possui uma capacidade que varia entre os 100 ml e os 265 ml. Contudo, é nos monumentos de corredor longo que ocorrem, quer os recipientes com menor capacidade (entre 45 e 60 ml), quer os que comportam maior litragem (entre 300 e os 490 ml). Regista-se, ainda, que as cerâmicas provenientes das mamoadas, quer de monumentos de corredor longo, quer de monumentos de corredor curto, apresentam capacidades acima da média. A litragem média geral das cerâmicas é de 165 ml, enquanto que a litragem média das cerâmicas provenientes das mamoadas é de 270 ml.



C.M.C.M. - Capacidade média das cerâmicas das mamoaas

C.M.G.C. - Capacidade média geral das cerâmicas

Os pequenos recipientes, ao contrário dos de maior capacidade, apresentam-se muito melhor conservados e com vestígios de cozeduras em ambientes mais oxidantes. Esta observação torna-se ainda mais evidente quando comparamos o estado de conservação dos materiais cerâmicos provenientes da área da mamoa com os recolhidos no interior do espaço funerário. Para além do estado de conservação geral das cerâmicas ser naturalmente muito melhor nas provenientes, quer da câmara, quer do corredor, a grande maioria dos fragmentos de recipientes recolhidos nas mamoaas apresentam claros sinais de utilização.

5.2. Ídolos-Placa

Como já anteriormente afirmámos são várias as tipologias propostas para a classificação dos ídolos-placa. Se muitas são as tipologias, em maior número parecem ser as excepções a essas regras. Constatando que quanto mais subdivididas são as tipologias maior número de excepções parecem ocorrer,

preferimos, seguindo a terminologia mais vulgarizada utilizar uma sistematização tipológica muito simples, por forma a englobar todas as placas e báculos conhecidos provenientes das antas da região dos granitos da área em estudo. À semelhança do que fizemos para as cerâmicas, também para este género de artefactos procedemos ao seu estudo comparativamente em relação aos monumentos de corredor curto e corredor longo.

Dividimos as placas em dois grandes grupos baseados na matéria-prima em que foram obtidas. As placas de xisto ardoso negro ou azul escuro destacam-se claramente de placas mais claras obtidas a partir de blocos de micaxisto ou arenito. Dentro de cada um destes grupos considerámos o seu recorte, dividido em geométrico ou antropomórfico. No que à decoração diz respeito isolámos decorações geométricas, antropomórficas, geométricas e antropomórficas e sem decoração. Considerámos ainda um grupo para as placas com formas indeterminadas e outro para os báculos.

ÍDOLOS-PLACA **organização tipológica**

1. - PLACAS DE XISTO ARDOSIANO
 - 1.1.- Com recorte geométrico
 - 1.1.1.- Com decoração geométrica
 - 1.1.2.- Com decoração antropomórfica
 - 1.1.3.- Com decoração geométrica e antropomórfica
 - 1.1.4.- Sem decoração
 - 1.2.- Com recorte antropomórfico
 - 1.2.1.- Com decoração geométrica
 - 1.2.2.- Com decoração antropomórfica
 - 1.2.3.- Com decoração geométrica e antropomórfica
 - 1.2.4.- Sem decoração

1.3.- Indeterminadas

2. - PLACAS DE ARENITO OU MICAXISTO

2.1.- Com recorte geométrico

2.1.1.- Com decoração geométrica

2.1.2.- Com decoração antropomórfica

2.1.3.- Com decoração geométrica e antropomórfica

2.1.4.- Sem decoração

2.2.- Com recorte antropomórfico

2.2.1.- Com decoração geométrica

2.2.2.- Com decoração antropomórfica

2.2.3.- Com decoração geométrica e antropomórfica

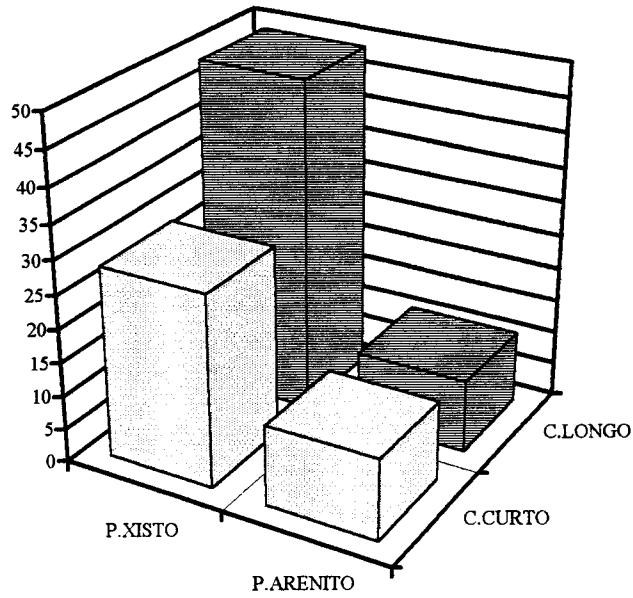
2.2.4.- Sem decoração

2.3.- Indeterminadas

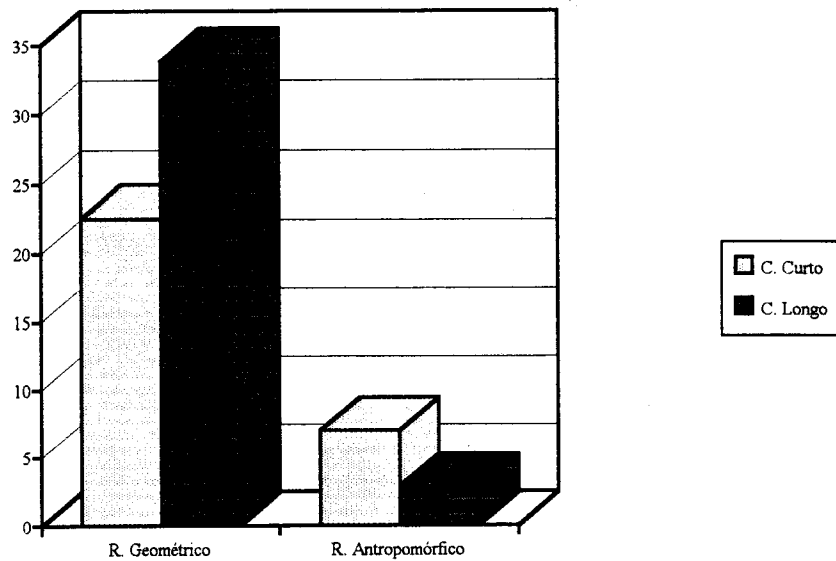
3. - BÁCULOS

Baseados nesta tipologia, verificamos que as placas de arenito ou micaxisto se distribuem com valores muito próximos pelos dois tipos de monumentos considerados, 11,9 e 10,7 por cento, respectivamente nos monumentos de corredor curto e nos de corredor longo. Pelo contrário verificamos que 48,8 % das placas de xisto são provenientes dos monumentos de corredor longo, contrastando com os 28,5 % recolhidas nas antas de corredor curto.

Ao distribuímos percentualmente as placas de xisto, quanto ao recorte pelos dois tipos de monumentos, verificamos que as placas de recorte geométrico são maioritárias, quer nos monumentos de corredor longo (33,8 %), quer nos de corredor curto (22,5%), afastando-se significativamente das de recorte antropomórfico presentes com 2,8 e 7 %, respectivamente nos mesmos tipos de antas.



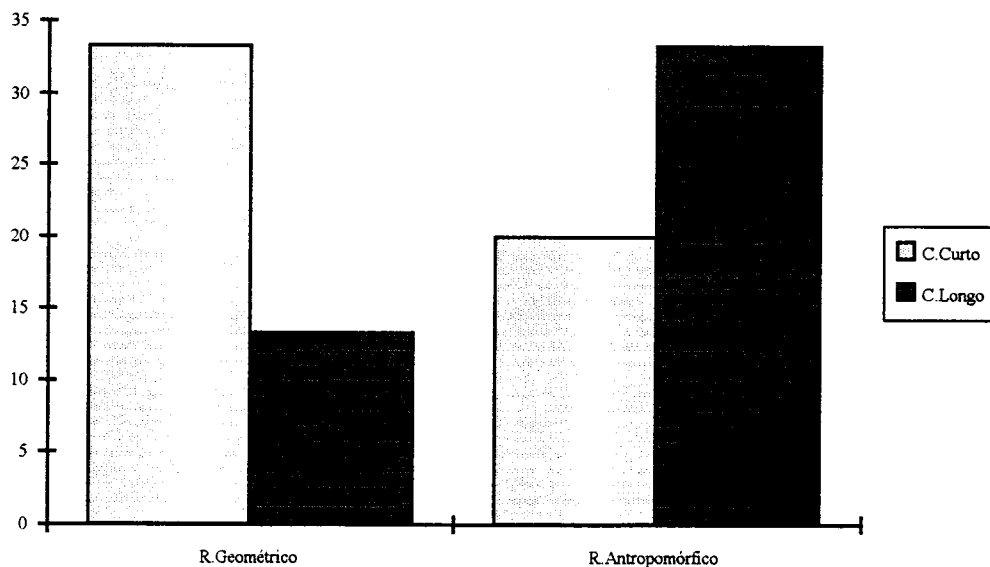
DISTRIBUIÇÃO PERCENTUAL DAS PLACAS DE XISTO E ARENITO OU MICAXISTO POR MONUMENTOS DE CORREDOR CURTO E CORREDOR LONGO



DISTRIBUIÇÃO PERCENTUAL DAS PLACAS DE XISTO QUANTO AO RECORTE POR MONUMENTOS DE CORREDOR CURTO E CORREDOR LONGO

Na distribuição das placas de arenito ou micaxisto, quanto ao recorte pelos dois tipos de monumentos, verifica-se que, quer as placas com recorte geométrico nos monumentos de corredor curto, quer as placas de recorte antropomórfico nos monumentos de corredor longo estão presentes na mesma percentagem (33,3%). Regista-se, ainda, que a diferença percentual entre as placas de recorte antropomórfico em monumentos de corredor curto (20%) é também relativamente próxima em relação à presença de placas de recorte geométrico em monumentos de corredor longo (13,3%).

Tendo em consideração estes valores verificamos que as placas de arenito ou micaxisto de recorte antropomórfico ocorrem principalmente nos monumentos de corredor longo e que as placas obtidas na mesma matéria-prima, mas de recorte geométrico foram depositadas preferencialmente nas antas de corredor curto.



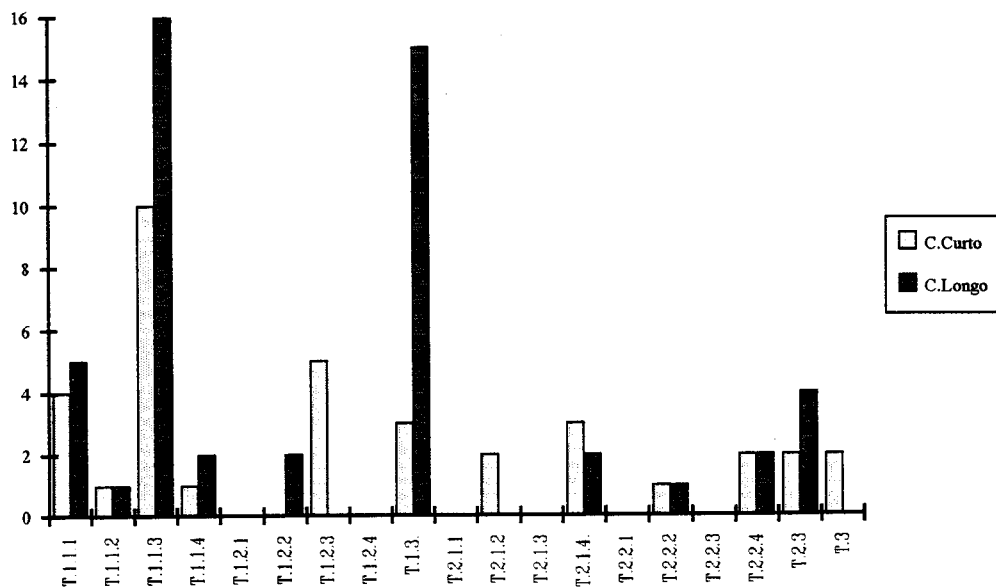
DISTRIBUIÇÃO PERCENTUAL DAS PLACAS DE ARENITO OU MICAXISTO QUANTO AO RECORTE POR MONUMENTOS DE CORREDOR CURTO E CORREDOR LONGO

Em qualquer tipo de monumento as placas de xisto de recorte geométrico com decoração composta por elementos geométricos e antropomórficos (Tipo 1.1.3.) são as que ocorrem em maior número, correspondendo a 11,9% do total,

nos monumentos de corredor curto e 19 % nos monumentos de corredor longo. As placas de arenito ou micaxisto que em maior número estão presentes, quer nos monumentos de corredor curto, quer nos monumentos de corredor longo, são as com recorte geométrico sem decoração (Tipo 2.1.4), respectivamente 3,5 % e 2,3%.

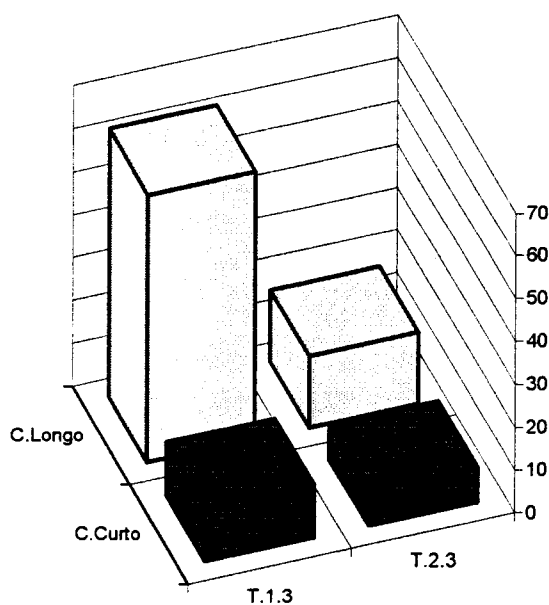
Importa realçar que nos monumentos da área em estudo não foram recolhidas placas de xisto, micaxisto ou arenito dos tipos 1.2.1, 1.2.4., 2.1.1., 2.1.3., 2.2.1.e 2.2.3..

Do conjunto de placas destacam-se ainda as do tipo 1.2.3. exclusivas das antas de corredor curto, com 5,9%, estando totalmente ausentes nos monumentos de corredor longo. Igualmente as placas do tipo 2.1.2 apenas foram recolhidas nos monumentos de corredor curto.



DISTRIBUIÇÃO DOS ÍDOLOS-PLACA POR TIPOS DE MONUMENTOS

Os tipos 1.3 e 2.3, que correspondem a fragmentos de placas de xisto e arenito de forma ou decoração indeterminadas, resultam das pequenas dimensões dos fragmentos recolhidos. Atendendo ao número destes exemplares verificamos que a maior parte, quinze fragmentos de placas de xisto, foram recolhidos em monumentos de corredor longo, seguindo-se-lhes, em ordem decrescente, os fragmentos de placas de arenito ou micaxisto de antas igualmente de corredor longo com quatro fragmentos, três porções de placas de xisto de antas de corredor curto e finalmente dois fragmentos de placas de arenito ou micaxisto também recolhidas em sepulturas de corredor curto. São, assim, as antas com corredor longo as que apresentam maior número de placas fracturadas, correspondendo a 83,3 % dos exemplares dos tipos 1.3 e 2.3.



DISTRIBUIÇÃO PERCENTUAL DAS PLACAS FRACTURADAS POR TIPOS DE MONUMENTOS

Os báculos provenientes de antas da região em estudo estão reduzidos a três exemplares: um recolhido na anta da Marquesa, outro na anta dos Olheiros e outro proveniente da anta III do Alcogulo. As antas da Marquesa e Olheiros incluem-se nos monumentos por nós classificados de corredor curto. Devido ao estado de destruição em que se encontra a anta III do Alcogulo não nos é possível determinar a sua planta.

Os báculos da anta da Marquesa e Alcogulo III, ambos de xisto ardosiano e fracturados, apresentam uma decoração muito idêntica formada por bandas paralelas de triângulos preenchidos com retículas cruzadas. O báculo recolhido no monumento dos Olheiros foi talhado de um bloco de micaxisto e parece não ter sido concluído. Os leves vestígios de polimento que ainda recebeu não foram suficientes para regularizar as arestas resultantes do talhe inicial que se mostram bastante vivas em todo o perímetro. Não apresenta qualquer sinal de decoração. Desta peça sabemos, unicamente, ser proveniente da câmara do monumento. As condições de recolha dos outros báculos também são desconhecidas.

Na diversidade de decorações existentes nas placas de xisto deste conjunto não existem exemplares que se afastem significativamente dos já conhecidos provenientes de monumentos localizados no Alentejo central, contudo, algumas peças merecem particular referência. Neste grupo teremos que destacar duas placas (CI 4 e CI 3) recolhidas no monumento II dos Coureiros que parecem ter sido obtidas a partir de um ou dois báculos. Esta possibilidade transparece da curvatura demasiadamente acentuada dos bordos destas peças, mas sobretudo pelo denteado que a placa CI 4 apresenta em dois dos vértices, muito semelhante ao que decora o muito divulgado báculo recolhido na anta Grande da Herdade das Antas, situada no concelho de Montemor-o-Novo.

Como anteriormente vimos, o recorte e decorações das placas de xisto são predominantemente geométricos, contudo, verifica-se que nalguns casos

(peças provenientes de Lanchas I, Marquesa, Bola da Cera e Tapada do Castelo) foi isolada, por recorte, uma *cabeça*, na qual se abrem, por norma, dois orifícios, provável representação de olhos ou meras perfurações para suspensão, ou com as duas funções. Representações de outros elementos anatómicos, obtidos por gravação, em placas de xisto, estão também claramente representados. Neste grupo incluem-se as *sobrancelhas* e *braços* com *mãos* e *dedos* de uma peça de Lanchas I, as *sobrancelhas* e *nariz* de BC 179, os *ombros* de TC 6 e o esboço de prováveis *braços* de BC 79.

Nas placas com recorte geométrico os elementos anatómicos são pouco representativos. A provável *cabeça* representada por um triângulo, isolado por gravação na parte superior destas placas, parece ser o único esboço antropomórfico existente nas mesmas. Nestas peças predomina um único furo central, em nítido contraste com as duas perfurações que genericamente caracterizam as placas de recorte antropomórfico. As exceções encontram-se nos dois orifícios de CIV 56 e na peça nº 3145 proveniente de Zafra II onde também estão presentes duas perfurações. As duas concavidades, representativas de olhos, existentes em C 123 são outra exceção. A identificação de *braços* foi produzida também pela abertura de dois orifícios simétricos no corpo da placa de xisto. Estas placas fenestradas, mais comuns quando talhadas em arenito ou micaxisto, estão representadas por uma peça de xisto ardosiano recolhida no monumento de Lanchas I (11).

Quer em placas de recorte antropomórfico, quer em placas de recorte geométrico, para além de gravações de características antropomórficas, estão sobretudo presentes bandas de triângulos preenchidos com retículas cruzadas ou paralelas. Esta decoração ocorre unicamente na parte inferior das placas, separada geralmente da parte superior por uma ou várias linhas horizontais. Em 34,5 % das placas em estudo estão presentes bandas de triângulos preenchidos. Menos frequentes são as bandas paralelas de ziguezagues (5 peças) e as decorações em xadrez (3 peças). Mais raras ainda são as decorações em espiga vertical

representada neste conjunto por uma única peça proveniente da anta da Tapada de Matos (TM 257) e as placas com cercadura em triângulos também representada por uma peça proveniente de Vidais. A decoração em X da peça recolhida em Alcogulo I (AI 54) esgota as variantes decorativas mais significantes das placas de xisto deste conjunto.

Se são variados os elementos e composições decorativas das placas de xisto, a diversidade nas placas de arenito ou micaxisto é muito menor. Ou se apresentam sem qualquer gravação, ou relevo, ou quando ocorre é predominantemente antropomórfico. Os raros elementos geométricos presentes nestas placas parecem querer representar adornos ou vestes. Tal como nas placas de xisto também encontramos nestas contornos geométricos e antropomórficos. A delimitação da *cabeça* e dos *braços* são os recortes que mais claramente as aproximam da figura humana. Embora se conheçam várias placas de recorte antropomórfico elas ocorrem em maior número com recorte geométrico. É neste grupo que se inclui a grande placa de micaxisto (BC 1) recolhida na anta da Bola da Cera. Trata-se de uma placa de recorte rectangular com ângulos arredondados. Na parte superior abrem-se quatro furos bicónicos destinados, provavelmente, à suspensão. Na face principal duas sobranceiras e um nariz gravados envolvem dois olhos obtidos por perfuração cónica da placa. Sob cada um, quatro retículas gravadas acompanham o limite do nariz, delineando um rosto. Dos registos horizontais partem dois braços que se aproximam na base da placa. Estes terminam em duas mãos com cinco dedos cada, onde se destacam os polegares. Pela posição destes dedos percebe-se que o gravador da placa quis mostrar a figura com as palmas das mãos viradas para o corpo. No verso da peça são visíveis, unicamente, quatro bandas horizontais de ziguezagues.

Para além desta placa onde a decoração antropomórfica é muito realista, outras existem, embora fragmentadas, que provavelmente excederiam esta em pormenores anatómicos.

Se o tratamento gráfico da BC 1 se limitou à gravação e perfuração, noutras placas, sobretudo de arenito, encontramos trabalhos em relevo. Neste grupo encontra-se a *cabeça* de placa C 116 recolhida à entrada do corredor da anta da Cabeçada, na qual se destacam, relevadas, as *sobrancelhas* e o *nariz*. O fragmento inferior de uma placa de arenito (TM 282) recolhida no corredor da anta da Tapada de Matos, é outro exemplo, onde também em relevo se vêem duas mãos lateralizando um triângulo de vértice invertido. Igualmente ao que se verificou em BC 1 também as mãos presentes nesta peça estão viradas para dentro.

Ainda é conhecido mais um exemplar com presença de um triângulo invertido na parte inferior. A placa de micaxisto TM 15 apresenta um triângulo nesta posição, embora já muito degradado, originalmente teria sido em relevo.

As placas com recorte antropomórfico de arenito ou micaxisto, fenestradas, ou não, com excepção das provenientes de Lanchas I, chegaram até nós muito fracturadas, não sendo possível reconhecer claramente todos os elementos decorativos. Contudo, pelos fragmentos existentes, podemos verificar que também estes artefactos foram objecto de um tratamento cuidado e muito realista, como nos prova a peça BC 86, onde se pode observar a marcação das *sobrancelhas* e *nariz* em relevo.

A existência de várias placas ou fragmentos delas de arenito ou micaxisto sem qualquer decoração, e com vestígios de ocre vermelho, poderão indiciar que algumas delas poderão ter sido originalmente pintadas.

Entre as placas de arenito destaca-se a TR 26. Esta placa, de contorno rectangular, proveniente de um monumento de corredor longo, não possui como elementos decorativos mais do que uma pequena cova, onde normalmente seria aberto um furo destinado à suspensão. Na mesma linha, em ambos os bordos observam-se dois profundos vincos, destinados a prenderem qualquer fio de suspensão. Parece assim que a pequena concavidade resultou de uma tentativa de perfuração falhada, devido à grande espessura da placa (2,2 cm) sendo substituída pelos referidos vincos.

Como vimos, quer pela matéria-prima, quer pelo recorte, mas sobretudo pela decoração são isoláveis dois grandes grupos de ídolos-placa provenientes de monumentos megalíticos da região dos granitos da área em estudo. Verifica-se que as placas de arenito ou micaxisto ocorrem em igual percentagem tanto nos monumentos de corredor curto como nos monumentos de corredor longo. Pelo contrário, as placas de xisto estão presentes em muito maior número nas antas de corredor longo, sendo mais raras nos outros monumentos.

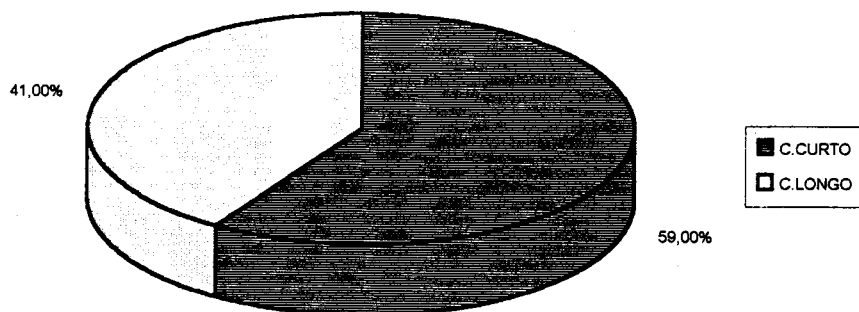
Tanto as placas de xisto como as de micaxisto ou arenito com recorte ou decoração antropomórficos ocorrem em maior número nas antas de corredor curto, sendo as com recorte e decoração geométricos mais frequentes nas de corredor longo. O realismo e o acabamento das placas parece ser mais cuidado nas provenientes de antas de corredor curto. É nas antas de corredor longo que ocorre maior número de placas fracturadas, sobretudo entre as obtidas em arenito ou micaxisto. Da anta do Tapadão da Relva, monumento de corredor longo, é proveniente o fragmento de placa TR 32 onde se observam dois orifícios, junto à zona de fractura, destinados seguramente a auxiliarem a união ao outro fragmento, que já não chegou até nós. Trata-se de um interessante caso de reutilização de uma placa. Do mesmo monumento é proveniente a placa TR 24 que constitui outro caso de reutilização. Pela forma e decoração verifica-se que esta peça resultou do aproveitamento de um fragmento de outra placa de maiores dimensões. A constante presença de fragmentos isolados de placas, tanto de xisto como de arenito, mostram-nos, tal como já havíamos assinalado quando tratámos das cerâmicas, que a sua fractura não resultou tanto das violações que os monumentos sofreram ao longo dos tempos, mas mais da deposição já de fragmentos de artefactos, provavelmente associados a depósitos funerários secundários.

Os báculos, embora em número muito reduzido, parecem ser exclusivos dos monumentos de corredor curto.

5.3. Machados e enxós

Os instrumentos de corte em pedra polida resumem-se a machados e enxós. Provavelmente outras utilizações foram dadas a alguns dos artefactos por nós classificados dentro destes dois grupos, contudo e porque não é fácil identificá-las, preferimos manter unicamente as duas variantes referidas. Distinguimos machados de enxós, considerando a forma do bisel. Foram classificados como machados os instrumentos com gume em bisel duplo simétrico. As enxós distinguiram-se dos machados por apresentarem gume em bisel simples, ou duplo dissimétrico não resultante de desgaste por uso.

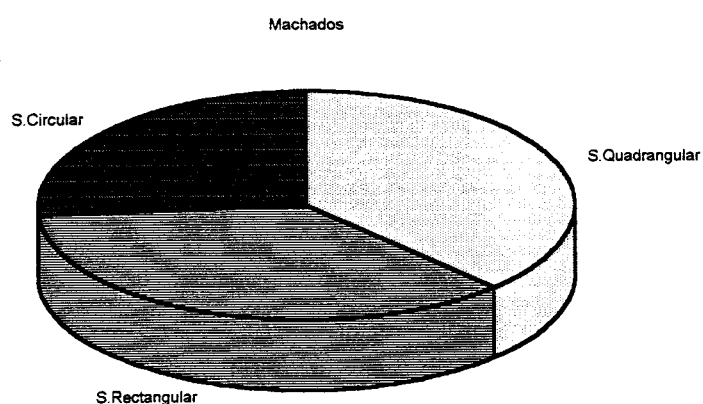
À semelhança do estudo que efectuámos para as cerâmicas e ídolos-placa, também estes materiais foram analisados tendo como referência os tipos de monumentos onde foram recolhidos. Assim, verifica-se que a maioria (59%) dos instrumentos de pedra polida são provenientes de monumentos de corredor curto.



DISTRIBUIÇÃO DOS INSTRUMENTOS DE CORTE DE PEDRA POLIDA
POR TIPOS DE MONUMENTOS

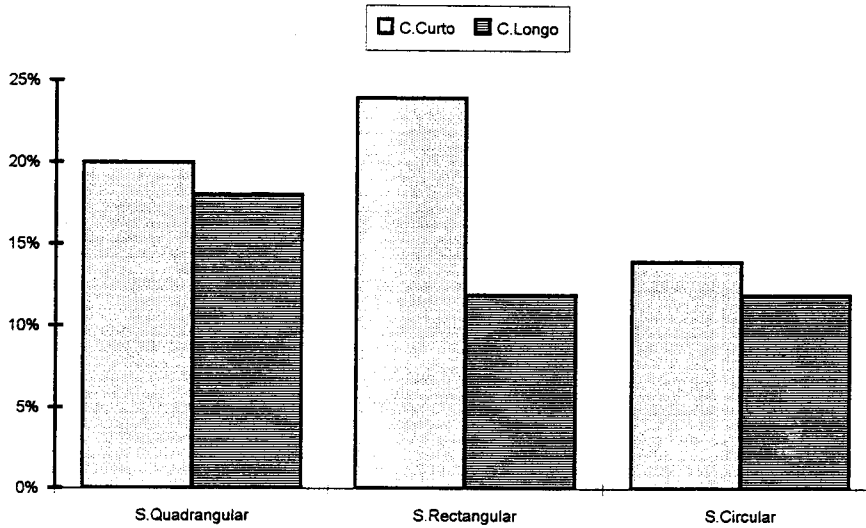
Ao analisarmos os machados quanto à forma das respectivas secções, na zona mesial, verificamos que podem ser divididos em três grandes grupos:

machados de secção quadrangular, machados de secção rectangular e machados de secção circular ou sub-circular. Na distribuição dos machados quanto à forma das respectivas secções, verificamos que 38% apresentam secções quadrangulares, 36% secções rectangulares e que os restantes 26 % possuem secções circulares ou sub-circulares.



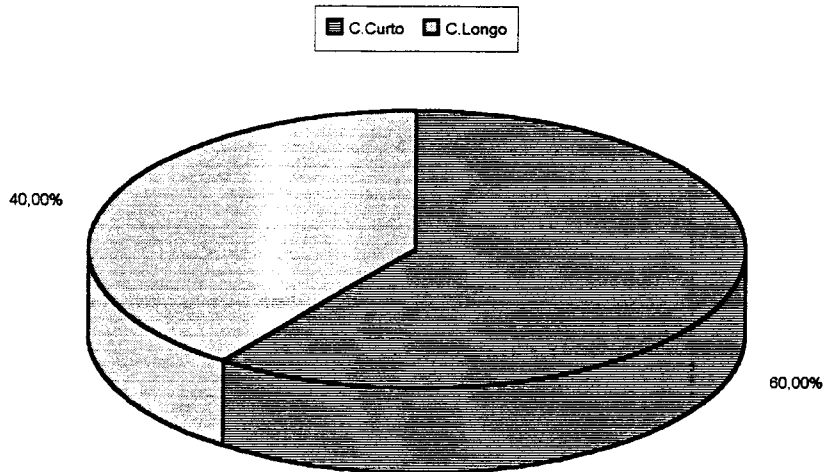
DISTRIBUIÇÃO DOS MACHADOS QUANTO À FORMA DA SECÇÃO

Considerando os três grupos em que dividimos os machados observa-se que a sua distribuição pelos diferentes tipos de monumentos não é uniforme. Enquanto que os machados de secção quadrangular e circular ocorrem em percentagens muito idênticas nos dois tipos de monumentos isolados, os machados de secção rectangular estão presentes em maior número nos monumentos de corredor curto, observando-se que 24% concentram-se nos monumentos de corredor curto, enquanto que apenas 12% ocorrem nos de corredor longo.



DISTRIBUIÇÃO DOS MACHADOS QUANTO AO TIPO DE SECÇÃO POR TIPOS DE MONUMENTOS

A quantidade de machados de secção circular ou sub-circular em monumentos de corredor longo é muito semelhante também ao reduzido número de enxós recolhidas nestes monumentos. Sessenta por cento das enxós foram recolhidas em monumentos de corredor curto, notando-se, assim, uma significativa ausência destes artefactos nas antas de corredor mais longo.



DISTRIBUIÇÃO DAS ENXÓS POR TIPOS DE MONUMENTOS

No que aos machados diz respeito verifica-se que menos de quinze por cento foram totalmente polidos, coincidindo na sua maioria com os de secção mais arredondada. São excepção os pequenos machados tais como FB 1 ou O 22, obtidos a partir de nódulos de xisto em que toda a sua superfície foi cuidadosamente polida. Entre as enxós verificamos um polimento mais cuidado e que cobre, na maioria dos artefactos, toda a superfície.

A maior parte (70 %) dos machados inventariados apresentam vestígios de picotagem no talão, mostrando, por um lado que o encabamento era efectuado unicamente na zona medial e por outro que estes artefactos, embora depositados nos espaços funerários foram anteriormente utilizados. Os vestígios de utilização nos talões contrastam com os gumes que em casos muito raros se encontram rombos. A ausência de irregularidades no fio da grande maioria dos machados parece indiciar que previamente à sua deposição no espaço funerário foram cuidadosamente afiados. Situação semelhante deverá ter ocorrido com as enxós nas quais o fio se encontra maioritariamente afiado.

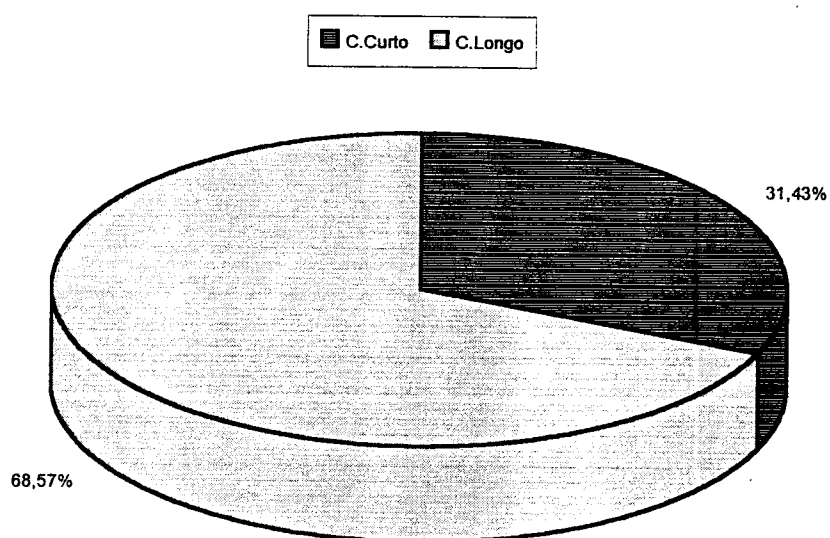
Os machados que apresentam sinais de utilização no gume foram geralmente recolhidos na área da mamoa, como são os casos de C 109, C 104, C 102 e C 110.

As rochas anfibólicas foram a matéria-prima mais utilizada na obtenção de machados e enxós. Conhecem-se, contudo, artefactos elaborados em granito de grão fino, diorito e em xisto.

5.4. Pontas de seta

Foram inventariadas setecentas e sessenta e sete pontas de seta provenientes de monumentos da área em estudo (12).

Duzentas e quarenta e uma pontas de seta foram recolhidas em monumentos de corredor curto e quinhentas e vinte e seis em monumentos de corredor longo.



DISTRIBUIÇÃO DAS PONTAS DE SETA POR TIPOS DE MONUMENTOS

Para o estudo tipológico das pontas de seta colocaram-se-nos as mesmas limitações com que já nos havíamos deparado ao classificarmos outros materiais, sobretudo as peças cerâmicas. O acesso indirecto a um número significativo de pontas de seta e a sua grande homogeneidade, apenas interrompida por raros casos que serão analisados individualmente, justificam que tenhamos organizado a divisão tipológica tendo em consideração a forma das bases.

Assim, foram considerados os seguintes tipos:

A- Pontas de seta de base recta

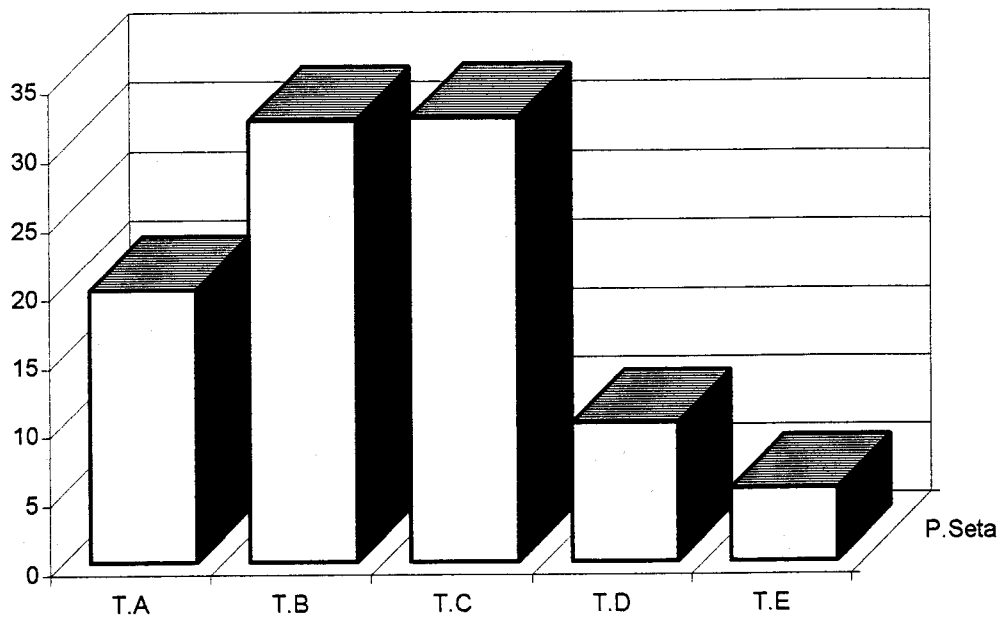
B- Pontas de seta de base convexa

C- Pontas de seta de base triangular

D- Pontas de seta de base côncava

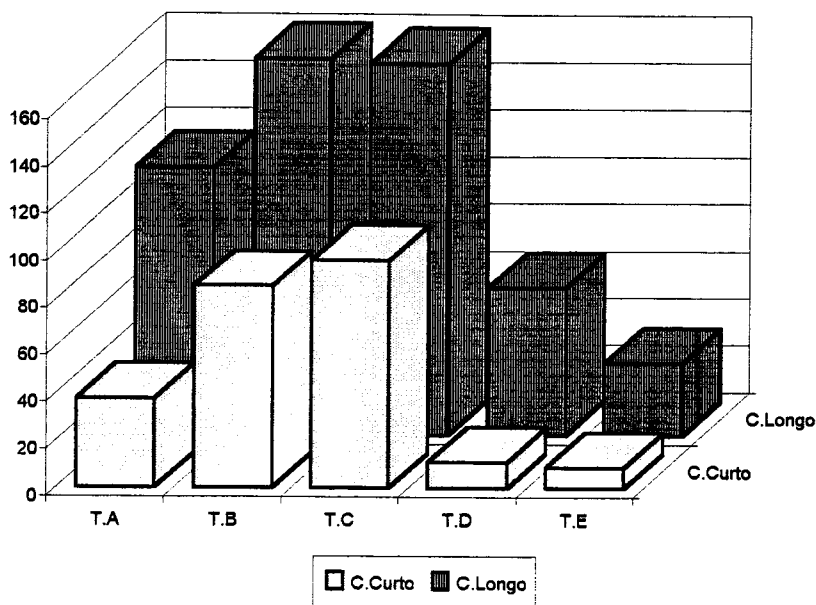
E- Pontas de seta de forma indeterminada

Ao analisarmos a distribuição das pontas de seta pelos cinco tipos inventariados verificamos que a maior percentagem (32,2%) corresponde ao tipo C, seguindo-se-lhe com menos 0,2% as pontas do tipo B. Em último lugar, se não considerarmos as pontas de seta de forma indeterminada, figuram as de base côncava com 10 %.



DISTRIBUIÇÃO PERCENTUAL DAS PONTAS DE SETA POR TIPOS DE BASES

A proporcionalidade entre os vários tipos verificada no conjunto das pontas de seta reflecte-se, de forma idêntica, na sua distribuição pelos dois tipos de monumentos identificados. Contudo, constata-se que diferenças significativas ocorrem na distribuição das pontas quando os dois tipos de monumentos são postos em confronto.



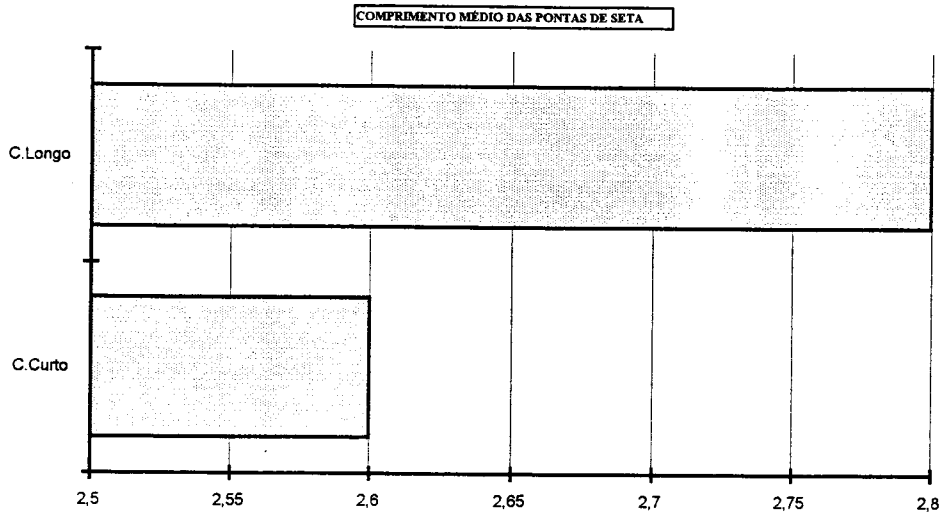
DISTRIBUIÇÃO DOS TIPOS DE PONTAS DE SETA PELOS TIPOS DE MONUMENTOS

As diferenças assumem particular interesse nas pontas de seta do Tipo D, definido pelas que possuem base côncava. Nas antas de corredor curto apenas foram recuperadas onze pontas de seta deste tipo, distribuídas unicamente por cinco monumentos, enquanto que das antas de corredor longo são provenientes sessenta e três exemplares. Torna-se interessante ainda verificar que os onze monumentos de corredor longo que forneceram os materiais que temos vindo a analisar, todos, em maior ou menor número, forneceram pontas do Tipo D, enquanto que nas onze sepulturas de corredor curto apenas encontramos pontas de seta deste tipo em cinco monumentos. De entre estes destaca-se o monumento das Castelhanas onde se concentravam cinco das onze pontas deste tipo conhecidas. Importa ainda referir que estas pontas de seta foram recolhidas por entre os

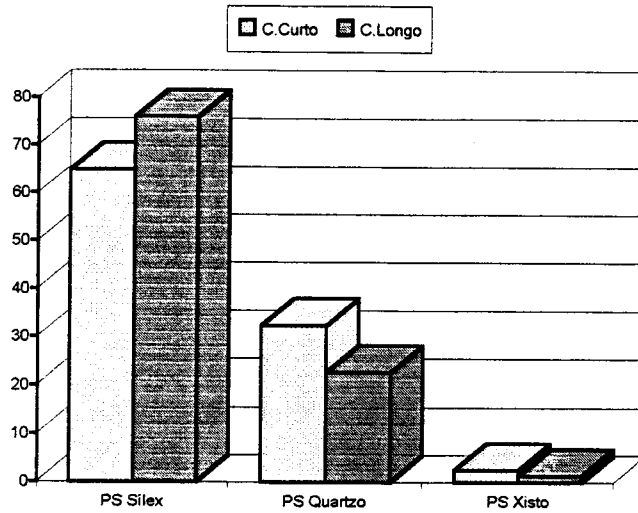
depósitos funerários mais superficiais, onde se concentravam os ossos e cerâmicas mais deteriorados, correspondentes seguramente a enterramentos secundários.

A diferença na concentração de pontas de seta de base recta (Tipo A) pelos dois grupos de monumentos também merece ser destacada. Os trinta e oito exemplares recolhidos nas antas de corredor curto contrastam com os cento e catorze provenientes das antas de corredor longo. Diferença igualmente significativa ocorre nas pontas deste tipo. O número de pontas de seta fracturadas (Tipo E) provenientes das antas de corredor curto triplica nas antas de corredor longo. O elevado grau de fractura das pontas de seta nos monumentos de corredor longo advém, provavelmente, das maiores dimensões que estas geralmente apresentam quando comparadas com as recolhidas nos outros monumentos.

O comprimento médio das pontas de seta provenientes das antas de corredor longo ultrapassa em dois milímetros os 2,6 centímetros que caracterizam as pontas recolhidas nas antas de corredor curto. Provavelmente este pequeno aumento de comprimento médio somado à crescente utilização do sílex em detrimento, sobretudo, do xisto e do quartzo, poderão ter contribuído para o aumento de fracturas nas pontas de seta. Não deverá também ser alheia a esta situação a maior frequência de reutilizações nos monumentos de maiores dimensões.



O sílex foi a matéria-prima mais utilizada no fabrico das pontas de seta, tanto nos monumentos de corredor longo, como nos de corredor curto. Nota-se, contudo, um ligeiro aumento do número de pontas de seta talhadas neste material nas antas de corredor longo. As pontas de seta de quartzo, quer filoniano, quer hialino e sobretudo de xisto diminuem nos monumentos deste tipo.



DISTRIBUIÇÃO PERCENTUAL DAS PONTAS DE SETA QUANTO À MATÉRIA-PRIMA POR TIPOS DE MONUMENTOS

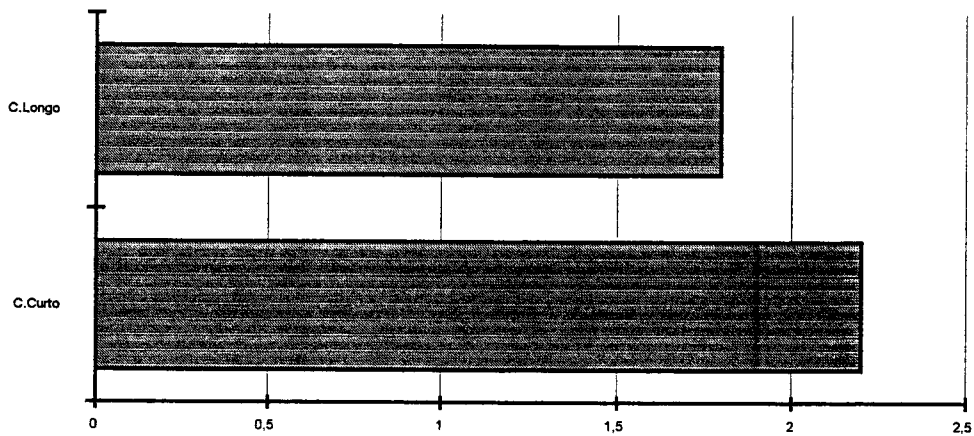
A maior percentagem de pontas de seta em xisto nos monumentos de corredor curto fica a dever-se ao significativo conjunto de peças talhadas nesta rocha recolhidas na anta das Castelhanas.

O quartzo filoniano foi maioritariamente utilizado sendo pouco frequentes as pontas de seta em quartzo hialino. Provavelmente a dificuldade de talhe desta variedade de quartzo poderá explicar a sua pouca preferência. Observando as peças talhadas em quartzo hialino verificamos que apresentam geralmente retoques marginais irregulares e muito oblíquos, contrastando com o retoque cobridor em ambas as faces e muito regular que caracteriza as pontas de seta em quartzo filoniano.

A maior parte das pontas de seta em sílex apresentam-se também totalmente retocadas em ambas as faces ocorrendo em menor número as peças com retoque unicamente efectuado junto aos bordos.

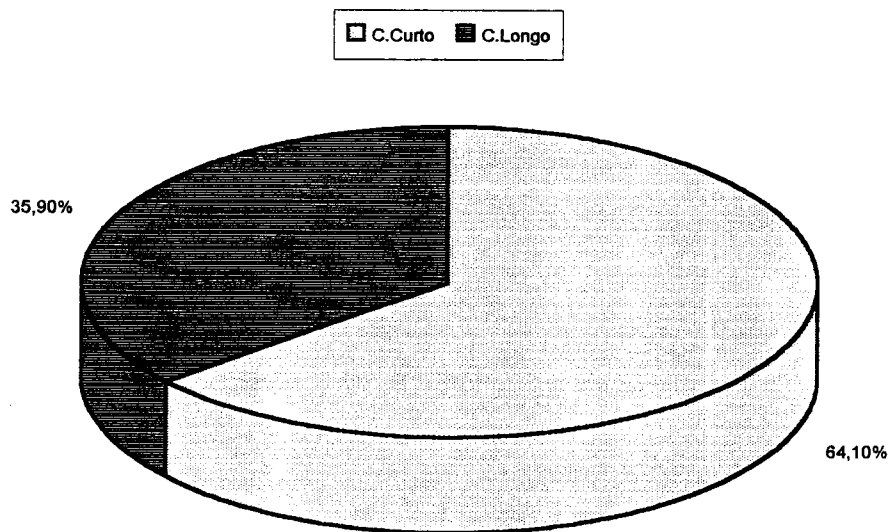
Ao analisarmos nos dois tipos de monumentos as características do retoque das pontas de seta, independentemente da matéria-prima utilizada, verificámos que as diferenças são insignificantes, indiciando diminuta diversidade no acabamento destes artefactos.

O peso médio das pontas de seta (13) é de 2 gramas. Contribuíram, sobretudo, para o aumento deste valor as de quartzo filoniano. A técnica de talhe deste mineral não possibilita objectos com espessura tão fina como as que caracterizam as pontas de seta em sílex, ou mesmo as de quartzo hialino. Analisando o peso médio das pontas de seta em relação aos dois tipos de monumentos verificamos que pouca diferença existe notando-se, contudo, uma ligeira quebra no peso médio das pontas de seta nos monumentos de corredor longo, que parece decorrer da substituição do quartzo pelo sílex.



PESO MÉDIO DAS PONTAS DE SETA POR TIPOS DE MONUMENTOS

No universo geral das pontas de seta apenas 10% possuem barbelas. Quando comparados os dois tipos de monumentos verificamos que as pontas de seta com presença destes apêndices são mais numerosas nas antas de corredor curto (64%) do que nas de corredor longo.



DISTRIBUIÇÃO DAS PONTAS DE SETA COM BARBELAS PELOS DOIS TIPOS DE MONUMENTOS

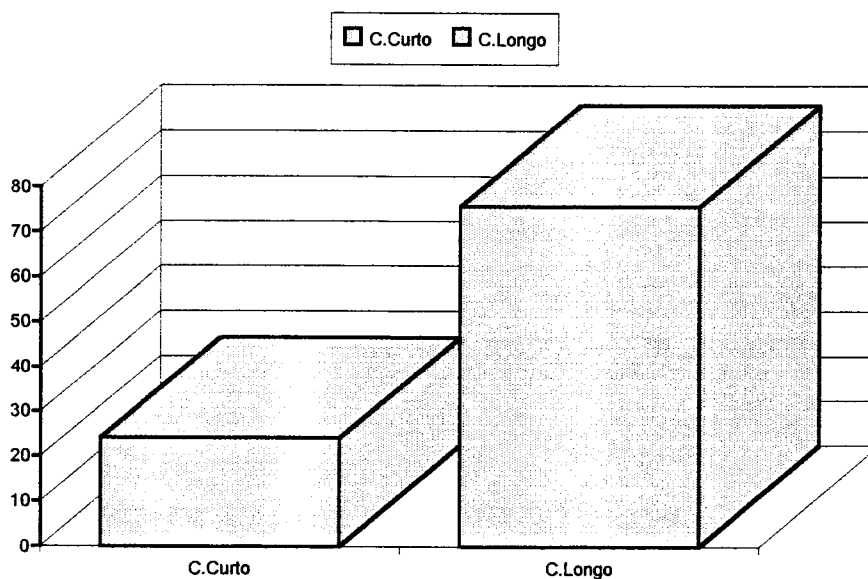
Como temos vindo a registar, algumas diferenças, embora não muito significativas, são possíveis de distinguir entre as pontas de seta provenientes de antas de corredor curto das recolhidas em antas de corredor longo. De todas as diferenças as que mais se destacam são as que se prendem com a distinta concentração destas peças nos dois tipos de monumentos (14). A ausência quase total de pontas de seta de base côncava nas antas de corredor curto, mas bem representadas nos monumentos de corredor longo, é outra particularidade que merece referência.

Observou-se ainda que as pontas de seta de maiores dimensões concentram-se nas antas de corredor longo, o que poderá explicar, em parte, que grande número destes artefactos, provenientes deste tipo de monumentos, se encontrem fracturados. A baixa percentagem de pontas de seta em quartzo (filoniano ou hialino) e xisto nas antas de corredor longo e a sua substituição pelo sílex é outro aspecto que merece referência. Esta substituição de matérias-primas parece reflectir-se na diferença de peso médio das pontas de seta entre os dois tipos de monumentos, registando-se uma quebra, ainda que diminuta, nas provenientes de monumentos de corredor longo. Esta situação resulta, para além da diferença de peso específico entre o sílex e o quartzo, do aumento da espessura média das pontas talhadas em quartzo, comparativamente com as talhadas em sílex.

Menor interesse, em termos comparativos, parece ter a técnica de retoque das pontas de seta, não se registando significativas diferenças entre os materiais provenientes dos dois tipos de monumentos.

5.5. Lâminas e lamelas

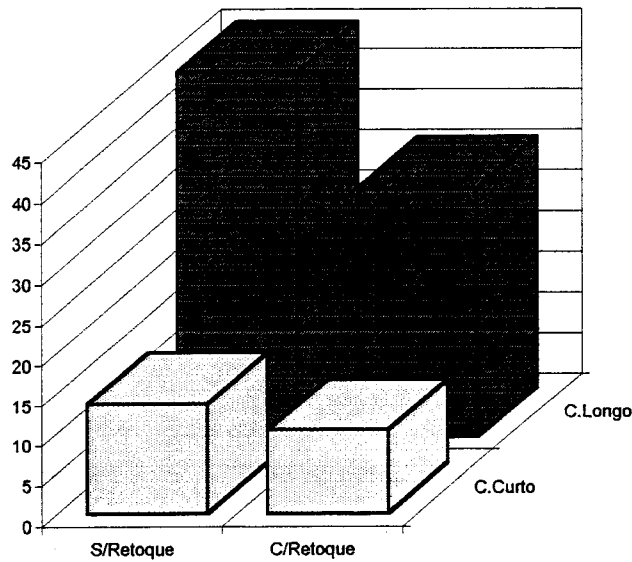
As lâminas, maioritariamente talhadas em sílex, conhecendo-se apenas dois fragmentos em xisto jaspóide (BC 233 e BC 163), ocorreram em maior número (58,7%) nos monumentos de corredor longo.



DISTRIBUIÇÃO PERCENTUAL DAS LÂMINAS PELOS TIPOS DE MONUMENTOS

Em dois tipos, quanto à presença, ou ausência de retoque, dividimos as lâminas provenientes de monumentos megalíticos da região dos granitos. Verificamos que 58,7% das lâminas não apresentam retoque. Observou-se ainda que as lâminas não retocadas ocorrem em maior número (45%) nas antas de corredor longo, enquanto que o mesmo tipo de lâminas, nas antas de corredor

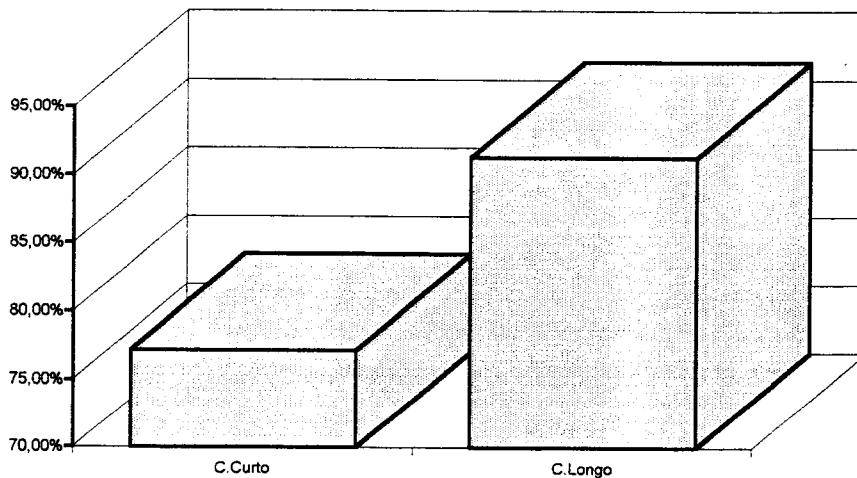
curto, apenas estão representadas com 13,7%. Verifica-se uma situação idêntica com as lâminas retocadas, que ocorrem, igualmente em maior número, nos monumentos de corredor longo.



DISTRIBUIÇÃO DOS TIPOS DE LÂMINAS POR TIPOS DE MONUMENTOS

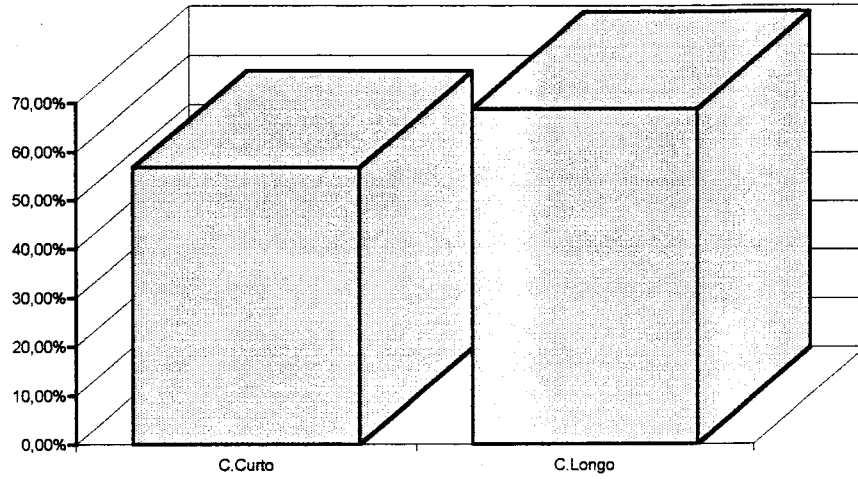
A diferença significativa do número de lâminas existente entre os dois tipos de monumentos fica, em parte, a dever-se aos oitenta e seis fragmentos recolhidos no monumento da Tapada de Matos. Embora não possamos afirmar, com toda a segurança, que todos os fragmentos são de artefactos diferentes, verificámos, contudo, que entre eles não existe colagem directa. Verificámos ainda que nos monumentos de corredor curto 77,2% das lâminas foram encontradas fracturadas e que nos monumentos de corredor longo esta percentagem sobe para

91,3%. As maiores dimensões das lâminas depositadas nos monumentos de corredor longo poderão explicar esta tão elevada percentagem de fracturas, contudo, também não deverá ser alheia a esta situação a deposição de segundos enterramentos, ou a revisitação que as antas de maiores dimensões sempre devem ter recebido.



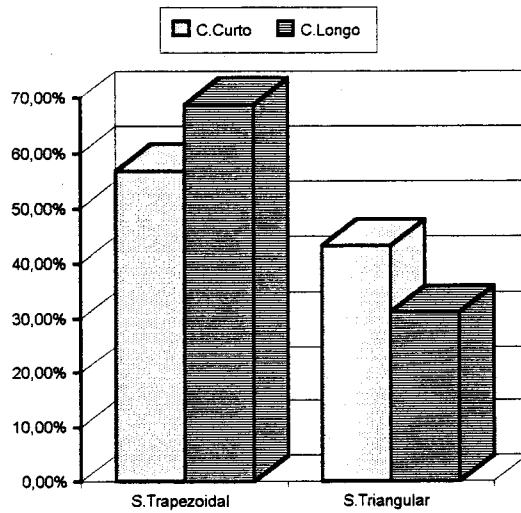
PERCENTAGEM DE LÂMINAS FRACTURADAS NOS DOIS TIPOS DE MONUMENTOS

Importa ainda realçar que o maior número de lâminas fracturadas encontra-se entre o grupo das não retocadas e de maior largura, sobretudo de dorso abatido. Verifica-se, ainda, que as lâminas de secção transversal trapezoidal ocorrem em percentagens distintas nos dois tipos de monumentos. Nas antas de corredor longo estão presentes em 68% dos exemplares, enquanto que nas de corredor curto 56,8% das lâminas apresentam uma secção trapezoidal.



DISTRIBUIÇÃO PERCENTUAL DAS LÂMINAS DE SECÇÃO TRANSVERSAL TRAPEZOIDAL POR TIPOS DE MONUMENTOS

Verifica-se assim que em qualquer dos dois tipos de monumentos as lâminas de secção transversal triangular ocorrem em menor número do que as de secção trapezoidal, sendo esta diferença maior, percentualmente, nos monumentos de corredor longo, indiciando, assim, uma tendência para a substituição das lâminas de secção triangular pelas de secção trapezoidal.



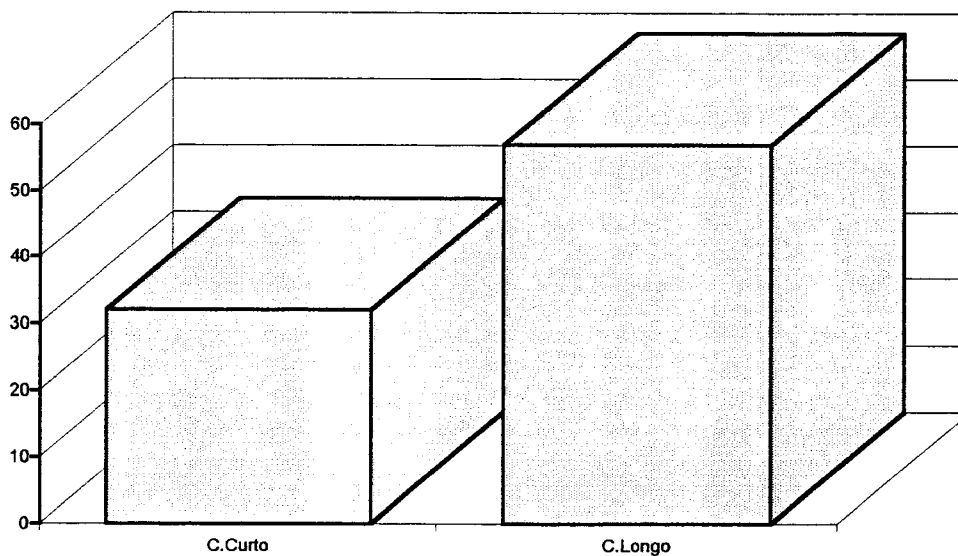
DISTRIBUIÇÃO DAS LÂMINAS QUANTO AO TIPO DE SECÇÃO TRANSVERSAL PELOS TIPOS DE MONUMENTOS

O retoque efectuado nas lâminas raramente preenche totalmente os bordos. Maioritariamente descontínuo, verifica-se especialmente junto a uma das extremidades. Quando presente mostra-se muito regular e por vezes suficientemente invasor para conferir um aspecto denteado a essa parte da lâmina.

Entre as poucas lamelas conhecidas, num total de nove (15), cinco não foram retocadas e as restantes quatro apresentam levantamentos descontínuos e geralmente localizados junto a uma das extremidades. Maioritariamente em sílex e muito encurvadas estas lamelas tanto ocorrem nos monumentos de corredor curto (4 exemplares), como nos de corredor longo (5 exemplares).

5.6. Geométricos

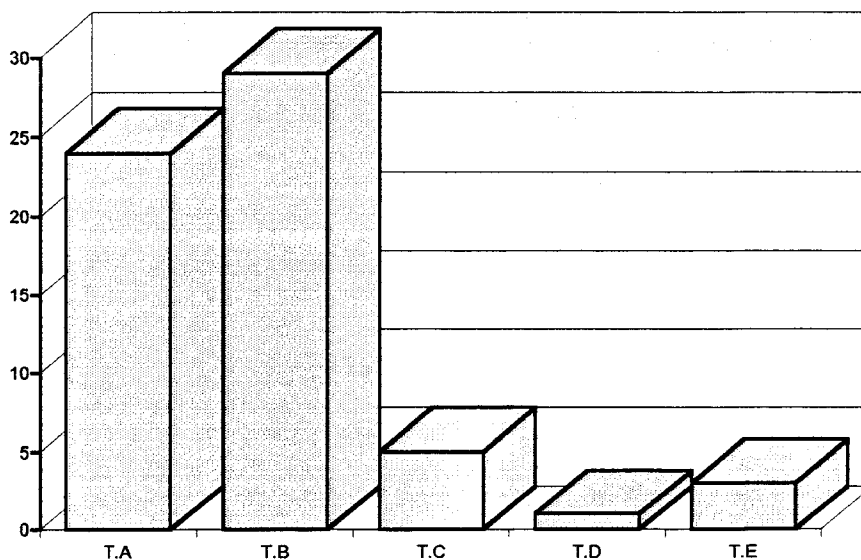
Conhecem-se noventa e sete geométricos provenientes de sepulturas megalíticas da região dos granitos. Trinta e dois foram recolhidos em monumentos de corredor curto e cinquenta e sete em monumentos de corredor longo. Os restantes oito geométricos foram recolhidos em monumentos de corredor indeterminado (Pai Anes e Galhardo).



DISTRIBUIÇÃO DOS GEOMÉTRICOS POR TIPOS DE MONUMENTOS

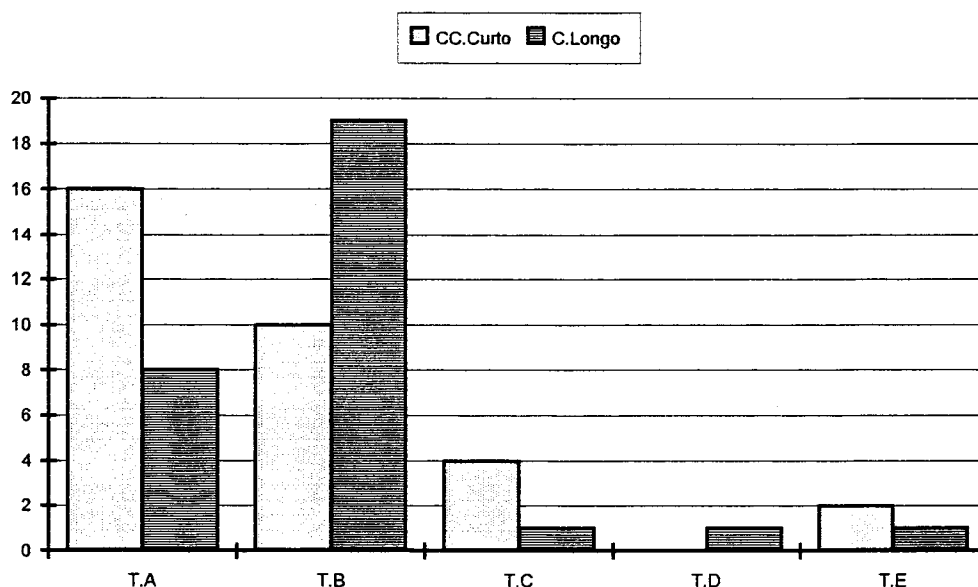
Para o estudo dos geométricos considerámos cinco variantes, correspondentes às formas que ocorrem em maior número. No tipo A incluem-se os trapézios rectângulos, no tipo B os trapézios assimétricos, no tipo C os trapézios com um lado côncavo, no tipo D os segmentos de círculo e no tipo E os triângulos escalenos.

Partindo desta tipologia verificamos que os geométricos do tipo B são os que ocorrem em maior número, seguindo-se-lhes os do tipo A e com menor número de exemplares encontram-se os do tipo D. Se neste cálculo incluirmos os monumentos de corredor de tipo indeterminado, os geométricos do tipo D deixam de figurar em último lugar, passando a ser substituídos pelos do tipo E. Contribui, especialmente para esta alteração a anta do Pai Anes onde foram recolhidos cinco geométricos em segmento de círculo.



DISTRIBUIÇÃO DOS GEOMÉTRICOS PELOS DIFERENTES TIPOS

Analisando a distribuição dos geométricos pelos tipos de monumentos verificamos que estão presentes com valores significativos, quer nos monumentos de corredor longo, quer nos de corredor curto. Nas antas de corredor curto os geométricos do tipo A, que corresponde aos trapézios rectângulos com retoques abruptos de um dos lados, são os mais numerosos, enquanto que nas antas de corredor longo os mais numerosos são os geométricos do tipo B, onde se incluem os trapézios assimétricos. Os geométricos com um dos lados em arco de círculo estão ausentes das antas de corredor curto, existindo apenas um exemplar entre os monumentos de corredor longo.



DISTRIBUIÇÃO DOS TIPOS DE GEOMÉTRICOS POR TIPOS DE MONUMENTOS

De todos os monumentos destaca-se a anta de El Corchero na qual foram recolhidos 46,8 % dos geométricos provenientes de antas de corredor curto. Neste monumento 68,7% dos geométricos são trapézios rectângulos com um dos lados

retocado. Com um número proporcionalmente elevado de geométricos há a registar as antas II dos Coureiros, a da Tapada de Matos e a do Tapadão da Relva, todas de corredor longo. Nestes monumentos, se exceptuarmos um geométrico proveniente da anta do Tapadão da Relva que é do tipo D, todos os outros são do tipo B. Nas antas de corredor longo e no que respeita aos geométricos, destaca-se a anta Lanchas I, que forneceu quatro geométricos todos do tipo A, problematizando a tendência que os exemplos parecem querer evidenciar.

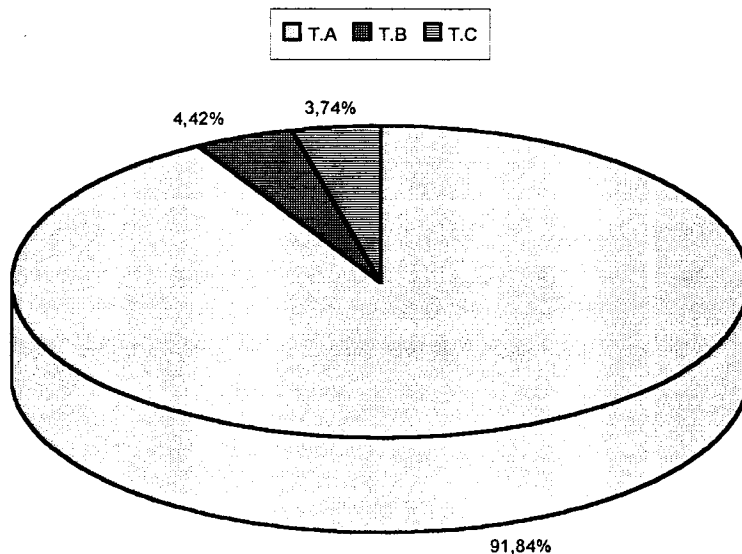
Os geométricos, maioritariamente obtidos sobre lâminas de secção trapezoidal e sempre talhados em sílex, estão presentes nas antas da região dos granitos em número muito reduzido comparativamente com os outros artefactos em pedra não polida.

5.7. Elementos de adorno

Os elementos de adorno provenientes das sepulturas megalíticas da região dos granitos da área em estudo podem ser divididos em três tipos fundamentais: as contas discóides (tipo A), as contas bicónicas (tipo B) e os pendentes (tipo C). Dentro de cada um destes tipos poder-se-iam criar quase tantas variantes quanto os elementos de adorno conhecidos, atendendo às particularidades de cada peça.

Para evitar a dispersão, provavelmente inconsequente, optámos, mais uma vez, por reunir em grandes grupos os artefactos conhecidos.

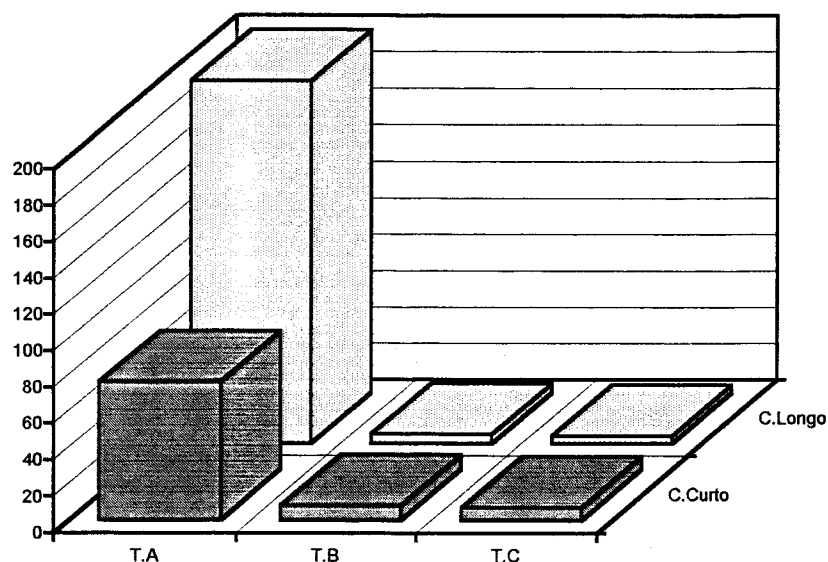
Em maior número, com 91,84%, encontram-se os elementos de adorno do tipo A, seguem-se-lhes com 4,42% as contas bicónicas e em último lugar, com apenas 3,74%, restam os pendentés.



DISTRIBUIÇÃO DOS ELEMENTOS DE ADORNO PELOS DIFERENTES TIPOS

Ao procedermos à distribuição dos elementos de colar pelos dois tipos de monumentos verificamos que a proporcionalidade da distribuição se mantém muito idêntica. Assim, tanto nos monumentos de corredor longo, como nos monumentos de corredor curto, as contas discóides são maioritárias, evidenciando-se, contudo,

um acréscimo significativo deste tipo de contas nas antas de corredor longo e uma pequena quebra no número de contas bicónicas e nos pendentés.



DISTRIBUIÇÃO DOS TIPOS DE ELEMENTOS DE ADORNO POR TIPOS DE MONUMENTOS

As contas discóides foram, na sua grande maioria, obtidas em xisto negro ou cinzento, contrastando com as bicónicas predominantemente de azeviche. Os pendentés foram obtidos ou em xisto negro ou em rocha verde. Materiais como o osso, cerâmica, rochas verdes e quartzo também foram utilizados para o fabrico de contas de colar. De entre os pendentés, normalmente de forma triangular, destaca-se o identificado na anta da Bola da Cera, em forma de crescente (BC 90), recolhido em associação ao depósito funerário da Idade do Bronze.

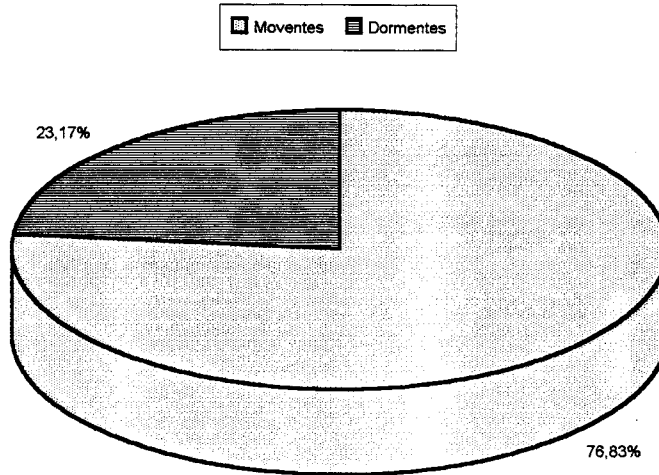
Entre a forma discóide e a bicónica destaca-se um conjunto de contas, normalmente de xisto cinzento, que atingem quase a regularidade de uma esfera. Estas contas, conjuntamente com as discóides de menor diâmetro e espessura, ocorrem maioritariamente entre os monumentos de corredor longo. A semelhança e regularidade do diâmetro de grande número de contas discóides parece apontar para a possibilidade de terem sido obtidas com recurso a uma broca vazada. A perfuração varia entre cónica e bicónica relativamente à espessura das peças. Nas contas mais finas a perfuração é geralmente cónica, enquanto que nas contas bicónicas ou esféricas é maioritariamente bicónica.

5.8. Elementos de moinho

A presença de instrumentos de farinação no interior ou na área de influência directa de sepulturas megalíticas só começou a ser noticiada recentemente. Este facto ficou a dever-se, por um lado, à diminuta importância atribuída a estes artefactos e por outro à escavação exclusiva da câmara que caracterizou a actividade arqueológica durante muito tempo. A localização maioritária dos elementos de moinho, quer no interior dos alvéolos, quer na estrutura lítica da mamoa, terá contribuído, assim, para que estes fundamentais objectos de transformação tivessem ficado no esquecimento.

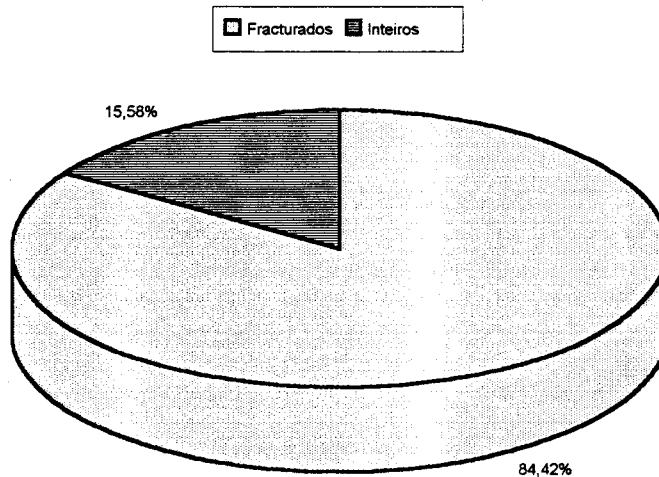
Na área em estudo (região dos granitos), conhecem-se oitenta e dois elementos de farinação. Considerámos neste conjunto unicamente os moventes e dormentes (16), excluindo-se os percutores esferóides, ou não.

Os moventes ocorrem em muito menor número do que os dormentes. Estes que constituem 76,8% do total foram obtidos em 97% dos casos em granito. Apenas dois dormentes foram obtidos em grauvaque. Entre os moventes a variedade de matéria-prima é maior. Onze moventes são em granito, quatro em quartzito, dois em grauvaque e dois em quartzito filoniano.



DISTRIBUIÇÃO PERCENTUAL DOS ELEMENTOS DE MOINHO

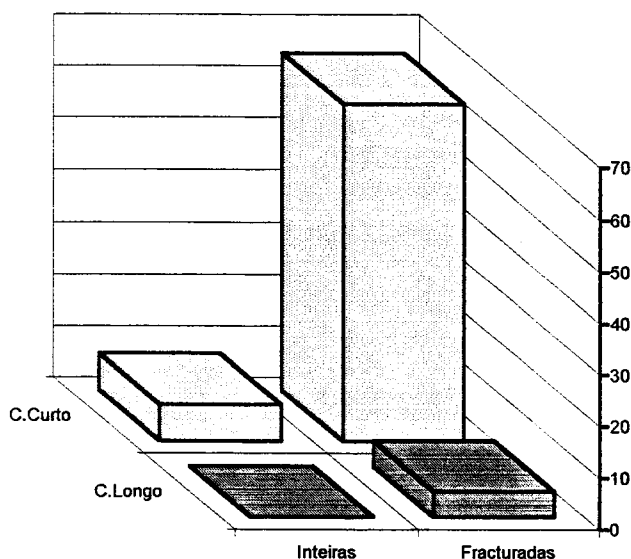
Verifica-se ainda que no conjunto dos elementos de moinho 84,4% foram encontrados intencionalmente fracturados. Neste grupo incluem-se, quer dormentes, quer moventes.



DISTRIBUIÇÃO PERCENTUAL DOS ELEMENTOS DE MOINHO QUANTO AO ESTADO DE CONSERVAÇÃO

Ao analisarmos a distribuição dos elementos de moinho pelos dois tipos de monumentos verificámos que 87,8% foram recolhidos em monumentos de corredor curto e que apenas 12,2% eram provenientes de antas de corredor longo.

Considerando unicamente os artefactos de que conhecíamos o estado de conservação e ao procedermos à sua divisão pelos dois tipos de monumentos constatámos que a grande maioria das mós fracturadas (84,4%) foram recolhidas em monumentos de corredor curto, não existindo informações sobre mós inteiras provenientes de antas de corredor longo (17).



DISTRIBUIÇÃO DAS MÓS INTEIRAS E FRACTURADAS PELOS TIPOS DE MONUMENTOS

Embora na quase totalidade fracturados verificou-se que os dormentes seriam originalmente e na sua maioria de forma ovalada, apresentando comprimentos máximos que variariam entre dezoito e os sessenta centímetros. Sete exemplares mostram ter possuído superfícies activas (Gonçalves, 1989:134)

em ambas as faces. Os moventes, também na sua maioria apresentam vestígios de utilização nas duas faces. De dimensões muito menores do que os dormentes, variariam entre os dez e vinte e cinco centímetros de comprimento no eixo maior. Alguns moventes mostram sinais de picotagem nas extremidades, resultantes dos efeitos de percussão.

5.9. Outros materiais

Para além do espólio anteriormente descrito e que está presente em maior número nos monumentos megalíticos, foram ainda depositados outros objectos que pela sua raridade não justificaram um estudo individualizado.

Dos objectos votivos que não foram anteriormente descritos, os que estão presentes em maior número são os cristais. Os mais abundantes são os cristais de quartzo. Raro foi o monumento por nós escavado que não revelou um a dois cristais de quartzo hialino. A ausência de sinais de utilização na maioria destes cristais e o ambiente geológico em que se encontram os monumentos que temos vindo a estudar dificultam a sua clara identificação como objectos votivos. Na sua maioria do bloco de quartzo destaca-se um único cristal muito depurado. Monumentos há, contudo, onde num bloco de quartzo se associam cinco cristais, como seja o caso da anta da Huerta de las Monjas. Recolhidos em diferentes níveis arqueológicos e em todos os tipos de monumentos, os cristais de quartzo parecem ocupar um importante lugar nos espólios funerários megalíticos.

Para além dos cristais de quartzo também e com alguma frequência foram recolhidos cristais de turmalina na variedade scorlo (18). Estes cristais, à semelhança dos de quartzo, foram recolhidos a várias profundidades, quer em

monumentos de corredor longo, quer em monumentos de corredor curto. Os de maior dimensão (entre 1,5 e 2,5cm) foram identificados na anta IV dos Coureiros, na anta das Castelhanas, na anta da Bola da Cera e à superfície na área do corredor da anta da Atalaia.

Restos de talhe e núcleos, sobretudo de quartzo hialino, mas também de xisto e sílex, neste último material só resto de talhe, foram identificados tanto no interior como na mamoa de diversos monumentos. Dos restos de talhe por nós identificados na anta da Bola da Cera, registaram-se cinco na base da câmara e dois na base da mamoa. Na anta da Figueira Branca recolheram-se dez restos de talhe de sílex na camada de superfície da mamoa. Igualmente na área da mamoa da anta da Cabeçuda quatro pequenos restos de talhe de sílex e um núcleo em quartzo hialino com negativos de levantamentos foram identificados. Na margem espanhola, no monumento de El Cajirón I foi encontrado um fragmento de núcleo na mamoa, em Tapias I recolheram-se vinte e dois restos de talhe, na superfície da câmara de Zafra II, quatro lascas de quartzo, doze em sílex e cinco de xisto e da anta da Marquesa duas lascas forma identificadas na câmara (Ramírez, 1988:172). Várias hipóteses podem ser colocadas para explicar a presença de restos de indústria lascada nos espaços funerários. A possibilidade do espaço funerário ter sido palco de talhe de peças poderá ser colocada, contudo poderemos levantar a hipótese das terras aí depositadas serem provenientes de um povoado, ou ainda e provavelmente a mais segura, a de o monumento ter sido levantado sobre um antigo habitat.

A presença de percutores, maioritariamente esferóides e obtidos em quartzo filoniano, ocorre com alguma frequência, sobretudo na área das mamoas. Estes percutores foram recolhidos essencialmente nos monumentos de corredor curto. Para além de percutores esferóides conhecem-se pilões de anfibolite e quartzito. Estes objectos, como os que foram recolhidos nas antas da Bola da Cera e em Coureiros III, mostram nítidos sinais de utilização. A peça BC 166 mostrava vestígios de ocre na superfície funcional. O ocre apresentava-se muito

compactado no interior das irregularidades da peça, podendo indiciar que o artefacto se destinava à trituração desta rocha para posterior utilização.

Pequenas bolas de ocre vermelho, raramente ultrapassando os cinco milímetros de diâmetro, foram identificadas em vários monumentos. No corredor da anta IV dos Coureiros, associadas à placa CIV 54, foram identificadas três pequenas bolas de ocre vermelho; nas câmaras das antas da Cabeçuda, da Bola da Cera, Porto Aivado e Coureiros I também se registaram concentrações idênticas.

Outros materiais líticos foram identificados no interior dos espaços funerários. Conhecem-se fragmentos de alabardas em sílex provenientes do corredor da anta da Tapada de Matos (TM513) e da Enxeira dos Vidais (Leisner e Leisner, 1959:T.4). O primeiro monumento é de corredor longo, desconhecendo-se as características da anta da Enxeira dos Vidais. Na anta do Tapadão da Relva foi recolhido pelos seus escavadores uma interessante peça (TR 12), classificada no inventário do depósito arqueológico de Castelo de Vide como machado em sílex. Esta peça parece ter sido classificada como machado e não como alabarda porque a extremidade distal se encontra parcialmente fracturada e por a base ser bastante cortante. Contudo, atendendo à matéria-prima, espessura, retoques e forma geral, parece tratar-se de uma alabarda, proveniente também de um monumento de corredor longo.

Do corredor da anta da Bola da Cera são provenientes dois pequenos calhaus rolados de quartzito (BC 297 e BC 298), cada um com duas reentrâncias destinadas a sujeitar um fio. Estas peças, provavelmente destinadas a pesos de pesca, encontravam-se depositadas sobre o solão de base. Da anta dos Pombais, que noutro ponto analisaremos, recolheu-se outro peso de pesca (AP 126). Desta anta são também provenientes três pequenos calhaus rolados de quartzito em forma de ovo (AP 128, AP 129 e AP 130). Dois deles apresentam sinais de pintura a ocre vermelho. Encontravam-se associados no interior da câmara.

Na câmara da anta III dos Coureiros no espaço envolvente à área da violação recolheu-se um interessante e problemático bloco de granito (CIII 28) cuja forma recorda a de um pé humano sem identificação dos dedos. Esta peça, embora não polida, apresenta-se muito regularizada em todas as superfícies, com excepção da zona terminal que parece ter sido fracturada. Se colocarmos a hipótese de ter existido um prolongamento nesta região, então deixará de fazer sentido a sua aproximação a um membro humano e poderemos estar em presença de uma enxó votiva, à semelhança das identificadas na Estremadura. De maiores dimensões e em granito, esta possível enxó afastar-se-ia das conhecidas provenientes de Cascais, Estria, Carenque, ou do tholos de S.Martinho em Sintra.

De entre os materiais que com raridade ocorrem nestes monumentos há ainda a registar o multifuncional artefacto nº3148 proveniente da anta II da Zafra. Trata-se de um polidor / afiador de instrumentos que, provavelmente, também teria sido utilizado como movente. Obtido em granito, mostra dois abatimentos transversais numa das faces resultantes da fricção de outras pedras.

6. A ANTA DOS POMBAIS

A anta dos Pombais, no concelho de Marvão, e a Tiracalzas, no termo municipal de Valência de Alcântara, deverão ser consideradas excepções em vários sentidos. Qualquer destes monumentos foi implantado a poucas centenas de metros a norte da região dos granitos, já em terrenos xistosos. Da anta do Cerro de Tiracalzas, porque não foi escavada, pouco sabemos. Implantada nos xistos, embora a poucas centenas de metros da linha de contacto com os granitos, os seus elementos arquitectónicos foram talhados nesta rocha, sabendo-se, ainda, que possui corredor curto (Ramírez, 1989:31).

A anta dos Pombais atendendo às suas particulares características, tanto arquitectónicas como de implantação, foi por nós escavada em 1982 (19). Ao início dos trabalhos o monumento era com facilidade confundido com os afloramentos xistosos que o rodeiam. À excepção do chapéu que é de granito, todos os restantes elementos foram talhados em xisto da região. Se alguns esteios da câmara, pela sua forte implantação no solo, se tornavam obstáculos aos trabalhos agrícolas, o mesmo já não acontecia com os do corredor que se amontoavam caoticamente uns sobre os outros. Na câmara onde o chapéu de granito repousava desviado e mutilado no perímetro, erguiam-se duas pereiras bravas, rodeando os seus troncos um grande depósito de pedras aí amontoadas para limpeza dos terrenos. Por entre estas pedras, na maioria, provavelmente, provenientes da mamoa, encontrava-se um dormente em granito.

Dos elementos pétreos componentes da mamoa nenhum aflorava à superfície sendo notória grande destruição nas faces norte e nascente. Na face sul a mamoa parecia cobrir ainda grande parte dos esteios, tocando nalguns locais o próprio chapéu. O esteio de cabeceira era o que apresentava menores sinais de mutilações, sendo o que mais se erguia acima do solo, não ultrapassando, contudo, setenta centímetros.

Após a escavação verificou-se que a anta era formada por câmara e corredor menos diferenciados em planta do que em alçado. A câmara, ao contrário dos outros monumentos da região dos granitos, normalmente compostos por sete esteios, possui dez. Nestes destaca-se um pelas suas dimensões que foi implantado em frente ao corredor. Os esteios da câmara, ao contrário de alguns do corredor, implantavam-se directamente em alvéolos previamente escavados no solo xistoso e apenas consolidados com saibro calcado.

Do corredor apenas restavam três pequenos esteios implantados nos alvéolos, embora se tivessem localizado os alvéolos de mais três. O corredor era assim formado por três esteios de cada lado, atingindo o comprimento de 3,35

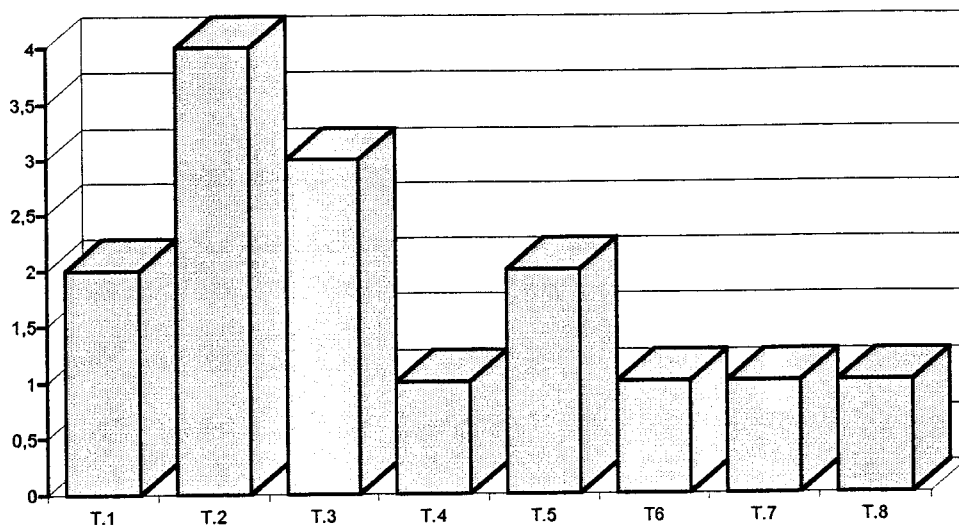
metros. A câmara, em forma de saco, possui um diâmetro máximo de 2,54 metros. Atendendo a estas dimensões e considerando o modelo por nós adoptado para determinação da tipologia arquitectónica dos sepulturas megalíticas (20), a anta dos Pombais deverá incluir-se no grupo dos monumentos de corredor longo.

6.1. Materiais arqueológicos da anta dos Pombais

Neste monumento o espaço funerário apresentava-se muito remexido, sobretudo por funcionar como habitat de javali. O espólio, localizado num único nível, em terra pouco compactada, encontrava-se maioritariamente concentrado junto aos esteios da câmara. No corredor o reduzido número de materiais recolhidos foi identificado junto aos esteios do lado sul.

6.1.1. Cerâmicas

Na anta dos Pombais recolheram-se quinze recipientes de cerâmica. Em maior número, com quatro exemplares encontram-se os do tipo 2, formado pelas taças em calote de esfera. Com três exemplares encontramos as cerâmicas do tipo 3 e com dois exemplares cada os tipos 1 e 5. As formas 4, 6, 7 e 8 apenas possuem um exemplar.



DISTRIBUIÇÃO DAS CERÂMICAS DA ANTA DOS POMBAIS POR TIPOS

Comparando a frequência relativa das formas cerâmicas da anta dos Pombais com as frequências gerais dos outros monumentos de corredor curto e longo, verificamos que as desta anta se aproximam mais dos valores que caracterizam os monumentos de corredor curto. A baixa frequência de cerâmicas do tipo 6 na anta dos Pombais parece ser fundamental para, no que a este material diz respeito, a podermos também incluir no grupo onde pelas dimensões do seu corredor já a havíamos incluído.

Ao observarmos as características das pastas, verificamos uma maior depuração nas cerâmicas dos tipos 5, 6 e 7, com elementos não plásticos de menores dimensões do que os que se observam nos restantes tipos. O tratamento das superfícies mostra-se também mais cuidado nestes tipos, sendo de salientar a qualidade do engobe do fragmento AP 144 e AP 121. O primeiro fragmento recolhido na área da mamoa apresenta uma decoração do tipo *folha de acácia*. Esta decoração, obtida por impressão na pasta em fase de secagem, parece ter sido efectuada após a aplicação do engobe.

Também no que diz respeito à capacidade volumétrica das cerâmicas, a média dos valores obtidos, fã-las incluir no grupo dos monumentos de corredor curto.

6.1.2. Ídolos-placa

Recolheram-se na anta dos Pombais cinco fragmentos de placas de xisto ardosiano, uma placa completa e três fragmentos em micaxisto e a parte superior (cabeça) de uma placa de arenito.

As pequenas dimensões dos fragmentos das placas de xisto não possibilitam a sua clara inserção na tipologia por nós elaborada. O fragmento AP 103 parece tratar-se da *cabeça* de uma placa de contorno antropomórfico. Os elementos decorativos que figuram neste fragmento apontam para uma decoração igualmente antropomórfica. Um furo de suspensão encima o fragmento. Um pouco mais abaixo duas concavidades simétricas parecem representar dois olhos que ladeiam um *nariz* representado por dois sulcos verticais paralelos. Um pouco abaixo dos *olhos* e perpendiculares ao *nariz* rasgam-se mais duas linhas de cada lado. Pelas características deste fragmento poderemos estar em presença de uma placa, ou do tipo 1.2.2., ou 1.2.3..

O fragmento AP 98 parece pertencer a uma placa de recorte e decoração geométricos (tipo 1.1.1.). Os restantes fragmentos de placas de xisto apenas possibilitam verificar uma decoração de características geométricas, onde triângulos (AP 101, 102) e bandas (AP 99) preenchidas são visíveis.

Neste monumento foi também recuperada uma *cabeça* de uma placa de arenito sem qualquer decoração podendo pertencer a ídolo do tipo 2.2.4..

Em micaxisto, identificou-se sob um esteio tombado da câmara a grande placa AP 106. De contorno geométrico e sem qualquer decoração que não fossem alguns pigmentos de ocre vermelho, esta placa insere-se claramente no tipo 2.1.4..

Na anta dos Pombais recolheram-se ainda dois interessantes fragmentos de placas em micaxisto. O fragmento AP 105 e o AP 104, embora talhados no mesmo tipo de rocha e com uma decoração igualmente muito semelhante, não possibilitam colagem, desconhecendo-se, sem uma análise geológica, se os dois fragmentos pertencem à mesma peça. O fragmento AP 105, muito idêntico ao nº3145 da anta II de La Zafra e ao AVE 5, mostra a parte inferior de uma placa fenestrada, para separação dos braços do corpo. Numa das faces duas bandas de zigzagues paralelas prolongam-se para o verso da placa terminando como que em franja na parte inferior. Nesta face, sobre o prolongamento das bandas e na parte superior dos *braços*, é visível uma figura de cada lado. A gravação da esquerda parece representar um machado, sendo de mais difícil interpretação a do braço oposto. Esta placa, a recolhida em Zafra II e a registada na anta do Vale da Estrada são as que, provenientes de monumentos distintos em termos geográficos, de matéria-prima e arquitectura mostram claramente ter saído da mesma oficina.

O fragmento AP 104 é a parte superior de uma placa de micaxisto onde se abrem dois orifícios cónicos, nitidamente identificadores de *olhos*, envolvidos superior e lateralmente por duas linhas paralelas, em arco, representando as *sobrancelhas* e por duas linhas verticais na zona central que representam o *nariz*.

Estes fragmentos poderão pertencer a uma ou duas placas de contorno geométrico e decoração antropomórfica e geométrica (tipo 2.2.3.).

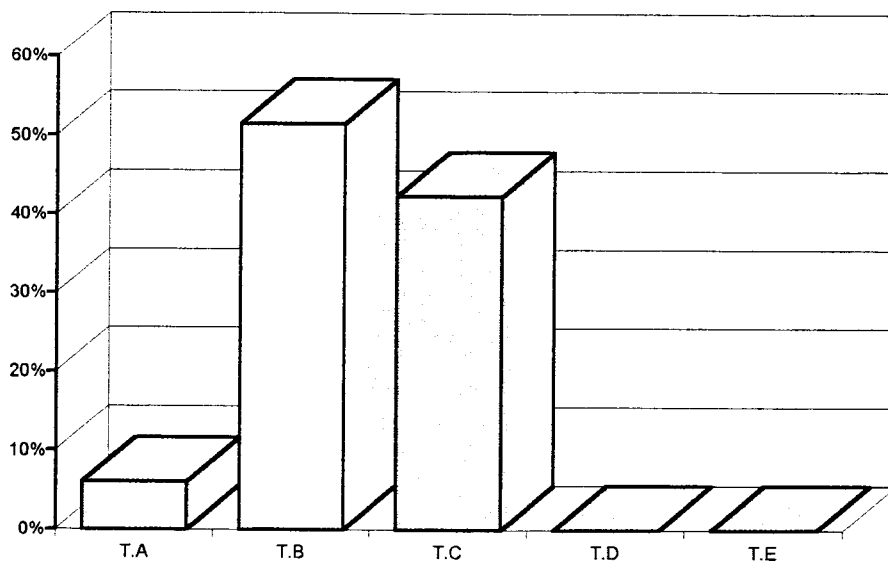
Pelo número e estado de conservação das placas desta anta não é possível identificar se as suas características são maioritariamente correspondentes às dos monumentos de corredor longo ou de corredor curto. Contudo, a presença do

fragmento AP 105 semelhante ao da Zafra II poderá indicar que no que diz respeito aos ídolos-placa a anta dos Pombais seja incluída no grupo das de corredor longo.

6.1.3. Pontas de seta

Na anta dos Pombais foram recolhidas trinta e três pontas de seta. Vinte e duas foram talhadas em sílex, cinco em quartzo hialino e seis em quartzo filoniano.

Observando a sua distribuição na tipologia por nós organizada verificamos que 51,5% incluem-se no tipo B, 42,4% no tipo C, 6% no tipo A e que com base côncava não foi identificada nenhuma ponta de seta.



DISTRIBUIÇÃO PERCENTUAL DAS PONTAS DE SETA DA ANTA DOS POMBAIS POR TIPOS

Verifica-se por esta distribuição uma maior aproximação das pontas de seta desta anta aos monumentos de corredor longo, embora estejam ausentes os artefactos do tipo D que parecem ser uma das principais características destes monumentos.

Atendendo ao peso (2g) e comprimento (2,6 cm) médios das pontas de seta da anta dos Pombais nota-se uma maior aproximação aos valores que caracterizam as dos monumentos de corredor curto.

6.1.4. Lâminas

Cinco lâminas e uma lamela (AP 12) foram recolhidas na anta dos Pombais. Apenas uma lâmina não apresenta retoques marginais (AP 18). As peças AP 19 e AP 20 apresentam um retoque contínuo em ambos os bordos, enquanto que nas restantes (AP 16 e AP 17) o retoque é descontínuo e muito irregular.

Neste conjunto parece destacar-se a lâmina AP 18 que, pela sua maior largura, pela ausência de retoques e sobretudo por uma variedade de sílex mais claro e menos resistente, se aproxima das que com maior frequência ocorrem nos monumentos de corredor longo.

A maioria das lâminas são de secção transversal trapezoidal e com presença de retoques, elementos que, como vimos, caracterizam os monumentos de corredor longo.

6.1.5. Machados e enxós

Dos quatro instrumentos de pedra polida identificados na anta dos Pombais apenas um (AP 112) pode ser classificado como enxó.

Três instrumentos foram talhados em anfibolite e apenas um em granito (AP 110). É o machado de granito que também mais se afasta das restantes peças, ao apresentar uma secção transversal ovalada que se distingue da forma rectangular alongada que caracteriza as outras peças.

Estes instrumentos recolhidos na anta dos Pombais apresentam-se polidos na maior parte da superfície, incluindo os talões. Destas características afasta-se o machado AP 111 que mostra vestígios de picotagem na zona proximal.

Pelas características evidenciadas nos instrumentos de pedra polida da anta dos Pombais parece concluir-se que existe uma maior aproximação aos materiais recolhidos nas antas de corredor longo do que nas de corredor curto.

6.1.6. Geométricos

Nos cinco geométricos identificados na anta dos Pombais destacam-se dois tipos. Três peças pertencem ao tipo B e duas ao tipo D.

O reduzido número de peças não possibilita uma clara comparação com os materiais exumados nos outros monumentos. Contudo, verifica-se que a forma que ocorre em maior número na anta dos Pombais é também a mais representada nos monumentos de corredor longo. Observa-se também que os geométricos do

tipo D, representados com dois exemplares neste monumento, estão totalmente ausentes das antas de corredor curto.

6.1.7. Elementos de adorno

Identificaram-se quarenta e três elementos de colar na anta dos Pombais. De entre eles destacam-se dois pendentes, AP 94 e AP 95. O primeiro foi obtido em xisto ardoso e o segundo em rocha verde. Duas contas bicónicas, AP 91 e AP 90, são de azeviche. As restantes, maioritariamente discóides, são em xisto cinzento.

Pelo diâmetro e espessura médios das contas discóides encontramos maior aproximação às recolhidas nas antas de corredor longo do que às provenientes de antas de corredor curto.

6.2. Resumindo

A anta dos Pombais, embora implantada para lá da linha de contacto entre os granitos e os xistos, mas nas suas imediações, apresentando uma arquitectura muito idêntica à dos monumentos de maiores dimensões da foz do Sever e construída maioritariamente em xisto, forneceu um conjunto significativo de peças que a incluem claramente no grupo dos monumentos da região dos granitos.

Considerando a fórmula por nós proposta para a caracterização dos monumentos da região sul da área em estudo quanto às dimensões dos corredores, verificou-se que a anta dos Pombais se incluía perfeitamente no grupo dos monumentos do tipo longo.

Pelo acima exposto parece poder concluir-se que a diversidade arquitectónica deste monumento, composto por dez esteios na câmara e em forma de saco, ficar-se-á mais a dever à utilização de diferente matéria-prima do que a intrusões culturais da comunidade megalítica no território dos xistos.

Depois de analisado o espólio recolhido na anta dos Pombais confirma-se, também, a sua aproximação às características dos materiais provenientes das antas de corredor longo da região dos granitos.

A implantação, quer deste monumento, quer do Tiracalzas, para lá da linha que parece separar o território a que pertencem culturalmente, poderá ser entendida face às reduzidas centenas de metros da qual se distanciam, quando comparados com a cerca de dezena e meia de quilómetros que nalguns locais separam os dois grupos megalíticos.

7. Materiais arqueológicos do menir do Carvalho

Dos três menires escavados na área em estudo, Água da Cuba, Meada e Carvalho, este foi o único que forneceu materiais arqueológicos. No interior do seu alvéolo, por entre os calços que o sujeitam, recolheram-se os percutores esferóides em quartzo MC 3, MC4 e o fragmento de percutor em quartzito MC2. À superfície recolheu-se a peça MC1. Parece tratar-se da zona medial de um machado ou enxó em grauvaque polido, que posteriormente terá sido utilizado como percutor.

A poucas dezenas de metros para sul do menir e na mesma linha de cumeada, por entre vários blocos de granito, provenientes de um provável habitat pré-histórico que neste local parece ter existido, identificaram-se dois dormentes em granito. Na mesma área é possível recolher pequenos fragmentos de cerâmica muito rolados.

Se quanto às peças MC2, MC3 e MC4 não existem dúvidas, quanto à sua ligação directa com o monumento, já de MC1, por se encontrar à superfície, poder-se-á colocar a hipótese de se tratar de uma peça não directamente ligada ao menir mas ao habitat que nas imediações parece ter existido.

O reduzido número de materiais recolhidos neste monumento inviabiliza qualquer tentativa de comparação com os espólios provenientes das sepulturas megalíticas da região.

8. RESUMINDO

Estudaram-se neste capítulo, em termos comparativos, os materiais conhecidos provenientes de monumentos megalíticos da bacia do Sever e área envolvente. Para uma melhor sistematização dos vários milhares de artefactos organizamo-los em grupos tipológicos muito genéricos. Para além desta sistematização os materiais foram estudados tendo em atenção, quer a área geológica de proveniência, quer o tipo de monumento onde foram recolhidos.

Observou-se, assim, que os monumentos da região dos xistos, situados junto à foz do Sever, podem ser definidos pela pouca diversidade e reduzido número dos materiais votivos. Definem-nos ainda a generalizável ausência de cerâmicas, a predominância de placas de arenito de contorno antropomórfico sem

decoração sobre as placas de xisto ardosiano e sobretudo o grande número de machados de pedra polida, maioritariamente de secção quadrangular e rectangular. As pontas de seta de base triangular ou convexa em sílex, as lâminas não retocadas de secção trapezoidal e raros geométricos, geralmente em forma de trapézio assimétrico, caracterizam os artefactos líticos não polidos recolhidos nas sepulturas da foz do Sever. A ausência de contas de colar, raros elementos de moinho, alguns percutores esferóides e a presença, não totalmente confirmada, de cristais de quartzo no interior destes monumentos concluem os espólios neles recolhidos.

Em termos arquitectónicos nas antas da região dos granitos, situadas no sopé da Serra de S.Mamede são identificáveis monumentos de corredor curto e monumentos de corredor longo. Se do ponto de vista arquitectónico os monumentos poderão com alguma facilidade ser identificados, no que aos espólios diz respeito, a distinção por vezes parece não ser muito clara. A prolongada utilização dos espaços funerários, o estado de destruição da maior parte destes monumentos e as profundas violações detectadas, inviabilizam a demarcação de estratigrafias seguras e conseqüentemente uma clara identificação cronológica e cultural dos espólios. Contudo e embora necessitando de algumas confirmações foi possível isolar alguns aspectos que parecem caracterizar, do ponto de vista material, os dois tipos de sepulturas megalíticas da região dos granitos. Com o quadro que a seguir se mostra pretende-se, resumidamente, confrontar os aspectos mais significativas dos espólios que caracterizam cada um dos tipos de monumentos.

<p align="center">ANTAS DE CORREDOR CURTO</p>	<p align="center">ANTAS DE CORREDOR LONGO</p>
<p>CERÂMICAS</p> <p>Cerâmicas predominantemente lisas. Principais formas: 1º taças abertas em calote de esfera, 2º esféricos, 3º semi-esféricos. Quase total ausência de cerâmicas carenadas. Ausência de várias formas cerâmicas. Recipientes em forma de colher em número igual às provenientes de antas de corredor longo. Maior percentagem de cerâmicas com mamilos. Cerâmicas raramente decoradas. Raros exemplares almagrados. Capacidade volumétrica entre 100 e 265 ml.</p>	<p>CERÂMICAS</p> <p>Cerâmicas predominantemente lisas. Principais formas: 1º taças abertas em calote de esfera, 2º taças carenadas, 3º semi-esféricos. Recipientes em forma de colher em número igual às provenientes de antas de corredor curto. Recipientes ovais. Exemplares de todas as formas em praticamente todos os monumentos. Recipientes decorados: olhos solares, triângulos pontilhados, bandas de pontilhados. Superfícies mais cuidadas, maior percentagem de cerâmicas engobadas e pastas mais depuradas. Capacidade volumétrica entre 45 e 490 ml.</p>
<p>ÍDOLOS-PLACA</p> <p>Curta diferença percentual entre placas de xisto e placas de arenito e micaxisto. Reduzido número de placas de xisto. Maior ocorrência de placas com atributos antropomórficos. Presença de báculos</p>	<p>ÍDOLOS-PLACA</p> <p>Maior percentagem de placas de xisto. Reduzido número de placas de arenito e micaxisto. Maior ocorrência de placas com decoração e recorte geométricos. Maior número de placas fracturadas</p>

<p>MACHADOS E ENXÓS</p> <p>Maior frequência de machados e enxós. Percentagem semelhante entre machados e enxós.</p> <p>Principais secções transversais dos machados:</p> <p>1º Rectangular, 2ºQuadrangular, 3ºSub-circular.</p> <p>Maior percentagem de machados totalmente polidos.</p>	<p>MACHADOS E ENXÓS</p> <p>Pouca frequência de machados e enxós com um significativo aumento do número de enxós.</p> <p>Principais secções transversais dos machados:</p> <p>1º Quadrangular, 2ºRectangular, 3ºSub-circular.</p> <p>Maior percentagem de machados com talões picotados.</p>
<p>PONTAS DE SETA</p> <p>Grande número de pontas de seta em relação ao total dos materiais.</p> <p>Principais formas:</p> <p>1ºBase convexa, 2ºBase triangular, 3ºBase recta.</p> <p>Quase total ausência de pontas de seta de base côncava.</p> <p>Percentagem muito idêntica de pontas de seta em sílex e em quartzo.</p> <p>Maior peso médio das pontas de seta.</p> <p>Maior número de pontas de seta com barbelas.</p>	<p>PONTAS DE SETA</p> <p>Reduzido número de pontas de seta em relação ao total dos materiais.</p> <p>Principais formas :</p> <p>1ºBase convexa, 2ºBase triangular, 3ºBase recta.</p> <p>Número significativo de pontas de seta de base côncava.</p> <p>Maior percentagem de pontas de seta em sílex.</p> <p>Maior comprimento médio das pontas de seta.</p>
<p>LÂMINAS</p> <p>Maior percentagem de lâminas retocadas.</p> <p>Maior número de lâminas de secção triangular.</p> <p>Lâminas de dimensões mais reduzidas.</p>	<p>LÂMINAS</p> <p>Maior percentagem de lâminas não retocadas.</p> <p>Lâminas de maiores dimensões e maior número de fracturadas.</p> <p>Maior número de lâminas de secção trapezoidal.</p>

<p>GEOMÉTRICOS</p> <p>Número idêntico de geométricos nos dois tipos de monumentos. Forma mais comum: trapézio rectângulo Presença de trapézios em arco de círculo.</p>	<p>GEOMÉTRICOS</p> <p>Menor frequência entre o total de materiais provenientes deste tipo de monumentos. Forma mais comum: trapézio assimétrico</p>
<p>ELEMENTOS DE ADORNO</p> <p>Maior número de contas bicónicas de azeviche. Maior número de pendentés.</p>	<p>ELEMENTOS DE ADORNO</p> <p>Maior número de contas discóides, maioritariamente mais finas e de menor diâmetro.</p>
<p>ELEMENTOS DE MOINHO</p> <p>Grande número de elementos de moinho (moventes e dormentes). Percentagem muito elevada de peças intencionalmente fracturadas.</p>	<p>ELEMENTOS DE MOINHO</p> <p>Reduzido número de elementos de moinho (moventes e dormentes). Percentagem muito elevada de peças intencionalmente fracturadas.</p>
<p>OUTROS</p> <p>Maior percentagem de restos de talhe e de núcleos. Número significativo de percutores esferóides, especialmente na mamoa. Pesos de pesca.</p>	<p>OUTROS</p> <p>Presença de alabardas. Pesos de pesca. Cristais de quartzo e de turmalina.</p>

Como vimos nem sempre os atributos de cada conjunto de artefactos são suficientemente distintos para, com clareza, podermos isolar as características dos espólios de cada tipo de monumento.

Nas cerâmicas a maior concentração de taças carenadas nos monumentos de corredor longo, a quase total ausência de peças decoradas nos sepulcros de

corredor curto, paralelamente à maior diversidade de formas nos monumentos de maiores dimensões, parecem ser as características que mais se destacam, em termos comparativos nos dois conjuntos.

Entre os ídolos-placa evidencia-se o aumento significativo de placas de xisto nos monumentos de corredor longo, comparativamente aos recolhidos nos monumentos de corredor curto, onde as de arenito e de xisto ocorrem com frequências muito idênticas. A maior percentagem de placas com decoração e recorte antropomórficos existentes nos monumentos de corredor curto destacam-se dos atributos eminentemente geométricos que caracterizam as recolhidas em monumentos de corredor longo. O número muito elevado de placas fracturadas, tanto de xisto como de arenito, no interior de antas de corredor longo parece ser outro aspecto a evidenciar.

O reduzido número de machados e enxós nos monumentos de corredor longo evidencia-se mais do que as características morfológicas das peças provenientes de cada um dos tipos de antas. Nota-se, contudo, uma tendência para um acabamento mais cuidado dos instrumentos polidos nos monumentos de corredor curto e ainda que pouco significativo, em termos percentuais, verifica-se que os machados de secção quadrangular suplantam os de secção rectangular nos monumentos de corredor longo, invertendo-se a situação nos monumentos do outro tipo.

O grande número de pontas de seta provenientes das antas de corredor curto contrasta com a pouca frequência com que ocorrem entre os espólios dos sepulcros de corredor longo. Em qualquer dos dois grupos de monumentos as pontas de seta de base convexa são as mais representadas, seguindo-se-lhes as de base triangular e em terceiro lugar as de base recta. As pontas de base côncava são praticamente exclusivas dos monumentos de corredor longo.

Lâminas de maiores dimensões, predominantemente de secção trapezoidal e com poucos exemplares retocados, ocorrem maioritariamente nas sepulturas de corredor longo, contrastando com as lâminas retocadas, de secção triangular e de grande curvatura provenientes das antas de corredor curto.

Número idêntico de geométricos foi recolhido, quer nas antas de corredor curto, quer nas de corredor longo. Contudo, proporcionalmente ao número de peças recolhidas nos dois tipos de monumentos os geométricos são mais frequentes nos sepulcros de corredor curto, onde dominam os trapézios rectângulos, enquanto que nas antas de corredor longo são os geométricos em forma de trapézio assimétrico os mais numerosos.

A ínfima espessura e o reduzido diâmetro do grande número de contas de colar discóides provenientes das antas de corredor longo contrasta com a maior ocorrência de contas bicónicas de azeviche recolhidas nos sepulcros de corredor curto. O maior número de pendentes, quer de xisto negro, quer de rocha verde, nas antas de corredor mais curto é outra característica a evidenciar.

Foi nos monumentos de corredor curto que se recolheram a maioria dos elementos de moinho (dormentes e moventes). As poucas escavações efectuadas em mamoas de monumentos de corredor longo poderá explicar esta variação, contudo, pelos materiais disponíveis, os artefactos de farinação são em número muito reduzido nas antas de corredor mais longo. Em qualquer dos conjuntos verificou-se que na grande maioria encontravam-se intencionalmente fracturados.

A maior ocorrência, quer de restos de talhe, quer de núcleos, geralmente esgotados, nos monumentos de corredor curto, contrasta com a presença de alabardas nos sepulcros de corredor longo, onde cristais de quartzo e turmalina ocorrem em maior número. Percutores esféroides, geralmente de quartzito parecem ser, até ao momento, exclusivos das antas de corredor curto. Os báculos

conhecidos foram também recolhidos neste tipo de sepulcros. Vestígios de reutilização de placas de xisto estão presentes nos dois tipos de monumentos.

Embora nem sempre muito evidentes poderemos isolar, como temos vindo a assinalar, várias particularidades que parecem caracterizar cada um dos tipos de monumentos identificados. Ainda que sem dados seguros, como analisaremos no próximo capítulo, a inexistência de claras fronteiras tecnológicas entre os materiais de cada um dos tipos de monumentos, parece resultar da sua continuada e provavelmente contemporânea utilização. A diversidade artefactual registada prender-se-á mais com o prestígio social dos tumulados do que da sua maior ou menor antiguidade, embora esta possa ser responsável por algumas características registadas entre os espólios.

Os pontos de contacto entre os dois conjuntos artefactuais dos monumentos da região dos granitos e o conjunto artefactual dos monumentos da foz do Sever, não parecem muito evidentes. O reduzido número de objectos e a ausência de cerâmicas nos monumentos da região dos xistos colocam, de imediato, problemas a qualquer tentativa para estabelecer paralelismos culturais entre os conjuntos. Os pequenos fragmentos de placas de xisto, não confirmados, provenientes das antas da região dos xistos, também não possibilitam qualquer aproximação clara aos monumentos da região dos granitos. Contudo e atendendo à decoração exclusivamente geométrica que apresentam, poderá existir uma maior aproximação às placas provenientes das antas de corredor longo. Ainda mais problemáticas parecem ser as placas de arenito recolhidas nas sepulturas da foz do Sever que encontram paralelo nas placas provenientes, quer de monumentos de corredor curto (ex: anta da Cabeçuda), quer nas recolhidas em antas de corredor longo (ex: anta do Tapadão da Relva).

O predomínio de machados de pedra polida de secção rectangular e quadrangular, em igual número, nos sepulcros da foz do Sever, aproxima-os dos machados de qualquer dos dois tipos de monumentos da região dos granitos.

Pelos materiais líticos não polidos as comparações são igualmente problemáticas, devido, sobretudo aos poucos exemplares existentes. As lâminas maioritariamente não retocadas de secção transversal trapezoidal aproximam-se das recolhidas em monumentos de corredor longo, mas as suas pequenas dimensões assemelham-nas com as das antas de corredor curto. As pontas de seta de base triangular ou convexa ocorrem em igual situação nos dois tipos de monumentos da região dos granitos. Os poucos geométricos identificados nos monumentos da região dos xistos, maioritariamente em forma de trapézio dissimétrico, encontram maior semelhança nos recolhidos nas antas de corredor longo. Por outro lado, se atendermos ao número e forma dos percutores verifica-se uma maior aproximação às sepulturas de corredor curto da região dos granitos.

Torna-se, assim, muito difícil qualquer tentativa de aproximação exclusiva entre os monumentos da foz do Sever com um ou outro tipo de sepulcros da região dos granitos. A longa utilização e provável contemporaneidade dos dois tipos de monumentos dos granitos com a dos espaços funerários da região dos xistos, somadas a prováveis tradições culturais distintas existentes nas duas comunidades, poderão explicar a problemática aproximação artefactual existente.

NOTAS:

- (1) - No que respeita ao retoque, quer das pontas de seta, quer das lâminas e lamelas considerámos a terminologia, ainda que adaptada, proposta por Leroi-Gourhan.
- (2) - Como seja o caso das antas da Fonte da Pipa e Padre Santo no concelho de Nisa e Porto Aivado no concelho de Castelo de Vide.
- (3) - Nas duas deslocações que fizemos ao Museu Francisco Tavares Proença Junior de Castelo Branco com o intuito de observar os materiais que aí foram depositados pelos seus descobridores, não foi já possível saber do seu paradeiro.
- (4) - Na escavação que efectuámos neste monumento também não encontramos qualquer fragmento de ídolo-placa. Parece-nos bastante estranho que à superfície tenham sido recuperados tantos materiais que não têm qualquer correspondência com os espólios recolhidos em escavação.
- (5) - Também se desconhecem as condições de recolha desta peça.
- (6) - Ainda que o monumento se encontrasse muito afectado pelas subsolagens para a plantação de eucaliptos.
- (7) - Estas placas, que Primitiva Bueno Ramírez inclui no grupo das enigmáticas *paletes-disque* (Ramírez, 1988: 27), não foram até agora recolhidas em contextos megalíticos na margem portuguesa do Sever. Peças semelhantes, em dimensões e material, foram por nós identificadas em estações romanas e medievais, onde poderiam ter sido utilizadas como tampas de recipientes. A problemática em torno destes materiais mantém-se até aos nossos dias. Classificados pela primeira vez em 1924 pelo Conde Begouen como pertencentes a níveis musterienses e posteriormente várias vezes estudados pelo Abade Henri Breuil que os viria a

inserir no languedocense, foram identificados em grande quantidade por Elias Dieguez junto ao povoado calcolítico de El Esparragalejo (Dieguez, 1965), que se localiza no limite da área em estudo, no termo municipal de Santiago de Alcântara.

(8) - Nenhuma das cerâmicas conhecidas foi recolhida em contextos arqueológicos seguros.

(9) - Distinguimos mamilos de asas, considerando que as primeiras se destacam do perfil do recipiente e foram obtidas por aplicação de um cordão em arco, enquanto que os mamilos foram normalmente obtidos por repuxamento da pasta e muito raramente por aplicação.

(10) - A capacidade volumétrica dos recipientes cerâmicos deve ser considerada unicamente como referência aproximada. Estas medidas foram calculadas a partir das figuras volumétricas que mais se aproximavam da forma dos recipientes cerâmicos. Assim, e naturalmente, os volumes achados não serão muito rigorosos.

(11) - O acesso indirecto que tivemos a esta peça impossibilita-nos de saber se foi obtida em xisto ardoso ou micaxisto.

(12) - Não entraram nesta soma as 33 pontas de seta recolhidas na anta dos Pombais que será estudada individualmente.

(13) - Para a identificação deste descritor isolámos uma amostragem de 150 pontas de seta. Setenta e cinco peças provenientes de antas de corredor curto e outras tantas de monumentos de corredor longo. Procurou-se incluir nesta amostragem peças talhadas em todas as matérias-primas num número proporcional à sua frequência no conjunto total.

(14) - Pontas de seta em monumentos de corredor longo - 68,57%, pontas de seta em monumentos de corredor curto - 31,43%.

- (15) - Não foram considerados os pequenos fragmentos de sílex para os quais não existem certezas quanto à sua origem.
- (16) - Terminologia fixada por Vitor Gonçalves (Gonçalves, 1989:129).
- (17)- Neste conjunto não foi considerado o pequeno dormente de forma circular noticiado pela primeira vez por Georg e Vera Leisner (Leisner & Leisner, 1959:Tafel 4), como proveniente da anta II dos Coureiros. Atendendo à qualidade do polimento geral da peça e às suas reduzidas dimensões parece não ter sido utilizado para farinação, não tendo, por este motivo, sido incluída no conjunto geral dos dormentes.
- (18) - Identificação efectuada pelo Professor Doutor Francisco Gonçalves.
- (19) - Escavação dirigida em colaboração com Ana Carvalho Dias.
- (20) - Ponto 1.4. do Capítulo IV.
- (21) - Na primeira camada do alvéolo do menir da Meada identificou-se um fragmento de *tegula* e pequenos fragmentos de madeira carbonizada que aguardam datação.

CAP. IX AS DATAÇÕES

1. CONDIÇÕES DE RECOLHA DAS AMOSTRAS

Como vimos em capítulos anteriores, sobretudo nos que abordam a arquitectura megalítica e os espólios exumados, torna-se muito difícil identificar um claro faseamento da construção dos vários tipos de monumentos em estudo. Se identificar a anterioridade de uma ou de outra forma arquitectónica atendendo unicamente às técnicas construtivas parece ser, pelo menos por agora, conclusão impossível de tirar, o estudo dos materiais exumados continuou a não viabilizar qualquer definição nesse sentido.

Os resultados obtidos parecem apontar para uma continuada utilização de todos os megálitos e conseqüentemente uma provável contemporaneidade, pelo menos funcional, quer dos monumentos de corredor longo e corredor curto da região dos granitos, quer dos identificados na região dos xistos. A grande semelhança, em termos genéricos, da técnica de construção dos espaços funerários, ainda que com matéria-prima distinta e a muito rara exclusividade de

materiais votivos num ou noutro tipo arquitectónico, parecem reforçar estas conclusões.

Se pelos aspectos anteriormente enunciados se torna , por agora, pouco seguro identificar um posicionamento cronológico para a construção dos diferentes tipos arquitectónicos, os materiais passíveis de datação absoluta (1), porque nem sempre disponíveis em todos os monumentos, oferecem-nos um leque bastante reduzido de informações. Dispomos de onze amostras datadas por radiocarbono, recolhidas em oito megálitos (2).

Das onze datações disponíveis, cinco correspondem nitidamente a violações ou reutilizações tardias dos monumentos. Entre estas encontram-se as efectuadas sobre carvões recolhidos no interior da câmara do monumento da Lomba da Barca, única amostra até agora datável em laboratório português (3), recolhida num monumento da região dos xistos da área em estudo. Também de importância fundamental para a clara compreensão da distribuição espacial das manifestações megalíticas na área em estudo seriam as duas amostras de carvões recolhidas em diferentes níveis no interior do alvéolo de implantação do menir do Carvalhal. Contudo, também estes carvões parecem corresponder a fogueiras tardias acesas junto à base deste singular monumento (4). As antas dos Coureiros I e II foram igualmente violadas na Idade Média, assim parecem testemunhar as datações resultantes dos carvões nelas recolhidos.

A data convencional 840 ± 70 BP (ICEN-592) resultou de uma pequena concentração de carvões recolhidos junto à face interna do esteio de cabeceira da anta I dos Coureiros. Os carvões encontravam-se a cerca de vinte e dois centímetros de profundidade em terras claras muito compactas. O esteio junto ao qual foram recolhidos é o único que parece ainda apresentar as dimensões originais. Os restantes encontram-se truncados quase junto à base.

A menos de cem metros para norte desta anta encontra-se o grande monumento por nós denominado de Anta II dos Coureiros. Pequenas concentrações de madeira carbonizada foram recolhidas a uma profundidade de cerca de quarenta centímetros à entrada da câmara, em terras pouco compactas e com bastantes raízes. Depois de analisados estes carvões forneceram a idade de 690 ± 130 BP (ICEN-593), testemunhando, mais uma vez, as violações que por toda a Idade Média as antas foram sofrendo.

Os carvões recolhidos no interior de um alvéolo pertencente a um esteio da câmara, hoje já desaparecido, do monumento da Lomba da Barca situado na região dos xistos, forneceram a data convencional de 950 ± 80 BP (ICEN-1124). Estes carvões, também em pequena quantidade, encontravam-se entre terra pouco compacta, associados a pedaços de xisto, provavelmente restos do esteio desaparecido e blocos de quartzito rolados, semelhantes aos identificados na mamoa. Segundo consta no certificado de datação pelo radiocarbono, ao calibrar-se esta data fazendo-se uso da curva de Stuiver e Pearson obtiveram-se os seguintes intervalos de confiança para um e dois sigmas, respectivamente de 1014-1199 cal AD e 966-1272 cal AD.

Os carvões recolhidos sobre os calços líticos do menir do Carvalho, a uma profundidade de vinte centímetros em terras escuras e pouco compactas, foram datados em 420 ± 60 BP (ICEN-1125). Pela curva de Stuiver e Pearson obtiveram-se os seguintes intervalos de confiança para um e dois sigmas, respectivamente de 1435-1616 cal AD e 1409-1641 cal AD.

Depois de desmontada a primeira camada de calços compostos por pedras de médias dimensões, ainda em terras escuras, mas mais compactas, recolheu-se mais uma amostra de carvões que foi datada em anos radiocarbono de 760 ± 50 BP. Depois de calibrada pela curva de Stuiver e Pearson obtiveram-se os seguintes intervalos de confiança para um e dois sigmas, respectivamente, 1239-1291 cal AD e 1213-1303 cal AD. Nos níveis mais profundos e compactos da área escavada do alvéolo do menir do Carvalho, que atingiram uma profundidade de cento e

cinquenta centímetros, não se identificaram matérias passíveis de datação, continuando-se a desconhecer, com segurança, a data, em termos de cronologia absoluta, em que este original menir foi levantado. Posteriores escavações na área não sondada do alvéolo poderão provavelmente fornecer outros elementos de datação. Os resultados agora obtidos deverão datar fossas medievais abertas junto à base do menir para estruturação de lareiras improvisadas.

**DATAS d.C. DAS AMOSTRAS RECOLHIDAS EM MONUMENTOS
MEGALÍTICOS DA BACIA HIDROGRÁFICA DO RIO SEVER**

MONUMENTO	AMOSTRA	ANOS BP
ANTA I DOS COURELEIROS ICEN 592	Carvões junto ao esteio de cabeceira na base do monumento por entre terras pouco compactas.	840 ± 70
ANTA II DOS COURELEIROS ICEN 593	Carvões na base do monumento à entrada da câmara em terras muito revolidas.	690 ± 130
ANTA DA LOMBA DA BARCA ICEN 1124	Carvões no interior de alvéolo de esteio da câmara já desaparecido.	950 ± 80
MENIR DO CARVALHAL Amostra nº1 ICEN 1125	Carvões recolhidos sobre os calços na face este do monumento.	420 ± 60
MENIR DO CARVALHAL Amostra nº2 ICEN 1126	Carvões recolhidos no interior do alvéolo sob a primeira camada de calços.	760 ± 50

Pelas datações acima apresentadas verifica-se que, durante a Idade Média, pelo menos estes cinco monumentos megalíticos foram profundamente sondados.

Entre as restantes seis datações entretanto obtidas, três amostras recolhidas na anta da Cabeçada merecem especial atenção. A mais recuada, amostra nº2 (ICEN-978), refere-se a pequenos fragmentos de madeira carbonizada recolhidos na base do monumento, no interior da câmara, sobre o solão granítico. Estes carvões encontravam-se em terras de coloração clara nas imediações do alvéolo do esteio de cabeceira. Submetidos a análise forneceram a idade de 7660 ± 60 BP. Após a sua calibração pela curva de Stuiver e Pearson esta data revelou os seguintes intervalos de confiança, respectivamente para um e dois sigmas: 6477-6418 e 6593-6378 cal AC.

No mesmo monumento e também na base, recolheram-se fragmentos de madeira carbonizada que se encontravam no interior de uma pequena, pouco profunda e circular concavidade que se abria aproximadamente no centro da câmara. No interior deste espaço, por entre terra clara e pouco compacta junto a um machado (C 115) e a um bloco de quartzito rolado (C 243), recolheu-se a amostra nº1 que forneceu a data de 3650 ± 110 BP (ICEN-977). Depois de calibrada, para a qual se utilizou a curva anteriormente referida, obtiveram-se os seguintes intervalos de segurança, respectivamente para um e dois sigmas: 2178-1881 e 2328-1698 cal AC.

Ainda neste monumento, em terras menos compactas e próximo do corredor, identificaram-se várias landes carbonizadas. Depois de submetidas a datação (amostra nº3) revelaram a idade de radiocarbono de 3720 ± 45 BP (ICEN-979). Ao serem calibradas pela curva de Stuiver e Pearson, resultaram os seguintes intervalos de confiança, respectivamente para um e dois sigmas: 2185-2033 e 2274-1971 cal AC.

Ao analisarmos as três datas disponíveis para a anta da Cabeçada verifica-se, de imediato, que a grande antiguidade da amostra nº2, ao situar-se em meados do sétimo milénio em datas calibradas e considerando a provável, mas não totalmente segura origem dos carvões, possivelmente oriundos das terras

removidas para abertura do alvéolo do esteio de cabeceira e que nivelavam parte da área da câmara, poderá datar uma já anterior ocupação do espaço no qual, posteriormente, seria construída a anta. Atendendo à grande antiguidade desta data poderá, tão só e apenas testemunhar qualquer incêndio ocorrido nesta região em épocas anteriores à construção do monumento funerário. A data resultante da amostra nº3, parece referir-se uma oferenda funerária, composta por landes torradas, que não corresponderá à fase inicial de utilização funcional do monumento. Pela posição relativa das landes, embora em terras pouco compactadas, parecem não ser contemporâneas dos primeiros depósitos funerários que se efectuaram neste monumento.

A data obtida para os carvões depositados no interior da pequena concavidade (amostra nº1), que se baliza entre os finais do segundo e inícios do terceiro milénio a.C., e atendendo aos sinais de grande revolvimento que caracterizavam os níveis superiores e à pouca compactação das terras que envolviam a matéria datada, poderá revelar uma deposição votiva na fase final de utilização do monumento.

A pouca distância para norte deste monumento localiza-se a anta da Figueira Branca. Na sondagem aberta no quadrante norte da mamoa, sob a carapaça lítica identificámos vestígios do que poderá ter sido uma lareira não estruturada. Assentando sobre o solão granítico, cinzas e alguns carvões testemunhavam restos de uma fogueira que viria a ser coberta e preservada pela mamoa deste monumento. Ainda que não possamos garantir que esta fogueira tenha sido acesa pelos construtores da anta durante a sua construção, a fraca espessura de terra que separava as pedras da mamoa dos carvões datados parece indiciar um afastamento temporal bastante curto entre as duas ocorrências. Não deixa, contudo, de ser problemática a data obtida através dos carvões submetidos a análise e que revelaram a idade de 6210 ± 50 BP (ICEN-823). Ao ser calibrada fazendo uso da curva de Stuiver e Pearson obtiveram-se os seguintes intervalos, respectivamente para um e dois sigmas, 5235-5085 e 5302-5007 cal AC. Em face

destas datas, que apontam para os inícios do sexto milénio em datas calibradas, a interpretação atrás apresentada parece perder consistência. Coloca-se, assim, de novo e mais uma vez, a hipótese do local de construção do espaço funerário assentar num espaço de *habitat* tradicional, ou, em alternativa, haverá que fazer recuar bastante o início do megalitismo.

Quer a data de meados do sétimo milénio obtida no interior da câmara da anta da Cabeçuda, quer a dos inícios do sexto milénio resultante dos carvões da base da mamoa da anta da Figueira Branca, afastam-se, claramente, de todas as outras datas já referidas, assim como das que se obtiveram na anta da Bola da Cera e na IV dos Coureiros.

Na anta da Bola da Cera ossos humanos queimados recolhidos no primeiro nível de depósitos funerários, praticamente sobre o solão de base, submetidos a análise forneceram a idade de 4360 ± 50 BP (ICEN-66). Calibrada esta data, utilizando-se para o efeito a curva de Stuiver e Pearson, obtiveram-se os seguintes intervalos, respectivamente, para um e dois sigmas: 3038-2916 e 3258-2900 cal AC. No mesmo contexto encontravam-se a placa de xisto de recorte antropomórfico (BC 179), quarenta e três contas de colar, oito pontas de seta de base convexa em sílex, uma lâmina não retocada (BC 88) e dois recipientes de cerâmica semi-esféricos (BC 84 e BC 82). No mesmo nível, mas já próximo do corredor, encontrava-se a grande placa de arenito com decoração antropomórfica (BC 44).

Datação muito semelhante forneceram os carvões recolhidos no corredor da anta IV dos Coureiros. Submetidos a análise obteve-se a idade de 4240 ± 150 BP (ICEN-976). Depois de calibrados pela curva anteriormente utilizada registaram-se os seguintes intervalos para um e dois sigmas e que são, respectivamente: 3021-2611 e 3335-2459 cal AC. Associavam-se aos carvões datados, que se encontravam na base do corredor, a placa de xisto de recorte e decoração geométricos CIV 54 e lâmina de sílex retocada CIV 45. Em terras

muito compactas e a noventa e seis centímetros de profundidade estes materiais poderão ser contemporâneos da primeira fase de utilização deste monumento, ou, pelo menos, da utilização do corredor também como espaço de tumulação.

2. RESUMINDO

As datas obtidas, quer para a anta da Bola da Cera, quer para a anta IV dos Coureleiros, ao situarem-se nos finais do terceiro e início do quarto milénio cal AC datarão, provavelmente, os primeiros níveis de utilização de ambos os monumentos. Embora próximas, geográfica e cronologicamente, estas antas distinguem-se em termos arquitectónicos. A anta IV dos Coureleiros inclui-se no grupo dos monumentos de corredor longo, podendo mesmo considerar-se muito longo, enquanto que a anta da Bola da Cera apresenta um corredor curto, com um comprimento inferior ao diâmetro da câmara. Observa-se ainda que os espólios votivos que aos materiais datados se associavam divergem em termos morfológicos. No contexto datado do monumento da Bola da Cera recolheu-se pelo menos uma placa de recorte antropomórfico, e a decoração, ainda que sumariamente esboçada, revela duas sobrelhas e um nariz. Se considerarmos ainda a possibilidade da grande placa de arenito com decoração realisticamente antropomórfica (BC 44) se encontrar no mesmo contexto desta datação, verificamos então que, em termos tipológicos, estas placas se afastam bastante da que se associava aos carvões com idade semelhante recolhidos em Coureleiros IV.

Em face dos elementos disponíveis, parece poder afirmar-se assim que, quer as placas de xisto e provavelmente também as de arenito de recorte e/ou decoração antropomórficos, quer as de xisto de recorte e decoração geométricos terão feito parte dos espólios funerários na mesma época, pelo menos na área da bacia do Sever. A semelhança das placas de arenito e xisto recolhidas nos monumentos da região do Tejo com as identificadas e datadas nos monumentos dos granitos reforça a proposta já defendida, quer por Primitiva Bueno Ramirez (Ramirez, 1988, 1990 e 1991), quer por nós (Oliveira, 1992 e 1993), da contemporaneidade de utilização dos monumentos simples de xisto com os de

câmara e corredor diferenciados em granito. Regista-se ainda a presença de lâminas retocadas e não retocadas em qualquer dos contextos.

Mais problemática parece ser a datação absoluta de outros materiais por dificilmente os poderemos considerar no mesmo contexto arqueológico. Para além das placas e da lâmina, dos dois recipientes semi-esféricos (BC 84 e BC 82), das pontas de seta de base convexa que conjuntamente com as contas de colar se associavam aos ossos submetidos a datação recolhidos na anta da Bola da Cera, outros materiais não deverão, por segurança, ser associados às datações obtidas.

Embora sem cronologias absolutas mas comparando os materiais exumados nos monumentos da região dos xistos com os recolhidos e parcialmente datados nas antas da região dos granitos, poderemos, provavelmente, confirmar o que já se definia no capítulo onde os espólios foram objecto de estudo, isto é, a provável utilização simultânea em determinado período de todos os espaços funerários da área em estudo. Esta contemporaneidade de utilização dos monumentos, provavelmente na fase final do megalitismo, não exclui a possibilidade de uma natural evolução, quer na arquitectura, quer no ritual megalítico desta região.

Se para os espaços funerários já se obtiveram algumas datas que nos possibilitam posicioná-los em termos de cronologias absolutas, no que se refere aos menires, as datas de radiocarbono até ao momento disponíveis para esta região apenas nos revelaram violações efectuadas durante a Idade Média. Contudo, pela sua localização espacial, técnicas de talhe, sistemas de fixação, espólios recolhidos, associação a habitats e sobretudo pelo seu envolvimento no ambiente cultural que propiciou a disposição dos sepulcros megalíticos no espaço em estudo, tudo aponta, ou para a sua coexistência, ou para contemporaneidade do levantamento de sepulcros e menires tendo em vista uma complementaridade funcional.

**DATAS a.C. DE AMOSTRAS RECOLHIDAS EM SEPULTURAS
MEGALÍTICAS DA BACIA HIDROGRÁFICA DO RIO SEVER**

MONUMENTO	AMOSTRA	ANOS BP	cal BC - 1 σ	cal BC - 2 σ
Anta da Bola da Cera ICEN 66	Ossos na base do monumento associados a placa de xisto.	4360 \pm 50	3038 - 2916	3258 - 2900
Anta da Cabeçuda amostra nº1 ICEN 977	Carvões no interior de concavidade na base da câmara associados a um machado.	3650 \pm 110	2178 - 1881	2328 - 1698
Anta da Cabeçuda amostra nº2 ICEN 978	Carvões na base da câmara sobre o solão granítico, juntos ao esteio de cabeceira.	7660 \pm 60	6477 - 6418	6593 - 6378
Anta da Cabeçuda amostra nº3 ICEN 979	Landes torradas sob os esteios da câmara em terras pouco compactas	3720 \pm 45	2185 - 2033	2274 - 1971
Anta IV dos Coureiros ICEN 976	Carvões na base do corredor associados a placa de xisto.	4240 \pm 150	3021 - 2611	3335 - 2459
Anta da Figueira Branca ICEN 823	Carvões em lareira não estruturada na base da mamoa	6210 \pm 50	5235 - 5085	5302 - 5007

Se no estado actual dos nossos conhecimentos não é possível, com segurança, precisar uma evolução na arquitectura megalítica na bacia do Sever, é constatável, contudo, uma longa utilização dos espaços funerários. Embora excluindo a data do sétimo milénio cal AC da anta da Cabeçuda e a do sexto cal AC da anta da Figueira Branca porque desconhecemos exactamente a que acontecimentos se referem, as outras datações disponíveis mostram-nos, dentro das margens de erro que a calibração prevê, utilizações desde a primeira metade do quarto milénio cal AC, na anta IV dos Coureiros e na Bola da Cera até aos inícios da segunda metade do segundo milénio cal AC.

Os prováveis mais de mil e quinhentos anos de utilização destes monumentos como espaços funerários poderão ser ainda um pouco alargados, quer pelo depósito funerário da Idade do Bronze Pleno (5) detectado no nível superior da anta da Bola da Cera, quer com os indícios de enterramentos durante o domínio romano no corredor da anta da Tapada de Matos (6).

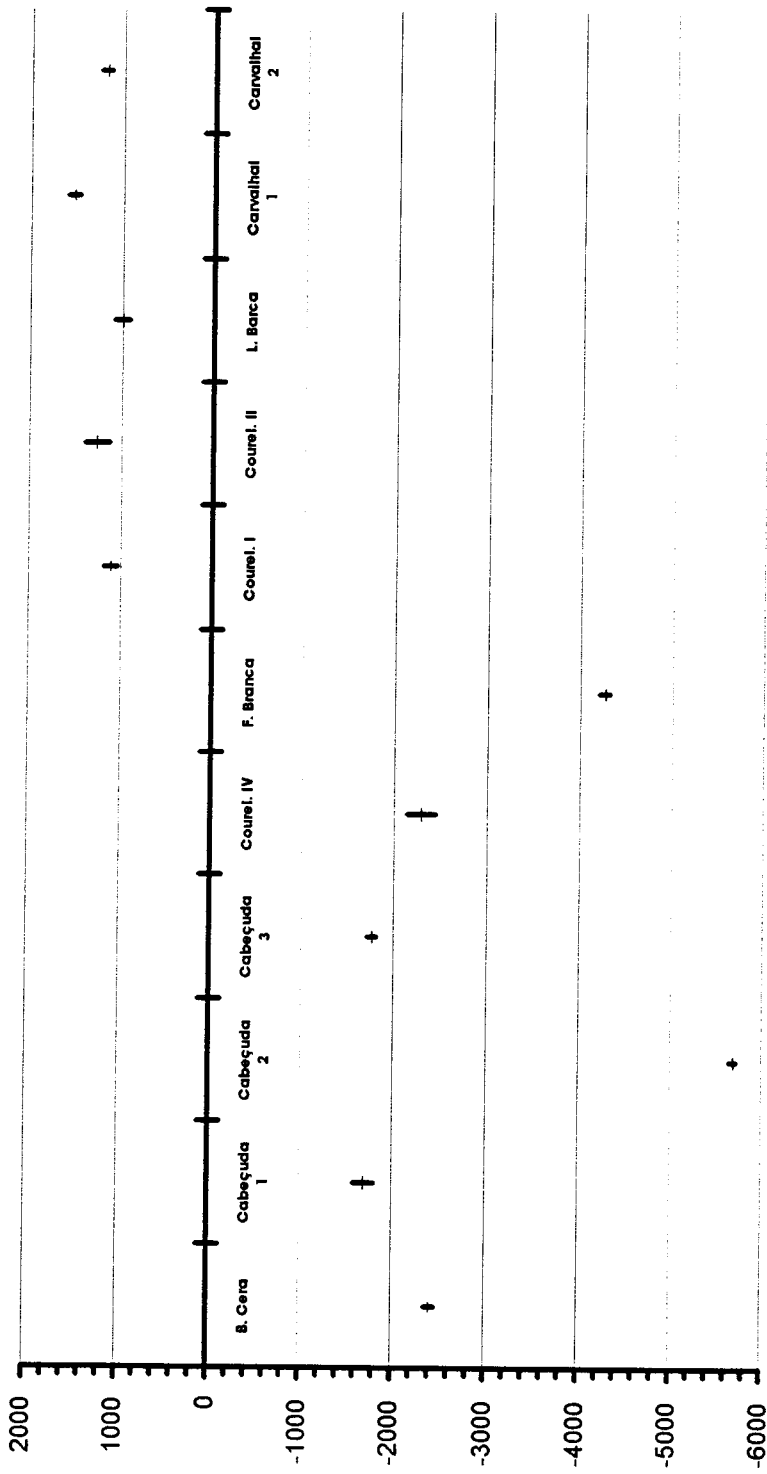
Pese embora a ausência de outras datas publicadas para a Pré-História Recente na área envolvente da bacia hidrográfica do Rio Sever (Nordeste Alentejano, margem direita do Tejo, e Noroeste da *Extremadura* espanhola), tomando como paralelo os estudos recentemente divulgados (M. Soares, 1993)(7), poderemos afirmar, ainda que baseados nas reduzidas datas disponíveis para a área em estudo, que os sepulcros megalíticos da bacia do Sever tiveram uma utilização preferencial nos finais do Neolítico e principalmente durante todo o Calcolítico, se considerarmos que "o *floruit* para o Calcolítico no Sul de Portugal terá ocorrido entre 3039 e 2610 cal AC" (M. Soares e Cabral, 1993:220).

NOTAS:

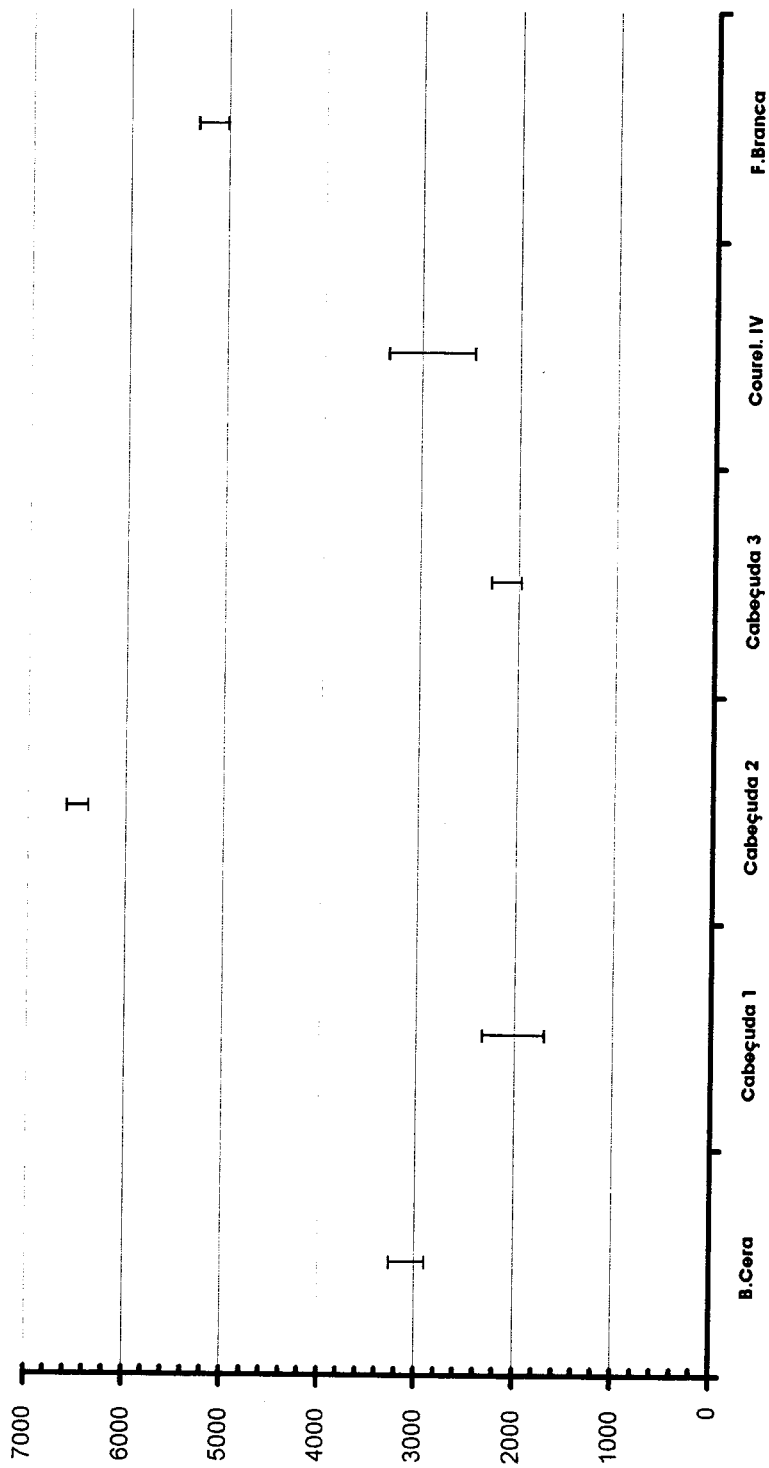
- (1) - Por insuficiência de meios socorremo-nos unicamente das bolsas atribuídas pelo IPPC/IPPAAR para datação por radiocarbono no Instituto de Ciências e Engenharia Nucleares. A indisponibilidade de verbas para a utilização de outros processos de datação inviabilizaram tal hipótese.
- (2) - Aguarda-se que o ICEN nos forneça os resultados da amostra de ossos humanos queimados recolhidos na câmara da anta das Castelhanas. Espera-se também que sejam abertas as candidaturas para bolsas de datação por radiocarbono para serem submetidos a análise os carvões recolhidos no interior do alvéolo do menir da Meada.
- (3) - Na anta da Fonte da Pipa recolheram-se 2,5 gramas de carvões que ainda não foram datados. Atendendo ao reduzido tamanho da amostra o ICEN aconselhou-nos a utilizar outro laboratório. Face à insuficiência de meios essa amostra aguarda datação.
- (4) - Segundo nos informaram no Monte do Carvalhal, nos Invernos mais rigorosos é tradição dos pastores acenderem diariamente uma fogueira para aquecerem a *bucha* junto ao menir na face virada a nascente. Os carvões por nós identificados localizavam-se na mesma face, embora em níveis não superficiais. As datas obtidas poderão testemunhar, assim, uma já secular tradição dos pastores se abrigarem junto a este grande monólito.
- (5) - Materiais cerâmicos recolhidos no depósito tardio da Bola da Cera inseríveis nas formas 24.1 e 24.2 da tipologia proposta por Senna-Martinez para a olaria do Bronze Pleno (Senna-Martinez, 1993, Est.II).
- (6) - Torna-se importante realçar a contínua e ininterrupta ocupação dos mesmos espaços. Exemplo interessante é a Tapada da Cabeçada, no concelho de Marvão.

Num dos pontos dominantes desta propriedade ergue-se o monumento megalítico. Na base da câmara os carvões recuam a ocupação deste local, pelo menos a meados do sétimo milénio cal AC. Durante o Neolítico médio/final e Calcolítico o monumento funerário é longamente utilizado. Os romanos estabelecem-se a menos de duzentos metros para sudeste da anta. Na Idade Média sobre o arruinado habitat romano elevam-se vários abrigos de falsa cúpula. Pelo século XVI constroi-se uma pequena habitação a menos de cem metros para nordeste do monumento megalítico. Nos anos quarenta do presente século durante uma trovoada a casa incendia-se provocando a morte de um pastor que no seu interior se abrigava. A casa é reconstruída e actualmente serve de palheiro e de residência temporária durante as fainas agrícolas mais prolongadas. Embora o monumento megalítico pudesse ter sido utilizado como fonte de matéria-prima para as construções que ao longo dos milénios a envolveram, a sua derrocada ficou unicamente a dever-se a um forte abalo sísmico que provocou a fractura de parte dos esteios da câmara junto à linha de terra.

(7) - Embora se trate de um "preprint", distribuído por Monge Soares aos participantes no 1º Simpósio - Transformação e Mudança, o 4º e o 3º milénios no Centro / Sul de Portugal, pela sua importância científica referimo-lo aqui, ainda que contrariando as indicações do seu autor.



DATAS BP (ANOS RADIOCARBONO) DAS AMOSTRAS RECOLHIDAS NOS MONUMENTOS MEGALÍTICOS DA BACIA HIDROGRÁFICA DO RIO SEVER



DATAS cal AC (2σ) DAS AMOSTRAS RECOLHIDAS NAS ANTAS DA BOLA DA CERA, CABEÇUDA, COURELEIROS IV E FIGUEIRA BRANCA

CONCLUSÃO

Ficou claro que na bacia hidrográfica do Rio Sever os monumentos megalíticos parecem organizar-se em dois grupos, separados por uma terra de ninguém. Dois ambientes, ainda que próximos, proporcionadores de recursos distintos, poderão ter justificado a emergência e desenvolvimentos de manifestações culturais diferentes.

Os recursos mais abundantes e diversificados que o patamar granítico envolvente da Serra de S. Mamede proporciona parecem ter contribuído para o maior investimento energético que possibilitou a construção dos grandes monumentos megalíticos que nesta região se conhecem. Por oposição, junto à foz do Sever, em terrenos de xistos, hoje maioritariamente esqueléticos, marcados por fortes declives, encontram-se os pequenos espaços funerários colectivos.

Se muitas semelhanças se verificam entre os dois grupos, no que às técnicas de construção diz respeito, grande disparidade se encontra na volumetria e na eleição dos espaços de construção. A norte os pequenos monumentos de xisto,

maioritariamente uniloculares, coroam as linhas de cumeada. A sul, monumentos de granito de câmara e corredor bem diferenciados, ou se escondem por entre os grandes afloramentos, ou se implantam em estreitos planaltos sobranceiros a linhas de água.

Implantados em terrenos de nula ou fraca aptidão agrícola, os construtores e utilizadores destes espaços funerários rejeitaram claramente os campos férteis e abertos de solos mais pesados que o Sever drena no sopé da grande serra, mas incompatíveis com a sua tecnologia agrícola. Ou nas linhas de cumeada nas imediações do Tejo, ou no patamar granítico delimitador da serra, os monumentos funerários foram implantados nas proximidades de estreitas áreas de solos de baixa, de textura ligeira ou mediana, ainda com alguma aptidão agrícola.

Se os construtores / utilizadores dos monumentos dos granitos poderão ter encontrado nos diversificados recursos cinegéticos que a serra lhes forneceria o equilíbrio para a sua economia deficitária, os dos xistos deverão ter procurado no rio Tejo o complemento nutritivo que a pastorícia e a agricultura em solos tão fracos não lhes facultaria. Somados à aridez dos terrenos e às elevadas amplitudes térmicas que se registam no território que separa os dois grupos megalíticos, a serra e o grande rio situados nos extremos opostos, parecem ter reforçado o afastamento das duas comunidades construtoras / utilizadoras dos monumentos megalíticos objecto deste estudo.

A grandiosidade arquitectónica dos monumentos do grupo do sul parece não resultar, unicamente, das potencialidades e facilidade de extracção oferecidas pelo granito, comparativamente ao xisto. A maior diversidade e riqueza de recursos que as comunidades da região dos granitos encontraram na sua área de exploração e a conseqüente acumulação de reservas parece reflectir-se nos elevados investimentos energéticos despendidos na construção dos grandes monumentos e na riqueza dos espólios funerários. Recordemos que o número médio de horas/homem de trabalho necessário à construção de um monumento de

granito sextuplica em relação ao necessário para a construção de um sepulcro da região dos xistos. Este investimento parece também decorrer, não só da capacidade de recrutamento de mão-de-obra necessária à construção dos grandes monumentos, mas também da existência de comunidades suficientemente numerosas, organizadas e coesas que pudessem disponibilizar esses obreiros. Estas condicionantes poderão, mais do que os prováveis afastamentos cronológicos, ou diferenças culturais, justificar a diversidade volumétrica e arquitectónica existente entre os dois grupos de monumentos estudados.

A sumptuosidade dos espólios recolhidos nos espaços funerários da região dos granitos contrasta com a simplicidade do mobiliário votivo dos monumentos dos xistos, reflectindo provavelmente, e mais uma vez, diferentes ambientes económicos.

A abundância de restos ósseos com vestígios de profundos traumatismos provocados, quer por objectos cortantes, quer por objectos perfurantes, encontrados nos monumentos funerários da região dos granitos parece testemunhar um ambiente de alguma conflitualidade. A disparidade económica constatada entre os dois grupos e a proximidade das respectivas áreas de exploração seriam naturais focos geradores de tensão entre as duas comunidades, o que de alguma forma explicará a presença de tão grande percentagem de indivíduos com sinais de morte violenta entre a elite que teve direito a repousar nestes espaços funerários. A maior parte dos traumatismos registam-se em ossos de adultos, mas não idosos, indiciando, mais uma vez, a possibilidade de se tratar de indivíduos ligados às lides bélicas. A presença de uma larga faixa de terra de ninguém, que isola os dois territórios, reforçada por uma inquestionável linha de menires, parece confirmar que, pelo menos durante algum tempo, terá existido um ambiente de grande tensão entre a comunidade da orla da floresta e a estabelecida na foz do Sever.

CONCLUSÃO

Embora pouco nos tivesse chegado sobre o ritual fúnebre do grupo megalítico da foz do Sever, tudo parece apontar para que a deposição no interior dos sepulcros fosse antecedida de uma prévia preparação dos cadáveres. O reduzido espaço funcional e a presença de elementos indiciadores de vários depósitos apontam para a possibilidade destes pequenos monumentos terem funcionado apenas como ossários.

A provável singularidade do ritual de enterramento entre os membros da comunidade estabelecida nas margens do Tejo, que parece reflectir, mais uma vez, uma economia algo deficitária, opõe-se aos diversificados, complexos e sumptuosos rituais funerários identificados no interior dos monumentos levantados pela comunidade estabelecida na orla da floresta, detentora de maiores recursos. Enquanto que os sepulcros da foz do Sever nos indiciam uma cremação prévia, provavelmente total, dos cadáveres, em conjunto com os materiais votivos, na zona dos granitos identificaram-se diferentes rituais. Enterramento directo do cadáver, enterramento com cremação parcial no interior do sepulcro, raspagem e cremação, provavelmente efectuada no exterior, raspagem e abertura dos ossos longos, cremação total no exterior e depósito de bolsas contendo as cinzas e pequenas esquirolas, de todos estes rituais encontramos exemplos. Junto aos restos humanos alguns materiais votivos mostram ter sofrido altas temperaturas indiciando também a sua conjunta cremação.

Se parece consensual que nem todos os membros da comunidade deveriam ter direito a repousar nestes espaços funerários, pelos restos ósseos identificados sabemos que a idade e provavelmente o sexo não eram factores de exclusão. Ossos de crianças, de jovens, de adultos, de velhos e com grande probabilidade de ambos os sexos, foram encontrados no interior dos espaços funerários situados no patamar granítico.

Embora sem suficientes datações absolutas que nos confirmem a sua contemporaneidade, verificou-se que numa provável necrópole (Coureleiros) onde

coexistem monumentos com corredor longo a par de sepulcros de corredor curto, a frequência relativa de todos os artefactos nos mais complexos e a total ausência de alguns espólios nos sepulcros de menores dimensões, bem como a notória riqueza artefactual dos recolhidos nos primeiros, poderão indiciar alguma provável diferenciação entre os tumulados nos dois diferentes tipos de monumentos.

Ainda que na provável necrópole dos Coureiros seja notória alguma diferença entre os espólios recolhidos nos monumentos de corredor longo e nos de corredor curto, ao observarmos todo o universo artefactual disponível para a área em estudo, essas diferenças não são tão claramente isoláveis. A continuada e simultânea utilização da maior parte dos sepulcros não possibilita uma segura correspondência de materiais para cada um dos tipos.

A ausência de cerâmicas, a raridade de placas de xisto, a grande frequência de machados de secção quadrangular e rectangular, a pobreza, quer em número, quer em qualidade, de todos os outros artefactos, caracterizam os espólios recolhidos nos monumentos da região dos xistos.

Nos monumentos da região dos granitos verifica-se uma maior concentração de taças carenadas nos sepulcros de corredor longo, enquanto que as cerâmicas decoradas com mamilos são quase exclusivas dos de menores dimensões. A presença de praticamente todas as formas cerâmicas nos túmulos de corredor longo, algumas decoradas, contrasta com as monótonas séries de taças lisas em calote de esfera que dominam percentualmente nos espólios cerâmicos das antas de corredor curto.

As placas de arenito ou micaxisto, com ou sem atributos antropomórficos e as placas de xisto de decoração geométrica ou antropomórfica, que caracterizam os monumentos de corredor curto, divergem, nos monumentos de maiores dimensões, da maior frequência de placas de xisto com decoração geométrica e da quase ausência das de arenito e micaxisto.

O reduzido número de machados e enxós identificados nos monumentos de corredor longo e a abundância de pontas de seta provenientes das antas de corredor curto são outras das características que foi possível isolar. As pontas de seta de base côncava e as grandes dimensões das lâminas, maioritariamente de secção trapezoidal, ainda que raramente retocadas, parecem ser atributos, quase exclusivos, dos monumentos de corredor mais alongado.

Proporcionalmente ao número e peças recolhidas em cada um dos tipos de monumentos, os geométricos são mais frequentes nos sepulcros de corredor curto, onde dominam os trapézios rectângulos. Também foi nestes monumentos que se recolheu a maior parte dos báculos e dos elementos de farinação que, maioritariamente fracturados, parecem testemunhar qualquer acto ritual.

A pouco evidente separação das características artefactuais existente entre os vários tipos de monumentos parece resultar da sua longevidade funcional que, na fase final do megalitismo, se deverá ter traduzido na utilização simultânea de todos os espaços funerários, ainda que provavelmente para fins diversos. Esta simultaneidade de utilizações não implica uma geral contemporaneidade de construções. Ainda que na ausência de datas absolutas que com segurança nos localizem a edificação dos diferentes tipos de monumentos, parece esboçar-se, quer pelos espólios, quer pelas estruturas arquitectónicas, uma anterioridade dos monumentos de corredor curto em relação aos que apresentam uma galeria mais alongada e paralelamente maiores dimensões de todos os seus elementos constituintes.

As datas absolutas disponíveis reportam-se, naturalmente, a ocorrências verificadas no interior do monumento megalítico ou a episódios anteriores à sua construção. Os materiais datáveis recolhidos dentro do espaço funerário referem-se a situações precisas, por vezes de difícil contextualização, que nos podem localizar cronologicamente um dado momento dentro da longa história destas edificações. As datas obtidas sobre as amostras identificadas na base das mamoas, ou no solão

dos espaços funerários apenas nos posicionam numa época anterior à construção do monumento e que de modo algum, com segurança, nos garantem a data da sua fundação. As datas obtidas para os carvões recolhidos numa lareira não estruturada identificada na base da mamoa da anta da Figueira Branca, ou os carvões recolhidos na base da câmara da anta da Cabeçuda, respectivamente 6210 ± 50 BP e 7660 ± 60 BP, apenas poderão reforçar ainda mais as já abundantes evidências que apontam para que a edificação de grande número de sepulcros megalíticos tenha ocorrido sobre espaços já anteriormente humanizados. Esta afirmação parece poder sustentar-se ainda, para a área em estudo, no fundo de cabana identificado na base da mamoa da anta da Huerta de las Monjas, nas cerâmicas, elementos de mó e fogueira registados na base da mamoa da anta da Figueira Branca, nos elementos de mó, alguns de grandes dimensões recolhidos sob as coberturas pétreas das mamoas das antas das Castelhanas, Porto Aivado, Coureleiros II, Lomba da Barca e Cabeçuda, bem como interessante fundo de silo que recentemente se identificou no corredor do grande monumento da Tapada de Matos.

O levantamento destes multifuncionais monumentos de características funerárias poderá ter sido uma forma clara de marcar a apropriação de um local e respectivo território de exploração, já tradicionalmente ocupado pelos seus antepassados. Mais do que simples espaços de enterramento, eles foram palco de variadas e diversas cerimónias onde a coesão de um grupo em torno dos restos dos seus antepassados parece ter sido repetidamente reforçada. A continuada utilização, como espaços fúnebres, ou não, está bem testemunhada nos diferentes estratos identificados nas antas da Bola da Cera, S.Gens II, Castelhanas, Cabeçuda, Lanchas I e Monjas.

Pelas datas já disponíveis e dentro das margens de erro que a calibração prevê, conhecem-se utilizações nos monumentos megalíticos da região dos granitos desde a primeira metade do quarto milénio cal AC, na anta IV dos Coureleiros e na anta da Bola da Cera, até aos inícios da segunda metade do

segundo milénio cal AC, em duas amostras da anta da Cabeçuda. Os mais de mil e quinhentos anos que os extremos destas datas nos apontam, mesmo sem considerarmos os valores de meados do sétimo milénio e meados do sexto cal AC, obtidos respectivamente para as amostras recolhidas nas antas da Cabeçuda e Figueira Branca, testemunham uma longa duração do megalitismo nesta região que, numa fase mais tardia, poderá já não ter gerado a construção destes espaços funerários, mas tão só a utilização dos existentes.

É, contudo, entre os meados do terceiro e os inícios do quarto milénios cal AC que se situa a maior concentração de episódios datados ocorridos no interior destes espaços funerários. Se considerarmos que o *fluorit* para o Calcolítico do Sul de Portugal terá ocorrido entre 3113 e 2635 cal AC (Soares, 1993:11), parece então que os monumentos megalíticos da bacia do Sever foram palco de importantes cerimónias fúnebres na mesma altura em que o Calcolítico atingia o seu apogeu, pelo menos artefactual, nos povoados situados duas centenas de quilómetros mais a sul.

A ausência de artefactos metálicos e outros directamente relacionáveis com os níveis calcolíticos no interior dos espaços funerários estudados parece evidenciar um notório isolamento da bacia do Sever em relação às comunidades estabelecidas mais a sul ou às das bacias terminais do Tejo e Sado que, pela mesma altura, já eram portadoras de outras manifestações culturais intimamente relacionadas com a mineração

O isolamento da bacia do Sever, encaixada na Serra de S.Mamede, dificultaria os contactos com o exterior às comunidades aqui estabelecidas, justificando-se, assim, provavelmente, a grande duração das suas tradições. O rio Tejo onde o Sever desagua deverá ter funcionado, desde épocas muito recuadas, como meio de comunicação com as comunidades da Estremadura. Contudo, os mais de duzentos e vinte quilómetros que seria necessário percorrer entre o estuário do Tejo e a foz do Sever deverão ter atrasado e inviabilizado influxos culturais que já se vinham verificando noutras regiões menos recônditas.

Se o Rio Tejo e a Serra de S.Mamede parecem ter sido factores propiciadores do afastamento de duas comunidades, já o Rio Sever promoveu a convergência das populações. No patamar granítico é notória a continuidade cultural nas duas margens do Sever, o mesmo acontecendo junto à sua foz. A mancha megalítica dos granitos que se vem desenvolvendo desde as já afastadas terras de Albuquerque, mantém-se e reforça-se desde San Vicente em direcção a Valência de Alcântara, prolongando-se ininterruptamente pelos concelhos de Marvão e Castelo de Vide. Começa então a alterar as suas características já nos terrenos mais aplanados que se abrem a sul de Alpalhão, dando ligação aos grandes monumentos funerários que caracterizam a região do Crato e Alter do Chão e indo ligar-se aos grupos de Avis e Pavia, onde o megalitismo apresenta outras particularidades.

A norte, em região de xistos mais mal conhecida, é contudo evidente, sobretudo após o levantamento por nós efectuado nos termos de Cedillo e Herrera de Alcântara, que a mancha megalítica que desde as terras da Amieira do Tejo se começa a esboçar, aumenta gradualmente de densidade pela região da Salavessa, prolongando-se e reforçando-se na foz do Sever, quer em terras de Montalvão, quer nas de Cedillo. Já para o interior de Espanha a continuidade está confirmada, ainda que provavelmente em menor número na zona norte do termo de Herrera e Santiago de Alcântara, indo ligar-se à mancha megalítica de Alcântara e Brozas.

Esta continuidade cultural perfeitamente detectável nos terceiro e quarto milénios a.C entre a região de Cedillo e Montalvão, junto à foz, e entre Marvão e Valência de Alcântara, a meio curso do Rio Sever, mantém-se hoje bem viva, embora seccionada por uma fronteira política. Expressa-se, ainda nos nossos dias, embora falando a mesma língua, o afastamento cultural existente entre as gentes de Cedillo e Valência de Alcântara em território espanhol e as populações de Marvão e Castelo de Vide com as de Montalvão em território português, todas na área de influência do rio Sever.

Na continuidade do presente estudo, que a par das poucas certezas que nos facultou, serviu, sobretudo, para perspectivar novas pistas de investigação, importará dar seguimento às prospecções sistemáticas para além da bacia hidrográfica do Sever. Cartografar a continuidade das duas manchas de sepulturas megalíticas e da provável linha de menires, mas sobretudo confirmar nos espaços adjacentes a existência de territórios eliminadores de tensões será tarefa fundamental para uma melhor compreensão da estratégia de ocupação do espaço pelos construtores e utilizadores de monumentos megalíticos.

Ao promover-se o salvamento e estudo sistemático de todos os monumentos megalíticos destruídos ou afectados pela primeira vaga de plantação de eucaliptos, a norte de Montalvão, poderão vir a obter-se ainda elementos fundamentais que nos possibilitem resolver problemas tão importantes como a identificação de variedades arquitectónicas, amostras para datação absoluta e sobretudo compreender a sua mais que provável relação com a arte rupestre do vale do Tejo.

Alargar a área sondada nas mamoas bem conservadas, sobretudo no patamar dos granitos, especialmente na anta da Figueira Branca, Tapada de Matos e Huerta de las Monjas que já evidenciaram nítidos sinais de ocupações anteriores à construção dos espaços funerários, poderá fornecer elementos decisivos para a compreensão das origens do próprio megalitismo.

Conhecido o espaço dos mortos é fundamental identificar e estudar o dos vivos. O incomparavelmente menor número de estruturas de habitat conhecidos nesta região quando comparado com o número de espaços funerários parece mais uma vez evidenciar uma grande preocupação com a morte a par da fragilidade das casas dos vivos, transparecendo a existência de uma sedentarização ainda não totalmente efectiva. Sondar ou estudar habitats já localizados como os de Vidais, Batão, Castelo Velho, Fajã, Nossa Senhora dos Remédios, Penha, Pombais e Sesmos poderá fornecer dados que os relacionem directamente com os monumentos megalíticos.

CONCLUSÃO

Alargar o estudo comparativo dos monumentos megalíticos com os localizados na Beira Baixa e Meseta Espanhola, bem como aos conjuntos já suficientemente sistematizados do Alentejo e *Extremadura* centrais, tentando compreender o posicionamento dos da bacia do Sever no circuito das tão problemáticas rotas de transumância, poderá ser outra das linhas de investigação a desenvolver.

Se no âmbito científico diversas pistas de investigação emergem do presente estudo, importa-nos destacar a urgente necessidade de se promoverem campanhas sistemáticas de consolidação e recuperação deste importante património onde alicerçámos o presente trabalho.

BIBLIOGRAFIA

BIBLIOGRAFIA

NOTA:

Na lista bibliográfica que a seguir se apresenta incluem-se os principais livros ou artigos de que nos socorremos na elaboração do nosso estudo. Não se trata, portanto, de uma bibliografia exaustiva. Face a grande diversidade de metodologias propostas para a apresentação da bibliografia optámos pela que Umberto Eco (Eco, 1991) considerou mais aconselhável para o sistema autor-data, devidamente adaptada à Norma Portuguesa em vigor e aos particularismos de vários estudos.

- ABERG, N. (1921)

La Civilisation Énéolithique dans la Péninsule Ibérique, Uppsala.

- ACOSTA, P. (1984)

El Arte Rupestre Esquemático Ibéricos: problemas de cronologia preliminares, *Scripta Praehistoria* (Francisco Jorda Oblata), Salamanca.

- ALLAN, J.C. (1965)

A Mineração em Portugal na Antiguidade , *Boletim de Minas*, Vol.II, nº3.

- ALMAGRO BASCH, M. (1959)

Excavaciones en el sepulcro de corredor megalítico de Lácara, Mérida (Badajóz), *Revista de Estudios Extremeños*, XV.

- Idem (1962)

Megalitos en Extremadura I y II , *Excavaciones Arqueológicas en España*, Nº. 3 e 4, Madrid.

BIBLIOGRAFIA

- ALMAGRO, M. e ARRIBAS, A. (1963)
El Poblado y la Necrópolis Megalíticas de los Millares, C.S.I.C., Bibliotheca Praehistorica Hispana, Madrid.

- ALONSO ROMERO, F e outros (1993)
Análisis de la Orientación de los corredores de algunos sepulcros megalíticos en la zona noroccidental de Península Ibérica , *Mediterráneo*, nº2, Instituto Mediterráneo, Lisboa.

- ARAÚJO, Ana Cristina *et alii* (1993)
Gruta do Escoural - A necrópole neolítica , *in Actas do 1º Congresso de Arqueologia Peninsular, Trabalhos de Antropologia e Etnologia*, Vol.33 (3-4), Porto.

- ARNAL, Jean *et alii* (1962)
A propósito das placas de xisto gravadas do sul da Península Ibérica , *Revista de Guimarães*, Vol. LXXII, Guimarães.

- ARNAUD, J.Morais (1971)
Os povoados neo-eneolíticos de Famão e Aboboreira (Ciladas, Vila Viçosa). Notícia preliminar, *in Actas do IIº Congresso Nacional de Arqueologia, I*, Coimbra.

- Idem (1978)
O Megalitismo em Portugal: problemas e perspectivas *in Actas das IIIas. Jornadas Arqueológicas*, Vol.I, Lisboa.

- Idem (1993)
O Mesolítico e a Neolitização. Balanço e perspectivas, *in O Quaternário em Portugal Balanço e Perspectivas*, Edições Colibri, Lisboa.

- ARNAUD, J. M. e GAMITO, T.J. (1978)
O povoado calcolítico de Alcalar - notícia da sua identificação, *Anais do Município de Faro*, 8, Faro.

- ARRAIS, D. Fr. Amador (1589)
Diálogos, Lello & Irmão, (reedição de 1974), Porto.

BIBLIOGRAFIA

- ARRIBAS, A. e MOLINA, F. (1984)
Estado Actual de la investigación del Megalitismo en la Península Ibérica, *Scripta Praehistorica* (Francisco Jorda-Oblata), Salamanca.

- ARRUDA, Ana Margarida e CATARINO, Helena (1981)
Nota acerca de alguns materiais da II Idade do Ferro do complexo arqueológico dos Vidais (Marvão), *CLIO*, vol. 3, INIC, Lisboa.

- BACHAREL, Luis (1992)
Clima e Vegetação na Serra de S.Mamede nos séculos XVI e XVII, *Ibn Maruán* nº2, Câmara Municipal de Marvão, Portalegre.

- BALESTEROS, Carmen e OLIVEIRA, Jorge (1993)
A Judiaria e a Sinagoga de Castelo de Vide - Elementos para o seu Estudo, *Ibn Maruán* nº3, Câmara Municipal de Marvão, Portalegre.

- Idem (1994)
A Judiaria de Castelo de Vide e as Muralhas da Religião, *Actas do V Encontro de Monsaraz*, Monsaraz.

- BALFET, H. (1972)
Terminologie de la Céramie in *La Préhistoire*, (ed. A.L.-Gourhan) P.U.F., Paris.

- BALFET, H. *et alii* (1983)
Pour la Normalisation de la Description des Poteries, C.N.R.S., Paris.

- BAPTISTA, A. Martinho (1981)
A Rocha F-155 e a Origem da Arte do Vale do Tejo, G.E.A.P., Monografias Arqueológicas 1, Porto.

- BARATA, J.Pedro Martins (1965)
O Menir da Meada, *Ethnos*, 4, Lisboa.

- BARRANTES, V. (1865)
Catálogo razonado y crítico de los libros, memorias y papeles que tratan de las provincias de Extremadura, Madrid.

BIBLIOGRAFIA

- Idem (1875)

Aparato bibliográfico para la historia de Extremadura, Madrid. (reedición de 1977), Badajoz.

- BASSO, Júlio (1911)

Antas nos concelhos do Crato, Nisa e Castelo de Vide, *O Archeólogo Português*, vol I, Lisboa.

- BAPTISTA, A.M. *et alii* (1974)

O Complexo da arte rupestre do Tejo - processos de levantamento, *Actas do III Congresso Nacional de Arqueologia*, Porto.

- BATISTA, J. (1983)

Subsídios para o Estudo do Megalitismo da Beira Baixa - A Anta da Urgueira, I.P.P.C., Museu Tavares Proença Junior, Castelo Branco.

- BATISTA, J. e LEITÃO, M (1980)

Um Monumento Dolménico nas Naves (Montalvão-Nisa), *Estudos de Castelo Branco*, nº5, Nova Série, Castelo Branco.

- BEIRÃO, C. de Mello e SILVA, C. Tavares da (1978)

O Monumento Megalítico II de Fernão Vaz (Ourique), *Setúbal Arqueológica*, IV, Setúbal.

-BEIRÃO, Caetano de Mello (1987)

Actividade do Serviço Regional de Arqueologia do Sul no Nordeste Alentejano, in *Actas das Primeiras Jornadas de Arqueologia do Nordeste Alentejano 85*, Comissão Regional de Turismo de S. Mamede e Câmara Municipal de Castelo de Vide.

- BELLO DIEGUEZ, J. M. *et alii* (1983/84)

Medio Físico y Sociedades Megalíticas. Aproximación a los Problemas Constructivos de los Megalitos en el NW Peninsular, *Gallaecia*, nº7/8, Universidad de Santiago de Compostela.

BIBLIOGRAFIA

- BELLO DIEGUEZ, J.M. (1984)
Megalitismo e medio geológico en el Noroeste Peninsular, *Revista de Guimarães*, XCIV, Guimarães.

- BEJARANO, F (1993)
Guía del Conjunto Megalítico de Valencia de Alcántara, Ilustrísimo Ayuntamiento de Valencia de Alcántara.

- BENDER, B. (1977)
Farming in Prehistory - from Hunter-Gatherer to Food-Producer, John Baker, London (2ª Edition).

- BERGES, M. (1959)
Megalitismo en Extremadura, Tesis de Licenciatura, Universidad Complutense, Madrid.

- BERHMANN, R. B. e RAMÍREZ, P. B. (1989)
Arte Megalítico en el Suroeste: El Grabado del Dolmen de Huerta de las Monjas (Valencia de Alcantara), in *XIX Congreso Nacional de Arqueología*, 1987, Castellón de la Plana.

- Idem (1988)
La Ocupación Calcolítica del Poblado de El Jardinero (Valencia de Alcantara) Cáceres, *Publicaciones de la Junta de Extremadura*. Cáceres.

- Idem (1991)
El Proyecto Arqueológico 2Valencia de Alcántara: El Jardinero y Yacimientos Megalíticos de la Comarca de Valencia de Alcántara (Cáceres), in *I Jornadas de Prehistoria y Arqueología en Extremadura (1986-1990)*, Extremadura Arqueológica, II, Mérida - Cáceres.

- BINFORD, Lewis R. (1972)
An Archaeological Perspective, Seminar Press, New York.

- Idem (1991)
Em Busca do Passado, Publicações Europa-América, Mem-Martins.

BIBLIOGRAFIA

- BOSCH-GIMPERA, P. (1966)
Cultura megalítica portuguesa y culturas españolas, *Revista de Guimarães*, Vol.LXXVI. Guimarães.
- BRÉZILLON, M.N. (1971)
La Dénomination des Objets de Pierre Taillée. Matériaux pour un Vocabulaire des Préhistoriens de Langue Française, C.N.R.C., Suppl. *Gallia Préhistoire* (2^a ed.), Paris.
- CAEIRO, J. (1991)
In Memoriam de Jorge Pinho Monteiro I *in Anais da Universidade de Évora* (1), Universidade de Évora, Évora.
- Idem (1993)
In Memoriam de Jorge Pinho Monteiro II *in Anais da Universidade de Évora* (3), Universidade de Évora, Évora.
- CANINAS, J.C. Pires e HENRIQUES, F.J. (1985)
Testemunhos do Neolítico e do Calcolítico no Concelho de Nisa, in *Actas das Ias. Jornadas de Arqueologia do Nordeste Alentejano*, Comissão Regional de Turismo e Câmara Municipal de Castelo de Vide, Portalegre.
- Idem, (1987)
Megalitismo de Vila Velha de Ródão e Nisa, in *Arqueologia no Vale do Tejo*, I.P.P.C., Lisboa.
- CARA BARRIONUEVO, L e RODRIGUEZ, J. M. (1984)
Análisis de distribución espacial de las comunidades megalíticas en el valle del río Andarax (Almeria) *in Coloquio de Teruel*, 3, Teruel.
- CARBALLO, Gonzalo Muñoz (1983)
Menhires de Valencia de Alcántara, *Boletín de la Asociación Española de Amigos de la Arqueología*, nº17, Junio, Madrid.
- CABRERO, Rosario (1978)
El Conjunto Megalítico de los Gabrieles, *Huelva Arqueológica IV*, Huelva.

BIBLIOGRAFIA

- CARDOZO, J. Luis (1980)
O povoado pré-histórico de Leceia, *Revista de Guimarães*, XC, Guimarães.
- Idem (1981)
O povoado pré-histórico de Leceia - Lisboa- Portugal, estudo da colecção do escultor Alvaro de Brée, *Revista de Guimarães*, XCI, Guimarães.
- CARTAILHAC, E. (1886)
Les Âges Préhistoriques de l' Espagne et du Portugal, Reinwald Librairie, Paris.
- CASTRO, L. de A. *et alii* (1957)
O dólmen pintado de Antelas (Oliveira de Frades), *Comunicação dos Serviços Geológicos de Portugal*, XXXVIII, S.G.P., Lisboa.
- CHAPMAN, R. (1979)
Transhumance and megalithic tombs in Iberia , *Antiquity*, LII, London.
- Idem (1981)
The emergence of formal disposal areas and the problem of megalithic tombs in prehistoric Europe, *in The Archaeology of Death*, Cambridge University Press, Cambridge.
- Idem (1983)
The Megalithic Tombs of Iberia, *in The Megalithic Monuments o Western Europe*, Thames and Hudson, London.
- CLARKE, D.L. (1977)
Spatial information in Archaeology, *in Spatial Archaeology*, Academic Press, London.
- COELHO, Possidónio M. Laranjo (1924)
Terras de Odiana - Subsídios para a sua História documentada - Medobriga . Ammaia . Aramenha . Marvão, Imprensa da Universidade de Coimbra, Coimbra (2ª. Edição editada em 1988 pelas Câmaras Municipais de Castelo de Vide e Marvão).

BIBLIOGRAFIA

- Idem, (1916)
O Castelo e Fortaleza de Marvão, os seus Alcaides-Mores e Principais Governadores, Tipografia Adolfo Mendonça, Lisboa.
- Idem, (1946)
Marvão - Elucidário Breve de uma visita a esta vila, Sociedade Astória, Lisboa.
- COHEN, M. Nathan (1987)
La crisis alimentaria de la prehistoria, Alianza Universidad, Madrid (1ª ed. 1977).
- COLES, John (1977)
Arqueologia Experimental, Livraria Bertrand, Lisboa (1ª ed. 1973).
- COMISSÃO NACIONAL DO AMBIENTE (1983)
Carta Litológica - Notícia Explicativa, Atlas do Ambiente, Lisboa.
- Idem (1984)
Temperatura - Notícia Explicativa, Atlas do Ambiente, Lisboa.
- Idem (1984)
Precipitação - Notícia Explicativa, Atlas do Ambiente, Lisboa, 1984.
- Idem (1985 a)
Intensidade Sísmica - Notícia Explicativa, Atlas do Ambiente, Lisboa.
- Idem (1985 b)
Carta Agrícola e Florestal - Notícia Explicativa, Atlas do Ambiente, Lisboa.
- Idem (1985 c)
Humidade do Ar - Notícia Explicativa, Atlas do Ambiente, Lisboa.
- Idem (1986)
Geada - Notícia Explicativa, Atlas do Ambiente, Lisboa.
- Idem (1987)
Carta Geológica - Notícia Explicativa, Atlas do Ambiente, Lisboa.

BIBLIOGRAFIA

- Idem (1987)
Insolação- Notícia Explicativa, Atlas do Ambiente, Lisboa.
- Idem (1988)
Radiação Solar - Notícia Explicativa, Atlas do Ambiente, Lisboa.
- Idem (1990)
Vento - Notícia Explicativa, Atlas do Ambiente, Lisboa.
- COSTA, Fr. Bernardo da (1771)
Historia da Militar Ordem de Nosso Senhor Jesus Christo dedicada a El-Rey D.Joseph I Nosso Senhor, Coimbra.
- COSTA, F. A. Pereira da (1867)
Objects préhistoriques du Portugal in *Congres International d'Antropologie et d'Archeologie Préhistorique*, 2º, *Compte Rendu*, C.Reinwald, Paris.
- Idem (1868)
Monumentos Prehistóricos Descrição de Alguns Dolmins ou Antas de Portugal..., Typographia da Academia Real das Sciencias, Lisboa.
- CRIADO BOADO, F. *et alii* (1986)
La Construcción del Paisaje: Megalitismo y Ecologia. Sierra de Barbanza, Xunta de Galicia, D.X.P.A.M., Santiago.
- CRUZ, D.J. (1983)
Escavação da mamoa 1 da Chã de Carvalhal - Serra da Aboboreira (Concelho de Marco de Canavezes), *Arqueologia*, nº7, Porto.
- Idem (1988)
O Megalitismo no norte de Portugal in *Actas do Colóquio de Arqueologia do Noroeste Peninsular*, Porto.
- CRUZ, D.J. e VILAÇA, R. (1990 a)
Trabalhos de Escavação e restauro no Dólmen 1 do Carapito (Aguiar da Beira, Dist. da Guarda) resultados preliminares, *Trabalhos do Instituto de Antropologia*, nº45, Porto.

BIBLIOGRAFIA

- idem, (1990 b)
A Casa da Orca da Cunha-Baixa (Mangualde), Câmara Municipal de Mangualde.

- DANIEL, G. (1958)
The Megalith Builders of Western Europe, Hutchinson, London.

- DAVIDSON, I e BAILEY, G.N. (1984)
Los yacimientos, sus territorios y la topografía, *Boletín del Museo Arqueológico Nacional*, T. II, Madrid.

- DIAS, Ana Carvalho e OLIVEIRA, Jorge Manuel, (1981)
Monumentos Megalíticos do Concelho de Marvão, Assembléia Distrital de Portalegre, Portalegre.

- DIAS, J.M. Alveirinho (1973)
Carta Geológica de Portugal - Notícia Explicativa da Folha 29-A - Retorta, Serviços Geológicos, Lisboa.

- DIEGUEZ LUENGO, Elias (1965)
Nuevas Aportaciones a la prehistoria de Extremadura, *Zephyrus*, XVI, Universidad de Salamanca, Salamanca.

- idem (1976)
Los Dolmenes de Valencia de Alcántara, in *V Congreso de Estudios Extremeños*, Badajoz.

- ECO, Umberto (1991)
Como se faz uma tese em Ciências Humanas, Editorial Presença, Lisboa.

- EOGAN, G. (1990)
Irish Megalithic Tombs and Iberia. Comparasions and Contrasts, in *Probleme der Megalithgraberforschung, vortrage zum 100. Geburtstag von Vera Leiser*, Deutsches Archaeologisches Institut Abteilung Madrid, Walter de Gruyter, Berlin, New York.

- FÁBREGAS VALCARCE, R. (1981)
La industria de piedra pulida en las sepulturas megalíticas de Galicia, *Trabajos de Prehistoria*, nº41, Madrid.

BIBLIOGRAFIA

- FEIO, Mariano e ALMEIDA, Graça (1980)
A Serra de S. Mamede Estudo de Geomorfologia, (Separata de) Finisterra, Revista Portuguesa de Geografia, Vol.XV, Lisboa.

- FERNANDES, A. Peinador e PERDIGÃO, J. Correia (1973)
Carta Geológica de Portugal - Notícia Explicativa da Folha 28-D - Castelo de Vide, Serviços Geológicos, Lisboa.

- FERNANDES, Isabel Cristina (1987)
Espólio da Necrópole dos Pombais (I), in *Actas das 1^{as} Jornadas de Arqueologia do Nordeste Alentejano 85*, Comissão Regional de Turismo, Portalegre.

- FERNANDEZ, Oriol M. i (1993)
Antropologia Y ritual funerario en la Catalunya del IV^o al II^o milenio a.C. in *Actas do 1^o Congresso de Arqueologia Peninsular*, vol.II, *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*, Vol. 33 (3-4), Porto.

- FERREIRA, A.Ribeiro *et alii* (1961)
Monumentos megalíticos de Trigache e de A-da-Beja, *Comunicações dos Serviços Geológicos de Portugal*, Tomo XLV, D.G.M.S.G., Lisboa.

- FERREIRA, O da V. e CAVACO, A. Rodrigues (1956)
O monumento pré-histórico do Lousal (Grândola), *Comunicações dos Serviços Geológicos de Portugal*, Tomo XXXIII, D.G.M.S.G., Lisboa.

- FERREIRA, O. da Veiga *et alii* (1975)
Le monument mégalithique de Pedra Branca de Montum (Melides), *Comunicações dos Serviços Geológicos de Portugal*, N^o LIX, Lisboa.

- FERREIRA, O da Veiga e LEITÃO, M. (s/d)
Portugal Pré-Histórico: seu Enquadramento no Mediterrâneo, Publicações Europa-América, Lisboa.

- FRÉDRÉRIC, Louis (1980)
Manual Prático de Arqueologia, Livraria Almedina, Coimbra.

BIBLIOGRAFIA

- GALLAY, G *et alii* (1973)
O Monumento Pré-Histórico de Pai Mogo (Lourinhã), Associação dos Arqueólogos Portugueses, Lisboa.
- GOMES, Mário V. (1990)
A rocha 49¹ de Fratel e os períodos estilizado-dinâmico da Arte do Vale do Tejo *in Homenagem a J.R. dos Santos Junior*, Instituto de Investigação Científica e Tropical, Lisboa.
- GOMES, Mário V. e CARDOSO, J.L.(1989)
A mais antiga representação de *Equus* do Vale do Tejo, *in Colóquio Internacional de Arte Pré-Histórica, Almansor*, nº7, C.M. de Montemor-o-Novo.
- GOMES, R.V. *et alii* (1983/84)
Santuário Exterior e povoado calcolítico do Escoural, *Clio -Arqueologia* 1, UNIARCH, INIC, Lisboa.
- GOMEZ, Adriano (1978)
Nuevas Aportaciones al Estudio de los Dolmenes de El Pozuelo: El Dolmen de Martin Gil, *Huelva Arqueologica* IV, Huelva.
- GONÇALVES, A.A. H. B. (1979)
Elementos de adorno de cor verde provenientes de estações arqueológicas portuguesas. Importância do seu estudo mineralógico *in Actas da 1ª Mesa-Redonda sobre Neolítico e o Calcolítico em Portugal*, GEAP, 3, Porto.
- Idem (1982)
Nova contribuição para o estudo dos elementos de adorno de cor verde, *Arqueologia*, nº6, GEAP, Porto.
- GONÇALVES, J.L.M. (1979)
O Monumento pré-histórico da Praia das Maças - Arquitectura e cerâmica pré-campaniforme, *Boletim Cultural da Assembleia Distrital de Lisboa*, Nº85, III Série, Lisboa.
- GONÇALVES, Francisco (1971)
Subsídios para o conhecimento geológico do Nordeste Alentejano, *Memória nº18*, Nova Série, Serviços Geológicos de Portugal, Lisboa.

BIBLIOGRAFIA

- GONÇALVES, Francisco (1986)
Aspectos Geológicos da Serra de S.Mamede, Clube de Biologia e Geologia da Serra de S.Mamede, Portalegre.

- GONÇALVES, José Pires (1968), A Rocha dos Namorados, *Palavra - Boletim Paroquial de Reguengos*, nº14, Reguengos de Monsaraz.

- Idem (1970)
Menires de Monsaraz, *Arqueologia e História*, Vol II, 9ª série, Lisboa.

- Idem (1975)
Roteiro de Alguns Megálitos da Região de Évora, (Separata de a *A Cidade de Évora*, nº58), Évora.

- GONÇALVES, Vitor S. (1971)
O Castro da Rotura e o Vaso Campaniforme, Junta Distrital de Setúbal, Setúbal.

- Idem (1978 a)
Dois novos ídolos tipo Moncarrapacho, *Setúbal Arqueológica*, Assembleia Distrital de Setúbal, Setúbal.

- Idem (1978 b)
A Neolitização e o Megalitismo na região de Alcobaça, Secretaria de Estado da Cultura, Lisboa.

- Idem (1979)
Megalitismo e Inícios da Metalurgia no Alto Algarve Oriental (notas a uma exposição), Museu de Arqueologia e Etnologia do Distrito de Setúbal, Setúbal.

- Idem (1980 a)
Cerro do Castelo de Corte de João Marques. Escavação de 1979. Relatório sumário dos trabalhos de campo, *Clio 2*, Centro de História, Lisboa.

- Idem (1980 b)
Cerro do Castelo de Santa Justa (Alcoutim). Escavações de 1979. Extractos do Caderno de Campo, *Clio 2*, Centro de História, Lisboa.

BIBLIOGRAFIA

- Idem (1981 a)
Cerro do Castelo de Santa Justa (Alcoutim). Campanha 2 (80). Relatório prévio e anotações do Caderno de Campo, *Clio 3*, Centro de História, Lisboa.

- Idem (1981 b)
Cerro do Castelo de Santa Justa (Alcoutim). Campanha 3 (81), *Clio 3*, Centro de História, Lisboa.

- Idem (1982 a)
Cerro do Castelo de Santa Justa: povoado calcolítico no Alto Algarve Oriental, *Arqueologia*, nº6, GEAP, Porto.

- Idem (1983/84 a)
Doze datas de ¹⁴C para o povoamento calcolítico do Cerro do Castelo de Santa Justa (Alcoutim): comentários e contextos específicos, *Clio Arqueologia 1*, UNIARCH, INIC, Lisboa.

- Idem (1983/84 b)
Cerro do Castelo de Santa Justa (Alcoutim). Campanha 5(83). Objectivos, resultados, perspectivas, *Clio Arqueologia 1*, UNIARCH, INIC, Lisboa.

- Idem (1983/84 c)
Cerro do Castelo de Santa Justa (Alcoutim). Campanha 6(84). Resumo de conclusões, *Clio/ Arqueologia 1*, UNIARCH, INIC, Lisboa.

- Idem (1987)
O Povoado Pré-Histórico da Sala nº1 (Pedrógão, Vidigueira):Notas sobre a campanha 1(88), *Portugália*, Vol.VIII, Nova Série, F.L.U.P., Porto.

- Idem (1988/89)
A ocupação pré-histórica do Monte Novo dos Albardeiros (Reguengos de Monsaraz), *Portugália*, Vol. IX-X, Nova Série, F.L.U.P., Porto.

- Idem (1989 a)
Megalitismo e Metalurgia no Alto Algarve Oriental, uma aproximação integrada, volume 1 e 2, UNIARCH, INIC, Lisboa.

BIBLIOGRAFIA

- Idem (1989 b)
Manifestações do Sagrado na Pré-História do ocidente Peninsular: 1. Deusa(s)-Mãe, placas de xisto e cronologias, uma nota preambular, *in Colóquio Internacional de Arte Pré-Histórica, Almansor*, Nº7, Câmara Municipal de Montemor-o-Novo.

- Idem (1992)
Reverendo as antas de Reguengos de Monsaraz, Cadernos da Uniarq, INIC, Lisboa.

- GONÇALVES, Vitor *et alii* (1981)
Anta dos Penedos de S. Miguel (Crato), Campanha 1-(81), *Clio*, vol. 3, INIC, Lisboa.

- GORDO, A. João (1954)
No Alto Alentejo. Crónicas e Narrativas, Castelo de Vide.

- GUERRA, A.V. e FERREIRA, O.da V. (1968/70)
Inventário dos monumentos megalíticos dos arredores da Figueira da Foz, *Arquivo de Beja*, XXV-XXVII, C.M.de Beja, Beja.

- GUILAINE, J. (1979)
Premiers Bergers et Paysans de l'Occident Méditerranéen, Mouton, Paris.

- GUILLEN, Vicente Paredes (1886)
Origen del Nombre de Extremadura el de los antiguos y modernos de sus comarcas, ciudades,villas, pueblos y rios; situación de sus antiguas poblaciones y caminos, Plasencia.

- HENRIQUES, F.J.R. e CANINAS, J.C.P. (1980)
Contribuição para a carta arqueológica dos concelhos de Vila Velha de Ródão e Nisa, N.R.I.A. Vila Velha de Ródão.

- Idem (1986)
Nova contribuição para a carta arqueológica dos concelhos de Vila Velha de Ródão e Nisa, N.R.I.A. Vila Velha de Ródão.

BIBLIOGRAFIA

- HENRIQUES, F.J.R., CANINAS, J.C., CHAMBINO, Mário (1993)
Carta Arqueológica do Tejo Internacional, Volume 3, A.E.A.T., V.V.de Ródão.

- HODDER, I. (1978)
Social organisation and human interaction: the development of some tentative hypothesis in terms of material culture, *The Spatial Organisation of Culture*, New Approaches in Archaeology, Duckworth, London.

- Idem (1981)
Symbolic and Structural Archaeology, Cambridge University Press, Cambridge.

- Idem (1984)
New generation of spatial analysis in Archaeology, in *Arqueologia Espacial 1*, (Colóquio sobre Distribución y Relaciones entre los Asentamientos), Teruel.

- Idem (1988)
Interpretación en Arqueologia, Corrientes actuales, Editorial Crítica, Barcelona.

- HURTADO, V. (1978)
Los Ídolos calcolíticos de la Pijotilla (Badajoz), *Zephyrus*, XXX-XXXI, Salamanca.

- Importantes descobertas arqueológicas no povoado da Idade do Cobre de Vidais (Marvão) (1979), *CLIO*, Vol. I, INIC, Lisboa.

- ISIDORO, A. Farinha (1966)
Escavações em dólmenes do Concelho do Crato (Alto Alentejo), *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*, Porto.

- Idem (1966)
Contribuição para o Estudo da Arqueologia do Concelho de Alter do Chão (Alto Alentejo), in *IV Colóquio Portuense de Arqueologia, 1965*, Porto.

- Idem (1967)
Escavações em dólmenes do Concelho do Crato (Alto Alentejo) II, *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*, Nº20, Porto.

BIBLIOGRAFIA

- Idem (1969)

Antas do Concelho de Portalegre, *Trabalhos do Instituto de Antropologia Dr. Mendes Correia*, nº21, Porto.

- Idem (1970)

Escavações em dólmenes do Concelho do Crato (Alto Alentejo) III , *Anais da Faculdade de Ciências*, nº 54, Porto.

- Idem (1971)

Escavações em dólmenes do Concelho do Crato (Alto Alentejo) IV, *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*, nº 22, Porto.

- Idem (1973)

Esboço Arqueológico do Concelho do Crato (Alto Alentejo). Novos Elementos (IV), *Trabalhos do Instituto de Antropologia Dr. Mendes Correia*, nº 20, Porto

- Idem (1973)

Escavações em dólmenes do concelho do Crato (Alto Alentejo) - V, *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*, nº17, Porto.

- Idem (1975)

Escavações em dólmenes do concelho do Crato (Alto Alentejo) - VI, *Trabalhos do Instituto de Antropologia Dr. Mendes Correia*, nº29, Porto.

- JORGE, Susana O. (1978 a)

O Megalitismo no contexto neolítico peninsular, *Revista de Guimarães*, LXXXVIII, Guimarães.

- Idem (1978 b)

Pontas de seta provenientes dos túmulos megalíticos do Noroeste de Portugal, *Minia*, Vol 1, fasc.2, 2ª série.

- Idem (1983-84)

Aspectos da evolução pré-histórica do Norte de Portugal durante o IIIº e o IIº milénio a.C., *Portugalia*, Vol. IV/V, Nova Série, Porto.

BIBLIOGRAFIA

- Idem (1986)
Povoados da Pré-História recente da região de Chaves - V^a. P^a. de Aguiar, 3 Volumes, Instituto de Arqueologia da Faculdade de Letras do Porto, Porto.

- Idem (1990)
Dos Últimos Caçadores-Recolectores aos Primeiros Produtores de Alimentos *in Nova História de Portugal*, Direcção de Joel Serrão e A.H. de Oliveira Marques, Vol.I, Editorial Presença, Lisboa.

- Idem (1990)
A Consolidação do Sistema Agro-Pastoril *in Nova História de Portugal*, Direcção de Joel Serrão e A.H. de Oliveira Marques, Vol.I, Editorial Presença, Lisboa.

- Idem (1990)
Desenvolvimento da Hierarquização Social e da Metalurgia *in Nova História de Portugal*, Direcção de Joel Serrão e A.H. de Oliveira Marques, Vol.I, Editorial Presença, Lisboa.

- JORGE, Susana Oliveira e JORGE, Vitor Oliveira (1991)
Incursões na Pré-História, Fundação Eng. António de Almeida, Braga.

- JORGE, Vitor Oliveira (1979 a)
O megalitismo do Norte de Portugal *in Actas da 1^a Mesa-Redonda sobre o Neolítico e o Calcolítico em Portugal*, GEAP 3, Porto.

- Idem (1979 b)
Escavações das mamoa 2 e 3 de Outeiro de Gredos (Serra da Aboboreira, Baião), *Revista de Guimarães*, LXXXIX, Guimarães.

- Idem (1980 a)
Escavação da mamoa 3 de Outeiro de Ante (Serra da Aboboreira, Baião) *in Actas do Seminário de Arqueologia do Noroeste Peninsular*, Vol. I, Sociedade Martins Sarmento, Guimarães.

- Idem (1980 b)
A mamoa 2 de Outeiro dos Gredos (Serra da Aboboreira - Baião), *Revista de Guimarães*, XC, Guimarães.

BIBLIOGRAFIA

- Idem (1980 c)
Escavação da mamoa 1 de Outeiro dos Gredos (Serra da Aboboreira, Baião), *Portugalia*, I, Nova Série, Porto.

- Idem (1980 d)
Sobre uma estrutura situada na periferia da mamoa 2 de Outeiro dos Gredos (Serra da Aboboreira, Baião), *Arqueologia*, nº2, GEAP, Porto.

- Idem (1980/81)
Escavação da Mamoa 1 de Outeiro de Ante, Serra da Aboboreira - Baião, *Setúbal Arqueológica*, VI-VII, Setúbal.

- Idem (1981 a)
Importância do núcleo megalítico de Outeiro de Gredos, Serra da Aboboreira, Baião, *Arqueologia*, nº3, GEAP, Porto.

- Idem (1981 b)
A propósito da Aboboreira - uma experiência de análise territorial em Arqueologia, *Arqueologia*, nº3, GEAP, Porto.

- Idem (1982 a)
O Megalitismo do Norte de Portugal: o Distrito do Porto - os Monumentos e a sua Problemática no Contexto Europeu, (2 volumes), Faculdade de Letras do Porto.

- Idem (1982 b)
O Neolítico - a emergência das sociedades agricultor-pastoris na perspectiva da Pré-História, *Arqueologia*, nº6, GEAP, Porto.

- Idem (1982 c)
A mamoa 5 de Outeiro dos Gredos, um tumulus não megalítico da Serra da Aboboreira, *Arqueologia*, nº6, GEAP, Porto.

- Idem (1983 a)
Escavação das mamoas 2 e 4 de Meninas do Crasto, Serra da Aboboreira, Baião, *Arqueologia*, nº7, GEAP, Porto.

BIBLIOGRAFIA

- Idem (1983 b)

Uma data de radiocarbono para a mamoa 4 de Meninas do Crasto (Baião), *Arqueologia*, nº8, GEAP, Porto.

- Idem (1983 c)

Em torno de alguns problemas do megalitismo europeu, *Arqueologia*, GEAP, Porto.

- Idem (1983 d)

Escavação da mamoa 2 de Cabritos (Serra da Aboboreira - Amarante), *Arqueologia*, nº8, GEAP, Porto.

- Idem (1983-84)

Megalitismo do Norte de Portugal: um novo balanço, *Portugalia*, Vol. IV/V, Nova Série, Porto.

- Idem (1984 a)

Escavação da mamoa da Mina do Simão (Serra da Aboboreira - Amarante), *Arqueologia*, nº9, GEAP, Porto.

- Idem (1984 b)

Megalitismo do Norte de Portugal: novos elementos, *Revista de Guimarães*, XCIV, Guimarães.

- Idem (1985 a)

Les tumulus de Chã de Santinhos (Ensemble megalitiques de Serra da Aboboreira, Nord du Portugal), *Arqueologia*, nº12, GEAP, Porto.

- Idem (1985 b)

Uma datação pelo radiocarbono para a mamoa 5 de Outeiro de Gredos (Baião), *Arqueologia*, nº12, GEAP, Porto.

-Idem (1987 a)

Projectar o Passado Ensaios sobre Arqueologia e Pré-História, Editorial Presença, Lisboa.

BIBLIOGRAFIA

- Idem (1987 b)
Megalitismo de Entre-Douro-E- Minho e de Trás-os-Montes (Norte de Portugal): Conhecimentos Actuais e Linhas de Pesquisa a Desenvolver, *Revista da Faculdade de Letras do Porto*, vol. IV, II série, Porto.

- Idem (1989)
Arqueologia social dos sepulcros megalíticos atlânticos: conhecimentos e perspectivas actuais, *Revista da Faculdade de Letras*, nº6, 2ª Série, Porto.

- Idem (1990 a)
Complexificação das Sociedades e sua Inserção numa Vasta Rede de Intercâmbios *in Nova História de Portugal*, Direcção de Joel Serrão e A.H. de Oliveira Marques, Vol.I, Editorial Presença, Lisboa.

- Idem (1990 b)
Les Monuments Mégalithiques du Nord du Portugal, *Probleme der Megalithgraberforschung*, Deutsch Archäologisches Institut Abteilung Madrid, Walter der Gruyter, Berlin, New York.

- Idem, (1991)
Megalitismo do Norte de Portugal: Algo de Novo? Algumas notas pessoais, *Arqueologia*, nº21, GEAP, Porto.

- JORGE, V. O. e VILAÇA, R. (1985)
As mamoaas de Cabritos (Serra da Aboboreira), *Arqueologia*, nº11, GEAP, Porto.

- KALB, Philine (1987)
Monumentos megalíticos entre o Tejo e o Douro, *El megalitismo em la Península Iberica*, Ministerio da Cultura, Madrid.

- Idem (1989)
O Megalitismo e a Neolitização no Oeste da Península Ibérica, *Arqueologia*, Nº20, G.E.A.P., Porto.

- KINES, Ian (1982)
Les Fouaillages and megalithic origins, *Antiquity*, LVI.

BIBLIOGRAFIA

- LEISNER, Georg (1944 a)
O dólmen de falsa cúpula de Vale-de-Rodrigo, *Biblos*, XX, Coimbra.
- Idem (1944 b)
A cultura eneolítica do Sul de Espanha e as suas relações com Portugal, *Arqueologia e História*, 8ª série, 1, Lisboa.
- Idem (1948)
Antas dos Arredores de Évora, *A Cidade de Évora*, 15-16, Comissão Municipal de Turismo de Évora, Évora.
- LEISNER, George e Vera (1943)
Die Megalithgraber Iberischen Halbinsel: Der Suden, Walter de Gruyter, Berlin.
- Idem, (1951)
Antas do concelho de Reguengos de Monsaraz. Materiais para o estudo da cultura megalítica em Portugal, Instituto de Alta Cultura, Lisboa (nova edição da UNIARCH, 1985).
- Idem, (1956)
Die Megalithgraber Iberischen Halbinsel. Der Westen (1), Walther de Gruyter, Berlin.
- Idem, (1959)
Die Megalithgraber Iberischen Halbinsel. Der Westen (2), Walther de Gruyter, Berlin.
- Idem, (1965)
Die Megalithgraber Iberischen Halbinsel. Der Westen (3), Walter de Gruyter, Berlin.
- LEISNER, Vera (1963)
Primeiras fechas de radiocarbono 14 para la cultura megalítica iberica, *VIIIº Congreso Nacional de Arqueologia*, Sevilla-Málaga, Zaragoza.
- LEISNER, V. e FERREIRA, O. da V. (1959)
Os monumentos megalíticos de Trigache A-da-Beja, *Actas e Memórias do Iº Congresso Nacional de Arqueologia*, I, Lisboa.

BIBLIOGRAFIA

-Idem (1963)

Primeiras datas de radiocarbono 14 para a cultura megalítica portuguesa, *Revista de Guimarães*, LXXIII, Guimarães.

-LEISNER, V. *et alii* (1969)

Les Monuments Préhistoriques de Praia das Maças et de Casainhos, Memórias dos Serviços Geológicos de Portugal, 16, Nova Série, Lisboa.

-LEROI-GOURHAN, A. (1964)

Les Religions de la Préhistoire, P.U.F., Paris.

-Idem (1964)

Le Geste et la Parole, Vol. 1, A. Michel, Paris.

-Idem (1965)

Le Geste et la Parole, Vol. 2, A. Michel, Paris.

- L'HELGOUACH, J. (1967).

La sépulture mégalithique à entrée laterale de Crec'h-Quillé en Saint-Quay-Perros (Côtes-du-Nord), Imprimerie Laboureur et Cie, Issoudun.

- LYNCH, Frances (1969)

The use of the passage in certain passage graves as a means of communication rather than access, *Megalithic Graves and Ritual, III Atlantic Colloquium*, Moesgard.

- LLORIS, M. Beltran (1973)

Estudios de Arqueologia Cacereña, Zaragoza.

- Idem (1982)

Museo de Cáceres. Sección de Arqueologia, Ministerio de Cultura. Madrid.

- LOPEZ, Eustasio (1993)

Hallado un dolmen fabricado en pizarra en la finca Valdelucía, *Extremadura*, 3 de Abril.

BIBLIOGRAFIA

- LÓPEZ PLAZA, E.M.S. (1982)

Aspectos Arquitectonicos de los Sepulcros Megalíticos de las Provincias de Salamanca Y Zamora, Universidad de Salamanca, Salamanca.

- MALATO-BELIZ, J. (1986)

Valor Científico e Interesse Didáctico da Flora e da Vegetação da Serra de S. Mamede, Clube de Biologia e Geologia da Serra de S.Mamede, Portalegre.

- MELIDA, J.R. (1917)

Adquisiciones del Museo Arqueológico Nacional en 1916. Hacha neolítica de Valencia de Alcántara (Cáceres), *Revista de Archivos, Bibliotecas y Museos*, Vol XXXVII, Madrid.

- Idem (1920)

Momumentos Megalíticos de la Provincia de Cáceres, Separata de la Revista de Archivos, Bibliotecas Y Museos, Madrid.

- Idem (1924)

Provincia de Cáceres (1914-1916), in *Catálogo Monumental de España*, Ministerio de Instrucción Pública y Bellas Artes, Madrid.

- MENA, Emília (1992)

As Caleiras da Escusa, *Ibn Maruán* nº2, Câmara Municipal de Marvão, Portalegre.

- MENDES, Jorge Madeira (1992)

Aspectos Florísticos e Faunísticos do Concelho de Marvão, *Ibn Maruán* nº2, Câmara Municipal de Marvão, Portalegre.

- MERCÉ, Rodrigo Pita (1971)

Los Discos de Piedra Tallada Procedentes de los Yacimientos Prehistoricos de la Zona de Lerida, *Noticiero Arqueológico Hispánico*, XIII-XIV, Madrid.

- MOHEN, Jean-Pierre (1984)

Les architectures mégalithiques, *La Recherche*, Nº161, Bruxelas.

BIBLIOGRAFIA

- MOITA, I. N. (1966)
Características predominantes do grupo dolménico da Beira Alta, *Ethnos*, V, Lisboa.
- MONTEIRO, J. Pinho, e GOMES, Mário Varela (1977)
Os Menires da Charneca do Vale do Sobral - Nisa, *Revista de Guimarães*, LXXXVII, Guimarães.
- NUNES, J. de Castro (1951)
Escavações no dólmen da Barrosa (Âncora), *Revista de Guimarães*, LXI, Guimarães.
- Idem (1974)
Introdução ao Estudo da Cultura Megalítica no Curso Inferior do Alva, Univ. de Luanda, Angola. (reedição da Assembleia Distrital de Coimbra, 1981).
- OLIVEIRA, Jorge (1985)
O Menhir da Água da Cuba - Marvão, in *Actas das Ias. Jornadas de Arqueologia do Nordeste Alentejano*, Comissão Regional de Turismo e Câmara Municipal de Castelo de Vide, Portalegre.
- Idem (1986)
A Estela Decorada da Tapada da Moita, Câmara Municipal de Castelo de Vide.
- Idem (1987)
Trabalhos Arqueológicos na Praça d'Armas de Castelo de Vide in *Actas do 1º Encontro de História Regional do Distrito de Portalegre*, ESE de Portalegre, Portalegre.
- Idem (1988)
Introdução ao Estudo das Sepulturas Megalíticas da Margem Esquerda do Sever, Universidade de Évora, Évora. (estudo policopiado)
- Idem (1990)
Aspectos do Megalitismo no Nordeste Alentejano in *Actas do 1º Encontro Regional de História*, Universidade de Évora, Évora.

BIBLIOGRAFIA

- Idem (1991 a)

A Anta da Nave do Padre Santo - Nisa, in *Actas das IV Jornadas Arqueológicas*, Associação dos Arqueólogos Portugueses, Lisboa.

- Idem (1991 b)

A Estátua Romana da Escusa, *Ibn Maruán*, nº1, Câmara Municipal de Marvão, Portalegre.

- Idem (1992)

A Anta dos Pombais - Marvão - Notas de escavação, *Ibn Maruán* nº2, Câmara Municipal de Marvão, Portalegre.

- Idem (1992)

A Ponte Quinhentista da Portagem - Marvão, *Ibn Maruán* nº2, Câmara Municipal de Marvão, Portalegre.

- Idem (1993 a)

Dois Documentos sobre a Guerra de los Naranjos , *Callipole*, Revista Cultural de Vila Viçosa, nº1, C.M. de Vila Viçosa.

- Idem (1993 b)

Sepulturas Megalíticas del Termino Municipal de Cedillo - Provincia de Cáceres, Ayuntamiento de Cedillo, Cáceres.

- Idem (1993 c)

Conservação de Monumentos Megalíticos - Aspectos de uma problemática, *Correio da Natureza*, nº17, Serviço de Parques, Reservas e Conservação da Natureza, Lisboa.

- Idem (1993 d)

Reutilizações e Reaproveitamentos de Materiais em Sepulturas Megalíticas do Nordeste Alentejano, in *1º Congresso de Arqueologia Peninsular*, Actas I, *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*, Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia, Porto.

BIBLIOGRAFIA

- Idem (1993 e)
O Rio Sever e as Fronteiras no 3º Milénio A.C., in *Actas do Seminário Cooperação e Desenvolvimento Transfronteiriço*, C. M. de Vila Velha de Ródão.

- OLIVEIRA, Jorge e BALESTEROS, Carmen (1989)
Levantamento Arqueológico da Barragem da Apertadura -Aramenha-Marvão-, Câmara Municipal de Marvão, Portalegre.

- OLIVEIRA, Jorge e DIAS, Ana C. (1980)
Arqueologia em Marvão, *História & Crítica*, Nº6, Lisboa.

- OOSTERBEEK, Luiz (1994)
O Alto Ribatejo e o Mediterrâneo. Espaço contínuo ou hierarquizado?, in *Actas do Iº Congresso de Arqueologia Peninsular*, Vol.III, *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*, Vol.34 (1-2), Porto.

- PAÇO, M. Afonso do (1950)
Carta Arqueológica do Concelho de Marvão, in *13º Congresso Luso-Espanhol para o Progresso das Ciências*, Lisboa.

- Idem (1953)
Populações Pré e Proto-Históricas do Concelho de Marvão, in *XVIIº Congrès Internacional de Geographie*, Lisboa.

- Idem (1957)
Sementes incarbonizadas do Baleal (Peniche), in *Actas do XXIIIº Congresso Luso-Espanhol*, Associação Portuguesa para o Progresso das Ciências, Coimbra.

- Idem (1962)
O Castelo do Giraldo (Évora) e os novos horizontes do Neolítico alentejano, *Boletim da Junta Distrital de Évora*, nº2, Évora.

- PAÇO, M. Afonso do e FRANCO, G.L. (1959)
Ídolo cilíndrico de calcário oculado do Algarve in *Actas e Memórias do Iº Congresso Nacional de Arqueologia*, vol. I, Lisboa.

BIBLIOGRAFIA

- PAÇO, M. Afonso do e VENTURA, J.F. (1961)
Castelo do Giraldo (Évora)- Trabalhos de 1960, *Revista de Guimarães*, nº71, fasc. 1-2, Guimarães.

- PELLICER, Maria Rosario Lucas (1986)
El fenómeno megalítico: Estado actual de la investigación, in *Actas de la Mesa Redonda sobre Megalitismo Peninsular*, Asociación Española de Amigos de la Arqueología, Madrid.

- PERDIGÃO, J. Correia e FERNANDES, A. Peinador (1976)
Carta Geológica de Portugal - Notícia Explicativa da Folha 29-C Marvão, Serviços Geológicos de Portugal, Lisboa.

- PERELLÓ, M^a. Isabel M. (1993)
La investigación de la pintura rupestre esquemática en Extremadura, *In Actas do Iº Congresso de Arqueologia Peninsular*, Vol II, *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*, Vol.33 (3-4), Porto.

- PIERA, J. Vilanova y (1889)
Valencia de Alcantara en el concepto prehistorico, *Boletín de la Real Academia de la Historia*, Tomo XV, Madrid.

- PINA, H. Leonor (1971)
Novos monumentos megalíticos do distrito de Évora, *IIº Congresso Nacional de Arqueologia*, vol.I, Coimbra.

- PINA MANIQUE, Luis de (1945)
Antas do Alentejo, uma zona dolménica a Norte do Distrito de Beja, *Arquivo de Beja*, vol III, Beja.

- PINTO, Clara, V. e PARREIRA, R. (1979)
Àcerca do conceito de colónia no Calcolítico da Estremadura in *Actas da 1ª Mesa-Redonda sobre o Neolítico e o Calcolítico em Portugal*, G.E.A.P., *Trabalhos do Grupo de Estudos Arqueológicos do Porto*, 3, Porto.

BIBLIOGRAFIA

- PROENÇA, F. Tavares de (1910)
Antas do districto de Portalegre, *Materiaes para o Estudo das Antiguidades Portuguezas*, Anno I, Nº1, Typographia Leiriense, Leiria.

- RAMÍREZ, Primitiva Bueno (1986)
Megalitos en Extremadura, in *Actas de la Mesa Redonda sobre Megalitismo Peninsular*, España- Portugal, 1984.

- Idem (1987)
Megalitismo en Extremadura: Estado de la Cuestión, in *El Megalitismo en la Península Ibérica*, Ministerio de Cultura, Madrid.

- Idem (1988)
Los Dolmenes de Valencia de Alcantara, *Excavaciones Arqueologicas en España* nº155, Ministerio de Cultura, Madrid.

- Idem (1989)
Camaras Simples en Extremadura, XIX Congreso Nacional de Arqueologia, 1987, Castellón de la Plana.

- RAMÍREZ, P. B. e BERHMANN, R. de B. (1994)
El Arte Megalitico como Factor de Analisis Arqueologico: El Caso de la Meseta Española, in *Actas del 6 Congreso Hispano-Ruso de Historia*, Fundacion Cultural Banesto, Madrid.

- RENFREW, Colin (1976)
Megaliths, Territories and Populations *in Acculturation in Atlantic Europe*, (Editet by S.J. de Laet), Bruges.

- Idem (1981)
Introduction: the megalith builders of Western Europe *in The Megalithic Monuments of Western Europe*, Edited by Colin Renfrew, Thames and Hudson, London.

- Idem (1984)
Approaches to Social Archaeology, Harvard University Press, Cambridge.

BIBLIOGRAFIA

- REPENICADO, A. V. R. (1966)

Breve Roteiro da Notável Vila de Castelo de Vide, (separata do Jornal Terra Alta), Castelo de Vide.

- Idem, (1969)

Da Notável Vila de Castelo de Vide, (separata do Jornal Terra Alta), Castelo de Vide.

Idem (1970)

Breve Roteiro da Notável Vila de Castelo de Vide (escritores e bibliografia), (separata do Jornal Terra Alta), Castelo de Vide.

- RODRIGUES, M. da C. Monteiro (1975)

Carta Arqueológica do Concelho de Castelo de Vide, Assembleia Distrital de Portalegre, Lisboa.

- Idem (1986 a)

Código para a Análise das Placas de Xisto Gravadas do Alto Alentejo. Nova estratégia para o tratamento de dados em Arqueologia, Vol I, Câmara Municipal de Castelo de Vide.

- Idem (1986 b)

Estudo Ideológico-Simbólico das Placas de Xisto Gravadas. Alto Alentejo, Vol II, Câmara Municipal de Castelo de Vide.

- Idem (1990)

Arqueologia. A Informática e o Método, Vol I, Europress, Odivelas.

- Idem (1991)

Arqueologia. A Análise do Simbólico, Vol II, Europress, Odivelas.

- RODRÍGUEZ, A. Garcia, et al. (1970)

Estudio Agrobiológico de la Provincia de Caceres - Suelos, Centro de Edafología Y Biología Aplicada de Salamanca, Consejo Superior de Investigaciones Científicas.

BIBLIOGRAFIA

- SAA, Mário de (1967)
As Grandes Vias da Lusitânia - o Itinerário de Antonino Pio, Vol. VI, Lisboa.

- SANTOS, M. Farinha dos (s/d)
Pré-História de Portugal, ed. Verbo, Lisboa.

- SANTOS, M.F. e FERREIRA, O. da V. (1969)
O Monumento Eneolítico de Santiago do Escoural, *O Arqueólogo Português*, Vol.III, III série, Lisboa.

- SAVORY, H.N. (1969)
Espanha e Portugal, Col. Historia Mundi, Ed. Verbo, Lisboa.

- Idem (1975)
The Role of the Upper Duero and Ebro Basins in Megalithic Diffusion, *Boletín del Seminario de Estudios de arte y Arqueología*, Valladolid, XL-XLI, Valladolid.

- Idem (1977)
The role of Iberian Communal Tombs in Mediterranean and Atlantic Prehistory *in Ancient Europe and Mediterranean*, (editet by Vladimir Markotic), Aries et Phillips, Warminster.

- SCHUBART, H. (1965)
As duas fases de ocupação do túmulo de cúpula do Monte do Outeiro, nos arredores de Aljustrel, *Revista de Guimarães*, vol. LXXV, nº1-4, Guimarães.

- Idem (1971)
O Horizonte e Ferradeira. Sepulturas do Eneolítico Final no Sudoeste da Península Ibérica, *Revista de Guimarães*, vol. LXXXI, nº3-4, Guimarães.

- SHEE TOWIG, E. (1981)
The Megalithic Art of Western Europe, Clarendon Press, Oxford.

- SENNA-MARTÍNEZ, J.C. de (1981)
Contribuição para a Tipologia da Olaria do Megalitismo das Beiras: Os Materiais do Dólmen nº1 dos Moinhos de Vento, Arganil, Trabalhos do Museu Regional de Arqueologia, nº1, Arganil.

BIBLIOGRAFIA

- Idem (1983)

Ideologia e práticas funerárias no megalitismo das Beiras: a sepultura periférica do quadrante NW da mamoa do dolmen nº1 dos Moinhos de Vento, Arganil, *Revista de História Económica e Social*, nº11, Lisboa.

- Idem (1983-84)

Contribuições arqueométricas para um modelo socio-cultural: padrões volumétricos na Idade do Bronze do Centro e NW de Portugal, *Clio/Arqueologia 1*, UNIARCH, INIC, Lisboa.

- Idem (1989)

Pré-História Recente da Bacia do Médio e Alto Mondego: algumas contribuições para um modelo sociocultural, Tese de Doutoramento em Pré-História e Arqueologia, F.L.L., Lisboa (3 vol. policopiados).

- SENNA-MARTÍNEZ, J.C. de e LUZ, A.M.D. (1983)

O Megalitismo da bacia do Alva: primeira contribuição para um modelo socio-económico, *O Arqueólogo Português*, Série IV, VolI, Lisboa.

- SENNA-MARTÍNEZ, J.C. *et alii* (1983-84)

Contribuição para uma tipologia da olaria do megalitismo das Beiras: olaria da Idade do Bronze, *Clio/Arqueologia 1*, UNIARCH, INIC, Lisboa.

- SENNA-MARTÍNEZ, J.C. *et alii* (1993)

A Pré-História recente, *O Quaternário em Portugal Balanço e Perspectivas*, Edições Colibri, Lisboa.

- SERRÃO, E. da C. (1979)

Sobre a periodização do Neolítico e Calcolítico do território português, *in Actas da 1ª Mesa-Redonda sobre o Neolítico e o Calcolítico em Portugal*, G.E.A.P., *Trabalhos do Grupo de Estudos Arqueológicos do Porto*, 3, Porto.

- SERRÃO, E. da C. *et alii* (1972)

O complexo da arte rupestre do Tejo (Vila Velha de Ródão - Nisa). Notícia Preliminar, *Arqueologia e História*, 9ª Série, Vol. IV, Lisboa.

BIBLIOGRAFIA

- SERRÃO, E. da C. *et alii* (1973)

Notícia de novas descobertas no complexo de arte rupestre do Vale do Tejo, *in Actas das II^{as} Jornadas Arqueológicas*, vol. I, Lisboa.

- SERRANO, C. Callejo (1962)

Un lustro de investigaciones arqueológicas en la Alta Extremadura . *Estudios Extremeños*, T. XVIII, Cáceres.

- Idem (1981)

La Valentia Fundada por Junio Bruto, El Brocense, Diputación Provincial de Cáceres, Cáceres.

- SILVA, A. Carlos *et alii* (1990)

A Coleção Arqueológica do Hospital Distrital de Évora, Exposição organizada pelo Museu de Évora e Serviço Regional de Arqueologia do Sul, I.P.P.C., Évora.

- SILVA, C. Tavares da (1983)

O megalitismo e os primeiros metalurgistas, *in História de Portugal*, I, (dir. J.H. Saraiva), Publicações Alfa, Lisboa.

- Idem, (1987)

O Megalitismo do Alentejo Ocidental e do Sul do Baixo Alentejo (Portugal), *in El Megalitismo en la Peninsula Ibérica*, Ministerio de Cultura, Madrid.

- SILVA, C. Tavares da e SOARES, Joaquina (1981)

Pré-História da Área de Sines, Trabalhos Arqueológicos de 1972 a 1977, Gabinete da Área de Sines, Lisboa.

- Idem (1983)

Contribuição para o estudo do megalitismo do Alentejo Litoral. A Sepultura do Marco Branco (Santiago do Cacém), *O Arqueólogo Português*, vol. I, Série IV.

- SILVA, F.A.Pereira da (1993)

Megalitismo e tradição megalítica no Centro-Norte Litoral de Portugal: breve ponto da situação *in Actas do 1^o Congresso de Arqueologia Peninsular, trabalhos de Antropologia e Etnologia*, Vol. 33 (1-2), Porto.

BIBLIOGRAFIA

- SOARES, A.M. e CABRAL, J.M.P. (1984)
Dadas convencionais de radiocarbono para estações arqueológicas portuguesas e a sua calibração: revisão crítica, *O Arqueólogo Português*, vol.II, série IV, Lisboa.

- Idem, (1993)
Cronologia absoluta para o Calcolítico da Estremadura e do Sul de Portugal, *in Actas do Iº Congresso de Arqueologia Peninsular*, vol. II, *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*, Vol.33 (3-4), Porto.

- SOARES, Joaquina e SILVA, C. T. (1976-77)
O monumento megalítico da Palhota (Santiago do Cacém), *Setúbal Arqueológica*, vols.II-III, Setúbal.

- SOTTO MAIOR, Diogo Pereira (1619)
Tratado da Cidade de Portalegre, *Temas Portugueses*, (Co-edição I.N.C.M.-C.M de Portalegre de 1984), Lisboa.

- TAVARES, A.A. (1966)
Revisão de escavações incompletas (Orca de Seixinho e dólmen de Lamoso), *Lucerna*, Vol V, Coimbra.

- Idem (1980)
O Dólmen de S. Pedro Dias (Poiares), *Clio*, Vol.2, INIC, Lisboa

- TAVARES, A.A. e ALMEIDA, C.D. de (1966)
Orca do Seixinho, *Arqueologia e História*, Vol. XII, 8ª Série, Lisboa.

- TAVARES, A.A. e SILVA, C.T.da (1971)
Gravuras e inscrições da região de Viseu *in Actas do II Congresso Nacional de Arqueologia*, vol I, Coimbra.

- TEIXEIRA, C. e GONÇALVES, F. (1980)
Introdução à Geologia de Portugal, INIC, Lisboa.

- TRINGHAM, R. (1971)
Hunters, Fishers and Farmers of Eastern Europe, 6000-3000 B.C., Hutchinson University Library, London.

BIBLIOGRAFIA

- VASCONCELLOS, J.Leite de (1886)
Aquisições do Museu Municipal de Elvas, *O Archeólogo Português*, Vol.II, nº1, Lisboa.

- Idem, (1897)
Religiões da Lusitânia, Imprensa Nacional, (3 volumes),Lisboa (nova edição da Imprensa Nacional-Casa da Moeda e 1988).

- Idem, (1918)
Coisas Velhas, *Arqueólogo Português*, nº23, Lisboa

- VIANA, A. (1950)
Contribuição para a arqueologia dos arredores de Elvas, *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*, 12, Porto.

- VIANA, A. e DEUS, A.Dias (1953)
Exploración de Algunos Dólmenes de la Región de Elvas, Portugal, *Congresso Luso-espanhol para o Progresso das ciências*, 13º, Lisboa.

- Idem (1955-57)
Notas para o estudo dos dólmenes da região de Elvas, *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*, XV, Porto.

- Idem (1957)
Mais Alguns Dólmenes da Região de Elvas (Portugal), *IV Congresso Arqueológico Nacional*, Zaragoza.

- VIANA, A, *et alii* (1957)
Monumentos Megalíticos dos Arredores de Ourique, *in Comunicações dos Serviços Geológicos de Portugal*, T. XXXVIII, fasc.2, Lisboa.

- VIANA, A. *et alii* (1959)
Contribuição para o conhecimento da arqueologia megalítica do Baixo Alentejo *in Actas e Memórias do Iº Congresso Nacional de Arqueologia*, vol I, Lisboa.

BIBLIOGRAFIA

- VIANA, A. *et alii* (1961)

Um túmulo de tipo alcarense nos arredores de Aljustrel, *Revista de Guimarães*, Vol. LXXI, nº3-4, Guimarães.

- VIU, D. José de (1852)

Extremadura - Colección de sus inscripciones y monumentos con algunas reflexiones sobre lo pasado, lo presente y el porvenir, Madrid.

- WHITTLE, E. H. e Arnaud, J.M. (1975)

Thermoluminescent dating of Neolithic and Chalcolithic pottery from sites in Central Portugal, *Archaeometry*, nº17, fasc. 1.

ÍNDICE

AGRADECIMENTOS	7
INTRODUÇÃO	11
CAP. I A EVOLUÇÃO DO ESTUDO SOBRE O MEGALITISMO NA BACIA HIDROGRÁFICA DO RIO SEVER	
1. Das primeiras referências às primeiras sínteses	17
1.1. Antecedentes da presente síntese	35
1.2. Os prospectores e os monumentos	42
1.2.1. Concelho de Marvão	43
1.2.2. Concelho de Castelo de Vide	44
1.2.3. Concelho de Nisa	45
1.2.4. Termo Municipal de Valência de Alcântara	46
2. Sepulturas megalíticas inventariadas	48
3. Resumindo	53
Notas	59
Documentação gráfica	77
CAP. II DAS NASCENTES À FOZ DO RIO SEVER	83
Documentação gráfica	101
CAP. III METODOLOGIA DAS ESCAVAÇÕES E RECUPERAÇÃO DOS MONUMENTOS	
1. Condicionantes	117
2. Escavações e sondagens em sepulturas	119
3. Escavações e sondagens em menires	123
4. A recuperação dos monumentos	125
4.1. Anta dos Pombais	127
4.2. Anta da Bola da Cera	128
4.3. Anta da Nave do Padre Santo	128
4.4. Anta do Porto Aivado	129
4.5. Anta I dos Coureiros	130
4.6. Anta II dos Coureiros	130
4.7. Anta III dos Coureiros	131
4.8. Anta IV dos Coureiros	132
4.9. Anta da Figueira Branca	132
4.10. Anta da Cabeçuda	133
4.11. Anta da Fonte da Pipa	135
4.12. Anta da Lomba da Barca	135

4.13. Anta do Sobral	136
4.14. Menir da Meada	136
5. Resumindo	138
Notas	140
Documentação Gráfica	143

CAP. IV ARQUITECTURA DOS MONUMENTOS MEGALÍTICOS

1. Sepulturas Megalíticas	189
1.1. Matéria-prima e preparação dos monólitos	189
1.2. Transporte dos monólitos	194
1.3. A construção da sepultura megalítica	204
1.3.1. Sepulturas de xisto	205
1.3.2. Sepulturas de granito	211
1.4. Para uma tipologia das sepulturas megalíticas	223
1.5. Funcionalidade e orientação dos corredores	228
2. Os menires	232
2.1. Tratamento das superfícies	235
2.2. Corte e implantação dos menires	236
3. Resumindo	239
Notas	242
Documentação gráfica	251

CAP.V DISTRIBUIÇÃO GEOGRÁFICA DOS MONUMENTOS MEGALÍTICOS

1. A bacia do Sever	393
2. Posicionamento altimétrico das sepulturas	394
2.1. Sepulturas de granito	394
2.2. Sepulturas de xisto	402
3. Capacidade de uso dos solos monumentalizados	407
3.1. Ocupação agrícola e florestal	410
4. Os dois territórios	412
5. Posicionamento dos menires	416
6. Resumindo	418
Notas	421
Documentação gráfica	423

CAP. VI OS RITUAIS	471
1.1. Monumentos de xisto	472
1.2. Monumentos de granito	479
1.2.1. Anta da Bola da Cera	479
1.2.2. Anta das Castelhanas	486

1.2.3. Anta da Figueira Branca	489
1.2.4. Anta da Cabeçuda	492
1.2.5. Anta II de S. Gens	494
1.2.6. Necrópole dos Coureiros	496
1.2.7. Anta dos Pombais	499
1.2.8. Outros monumentos	500
2. Resumindo	502
Notas	513
Documentação gráfica	517
CAP. VII VIOLAÇÕES E REUTILIZAÇÕES DE SEPULTURAS	543
Notas	550
Documentação gráfica	553
CAP. VIII MATERIAIS ARQUEOLÓGICOS	
1. Morfologia descritiva	561
2. Condicionantes	564
3. Monumentos da região dos xistos	566
3.1. Cerâmicas	569
3.2. Ídolos-placa	570
3.3. Pontas de seta	572
3.4. Lâminas e geométricos	574
3.5. Machados e enxós	575
3.6. Outros materiais	577
4. Resumindo	578
5. Monumentos da região dos granitos	578
5.1. Cerâmicas	579
5.2. Ídolos-placa	591
5.3. Machados e enxós	603
5.4. Pontas de seta	606
5.5. Lâminas e lamelas	615
5.6. Geométricos	619
5.7. Elementos de adorno	622
5.8. Elementos de moinho	625
5.9. Outros materiais	628
6. A anta dos Pombais	631
6.1. Materiais arqueológicos da anta dos Pombais	633
6.1.1. Cerâmicas	633
6.1.2. Ídolos-placa	635
6.1.3. Pontas de seta	637
6.1.4. Lâminas	638
6.1.5. Machados e enxós	639

6.1.6. Geométricos	639
6.1.7. Elementos de adorno	640
6.2. Resumindo	640
7. Materiais arqueológicos do menir do Carvalhal	641
8. Resumindo	642
Notas	651

CAP. IX AS DATAÇÕES

1. Condições de recolha das amostras	655
2. Resumindo	663
Notas	667

CONCLUSÃO	671
------------------	------------

BIBLIOGRAFIA	683
---------------------	------------

ÍNDICE	721
---------------	------------

ANEXO 1 FICHAS INDIVIDUAIS DOS MONUMENTOS

ANEXO 2 DESENHOS E DESCRIÇÃO DOS MATERIAIS